



Ariel Finguerut

**Entre George W. Bush (2000 – 2008) e Barack H. Obama
(2009): a efetividade da Nova Direita no consenso político
norte-americano.**

**Campinas
2014**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ARIEL FINGUERUT

**Entre George W. Bush (2000 – 2008) e Barack H. Obama (2009): a
efetividade da Nova Direita no consenso político norte-americano.**

Orientador: Prof. Dr. PAULO CÉSAR SOUZA MANDUCA

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de
Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do Título de Doutor em Ciência Política.

Bolsa de Pesquisa: FAPESP.

Este exemplar corresponde à versão final da tese
defendida por Ariel Finguerut e orientada pelo prof. Dr.
Paulo César Souza Manduca.

Campinas
2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

Finguerut, Ariel, 1980-

F494e Entre George W. Bush (2000 - 2008) e Barack H. Obama (2009) : a efetividade da Nova Direita no consenso político norte -americano / Ariel Finguerut. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Paulo César Souza Manduca.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Bush, George W. (George Walter), 1946-. 2. Obama, Barack, 1961-. 3. Conservantismo. 4. Intelectuais e política. 5. Intelectuais. 6. Estados Unidos - Política e governo. I. Manduca, Paulo César Souza. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Between George W. Bush (2000 - 2008) and Barack H. Obama (2009) : the effectiveness of the New Right in the political consensus in the Uninet States

Palavras-chave em inglês:

Conservantism

Intellectuals and policy

Intellectuals

United States - Politics and government

Área de concentração: Ciência Política

Titulação: Doutor em Ciência Política

Banca examinadora:

Paulo César Souza Manduca [Orientador]

Andrei Koerner

Luis Alexandre Fuccille

Luis Fernando Ayerbe

Peter Robert Demant

Data de defesa: 28-03-2014

Programa de Pós-Graduação: Ciência Política



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 28 de março de 2014, considerou o candidato ARIEL FINGUERUT aprovado.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Paulo César Souza Manduca

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Paulo", written over a horizontal line.

Prof. Dr. Andrei Koerner

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Andrei", written over a horizontal line.

Prof. Dr. Luís Alexandre Fuccille

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Luís", written over a horizontal line.

Prof. Dr. Luís Fernando Ayerbe

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Luís", written over a horizontal line.

Prof. Dr. Peter Robert Demant

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Peter", written over a horizontal line.

Resumo

Neste trabalho procuramos entender a efetividade da Nova Direita na política norte-americana. Para tanto, foi preciso conhecer o papel do conservadorismo, destacando a função dos *Think Tanks* enquanto espaço de formação e circulação das ideias. Ao estudar a Nova Direita, sua estrutura, dinâmica de ação e articulação político-social, discutimos este conceito propondo uma nova leitura. Como resultado apresentamos um panorama do conservadorismo americano contemporâneo e a percepção da Nova Direita sobre os governos de George W. Bush e Barack H. Obama.

Palavras – Chave: Nova Direita America; Conservadorismo; Think Tanks; George W. Bush; Barack H. Obama.

Abstract

The central proposal of this work is to understand the effectiveness of the New Right in American politics. Therefore, it was necessary to know the role of conservatism and in this regard it was highlighted the role of Think Tanks as an area of training and the dissemination of ideas. By studying the New Right, its structure, dynamic action and political-social articulation, we discussed this concept by proposing a new reading. As a result we present an overview of the contemporary conservatism in U.S and the perception of the New Right on the governments of George W. Bush and Barack H. Obama.

Key - words: the New Right in the USA; Conservatism; Think Tanks; George W. Bush; Barack H. Obama.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1 COMO ORGANIZAREMOS O DEBATE	9
1.1 A CONSTRUÇÃO DE UMA TIPOLOGIA	16
1.2 A GEOGRAFIA DO VOTO E AS DIFERENTES FORMAS DE POLARIZAÇÃO DA POLÍTICA NOS ESTADOS UNIDOS	26
1.3 O FATOR RELIGIOSO NA POLARIZAÇÃO E NA MOBILIZAÇÃO DOS CONSERVADORES	38
1.4 OS TIPOS PUROS/IDEIAS DA GUERRA CULTURAL	40
1.5 A MÍDIA CONSERVADORA: “JEREMIAS MODERNOS”, RETÓRICA E GUERRA CULTURAL.....	45
1.6 AS DESCONFIANÇAS, SUSPEITAS E AS ÊNFASES ARGUMENTATIVAS DO CONSERVADORISMO AMERICANO.....	54
1.7 A RELAÇÃO ENTRE OS CONSERVADORES E A CIÊNCIA	62
1.7.1 As Mudanças Climáticas e os conservadores céticos	65
1.7.2 Amor, Casamento e homossexualidade: Negacionismo e pseudociência na argumentação conservadora	70
1.8 EIXOS TEMÁTICOS DO CONSERVADORISMO SOCIAL	77
1.8.1 Os argumentos	78
2 CONSERVADORISMO NOS EUA, UM CONCEITO FORA DE LUGAR?	87
2.1 O PENSAMENTO CONSERVADOR E O CONSERVADORISMO	90
2.2 DE 1930 A 1960: “SEM ACORDO”, CONSERVADORES ERAM AQUELES QUE NÃO PACTUARAM COM O NEW DEAL	93
2.3 <i>THE TIMES THEY ARE A-CHANGIN’</i> : OS ANOS DE 1960 E AS RAÍZES DO NEOCONSERVADORISMO, DE UMA NOVA DIREITA E DE UMA NOVA ESQUERDA.....	99
2.4 ENTRE PROTESTOS, DESCONTENTES, DESILUDIDOS E SILENCIOSOS: A REAÇÃO E A TRANSIÇÃO DOS CONSERVADORES DURANTE A DÉCADA DE 1970.....	105
2.5 ANOS 1980 - UM NOVO COMEÇO, OTIMISMO E PODER AOS CONSERVADORES	119
2.6 ANOS 1990 E A CISÃO ENTRE OS CONSERVADORES: OS RADICAIS BUSCAM O PODER	123
2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS DESTA SEÇÃO.....	131
3 EVANGÉLICO, CONSERVADOR E SULISTA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O GOVERNO GEORGE W. BUSH A PARTIR DAS IDEIAS E MOBILIZAÇÕES DA NOVA DIREITA AMERICANA.....	135
3.1 GEORGE W. BUSH PELA VISÃO DOS CONSERVADORES.....	142
3.1.2 As marcas conservadoras de George W. Bush	150
3.1.3 As marcas conservadoras de Dick Cheney	153
3.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS DESTA SEÇÃO.....	157
4 AS FORMAS DE MOBILIZAÇÃO DA NOVA DIREITA	159
4.1 IDEIAS VERSUS MOBILIZAÇÃO: A LÓGICA <i>WHATEVER WORKS</i> : CONSERVADORES COPIAM LIBERAIS E VICE-VERSA.....	161
4.1.2 A mobilização religiosa	161
4.1.3 A consolidação da Direita Cristã: A mobilizações pelos jovens e a mobilização dos jovens	176
4.1.4 A luta no Campus: A ideia de um movimento <i>pró-vida</i>	184
4.2 AS IDEIAS, O MOVIMENTO E A MOBILIZAÇÃO DOS LIBERTÁRIOS	190
4.2.1 Os Recursos de poder dos Libertários	191
4.2.2 Libertários e Conservadores: as Congruências	196
4.2.3 Os Libertários e Conservadorismo americano: possíveis temas de interseção	202

4.3 CONCLUSÃO DESTA SEÇÃO: A MOBILIZAÇÃO DA DIREITA CRISTA E DOS LIBERTÁRIOS.....	208
5 TRAJETÓRIA, IDEIAS E FORMAS DE MOBILIZAÇÃO DOS NEOCONSERVADORES.....	211
5.1 A MOBILIZAÇÃO POLÍTICA DOS NEOCONSERVADORES	217
5.2 OS NEOCONSERVADORES E O CONSERVADORISMO AMERICANO PÓS-REAGAN.....	224
5.3 NEOCONSERVADORES E O GOVERNO GEORGE W. BUSH	229
5.4 OS RUMOS DO PODER AMERICANO E AS NOVAS (E VELHAS) IDEIAS NEOCONSERVADORES	233
5.5 NEOCONSERVADORES E O CONSERVADORISMO AMERICANO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS..	237
5.6 NEOCONSERVADORES VS. LIBERTÁRIOS: ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL E POLÍTICA EXTERNA...	240
5.7 NEOCONSERVADORES <i>VERSUS</i> DIREITA CRISTÃ: A IMPORTÂNCIA DE ISRAEL E DOS VALORES TRADICIONAIS	241
5.8 CONCLUSÃO DESTA SEÇÃO	243
6 DUAS VARIÁVEIS DIFÍCEIS NA DISCUSSÃO SOBRE O CONSERVADORISMO AMERICANO: COMO MEDIR A INFLUÊNCIAS DAS IDEIAS E COMO MENSURAR O PAPEL DOS INTELECTUAIS?	245
6.1 UMA PECULIARIDADE ESTADOUNIDENSE: OS <i>THINK TANKS</i>	253
6.2 OS INTELECTUAIS E O PODER: ENTRE A ATRAÇÃO E A FRUSTRAÇÃO; ENTRE A AÇÃO INDIVIDUAL E A COLETIVA	261
6.3 A AÇÃO DOS INTELECTUAIS ATRAVÉS DOS <i>THINK TANKS</i>	265
Bruce Katz	266
6.4 RECRUTAMENTO DOS INTELECTUAIS.....	268
6.4.1 O <i>Heritage Foundation</i>	270
6.4.2 A Organização e as Estratégias do <i>Heritage Foundation</i> para a Mudança Institucional	274
6.5 CONCLUSÃO DESTA SEÇÃO	276
7 CONSERVADORISMO EM TEMPOS DE OBAMA (2008 – 2012)	279
7.1 A TRANSIÇÃO: ENTRE GEORGE W. BUSH E BARACK H. OBAMA	279
7.2 A PRIMEIRA REAÇÃO ANTI-OBAMA VEIO DA EXTREMA DIREITA.....	283
7.3 SER NEGRO E SER PRESIDENTE DOS EUA.....	288
7.4 O TEA PARTY E A RENOVAÇÃO DO PARTIDO REPUBLICANO	294
7.5 O MOVIMENTO CONSERVADOR DIANTE DE OBAMA: RETOMANDO A TRADIÇÃO PARANOICA DA POLÍTICA AMERICANA.....	302
7.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DESTA SEÇÃO.....	308
8 CONCLUSÃO GERAL	311
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	315
APÊNDICES	329
CHARLES KUPCHAN’S INTERVIEW.....	331
DAVID BOAZ’ INTERVIEW	335
DR. BRYNT’S INTERVIEW	347
GERALD ALEXANDER’S INTERVIEW	357
MIKE CARNEY’S INTERVIEW	371

PHYLLIS SCHLAFLY INTERVIEW	377
MIKE TANNER INTERVIEW	385
BRYAN MCCANN INTERVIEW	395
PETER BECKER INTERVIEW	407

Dedicatória

Para meus pais (**Jaime e Teresinha**)

Para **Priscila E. da Silva**.

Para **Milton J. Cardoso da Silva**.

Para três amigos: **Guilherme Antunes** (“Yerba mate, arroz com lentinha e Renata M. Paoliello”), **Cillas Jr.** (“Tiramisú, Lisa Ono e fotografia”) e **Joana Marinho** (“Bob Dylan, Bacalhau e Cinema”).

Agradecimentos

Muito Obrigado: Priscila E. da Silva; Marco Aurélio Dias de Souza ; Marcos Alan Ferreira; Filipe Mendonça; Iure Paiva; Márcia Baratto; Raphael Machado; Luciano Cillas Jr.; Danilo Divardin; Maria da Glória Calado; Fernando Oliveira Viana; família Serf; família Silva; Teresinha e Jaime Finguerut; Sílvia Finguerut; FAPESP, PPG Ciência Política IFCH/Unicamp; Joana Marinho; Thereza Cristina Utsunomiya; Cila Lima; Carolina Alberice; Daniella K. Abramovay; Jaqueline Kuhn; Guilherme Antunes; Mário Martinez; Adriana Petroni; Renata Medeiros Paoliello; Maria Cecília Cortez Christiano de Souza; Roberto Rodrigues; Paulo César Manduca; Luis Fernando Ayerbe; Peter Demant, Luís Alexandre Fuccille, Andrei Koerner, Shiguenoli Miyamoto, Eduardo Mei e Cristiano Morini.

Obrigado: Anita (o triunfo do tango); Francisco Salles; Débora Tavares; Walker Pincerati; Fia; Camila Kayama e alunos curso ciências sociais /Unicamp disciplina Relações Brasil – EUA (2012).

Esta pesquisa não teria sido possível sem a boa recepção, incentivo e ajuda que recebi de todos que me ajudaram e me receberam nos EUA, muito obrigado: Gerald Alexander, Tim Carney, Michael Barone, Blake McGowan, Phyllis Schlafly, Alison Howard, Janice Shaw Crouse, Joe Bateman, David Boaz, Mike Tanner, Charles Kupchan, Bryan McCain, Michael Bryant, Peter Eisner, Lorenzo Montanari, Adam Radman, Ryan Ellis, Christopher J. Deering, Mark Smith, Jim Lewis, Michael McCann, Martin Lewis, Michael Gibbons, Rodrigo Cerqueira, Idelber Avelar, Quivo Tahin, Jaime Finguerut, Silvia Finguerut, Ester Finguerut Serf, Teresinha Specht Finguerut e Beatriz Lopes. Obrigado aos funcionários e estudantes que nos receberam e nos deram alguma atenção na Liberty University, Regent University, na Christian Broadcasting Network, na Charleston Southern University, na

Southern Methodist University, na George W. Bush Library, na Stanford University, no Hoover Institution e demais Think Tanks que visitamos.

Epigrafe

Início:

(Amigo Punk)
Pega a chinoca, monta no cavalo
E desbrava esta coxilha
Atravessa a Osvaldo Aranha
E entra no Parque Farroupilha

In: Wander Wildner - *Amigo Punk*

Meio:

Sign on the window says "lonely", Sign on the door says "no company allowed", Sign on the street says "you don't own me", Sign on the porch says "three's a crowd". Build me a cabin in Utah, Marry me a women , catch rainbow trout, (...) ,That must be what it's all about, Oh, that must be what it's all about.

I wanna find out what it's all about,
I wanna find out what it's all about.

Melanine, versão para *Sign on the Window* de Bob Dylan

E fim:

The Dude: Yeah, well. The Dude abides.

THE STRANGER: The Dude abides. I don't know about you but I take comfort in that. It's good knowin' he's out there. The Dude. Takin' 'er easy for all us sinners. Shoosh. I sure hope he makes the finals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Três argumentos de síntese do pensamento conservador	14
Figura 2 A Nova Direita	22
Figura 3 Tipologia detalhada da Nova Direita	23
Figura 4 Tipos ideais do conservadorismo americano	24
Figura 5 Percepções sobre os libertários	41
Figura 6 Preferências, retórica e formação das coalizões	51
Figura 7 A Argumentação do Conservadorismo Estadunidense	53
Figura 8 Temas de Articulação da Nova Direita Americana	60
Figura 9 Formas de uso da ciência na Guerra Cultural	64
Figura 10 Focus on the Family	71
Figura 11 Eagle Forum	72
Figura 12 Concerned Women for America	73
Figura 13 National Right to Life	74
Figura 14 Elliot Institute	75
Figura 15 Family Research Institute	76
Figura 16 Eixos temáticos do conservadorismo social	77
Figura 17 A argumentação so Conservadorismo Social	79
Figura 18 A Tipologia das formas de mobilização em recorte geracional	160
Figura 19 Objetivos da Christian Coalition	175
Figura 20 A Proposta de atuação do Leadership Institute	189
Figura 21 Eixos históricos da mobilização dos Libertários	191
Figura 22 A percepção em torno dos libertários	194
Figura 23 O Isolamento dos Libertários	195
Figura 24 Libertários no Centro da Nova Direita	204
Figura 25 Diferentes linhagens neoconservadoras	215
Figura 26 Neoconservadores na PNAC	228
Figura 27 O Isolamento dos Neoconservadores	239
Figura 28 Caminhos para as ideias	259

LISTA DOS QUADROS

Quadro 1 Conservadores x Liberais: dois modelos familiares.....	12
Quadro 2 Tipos Ideais da ND e a influência cognitiva.....	25
Quadro 3 Distinção Social: cidades pequenas versus grandes cidades	29
Quadro 4 Exemplos da Guerra Cultural.....	39
Quadro 5 Ser Conservador para um progressista e ser progressista para um conservador	40
Quadro 6 A percepção dos progressistas e dos conservadores em torno da Direita Cristã	42
Quadro 7 Conservadores mobilizados contra a Mudança Climática	66
Quadro 8 Comparando a argumentação anti-ERA e argumentação anti - Casamento Gay	85
Quadro 9 Intelectuais de NY	215
Quadro 10 Intelectuais Straussianos	216
Quadro 11 Editores Neoconservadores	216
Quadro 12 Neoconservadores no AEI nos anos de 1970	221
Quadro 13 Neoconservadores no Hudson Institution	221
Quadro 14 Neoconservadores no governo Reagan.....	223
Quadro 15 Neoconservadores no governo George H. W. Bush (1989 - 1992)	224
Quadro 16 Conselho Diretivo do Heritage Foundation	275

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1 Tomadores versus " Nos deixem em paz "	36
Tabela 2 Tipos ideais do Conservadorismo Social	70
Tabela 3 Os temas centrais da Moral Majority	173
Tabela 4 Intelectuais e a Guerra Fria (1947 - 1991)	249
Tabela 5 Os 5 maiores Think Thanks	265
Tabela 6 A evolução do orçamento do Heritage Foundation	271

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 A Sensação de Segurança pós-11/09/01.	155
Gráfico 2 Aprovação do governo George W. Bush	230
Gráfico 3 A avaliação de Obama entre Brancos , Negros e Hispanicos	293

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACES

ADMs - Armas de Destruio em Massa
AEI - American Enterprise Institute
ACCF - American Committee for Cultural Freedom
ACLU - American Civil Liberties Union
AIPAC - The American Israel Public Affairs Committee
CAP - Center for American Progress
CBN - Christian Broadcasting Network
CEO - Chief Executive Officer
CBC - Congressional Black Caucus
CCA - Christian Coalition of America
CCF - Congress for Cultural Freedom
CFR - Council on Foreign Relations
CSIS - Center for Strategic and International Studies
CUL - Catholics United for Life
CWA - Concerned Women for America
DC - Direita Crist
EBS - Estado de Bem-Estar Social
EGTRRA - Economic Growth and Tax Relief Reconciliation Act
ERA - The Equal Rights Amendment
FBCI - faith-based and community initiatives
FDR - Frank Delano Roosevelt
FEE - Foundation for Economic Education
GWB – George W. Bush
JBS - John Birch Society
JFK - John F. Kennedy

JINSA - Institute for National Security Affairs
KKK - Klu Klux Klan
LBJ - Lyndon B. Johnson
MRC - Media Research Center
NAACP - National Association for the Advancement of Colored People
NAF - National Abortion Federation
NCLBA - No Child Left Behind Act
ND - Nova Direita
NRA - National Rifle Association
NY - Nova Iorque
NYT – New York Times
ONU - Organização das Nações Unidas
PACs - Political action committees
PFAW - People For the American Way
PFOX - Parents and Friends of ExGays and Gays
PNAC - Project for the New American Century
PRF - Project for the Republican Future
PNS - Project on National Security
PRRI - Public Religion Reserch Institute
RF - Revolução Francesa
RA - Revolução Americana
SDS - Students for Democratic Society
SLA - Students for Life of America
SPLC - Southern Poverty Law Center
TPD - Teoria da Paz Democrática
TT – Think Tank
tt – Think Tank
tts – Think Thanks
TTs - Think Tanks
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

YAF - Young Americans for Freedom
WASP - White Anglo-Saxon Protestant
YCT - Young Conservatives of Texas
YAF - Young Americans Foundation
YFC - Youth for Christ

Introdução

A pesquisa “Entre George W. Bush (2000 – 2008) e Barack H. Obama (2009): a efetividade da Nova Direita no consenso político norte-americano” visa identificar os elementos contemporâneos que possibilitam a existência e articulação do conservadorismo nos EUA – que identificamos como Nova Direita¹ - para assim compreender as mudanças ideológicas e formas de articulação política ocorridas entre os governos de George W. Bush e de Barack H. Obama.

Esta pesquisa tem como propósito a compreensão de alguns aspectos pertinentes ao processo decisório dos EUA em suas mais diversas instâncias, bem como verificar a relação entre os diferentes espectros da ação política naquele país, suas formas de mobilizações em torno de determinadas ideias, e, por fim, avaliar as possíveis consequências decorrentes destas ações. Tal intento, de certa forma, também visa ampliar algumas questões que me acompanham desde meus primeiros estudos sobre o tema. De partida, buscaremos entender o que é o conservadorismo americano, suas peculiaridades, bem como a trajetória histórica desta corrente, procurando, assim, entender seus momentos de êxito (como a eleição de Ronald Reagan, em 1980, ou de George W. Bush, em 2000) e de fracasso, como a eleição de Bill Clinton, em 1993, ou de Barack Obama, em 2008. Mas, para além da discussão eleitoral, também tentaremos compreender como e por que uma coalizão conservadora (ou um candidato imbuído desta retórica) ganha ou perde uma eleição. Na esteira de tal investigação sobrepõem-se outros tópicos a serem estudados, tais como a compreensão de como se dá o entrecruzamento de diferentes discursos, ideias, aspirações, formas de ativismo e de mobilização, e o entendimento de como diferentes linhas conservadoras dialogam entre si, constroem suas plataformas e alianças (capazes de não só sustentar candidatos, mas, sobretudo, conduzir e fomentar mudanças nas leis, nos

¹ O que chamamos de Nova Direita é a coalizão ou articulação de três atores centrais do conservadorismo americano: os libertários, a Direita Cristã e os conservadores tradicionais e neoconservadores, agindo em três campos distintos: cultural, social e político. Esta articulação em nossa discussão ganha corpo a partir dos anos 60 e conforme o momento histórico ganha evidência ou se desarticula.

costumes – afetando não só o processo decisório, mas também o Estado, a sociedade civil, tendo, portanto, um impacto amplo e profundo na própria projeção de poder dos EUA.

Neste processo, os *think tanks* (aqui entendidos como um espaço privilegiado para discutir e produzir projetos, análises e projeções para políticas públicas, direcionamentos para política externa ou soluções pontuais para problemas do processo decisório) tornaram-se personagens centrais para nossa pesquisa, uma vez que neles pudemos identificar justamente como ideias, análises, estudos e informações processadas ou oriundas muitas vezes pelo conservadorismo americano ganham outros rumos, que podem ser o da mudança institucional, do convencimento da opinião pública ou simplesmente munição para campanhas e mobilização de atores conservadores. Como as ideias são disseminadas (seja pela imprensa conservadora – que tenta se contrapor a mídia progressista – num embate ideológico que perpassa por diferentes temas e assuntos tais como os direitos dos gays, aborto, o estado de bem estar social, a regulação do sistema financeiro, o aquecimento global/pressões ambientais internas e externas, os limites e formas de fazer a guerra contra o terrorismo etc.

A valorização das ideias e o trabalho em torno das motivações conservadores nos *think tanks* foi o que nos levou a discutir seus principais operários – aqueles que efetivamente trabalham com as ideias, ou seja, os intelectuais. É, portanto, discutindo o papel dos intelectuais nos *think tanks* e no conservadorismo americano que discutiremos a efetividade das ideias e do próprio movimento conservador contemporâneo nos EUA.

No intuito de abarcar o maior número de informações úteis para o propósito desta tese, esta pesquisa foi marcada deste início pela coleta e agrupamento de dados que compõem o movimento conservador de forma mais ampla. Em especial, buscamos fomentar uma discussão em torno de como as ideias mobilizam atores, recursos e como estas, muitas vezes, podem se transformar em políticas públicas, tanto domésticas como externas.

Na organização deste trabalho, partimos de um aporte teórico acerca da forma de pensar dos conservadores, seus principais argumentos e tradições; passamos por uma avaliação das consequências decorrentes da polarização política, discutindo a trajetória histórica do conservadorismo americano, até chegarmos ao ponto central desta tese, que é a

discussão acerca da efetividade das ideias conservadoras nos últimos anos nos EUA. Focando nosso exame no papel desempenhado pelos *think tanks*, tentaremos entender como o conservadorismo americano se beneficia deste processo, construindo uma elite intelectual que funciona como um banco de ideias para os governos, sejam estes liberais ou conservadores.

Nosso ponto de chegada será estudar o processo que culminou na eleição Barack Obama para a presidência dos EUA, averiguando as reações do contingente conservador frente a este evento. Discutiremos o fenômeno da polarização política nos EUA, dialogando e buscando embasamento em pesquisa teórica, histórica e sociológica, fruto de levantamentos factual e panorâmico de ideias, além de leituras e análises de bibliografias, biografias, revistas, panfletos, e outras formas de divulgação (ou que expressem reações) dos diferentes espectros que formam o conservadorismo americano contemporâneo.

Para tanto, buscamos discutir historicamente a trajetória das ideias e atores que compõem o vasto espectro denominado conservadorismo americano. Avaliaremos o conceito de conservadorismo, suas diferentes manifestações e peculiaridades quando pensado no contexto dos Estados Unidos. A discussão conceitual, como apresentamos neste trabalho, permitiu a compreensão e expansão do debate para outros tópicos importantes, como “polarização política”, “guerra cultural”, e alguns tipos ideais que identificamos como partes fundantes do conservadorismo americano: o conservadorismo social, o pensamento libertário e o neoconservadorismo. Este esforço em busca de uma discussão conceitual é fundamental para a análise do conservadorismo em torno Governos de George W. Bush, seja numa perspectiva de um movimento de reação, seja em transição, como diante de Barack H. Obama.

Quanto a pesquisa teórica buscou-se fazer um levantamento panorâmico e focou-se em autores que propõem ideias e formas de pensar que pudessem nos auxiliar tanto nas reflexões, quanto no que se refere à metodologia para explicar e articular a argumentação e o levantamento feitos em nossa pesquisa. Desses autores destacamos, de partida, três, que consideramos mais significativos para nos auxiliar a sustentar e apresentar a proposta deste trabalho: 1) o linguista George P. Lakoff, que propõe um estudo cognitivo

e linguístico do pensamento conservador americano; 2) o sociólogo Charles Tilly, cujos estudos sobre ação e mobilização coletivas nos auxiliam a entender a forma de ação e a eficácia da mobilização dos conservadores estadunidenses; 3) o historiador Richard Hofstadter, que analisa as ações políticas dos EUA a fim de explicar a reação conservadora dos anos sessenta, retomando a discussão em torno de uma tradição paranoica dentro das tradições e formas de pensar os movimentos políticos nos EUA.

A internet foi um instrumento importante para nossa pesquisa. Na rede, encontramos farto material que se tornou a fonte para mapear, organizar e discutir as estratégias de divulgação, as ideias, propostas ou ataques difamatórios praticados pelos movimentos conservadores; assim como também trabalhamos como fontes, com relatórios, discursos oficiais, transcrição de reuniões, vídeos de conferências e memorandos. Boa parte destes documentos oficiais em torno de George W. Bush foi coletada em pesquisa presencial na Biblioteca Presidencial George W. Bush em Dallas, Texas, em 2013. A documentação oficial em torno de Barack H. Obama foi coletada em portais oficiais de divulgação do governo americano, como a Casa Branca e as secretarias de Defesa, Estado e Saúde, além de outros órgãos governamentais como agências, comissões, comitês etc.

Quanto aos dados coletados no universo dos *Think Tanks* e demais organizações de linhagem conservadora, trabalhamos com seus *papers*, análises, e quando pudemos atendemos suas conferências e painéis buscando assim também uma verificação empírica. Através deste material discutiremos o papel dos intelectuais, suas ideias, e a efetividade de eficácia do próprio conservadorismo americano na elaboração da agenda conservadora.

Tal debate percorrerá todo este texto e será pontuado com breves apresentações destacando quando se trata de material empírico primário (como entrevistas ou reuniões e conferências às quais estive presente), coletado ou da literatura na qual buscamos apoio para organizarmos aspectos factuais, ideológicos e históricos de nossa discussão.

É importante destacar que a pesquisa teve diferentes momentos, um de cunho mais teórico e outro de linhagem empírica. Neste texto, para nos auxiliar na organização das ideias, dos argumentos, das explicações e comparações, utilizamos mapas cognitivos como instrumento metodológico para ilustrar nosso debate. Tais mapas centram-se

principalmente nas ideias, nos argumentos e nas posições políticas do conservadorismo americano, mostrando ainda seus antagonistas e críticos.

Os mapas que apresentamos ao longo deste trabalho são uma forma de nos auxiliar a organizar as ideias, relacionando conceitos, permitindo-nos agrupá-los, separá-los ou interliga-los. Mais do que classificar conceitos ou ideias (como definir, por exemplo, quais são os argumentos conservadores contra o aborto ou qual a percepção que conservadores sociais possam ter dos neoconservadores), o uso dos mapas nos permitiu estabelecer relações entre conceitos, atores e ideias, além de compreender suas conexões e diferenças. Desta forma, acreditamos poder auxiliar o leitor no sentido de compartilhar do nosso esforço para entender como se mobilizam, se articulam e se separam os diferentes atores que formam a chamada Nova Direita americana. Nosso referencial teórico para trabalhar com mapas cognitivos partiu da dissertação de Junqueira (2013). O *software* utilizado para elaborar os mapas foi o *CMAP Tools*.

A pesquisa empírica foi feita através de quatro visitas de campo ao EUA entre 2008 e 2013. Nestas oportunidades realizamos entrevistas, visitas a *think tanks*, universidades liberais, conservadoras, seculares e religiosas, além de participar e nos inserir ao máximo no universo conservador. Ao longo do texto, o leitor encontrará algumas destas entrevistas e experiências de campo através de citações e discussões de algumas das situações vivenciadas. Todas as entrevistas citadas ao longo do texto estão em português com o trecho original ao rodapé da página. Algumas delas foram transcritas na íntegra, em inglês e estão no apêndice.

Alguns dos entrevistados também figurarão como referências importantes em nosso debate teórico. São casos, como por exemplo, de Christopher J. Deering e Mark Smith. Há ainda situações como a de Phyllis Schlafly, uma figura histórica do conservadorismo americano. Neste caso, além do que foi expresso na entrevista, o leitor encontrará, eventualmente, citações e possíveis referências a suas obras.

Do universo das entrevistas que realizamos, utilizaremos aqui como fonte de trabalho apenas uma pequena (mas significativa) parcela. Importante frisarmos que nenhum dos entrevistados necessariamente concordou com o que aqui escrevo. A responsabilidade e a condução do trabalho foram de minha inteira e única responsabilidade. Todo as

entrevistas foram gravadas e feitas com autorização dos entrevistados, e em todos os casos foi preparado um roteiro prévio, embora nem sempre a se restringissem a tal instrução.

As entrevistas aqui utilizadas podem ser divididas em diferentes perfis. Entrevistamos alguns professores ou pesquisadores que estudam ou que em algum momento estudaram o conservadorismo americano. Buscamos também ouvir alguns pesquisadores com perspectivas críticas ao conservadorismo, alguns ativistas propriamente (principalmente os ligados a causas próximas do conservadorismo social) e também alguns pastores e professores de religião dispostos a falar sobre a relação entre religião e política nos EUA. Além destes, conversamos ainda com organizadores políticos, principalmente ligados ao *Tea Party* contra o governo Obama e também alguns intelectuais e funcionários do universo dos *think tanks* conservadores, visando assim testar nossas hipóteses em relação ao papel dos intelectuais e em torno da eficácia das ideias e do próprio movimento conservador no debate e no processo decisório contemporâneos nos EUA. Por fim, também tivemos conversas informais, sem qualquer tipo de registro, mas que também foram muito úteis para a elaboração deste trabalho. Destaco, como interlocutores importantes nessas conversas, ativistas em protestos, intelectuais em reuniões em *think tanks* e com ativistas nas ruas coletando assinaturas para petições ou em eventos que proporcionavam o encontro entre diferentes grupos de manifestantes (como por exemplo o *Values Voters Summit*, que pudemos participar em 2013).

O *Values Voters Summit* é um dos eventos dos mais tradicionais do conservadorismo social dos EUA. Possibilita todos os anos uma grande mobilização de ativistas de todo país que reúnem em Washington D.C. O de 2013 foi organizado por dezenas de pequenos grupos, dos quais destacam-se o *Heritage Foundation*, *American Family Association*, *American Values*, *Liberty Counsel Action*, *Liberty Counsel* e o *Family Research Council*. A proposta do encontro é mobilizar e energizar ativistas, cidadãos, lideranças políticas e futuros candidatos políticos em torno de temas da agenda do conservadorismo social. A experiência no *Values Voters* nos ajuda a apontar para as direções para onde o debate em torno do conservadorismo pode estar seguindo. Se prestarmos atenção nas ideias e nas formas de mobilização de grupos como o *Heritage Foundation*, *American Family Association* e o *American Family Association*, notaremos a

centralidade em torno das ameaças ao casamento heterossexual e à tradicional família cristã como temas centrais dos painéis e das conferências secundárias do evento. Nesta edição do evento, as conferências principais foram ocupadas por celebridades conservadoras e por políticos em ascensão entre os conservadores sociais. Alguns nomes que destacamos da conferência foram, entre os políticos em ascensão, Michele Bachmann, Dr. Ben Carson, Ted Cruz, Rand Paul, Marco Rubio e Tim Scott e entre personalidades conservadoras, Glenn Beck, Mark Levin e Mike Huckabee.

Destas conferências podemos entrever algumas possíveis estratégias para os conservadores tentarem voltar a ocupar a Casa Branca. Ted Cruz, vencedor da eleição interna do encontro como candidato favorito dos conservadores para a próxima eleição presidencial americana, enfatiza o fracasso do chamado *Obamacare*, a tentativa do governo Obama de oferecer um plano de saúde estatal universal. Rand Paul, senador pelo Partido Republicano representando o estado de Kentucky, enfatiza a necessidade de uma política externa centrada na segurança e no interesse nacional sem aventuras ou intervencionismo. Marco Rubio, representante da Flórida, defende a retomada do sonho americano, num discurso de superação e de autorrealização, na mesma linha que segue Carson e Scott. Michelle Bachmann, do estado de Minnesota, revela a força do argumento *Tea Party*, com uma retórica que prega a desobediência civil e o enfretamento diante de um governo apresentado como tirânico e autoritário. Entre neoconservadores, a Direita Cristã e os Libertários, os três grupos de ideias e de atores que propomos como base para a Nova Direita Americana, nos chama a atenção como os primeiros perdem espaço e os últimos despontam como uma força em ascensão, enquanto a Direita Cristã parece fazer o arriscado movimento de sair da exitosa ideia de um movimento pró-vida centrado no combate ao aborto, para um arriscado movimento pró-casamento tradicional.

Este trabalho está dividido em sete seções. Abrimos com uma discussão mais metodológica discutindo como organizaremos o debate, apresentando alguns dos autores que nos auxiliarão ao longo do texto nos introduzindo na discussão em torno de como pensam os conservadores, como constroem a argumentação e como organizaremos a amplo espectro de ideias, atores e tradições que formam o conservadorismo americano. Na Seção Dois vamos lidar com os conceitos “conservador” e “conservadorismo”, caminhando para

discutirmos as formas de polarização política que perpassam o debate entre os conservadores nos EUA. Nesta discussão trataremos da polarização entre estados no Norte e do Sul, entre religiosos e seculares, o que nos auxiliará a debater alguns conceitos importantes, como o de “Guerra Cultural”, bem como o papel da mídia e da retórica por ela propagada, o que muitas vezes conduz o debate para uma disputa que põe em jogo alguns ideais mais profundos da nação. Na Seção Três discutimos o conservadorismo em torno de George W. Bush e a percepção dos conservadores de seu governo. Na Seção Quadro discutiremos as formas de mobilização da Nova Direita Americana. Nesta parte do trabalho, enfocaremos nosso estudo nas táticas, estratégias e recursos de poder da direita religiosa, dos libertários e dos neoconservadores, os três atores que sustentam nosso conceito de Nova Direita. Enfatizaremos ainda os possíveis pontos de congruência e de divergência entre estes atores, o que nos ajudará a entender como o movimento conservador pode conseguir êxito e também sofrer com suas dificuldades e contradições internas. Na Seção Cinco nosso foco se volta para o neoconservadorismo para uma apresentação da trajetória histórica da articulação dos adeptos deste tipo de pensamento nos Estados Unidos. Na Seção Seis chegamos ao cerne de nossa discussão, na qual ideias, intelectuais e a efetividade dos fundamentos conservadores são postos em questão. Discutiremos o papel dos *think tanks*, dos intelectuais a eles vinculados, e faremos um breve debate em torno do *Heritage Foundation*, tendo como foco a interpretação de como as ideias por eles defendidas chegam e podem transformar o processo decisório. Na Seção Cinco buscaremos interpretar as formas de mobilização do que denominamos como a Nova Direita Americana. Na sétima e última parte, apresentaremos um debate mais aberto e menos sistemático em torno da reação inicial do conservadorismo americano diante da eleição de Barack H. Obama, com recorte do período que vai de 2008 a 2012

1 Como organizaremos o debate

Nesta seção, discutiremos as formas de mobilização e articulação do conservadorismo americano mostrando como diferentes ideias, diferentes atores e diferentes bandeiras se articularam ao longo de contextos diversos no decorrer do processo histórico. Mostraremos a trajetória das ideias, dos atores (ênfatizando alguns dos principais textos nos quais se expressam) no intuito de ilustrar ao leitor como foi e como ocorreram as mobilizações e articulações da ação política proposta por estes grupos.

Algumas das perguntas que pretendemos discutir deste ponto para frente são:

Que ideias e quais atores estavam articulados na e pela Velha Direita? As ideias libertárias eram o principal elo de articulação? Como atores como William Buckley Jr., Barry Goldwater e Joseph McCarthy, que estavam num momento de transição entre os anos de 1950 e 1960, articularam e “costuraram” uma base conservadora atraindo novos adeptos e novas ideias, mas também ainda mobilizando e dialogando com remanescentes da Velha Direita?

Quais são a articulação e a mobilização de ideias que propõem os neoconservadores (surgidos dos anos sessenta do século XX) e que foram capazes de conquistar espaço entre os conservadores nos anos setenta e oitenta do século XX? Como foi a articulação da Nova Direita durante o governo Reagan? Que articulação tentaram atores como Patrick Buchanan e Pat Robertson para pensar o conservadorismo pós-Reagan? Durante o governo George W. Bush teria sido hegemônica a visão de mundo neoconservadora na articulação da Nova Direita? Ou, olhando com mais atenção para a política doméstica, não encontraremos a influência de outras ideias do espectro conservador como o *fusionismo* nas posições jurídicas, próprias da Direita Cristã nas políticas sociais ou neoliberais quando não em diálogo com ideias e pressupostos do libertarianismo na política econômica? E, por fim, o *Tea Party*, diante de Obama: que ideias e que atores estão articulados e dispostos a derrotar o presidente democrata?

Para fazermos esta discussão, que certamente auxiliará o leitor nas seções seguintes de nosso texto, pretendemos dialogar com alguns autores e propor uma estratégia

metodológica para organizar nosso universo de pesquisa e discutir o que é o pensamento conservador estadunidense.

O historiador Richard Hofstadter (cujos trabalhos acadêmicos exerceram grande contribuição em nosso campo de estudo), ao pesquisar a tradição de movimentos conspiratórios e populistas na política dos EUA, explica a reação conservadora dos anos sessenta do século XX e descreve-a como um movimento paranoico. Trata-se de um importante expoente da corrente intelectual progressista nos EUA, que se destacou na discussão em torno da ascensão conservadora deste período, reagindo à candidatura do conservador Barry Goldwater, um ícone importante para a direita conservadora americana na época. Nesse sentido, destacamos o artigo *The Paranoid Style in American Politics*, de 1964, inicialmente publicado pela *Harper's Magazine*, publicado como livro no mesmo ano.

Neste texto, Hofstadter argumenta existir nos EUA uma tradição, uma longa linha de pensamento político (não necessariamente própria de movimentos nativistas ou de extrema direita, mas que dialoga com uma vasta gama ideológica) por ele cunhada de “estilo paranoico”. O autor enfatiza que faz um uso particular do termo, diferenciando-o do uso psiquiátrico do mesmo. Para ele, ser paranoico no campo político revela comportamentos radicais e extremados, cujas manifestações podem ser observadas em atitudes conspiratórias, de desconfiança, assim como a predisposição ou tendência à ação direta, como atacar fisicamente uma pessoa ou um político, atitudes essas que podem, inclusive, levar ao terrorismo ou à articulação de uma grande conspiração.

Há diferentes momentos históricos nos quais notamos um recrudescimento de movimentos, ora classificados como de extrema direita, ora como radicais e percebemos, com auxílio de Hofstadter que uma forma de articular estas reações e estes momentos é pensarmos em estilos políticos ou na forma como encontramos em Gildo Marçal Brandão (2007), a ideia de linhagens políticas. Hofstadter enfatiza o estilo paranoico da política americana. Através desta abordagem podemos discutir também uma marca que tipifica certa linguagem do conservadorismo americano.

O diálogo com Hofstadter, portanto, nos é fundamental para articularmos e para apresentarmos uma teoria capaz de explicar e de agrupar nossa argumentação e para

entendermos a mobilização e a ação política dos atores conservadores da política americana. O autor revela-se um interlocutor importante em nosso trabalho, pois, em meados da década de 1960, destacou-se num momento em que a Sociologia e a Ciência Política dos EUA discutiam e buscavam explicar a ascensão de uma Nova Direita. Até então muitos sociólogos, como Daniel Bell e Nathan Glazer, focavam suas pesquisas no liberalismo ou nos movimentos radicais ou nativistas. A discussão em torno da tradição paranoica, concomitante ao lançamento da candidatura de Barry Goldwater a presidência em 1964 com seu livro-manifesto, de 1960, *The Conscience of a Conservative*, são marcos para começarmos a entender o crescimento e o fortalecimento do conservadorismo da Nova Direita.

Outro autor com o qual dialogaremos e tomaremos algumas tipologias é George P. Lakoff, professor da Universidade da Califórnia. Em seus trabalhos, procurou, nos últimos dez anos de produção teórica, mostrar por meio de um estudo cognitivo e linguístico, o que é, como pensa e como diferentes temas e bandeiras se articulam num modo de pensar conservador nos EUA. Este autor conseguiu, assim, sintetizar o modo de pensar conservador e, por contraste, o pensamento liberal, mostrando como as ideias e as bandeiras conservadoras se articulam e, ao mesmo tempo, tentando entender por que em determinados momentos históricos os conservadores estão mais articulados e conseguem se impôr nos EUA.

A tentativa de síntese proposta por Lakoff, que não deixa de ser crítica ao conservadorismo americano, ajuda-nos a compreender principalmente a articulação dos temas e da agenda conservadores, que envolvem desde aspectos econômicos, de segurança, passando também por temas religiosos, morais e culturais. De partida, podemos mostrar a articulação quanto ao modelo familiar e a centralidade da família e seus valores no debate político e cultural nos Estados Unidos. O autor propõe dois modelos, cujas diferenças evidenciamos ao dispô-las lado a lado:

Quadro 1 Conservadores x Liberais: dois modelos familiares

Família Conservadora	Família Liberal/ Progressista
Centralidade da figura paterna.	Os pais dividem as tarefas e os papéis.
A educação dos filhos é centrada na disciplina. Cria-se mecanismos de recompensa e de punição a partir dela.	Os liberais focam-se na comunidade e na atuação social do governo.
A educação é norteada por forte senso competitivo, criando a perspectiva de uma divisão entre vencedores e perdedores.	A educação é norteada pelo diálogo e pela experiência social plural e multicultural.
Obediência, disciplina e autoridade se destacam como valores morais.	Empatia, responsabilidade e esperança se destacam como valores morais.
Rejeição ao relativismo.	Rejeição ao autoritarismo.
Desconfiança diante da atuação do governo.	Aposta e visão proativa do governo.
Esperam que os filhos reproduzam o modelo familiar.	Esperam que os filhos reproduzam o modelo familiar.

Fonte: LAKOFF (2008)

Partindo da centralidade da família e seus valores, Lakoff (2008) consegue articular os temas da agenda conservadora, quais sejam a responsabilidade fiscal, o tamanho do Estado, temas culturais, educação, política externa, imigração, entre outros, deixando claro a polarização que se criou e que só aumentou nas últimas décadas. O autor está preocupado em municiar liberais e progressistas no embate com os conservadores e argumentar como aqueles podem responder ou reconquistar espaços políticos perdidos para

esses nos últimos trinta anos. Para nós, o autor se torna importante na medida em que propõe uma análise do pensamento conservador, além de demonstrar como ele perpassa, enquanto forma de pensar, diferentes temas.

Albert Otto Hirschman também propõe (1992) um estudo da retórica conservadora ao buscar uma síntese e uma articulação global do conservadorismo. E nos faz pensar se, independentemente das diferentes trajetórias e das diferentes bandeiras e ideias que os atores da Nova Direita americana possam ter, haveria na retórica destes agentes uma congruência e, portanto, uma articulação posta. A retórica conservadora sintetizada por Hirschman pode ser observada como no quadro abaixo:

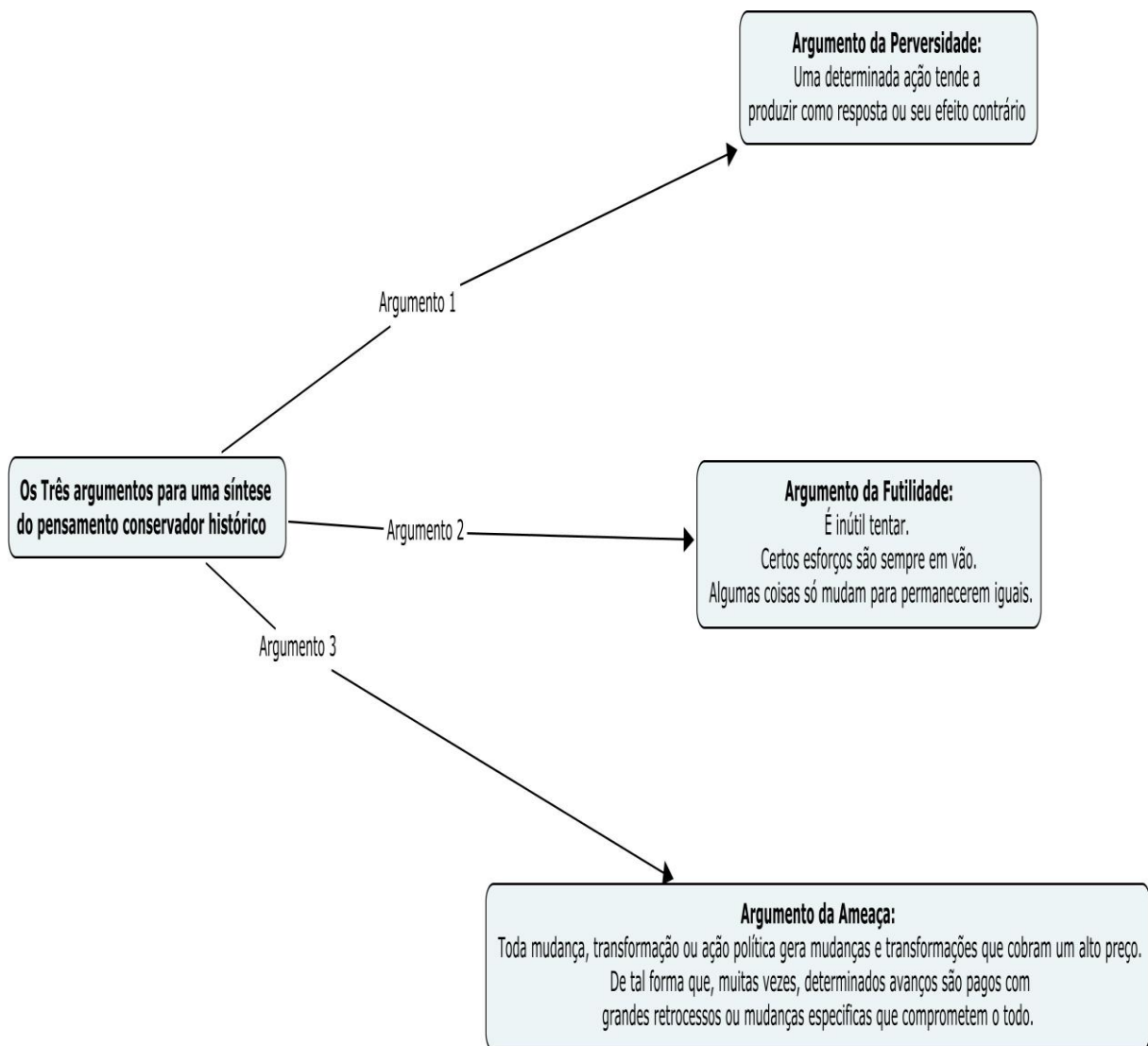


Figura 1 Três argumentos de síntese do pensamento conservador

Fonte: HIRSCHMAN (1992)

Estes três argumentos nos ajudam a pensar de forma mais ampla a articulação da Nova Direita americana e, sobretudo, nos ajuda a entender como são construídas as fronteiras do conservadorismo americano e de que forma novos atores, novos articulistas, novos militantes conseguem entrar e dialogar com os conservadores. Este processo de formação de um grupo com uma mesma retórica nos é particularmente importante para compreendermos, por exemplo, como foi a trajetória dos neoconservadores de liberais (nos anos sessenta e início dos setenta do século XX) rumo ao neoconservadorismo, a partir do final dos anos setenta do século XX.

Encontramos entre neoconservadores como Nathan Glazer, Daniel P. Moynihan e Irving Kristol o uso de argumentação perversa quando, por exemplo, discutem os efeitos das ações afirmativas e das políticas de cotas raciais nos EUA no começo dos anos setenta do século XX. Daniel Bell, Irving Kristol e Allan Bloom, quando discutem a crise moral e as consequências culturais das transformações do capitalismo no final dos anos setenta do século XX, também, em diferentes momentos, nos fazem deparar com argumentos que se encaixam na retórica da futilidade e da ameaça. O mesmo ocorre entre defensores libertários e neoliberais do livre mercado, argumentando que qualquer interferência do Estado gerará efeitos cada vez piores. Na Direita Cristã é recorrente encontramos a retórica da ameaça quando a discussão é o Estado secular ou o direito ao aborto.

A Nova Direita e o pensamento conservador nos EUA não é só uma mentalidade ou uma retórica; é, sobretudo, uma forma de organização, ação e mobilização política, por isso não podemos deixar de trabalhar com Charles Tilly, que nos auxiliará a fazer a ponte entre as ideias, mentalidades, discursos e retórica, com as formas de agir, forma de organização e, sobretudo, com as formas de ação política e ação coletiva.

Tilly (1978) discute modelos, formas, estratégias e variáveis para movimentos sócio-políticos como ação coletiva. Para nós, é particularmente interessante as suas discussões sobre a ação e mobilização política, a organização de movimentos políticos e as possibilidades de transformação social. Encontramos nessas ideias bases para questionarmos um dos mais históricos argumentos da retórica conservadora clássica, o qual

propõe a perpetuação do *status quo* que também é uma questão central que aparece na discussão de Hirschman em torno da retórica conservadora.

Em *From Mobilization to Revolution*, de 1978, Tilly apresenta instrumentos metodológicos partindo de cinco componentes centrais para pensar e concretizar uma ação coletiva: interesses, organização, mobilização, oportunidade e a ação coletiva propriamente dita. Para nós, são os componentes de mobilização e organização os focos de análise que irão nos auxiliar a pensar e apresentar as ideias e formas de mobilização dos conservadores nos EUA. Tilly (1978) também trabalha, por exemplo, com o conceito de “carisma”. Segundo ele (1978), o enfoque no carisma visa estimular mudanças internas nas pessoas, fazendo com que, diante de uma figura carismática, dela se alimentem e dela se inspirem, passando a ser, a partir de então, potencialmente capazes de influenciar outras pessoas. Em nossa pesquisa, estar atento ao fator carisma e tentar entendê-lo e questioná-lo como um fator que possibilita mobilização, nos ajudará tanto a entender, por exemplo, a ascensão política de Barack H. Obama como o *Tea Party*, bem como a ascensão de outras lideranças conservadoras, como Jerry Falwell, Pat Robertson e Ronald Reagan.

Por fim, Charles Tilly nos auxiliará a organizar e a questionar as motivações mais profundas da mobilização dos conservadores. Atentos à sua contribuição como teórico da mobilização por recursos, retomaremos esta discussão ao longo de nosso texto, questionando em diferentes momentos o que querem e quais são os ganhos e perdas na trajetória e entre as formas de mobilização do conservadorismo americano.

1.1 A construção de uma tipologia

Há um extenso debate nos Estados Unidos em torno de qual é o ideal da nação e, sobretudo, qual o papel do governo e das instituições. Neste debate observamos duas tradições presentes e em constante disputa pelo poder: por um lado a os chamados conservadores e por outro os chamados progressistas. Ambos afirmam falar pelo senso comum e em nome dos valores e dos ideais mais profundos e coerentes que representariam o povo e nação. Os progressistas acreditam que o governo pode transformar e melhorar a vida das pessoas; já os conservadores se apropriam muitas vezes de uma retórica que

remete aos pais fundadores para se oporem às interferências estatais consideradas indevidas e agressivas na vida das pessoas comuns.

O principal ponto de apoio desta discussão para os conservadores está na Constituição e em seu legado e aplicabilidade de forma atemporal. Em síntese, uma forma de identificarmos as raízes mais profundas do conservadorismo americano nos EUA está na ideia de preservar e defender a Constituição como marco e como a pedra fundamental para os Estados Unidos. Esta defesa da Constituição compreende a sustentação de direitos inalienáveis e traz como pressuposto a noção de governo e da própria ideia de Estado a partir de mecanismos que primam pela liberdade individual e pelos direitos dos estados em detrimento da União. Dentro desta lógica, os EUA seriam um país com uma herança a ser conservada e protegida, com valores e ideias que seriam únicos de uma experiência política com forte influência religiosa, mas também marcada por conflitos, guerras e conquistas territoriais.

É importante destacarmos que esta ideia de conservar a Constituição implica numa abordagem jurídica chamada de originalista que em síntese propõe uma leitura mais literal do texto constitucional. Por isso, um dos aspectos mais decisivos e centrais para a mobilização dos conservadores está em conseguir indicar juízes conservadores/originalistas para a Suprema Corte e assim, com o tempo, conquistarem uma maioria para, tanto conservar a Constituição, como também reverterem mudanças conquistadas pelos progressistas.

A tradição progressista também reforça e sustenta teses da excepcionalidade americana, mas reforça aspectos de mudança, adaptação e de acolhimento. Os progressistas argumentam que os pais fundadores e o próprio ideal de nação americana projetariam uma sociedade que, com o tempo, iria se expandir, se complexar e que o governo poderia funcionar trabalhando para melhor a vida das pessoas. Esta ideia reverbera num forte ideal de nação: o de que os EUA é um país diferente dos outros e com um propósito cujo futuro será brilhante e com um povo também diferente, pois seria um povo capaz de empreender, transformar, superar adversidades e, portanto, progredir, prosperar.

Tanto os progressistas, como os conservadores dialogam com o patriotismo e com a própria ideia do que é ser um cidadão americano e, sobretudo, para que serve o

governo. Podemos argumentar, de forma um pouco estereotipada, que para os progressistas o governo fundamentalmente serve para melhorar a vida das pessoas e, para os conservadores, serve para não interferir na vida das pessoas. Este debate irá aparecer, não só quando se opõem candidatos à presidência, mas aparece em quase tudo que envolva o bem comum e a própria sociedade – da escolha dos juízes da Suprema Corte, passando pelo debate sobre impostos, as leis trabalhistas, a liberdade de expressão, os rumos da economia etc.

Os progressistas olham para a história dos EUA e enxergam no governo o ator central que proporcionou, entre outras coisas, a educação, a infraestrutura das cidades, os avanços científicos, tudo conquistado, em síntese, através de um governo ativo, com recolhimento de impostos numa lógica pautada pela ideia de que interferir pode ser bom e de que ganha o país que investe em sua economia.

Os conservadores olham para a história desconfiados e, até certo ponto, com certa paranoia, acreditando que o governo buscará sempre aumentar os impostos, cercear liberdades individuais e afastar cada vez mais os EUA das ideias (e do ideal) de nação pensado pelos pais fundadores e expresso na Constituição. Neste sentido, o conservadorismo americano teria algo para preservar, mesmo que no plano mítico ou ideal: trata-se de uma sociedade livre da inerência estatal. Groover Norquist (2010, p. 156) sintetiza esta ideia de ter algo a conservar com o trocadilho: (nós os) americanos somos o povo do livro: a Constituição².

Os conservadores pensam, portanto, a atuação do governo sempre a partir de aspectos mais negativos do que positivos, o que implica em sempre discutir as consequências do tamanho do governo, dos custos do governo e do poder do aparato estatal.

Já o principal ponto de apelo da tradição progressista é a retórica do sonho americano. Neste ideal de *sonho americano*, progressistas projetam uma nação repleta de ideais, de oportunidades e, sobretudo, de igualdade de oportunidades que só podem ser atingidas e plenamente conquistadas através e com a mediação e presença do Estado. Os progressistas enfatizam o papel da comunidade, da importância da cidadania e dos direitos

² No original: “Americans are a people of the book: The constitution.”

em relações que se pautam pela empatia e pelo senso de cuidado. Neste sentido, como nos mostra Eric Liu e Nick Hanauer (2007): “Odiar o governo é imoral e impraticável porque uma sociedade cujo governo é atrofiado ou sem governo é anárquico, injusto, desigual e, sobretudo, não proporciona liberdade”³. Já Barry Goldwater (2013), um político que marcou o conservadorismo americano, enfatiza que a principal diferença entre conservadores e progressistas está na relação dos homens com um plano não material. Em suas palavras (GOLDWATER, 2013, p. 53):

A raiz da diferença atual entre conservadores e liberais é que os conservadores levam em consideração a totalidade do homem, enquanto que os liberais tendem a olhar apenas para o lado material da natureza humana. Os conservadores acreditam que o homem é, em parte uma criatura econômica e animal, mas que também uma criatura espiritual com necessidades espirituais e desejos espirituais. Sobretudo, estas necessidades e desejos refletem o lado superior da natureza humana e elas precedem as necessidades econômicas⁴.

Em síntese, tanto conservadores, como progressistas estão preocupados e atentos às liberdades e aos direitos civis e individuais. A diferença fundamental está no fato de que os progressistas almejam a expansão destas conquistas, enquanto os conservadores almejam apenas a sua manutenção.

Avançaremos agora para a tentativa de uma tipologia mais detalhada do conservadorismo americano buscando, assim, auxiliar o leitor a entender a articulação que propomos entre as ideias e os atores deste universo. A escolha por uma tipologia é um instrumento metodológico que, sem dúvida, implica em certa simplificação e em alguma generalização, mas, contudo, acreditamos que assim estaremos auxiliando o leitor (e também nossa pesquisa) a organizar um universo muitas vezes caótico, com quase infinitas

³ No original: “ To hate government is immoral and impractical – because a society with stunted or no government is anarchic, unfair, unequal and ultimately unfree” (2008, p. 71)

⁴ No original: The root difference between the Conservatives and the Liberals of today is that Conservatives take account of the *whole* man, while the Liberals tend to look only at the material side of man’s nature. The Conservative believes that man is, in part, an economic, an animal creature; but that he is also a spiritual creature with Spiritual needs and spiritual desires. What is more, these needs and desires reflect the *superior* side of man’s nature, and thus take precedence over his economic wants.

ideias, relações e atores que se desdobram em diferentes gostos, espaços, alianças, articulações, além da mobilização política. Vale frisarmos que a escolha metodológica por construirmos uma tipologia para o conservadorismo americano não implica em ausência de trabalho empírico. Nossa pesquisa de campo, como o leitor poderá perceber, está em diálogo contínuo com nossa proposta.

Com auxílio metodológico de George Lakoff (2007 e 2009), montamos os quadros que apresentaremos a seguir e que nos ajudarão a construir uma tipologia das principais influências ideológicas, dos gostos e aspirações de mundo do universo conservador e do universo progressista.

Lakoff (2008) parte de um estudo linguístico, mas, sobretudo, cognitivo para identificar formas de pensar e formas de sintetizar e expressar pensamentos e ações políticas. Ao se colocar como progressista e buscar instrumentos para auxiliar os progressistas no debate público, este autor se propõe a entender e a buscar sistemas de pensamento para o conservadorismo americano. Esta é a proposta do *Rockridge Institute*, que pretende, não só apresentar o modo de pensar dos conservadores, como também discutir por que se pensa desta forma. Esta discussão remete à cultura, às formas de sociabilidade, às diferenças geográficas e socioeconômicas nos EUA, mas enfatiza, sobretudo, como estes modelos são reproduzidos. Desta forma, seu trabalho visa construir molduras e sintetizar as ideias do conservadorismo, o que para este trabalho nos auxilia na apresentação e síntese das ideias e das formas de organização e de polarização no debate ideológico nos EUA contemporâneo.

Nossa proposta é construir uma tipologia para o pensamento conservador estadunidense e discutir ao longo de nosso trabalho como os atores constroem suas coalizões, como se mobilizam e enfatizar o papel dos intelectuais e, sobretudo, das ideias nesta trajetória.

Ao propormos uma tipologia para o conservadorismo americano como uma escolha metodológica, é inevitável a referência aos tipos puros/tipos ideias da discussão de Max Weber. Como nos mostra Udo Kuckartz (1991), os tipos puros/ideais seriam para Weber uma forma de encontrar as raízes, a base psicológica, intelectual e social de um determinado objeto de estudo. Contudo, a abstração de construir um tipo ideal implica

enfatizamos, pesquisa empírica. Em nosso caso, como pontuaremos ao longo do trabalho, dialogaremos e buscaremos referências e exemplos em nossa pesquisa empírica, feita através de buscas em acervos, *think tanks* e também através de entrevistas que realizamos ao longo desta pesquisa.

Ao propormos uma tipologia, estamos buscando um auxílio, uma técnica para analisar e organizar um determinado universo de ideias, atores, formas de mobilização, anseios e visões de mundo. Os *tipos* são abstrações, quanto mais puros os projetarmos, mais difíceis de serem encontrados *ipsis litteris*, especialmente quando nos propomos a entender as coalizões, articulações e formas de mobilização do conservadorismo nos EUA. Portanto, todos os tipos que apresentarmos aqui estão de alguma forma articulados com outros tipos e entre eles há tipos transitórios e inúmeras formas de combinação entre eles. Evitaremos uma discussão em torno de tipos puros totalmente, pois, como nos mostra Kuckartz (1991)⁵: “(os tipos ideias) podem eventualmente existir no mundo real, mas só eventualmente e não todo o tempo”.

⁵ No original: (Ideal type) sometimes may exist in reality; sometimes but not all the time (1991, p. 06).

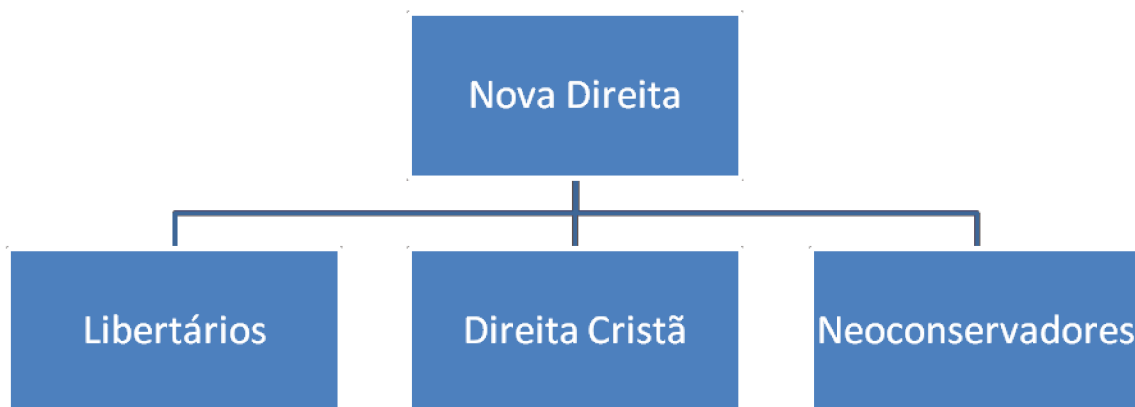


Figura 2 A Nova Direita
Fonte: Criação do Autor.

Nossa proposta é pensarmos o conservadorismo nos EUA contemporâneo a partir da articulação, mobilização e conflitos entre quatro tipos distintos de atores. Apresentaremos melhor cada um deles, atentos às suas ideias, organização de suas agendas – o que reivindicam, o que temem contra o quê e contra quem se colocam. Na seção dois deste trabalho discutiremos as raízes históricas que nos ajudarão a entender o contexto do qual surgiu cada um destes tipos e também os momentos de articulação e de disputa entre eles.

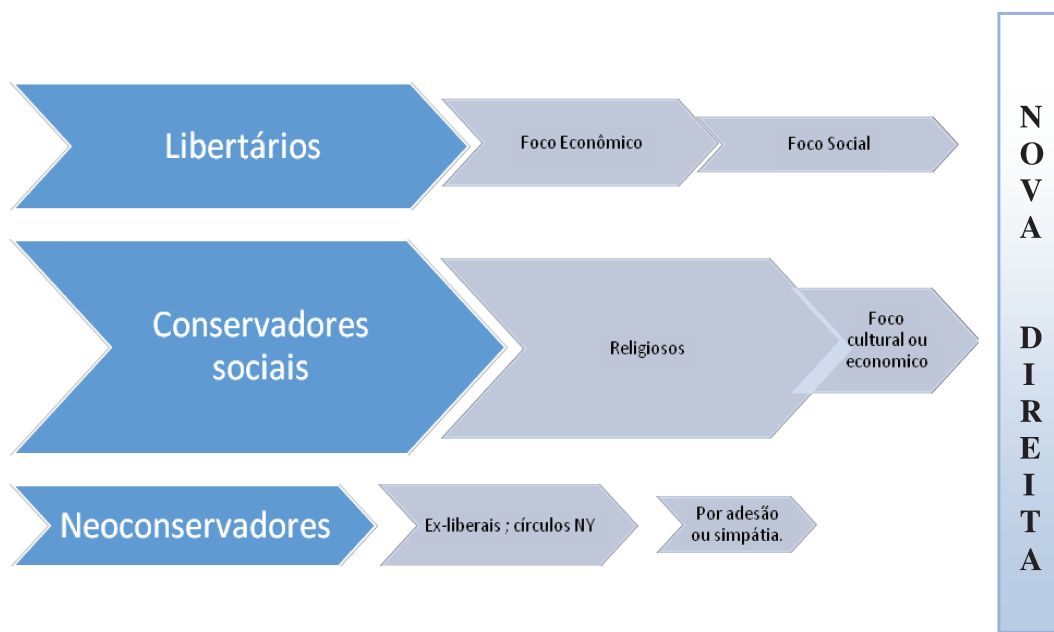


Figura 3 Tipologia detalhada da Nova Direita

Fonte: Criação do Autor.

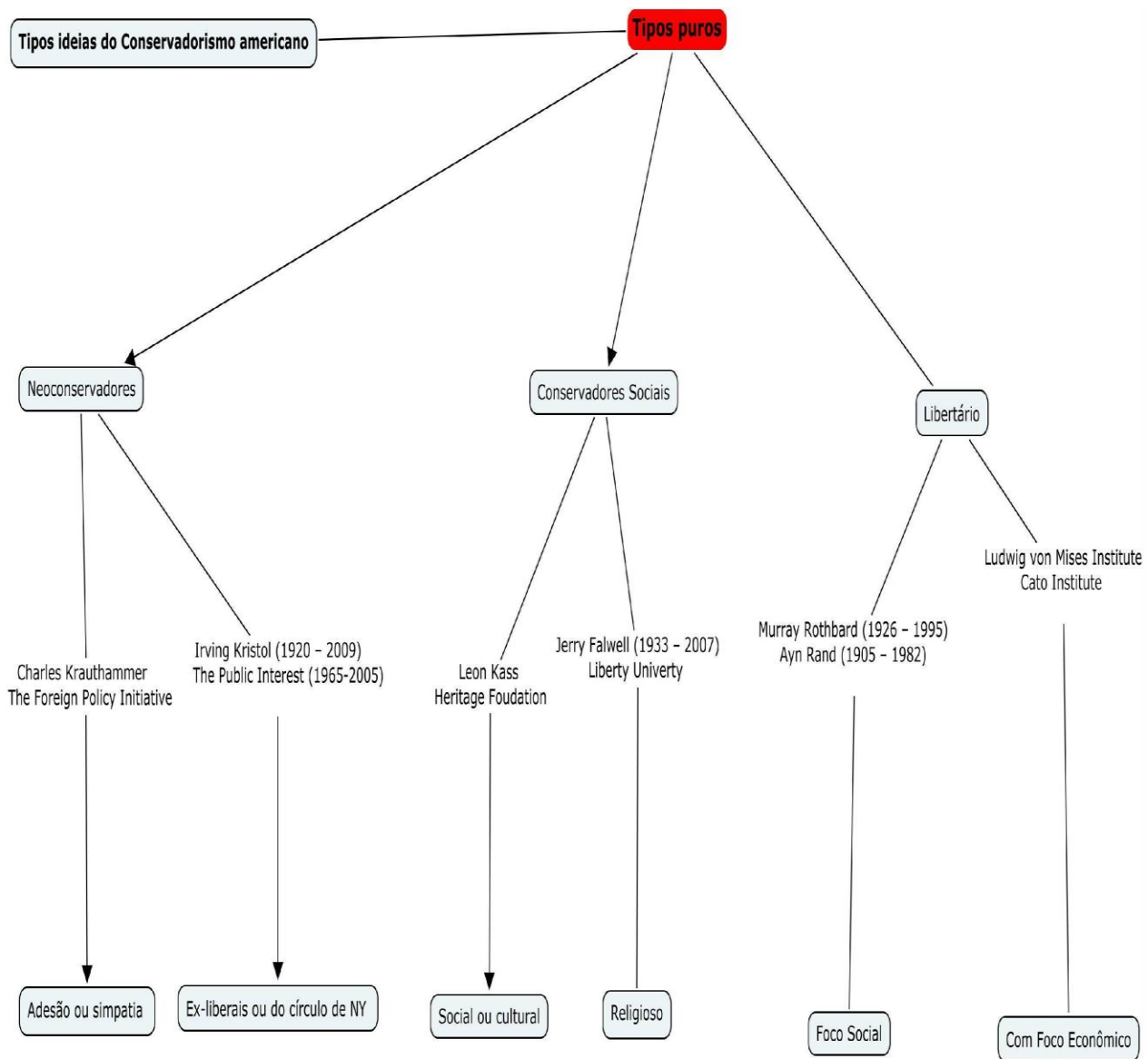


Figura 4 Tipos ideais do conservadorismo americano

Fonte: Produção do próprio autor.

Quadro 2 Tipos Ideais da ND e a influência cognitiva

Principais influências sociais do Conservadores	Um contraste com as influências progressistas	Influências por tipos ideais do conservadorismo
A família (espaço com regras, autoridade e lealdade ⁶)	A família (espaço de cuidados, atenção e aprendizado ⁷)	Libertários - não existe autoridade moral maior do que o indivíduo. - almejam um mundo livre das autoridades (especialmente a autoridade estatal)
O ambiente de trabalho	A comunidade	Tradicionalistas / Conservadores sociais - existem justiça inerentes à condição humana (estão para além da sociedade) - é preciso a justiça (leis e instituições) para preservar a sociedade - a sociedade humana também não pode ser considerada produtora de igualdade
A experiência de governo de Ronald Reagan (1981 – 1989)	Referências históricas a Woodrow Wilson (1912 - 1921) e Franklin Delano Roosevelt (1933-1945)	Neoconservadores - almejam agir no mundo como um pai rigoroso (entendem os EUA como a força moral do mundo)
Influência europeia com o liberalismo clássico	Influência europeia dos partidos social democratas, socialistas e ligados ao movimento ambientalistas e de emancipação das mulheres.	Direita Religiosa - ideia de defender e falar pela civilização ocidental. - importância da fé (vida, revigorada, ligada a palavra e aos atos). - obrigação de defender o que Deus proporcionou aos homens (a vida; a liberdade e a família). - Defendem uma liberdade para serem religiosos e conservadores. - são contra a diversidade e defendem a restauração dos valores e do modo de vida centrado na religião e na fé cristã.

Fonte: quadro construído a partir da discussão de Lakoff (2008) e Lakoff (2012)

⁶ Segundo Lakoff, o modelo de família conservador se estrutura a partir do modelo do pai rigoroso.

⁷ Já dentro do modelo progressista, Lakoff (2008) identifica o modelo estruturante como o dos pais carinhosos.

1.2 A geografia do voto e as diferentes formas de polarização da política nos Estados Unidos

A ideia de uma polarização entre duas Américas com recorte demográfico tem uma ampla tradição acadêmica⁸, a começar por Russell Kirk, um dos primeiros teóricos do conservadorismo americano, cuja tese de doutoramento, originária do livro *The Conservative Mind*, de 1953, apresenta, ao longo de seus treze capítulos distribuídos em mais de quinhentas páginas, diferentes exemplos da mente conservadora. Dentre elas, ele se pergunta sobre o conservadorismo sulista dos EUA e questiona sua origem.

Para Kirk (1985), o conservadorismo sulista se define a partir de quatro pontos: aversão às mudanças, valorização da sociedade agrária e dos direitos locais e uma permanente tensão racial. Kirk identifica tais traços em John Randolph of Roanoke (1773 – 1833) e em John C. Calhoun (1820-1850). John Randolph foi um político com vários cargos e deputado por vários mandatos, entre as presidências de Thomas Jefferson (1801 – 1809) e de Andrew Jackson (1829-1837). Já Calhoun chegou à vice-presidência durante dois governos: de John Quincy Adams (1825 – 1829) e em parte do governo Jackson (até 1832). Ambos, para Kirk (1985), sintetizam uma postura sulista contra o federalismo, uma forte valorização das tradições e dos costumes locais – o que Kirk chama de “nacionalismo sulista” – e também representam a visão de que não se pode pensar em igualdade ou em liberdade em termos nacionais, apenas em termos locais. Nos termos de Aaron McLeod (2005, p. 13), comentarista da obra de Russell Kirk: Calhoun e Randolph sintetizam a ideia sulista de que os homens não nascem livres e iguais. Suas diferenças físicas, morais e intelectuais se manifestam, para não falar de sua diferença de nascimento e da riqueza⁹.

Calhoun foi quem levou mais a fundo a defesa da igualdade local em detrimento de uma igualdade nacional ou universal. Em sua época defendia a escravidão e deixou também um legado teórico com obras que discutiam a relação entre Estado e União, bem como o caso do governo representativo nos EUA. Neste sentido, Calhoun propôs um conceito até hoje

⁸ Cf. por exemplo, de E.J. Dionne, *Our Divided Political Heart*, Bloomsbury USA; NY, 2012; De Virginia Gray e Russell L Hanson, *Politics in the American States: A Comparative Analysis*, ed. CQ Press, Chicago. 2007. E de Lisa McGirr, *Suburban Warriors: The Origins of the New American Right*, ed. Princeton University Press, 2002.

⁹ No original: Men are not born free and equal. Their physical, moral, and intellectual differences are manifest, to say nothing of their difference of birth and wealth.

importante, o de “maioria concorrente”, que propõe um arranjo federativo sem a imposição ou supremacia de um governo federal, mas sim com as minorias se sobrepondo e se revezando diante da maioria¹⁰.

Para David Masciotra (2013), por exemplo, há uma América das pequenas cidades, representada, por exemplo, nas letras de John Mellencamp¹¹, que é um país cheio de conflitos, cheio de belezas e de brutalidades, entre a misericórdia e a crueldade, vida e morte, pecado e redenção¹². A América das cidades pequenas seria orgulhosamente patriótica, com forte vida comunitária, alheia e desconfiada da burocracia estatal e com gostos e hábitos distintos, como o gosto pelo beisebol e pela música country. Como exemplifica Hank Williams Jr.¹³ na canção *A Country Boy Can Survive*¹⁴ (1982): “Sabe, eu vivo lá na floresta. Uma mulher e as crianças, os cães e eu. Eu tenho um rifle, um carro 4x4 e assim um cara do campo pode sobreviver”. Este espírito de independência e de autossuficiência remete a um ideal de nação fundada por caçadores, pelos homens de fronteiras que não temiam a natureza, não hesitavam em usar suas armas de fogo e que acreditavam estar fundando a terra da liberdade. Estes valores e gostos se manifestam na música, nos esportes, mas também em inúmeros programas televisivos¹⁵, programas de rádio e também na vida cotidiana, entre humoristas, ditos populares e hábitos alimentares. Esta forma de distinção, como nos lembra Bourdieu (2013), só ocorre por haver um reconhecimento. Em suas palavras (2013, p. 111):

¹⁰ Para uma discussão mais detalhada conferir de Richard Hofstadter *American Political Tradition* ed. Vintage, 1989, NY.

¹¹ John Mellencamp é cantor e compositor de rock. Nascido em 1951, em Seymour, Indiana. Ao longo de suas carreira foram mais de 20 trabalhos lançados em diferentes formatos. Dentre seus grandes sucessos estão *Jack & Diane* (de 1982), *Pink Houses* (1983) e *Small Town* (1985). Cf. site oficial: <mellencamp.com> Acessado em 06/10/2013.

¹² No original: John Mellencamp ‘s America is a conflicted coutry full of beauty and brutality, mercy and cruelty, life and death, and sin and redemption.

¹³ Hank Williams Jr é cantor e compositor de música country. Nascido em 1949 em Shreveport, Louisiana. Ao longo de sua carreira já são mais de 30 obras lançadas em diferentes formatos. Cf. site oficial < <http://www.hankjr.com/> > Acessado em 06/10/2013.

¹⁴ No original: “I live back in the woods, you see. A woman and the kids, and the dogs and me. I got a shotgun rifle and a 4-wheel drive. And a country boy can survive”.

¹⁵ Tendo como referência os anos de 2012 e 2013, programas como *Duck Dynasty*, um programa no formato de *Reality Show*, em torno de um negócio familiar envolvendo a caça de patos. A família vive em West Monroe, Louisiana, numa grande propriedade, cercada de natureza selvagem. Nos episódios além de caçarem patos, armas estão constantemente presentes, além da culinária sulista e discursos de valores familiares, importância da religião, da cultura da caça, etc. A audiência dos episódios da série esta entre as de maior êxito, chegando a um público superior a 10 milhões de telespectadores por episódio. Cf. site oficial em < <http://www.duckcommander.com/> > Acessado em 07/10/2013.

Os grupos sociais, e notadamente as classes sociais, existem de algum modo duas vezes, e isso antes mesmo de qualquer intervenção do olhar científico: na objetividade de primeira ordem, aquela registrada pela distribuição das propriedades materiais; e na objetividade de segunda ordem, aquela das classificações e das representações contrastantes que são produzidas pelos agentes na base de um conhecimento prático das distribuições tal como se manifestam nos estilos de vida.

Se aplicarmos esta ideia de Bourdieu (2013) podemos pontuar que a diferenciação dos grupos produz diferentes reconhecimentos e, uma vez estabelecidos, eles funcionam como um capital simbólico que, por sua vez, é uma forma de autoridade, o que, segundo o pensador francês, exercemos sem nos darmos conta. Ele está sedimentado na linguagem, formas de pronúncia, atitudes, maneiras, no estilo de vida em síntese.

Assim, Hank Williams Jr., John Mellencamp, a família Robertson do programa *Duck Dynasty*, os programas de humor de Ron White¹⁶, de diferentes formas e com certas peculiaridades, falam e mostram as distinções sociais quanto aos gostos e revelam as distintas perspectivas entre a cidade e o campo, entre as grandes cidades e as cidades pequenas, entre liberais e conservadores e entre o norte e o sul dos EUA. Este processo, na perspectiva de autores conservadores, como Charles Murray (2013), pode levar os EUA a uma divisão sem volta.

Na perspectiva de Murray (2013), há uma divisão entre uma alta e uma baixa classe média, o que isola tais classes em bolhas de gostos, estilos e perspectivas de vida. Interessante notarmos que o autor desenvolveu um questionário de 25 perguntas, envolvendo vários gostos, hábitos alimentares, costumes sociais, apresentando ao final uma escala com perfil e a posição da pessoa¹⁷.

¹⁶ Ron White é um dos comediantes de maior sucesso nos EUA contemporâneo. Nascido no Texas e atualmente vivendo na Califórnia, seu humor geralmente tem como alvo o modo de vida liberal como o da Califórnia e valoriza a cultura das armas e da tolerância zero como apresentada de forma muitas vezes estereotipada quanto ao Texas. White também se destaca como crítico do politicamente correto se apresentando muitas vezes fumando charutos ou bebendo Whisky. Cf. site oficial < tatersalad.com/ >

¹⁷ Cf. Questionário de Charles Murray em < <http://www.pbs.org/newshour/rundown/2012/03/white-educated-and-wealthy-congratulations-you-live-in-a-bubble.html> > Acessado em 14.10.13.

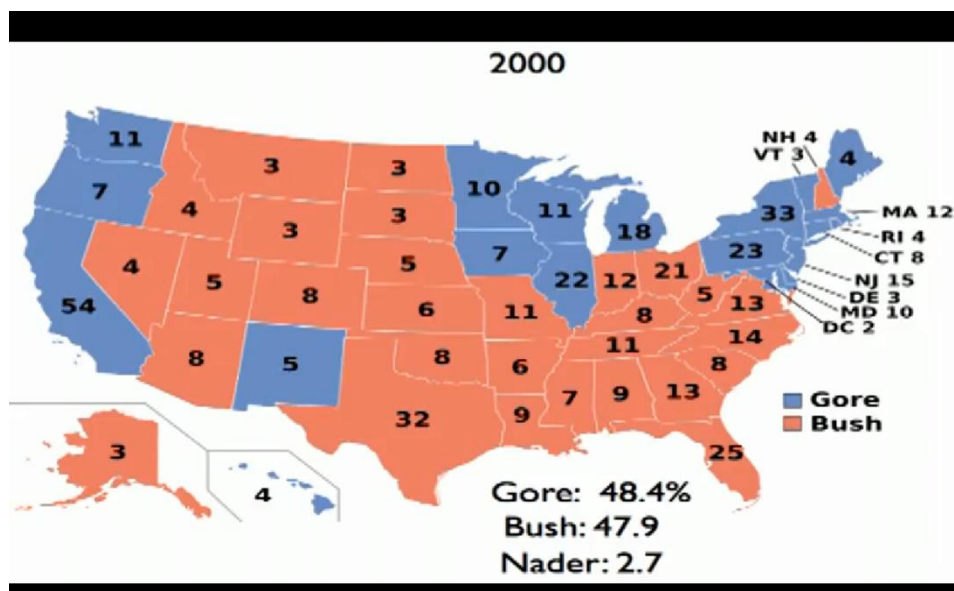
Quadro 3 Distinção Social: cidades pequenas versus grandes cidades

	Cidades pequenas	Grandes cidades
Tipo de carro	Grandes e potentes	Pequenos e econômicos
Gastronomia	fast food	Cosmopolita com atenção para alimentação orgânica
Esportes	Futebol americano	Golf
Música	Country	R&B, Rap
Influência religiosa	Grande	Pequena
Perfil da Mídia	Conservadora	Liberal

Fonte: Construção do autor.

Esta distinção aparece claramente também nas estratégias eleitorais e repercute nas formas de mobilização e no perfil do voto do eleitorado e pode nos ajudar a também entender as peculiaridades e as formas de organização e mobilização do conservadorismo americano. Ao estudarmos com atenção os mapas eleitorais podemos encontrar algumas tendências e comportamentos que nos ajudam a entender a polarização entre democratas e republicanos, liberais e conservadores. Esta polarização e disputa eleitoral só aparecem claramente quando olhamos em esferas menores, dimensões que muitas vezes os mapas eleitorais (polarizado entre estados vermelhos e azuis) não revelam.

:

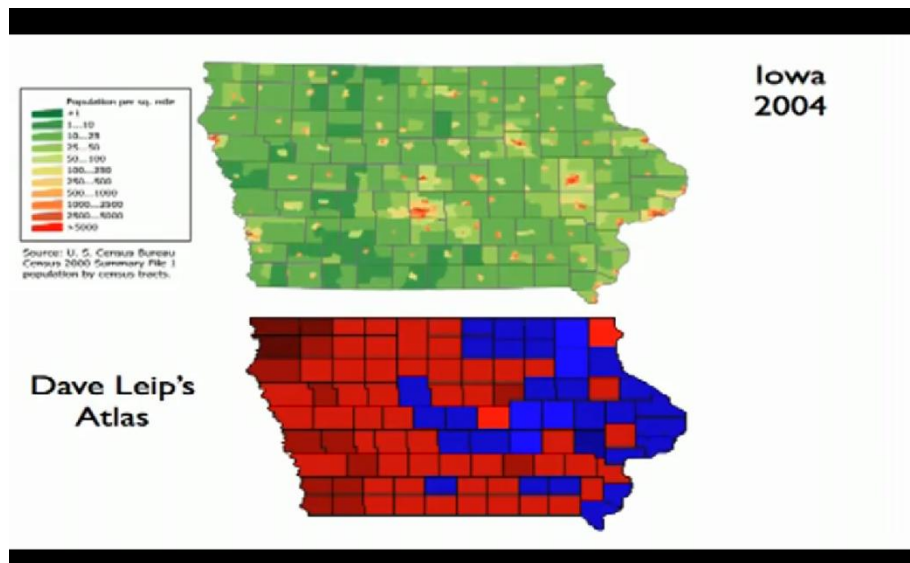


Mapa 1 A eleição presidencial de 2000 Estado por Estado

Fonte: Dave Leip's Atlas¹⁸ e material didático curso prof. Martin Lewis, ministrado em novembro de 2008 na Universidade de Stanford.

O mapa acima, da eleição de 2000, nos mostra, estado por estado, onde a campanha dos republicanos (em vermelho) foi vitoriosa e onde ganhou os democratas (em azul), indicando também quantos votos cada estado tem na composição do Colégio Eleitoral (que de fato irá eleger o presidente). Para ser eleito presidente, o candidato precisa obter 270 votos.

¹⁸ Cf. em < <http://uselectionatlas.org/> > acessado em 07/10/2013.

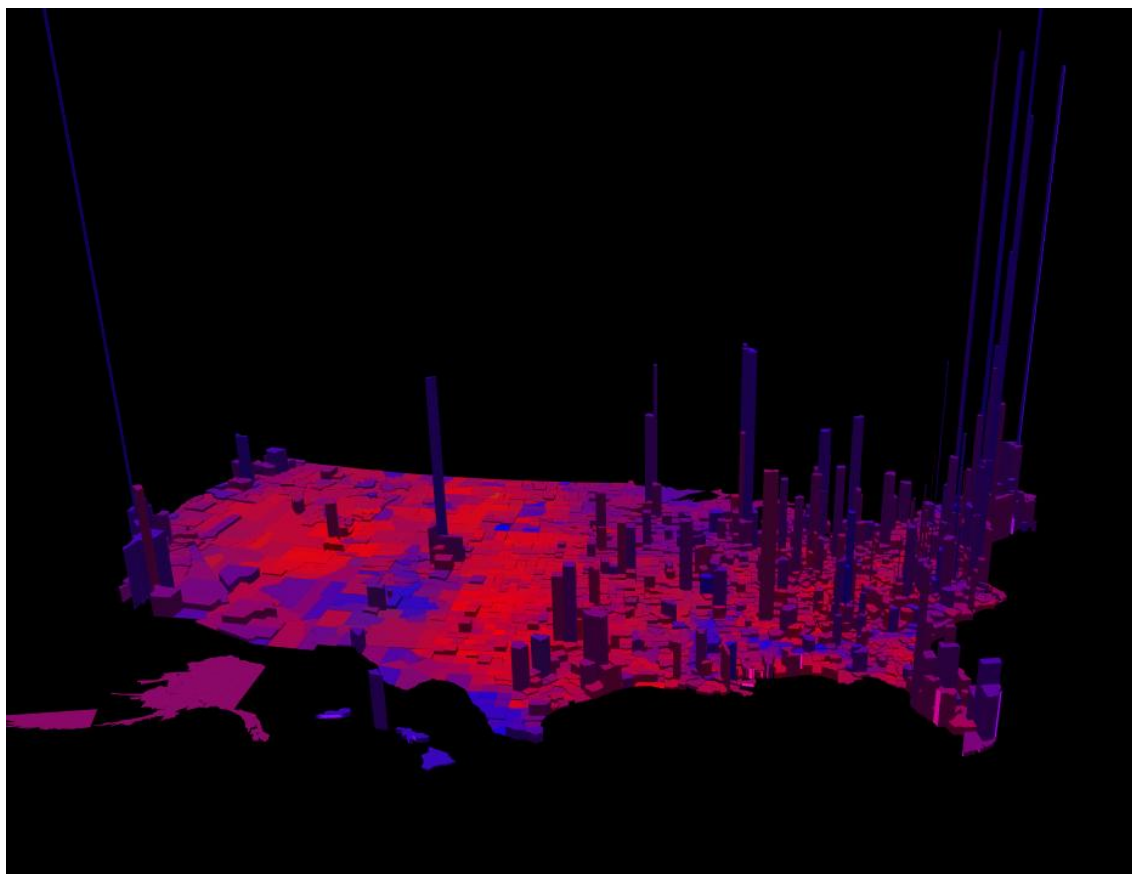


Mapa 2 A eleição presencial de 2004 em Iowa

Fonte: Dave Leip's Atlas¹⁹ e material didático curso prof. Martin Lewis, ministrado em novembro de 2008 na Universidade de Stanford.

O mapa em escala verde mostra o tamanho da população, quanto mais verde, menor e quanto mais vermelho, maior. No mapa abaixo, entre tons de vermelho e azul, observamos a votação, na eleição de 2004, e o desempenho de Democratas e Republicanos. Comparando-o com o mapa anterior é possível fazer uma sobreposição entre regiões com mais população e maior votação nos democratas e regiões com baixa população votar em maior peso nos republicanos.

¹⁹ Cf. em < <http://uselectionatlas.org/> > acessado em 07/10/2013.



Mapa 3 A eleição presidencial de 2012 destacando o tamanho das cidades

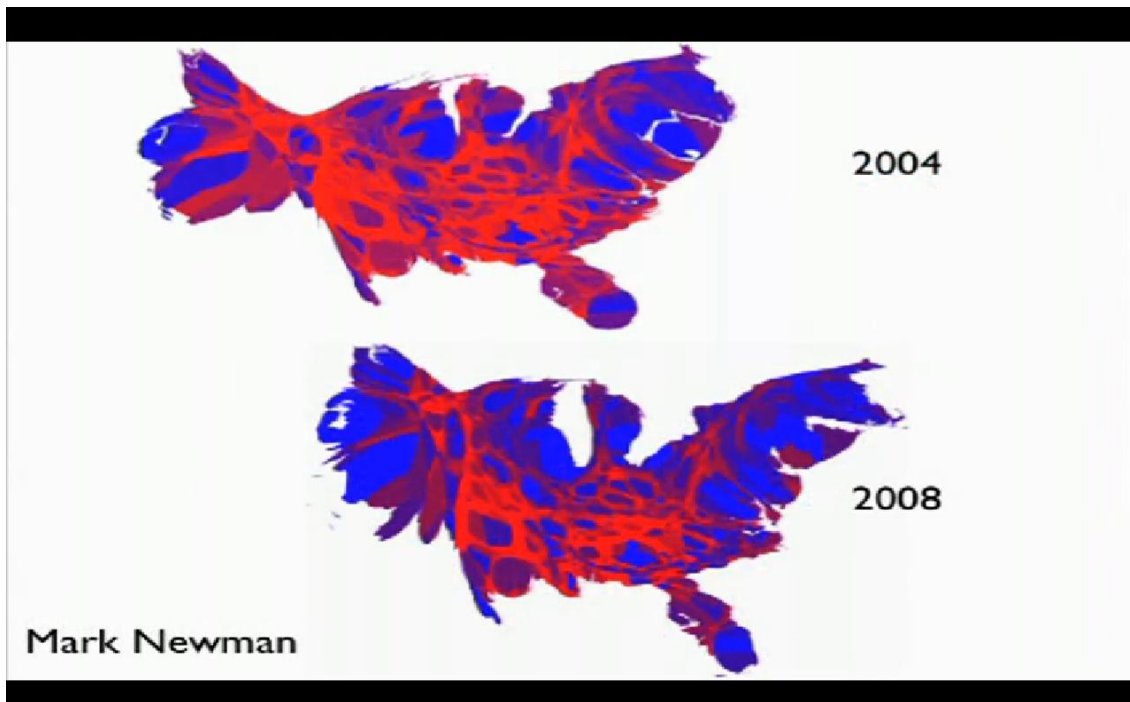
Fonte: <<http://cdn.theatlantic.com/static/mt/assets/politics/Election2012tippedmore.jpg>> Acessado em 18/09/2013.

É interessante notarmos a correlação que existe entre os votos nas grandes cidades e o apoio a candidatos dos Democratas que se apresentaram 2012 como progressistas e/ou em oposição às políticas do governo George W. Bush (2001 – 2008), tidas como conservadoras. E em oposição, cidades e condados pequenos tendem a apoiar candidatos conservadores ou fazerem oposição aos candidatos com plataforma progressista. Mesmo em estados que há bom tempo apoiam candidatos conservadores, como o Texas, por exemplo, notamos pelo mapa que todas as suas grandes cidades apoiaram candidatos dos democratas. Essa polarização entre redutos democratas e republicanos está evidenciada na entrevista que fizemos com o professor Bryan McCain²⁰:

²⁰ Cf. entrevista na íntegra no apêndice de nosso texto.

Minha cunhada é da Louisiana, mora numa cidade vizinha a New Orleans (distante uma hora). É uma cidade bastante conservadora, 100% republicana. Se você for lá, irá ouvir comentários racistas sobre o Obama, muitas conspirações, paranoia. Já no meu bairro (aqui em Washington DC), eu moro em Silver Spring, são umas 500 famílias. Destas, 80% são democratas. Não há diversidade de opinião. O interessante é que tanto no meu caso como no caso da minha cunhada, há diversidade étnica e de classes, mas não de opinião.

Estas polarizações entre pequenas e grandes cidades e o crescente embate entre cidades, distritos e condados republicanos vs. democratas cria um mapa bem diferente do que estamos acostumados a ver, bem definido e dividido entre estados republicanos (vermelhos) e democratas (azuis). Os mapas produzidos levando em consideração estas divisões e polarizações ficaram assim:



Mapa 4 Comparando as eleições de 2004 e 2008

Fonte: Mark Newman²¹ e material didático curso prof. Martin Lewis, ministrado em Stanford novembro de 2008.

No mapa acima, com base nos mapas de Mark Newman da Universidade de Michigan, notamos o enfoque e a atenção ao tamanho físico dos estados em proporção à população e notamos também uma maior mistura entre as regiões que apoiam candidatos

²¹ Cf. *The Atlas of the Real World: Mapping the Way We Live*, ed. Thames & Hudson, Chicago, 2010.

democratas (azul) e candidatos republicanos (vermelho). No mapa de 2004 notamos a vitória dos republicanos com a reeleição de George W. Bush. Já no mapa de 2008 retrata a vitória de Barack H. Obama.

Vale notarmos que comparando o mapa eleitoral de 2008 com o de 2012, no qual Obama também saiu vitorioso, temos um quadro ainda mais roxo.



Mapa 5 Comparando as eleições de 2008 e 2012



Fonte: Blog²² do Prof. Robert Vanderbei da Universidade de Princeton

²² Cf. em < <http://www.princeton.edu/~rvdb/> > Acessado em 07/10/2013.

Todos estes mapas nos levam a questionar se existe um padrão geográfico para as eleições majoritárias nos EUA e se o tamanho da população influencia o comportamento eleitoral. Na mesma direção, Gerald Alexander, em entrevista a este autor, também questiona se não assistiria a uma assimetria nos EUA na qual uma parcela da população mais escolarizada votaria nos democratas, enquanto que os menos escolarizados votariam nos republicanos e aponta a política do medo como muito persuasiva para os dois lados. Em suas palavras, “não há candidato que não acuse o adversário de ameaçar fazer um desastre ou por coisas importantes a perder”.

Martin Lewis, em suas aulas sobre a geografia das eleições nos Estados Unidos, aponta para alguns padrões de votos e também para alguns redutos eleitorais como: regiões ou distritos com uma grande universidade tendem a ser majoritariamente pró-democratas, já regiões com grandes bases ou presença das forças armadas tendem a apoiar os republicanos. A esta divisão (e certo agrupamento político baseado em afinidades), o jornalista Bill Bishop e o sociólogo Robert Cushing chamaram de a grande separação²³: ocorre tanto em termos políticos (republicanos se aproximam de republicanos, democratas de democratas), mas também em outras esferas, como por exemplo, no campo religioso. Neste sentido, os autores apontam (2009, p. 145²⁴): “Em outros tempos, o objetivo da Igreja era de transformar os dogmas sociais daqueles que entravam por suas portas. Hoje em dia, as pessoas vão à igreja não para passarem por algum tipo de transformação de suas crenças, mas sim para terem suas percepções reconfirmadas”.

Grover Norquist (2008) tipifica esta grande separação na forma de duas coalizões, que ele denomina de a coalizão dos tomadores vs. a coalizão dos que querem ser deixados em paz. Os grupos e atores que compõem as respectivas coalizões são as seguintes:

²³ Cf. *The Big Sort: Why the Clustering of Like-Minded America is Tearing Us Apart* Ed. Mariner Books, Dallas, 2009.

²⁴ No original: The goal of the church in other times was to transfigure the social tenets of those who came through the door. Now people go to a church not for how they might change their beliefs, but for how their precepts will be reconfirmed.

Tabela 1 Tomadores versus " Nos deixem em paz "

A Coalizão dos Tomadores	A Coalizão “Nós deixe em paz”
Advogados	Descontentes e revoltados com a carga tributária e com o volume e valores dos impostos e taxas pagas ao governo
Sindicalistas	Profissionais liberais
Líderes de movimentos sociais / estudantil	Pessoas que valorizam e defendem a 2ª emenda da Constituição que garante o direito e a posse a armas de fogo
Funcionários públicos	Pais que exercem ou que defendem o direito a ensinar seus filhos em casa
Beneficiários de políticas de bem estar social	Defensores da propriedade privada e deste direito como inviolável
Profissionais diretamente relacionados com programas de bem estar social (médicos, enfermeiros, assistentes sociais, sociólogos, etc.)	Ativistas pelo direito a Casa Própria
Militantes e lideranças de ONGs ²⁵	Ativistas e pessoas diretamente ou indiretamente envolvidas em comunidades de fé (espaços e pessoas religiosas envolvidas em atividades civis)
Construtores civis/ empreiteiros	Acionistas e investidores em ações

Fonte: Tabela construída com base na discussão de Norquist (2008)

É interessante notarmos que apesar do envolvimento de Norquist²⁶ com o conservadorismo americano (e, portanto, ser mais otimista em relação à coalizão dos “nos deixe em paz²⁷”), em sua discussão, ele apresenta e constata como também a coalizão dos tomadores cresce e segue em tendência de crescimento.

Para Norquist (2008), a coalizão dos tomadores cresce centrada na lógica redistributiva, ou seja, seria preciso “pegar” algo de um grupo e entregar a outro. Este “algo” pode ser poder, controle, bens, propriedades, mas, sobretudo, recursos financeiros. Por isso, o alvo principal acaba sendo os que pagam impostos, pois seria via impostos que se tentaria operar

²⁵ Segundo dados de citados por Norquist (2008), cerca de dez milhões de americanos entre 2006 e 2008 estavam envolvidos de alguma forma com alguma ONG.

²⁶ Grover Norquist tem longa trajetória de envolvimento com o conservadorismo americano, da juventude em Harvard envolvido com a militância anti-soviética, passando por envolvimento com grupos libertários, Norquist é um hoje considerado um articulador entre grupos, movimentos e temas conservadores tendo se destacado na luta contra os impostos. Trabalho que faz via *Americans for Tax Reform (ATR)*, fundado por Norquist em 1985, sendo o próprio a pedido de Ronald Reagan visando políticas de redução e corte de impostos. Neste sentido é interessante notarmos que boa parte da equipe que forma o ATR é formada por pessoas formadas em contabilidade, economia ou administração. Cf. site oficial em <<http://www.atr.org/>>. Acessado em 08/10/2013.

²⁷ Em suas palavras, nossa luta é para sermos deixados em paz (2008, p.12) No original: our fight is to be left alone.

as redistribuições. Vale destacarmos que neste ponto Norquist se utiliza da metáfora familiar para explicar como os “tomadores” enxergam o Estado. Para ele, estes tomadores entendem o Estado como os pais, aqueles que provirão os filhos de todas as suas necessidades. Vale lembrarmos neste ponto da tipologia de Lakoff (2008), que observa que, tanto liberais, como conservadores enxergam o Estado pela metáfora familiar. A diferença é que para os liberais se trata de pais zelosos e para conservadores tratam-se de pais disciplinadores.

O principal recrutador da coalizão dos tomadores seriam os governos²⁸, na medida em que oferecem uma estabilidade de emprego, enquanto no mercado privado a instabilidade e fluxo de empregos e demissões são mais altos. Outra forma de atração são os benefícios sociais. Segundo Norquist (2008), o número de pessoas atendidas por alguma forma de assistência social do governo dobra a cada década. E tanto os empregos nos governos como as políticas de assistência social ocorrem em grandes cidades. Por isso, mesmo em estados com maioria de condados e distritos republicanos (vermelho), o forte crescimento nas grandes cidades, que crescem mais e mais democratas (azul), faz com que os democratas ganhem o estado todo. De acordo com o político (2008), é o caso de Oregon, Washington, Michigan e Illinois.

Já pela perspectiva da coalizão dos “nos deixe em paz”, o otimismo está em alguns dados demográficos, como por exemplo, o crescimento de número de filhos em famílias de regiões e estados republicanos (vermelho), o crescimento da população católica²⁹. Norquist também aponta que mais gente tem investido suas economias em ações ou buscado abrir seu próprio negócio – principalmente visando o mercado aberto a partir da internet. O político (2008) também aposta no sentimento anti-impostos³⁰ presente na maioria dos estadunidenses e no crescente fenômeno de *homeschooling*³¹ como instrumentos para formar uma próxima geração que, em seus termos, será mais parecida com os EUA dos pais fundadores do que com a Europa de hoje.

²⁸ Em todas as escalas, dos municípios ao governo federal.

²⁹ Segundo dados de Norquist (2008) o catolicismo nos EUA foi de 1% da população em 1790 para 23% em 2002.

³⁰ Neste sentido a principal luta de Grover Norquist e de sua ATR é primeiro por uma mobilização que leve ao comprometimento dos políticos em não aumentar ou criar novos impostos e em segundo lugar por uma reforma no sistema tributário que basicamente cortaria drasticamente os impostos e tributos que partem do governo. Cf. mais informações em <<http://www.atr.org/taxpayer-protection-pledge>> Acessado em 09/08/2013.

³¹ Homeschooling pode ser traduzido como o direito dos pais de educarem seus filhos em casa. Literalmente educação em casa, rompendo o monopólio do Estado de educar os cidadãos. Para conhecer grupos que defendem homeschooling sugerimos: Blue Stockink Press; Christian Liberty Academy Satellite Schools; Georgians for Freedom in Education; Home School Legal Defense Association; National Home Education Research Institute; The Teaching Home.

1.3 O fator religioso na polarização e na mobilização dos conservadores

Dan Merchant, em seu documentário *Lord, Save Us from Your Followers* (2008), discute como a religião tem um papel central na divisão cultural, social e política nos EUA. Discutindo e questionando pessoas comuns em diferentes cidades do país, ele aponta para a relação entre a fé e a cultura como um tema complexo que foi reduzido a lemas e frases de efeito capazes de serem resumidas na forma de slogans de adesivos para carro. E paralelamente a esta simplificação, o documentário aponta para as consequências dos movimentos de renovação de retorno aos fundamentos da religião. Estes movimentos crescem e precisam de um inimigo a ser vencido, quando não destruído. As formas de mobilização e a trajetória histórica dos movimentos religiosos serão discutidas em outras seções deste trabalho, mas por ora destacamos apenas como a religião e, sobretudo, como a relação entre fé e cultura cria uma polarização. Essa *guerra cultural* (conforme a definição de um dos entrevistados de Dan Merchant) ocorre como consequência de haver na mesma nação a presença de crentes e cristãos vivendo num ambiente totalmente voltado para cultura secular (anticristã). Neste processo, ocorre uma espécie de disputa barulhenta (e muitas vezes agressiva) entre estes dois aspectos da realidade social daquele país, ou seja: de um lado o universo religioso, cristão e do outro a visão secular de mundo, às vezes de tendência antirreligiosa.

Quadro 4 Exemplos da Guerra Cultural

Grupo	Posição/Perfil
People For the American Way (PFAW ³²)	Grupo de ativistas que monitora diferentes atores da Nova Direita militando pelo Estado secular e em prol dos Direitos Civis.
American Civil Liberties Union (ACLU)	Grupo de importância histórica na luta e defesa pelos direitos civis.
Battle Cry ³³	Grupo de ativistas jovens que milita pelos valores cristãos e pela agenda do conservadorismo social.
Christian Coalition of America (CCA)	Grupo de ativistas mobilizados em torno da liberdade religiosa visando proteger e avançar nos valores cristãos.
Southern Poverty Law Center (SPLC)	Grupo voltado para o monitoramento e denúncia de grupos e movimentos extremistas nos Estados Unidos.
Students for Life of America (SLA)	Grupo de jovens focados no combate ao aborto que atuam nas universidades americanas.

Fonte: Produção do próprio autor.

³² Para conhecer os grupos citados acessar os seguintes sites: < <http://www.pfaw.org/> > Acessado em 07/10/2013; < <https://www.aclu.org/> > Acessado em 07/10/2013; <<http://www.teenmania.com/about/staff/>>. Acessado em 08/10/2013; <http://www.cc.org/about_us>. Acessado em 07/10/2013; <<http://www.splcenter.org/who-we-are>>. Acessado em 07/10/2013; <studentsforlife.org> Acessado em 12.10.2013.

1.4 Os Tipos puros/ideias da Guerra Cultural

Vejamos como os diferentes atores projetam seus inimigos e possíveis aliados na ideia de Guerra Cultural.

Quadro 5 Ser Conservador para um progressista e ser progressista para um conservador

Características dos conservadores segundo os progressistas	Características dos progressistas segundo os conservadores
Comportamento egoísta e visão de mundo limitada.	Veem-se como vítimas do pensamento majoritário.
Manifestam um discurso de ódio e paranoico.	Acreditam que mudanças é sinônimo de progresso.
Religiosos e capitalistas com tendências fundamentalistas.	Atacam direitos majoritários (valores cristãos, legado da civilização judaíco-cristã).
Conservadores atacam direitos constituídos (voto, liberdade religiosa, etc.).	Críticos do modo de vida americano.
Conservadores lutam por um EUA cristão e conservador.	Defendem o humanismo secular, com um discurso ateu e/ou antirreligioso.

Fonte: construção a partir da discussão feita por Eric Liu e Nick Hanauer (2007) e Groover Norquist (2012).

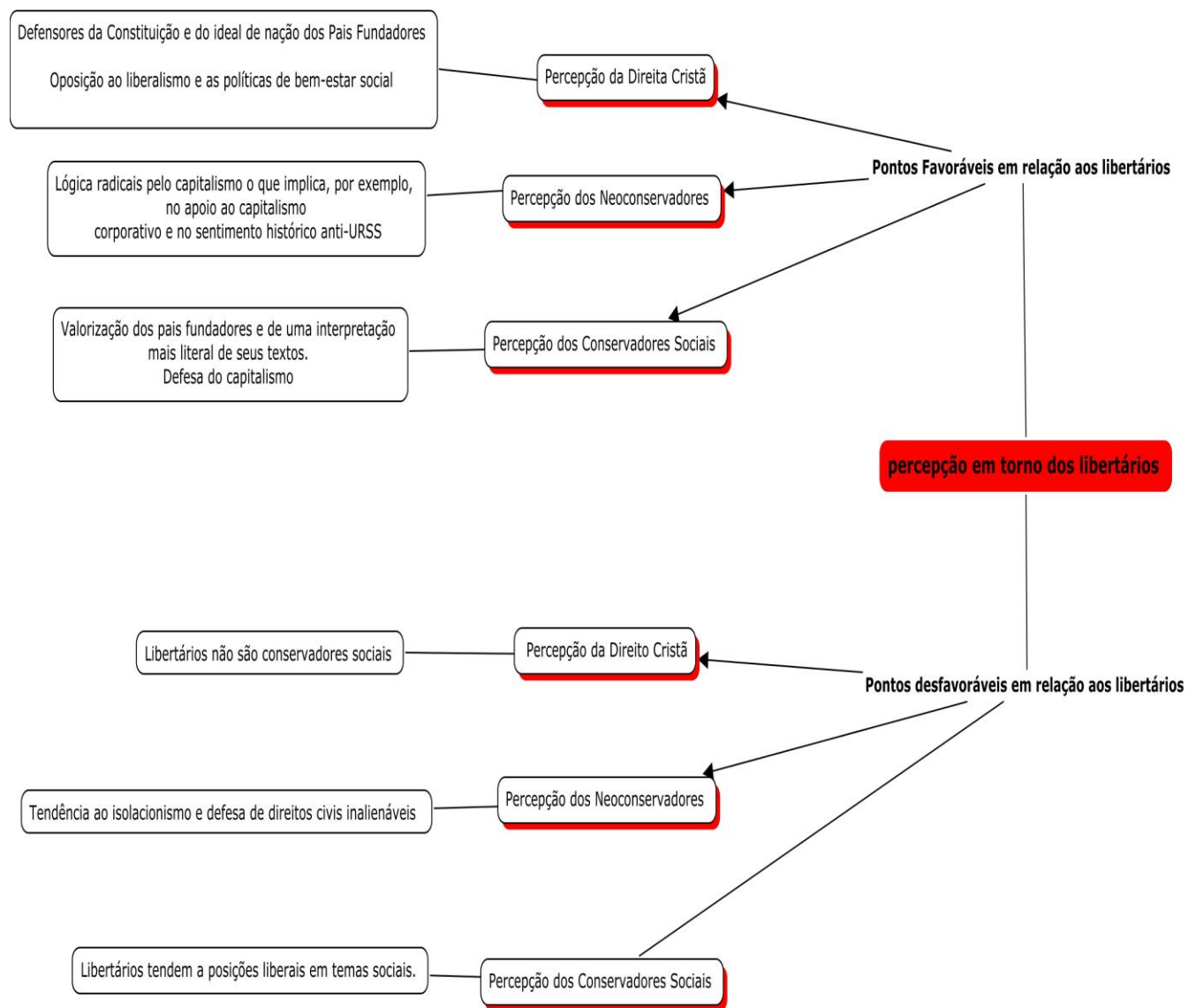


Figura 5 Percepções sobre os libertários

Fonte: Produção do próprio autor

Quadro 6 A percepção dos progressistas e dos conservadores em torno da Direita Cristã

Ativistas cristãos segundo progressistas	Ativistas cristãos segundo conservadores
Tendência ao fanatismo e ao proselitismo.	Vida correta pautada por valores e por uma moral religiosa
Tendência ao radicalismo.	Valorização do casamento e da família tradicional.
Tendência à intolerância religiosa.	Conscientes da importância da liberdade religiosa.
São manipulados pelo partido Republicano	Conscientes politicamente, tanto para temas da comunidade, quanto da política internacional.

Fonte: Produção do próprio autor.

Diante destes quadros, com diferentes percepções, ganha força a ideia de guerra cultural, um conceito, uma ideia, mas, sobretudo, uma motivação para organização e mobilização políticas. O que entendemos como o conceito de guerra cultural, tal como nos trabalhos em Dias e Finguerut (2012) é:

O conceito de guerra cultural, definido inicialmente por Hunter³⁴ como uma ruptura da sociedade entre dois blocos um progressista e outro ortodoxo, e que foi extensivamente debatido durante as décadas de 1990 e 2000, onde autores argumentavam que sua existência era resultado da mobilização de duas elites radicalizadas e que não atingia o total da população, havia conseguido uma incrível visibilidade nas mídias que norteavam as disputas políticas do país a partir das crescentes batalhas culturais e nelas englobavam-se questões como: aborto, direito de minorias (como homossexuais), religião, família, drogas, educação (como a questão da necessidade de proteger os cânones da literatura ocidental) e imigração. A característica principal da visão conservadora sobre a guerra cultural vem a reboque de uma percepção da existência de uma crise moral na sociedade, de um sentimento de que as transformações que modernizariam e tornariam mais tolerante a sociedade estadunidense representariam também sua decadência.

³⁴ Hunter, 1991, P. 42.

Esta ideia de polarização (de guerra cultural) cria uma divisão que muitas vezes fomenta o surgimento de bolhas culturais, conforme a constatação de alguns de nossos entrevistados. O prof. Bryan McCain³⁵ enfatiza, por exemplo, que ao mesmo em que os conservadores denunciam o consumismo e a decadência cultural dos liberais, eles próprios têm seu mercado, seja em termos materiais (como, por exemplo, centros de compras para adeptos de *homeschooling*³⁶ ou as mega-livrarias apenas com livros evangélicos) ou, em termos culturais, com festivais de música de *christian rock* ou de música gospel, ou ainda valendo-se do grande apelo popular da música *country* (gênero que, segundo McCain, tem diversas canções com forte viés conservador, com letras enaltecendo valores da família, ou que remetem ao patriotismo, aos valores tradicionais e ao conservadorismo social).

Phyllis Schlafly, por exemplo, em entrevista³⁷ aos autores, quando questionada sobre o perfil mais liberal das novas gerações, em sua explicação credita este dado à educação liberal das escolas públicas e à cultural liberal das últimas décadas, sobretudo à produção cinematográfica de Hollywood, mas também aos jogos eletrônicos e à cultura dos jogos virtuais ou em rede³⁸. Já McCain prefere relativizar a acusação da proeminência de uma indústria cultural liberal lembrando que há filmes para o público conservador, notando ainda o caráter hipócrita dos conservadores de criticar filmes aos quais muitas vezes se habituaram a assistir, mesmo que apenas para serem críticos. Em síntese, para McCain os conservadores adotam uma crítica da sociedade de consumo, mas estão inseridos nela totalmente, o que em síntese apenas serve para alimentar a “guerra cultural”, que passa a se justificar por si mesma.

Outro aspecto decisivo para entendermos as formas e consequências da guerra cultural é compreender o papel da mídia e dos meios eletrônicos de informação neste contexto. Quando questionamos o jornalista Tim Carney³⁹, do jornal de linha conservadora, *Washington Examiner*, sobre a existência de uma “guerra cultural”, sua resposta foi afirmativa e, para ele, esta

³⁵ Cf. entrevista na íntegra no apêndice.

³⁶ Termo referente à prática de ensinar os filhos em casa sem matriculá-los num escola pública ou particular.

³⁷ Cf. entrevista na íntegra no apêndice deste trabalho.

³⁸ No Original: “Young people nowadays, are more liberal because of what they’ve been taught in school. The schools no longer teach what they should about American History, the founding of our country or what America stands for [...] and Hollywood is very liberal [...] Also, very violent videogames the young people play, this is a very destructive element on our society. Cf. íntegra da entrevista no apêndice desta tese.

³⁹ Cf. íntegra da entrevista no apêndice desta tese.

guerra é positiva para os liberais, que uma vez no poder, forcem uma agenda que pressupõe que toda a população seria formada por liberais-progressistas como eles. Carvey, em entrevista ao autor, cita como exemplo a atual conjuntura da administração Obama. Para ele, ao propor a universalização do acesso à saúde, o governo do presidente democrata estaria forçando as pessoas religiosas e conservadoras a aceitarem uma visão de mundo progressista que incluiria, por exemplo, acesso a contraceptivos ou ao aborto⁴⁰.

Esta ideia de imposição de uma agenda liberal também motivou outros atores a entrarem na guerra cultural. Rick Santorum, por exemplo, ex-senador pela Pensilvânia e que foi pré-candidato à presidência pelo Partido Republicano em 2008, declarou em conferência no *Values Voters Summit 2013*⁴¹ se sentir ofendido por Hollywood e seus filmes com mensagens liberais e, sobretudo, anticristãos, e decidiu criar seu próprio estúdio cinematográfico, o *EchoLight Studios* que lançou seu primeiro filme no Natal de 2013 com mensagem cristã⁴². Os estúdios *Jeremiah Films*, empresa fundada por Patrick Matrisciana, no final dos anos de 1970, produzem filmes e documentários combatendo o que definem como forças humanistas-seculares desde o final dos anos 1970. Além de uma longa lista de filmes, há também inúmeros documentários visando investigar e desmascarar movimentos supostamente aceitos pelos liberais, mas que seriam vistos pelos conservadores uma ameaça aos EUA e ao cristianismo, como exemplo o crescimento dos movimentos esotéricos, curas alternativas, o Wicca⁴³, o paganismo, entre outros⁴⁴.

O médico Anthony Atkins, de Ohio, relata a Fox News que, após se cansar de ver “a influência negativa da cultura do *rap* violento” – que muitas vezes incentiva a promiscuidade, a violência e o comportamento fora da lei – decidiu financiar a produção de um CD daquele gênero

⁴⁰ No original: Yes, I think there is a culture war and I think largely involves the cultural left, using government to infringe on the liberty of religious conservatives, so, the Obamacare, the contraception mandate It is basically says that as an employer or as an employee you have to give up your conscience, your Catholics ideals and accept – because the government tells you so – and provide the contraceptives, the morning after pill etc. Cf. entrevista na íntegra nos apêndices deste trabalho.

⁴¹ Cf. conferência em < <http://www.frcaction.org/get.cfm?i=PG13J03>> Acessado em 14.12.13.

⁴² O filme se chama *The Christmas Candle*, é um filme de época, sob o Natal, mas com forte mensagem religiosa.

⁴³ Considerado um movimento contemporâneo de retoma a ideia de bruxaria. Cf. site oficial < <http://www.wicca.org/>> Acessado em 10.10.2013.

⁴⁴ Entre os títulos de maior êxito do estúdio de Patrick Matrisciana estão *The Clinton Chronicles*, que investiga uma rede de conspiração encabeçada pelo então jovem advogado e político do Arkansas, Bill Clinton. E a série *The Pagan Invasion* dividido em 13 episódios, que visa denunciar o crescimento do paganismo nos EUA. Cf. site oficial em < <http://www.jeremiahfilms.com/> > Acessado em 04.11.13.

musical, mas com letras positivas e educativas visando influenciar positivamente os adolescentes⁴⁵.

Esta polarização também está no mundo da tecnologia. No ramo dos *smartphones* e *tablets*, a empresa *2nd Vote* desenvolveu um aplicativo com o mesmo nome que visa auxiliar consumidores conservadores a fazerem suas compras em estabelecimentos que são bem avaliados por outros conservadores ou que podem investigar as corporações para saber se não estão financiando grupos ligados aos liberais.

1.5 A Mídia Conservadora: “Jeremias Modernos”, Retórica e Guerra Cultural

“Criança sonha com circo, presidentes sonham com jornais e emissoras que compreendam e defendam seus governos” Elio Gaspari⁴⁶.

A percepção de que um governo liberal que impõe uma cultura liberal é o contexto que alimenta a proposta combativa do canal de notícias a cabo, Fox News. Interessante notarmos que a Fox News não se apresenta como uma voz conservadora. Ao contrário, a rede se mostra como *fair & Balanced*⁴⁷, ou seja, ela pressupõe uma guerra cultural e dentro dela se propõe a fazer justiça e mostrar outros lados, denunciando falsas verdades e resgatando outras verdades históricas. Os outros lados em questão são as versões e verdades do conservadorismo americano. Dentre os principais programas e âncoras mais famosos como Sean Hannity⁴⁸, Bill O'Reilly⁴⁹,

⁴⁵ Cf. Notícia em <http://www.limaohio.com/news/local_news/article_dd3425a2-4f2a-5d02-99d0-2941fe4dc400.html> acessado em 10.10.2013.

⁴⁶ In: A maldita imprensa burguesa (ou esquerdista); Folha de S. Paulo, A14, 08/12/13.

⁴⁷ Em português seria algo como “justa e ponderada”.

⁴⁸ Antes de ter seu próprio programa em horário nobre, Sean Hannity já era um radialista conservador famoso. Seu perfil mescla conservadorismo social com populismo.

⁴⁹ Bill O'Reilly comanda o programa mais tradicional da Fox News, o *The Factor*. Apesar de se defender como independente, seu programa tradicionalmente começa com a leitura de texto, em formato de editorial no qual geralmente ele tenta responder ou comenta algo tirado de um jornalista, programa ou celebridade do universo da mídia liberal. Suas entrevistas são geralmente com jornalistas ou personalidades que apresentam pontos de vistas e ideias opostas a do apresentador e entrevista geralmente tem o tom de confronto e disputa ideológica. Paralelamente ao trabalho na Fox News, Bill O'Reilly tem uma carreira bem sucedida como escritor, seus livros fazem um revisionismo histórico muitas vezes com forte teor patriótico e conservador.

Greta VanSusteren⁵⁰, Mike Huckabee⁵¹, Jeanine Pirro⁵², Glenn Beck⁵³ e John Stossel⁵⁴, todos são conservadores ou abertamente simpáticos às ideias conservadoras e usam seus programas para, muitas vezes, responder a âncoras, jornalistas, ativistas ou abordagens liberais de outras mídias.

Quando estes âncoras e estrelas da Fox News entrevistam alguém do campo liberal, as colocações e argumentações são persuasivas e enfáticas no sentido de se buscar, no limite, que o entrevistado concorde com o entrevistador. No caso da entrevista entre Bill O'Reilly e o presidente Barack Obama, por exemplo⁵⁵, o entrevistador, em diferentes momentos, buscou enquadrar o candidato democrata como de esquerda ou como liberal, ou mesmo como centrista, buscando que o entrevistado respondesse algo como “sim, sou de esquerda” ou “sim, sou liberal e defendo a expansão das atividades e dos poderes do governo”; percepções que os telespectadores do canal estão acostumados a ouvir e que é constantemente reforçado.

Esta estratégia de entrevista nos mostra as funções políticas do que se diz e, sobretudo, da forma como se diz. A relação entre o discurso conservador da Fox News e sua audiência cria uma subjetividade comum que, por sua vez, passa a funcionar como uma espécie de *script* no qual se encaixa um modelo ou percepção já pronta, definida⁵⁶, seja retratando um governo como liberal, seja frisando uma visão de mundo que reverbera entre conservadores. Esta relação da Fox News com sua audiência manipulando o discurso liberal/conservador mais a beneficia do que propriamente alimenta ou apenas perpetua a guerra cultural.

⁵⁰ Greta é jornalista e suas participações geralmente são através de entrevistas com personalidades conservadoras.

⁵¹ Huckabee foi governador do estado do Arkansas pelo partido republicano e também foi um dos pré-candidatos republicanos nas primárias para a eleição de 2008. Seu programa de entrevistas tem clara ênfase conservadora.

⁵² Jeanine Pirro é ex - juíza e apresenta e comenta notícias com forte viés criminal e com uma visão conservadora.

⁵³ Glenn Beck tem perfil conservador com ênfase em temas sociais. Sua retórica mescla patriotismo com forte teor sentimental. Seu programa atingiu algumas das maiores audiências da Fox News, até sua saída em 2011, quando passou a transmitir seu programa numa rede própria com base virtual, a *The Blaze TV*, que funciona sob assinatura.

⁵⁴ Stossel trocou de canal de televisão em 2009, saiu do ABC News, de perfil liberal para a Fox News, conservadora. Desde então ganhou um programa próprio no canal filiado a Fox, o Fox Business, no qual comanda seu próprio programa em horário nobre com entrevistas e reportagens de perfil libertário. Stossel muitas vezes faz o papel de “advogado do diabo” questionando e apresentando as premissas e os argumentos tanto dos conservadores, mas, sobretudo, dos liberais sobre diferentes temas, como por exemplo, o papel do governo, o capitalismo e o comportamento das pessoas. Cf. site oficial em <<http://www.foxbusiness.com/on-air/stossel/blog/#>> Acessado em 12.10.2013.

⁵⁵ Cf. em <<http://youtu.be/bwu2-StjbNY>> Acessado em 06/10/2013.

⁵⁶ Tal como lembra Franklin Leopoldo e Silva em palestra no dia 23/8 realizada Sesc Vila Mariana em São Paulo, ao discutir “O risco do fracasso” citou Merlon Ponty, que bem sintetiza nosso argumento neste ponto: Para ser entendido é preciso falar aquilo que já foi dito.

A abordagem mais combativa – e muitas vezes militante – das notícias e da forma de apresentá-las trouxe resultados positivos à Fox News. Tal aspecto editorial não só a mantém como líder de audiência em seu segmento⁵⁷ como também apresenta um fenômeno novo no ramo dos canais de notícias a cabo, que é a fidelização de um público. Assim como nos mostra Matt Wilstein (2013), a emissora conquistou uma audiência fiel entre pessoas mais velhas (com 65 anos ou mais) e, tal como também enfatiza a pesquisa de Skocpol e Williamson (2012), muitos *Tea Parties*⁵⁸ confiam e assistem exclusivamente à emissora, chegando a passar de quatro a seis horas diárias vendo o canal.

A parcialidade editorial e o predomínio da emissora perante o público de viés conservador só fazem aumentar a percepção da existência da chamada guerra cultural. Uma ocorrência, narrada a seguir, é bastante ilustrativa do que queremos dizer: em nossa pesquisa de campo realizada em novembro de 2008, na noite pós-eleições presidenciais, acompanhávamos a cobertura da apuração do pleito presidencial através de várias fontes (televisiva e eletrônica). Em dado momento, a vitória de Barack Obama já era anunciada amplamente por praticamente todas as fontes, exceto pela Fox News, que insistia em dúvidas e possibilidades de vitória republicana. Questionado sobre estes temas, Gerald Alexander⁵⁹, professor de Ciência Política da Universidade da Virgínia e *scholar* do AEI, deu-nos a seguinte resposta:

Eu tenho dúvidas quanto aos efeitos da Fox News. Você acha que eles poderiam ter mudado o resultado das eleições? Mesmo se pensarmos em seu pico de audiência, estamos falando de um universo de cinco, seis milhões de pessoas que já são majoritariamente conservadoras, então se eles recebem informações desencontradas ou são confundidos, isso não tem um efeito mais amplo. No final das contas Obama ganhou do mesmo jeito.

Vale notar que, no caso da Fox News, o viés conservador não é apresentado como uma alternativa ou como opção editorial pelo direcionamento de canal específico para um público específico. Tal como nos mostra Dijk (2008), a emissora parece seguir à risca que “a gramática

⁵⁷ Segundo Raul J. Lores (2013) em 2013 a Fox News teve audiência média de 2,1 milhões de telespectadores na faixa entre 20h e 23h contra 716 mil da MSNBC e 433 mil da CNN.

⁵⁸ Ativistas conservadores associados à ideia de um Tea Party contra a administração de Barack Obama (2008 -).

⁵⁹ No original: Do you think they could change the election? There is a lot of confusion, but just among their viewers. If Fox News material change the result of the election, but otherwise, who cares about that? Among their views, I mean, I am not saying It can't have effects, the effects is in its viewers, that is the point, they have five million people tops most of them already conservatives, in the end of the day Obama was reelect. Conferir entrevista na íntegra em inglês no apêndice deste trabalho.

da língua é a mesma para os que são de esquerda como para os que são de direita”. A proposta é ter um canal de notícias combativo, disposto a lutar pela audiência mostrando muitas vezes as falhas e as distorções dos concorrentes e dando espaços aos seus âncoras, convidados e comentaristas para argumentarem e muitas vezes denunciarem a agenda de seus inimigos políticos, chamados por muitos nomes, como progressistas, liberais, democratas, humanistas seculares, feministas radicais, antiamericanos, etc.

Outro traço marcante da identidade editorial do canal a cabo é o alarmismo, apresentado através dos argumentos da ameaça e da perversidade, tal qual nos é apresentado por Hirschman (1992). O argumento da ameaça surge constantemente na programação do canal de notícias, seja diante da percepção de ameaça da agenda progressista, seja na forma das políticas liberais dos burocratas em Washington D.C., ainda pela propagação da cultura do medo⁶⁰, alertando sobre riscos de ataques terroristas, sequestros, crimes violentos, perseguições policiais, catástrofes ambientais ou acidentes trágicos. E o argumento da perversidade surge sempre que se discutem programas sociais do governo. Diante do governo Obama, por exemplo, o caso clássico do uso de tal recurso foi a atuação da emissora no período de implementação do plano de saúde universal pelo governo federal (conhecido como *Obamacare*), argumentando que pessoas estariam perdendo sem planos de saúde ou argumentando que pessoas religiosas passaram a ser obrigadas a, por exemplo, oferecerem contraceptivos a seus funcionários. Em síntese, desta forma, o êxito da Fox News, que aparece na forma de sua grande audiência está, portanto, no controle das emoções do público.

Em se tratando de guerra cultural, nossa percepção é a de que os conservadores agem na defensiva, no sentido de defender fervorosamente seus princípios, como casamento heterossexual, as verdades bíblicas e religiosas, o direito à vida, além de defender o cidadão comum da influência da mídia liberal e da indústria cultural em geral (segundo eles, aliados aos interesses liberais e progressistas). Se por um lado, como aponta Gerald Alexander, podemos relativizar e duvidar dos reais impactos da Fox News para além de sua audiência (que não passa de um teto de 5 ou 6 milhões de telespectadores), por outro, um dado concreto se mostra presente: a crescente polarização da mídia televisiva leva a um aumento da desconfiança do

⁶⁰ Para uma discussão mais detalhada Cf. de Barry Glassner, *The Culture of Fear: Why Americans Are Afraid of the Wrong Things: Crime, Drugs, Minorities, Teen Moms, Killer Kids, Mutant Microbes, Plane Crashes, Road Rage, & So Much More*. Basic Books, NY, 2010.

público quanto à veracidade e à imparcialidade do que está sendo noticiado. Como notamos na pesquisa Gallup de setembro de 2013, 55% da população sinaliza não confiar nas mídias de massa (incluindo canais de notícias, jornais, etc.). Tal índice tem atingido um pico de 60% em 2012. Interessante notar que a confiança na mídia de massa é maior entre simpatizantes do Partido Democrata (60%) do que entre republicanos (37%) e quando a pesquisa pergunta se a mídia tende a ser mais liberal ou conservadora, 46% indicam ser mais liberal e apenas 13% tomam-na por conservadora. Esta pesquisa nos ajuda a entender o sentimento de ação defensiva que muitos atores adotam dentro do conservadorismo quando se propõem a enfrentar a mídia liberal.

Quando expandimos o universo de pesquisa em torno da guerra cultural para o espaço virtual, seguimos com dificuldade para mensurar os impactos mais amplos. Contudo, encontramos mais elementos que nos ajudam a entender como estes atores se mobilizam, como constroem sua argumentação e o que almejam. Ainda no campo da mídia, alguns portais de notícias na internet têm como propósito o embate com os meios de viés liberal. O site *Accuracy in Media*⁶¹, por exemplo, se apresenta de forma semelhante à Fox News, buscando uma cobertura que seja aparentemente justa e balanceada. Contudo, suas notícias, relatórios e chamadas – na forma de alertas, investigações e manchetes – procuram desconstruir ou mostrar evidências supostamente ocultadas pela cobertura da mídia liberal. Da mesma forma, trabalha o *Media Research Center (MRC)*⁶², que denuncia a cobertura liberal como sendo parcial, corrupta e muitas vezes dada a censurar e a filtrar os fatos. Em seu portal de notícias, o MRC mostra muitas vezes trechos retirados de canais de televisão ou de grandes jornais impressos questionando a veracidade do que está sendo dito, afirmado ou apontando como o meio em questão está sendo parcial. De forma semelhante, mas denunciando as falhas, contradições e muitas vezes a hipocrisia de atores, personalidades e da própria mídia conservadora, o canal de notícias *online* no portal de vídeos *Youtube*, *The Young Turks*⁶³ (que desde 2011 mantém em formato de bancada de notícias), expõe uma série de âncoras e jornalistas que fazem entrevistas e noticiam fatos e contradições que afetam principalmente a imagem dos conservadores nos Estados Unidos.

⁶¹ Cf. site oficial em < <http://www.aim.org/> > Acessado em 12.10.2013.

⁶² Cf. site oficial em < <https://www.mrc.org/> >

⁶³ Cf. em <<https://www.youtube.com/user/TheYoungTurks>> . Cf. também site oficial <<http://www.tytnetwork.com/>> Acessado em 12.10.2013.

Mark Smith (2007), cientista político e professor da *University of Washington*, entende que a mídia conservadora, tendo a Fox News como um tipo ideal, sempre enfrenta o dilema entre enfrentar seus adversários e conquistar um espaço ou acomodar-se e correr o risco de ser derrotada. Para este autor, mais importante que o conceito de “guerra cultural”, devemos nos atentar para papel da retórica que permite influenciar essa audiência. Em seus termos (Smith, 2007, p. 16): “A retórica representa a moeda vigente para os políticos, é por ela que se passa tudo o que realmente é importante⁶⁴”. A retórica, para Smith, está na raiz na formação das preferências dos atores políticos. Em síntese, com base em sua discussão, temos a seguinte linha de raciocínio⁶⁵:

⁶⁴ No original “rhetoric thus represents the currency of politics, in that everything important passes through it (p. 16)

⁶⁵ Organograma construído com base na discussão de Smith (2007)

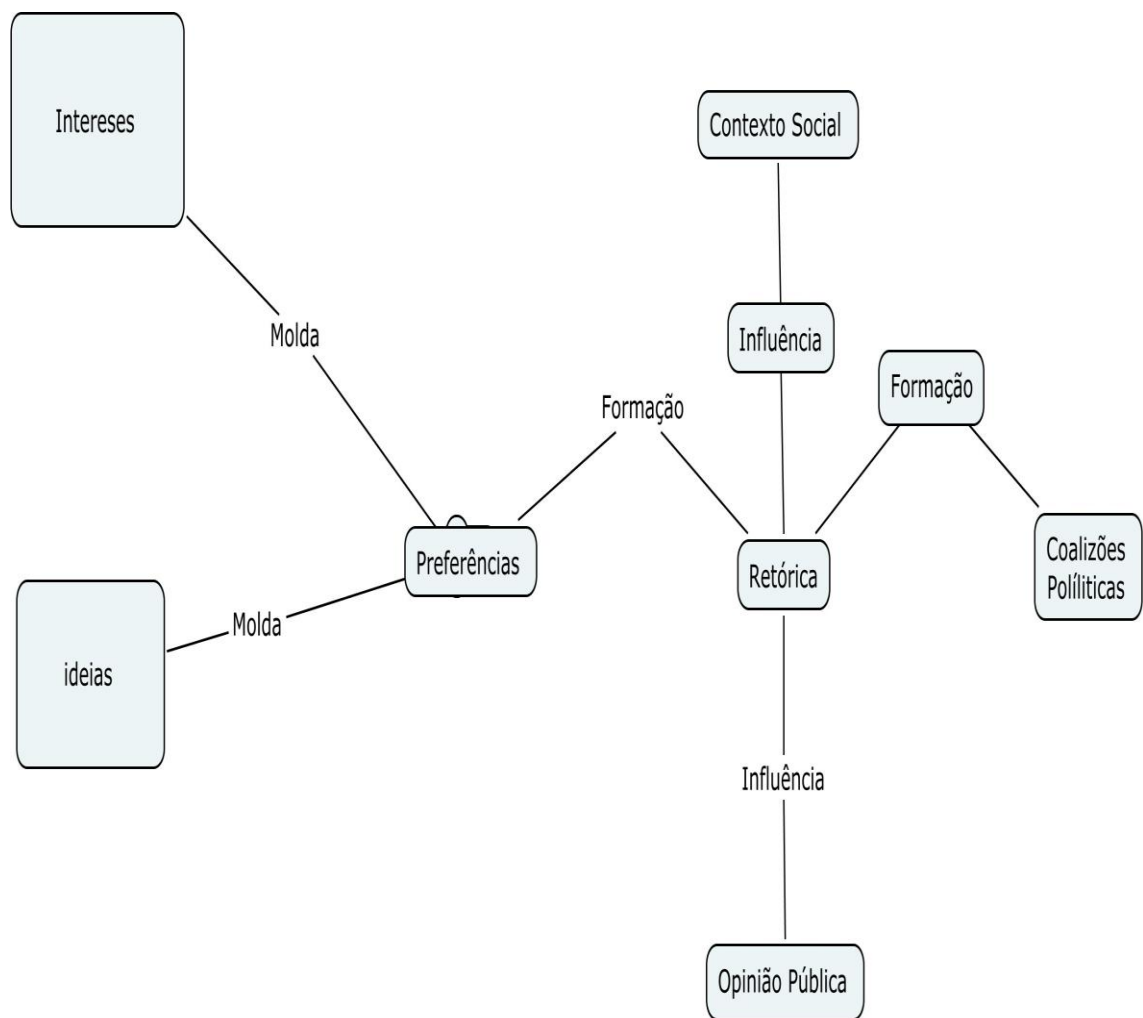


Figura 6 Preferências, retórica e formação das coalizões

Fonte: Produção do próprio autor

Ao enfatizarmos o papel da retórica, encontramos um bom instrumento para nos ajudar a entender como são construídos os argumentos, dentro da “guerra cultural” entre liberais-progressistas e conservadores e, por que muitas vezes, tal embate faz aflorar um discurso de ódio.

Neste sentido, Daniel McCarthy, editor da *The American Conservative*, em texto de 2005, cita Arthur Schopenhauer, que em sua obra *The Art of Always Being Right*⁶⁶ de 1831, enfatizava que uma das saídas mais eficientes para vencer um debate é enquadrar a argumentação do oponente numa categoria de ódio. Mark Stephen Jendrysik, professor de ciência política da University of North Dakota, em programa de rádio⁶⁷, por ocasião do lançamento de seu livro⁶⁸, explica como alguns ícones da guerra cultural midiática como, por exemplo, Michael Moore ou Bill O'Reilly são boas representações do que ele chama de “Jeremias” modernos.

A figura do Jeremias remete ao profeta que pregava pelas tradições e pela importância de resistir às mudanças. O discurso do Jeremias é geralmente pautado por um senso de urgência e de ameaça, diante de um futuro que anunciaria o início de uma era de declínio. Se para os liberais, o avanço da agenda conservadora nos levaria ao fundamentalismo religioso, na leitura dos conservadores o avanço da agenda liberal levaria os americanos ao estado totalitário. Não haveria volta, soluções ou mudanças de rumos ou muito menos mudança de ideia. Neste sentido, há tanto o Jeremias liberal como o Jeremias conservador, cada um falando pela perspectiva de estarem no lado da maioria – o que, como bem sintetiza o estrategista político Karl Rove, a questão não é convencer o outro lado, mas sim atingir os 50% mais um⁶⁹.

Neste processo, os “Jeremias” tendem a radicalizar seus discursos e, nos termos de Jendrysik (2012), acabam por criar e perseguir demônios que podem ser os fundamentalistas religiosos, os emigrantes, os gays, etc. Robert Reich, professor da *University of California* e com várias passagens por governos democratas e uma por um governo republicano, relata em documentário⁷⁰, no qual protagoniza, como que, ao longo das últimas décadas se viu transformado em um dos demônios da mídia conservadora. Mostrando imagens de arquivo da

⁶⁶ Tradução para o inglês. No original a obra chama-se: *Eristische Dialektik: Die Kunst, Recht zu Behalten*.

⁶⁷ Cf. em <<http://www.philosophyinpubliclife.org/Why/digitalarchives/audioarchives/WHY005-MarkJendrysik.mp3>> Acessado em 03/11/2013.

⁶⁸ *Modern Jeremiahs: Contemporary Visions of American Decline*. Lanham, Maryland: Rowman and Littlefield, Lexington Books, 2008

⁶⁹ Michael Barone (2008, p. 12) classifica esta estratégia como de trincheira na qual em seus termos: “é um conflito com muitas batalhas amargas e sem uma vitória final” (No original: A conflict of many bitter battles and no final victories).

⁷⁰ *Inequality for All* (2013). Cf. site oficial em <<http://inequalityforall.com/>> Acessado em 04.11.13.

Fox News, Reich retrata como os mesmos apresentadores – Bill O’Reilly e Sean Hannity – o recebiam e o tratavam como amigo em seus programas em meados dos anos de 1990 e como passaram a retratá-lo nos últimos anos, tachando-o de “maluco socialista”.

O caso de Robert Reich reforça o argumento de Jendrysik (2012), que enfatiza o papel dos “Jeremias” modernos, mas também reforça a percepção de Mark Smith (2007), que valoriza o papel da retórica. Em nossa discussão, a apresentação de todos estes casos nos ajudará a entender as estratégias e as articulações do pensamento conservador contemporâneo nos EUA. Esta discussão está atenta aos argumentos e à construção e articulação das ideias e argumentos que o reforçaram, justificam e legitimam-no e que, em síntese, levam os conservadores a se mobilizarem politicamente.

Sintetizando as ideias: O Ciclo dos conceitos e ideias que sustentam a argumentação e a visão de mundo do conservadorismo

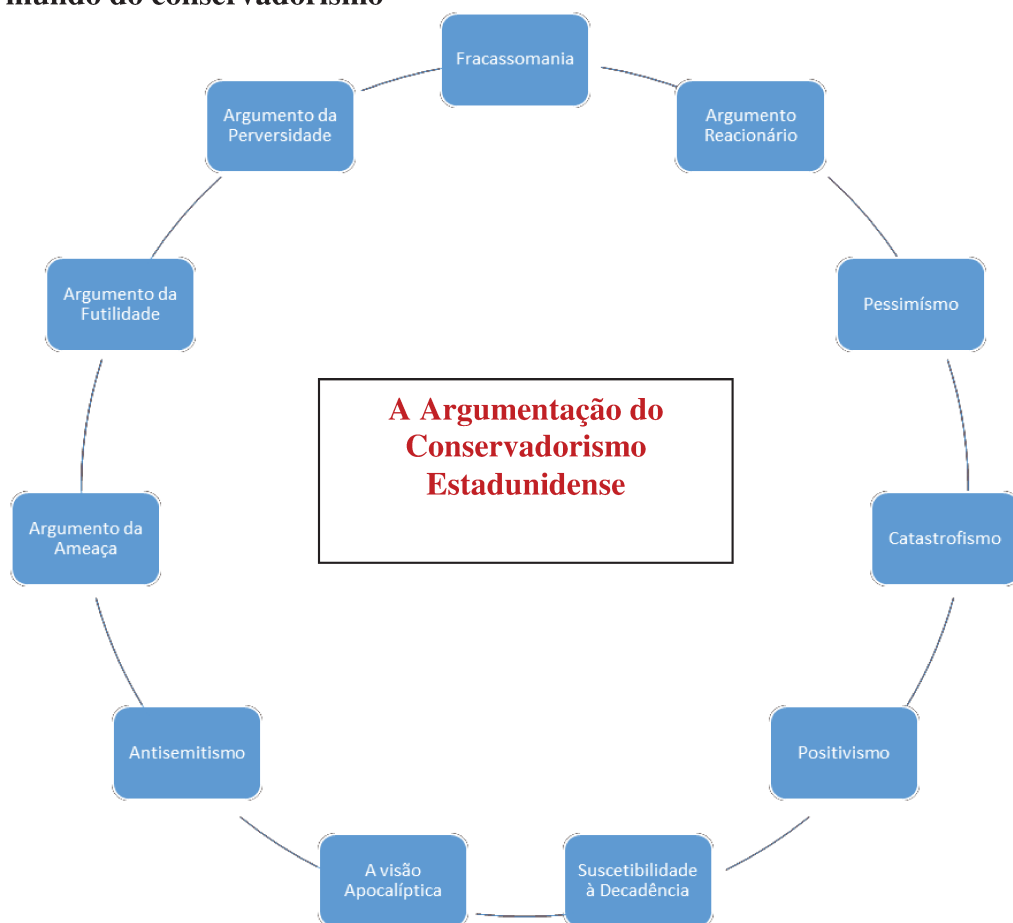


Figura 7 A Argumentação do Conservadorismo Estadunidense

Fonte: criação do autor.

Este quadro de ideias, conceitos e argumentos é um instrumento do qual nos utilizaremos para destacar os argumentos e, ao mesmo tempo, buscar organizar e mapear o discurso do conservadorismo americano. Foi montado com base em nossa pesquisa de campo, mas também na pesquisa bibliográfica e também em diálogo com a discussão desta sessão em torno da tipologia conservadora. Nossa intenção é enfatizar quando estes argumentos aparecem, em qual contexto, para assim dispormos de um instrumento capaz de ilustrar nossa discussão acerca das formas de mobilização, da retórica e das formas de argumentação do conservadorismo americano.

Este quadro irá nos auxiliar também a entender a discussão feita, até agora, em torno dos conflitos, desconfiças e embates que ocorrem entre os diferentes grupos, atores e agendas do conservadorismo americano.

1.6 As desconfiças, suspeitas e as ênfases argumentativas do conservadorismo americano

Com base na tipologia proposta e no quadro de ideias que apresentamos e construímos até agora, podemos propor uma discussão em torno dos pontos de divergência e de convergência que existem entre os conservadores. Neste processo, destacaremos os temas que permitem alianças, o que nos possibilitará discutirmos e apresentarmos em seguida as formas de mobilizações destes atores.

Um primeiro ponto de articulação e, talvez o mais comum e genérico, é a oposição à agenda progressista de governo que, em síntese, propõe novas formas e a expansão de programas de bem-estar social. Libertários enfatizam a economia, conservadores sociais enfatizam a cultura, religiosos a importância da religião e os neoconservadores enfatizam que as posturas reformistas e os projetos de bem-estar social simplesmente não funcionam, não apresentam resultados desejados e muitas vezes criam problemas ainda piores do que os originais.

Outro ponto de base é pensarmos no ideal de nação e nos alicerces que sustentam o vigor do poderio americano. Conservadores tendem a se dividir neste ponto: um grupo propaga a

excepcionalidade americana e reforça a supremacia militar do país, entendendo o poder dos EUA como positivo para o mundo. Mas há um outro grupo que em parte é descrente da tese da excepcionalidade e vê com pessimismo e descrença os rumos dos Estados Unidos, tanto em sentido de poder, mas, sobretudo, em termos culturais. Este grupo destoante é chamado na literatura como “paleoconservadores”, mas também podem ser isolacionistas (quando a referência são os neoconservadores), ou também fundamentalistas (quando a referência é a Direita Cristã).

Tanto os paleoconservadores, como os fundamentalistas apresentam uma leitura social, econômica e cultural mais pessimista e buscam, ou no nacionalismo, ou no fundamentalismo religioso uma alternativa diante da decadência e da crise que diagnosticam.

Outro recorte possível é pensarmos na distinção entre conservadores e paleoconservadores tal como nos mostra Rossiter (in: Schneider 2003), com base na crença e nas disputadas em torno da democracia, entendida como um modelo de representação e de disputa entre atores políticos. Na abordagem fundamentalista ou paleoconservadora haveria a busca por um governo de linhagem aristocrática, se não teocrático. Os conservadores, em contrapartida, seriam aqueles que aceitaram as regras e o modelo democrático, porém, buscam reforçar e proteger aspectos que consideram importantes, como a centralidade da família, da religião, o livre mercado na economia e uma política externa pautada pelas teses da excepcionalidade americana.

Outra inferência possível é pensarmos num recorte entre uma nova direita diante de uma velha direita. Dentre os autores que trabalham com este enfoque, podemos citar Francis (in: Schneider 2003) e Diamond (1995), que trazem outras referências acerca desta dicotomia.

Francis (in: Schneider 2003) assinala o caráter mais populista da Nova Direita, que seria representado por aqueles que na passagem entre as décadas de 1960/70 cansados dos modelos e fórmulas de intervenção estatal na economia e na sociedade passaram a denunciar, tanto o fracasso destas políticas como também inventaram tipos para denunciar a criação de novas injustiças, como exemplo as *cadillac mons* ou então os *limousine liberals* ou os *milionários Kennedys*. Como veremos com mais atenção em outro momento deste trabalho, esta percepção é uma clara reação às transformações políticas, sociais e culturais dos anos de 1960.

O recorte que propõe esse antagonismo entre *nova* e *velha* direita decorre da percepção da ascensão de novos atores que buscam uma revitalização da base e das bandeiras conservadoras. Podemos considerar, por exemplo, como representantes da Velha Direita, senadores e políticos importantes do Partido Republicano com atuação entre anos de 1930 e

1950, como Robert Taft (1909-1913) e Herbert Hoover (1929-1933) que, muitas vezes, usaram a tribuna do Senado para denunciar o expansionismo desenfreado da política externa dos EUA ou alertar sobre os riscos da abertura comercial. Não somente as táticas do senador Barry Goldwater, mas também as marchas e a mobilização lideradas por Phyllis Schlafly contra o feminismo sinalizam para uma crítica e uma forma de mobilização que continham novas estratégias e novas ambições, estavam ali as sementes para uma Nova Direita nos EUA.

Para Francis (in: SCHNEIDER, 2003), a Nova Direita (ND) proporciona ao conservadorismo americano uma nova dimensão na medida em que articula de forma inédita uma ideologia política com uma coalizão eleitoral e um movimento social, o que Warren (1976) classificou como “Radicais de Classe Média”, entendidos como pertencentes a uma geração que entrou na vida adulta nos anos de 1960 e que tinha como algumas características básicas, o fato de serem religiosos e “verdadeiros WASP⁷¹”. Em síntese, esta classe média radical, desolada, passou a entender o governo como uma instituição que, ora favorecia os mais ricos, ora mais pobres. Mais do que sentir-se injustiçada, tal classe se via como vítima de uma elite, que morava em grandes cidades, vivendo um modo de vida cosmopolita. Para Francis e também Warren (1976; in: Schneider 2003), esta elite passou a ser chamada de liberal, como referência ao perfil de políticos que atuaram nos governos entre 1930 e 1960, cujos marcos eram o *New Deal*, de Franklin D. Roosevelt e a *Great Society*, de Lyndon Johnson.

Esta elite liberal se sustentaria no poder a partir de uma aliança entre sindicatos, minorias étnicas e outros beneficiários das políticas de bem-estar social. A burocracia estatal também dominada pelas ideias liberais buscaria, na visão dos conservadores, o domínio, tanto econômico, como também a expansão de seus domínios através da influência da elaboração das leis, da própria cultura e dos valores morais. A Nova Direita seria, portanto, o grupo formado pelos excluídos, distantes dos grandes centros urbanos, críticos dos programas sociais e avessos à lógica burocrática de pensar a ação estatal como um instrumento de progresso. Nos termos de Francis (in: Schneider 2003): “(a Nova Direita) tem ressentimento quanto às políticas de bem-estar social, do paternalismo e a regulação não é baseada numa fé profunda no mercado, mas

⁷¹ A sigla WASP traduzida para o português sintetiza a ideia de uma pessoa que é branca de ascendência anglo-saxã e protestante.

simplesmente num senso de injustiça, injustiça nos programas de bem-estar, nos impostos e das regulações sufocantes”⁷².

A nascente Nova Direita almejava, em síntese, redirecionar o Estado e a ação governamental para o crescimento econômico, entendido como algo independente de qualquer conceito de justiça social e para uma política externa mais agressiva e nacionalista valorizando a ética do trabalho duro e das tradições e valores sociais para direcionar a política doméstica.

O fator Estado e o papel da economia se mostram como os alicerces desta nascente ND. Como enfatiza Nock (in: Schneider 2003), um dos autores clássicos do pensamento libertário nos EUA, o momento de ruptura ocorre justamente diante da percepção de que o poder estatal na Era Progressista – período comumente referente ao período que vai de 1890 a 1920 – se sobrepõe ao poder social.

Na lógica do New Deal, um dos marcos desta era progressista, o Estado se comporta como o credor da qualidade e das condições de vida de seus cidadãos. Para Nock, este processo cria cidadãos hipocondríacos, totalmente inseguros quanto a suas iniciativas e vontades de forma que tudo passa a ser controlado, mediado, autorizado ou negado pelo Estado.

Para William Buckley (in: Schneider 2003), um dos principais articuladores da ND entre o final dos anos 1960 e começo dos 1970, o principal desafio para a renovação e ampliação da base conservadora estava justamente em convencer o cidadão comum de que o crescimento do Estado, tal como estava acontecendo, seria uma grande ameaça não só para a liberdade econômica, mas também para as pessoas que simplesmente gostariam de empreender (representando, assim, uma ameaça ainda mais ampla contra a liberdade). Neste sentido Buckley (p. 362) alertava: “conservadores não conseguem alertar a comunidade para a interligação entre liberdade econômica e a liberdade individual.” E um segundo alerta: “A tentação é medir liberdade subjetivamente”.

Para Barone (2008), os conservadores, ao se colocarem contra o governos e ao pregarem pela redução do Estado, estão ao mesmo tempo pregando pela ampliação e pela valorização da sociedade civil. Contudo, Barone (2008) chama a atenção para o fato de que há outro fenômeno paralelo à ascensão progressista que, na percepção do conservadorismo, também ameaça à liberdade em sentido mais amplo. É o caso da ascensão e valorização da presidência,

⁷² No Original: “[...] resentment of welfare, paternalism, and regulation is not based on a profound faith in the market but simply on the sense of injustice that is unfair, the welfare programs, the taxes and the stifling regulation.

personalizada numa figura específica de um presidente muitas vezes carismático e proativo. Para este autor, esta valorização da presidência teria começado com Teddy Roosevelt no contexto da 1ª Guerra e sua implicação imediata incorre no fortalecimento do poder executivo que, por sua vez, coloca o presidente não como um mediador entre vários e distintos mecanismos de poder, mas como um ator decisivo, eloquente e influente com poder de comando sob a nação que assim, fica à mercê de suas vontades, convicções ou plano político, deixando de lado – mais uma vez – o que é central para os conservadores, a Constituição em toda sua dimensão e com todas as suas liberdades, garantias e imposição de limites ao governo central e ao poder executivo.

Apesar das críticas ao fortalecimento do executivo e das prerrogativas e do papel do presidente, uma outra forma de pensarmos uma tipologia para o conservadorismo é nos atermos no papel e nos desdobramentos da presidência de Ronald Reagan (1981 – 1989). Para autores como Rusher (in: Schneider 2003), a chegada do cowboy à Casa Branca, as experiências pré e pós-eleitoral, marcam a consolidação dos neoconservadores.

Neste sentido, ser neoconservador não é apenas uma forma de diferenciação em relação a outras matizes de conservadorismo, mas é uma diferenciação geracional e também de foco, uma vez que passariam a ser conservadores com experiência no governo e com novos dilemas a partir desta experiência. Para autores críticos aos neoconservadorismo, como Patrick J. Buchanan ou Samuel Francis, esta nova geração, que se intitula como novos conservadores, teria raízes comuns com a esquerda revolucionária e pouca afinidade com os tradicionalistas, que são conservadores de uma linhagem que remete a Richard M. Weaver, Russell Kirk ou Eric Voegelin. Estas raízes comuns seriam fruto do envolvimento destes atores com a modernidade.

Para Stephen J. Tonson (in: Schneider 2003), por exemplo, os neoconservadores seriam modernistas culturais. Patrick J. Buchanan (in: Schneider 2003) enfatiza que os *neocons* são qualquer coisa menos conservadores quando a análise ocorre no campo cultural. E ele se pergunta uma vez que eles se dizem conservadores o que gostariam de conservar? Será fácil identificar o que os neoconservadores almejam transformar, mas seria difícil identificar o que querem literalmente manter.

Quando autores clássicos do neoconservadorismo, como Irving Kristol, definem sua trajetória como “liberais que se desiludiram com o liberalismo”, conservadores tradicionais suspeitam do neoconservadorismo como um movimento de intelectuais dos quais não se pode esperar princípios claros a serem defendidos e, no mais, sempre paira a suspeita de que se no

passado se desiludiram com o liberalismo, no futuro poderão desiludir-se também com o conservadorismo. Charles Krauthammer, em seu livro de memórias e autobiográfico, no qual reúne três décadas de artigos e textos jornalísticos fazendo um panorama de sua trajetória intelectual⁷³, conta por que trocou o liberalismo da *Great Society*⁷⁴ pelo conservadorismo de Reagan. Em suas palavras (Krauthammer, 2013, p. 55): “como médico eu estou comprometido com a ciência empírica. Se o tratamento está matando o paciente você deve parar com o tratamento. É por isso que eu me tornei um conservador social”⁷⁵.

Usando o mesmo argumento, mas se colocando como um intelectual e não como médico, Francis Fukuyama (2007) discute sua relação com o pensamento neoconservador e como se posiciona diante do legado das intervenções e mudanças de regimes que teriam marcado a política externa neoconservadora do governo George W. Bush (2001 – 2008), mostrando que não insistiria cegamente em posições, posturas ou ideologias que não estariam corretas.

Em síntese, podemos propor como um tipo ideal de neoconservador como: um intelectual (muitas vezes de NY) da geração *baby boom* que se insere numa tradição moderna e que, por críticas históricas ao liberalismo, se alia com os libertários (que também podem ser chamados de liberais clássicos), mas sem, contudo, se aliar ou querer dialogar com a herança histórica do conservadorismo.

Tal como vimos até agora, quando nos atentamos a cada tipo ideal, alguns pontos básicos em comum seriam:

⁷³ Cf. *Things That Matter: Three Decades of Passions, Pastimes and Politics*. Ed. Crown Forum, NY, 2013.

⁷⁴ A *Great Society* é considerada a principal iniciativa de reforma e de intervenção do governo depois do New Deal. Dentre as iniciativas da *Great Society* estavam projetos de erradicar a pobreza e de proteger e de regular as relações entre as grandes corporações e os consumidores, bem como de regular e proteger o meio ambiente entre outras várias iniciativas. Para uma discussão mais detalhada consultar *The Great Society And The High Tide Of Liberalism*, organizado por Sidney M. Milkis e Jerome M. Mileur. Ed. Political Development of the American Nation, Chicago. 2005.

⁷⁵ No original: As a doctor, I am committed to empirical science. If the treatment is killing the patient you stop the treatment. That's why I become a social conservative. ((Krauthammer, 2013, p. 55)

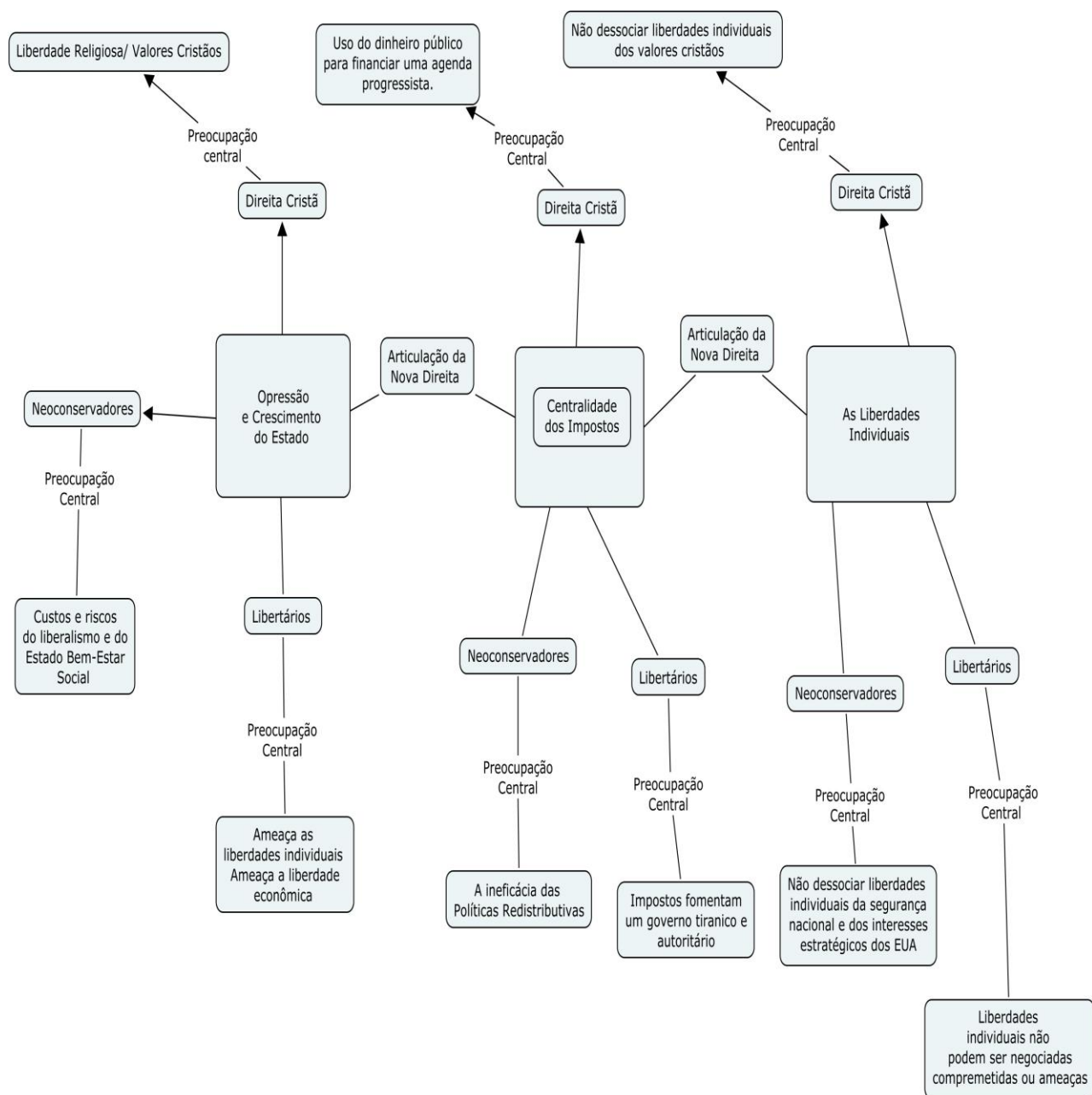


Figura 8 Temas de Articulação da Nova Direita Americana

Fonte: Criação do Autor

Estes três eixos articulados de temas (Opressão e crescimento do Estado, os impostos, as liberdades individuais) nos ajudam a pensar as motivações, mas também as formas de ação dos conservadores. Um ponto central que devemos enfatizar para entendermos a articulação e o modo de agir dos conservadores, com auxílio de categorias próprias da psicologia cognitiva⁷⁶, é enfatizarmos primeiro quais são os gatilhos; depois, entendermos como os atores e grupos se comportam e em terceiro lugar discutirmos os resultados, recompensas ou frustrações. Neste sentido alguns gatilhos históricos seriam:

- Os **impostos**: como novos impostos ou aumento nos impostos, novas regulações, novas regras tributárias, novos planos governamentais, etc.

Ameaças às liberdades individuais: proibir a compra de algo, proibir a posse de armas, coibir determinadas práticas, cercear liberdades como a religiosa ou a de livre expressão.

- **Ameaças à família**: como novas regras para divórcio ou para o casamento, aceitar outros modelos familiares como união entre pessoas de mesmo sexo, além de outros temas como pornografia, facilidade para consumo de drogas, vícios, insegurança, desemprego, aborto, suicídio/ eutanásia.

- **Mudanças culturais**: assimilação de símbolos estrangeiros ou de grupos étnicos na identidade nacional, educação bilíngue, ações afirmativas e novos comportamentos.

- **Ameaças estrangeiras** (ideias comunistas, ecológicas, de governança global, terrorismo, direitos humanos, antiamericanismo, etc.)

Vejamos agora como os argumentos e as formas de mobilização aparecem, de maneira mais específica focando em alguns temas centrais da agenda conservadora: a mudança climática, os movimentos pró- vida e pró-família e discussão em torno dos rumos do poder americano.

⁷⁶ Cf. Lakoff, *Thinking Points: Communicating Our American Values and Vision*, disponível em <<http://www.cognitivpolicyworks.com/resource-center/thinking-points/>> Acessado em 01/10/2013.

1.7 A relação entre os conservadores e a ciência

A relação no movimento conservador contemporâneo nos EUA com a ciência e o discurso científico é pautada por várias ambiguidades. Muitas vezes, os conservadores se apoiam na lógica científica para reforçarem uma percepção cética e, neste sentido, muitas vezes reforçam a percepção de Karl Popper (apud. LOXTON, PROTHERO, 2013) de que “a ciência não é para provar as coisas verdadeiras, mas prová-las falsas”. Outras vezes a argumentação conservadora se coloca como desafiante ao conhecimento científico tentando desconstruir o discurso, ou retratando-o como ideológico e tendencioso. Há casos também em que os conservadores se apoiam em evidências científicas para reforçarem sua argumentação e há, por fim, situações nas quais notamos um recuo estratégico por parte de certas linhagens do conservadorismo que buscam negar a ciência e se pautar em explicações e crenças teológicas.

Vale destacarmos que no embate entre conservadores e liberais – como pontuaremos em alguns casos – a “guerra cultural” ocorre através da ciência e algumas vezes dentro da comunidade científica dos EUA. Em muitos casos, o debate e a disputa chegam ao campo científico, pois há uma disputa pela respeitabilidade e pelo *status* que os cientistas – e que os trabalhos que passam pelo crivo da ciência – projetam socialmente. O desafio aos conservadores que almejam o *status* de respeitabilidade de um cientista é aceitar a metodologia da produção científica, que muitas vezes acaba por rejeitar mais do que aceitar as hipóteses definidas de partida para um determinado trabalho.

Loxton e Prothero (2013) enfatizam cinco etapas na construção do conhecimento científico: pesquisa e formulação das hipóteses, teste das hipóteses, confirmação das hipóteses que se sustentam e refutação das hipóteses que não se sustentam, discussão e debate com pares da área e, por fim, aceitação ou rejeição dos resultados da pesquisa. Loxton e Prothero (2013), estudando o caso dos chamados *cripto cientistas*⁷⁷, argumentam que muitas vezes a estratégia é simplesmente encontrar um cientista ou uma pessoa com um título de doutor que endosse a tese –

⁷⁷ *Cripto cientistas* são pessoas que acreditam na existência de figuras míticas (como monstros marinhos) ou na sobrevivência de espécies que supostamente não foram extintas (como alguns tipos de dinossauros ou peixes e mamíferos). Os casos mais famosos que mobilizam *cripto cientistas* são o Mostro do Lago Ness na Escócia e a existência do “Abominável homem das Neves” na região dos Himalaias ou do “Pé Grande” em regiões da fronteira entre os EUA e Canadá.

como, por exemplo, que existem evidências irrefutáveis da existência do Pé Grande nas florestas da Califórnia.

A discussão entre pares, quando manipulada, ocorre entre crentes, muitas vezes de diferentes áreas e sem qualquer vínculo com a comunidade científica. Kevin B. MacDonald, por exemplo, professor da *California State University*, fez uma carreira acadêmica estudando psicologia evolucionista, mas passou a usar seu *status* científico para propagar teses antisemitas, mesclando certa linguagem científica com velhas teses racistas. Da mesma forma, William Dembski, que se apresenta como matemático, psicólogo ou filósofo dependendo do contexto, defende a tese do *design inteligente*, refutando o evolucionismo. Ou seja, apresenta-se como um homem da ciência para defender teses que não se sustentam a rigor dentro da comunidade científica.

Criando suas próprias publicações ou comprando espaço em revistas que se afirmam científicas ou publicando livros nos quais se mostram como professores ou doutores, cria-se assim um aparato pseudo-científico que, como veremos, corroboram a guerra cultural.

Outros casos como encontraremos em certa analogia com Gollner⁷⁸ (2013) nos permitem discutir a influência a que a ciência está sujeita diante dos interesses de quem as financia. Neste sentido é interesse notarmos como grupos, centros de pesquisas e *think tanks* conservadores bem financiados conseguem atrair pesquisadores e cientistas dispostos a, em troca do financiamento que recebem, se filiarem e projetarem uma pesquisa que será usada de forma enviesada. Isso ocorre, por exemplo, entre grupos que buscam negar o evolucionismo, negar o holocausto, entre grupos que acreditam poderem tratar e controlar o desejo e os impulsos dos homoafetivos⁷⁹ ou, como veremos com um pouco mais de detalhes, negar o aquecimento global do planeta.

⁷⁸ Nesta obra o escritor Adam Leith Gollner discute o uso da ciência na busca pela imortalidade e no combate ao envelhecimento dos tempos antigos ao debate contemporâneo.

⁷⁹ Cf. Por exemplo, o National Association for Research & Therapy of Homosexuality (NARTH), < <http://www.narth.com/> > Acessado em 09/12/13.

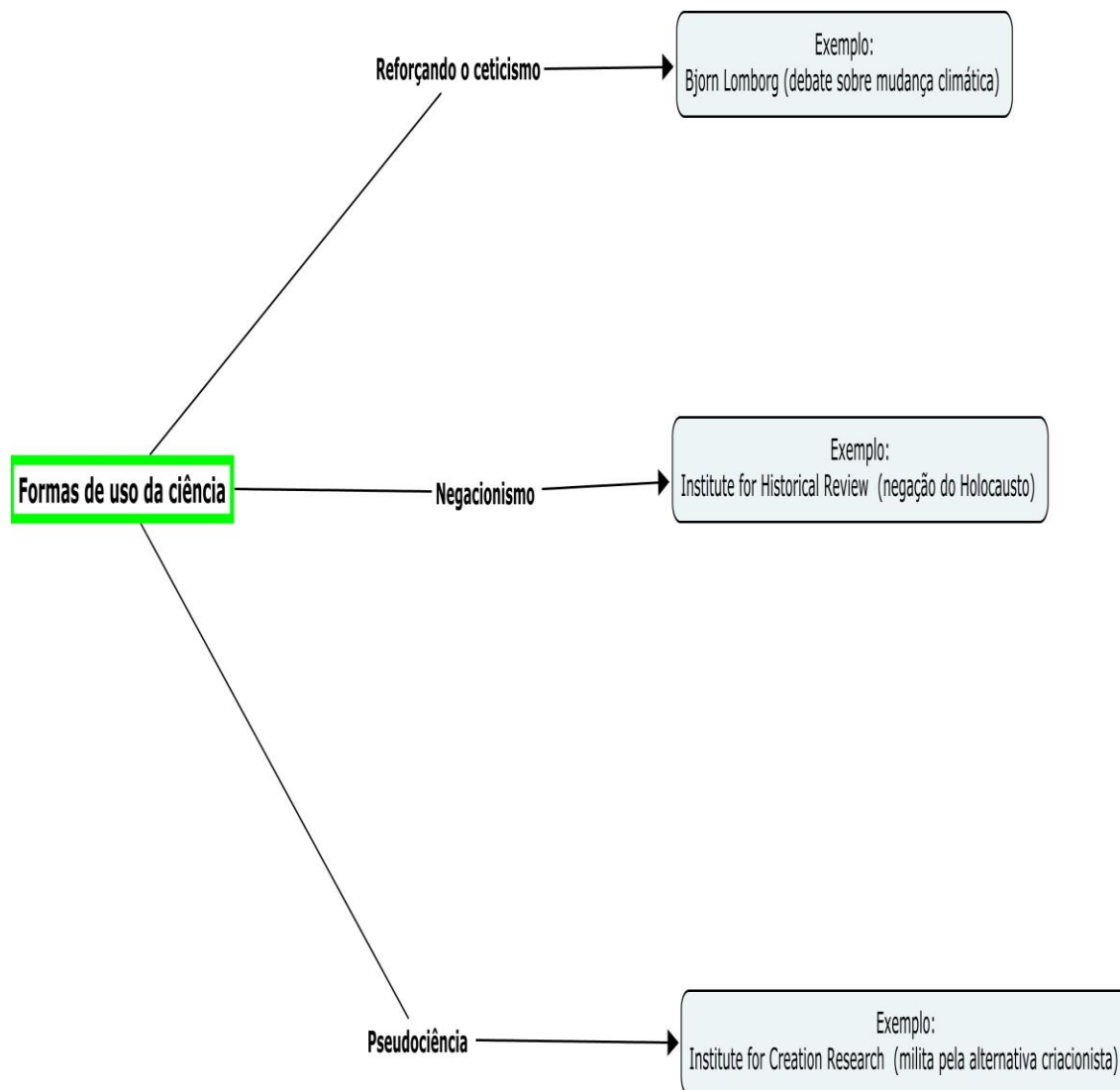


Figura 9 Formas de uso da ciência na Guerra Cultural

Fonte: Produção do próprio autor

Vejamos agora, de forma um pouco mais detalhada, alguns exemplos desta relação e embate entre o conservadorismo americano e o discurso e a comunidade científica.

1.7.1 As Mudanças Climáticas e os conservadores céticos

O debate sobre as mudanças climáticas, iniciado ao final dos anos 1990, pode ser tomado como de gatilho que suscitou a mobilização de conservadores. Por um lado, uma série de eventos e catástrofes naturais, como terremotos, tsunamis, ondas de calor e recordes de temperaturas baixas levaram, tanto a sociedade civil, assim como organismos internacionais, a buscarem acordos e soluções para enfrentar a nova realidade. Por outro lado, os conservadores passaram a se mobilizar diante da percepção de que o Estado, e não o mercado, é que estava em busca de alternativas e soluções para o problema. Nesta perspectiva, o *Heartland Institute*, sediado em Chicago desde 1984, ganhou novo fôlego a partir do final dos anos noventa do século XX fomentando o ceticismo em relação ao tema. A atuação de diversos *think tanks* este perfil naquela década caracteriza uma espécie de contramovimento de reação à tese da mudança climática (cada vez mais consolidada como um consenso científico e político em esfera internacional). Com bons financiamentos de corporações ligadas ao petróleo e à indústria pesada⁸⁰, outros grupos surgiram, como o *American Tradition Institute*, em Denver, Colorado, em 2008 ou o *Committee for a Constructive Tomorrow*, de perfil libertário, em Washington D.C, em 1985.

Os principais argumentos presentes no contramovimento são, sobretudo, de duas ordens: uma que classificaremos como política e a outra como cultural. Politicamente, o grande êxito desta corrente foi conseguir que o poder executivo americano não ratificasse o Protocolo de Kyoto, em 1997. Mesmo sob forte pressão da comunidade internacional, o Senado, de forma unânime, sinalizou ao poder executivo que avalizaria o documento, na medida em que a proposta iria prejudicar os interesses econômicos americanos, não aceitando que os países em desenvolvimentos fossem punidos. Já o segundo tipo de argumento, de ordem cultural, teve mais eficácia social do que o político. Por ele, relativiza-se tanto a origem do problema, como as consequências das mudanças climáticas, mas, sobretudo, enquadra a mudança climática como “ecopessimismo”, termo cunhado por Arthur Herman⁸¹ (2001). Estes argumentos se utilizam muitas vezes de uma linguagem científica para questionar, por exemplo, a origem humana das

⁸⁰ Dentre os principais articuladores de financiamento está a os irmão Koch que tem sua própria fundação a Charles Koch Foundation, cf. em < <http://www.charleskochfoundation.org/> > dentre outras iniciativas.

⁸¹ Herman é uma importante referência do conservadorismo americana, é professor na Universidade George Mason e pesquisador sênior do *Think tank* conservador American Enterprise Institute (AEI) .

mudanças climáticas e para questionar a precocidade das certezas antes de buscar e realizar novas pesquisas. Esta tem sido a argumentação de grupos como:

Quadro 7 Conservadores mobilizados contra a Mudança Climática

Think Tank ou Organização	Endereço na Internet
Marshall Institute	< http://marshall.org/ >
Competitive Enterprise Institute	< http://cei.org/ >
Frontiers of Freedom	< http://www.ff.org/ >
Heartland Institute	< http://heartland.org/ >
The Scientific Alliance	< http://www.scientific-alliance.org/ >

Fonte: construído com base na discussão de Chris Mooney (2006)

Em síntese, o que estes grupos afirmam, de diferentes formas, é que não há certeza quanto ao efetivo papel da ação humana na origem das alterações climáticas e que seus efeitos, por mais reais e concretos que sejam tais eventos, não representariam um “grande problema” ou um ponto de inflexão para civilização humana. Desta forma, não exigiriam mudanças no modo de vida ou sequer uma grande intervenção estatal na organização econômica ou na forma de viver das grandes e médias cidades dos Estados Unidos. A eficácia desta argumentação pode ser constatada em pesquisas de opinião. Como nos mostra pesquisa da UK *Energy Research Centre*⁸², na última década o número de céticos em relação às alterações no clima tem aumentado em todo o mundo, especialmente nos EUA. Especificamente, é interessante notarmos como o tema, nos Estados Unidos, se insere na polarização/guerra cultural entre republicanos e democratas, progressistas *versus* conservadores. Pesquisa Gallup de 2012⁸³ nos mostra que 58% dos entrevistados que se identificam como republicanos acreditam no criacionismo⁸⁴ (41% entre os que se identificam com o partido democrata) e em 2011, pesquisa do *Public Religion Reserch*

⁸² Cf. pesquisa na íntegra em: < www.ukerc.ac.uk/support/tiki-download_file.php?fileId=884 > Acessado em 23/09/2013.

⁸³ Cf. pesquisa na íntegra em < <http://www.gallup.com/poll/21814/Evolution-Creationism-Intelligent-Design.aspx>> Acessado em 06/11/2013.

⁸⁴ Em estados como Georgia, o índice chega a 70% com mostra pesquisa do Public Policy Polling, de agosto de 2013. Cf. < <http://www.publicpolicypolling.com/main/2013/08/georgia-miscellany.html>> Acessado em 04.11.2013.

Institute (PRRI) mostra que a tese do Aquecimento Global é aceita por 81% dentre os simpatizantes do partido democrata e entre 49% do universo republicano.

Embora tais pesquisas sinalizem ser mais provável encontrarmos um conservador negando a mudança climática do que um progressista/liberal. Há fatores presentes nos dois lados e que demonstram ser este um tema com forte presença na “guerra cultural”. Michael Shermer, fundador e editor da *Skeptic magazine*, ao analisar as pesquisas⁸⁵ da Gallup e da PRRI enfatiza dois aspectos: o primeiro é que há criacionistas negadores do aquecimento climático também entre democratas e lembra que em outros temas e com outros enfoques a também ocorre uma “guerra liberal contra a ciência”. Historicamente, Shermer (2013) recorda a ira dos liberais contra a psicologia evolucionista que não reconhecia tudo como social ou cultural e, mais recentemente, no debate energético, o autor nos mostra como muitos liberais têm uma percepção catastrófica, principalmente em se tratando de combustíveis de fontes fósseis ou em se tratando da energia nuclear. Shermer (2013) sintetiza esta visão como “(na lógica dos progressistas) tudo que é natural é bom e tudo o que não é natural é ruim⁸⁶”.

Outra pesquisa interessante, conduzida pela *Pew Research* (2013⁸⁷), mostra que, apesar de reconhecer a mudança climática como um fato, 70% dos pesquisados sinalizam que não se trata de algo a considerar como uma prioridade ou como uma grande preocupação. Dentre os temas que surgem como grandes preocupações estão as ameaças terrorista (56%), ou os riscos concernentes à Coreia do Norte, com armas nucleares (59%). Já as alterações climáticas preocupam apenas 40% dos pesquisados.

O relativismo, em parte, é auxiliado pelo trabalho científico de pesquisadores que argumentam que há exagero no diagnóstico, como é o caso, por exemplo, do trabalho de Bjorn Lomborg⁸⁸. Dentre outros, o blog do cientista Roy Spencer⁸⁹ apresenta argumentação bem articulada relativizando o protagonismo humano nas mudanças climáticas. Este relativismo, com um crescente respaldo da opinião pública, levou este contramovimento propor um encontro que desafiava “O Protocolo de Kyoto”. Os defensores de tais conceitos e também geraram uma série de respostas e alternativas que desafiavam ou apontavam erros no documentário de Al Gore,

⁸⁵ Cf. The Left’s War on Science < <http://www.michaelshermer.com/tag/war-on-science/> > Acessado em 04.11.2013.

⁸⁶ No original: everything natural is good and everything unnatural is bad”

⁸⁷ Cf. pesquisa em < <http://www.pewresearch.org/key-data-points/climate-change-key-data-points-from-pew-research/> > Acessado em 11/12/2013.

⁸⁸ Cf. The Skeptical Environmentalist: Measuring the Real State of the World, ed. Cambridge University Press, 2001.

⁸⁹ Cf. em < <http://www.drroyspencer.com/global-warming-natural-or-manmade/> > acessado em 23/09/2013.

dentre eles um *paper* intitulado *35 Inconvenient Truths*, financiado e divulgado pelo grupo *Science and Public Policy*⁹⁰.

Em síntese, o argumento cético em relação à mudança climática tem sido eficaz ao conseguir relativizar e desqualificar o campo da meteorologia (por não conseguir prever, no limite, as alterações climáticas, seria, portanto, pouco eficaz se preparar para o que pode acontecer): ao projetar cenários de um futuro de vinte, trinta ou cinquenta anos, não haveria nenhuma certeza nestes estudos, por estarem muito distantes do cotidiano e da vida comum.

A reação e a mobilização dos conservadores contra as implicações e consequências das mudanças climáticas (cujas causas são, segundo os que pensam contrário aos conservadores, responsabilidade da humanidade e, sobretudo, as nações mais ricas, especialmente os EUA), podem ser entendidas nos termos de Herman (2001) como uma afronta mais ampla contra o chamado movimento ambientalista moderno, de viés progressista.

Para Herman, trata-se de um movimento com raízes históricas europeias surgidas no começo do século XX e que se sustenta em cinco características: uma visão pessimista da história, um pessimismo cultural, medo da tecnologia, temor de consequências degenerativas e falta de confiança. O autor (2001) retoma alguns biólogos, zoólogos e primeiros ecologistas, mas também mostra o diálogo e fonte do movimento em autores das Ciências Sociais, como Herbert Marcuse (1898 – 1978), Martin Heidegger (1889 - 1976) e Michael Foucault (1926 – 1984).

A consequência desta argumentação, para Herman, seria apenas mais uma maneira de se sugerir o fim do Ocidente, culpando o homem ocidental pelo fim, não só da humanidade, mas de toda a vida neste planeta. Neste sentido, os efeitos das mudanças climáticas com o efeito estufa, a diminuição da camada de ozônio, os riscos de contaminação nuclear e a proliferação dos alimentos transgênicos, o aumento da temperatura, entre outros, seriam como mensagens preditas por **Cavaleiros do Apocalipse** anunciando o fim dos tempos (como se todos os limites já tivessem sido passados e como, no antigo trocadilho, “socialismo ou barbárie” o dilema agora não seria “ou”, mas “quando” teríamos a barbárie derradeira). A extinção seria uma questão de tempo, o que por sua vez reverbera, tanto entre liberais, como entre conservadores. Alguns, acreditando no fim dos tempos, passam a viver se preparando e buscando estratégias para

⁹⁰ Cf. em < <http://scienceandpublicpolicy.org/monckton/goreerrors.html> > Acessado em 22/10/2013.

sobreviver num mundo pós-Apocalíptico, são os chamados *survivalists*⁹¹; outros, como nos mostra Herman (2001, p. 445), tendem à defesa de uma ecologia radical e argumentam que: [...] as necessidades materiais vitais do homem “são realmente muito menores do que a sociedade tecnocrata industrial nos leva a crer. Poderíamos facilmente comer menos, beber menos, fazer menos – e decerto pensar e desejar menos”.

Neste sentido, o contramovimento dos conservadores ganha uma outra dimensão. Para eles, ou caminhamos para o *survivalism*, ou é preciso olharmos para a ciência do clima de outra forma. Em síntese, neste sentido conservadores argumentarão que não estamos num caminho sem volta e definitivamente, para os conservadores, o capitalismo e muito menos a tecnologia ou o Ocidente, estariam comprometendo a vida na Terra.

O ponto central e o cerne do argumento envolve diretamente um tema histórico para o conservadorismo americano: a defesa do capitalismo e do modo de vida estadunidense. Como bem sintetizou o grande ícone do conservadorismo moderno estadunidense⁹²:

Se olharmos para a resposta de por que, por tantos anos, conseguimos prosperar tanto, como nenhum outro povo na Terra, é porque aqui, nesta terra, que se desencadeou o gênio de energia individual do homem em maior medida do que já foi feito antes. A liberdade e a dignidade individuais aqui disponíveis e asseguradas mais do que em qualquer outro lugar na Terra acarreta num preço para esta liberdade, que, por vezes, tem sido elevado, mas nós nunca nós negamos a pagar esse preço.

Inspirados e de certa forma guiados por uma visão positiva – e pró-capitalista – os conservadores seguem dispostos a pagar o preço apesar de todas as verdades inconvenientes.

⁹¹ Uma amostra deste universo pode ser encontrado em < <http://www.armageddononline.org/disaster-prep-help.html> > Acessado em 10/10/2013.

⁹² Discurso de posse de Ronald Reagan, 20 de janeiro de 1981, disponível em: < <http://bartleby.com/124/pres61.html> > Acessado em 25/09/2013. Trecho original: If we look to the answer as to why, for so many years, we achieved so much, prospered as no other people on Earth, it was because here, in this land, we unleashed the energy and individual genius of man to a greater extent than has ever been done before. Freedom and the dignity of the individual have been more available and assured here than in any other place on Earth. The price for this freedom at times has been high, but we have never been unwilling to pay that price.

1.7.2 Amor, Casamento e heterossexualidade: Negacionismo e pseudociência na argumentação conservadora

“Love and marriage, love and marriage, Go together like a horse and carriage. This I tell ya, brother, you can't have one without the other.”
Love and Marriage, Frank Sinatra⁹³

Quando nos debruçamos nos movimentos conservadores que elegem a defesa do casamento e da tradicional família nuclear e heterossexual como eixo mobilizador, percebemos outros aspectos e formas de mobilização com uma construção argumentativa que nos ajudará a entender a articulação mais ampla do conservadorismo nos EUA.

Para esta discussão, visando construir um tipo ideal, trabalharemos e discutiremos seis grupos, apresentaremos suas formas de mobilização, seus argumentos centrais buscando assim uma síntese que nos possibilitará entender a centralidade desta discussão para o conservadorismo americano.

Tabela 2: Tipos ideais do Conservadorismo Social

Tabela 2 Tipos ideais do Conservadorismo Social		
Grupo ou Organização	Ano de Fundação	Principal Liderança
Focus on the Family	1977	Dr. James Dobson
Eagle Forum	1972	Phyllis Schlafly
Concerned Women for American	1979	Beverly LaHaye
National Right to Life	1968	Mildred Jefferson (1926 – 2010)
Elliot Institute	1988	Dr. David Reardon
Family Research Institute	1987	Paul Cameron

Fonte: Tabela construída com base em pesquisa própria

⁹³ Letra de Cahn, Sammy e Van Heusen, Jimmy; gravado por Frank Sinatra em 1955.

Vejamos em mais detalhes cada um destes grupos:

O Focus on the Family:

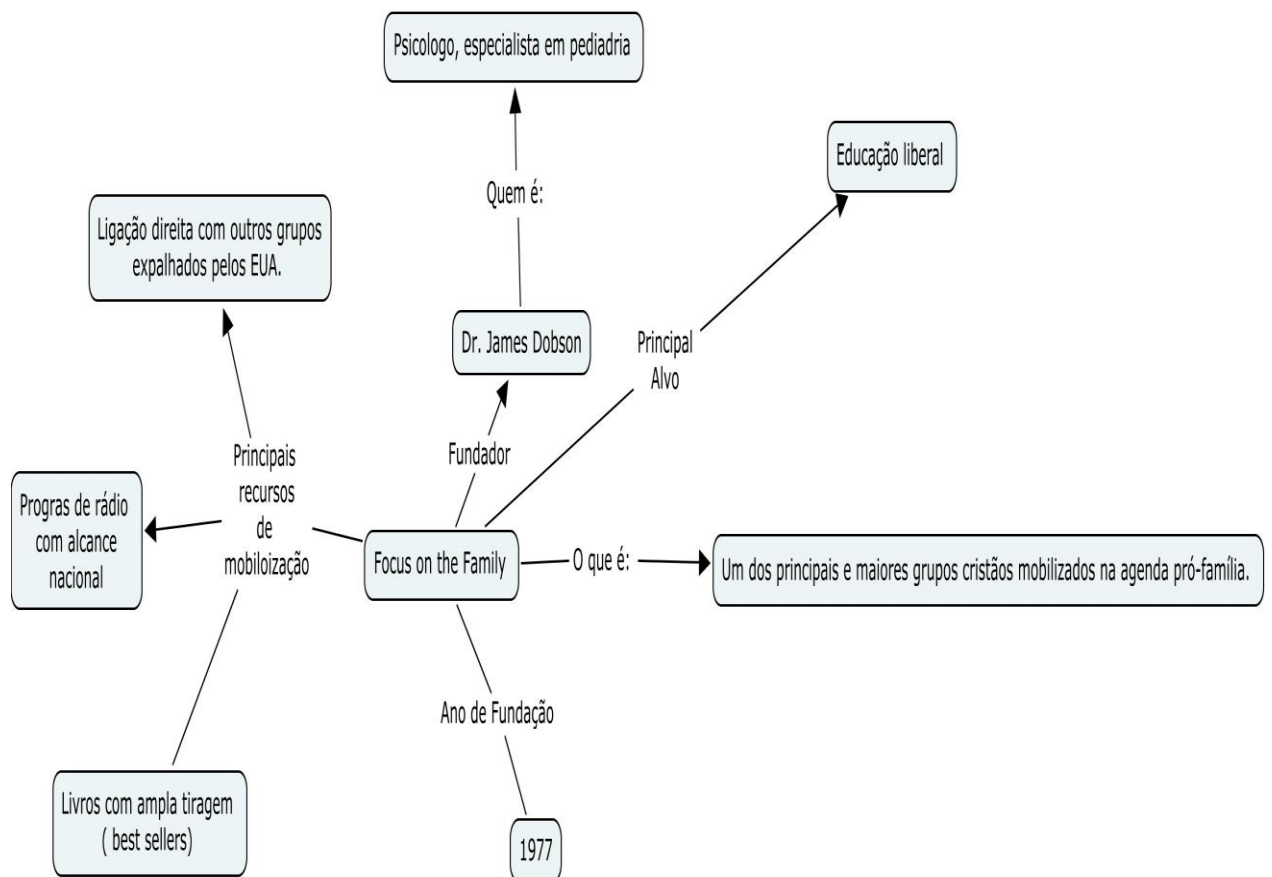


Figura 10 Focus on the Family

Fonte: Criação do Autor

O Eagle Forum:

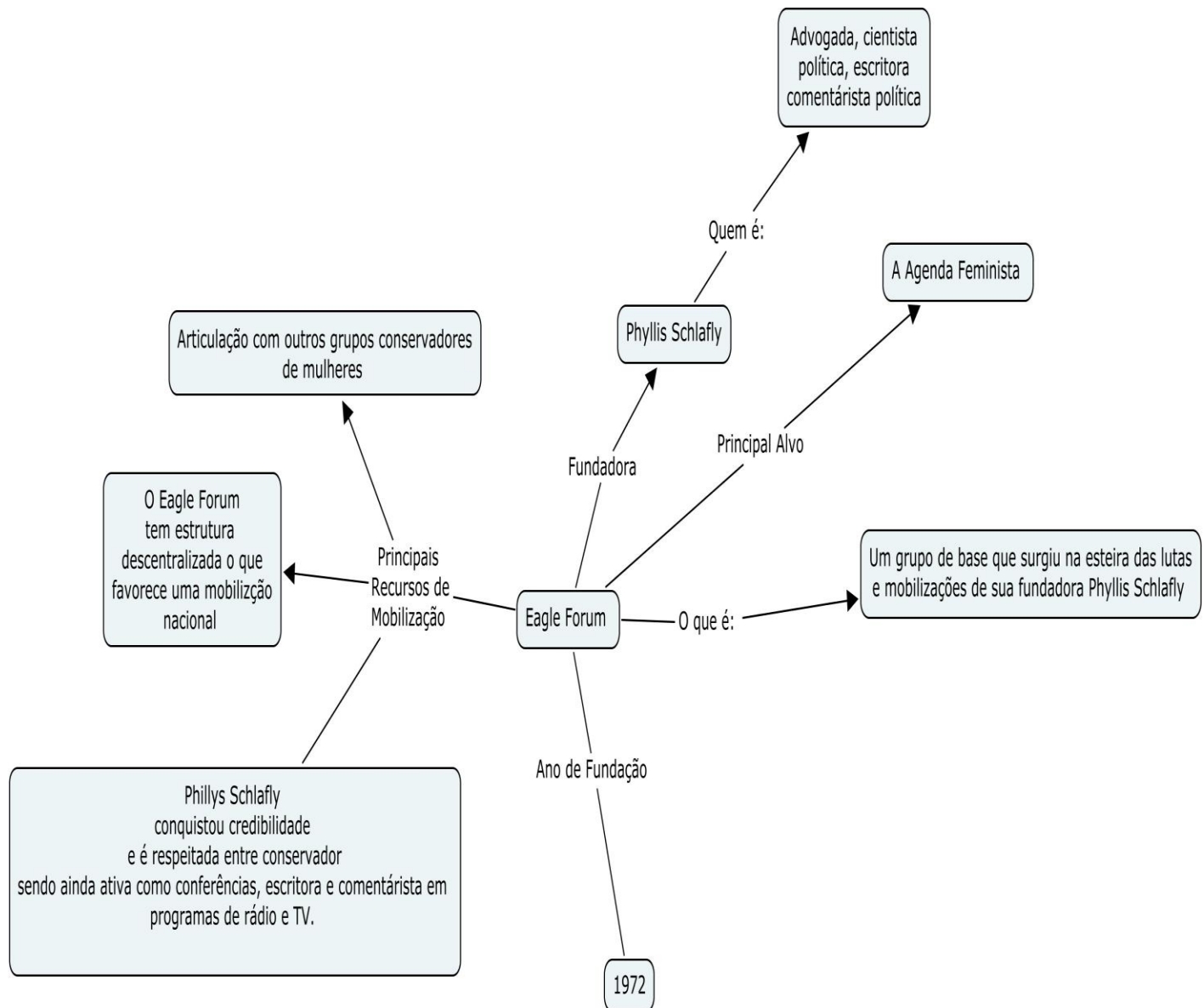


Figura 11 Eagle Forum

Fonte: Criação do Autor

O Concerned Women for America:

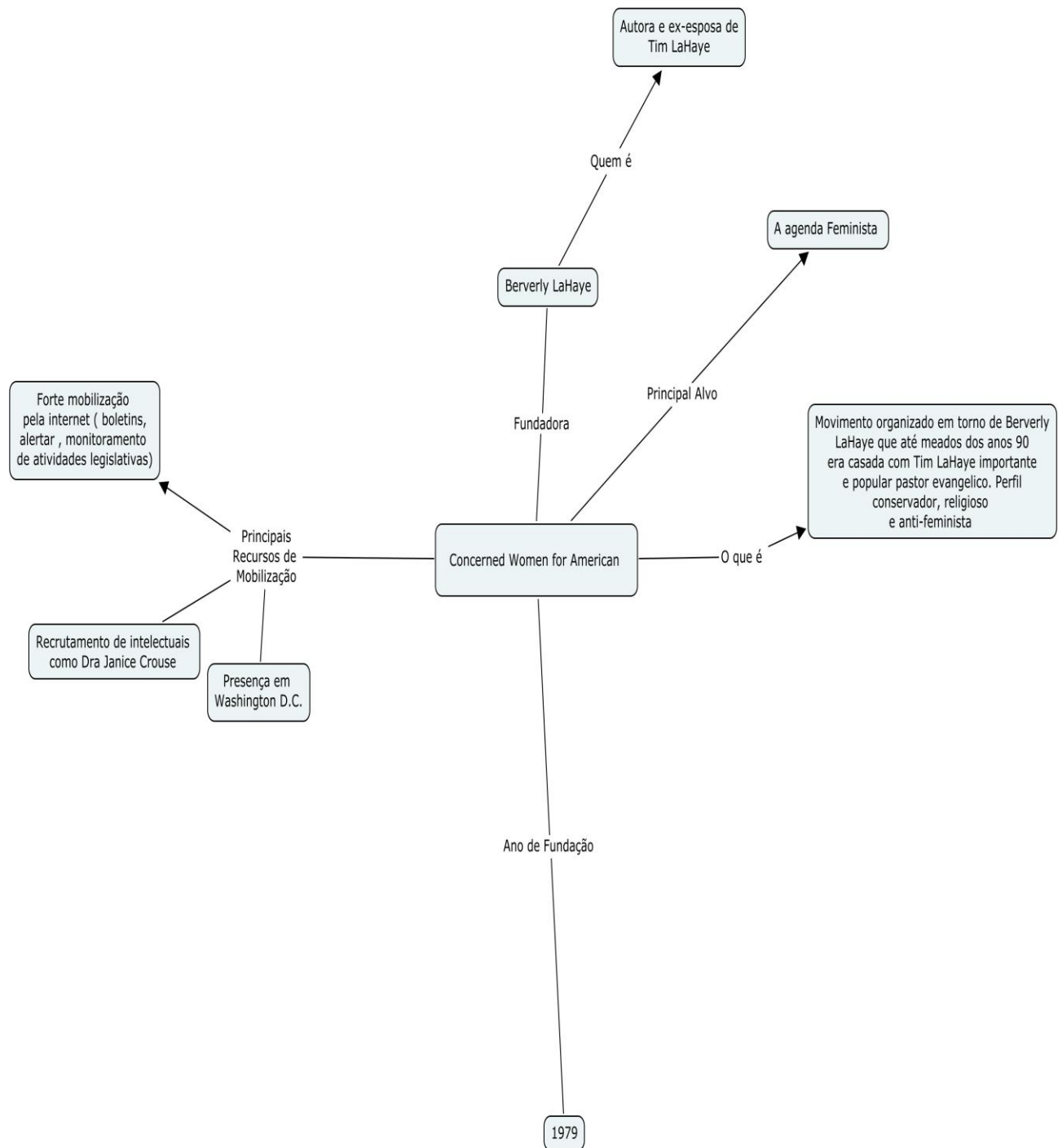


Figura 12 Concerned Women for America

Fonte: Criação do Autor

O National Right to Life:

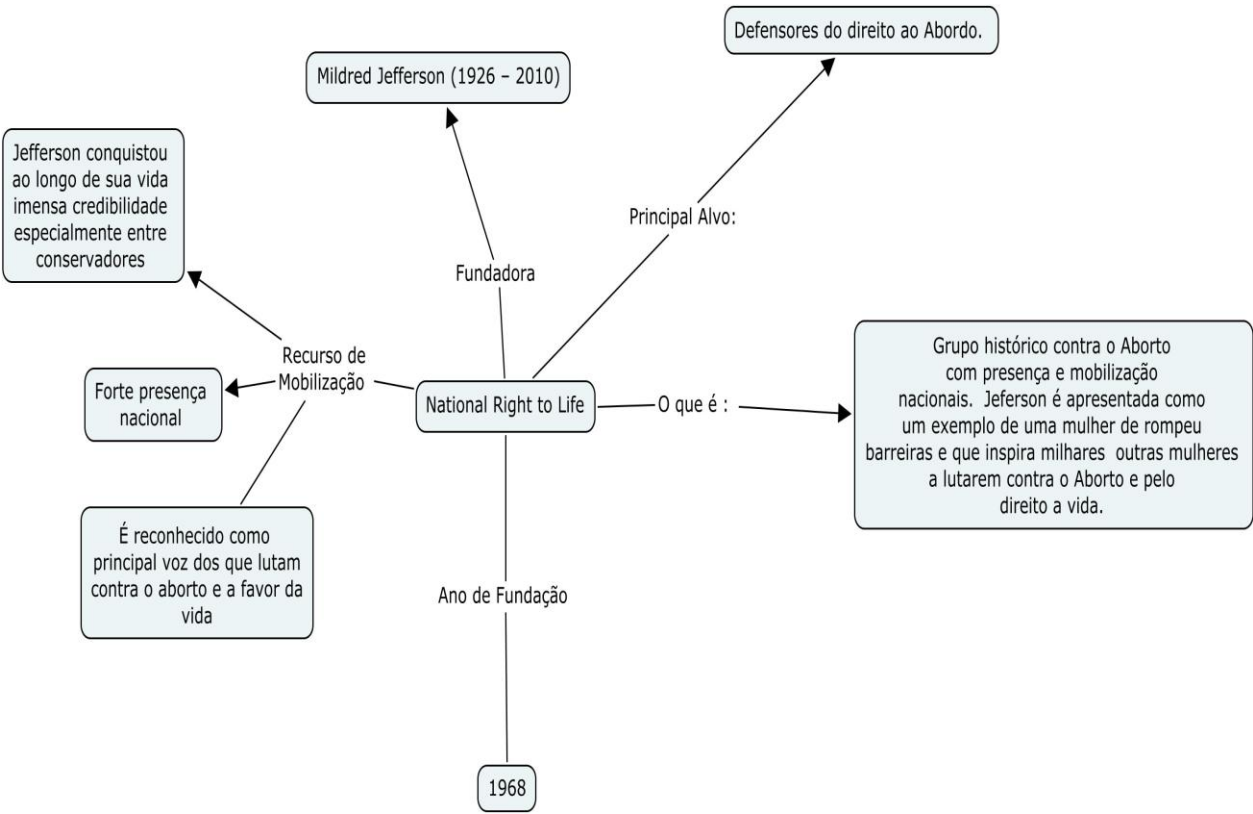


Figura 13 National Right to Life

Fonte: Criação do Autor

O Elliot Institute:

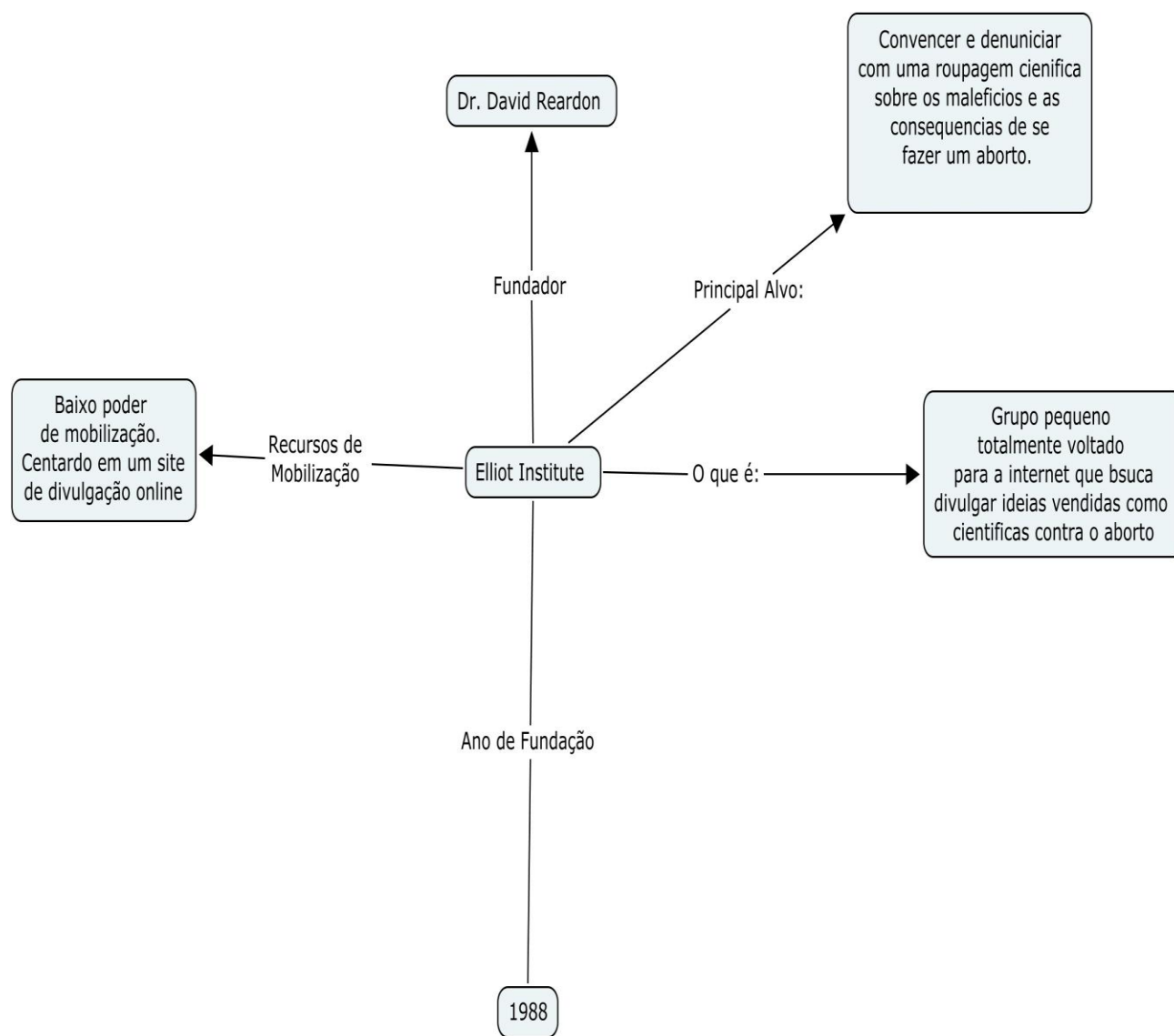


Figura 14 Elliot Institute

Fonte: Criação do Autor

O Family Research Institute:

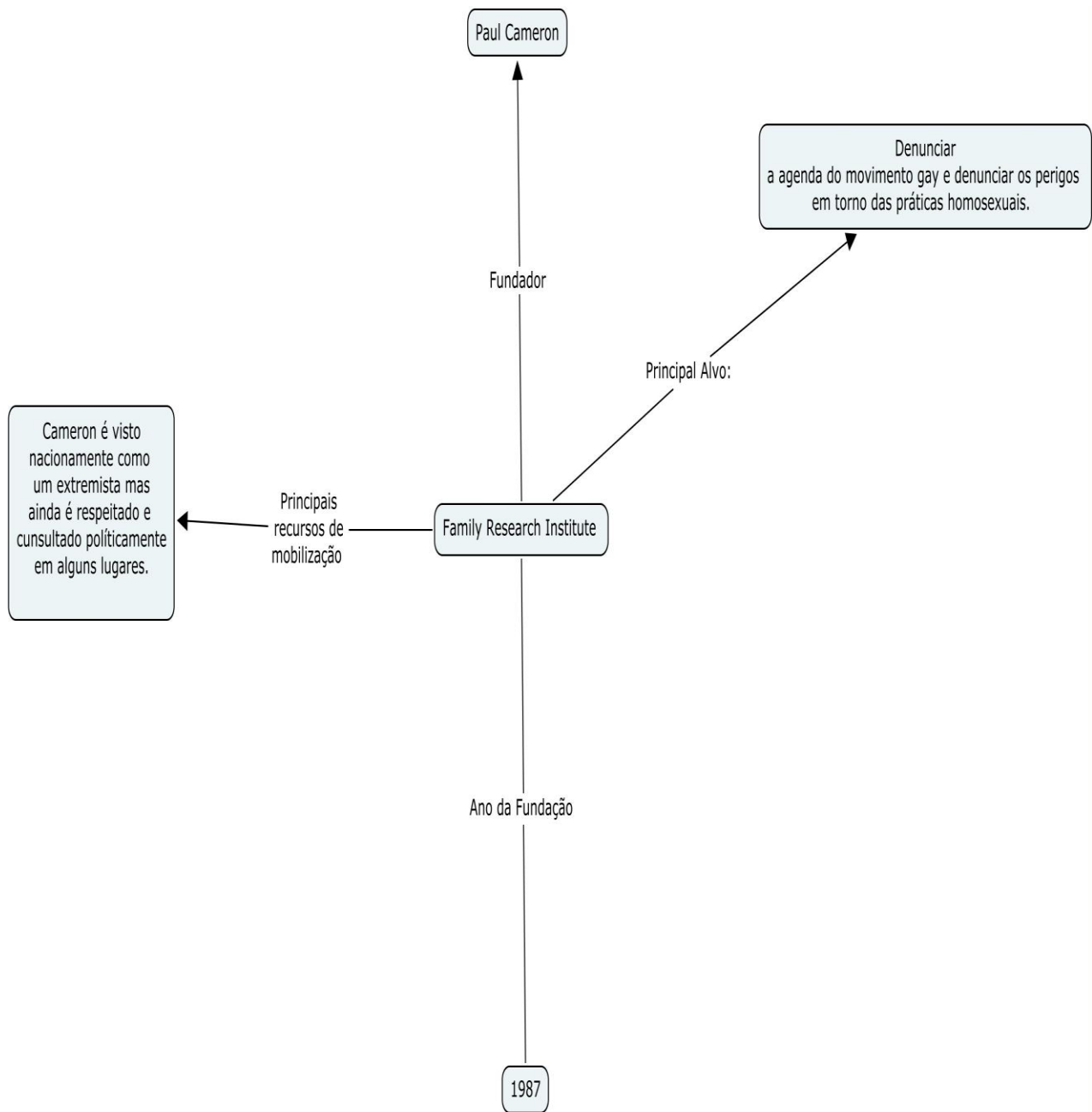


Figura 15 Family Research Institute

Fonte: Criação do Autor

1.8 Eixos temáticos do conservadorismo social

Quanto aos temas organizamos em três eixos:

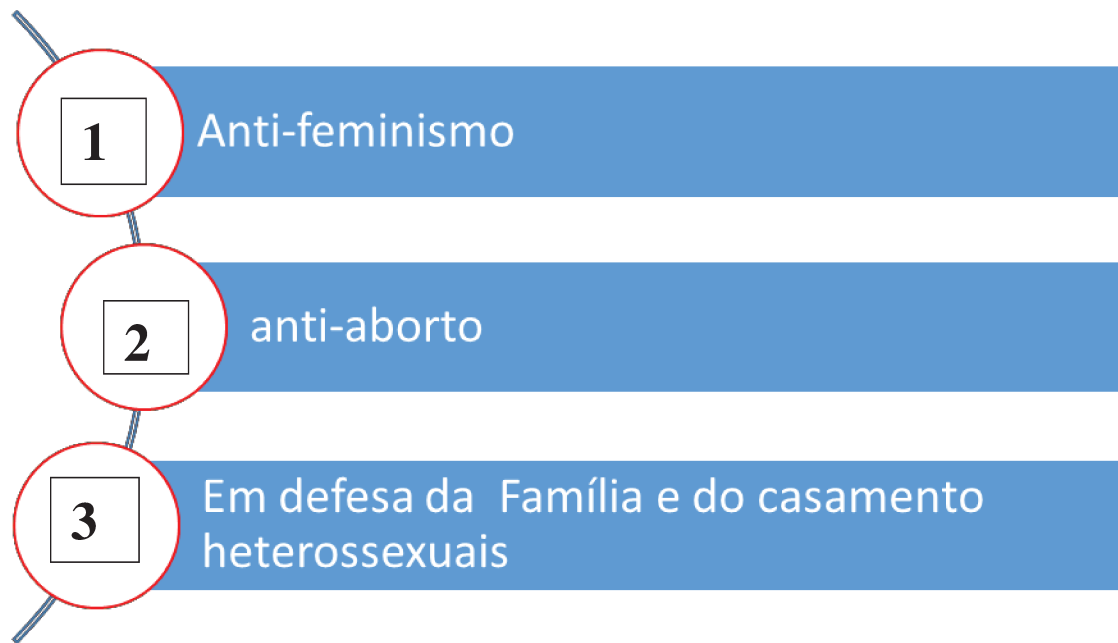


Figura 16 Eixos temáticos do conservadorismo social

No **Eixo 1** temos como exemplo *Eagle Forum* e o *Councerned Women for America*. São grupos que surgiram nos anos de 1970, principalmente como uma reação às mudanças sociais e às novas ideias que surgiram ao longo dos anos de 1960.

No **Eixo 2** temos o *National Right to Life* e o *Elliot Institute*, ambos têm como tema central a questão do aborto.

Por fim, no **Eixo 3** temos o *Focus on the Family* e o *Family Research Institute*.

Alguns temas correlatos como eutanásia, clonagem humana, pesquisas com células tronco, educação sexual, ou a agenda progressista/liberal de políticas públicas, especialmente para saúde, ou para educação, servem muitas vezes para criar espaços e agendas comuns entre os eixos. Grupos antifeministas muitas vezes se colocam também como antigays e grupos cuja principal causa é ser antigay assumem posturas também antifeministas. O **Eixo 2** funciona como uma ponto de base, tanto para os grupos no **Eixo 1**, como no **Eixo 3**. A diferença é que nem sempre a luta contra o aborto é o tema majoritário de mobilização, como são, por exemplo, para o *National Right to Life* e para o *Elliot Institute*. Grupos do **Eixo 1** muitas vezes também se aproximam dos atores políticos dos presentes no **Eixo 3**, quando denunciam uma agenda secreta ou quando denunciam existir uma guerra não declarada, muitas vezes, em termos culturais, seja contra as mulheres ou contra as famílias e pessoas heterossexuais.

Vejamos agora a construção argumentativa.

1.8.1 Os argumentos

Vejamos uma síntese da argumentação dos grupos que discutimos até agora:



Figura 17 A argumentação so Conservadorismo Social

Fonte: Criação do autor

Quanto aos argumentos, percebemos uma congruência nos movimentos antifeministas e nos de defesa da família – ambos organizam sua argumentação com base numa percepção de preservar (ou recuperar) e manter algo que está em transformação, seja no tocante ao papel e à percepção social em torno das mulheres; seja em relação à família e à orientação sexual. **Se nesta visão** de reagir há algo que está se perdendo, isto é reafirmado com uma argumentação e percepção de ameaça.

Em ambos os casos podemos identificar a percepção de que a afirmação ou conquista de novos direitos pelo movimento gay é interpretado como uma ameaça, tanto a família tradicional como as mulheres conservadoras. A mesma percepção de ameaça se dá com uma educação mais liberal, secular e pró-evolucionista, aberta à educação sexual como forma de preservar gravidezes indesejadas e doenças sexualmente transmissíveis.

Na percepção destes grupos, a educação liberal, que Tim Lahaye sintetizou como humanista secular é uma ameaça a toda sociedade americana, uma vez que estaria formando pessoas encucadas com relativismos, como aceitar outras religiões para além do cristianismo, aceitar outras orientações sexuais para além de heterossexuais e, muitas vezes, para muitos

grupos, a ideia de uma **educação sexual** é interpretado como uma forma de incentivo à promiscuidade, quando não para o homossexualismo.

Trabalhos de Paul Cameron, ícone antigay do final dos anos de 1970, defendiam que crianças deveriam ser ensinadas a serem heterossexuais. Phyllis Schlafly em várias ocasiões já se manifestou favorável ao ensino da abstinência como a única educação sexual aceitável, prática também defendida por James Dobson (psicólogo evangélico que também defende a prerrogativa dos pais na educação dos filhos em detrimento do Estado). Desta forma, Dobson defende, por exemplo, o direito dos pais de punir fisicamente, em certos e determinados contextos, os filhos e também argumenta que existiria uma agenda homossexual oculta na base do que se ensina nas escolas públicas. Esta agenda buscaria redefinir a família e assegurar e afirmar os direitos dos gays. A solução seria *homeschooling* e combater e se mobilizar politicamente contra esta agenda.

Um argumento secundário, mas também disseminado entre os três eixos do movimento pró-família e pró-vida, é a sustentação na chamada *Sound Science*, que tenta travestir posturas pseudocientíficas como “ciência de grande impacto”. O termo originalmente remete ao discurso científico, mas foi totalmente esvaziado, como nos mostra Chris C. Mooney (2005):⁹⁴ “(a ideia de *sound science* tem pouco a ver com o rigor científico, e tudo a ver com a tentativa de bloquear o controle do governo sobre a indústria, aumentando o ônus da prova científica necessária para justificar a ação”).

O uso da linguagem e do formato científico para defender, corroborar ou rejeitar uma causa ou ideia política são apresentados como argumentos *Sound Science* e podem ser usados de duas formas: uma delas é para se apropriar de determinadas investigações científicas para desqualificar uma iniciativa ou nova legislação política, como por exemplo a indústria tabagista tentou argumentar por muito tempo não haver evidências concretas e inquestionáveis sobre as consequências letais de uma longa exposição ou como consequência direta do consumo dos cigarros a base de tabaco. A mesma estratégia aparece, como já vimos, em grupos que questionam as mudanças climáticas e suas raízes e causas humanas.

Alguns autores e grupos conservadores articulados na defesa do casamento tradicional, contrários ao casamento entre pessoas de mesmo sexo, se cercam comumente de dados estatísticos e de dados demográficos para sustentarem sua argumentação. Em painel

⁹⁴ No original: [...] little to do with scientific rigor, and everything to do with blocking government controls on industry by raising the burden of scientific proof required to justify action. (p. 50)

organizado pela *American Enterprise Institute* (AEI) em 10/10/2013, intitulado *The American Family: How a “new normal” is reshaping religion, work and today economy*, com Marry Eberstadt, pesquisadora do *Hoover Institution* argumentou que há uma relação direta entre o declínio da família tradicional, formado por um pai, uma mãe com filhos, e o declínio da importância e das práticas religiosas nos EUA. Nick Schulz, outro expositor, um dos editores da revista eletrônica da AEI o *American.com*, reforça o argumento de Eberstadt enfatizando que existiria uma correlação direta entre o funcionamento normal da economia com a estrutura tradicional da família e, portanto, o colapso da família estaria diretamente relacionado com o colapso e com as crises econômicas. Em seus termos: “[...] nos falamos sobre os imigrantes por que nos podemos fazer algo quanto a isso. Nós não falamos sobre o colapso da família por que não sabemos o que fazer quanto a isso”. Schultz reivindica um achado científico, um *sound science*, quando argumenta que a crise na família tradicional impacta diretamente a economia e reclama por ação diante deste fato. Eberstadt, em suas considerações finais, argumenta que a postura do governo é coerente com a ideia de aceitação de uma nova normalidade pautada por uma sociedade secular e com mudanças no modelo tradicional de família. Para a pesquisadora do Hoover, esta nova normalidade é nova apenas para os EUA, mas já seria a realidade dos Estados escandinavos, modelo que os americanos poderão nesta leitura atingir em algumas décadas.

Loxton e Prothero (2013) nos lembram da grande dificuldade científica de afirmar categoricamente que um evento “A” causa ou é o responsável pelo evento “B”. Como, por exemplo, no caso do painel da AEI com a hipótese de que “o declínio da família tradicional americana é a causa do declínio religioso e impacta diretamente na economia”. Nos termos de Loxton e Prothero, (p., 13, 2013⁹⁵):

A maioria dos estudos científicos requer de dezenas a centenas de experimentos ou estudos de caso e análise estatística detalhada antes dos cientistas poderem aceitar a conclusão de que um evento A provavelmente é a causa do evento B. Apenas depois de muitos testes rigorosos – eliminando interferências externas, e a própria interferência do pesquisador, dentre outras variáveis não controláveis é que os cientistas podem fazer a declaração de que um evento A é provavelmente causa do evento B.

⁹⁵ No original: Most scientific studies require dozens to hundred of experiments or cases, and detailed statistical analyses, before scientists can tentatively accept the conclusion that event A probably caused event B. (...) Only after such rigorous testing – which can eliminate the biases of the subjects and the observers, random noise, and all other uncontrolled variables – can scientists make the statement that event A probably caused event B.

Outra forma do uso de argumentos *Sound Science* é buscar, principalmente na aparência e no formato científico, uma forma de apresentar a defesa de argumentos que reforçam uma determinada bandeira política. Neste sentido encontramos, por exemplo, na história do *Focus on the Family* várias tentativas de defender a eficácia e prática de processos terapêuticos que visavam “reorientar” e auxiliar pessoas que se sentiam atraídas pelo homossexualismo, mas que gostariam de ser heterossexuais. Um bom exemplo existiu até 1997, era chamada de *Love won Out*, que contava com a articulação e participação de muitos pastores evangélicos que diziam ser capazes de curar pessoas gays ou que se diziam eles próprios ex-homossexuais. John Paulk suscitou um caso famoso, como um pastor filiado ao *Focus on the Family* e que presidia a *Exodus International*⁹⁶, uma organização cristã internacional voltada para incentivar e apoiar qualquer pessoa que queira controlar suas tentações não heterossexuais. Paulk defendeu a eficácia do tratamento, frequentou inúmeros programas midiáticos, lançou um livro em 1999⁹⁷, no qual conta sua história de superação, culminando num casamento heterossexual feliz até que, depois de inúmeras acusações, veio a público em 2013 admitindo a fraude de seu casamento e da eficácia do tratamento.

Outros grupos que defendem a eficácia de tratamentos que visam direcionar e manter pessoas na heterossexualidade sustentam e argumentam fundamentalmente que ninguém nasceria gay. Em panfleto do grupo *Parents and Friends of ExGays and Gays* (PFOX), o grupo cita passagens do *American Psychological Association*⁹⁸ para reforçar a ideia de que se não há determinismos ou condições genéticas para a homossexualidade, então ser ou não gay seria uma questão de auto-afirmação e, assim, o trabalho da PFOX seria de ajudar pessoas que querem deixar de sentir atrações por pessoas do mesmo sexo e que querem se afirmar como heterossexuais.

Com o mesmo argumento, a Ong. Jonah⁹⁹ propõe auxiliar pessoas que queiram mudar do homossexualismo para o heterossexualismo. Em ambos os casos encontramos nos respectivos endereços eletrônicos a divulgação de estudos e material didático que reforçariam a

⁹⁶ O projeto *Love won out* era uma co-parceria entre o Focus on the Family e o Exodus International, a partir do final do ano de 1999, o Focus on the Family transferiu o projeto apenas para o Exodus Internacional embora siga apoiando a tese de possibilidade clínica de controlar ou mudar a orientação sexuais pessoas.

⁹⁷ O livro chama-se *Love Won Out*, ed. Tyndale House, escrito em co-autoria com sua então esposa, ex-lésbica, Anne Paulk.

⁹⁸ Trata-se do guia de recomendações e de definições da maior associação de psiquiatria com sede nos EUA.

⁹⁹ O grupo Jonah se apresenta como uma Ong judaica com perspectiva de cura para o homossexualismo a partir de uma perspectiva judaica. Cf. site oficial em < www.jonahweb.org >

perspectiva de possibilidade de cura e tratamento para as atrações homoafetivas. No site da PFOX¹⁰⁰, por exemplo, há uma sessão dedicada à ciência na qual estão disponíveis textos principalmente que enfatizam o não determinismo biológico da homossexualidade e a eficácia das terapias corretivas¹⁰¹.

Apesar do descrédito da opinião pública e das inúmeras fraudes, como a de John Paulk, outros grupos menores como *Elliot Institute* e o *Family Research Institute* acabam servindo como fachada para a propagação das ideias de seus respectivos líderes e mantenedores. David Reardon, o nome que usa *Elliot Institute* e Paul Cameron, no caso do *Family Research Institute*, ambos se utilizam de *Sound Science* para camuflar ou tentar tornar suas teses mais apresentáveis e chegar a um público maior. David Reardon disponibiliza em seu site inúmeros *papers* e textos em formatos acadêmicos que argumentam, entre outras coisas, que mulheres que fazem aborto tendem mais ao suicídio, ou que mulheres que tenham passado por um aborto teriam maior risco de sofrerem depressão ou a ter uma vida sexual desprazerosa.

O cerne da estratégia de Reardon é tentar se valer de alguma aparente cientificidade para assim ter um apoio capaz de desencorajar ou assustar ao máximo qualquer pessoa que eventualmente esteja buscando informações ou cogitando passar por um aborto. Ao mostrar uma realidade repleta de riscos e de medos – como suicídio, depressão ou doenças – Reardon está apenas apresentando seus argumentos de ameaça, contudo, quando o faz camuflado de linguagem científica, almeja *Sound Science*, usando a ciência em prol de sua guerra cultural e política. O mesmo faz Paul Cameron, mas ao invés de ter o aborto como alvo, escolheu o homossexualismo como objeto de estudo e a tenta apresentar como uma prática hedonista, imoral, relacionada com bestialismo, violência, pedofilia e os piores crimes.

Apesar do debate contemporâneo do conservadorismo social estar centrado na defesa da família tradicional e no combate ao aborto, não podemos deixar de enfatizar que no cerne do movimento e em sua raiz – recuo que nos ajuda a entender como o movimento cresceu nas últimas décadas nos EUA – está a mobilização das mulheres contra a ideia de feminismo e contra as feministas. Apesar desse embate ter começado no final dos anos sessenta do século XX,

¹⁰⁰ Outros grupos antigay são Exodus International, Stop Promoting Homosexuality. Para uma abordagem libertaria do tema Cf. Libertarians for Gay and Lesbian Concerns.

¹⁰¹ Cf. por exemplo *Dr. Robert Spitzer's Study on Reparative Therapies* < http://pfox.org/Dr_Robert_Spitzer_study_reparative_therapies.html > Acessado em 06.11/2013.

somente na década posterior é que o antifeminismo começou a lapidar o atual conservadorismo social.

A proposta do *The Equal Rights Amendment* (ERA) previa a igualdade de direitos perante a lei e a constituição entre homens e mulheres¹⁰². E foi aprovada pelo congresso em 1972, mas a partir deste ponto houve intensa mobilização contra e a favor para que os estados ratificassem a proposta¹⁰³, um dos pré-requisitos para que as emendas entrassem na Constituição.

Mulheres como Phyllis Schlafly ganharam destaque se apresentando como alguém do sexo feminino com posição contrária à ERA e contra as feministas. A mobilização liderada por Schlafly é a raiz da ideia de um movimento de base descentralizado e focado em um tema específico, o que ficou conhecido na literatura como *grassroots* ou em português traduzimos como movimento de base. Em outras palavras, todos os grupos com diferentes temas que vimos até agora são, em boa medida, credores desta estratégia e formato de mobilização que ganhou destaque contemporâneo a partir de Phyllis Schlafly na sua luta contra o ERA. Nos termos de Crichlow (2005, p. 06): (Schlafly), “tinha a habilidade de traduzir ideias conservadoras para ativistas de base e conseguia motivá-los a conquistar objetivos políticos¹⁰⁴.”

A sustentação da argumentação antiERA retratava as mulheres, o movimento pró-ERA como radicais e a emenda propriamente dita seria uma ameaça aos direitos das mulheres e à família. Schlafly argumentava não ser contra que mulheres recebessem tanto quanto homens por trabalhos iguais, mas não aceitava a tese de que homens e mulheres eram iguais e, portanto, poderiam fazer trabalhos iguais. Como mostra Crichlow (2005), um dos argumentos mais fortes e com grande impacto de Schlafly para sustentar a oposição ao ERA estava na ideia de que, se aprovada, a emenda colocaria mulheres em combate e permitiria às Forças Armadas convocar compulsoriamente mulheres para o combate. Apesar de Schlafly se apresentar como uma mãe de seis filhos e mulher de família, sua trajetória sempre esteve ligada à política e ao movimento conservador nos EUA. Antes de se engajar na luta antiERA, Phyllis era crítica da política externa

¹⁰² A proposta original é de 1932 de autoria de Alice Paul, que com êxito conseguiu através de mobilização política aprovar o sufrágio feminino em 1920.

¹⁰³ Seria precisa a ratificação de 38 estados até 30/06/1982, e o movimento conseguiu a ratificação em 35.

¹⁰⁴ No original: (Schlafly had) the ability to translate conservative ideas to grassroots activists and motivate them to archive political goals” (p. 06)

dos EUA, principalmente no contexto da Guerra Fria, além de ter sido, em 1964, uma das vozes mais ativas na campanha de Barry Goldwater¹⁰⁵.

Phyllis Schlafly soube aproveitar de sua experiência para se destacar em debates, muitos deles tendo como antagonista mulheres que defendiam o ERA e se apresentavam como feministas. Também soube aproveitar de sua posição social para articular mulheres de classe média e também para conseguir ter acesso à classe política¹⁰⁶.

O êxito de do movimento antiERA abriu o caminho para uma reação de base contra outros temas que formaram o conservadorismo social. A agenda rapidamente avançou para temas como aborto, a relação entre religião e as escolas públicas e o direito ao ensino em casa entre outros. A reação contra as feministas trouxe mulheres cristãs para o embate político e ajudou a moldar o tema da família como uma preocupação central do conservadorismo americano.

Interessante notarmos como existe uma continuidade argumentativa entre a ideia de defesa da família que existia no discurso antiERA e o que notamos no debate contemporâneo focado na ameaça do casamento entre pessoas de mesmo sexo. Vejamos uma comparação argumentativa na tabela abaixo:

Quadro 8 Comparando a argumentação anti-ERA e argumentação anti - Casamento Gay

Argumentos dos anos 1970 (antiERA)	Argumentos de 2013 (contra casamento gay)	Ideias comuns entre os argumentos
A família é a unidade da sociedade	Os liberais/progressistas falam em igualdade no casamento, mas não definem o que é um casamento.	Centralidade da família tradicional.
Base da sociedade judaico-cristã	Casamento envolve questões antropológicas, teológicas e jurídicas.	Importância do casamento tradicional para a civilização judaico-cristã.
A família é a maior conquista na história dos direitos da mulher	No casamento entre pessoas do mesmo sexo não há a figura do pai e/ou da mãe, o que compromete a educação dos	Centralidade atemporal da figura masculina e feminina.

¹⁰⁵ Cf. *A Choice not a Echo*, originalmente publicado em 1964, um livro que fez grande sucesso na época. A edição atual é da ed. Pere Marquette, Illinois, 2008.

¹⁰⁶ Crichlow (2005) conta que através de correspondências simples como troca de cartões festivos ou de receitas culinárias, o movimento antiERA conseguia engajar muitas vezes esposas e familiares de parlamentares, senadores e políticos nos estados chaves, conseguindo assim maior visibilidade para o movimento.

	filhos	
A família garante às mulheres o direito de cuidar de seus filhos	O casamento entre pessoas do mesmo sexo é o início de uma agenda liberal para redefinir o casamento. O que virá depois? Fim da monogamia? Reconhecimento da poligamia?	Mudanças no casamento tradicional produzem consequências indesejadas e incontroláveis.
As feministas não querem igualdade de gênero, querem implementar uma agenda anti-família e pró-aborto.	Aceitar o casamento entre pessoas do mesmo sexo é aceitar que o casamento deixou de ser um contrato perante Deus e abre margem para se repensar outras formas de contrato como um contrato de casamento temporário com validade de cinco ou dez anos, por exemplo.	Mudanças no casamento tradicional têm motivações políticas.
Lutando contra a agenda feminista o movimento antiERA fundou o movimento de base do conservadorismo social contemporâneo.	É possível proteger o casamento tradicional se a luta for estado por estado	Ao reagir às mudanças o conservadorismo social ganha impulso político.
Principal nome: Phyllis Schlafly	Principais articuladores: Heritage Foundation e o Family Research Council	Atores do conservadorismo social.

Fonte: Crichlow (2005) para a argumentação antiERA e material disponível nos sites do Heritage Foundation¹⁰⁷ e do Family Research Council¹⁰⁸ bem como painéis sobre o tema que participamos em *Think tanks* ao longo da pesquisa e no Values Voters Summit de 2013.

Vejamos agora como as ideias conservadoras aparecem e se articulam num recorte mais histórico enfatizando alguns atores políticos centrais para a construção do movimento conservador nos EUA contemporâneo.

¹⁰⁷ Cf. Site oficial < <http://www.heritage.org/> > Acessado em 06.11.2013.

¹⁰⁸ Cf. Site oficial < <http://www.frc.org/> > Acessado em 06.11.2013.

2 Conservadorismo nos EUA, um conceito fora de lugar?

America is conservative in fundamental principles but the principles are liberal and some, indeed, are radical.
Gunnur Myrdal, *An American Dilemma*, 1944, p. 34.

Nesta seção, discutiremos o conceito de conservadorismo vigente a partir da segunda metade do século XX nos EUA e procuraremos demonstrar sua peculiaridade e suas diferentes formas de articulação para, com isso, apontar as dificuldades que essa corrente de pensamento vem enfrentando para se firmar historicamente. Entendemos que, a partir dessa discussão, construiremos elementos para aprofundar o debate contemporâneo em torno do neoconservadorismo e da Nova Direita no início do século XXI.

A história das ideias e das tradições políticas nos Estados Unidos é marcada por uma forte tradição liberal. Dessa forma, é compreensível o fato de um conceito como conservadorismo ser algo recente no âmbito do pensamento, tanto política, como no da filosofia política dos Estados Unidos.

Como nos mostra Kuntz (1997), podemos pensar a discussão do liberalismo dentro da filosofia política a partir da problemática entre igualdade e liberdade expressa na seguinte questão: seria a igualdade inimiga da liberdade? A preocupação com essa questão nos EUA tem uma longa tradição, que dialoga principalmente com as ideias e com as interpretações em torno das reflexões de John Locke (1632 – 1704). Locke, segundo Kuntz (1997), associou a liberdade ao conceito de propriedade, sendo essa última um direito natural dos homens e, ainda, inseparável da ideia de patrimônio, de liberdade e da própria vida. O pensador entendia a liberdade individual a partir da focalização em uma dada comunidade política na qual o outro é um semelhante. Assim, entre iguais existe a possibilidade de haver uma jurisdição que seja recíproca, o que gera igualdade dentro da comunidade política.

Conforme aponta Diggins (1986), a experiência histórica e política estadunidense expressa o liberalismo de Locke, a partir de quatro pressupostos que seriam direitos naturais do homem. São eles: o direito à liberdade econômica, à liberdade política, à obrigação do governo de proteger a propriedade e à busca da felicidade material.

Nos EUA, a influência dessa discussão é apresentada tendo em vista dois pontos: a questão da existência de direitos invioláveis que enfatiza, de um lado, a liberdade e, de outro lado, a igualdade presente no pressuposto de que “todos os homens foram criados iguais¹⁰⁹”. Esse pressuposto é reafirmado constantemente e é encontrado na Constituição Americana e em outros documentos históricos.

Esse liberalismo lockeniano está enraizado na história dos EUA. Influenciou e ainda influencia o debate, a história das ideias e das ações e as mobilizações políticas. Perpassa temas, estratégias e conceitos, como, por exemplo, o de excepcionalidade americana, o de puritanismo, o de modo de vida americano e o da própria ideia de ser liberal/conservador ou de direita/esquerda nesse país.

Nesse sentido, poderíamos pensar que aqueles que se autoclassificam como conservadores priorizariam a liberdade em detrimento da igualdade, o indivíduo em detrimento do coletivo e os direitos naturais em detrimento dos direitos conquistados socialmente. Já os atores que se identificam como de esquerda (ou como liberais) enfatizariam a formação da comunidade política e dos direitos conquistados. A partir disso, priorizariam a igualdade em detrimento da liberdade como valor fundamental, com foco nas conquistas coletivas para além das individuais. Tal raciocínio contrapõe dois autores: Rousseau e Locke. O primeiro enfatiza a igualdade como meio de atingir a liberdade, ideia que se apresenta contrária à de Locke.

Contudo, tal contraposição não é simples. Há autores conservadores, como Harry V. Jaffa (1994), que partem da ideia de igualdade como o princípio moral dos EUA, o que fundamentaria a expansão estadunidense no sistema internacional, promovendo mudanças de regime. Jaffa entende que quando outros autores conservadores não reconhecem ou não consideram o princípio da igualdade como o fundamento da nação americana, estes estariam lendo e interpretando os textos históricos de forma tendenciosa e relativista. Por outro lado, há teóricos, dentro da tradição esquerdista americana, que debateram e defenderam a importância e a tradição de valorizar a liberdade nos EUA. É o caso de Ralph Waldo Emerson (1803 - 1883), Henry David Thoreau (1817 - 1862) e, mais recentemente, Abbie Hoffman (1936 - 1989).

¹⁰⁹ No original: “*All men are created equal*”. Cf. Declaração de Independência, disponível em: <http://www.usconstitution.net/declar.html>. Acessado em: 05/05/2012.

Há também uma intensa disputa ideológica pela interpretação do legado dos pais fundadores¹¹⁰. Historiadores e autores tentam mostrar que os EUA nasceram preocupados e fundados em torno do conceito de liberdade, propondo um governo mínimo que permitisse o desenvolvimento econômico sem perdas das liberdades naturais¹¹¹. Nessa perspectiva, Diggins (1986) estuda os pais fundadores e seu legado a partir do dilema virtude *versus* pecado. Esse autor nos mostra que a ideia de república nos EUA não se propunha a ser uma experiência de homens virtuosos, mas o fundamento de um governo que busca a virtude na sua dimensão pública. Em síntese, uma vez que têm uma vida pública, os americanos poderiam, pois, ser menos egoístas, logo mais virtuosos. Ao governo caberia o papel de assegurar liberdades negativas, garantindo novas liberdades e novas possibilidades. Para Diggins, a experiência de tentar controlar, quando não substituir a autoridade, é a maior marca do liberalismo, fruto da experiência americana dos pais fundadores. Nesse sentido, os pais fundadores, como argumenta Lippman (2012), teriam proposto a Constituição não somente para proteger a propriedade ou com foco em qualquer interesse de classe, mas também para defender o país.

Já para outros autores, os pais fundadores mostraram como os EUA nasceram preocupados com as diferenças e com as desigualdades, buscando, com isso, um governo genuinamente democrático. Hofstadter (1976) nos mostra que os pais fundadores, muitos defendendo seus próprios interesses como especuladores de terra¹¹², defendiam o direito à propriedade e tinham a preocupação de pensar os EUA em termos constitucionais e dentro de uma ideia de nação. Por esse motivo, tornaram-se referência para a história dos EUA.

¹¹⁰ Isto é, a geração que declarou a independência dos EUA e que propôs a Federação e sua Constituição. Os nomes comumente associados à ideia de pais fundadores são: Alexander Hamilton, Patrick Henry, Thomas Paine, Samuel Adams, Benjamin Franklin, James Madison, Thomas Jefferson e John Adams. Alguns autores mais à esquerda costumam dar a Abraham Lincoln o mesmo status de pai fundador, mesmo que ele seja de outra geração.

¹¹¹ O partido Libertário, considerado o terceiro maior partido dos EUA em muitas campanhas, usa os pais fundadores como propaganda, argumentando que nos dias de hoje seriam os libertários os mais próximos das ideias por eles defendidas. Cf. <http://www.lp.org/>, acessado em: 04/05/2012.

¹¹² Um dos casos mais emblemáticos é o de Thomas Jefferson, que, segundo Hofstadter (1976), tinha cerca de dez mil acres de terras e dez mil escravos.

2.1 O pensamento conservador e o conservadorismo

O conceito de conservador e de conservadorismo é genuinamente europeu. Como nos mostra Nisbet (1887), eles surgem como discurso político em 1830 e, praticamente, como sinônimos um do outro para Edmund Burke, cuja principal obra é *Reflexões Sobre a Revolução em França*, de 1790. O ponto central para Burke era não só apresentar uma crítica à Revolução Francesa (RF), como também fazer dessa crítica algo maior, produzindo o que Nisbet chama de anti-iluminismo, que influenciou, entre outros, pensadores como Hegel e Maistre, na Europa, e John Adams e Hamilton, nos EUA.

O conservadorismo que surge inspirado em Burke, e em diálogo com ele, não só critica a Revolução Francesa, bem como avança para uma crítica também ao iluminismo e ao racionalismo de filósofos, como Jean-Jacques Rousseau. Ao criticar a Revolução Francesa, passou a defender os atores que foram os principais alvos dela: a aristocracia e a Igreja. Atacou igualmente, o modo de ação e a motivação política do principal ator revolucionário, os jacobinos.

Apesar da crítica do conservadorismo europeu, a Revolução Francesa marcou o início da era moderna com a Declaração Universal dos Direitos dos Homens e com a perspectiva de olhar para frente, deixando para trás uma era de trevas e de ignorância. Esta relação entre RF e a modernidade foi também uma influência decisiva na história e na ideia de nação nos EUA.

A partir dessa perspectiva, os conservadores europeus passam a ter simpatia e a valorizar o passado, olhando para a Idade Média e para o Feudalismo europeus como uma era de civilidade, de experiências sociais e comunitárias fincadas em tradições e aprendizados que se perdem frente no Iluminismo. Isso, por sua vez, produziu na perspectiva conservadora indivíduos utilitaristas, hedonistas e violentos. Outro aspecto que preocupava o nascente pensamento conservador europeu diz respeito ao fato de que a Revolução Francesa não se restringiu à França. Seus efeitos ultrapassaram as fronteiras desse país justamente porque era uma ação que, realizada em nome da humanidade e seus revolucionários, a faziam em nome da humanidade.

Nesse ponto, é interessante pensar nas diferenças entre a RF e a Revolução Americana (RA) e notarmos certa simpatia por parte do conservadorismo europeu à experiência americana. A RA, datada de 1776, Burke (1982) entende como sendo a luta de um povo buscando autonomia. Os primeiros colonos nos EUA faziam parte do Império Britânico e não

queriam lutar pelo poder absoluto; queriam, nessa leitura, liberdade, tanto religiosa, como econômica, social e cultural. No caso da Revolução Francesa, que começa em 1789, os conservadores identificavam a luta por parte de uma pequena fração da sociedade, os jacobinos, pelo poder absoluto, não almejando a liberdade ou a autonomia de um povo, mas sim querendo construir um novo homem. Segundo Burke, a lógica da RF não justifica os meios conforme os fins, o que já seria uma perversão, mas “eles não cometem crimes para obter seus fins. Eles fabricam fins para cometerem crimes” (BURKE, 1982, p. 85).

Partindo da experiência revolucionária na França, o pensamento conservador europeu chega ao século XX com quatro pontos centrais de sustentação: (1) a importância da tradição, entendendo que todos os direitos dos homens, assim como a própria vida, é um legado, uma herança; (2) a importância da aristocracia, pressupondo que numa sociedade há uma ordem natural cuja atividade política funciona apenas com alternância de uma elite ou de uma aristocracia, que não só garante a ordem como também imprime um caráter moderado ao poder do soberano; (3) a persistência do espírito antirrevolução francesa, entendendo que a RF foi uma experiência que, em nome da liberdade, produziu tirania e opressão e que se trata de uma experiência política que não consegue conciliar liberdade com sujeição. Utilizando a metáfora de um navio, Burke assevera que, sem essa conciliação, a nau tende a afundar. Encontramos em Joseph de Maistre (*apud* NISBET, 1988, p. 76) uma boa síntese do que seria esse pensamento conservador tributário de Edmund Burke e centrado na experiência da RF, a saber: “Não queremos uma contrarrevolução, mas o oposto da revolução”.

Quando discutimos ou falamos em pensamento conservador nos EUA, questionamos o quanto há dessa tradição europeia? Ou ainda, como e por que ela se diferencia e se transforma num conservadorismo com sentido totalmente diferente, com ideias e tradições totalmente estranhas ao legado de Edmund Burke, de Joseph e de Maistre? Essa é a proposta da discussão desta seção. Bem como também é a de apresentar e discutir o pensamento conservador dos EUA em suas articulações com seus diferentes atores e linhagens, em seus momentos de articulação, mobilização e de articulação, apresentando quem são seus defensores, articuladores, interlocutores e suas ideias, tal como a construção de sua argumentação e forma de ação política.

Russel Kirk (1918 -1994) é o primeiro a levar ao debate nos EUA, somente no século XX, as ideias e a visão conservadora, partindo de Edmund Burke e dentro de uma tradição que podemos chamar de clássica do conservadorismo, isto é, respeitando e dialogando com a tradição

européia do pensamento conservador. A obra principal de Kirk data de 1953 e chama-se *The Conservative Mind*. Nela, ele argumenta que, mesmo sem raízes, as ideias conservadoras tiveram e produziram bons frutos nos EUA. Dialogando com autores dos EUA como T.S. Eliot (1888 – 1965), John P. Marquand (1893 – 1960), Walter Bagehot (1826 – 1877) e George Santayana (1863 – 1952),¹¹³ Kirk mostra que o conservadorismo tem um ponto comum: a relação direta entre propriedade e liberdade e que ser conservador nos EUA não se trata de defender um legado, uma herança ou uma posição social, mas, sobretudo, de defender determinados valores, como, por exemplo, a propriedade, a livre iniciativa e os direitos constitucionais. O sentido de conservadorismo, aplicado por Kirk, parte da reação ao racionalismo burguês e entende que o conservadorismo, cujas raízes estão em Burke, permanece como pensamento, apesar da velha ordem não existir mais. Em 1954, Kirk avançou sua discussão propondo uma agenda ou um programa conservador. Em *A Program for Conservative*, define conceitos e estabelece metas sociais com base em conceitos que considera conservadores e dialoga com suas visões críticas. Por exemplo, defende a religião, que considera uma ordem transcendental, e critica a razão, que em sua reflexão transformou-se num culto perigoso.

Russell Kirk, um dos primeiros a pensar o conservadorismo nos EUA e a tentar dar sua especificidade no final dos anos de 1950, poderia ser classificado como um conservador tradicional, passando o debate em torno do conservadorismo americano para outros autores.

Ao longo dos séculos XIX e XX se desenvolveu nos EUA uma tradição de pensamento que, autores como Suvanto (1997), classificam como “sulista conservadora”, e outros, como Genovese (1994), de “agrário sulista” ou, ainda, como “velho sul”. Mesmo sem buscar um respaldo na tradição conservadora europeia e tampouco falando abertamente de um conservadorismo, não podemos deixar de destacar que autores como M.E. Bradford (1934 – 1993), Clyde Wilson (1941) e Donald Livingston¹¹⁴ partiram da experiência política, cultural e social do sul dos EUA, marcado pelas grandes propriedades com mão de obra escrava, para desenvolver um pensamento antimoderno, quando não antidemocrático, pautado no localismo¹¹⁵

¹¹³ Esse diálogo e essa busca por referências conservadoras na história dos EUA, são aprofundados por Kirk em *The Conservative Movement: From Burke to Santayana*, Ed. Regnery, Chicago, 1953.

¹¹⁴ Um dos teóricos do separatismo sulista contemporâneo. Cf. <http://www.abbevilleinstitute.org/index.php>. Acessado em: 14/05/2012.

¹¹⁵ A ideia de localismo questiona a própria ideia de uma nação. Nessa tradição, pouco se fala de nação e muito se fala de comunidade. Em última instância, a ideia seria algo como, por exemplo, ao invés dos EUA ter um único presidente, ter um colegiado indicado por todos os estados que formariam uma comunidade de governo.

e na crença na autodeterminação. Esses autores, como Clyde Wilson, não só defenderam a segregação do sul dos EUA, como também foram críticos à vida moderna capitalista. Essa crítica tem raízes profundas nos EUA, remetendo a uma discussão em torno dos pais fundadores e dos mitos que dialogam com a ideia de nação nesse país. Na tradição sulista de olhar para a experiência americana, há certa oposição à ideia de progresso e uma associação entre uma democracia radical e a ideia de igualitarismo.

Há uma longa discussão constitucional nos EUA em torno da equidade defendida pelo texto constitucional. Autores sulistas como John C. Calhoun (1782–1850), Thomas R. Dew (1802–1846) e William Harper (1790 – 1847) são comumente citados como referências de uma tradição sulista anti-igualitária que não só discutia a escravidão, mas também a própria ideia de federação e de governo democrático. Genovese (1994) explica o anti-igualitarismo da tradição sulista a partir de uma visão supostamente aristotélica do mundo, na qual as pessoas nascem com diferentes talentos, diferentes capacidades e em diferentes situações. Portanto, nos termos de Bradford (*apud* Genovese, p. 45, 1994), o culto à igualdade não pode existir senão como o verdadeiro “ópio do povo”.

2.2 De 1930 a 1960: “Sem Acordo”, Conservadores eram aqueles que não pactuaram com o New Deal

A década de 1920 terminou marcada pela crise de 1929, que rapidamente se sobrepôs aos prósperos anos do início dessa década. Os EUA entraram nos anos de 1930, como se lê em Limoncic (2009), com o PIB em queda e com 25% de taxa de desemprego. Em 1933, Frank Delano Roosevelt (FDR) venceu Herbert Hoover que tentava a reeleição. Em seus 100 primeiros dias de governo, FDR implantou medidas de impacto, visando combater o desemprego e a depressão econômica. Dentre as medidas, como aponta Limoncic (2009), estavam o *Emergency Banking Act*, que injetava dinheiro público em bancos privados falidos ou à beira da falência, o *Federal Deposit Insurance Corporation*, que garantia os depósitos até US\$ 5 mil, e o *Civil Works Administration*, que financiaria e empregaria pessoas em obras públicas.

As iniciativas e metas do governo FDR ficaram conhecidas como *New Deal* e, segundo Limoncic (2009, p. 45), visaram “elevar o poder de compra dos trabalhadores e, assim, sustentar a demanda”, além de criar uma extensa rede de assistência social, de auxílio aos trabalhadores, gerando emprego e renda além de recuperar a agricultura dos EUA. As políticas do *New Deal* foram um recorte decisivo na tradição liberal americana, mostrando a grande influência das ideias de John Maynard Keynes (1883 - 1946). Nesse contexto, FDR aproveitou-se da aproximação que suas políticas proporcionaram com sindicatos, trabalhadores e desempregados para conseguir, em 1935, sua reeleição, tendo os operários e os sindicatos sob controle e conseguindo, de forma inédita, aumentar o poder do Estado, propondo reformas com foco econômico e estrutural.

Os primeiros a reagirem ao *New Deal* e a FDR foram os atores classificados como isolacionistas. Esses últimos, como bandeira política, têm uma longa tradição de mobilização política que reverbera entre sulistas e entre os literários, que eram críticos e satíricos em relação à nascente sociedade industrial e aos novos costumes da sociedade burguesa dos anos de 1930. Dentre esses autores podemos citar John P. Marquand, um escritor popular nos anos de 1930 e 1940. Mas o primeiro grande ícone político da defesa do isolacionismo foi Robert Taft (1889 - 1953), senador pelo estado de Ohio entre 1939 e 1953. Um dos espaços para a discussão e crítica ao *New Deal* foi *The American Mercury* durante os anos de 1920 e 1930. Depois, no final dos anos de 1930 e começo da década de 1940, ganhou força a revista *Liberty League*, que reunia democratas contrários a reeleição de FDR.

Robert Taft, segundo a biografia escrita por Kirk (1967), foi um dos políticos mais influentes dos anos de 1940 e foi um marco para o nascente conservadorismo estadunidense defensor do isolacionismo, mas também uma voz combativa ao *New Deal* e ao partido democrata. Taft conseguiu romper com uma hegemonia dos republicanos que vigorava desde 1860. Taft chegou ao Senado em 1939, quando o ativismo do *New Deal* já não estava em seu auge – que ocorreu entre 1932 e 1938 – mas ficou marcado como um dos maiores críticos dessa política. Tanto a crítica quanto à oposição ao *New Deal* e a outras formas de estado de bem-estar social passaram a ser, se não a principal, uma das mais fortes marcas do conservadorismo dos EUA.

Taft foi atuante politicamente até o começo da década de 1950 e, até esse momento, o conservadorismo vigente era norteado por uma desconfiança em relação ao capitalismo, com

fortes atritos entre o sul agrário e norte industrial. O político foi o primeiro fortemente inserido numa tradição isolacionista, desejosa de uma alternativa, mas, sobretudo, numa crítica à tradição – até então hegemônica – do liberalismo. A partir de Taft, esse liberalismo passa a ser o grande alvo dos conservadores. E o primeiro marco a ser combatido era o *New Deal*. O segundo, viria com a estratégia implementada para a Guerra Fria. A crítica ao *New Deal*, que era feita a partir da tradição liberal, entendia que quando o governo se propõe a regular não só as relações econômicas, mas também as formas de organização da sociedade (como os sindicatos, a assistência médica, quem tem direito ao auxílio desemprego, etc.), termina por comprometer não só a liberdade individual¹¹⁶ como pode também criar monopólios e concentrar o poder econômico em poucas mãos, além de sobrevalorizar o poder que certos setores governamentais passam a ter, como os de assistência social, o dos sindicalistas e estatísticos. Tal como nos mostra Kirk (1967), ser liberal nos anos de 1940 era, na visão de seus críticos, populista e progressista, o que, por sua vez, era entendido a partir dos três “Cs” de Charles Van Hise¹¹⁷: concentrar, cooperar e controlar. O estado fomentando e almejando os três “Cs” seria o próprio e temido leviatã hobbesiano, que não só comprometeria os direitos naturais, como acabaria por formar e submeter os indivíduos a um coletivismo, o que, por sua vez, subordinado ao estado, ameaçaria a própria arquitetura política dos pais fundadores que, nessa leitura, teriam pensado numa república, mas com a prerrogativa que teria que se saber mantê-la¹¹⁸.

A crítica ao Estado de Bem-Estar Social (EBS) atraiu para o espectro conservador outra tradição política: os libertários. Durante os anos de 1940 reverberava nos EUA a obra de Friedrich Hayek, *The Road to Serfdom* (1944), lançada pela editora da Universidade de Chicago¹¹⁹. O foco da discussão era mostrar como o coletivismo cerceava a liberdade: ao proporcionar políticas de bem-estar, resulta em última instância, nesta leitura, num regime

¹¹⁶ Conservadores costumam citar o caso da educação. Eles acusam o estado liberal de pressupor que todas as crianças são iguais e que, portanto, deveriam receber a mesma educação. O debate em torno da educação passa fundamentalmente pela decisão da Suprema Corte de Justiça, de 1954, com o caso *Brown vs. Board of education*, no qual a corte decidiu pelo fim da segregação nas escolas americanas.

¹¹⁷ Charles Van Hise foi um acadêmico importante da Universidade de Wisconsin, cujos trabalhos influenciaram o liberalismo americano entre o final do século XIX e começo do XX. A síntese do pensamento progressista a partir dos três “cs” surge em *Concentration and Control*, de 1912.

¹¹⁸ Nesse ponto, muitos conservadores gostam de citar Benjamin Franklin, que, quando uma senhora teria perguntado sobre o que eles tinham feito como resultado na reunião para a formação da Federação, Franklin teria respondido: “*A republic, if you can keep it.*”

¹¹⁹ O fato de a editora ser da Universidade de Chicago é também um marco, pois mostra que a hegemonia liberal nas universidades dos EUA estava começando a ser ameaçada e que a escola de Chicago passou a produzir, principalmente em economia, obras fundamentais para os libertários e para a Nova Direita, a partir dos anos de 1960.

totalitário. Os libertários, por princípio, duvidam do governo e temem governos pró-ativos. Portanto, colocam-se como oposição aos progressistas e defendem a primazia dos direitos individuais, buscando menor interferência do governo. Com foco nas liberdades individuais e no direito de viver sem a interferência negativa do governo, escreviam em revistas como a *The Freeman* (1946 -) e a *Human Events* (1947 -), dialogando com o pensamento de economistas como George Joseph Stigler e Milton Friedman. Discutiam, ainda, o pensamento liberal clássico como também traziam e divulgavam as ideias de autores populares, como Ayn Rand, que através de seus romances populares e sua filosofia objetivista, foi uma das principais divulgadoras das ideias do pensamento libertário.

A oposição ao *New Deal* e a rejeição a todas as variações de políticas de bem-estar social uniram e possibilitaram uma primeira coalizão de diferentes atores com diferentes aspirações, formando um primeiro antagonismo ao liberalismo nos EUA. Esse antagonismo e esses atores podem ser chamados de isolacionistas. Ou, uma vez que se passa a delinear uma Nova Direita, como veremos a partir dos anos de 1960, esse grupo seria, então, a Velha Direita. Outro recorte que encontramos na literatura surge a partir do final dos anos de 1960 e de 1970, com a ascensão dos neoconservadores. Se há novos conservadores, eles se firmam em oposição ou, no limite, em diálogo com os velhos conservadores.

A transição da velha para uma nova direita ou para um neoconservadorismo ocorre entre as décadas de 1950 e 1960. Na década de 1950, a Guerra Fria passou a estar no foco das discussões. Vale a pena lembrar que o famoso telegrama sobre a URSS de George Kennan e seus posteriores artigos assinados como Mister X, na *Foreign Affairs*, são do final dos anos 1940. E em 1947, James Burnhan, posteriormente editor da *National Review*, lançou o livro *The Struggle for the World*, no qual argumenta que o conflito entre EUA e a URSS era historicamente um conflito pelo controle e pela hegemonia mundial e salientava que, diante dos soviéticos, os americanos deveriam ser ofensivos.

Somando o espírito de vigilância, sugerido no telegrama de Kennan com a ofensividade proposta por Burnhan, surge o Macarthismo, um movimento de cunho populista e inquisidor em torno de Joseph McCarthy, senador por Wisconsin entre 1947 e 1957. Em 1952, McCarthy, como membro da subcomissão de política externa do Senado, com poderes de interrogar seus convocados, usou desse espaço para ganhar fama e *status*. Rapidamente sua

postura inquisitória teve apoio entre a classe média alta (executivos, burocratas e profissionais liberais), entre setores da classe média e, principalmente, entre católicos do norte.

O auge do macarthismo – que buscava caçar comunistas infiltrados no governo, nas forças armadas ou na sociedade civil – ocorreu no biênio 1954/55. O Macarthismo foi o principal foco de análise de Daniel Bell, em 1955, quando lançou *The New American Right*. Em 1958, quando a “caça aos comunistas” parecia já ter perdido seu momento, Robert Welch, um próspero homem de negócios, fundou a *John Birch Society (JBS)*. O foco dela era, partindo de um movimento de base, desmascarar e denunciar conspirações e infiltrações de pessoas e de ideias comunistas que acreditava ameaçar as instituições americanas. Entre o McCarthismo e a mobilização da JBS, percebemos que o conservadorismo americano dos anos 1950 obrigatoriamente dialogava com uma direita mais populista e conspiratória e que, nas décadas seguintes perdeu força, mas sem deixar de existir.

Ao final dos anos de 1950, a direita americana, de forma mais ampla, liderada pela sua vertente populista, estava novamente se fragmentando. O populismo anticomunista cujos marcos foram o Macarthismo e a mobilização do JBS, alimentados por teorias conspiratórias, caminhava para uma ação política mais radical alimentando uma tradição paranoica, nos termos que Richard Hofstadter utilizou com grande impacto no debate eleitoral de 1964. Essa linha pouco dialogava com o isolacionismo de Taft e tampouco com a linha anti-*New Deal* dos libertários. Paralelamente a essa linha radical, paranoica e populista surgiu, em torno de William F. Buckley Jr. (1925 – 2008), outro tipo de renovação do pensamento conservador. Em 1955, Buckley fundou a *National Review*, com sede em Nova Iorque (NY). Reuniu alguns libertários e alguns macarthistas, propondo-se a discutir o liberalismo e a criticá-lo retomando um pensamento mais tradicionalista, preocupado com questões morais, criticando também as consequências negativas do declínio da religiosidade e rejeitando o isolacionismo na política externa.

Tal como nos mostra Brookhiser (2009), no final dos anos de 1950 e nos primeiros anos da década de 1960 contribuíram na *National Review*, Russell Kirk, James Burnham, Frank Meyer, Willmoore Kendall, L. Brent Bozell, Harry V. Jaffa, Garry Wills, Whittaker Chambers e John Dos Passos. Esse espectro amplo de autores, nem todos confortáveis com o rótulo de conservador, demonstra uma tentativa de unificar e de renovar o pensamento conservador até então produzido. Há autores de uma linha com foco num conservadorismo social, priorizando as liberdades individuais, como L. Brent Bozell. Há autores com foco num conservadorismo mais

tradicional, como Harry V. Jaffa e Russell Kirk. E há outros próximos de uma discussão cristã e com foco na moralidade religiosa, como Frank Meyer e até Willmoore Kendall (cf. Schneider, 2003), que discutiam a necessidade de uma afirmação conservadora.

O contexto da emergência da *National Review* é credor das reflexões e do esforço de articulação de seu fundador, William F. Buckley Jr, que, desde então, torna-se um dos principais articuladores e mobilizadores da renovação do conservadorismo americano da década de 1950. Em 1951, Buckley lançou *God and Man at Yale*, em que já fica clara a tentativa de aproximar a discussão dos libertários antioletivista com questões morais, salientando a importância das ideias e da tradição cristã, enfatizando que o liberalismo era apresentado em Yale como a única tradição política existente nos EUA.

Interessante notarmos que Buckey, em *God and Man at Yale*, o autor não fala em conservadorismo se coloca como conservador, o que já ocorre em sua obra de 1959, *Up from Liberalism*, na qual se propõe a fazer uma discussão crítica em torno do liberalismo e concentra sua crítica nos malefícios do EBS. No início dos anos de 1960, em sua casa em Sharon, Connecticut, Buckley articulou-se para a criação *Young Americans for Freedom* (YAF), que foi um grupo que rapidamente reuniu nomes que passaram a ser importantes para o conservadorismo americano, como Barry Goldwater, Richard Viguerie e Howard Phillips. A proposta do YAF nasceu em torno de sua declaração de fundação, conhecida como a declaração de Sharon, na qual notamos uma clara retórica libertária e dirigida a uma geração de jovens conservadores.

Como nos mostra Gottfried (2007), a mobilização e o esforço de Buckley na segunda metade dos anos de 1950 é a pedra fundamental para o conservadorismo americano que irá se desenvolver a partir dos anos de 1960. Em torno da *National Review*, bem como da YAF, articulava-se um conservadorismo clássico, como o pontuado por Russell Kirk, que valoriza a comunidade, a moral e a religião abrindo-se para uma crítica ao liberalismo como se se aliasse aos chamados libertários de uma linha mais filosófica, como Ayn Rand ou uma linha mais econômica, com foco no livre-mercado, crítica ao keynesianismo e à Guerra Fria e que tinha uma postura contrária ao isolacionismo. Nesse ponto, mesmo sendo incipiente, temos clara uma plataforma política para se pensar numa Nova Direita nos EUA.

2.3 *The Times They Are A-Changin'*: Os anos de 1960 e as raízes do neoconservadorismo, de uma Nova Direita e de uma Nova Esquerda

*"We were so close, there was no room
We bled inside each other's wounds
We all had caught the same disease
And we all sang the songs of peace"*¹²⁰

No começo dos anos de 1960, a *National Review* crescia e só fazia aumentar seus assinantes. Na mesma toada, a YAF (Young Americans for Freedom) captava mais e mais defensores para suas ideias. Concomitantemente, John F. Kennedy (JFK), ainda como candidato, prometia, entre outras coisas, um governo progressista, ativo, que iria combater a pobreza e expandir programas de segurança social como, por exemplo, o auxílio-desemprego. Esse conjunto de propostas era sintetizado por eles pela expressão *New Frontier*. Um ano após sua vitória nas eleições, já em 1961, seu *New Frontier* mobilizava não só os conservadores, como suscitou um novo fôlego para os libertários, principalmente dos círculos dos economistas críticos ao EBS (Estado de Bem-Estar Social) da Escola de Chicago.

Em 1960, o *New Deal*, de Roosevelt, já parecia algo distante, mas o liberalismo (como ideologia e como política) mostrava-se mais forte do que nunca sob o comando JFK. O liberalismo era visto como a tentativa do governo de alterar os rumos da sociedade, seja propondo-se a combater a pobreza ou a discriminação racial, seja discutindo a Constituição dos EUA e o próprio papel que desempenhavam em relação às minorias (católicos, judeus, negros e latinos).

Os EUA da década de 1960 viram os chamados filhos da Grande Depressão – também conhecidos como geração *baby boom*¹²¹ – reivindicando, sobretudo, melhores condições de trabalho, em meio a uma nação que viu seus subúrbios serem ocupados pela classe média e uma cultura vigorosamente jovem. Ser jovem, naquela situação, significava afirmar uma autonomia e o direito à rebeldia, condição necessária em meio a uma população na casa dos 180 milhões. Essa autonomia e essa rebeldia refletiam-se na forma de se vestir, nos hábitos culturais e

¹²⁰ Trecho da canção Lay Down (*candles In The Rain*) de Melanie Safka, uma das canções mais famosas do “verão do amor” de 1969, que, entre outros festivais, ficou marcado pelo Woodstock, que reuniu milhares de jovens.

¹²¹ Geração nascida entre 1940 e 1964.

na crítica aos costumes arraigados. Rapidamente, a busca por modos e atitudes de essência jovem, através da mobilização e da contestação social, foi interpretada pelos críticos e pelo *status quo* como a manifestação de uma “contracultura”. Alcinha rapidamente aceita nos mais diversos meios, a cara do movimento era ilustrada por jovens boêmios, literatos e críticos, inspirados em alguns dos pioneiros que, como os escritores Allen Ginsberg (1926 - 1997) e Jack Kerouac (1922-1969), marcaram e influenciaram o que ficou conhecido como “Geração *Beat*” (cujo epicentro deu-se entre os anos de 1950 e início dos anos de 1960). A “Geração *Beat*” traduzia a insatisfação dos jovens, o cansaço e o inconformismo com a massificação e a padronização do modo de vida, o *american way of live*, tão em voga. Eram jovens que queriam experimentar coisas novas, se livrar de valores e de costumes opressivos. Afirmavam o poder e o direito de discordar e o de ser diferente.

Rapidamente, essas ideias de mudança, inconformismo, senso de urgência e rebeldia ganharam um direcionamento político e passaram a influenciar a política dos EUA. Um marco importante nesse sentido ocorreu em 1962, com a “Declaração de Port Huson” (Michigan). Esse manifesto, surgido em decorrência da mobilização da *Students for Democratic Society* (SDS), representou a primeira tentativa de renovar o pensamento da esquerda dos EUA, propondo uma Nova Esquerda. No documento, a organização apresentou os temas que iriam pautar boa parte dos debates da década de sessenta do século XX: a preocupação com a corrida armamentista e com a ameaça nuclear, a segregação racial nos EUA, os sentidos e as potencialidades da democracia, além das críticas à alienação, à sociedade burocratizada e oprimida, tanto economicamente como, sobretudo, cultural e psicologicamente. Como nos mostra Sousa (2009), a SDS também inovava em suas estratégias de ação política, propondo formas de mobilização comunitária, além de marchas, palestras, panfletagens e formação de ação direta. Era uma organização ativista estudantil que começou com cerca de 800 membros, mas que, com grande capacidade de comunicação e mobilização, expandiu-se rapidamente, atingindo milhares de estudantes espalhados pelos campi das universidades de todo o país.

A primeira grande causa abraçada pelo movimento estudantil (principalmente no âmbito da renovação da esquerda, das ações da SDS e de outras organizações menores com ideias análogas) era, como nos mostra Sousa (2009), a defesa dos direitos civis. Tanto os movimentos de defesa dos negros, como os de jovens propunham os *sit-ins* como estratégia de ação direta – práticas de manifestação influenciadas pelas ideias de pacifismo, inconformismo e democracia

participativa. Nesse contexto, vale ressaltar a figura de Martin Luther King e de sua *Southern Christian Leadership Conference* como destaque na liderança dos movimentos de defesa dos negros. O auge dessa forma de mobilização ocorreu em 28 de agosto de 1963, quando milhares de ativistas marcharam por Washington D.C e ouviram o famoso discurso do Dr. King, "*I Have a Dream*".

Três meses após tal marcha, JFK seria assassinado em Dallas, assumindo, em 1964, seu vice, o texano Lyndon B. Johnson (LBJ), que tinha fama de ser mais liberal que seu companheiro de chapa. O *New Frontier* transformou-se em *Great Society*, mantendo a promessa de combate à pobreza. Logo em seu primeiro ano na Casa Branca, Johnson ratificou a Emenda dos Direitos Civis, que já estava na agenda de seu sucessor. Apesar da regulamentação e do respaldo jurídico, muitos estados sulistas desafiavam a lei. Um caso exemplar foi o Alabama, governado por George Wallace, que, não reconhecendo a emenda, prendia e autorizava repressões violentas às marchas e *sit-ins* do movimento negro e dos jovens. Paralelamente aos conflitos domésticos em 1965, os EUA se envolveram na Guerra do Vietnã.

Diante dos novos rumos da Guerra Fria, das alterações estabelecidas pela Emenda dos Direitos Civis e da mobilização dos jovens questionando a sociedade americana em sua dimensão econômica, social, cultural, política e psicológica, as primeiras reações do espectro conservador não tardaram a despontar. Os primeiros a reagir foram políticos sulistas, como George Wallace (1919-1998), Barry Goldwater (1909-1998), do Arizona, e Strom Thurmond (1902 - 2003), da Carolina do Sul. O foco de suas ações, principalmente Wallace e Thurmond, era combater os efeitos decorrentes da Emenda dos Direitos Civis e garantir o direito segregacionista dos estados¹²². Uma segunda reação despontou nos círculos intelectuais de NY. Conservadores preocupados com as questões da ordem e do funcionamento da sociedade, com as reivindicações e posturas dos jovens (contracultura), agregavam-se mais uma vez, a partir de 1960, a William Buckley, Norman Podhoretz, todos em torno da revista *Commentary*¹²³. O livro

¹²² Tradicionalmente e historicamente, os estados do Sul eram um campo de hegemonia dos democratas, mas, mesmo entre eles, a Emenda dos Direitos Civis nunca foi consensual. Democratas que defendiam a segregação se mobilizavam desde os anos de 1940. Segundo Limoncic (2009), foi em 1948 que o Partido Democrata incorporou à sua plataforma a defesa do fim da segregação, em boa medida percebendo o impacto eleitoral que poderia ter incorporando os negros à sua base. No mesmo ano, os democratas sulistas se mobilizaram e criaram, dentro do partido, o grupo de defesa dos direitos dos estados, que ficaram conhecidos como *Dixiecrats*.

¹²³ A revista *Commentary* foi fundada em 1945 vinculada ao *American Jewish Committee*, de NY. Inicialmente, a temática era liberal e foi a partir do direcionamento de Podhoretz, nos anos de 1960, que passou a ser um centro de

The End of Ideology (1960) de Daniel Bell (um colaborador da *Commentary*), cuja coleção de ensaios versava majoritariamente sobre os anos 1950, foi visto nos círculos intelectuais nova-iorquinos como um instrumento importante para a compreensão do que também ocorria naqueles anos incipientes da década de 1960. Segundo Bell, os EUA dos anos de 1950 construíram um consenso político com base em um processo decisório racional, uma economia pautada pelos avanços tecnológicos, funcionando a partir de uma estrutura mista e pluralismo político. Dessa forma, “o fim da ideologia”, como sugere o título, deve ser entendido, no âmbito da obra, como uma espécie de reconhecimento da vitória das ideias liberais. Neste contexto, a partir de tal evidência (e diante da década que se iniciava), o autor pergunta se ainda haveria nos EUA, àquela altura, algum partido que não fosse liberal.

Contrariando as expectativas de Bell, o senador Barry Goldwater lançou-se pré-candidato à presidência, não só criticando a agenda liberal como também propondo políticas que ele sequer temia em classificar como conservadoras. Conquistada a sua nomeação pelo Partido Republicano, rapidamente transformou-se num ícone do conservadorismo¹²⁴. Tendo começado sua marcha derrotando Nelson Rockefeller¹²⁵ (então governador de NY e símbolo da defesa do liberalismo moderado dentre os republicanos) e posteriormente avançando para a disputa nacional nas eleições presidenciais em 1964, Goldwater passou a vislumbrar assim, um futuro glorioso para a sua bandeira política.

Sua postura era afirmativa e confiante. Sua plataforma de campanha contava com o apoio da YAF e da *National Review*. Por ter votado contra a Emenda dos Direitos Civis, foi muitas vezes acusado de racista. Costumava dizer que não se desculparia por ter se posicionado contra a interferência da União nos Estados, assim como por ser conservador. E apesar de tal perfil, sua candidatura conseguiu se valer do debate em torno dos direitos civis para discutir até onde é aceitável a interferência do Estado na vida das pessoas. Conforme argumenta em seu livro

referência como reação à contracultura, como ponto de reflexão sobre os rumos da Guerra Fria e também como um dos núcleos do pensamento neoconservador.

¹²⁴ Goldwater rapidamente ganhou o respeito e conseguiu empolgar aqueles que se diziam conservadores, principalmente por propor a expansão do poder americano além da retórica antigoverno. Mas não podemos deixar de lembrar que ele tinha posições que seriam consideradas liberais, como a defesa ao direito ao aborto. Suas posições quanto a temas como homossexualismo e drogas também seriam liberais. Para uma discussão mais aprofundada consultar *Before the Storm: Barry Goldwater and the Unmaking of the American Consensus*, de Rick Perlstein, ed. Nation Books, NY, 2009.

¹²⁵ Kabaservice (2012) lamenta que Rockefeller, um republicano moderado, tenha investido tanto em sua tentativa de chegar à Casa Branca ao invés de ter investido e ter dado mais respaldo a outros republicanos moderados. Neste processo, segundo Kabaservice, os conservadores dominaram o partido republicano.

de campanha *The Conscience of a Conservative*, lançado em 1964¹²⁶, para ele, a postura conservadora sustenta-se no seguinte tripé: a) combater a interferência do governo federal, defendendo assim, os direitos dos estados – combater, por exemplo, as políticas de bem-estar social; b) expandir a liberdade, o que implica promover uma economia emancipatória e não de controle (assegurando, assim, os “direitos naturais”, como educar, se defender e produzir sem interferência do Estado e, por fim, c) combater o comunismo de forma ofensiva, o que significava dar mais vigor à estrutura militar, priorizando a estratégia geopolítica em detrimento da diplomática acarretando num enfraquecimento das instituições multilaterais.

Goldwater não tinha dificuldades em transmitir sua mensagem (calcada em seu tripé conservador) mostrando que combater a URSS e o estado de bem-estar social não eram coisas tão distantes do cotidiano da vida do americano típico¹²⁷.

A eleição de 1964 foi um marco para o conservadorismo americano e para a delimitação de uma Nova Direita. A disputa se polarizou entre Lyndon Johnson e Barry Goldwater: o primeiro apresentando-se como uma continuidade do governo de JFK; o segundo assumindo pela primeira vez na história política americana uma candidatura declaradamente conservadora. Ganhando em cinco estados (todos do Sul), Goldwater conquistou 38,5% dos votos. Com tal façanha, além de conseguir transmitir uma mensagem clara, revelou a existência de um eleitorado de quase 30 milhões dispostos a apoiar políticas de forte oposição à plataforma liberal.

O impacto de Goldwater não só inspirou jovens conservadores, como Harry Jaffa, Patrick Buchanan, L. Brent Bozell e Richard Viguerie, que se envolveram diretamente na campanha, como também mostrou existir espaço para publicações conservadoras, inspirando Irving Kristol a criar o jornal *The Public Interest*, em 1965. O conservadorismo não isolacionista de Goldwater também incentivou centros de pesquisas, fundações e, sobretudo, *think tanks* a discutirem e produzirem alternativas aos EUA face os rumos da Guerra Fria. Foi o caso da *Rand Corporation*, *American Enterprise Institute* (AEI), Fundação Coors, Fundação Bradley e do *Hoover Institution* (vinculado à Universidade de Stanford, na Califórnia), todas elas gerando

¹²⁶ A ideia de afirmação conservadora é reforçada pelas obras de Willmoore Kendall, *The Conservative Affirmation*, de 1963 e a ainda anterior, de 1962, de Frank Meyer, *In: Defense of Freedom: A Conservative Credo*.

¹²⁷ Na campanha Goldwater, costuma dizer que temia mais Washington e o governo centralizado do que Moscou e a URSS.

emprego para jovens pesquisadores dispostos a mostrar alternativas à hegemonia liberal, tanto na Guerra Fria, como na política doméstica.

A segunda metade dos anos 1960 e o segundo mandato de Johnson foram marcados pelo crescimento da violência na Guerra do Vietnã (1965 a 1972) e, consequentemente, por um aumento da violência nos protestos e nas manifestações juvenis no campo doméstico. No biênio 1966/67, como nos mostra Sousa (2009), estudantes ocupavam e faziam *sit-ins* e *teach-ins*¹²⁸ intensivamente em universidades de todo país. A SDS crescia em número de filiados, mas também se dividia em grupos pacifistas (como a *Student Peace Union*, que fazia mobilizações antiguerra) e em outros que defendiam ações de guerrilha e de terrorismo doméstico (caso da organização *Weather Underground*, criada em 1969). A sensação de bifurcamento também ocorria no movimento negro pós-Lei dos Direitos Civis. Tanto em 1964, como em 1965 ocorreram muitos casos de violência urbana generalizada suscitados por questões e conflitos raciais. Em 1965, o ativista e importante líder negro Malcolm-X, foi assassinado no Harlem (Nova Iorque), assim como Martin Luther King, em Memphis, em abril de 1968. Esses crimes criaram em uma parcela do movimento negro, a busca por uma organização não integracionista e disposta ao conflito. Nesse contexto, como nos mostra Sousa (2009), nasceu em Ockland o “Partido Pantera Negra”, em torno dos ativistas Huey P. Newton e Bobby Seale.

Se a eleição de 1964 foi decisiva para a ideia de uma Nova Direita, a de 1968 marcou o *début* de uma Nova Esquerda. Sob o forte impacto da Guerra do Vietnã, nas primárias do Partido Democrata, como nos mostra Matuz (2004), havia três candidatos fortes: Hubert Humphrey, Robert Kennedy (assassinado em 1965) e Eugene McCarthy, sendo estes dois últimos mais próximos da Nova Esquerda. McCarthy, vencedor das primárias em seis estados, terminando a disputa em terceiro lugar, defendia praticamente uma única plataforma: o fim da Guerra do Vietnã. Toda essa turbulência, aproximação e influência do movimento estudantil em apoio aos democratas deixaram muitos liberais incomodados.

¹²⁸ *Siti-in* consiste em ocupar totalmente e de forma pacífica um determinado lugar (pode ser uma praça, uma sala de aula, um escritório, um laboratório etc.). A ocupação pode ser simplesmente ficar sentado em determinado lugar. Quando a polícia chega ou há uma ordem de desocupação, a estratégia é resistir de forma não violenta, forçando a polícia a ter que arrastar ou remover todos os manifestantes, processo que muitas vezes é lento e pode acabar por forçar a polícia a desistir. Já o *teach-in* segue a mesma finalidade dos *sit-in*, mas, ao invés de simplesmente ocupar, ocorre uma aula ou palestra de um convidado ou, simplesmente, um debate que pode, por exemplo, durar uma noite toda.

2.4 Entre protestos, descontentes, desiludidos e silenciosos: A reação e a transição dos conservadores durante a década de 1970

O candidato republicano Richard Nixon não conseguiu mobilizar o mesmo eleitorado seduzido por Goldwater quatro anos antes, mas atraiu liberais descontentes e teve certo apelo nos estados do Sul devido à desconfiança dos eleitores em relação a todo e qualquer candidato democrata depois da Lei dos Direitos Civis. Em torno de Nixon estavam alguns conservadores mais experientes, como Patrick Buchanan e Daniel P. Moynihan. O candidato também conquistou um forte respaldo entre os católicos. Isso se deve, em parte à plataforma política voltada para uma classe média que não estava se manifestando contra a Guerra do Vietnã e que poderia ser mais numerosa do que os jovens que estavam protestando nas ruas. Nixon referiu-se a esse eleitorado como “maioria silenciosa”. Para outros analistas, como Perlstein (2009), trata-se do chamaram de plataforma da lei e ordem voltada para a América da classe média, é uma tentativa de volta à normalidade e à vida cotidiana distante da contracultura da década anterior. Nixon falava a um eleitorado que não era necessariamente conservador, mas antielitista e antimovimento estudantil.

Na eleição de 1972, Richard Nixon enfrentou um candidato totalmente identificado com a Nova Esquerda: o professor universitário George McGovern, veterano da II Guerra, filho de pastor e senador pelo Dakota do Sul. Se a eleição de 1968 foi vencida com uma margem estreita, nessa o republicano obteve mais de 60% dos votos. O segundo mandato de Nixon durou até 1973, quando renunciou em consequência de uma série de escândalos conhecidos como *Watergate*¹²⁹. Seu vice, Spiro Agnew, também renunciou, assumindo Gerald Ford, tendo Nelson Rockefeller como suplente. O governo Ford/Rockefeller (1974 – 1977), que contava com maioria no Congresso e tinha um perfil mais liberal na Suprema Corte, conseguiu aprovar uma série de medidas e leis que asseguravam direitos às mulheres, imigrantes, outras garantias civis, além do marco *Roe versus Wade* e *Doe vs. Bolton*¹³⁰, de 1972, que tornou legal a prática do aborto.

¹²⁹ O escândalo conhecido como *Watergate* envolvia escutas clandestinas ao Partido Democrata. Envolveu não só Nixon, como também seu vice, Spiro Agnew, entre outros nomes ligados ao partido republicano.

¹³⁰ *Doe versus Bolton* foi uma decisão da Suprema Corte de 1972 que revogou a tentativa do estado da Geórgia de restringir o aborto. Já a *Roe versus Wade* define até qual ponto uma gestação pode ser interrompida. O caso parte da situação de Norma L. McCorvey, do Texas, onde o aborto era restrito. Norma, não querendo ter seu terceiro filho, tentou alegar ter sofrido estupro para poder fazer o aborto. O caso se estendeu com inúmeras complicações e foi

Todas essas transformações suscitaram entre os conservadores a percepção de crise moral e de ameaça à democracia americana. Himmelfarb (1998) identifica nos anos sessenta do século XX uma conjuntura que entende envolver e comprometer os princípios éticos, a família, a civilidade e a cultura, tanto em sua dimensão mais refinada, como também popular. O legado dos anos dessa década seria um só: o declínio moral dos EUA que, por sua vez, estaria evidenciado pelo aumento da violência, dos crimes, do consumo de drogas e de pornografia, além do aumento dos divórcios, da prática de aborto e declínio nos índices de casamento. Diante de tamanha crise, seria preciso uma mudança de rumo. Caso contrário, como questiona Weaver (1984), a própria existência da civilização moderna poderia estar em risco.

A escolha de George McGovern como candidato dos democratas, em 1972, foi decisiva para que uma série de intelectuais, que se consideravam liberais, demonstrassem seu desencantamento e desilusão, a ponto de pouco a pouco irem renovando o espectro conservador do país. Em síntese, esse é o caso dos intelectuais de Nova Iorque que ficaram conhecidos posteriormente como neoconservadores.

É o que se dá, por exemplo, com Daniel Bell, que nos anos de 1970 lecionava em universidades de ponta, como Harvard e Columbia e figurava entre os pensadores mais influentes da década. *The End of Ideology* (sua obra de 1960) era discutida, tanto entre os círculos da Nova Esquerda, como nos da Nova Direita. Bell se recusava a aceitar o título de neoconservador, dizendo-se, nos termos de Steinfels (1979), “socialista na economia, liberal na política e conservador nos temas culturais”. Os vínculos que admitia ter com os adeptos da nova corrente antiliberal era o de ser frequentador de alguns círculos nos quais estes também se mostravam e o de colaborar com publicações tidas como ligadas a eles, como a *Public Interest* e a *Commentary*. Apesar de relutar em aceitar o título de conservador ou de neoconservador, Bell demonstrava um descontentamento com o liberalismo e com a sociedade de cultura liberal dos anos de 1960 nos EUA – dos sinais mais fortes da transição desse grupo para o espectro conservador.

Em 1976, Bell lançou *The Cultural Contradiction of Capitalism* com uma discussão focada na cultura. Argumentou que o indivíduo vivia um hedonismo psicodélico, perdido em meio à emergência da multidão e que, sem disciplina, seria uma vítima e, ao mesmo tempo, um algoz do declínio moral da sociedade. Para o autor, o liberalismo americano produziu, nos anos

levado à suprema corte. Para uma discussão mais aprofundada, conferir *Roe versus Wade: The Abortion Rights Controversy in American History*, de N. E. H. Hull e Peter Charles Hoffer, Ed. University Press of Kansas, 2010.

de 1970, uma sociedade em crise espiritual sob risco de uma anarquia cultural. A crise do indivíduo no liberalismo também foi o foco de Daniel Patrick Moynihan, que nos anos de 1970 era o rosto mais famoso dentre os liberais críticos do liberalismo e talvez o único político neoconservador membro do Partido Democrata (foi senador pelo partido representando Nova York entre 1977 e 2011).

Nathan Glazer (1988), na mesma linha argumentativa, defendia que o governo, ao propor cotas e outras formas de ações afirmativas, estava produzindo uma discriminação positiva. A relação desses intelectuais (liberais descontentes) com a questão racial americana é decisiva para uma primeira tentativa de inseri-los entre os interlocutores e atores do conservadorismo americano. Apesar de despertarem a ira de muitos liberais que ainda lutavam e defendiam as Leis dos Direitos Civis, o alvo de tais pensadores era mostrar sua diferença em relação aos conservadores sulistas, que não só se opunham às políticas afirmativas, mas, sobretudo, eram contra a própria proposta das Leis.¹³¹ A partir desse ponto é possível argumentar, como sinaliza Gottfried (2007), para o nascimento de uma Nova Direita, separando-a dos conservadores sulistas, os grupos e atores que defendiam a segregação racial e que tinham uma argumentação anti-igualitária. Essa Nova Direita seria pró-Direitos Civis, antirracista, simpática a lideranças negras, como Martin Luther King Jr., sendo apenas contrária às ações afirmativas e às políticas de bem-estar social que beneficiam seguindo critérios étnico-raciais.

Irving Kristol – por muitos considerado o pai do neoconservadorismo – em seus textos produzidos principalmente para a *Commentary*, a *Public Interest* e para a *Encounter* (sendo delas editor), demonstra, durante os anos setenta do século XX que, para além da preocupação com o indivíduo, o autor sobrevaloriza a importância da autoridade e argumenta que, na sociedade liberal de seu tempo, o grande risco estava na crise moral pela qual os EUA passavam. Para ele, se a crise era moral, só poderia haver uma solução moral. Decorre de tal argumento a ideia de que sua aposta é a volta da religião como um instrumento e como uma totalidade que igualaria e educaria moralmente os indivíduos.

Kristol, durante a década de 1970, contribuiu e escreveu em espaços de grande influência, como no *Wall Street Journal*, colocando-se como um liberal que se recusou a mudar,

¹³¹ Nesse ponto, os neoconservadores também se afastavam de muitos libertários que eram contrários à Emenda dos Direitos Civis, dentre eles podemos citar Ayn Rand, que argumentava: “O Racismo privado não é uma questão legal, mas moral – e pode ser combatido apenas por meios privados, como boicote econômico ou ostracismo social”. (RAND, 1972, p. 108).

denunciando a vulgaridade e a imoralidade da sociedade americana de seu tempo. Em seus textos também discutia os rumos do capitalismo, questionando os limites da racionalidade do sistema, para os quais também cobrava embasamento ético e moral. Kristol, que já tinha sido socialista, nunca chegou a ser um entusiasta do capitalismo. Apesar disso, como nos mostra Hoeveler (1991), foi através da sua influência e sua rede de contatos com fundações e *think tanks* conservadores que economistas e os intelectuais que defendiam a estratégia econômica do *Supply-side*¹³² receberam apoio e incentivo¹³³ para pesquisas e divulgação de suas ideias.

Entre os principais beneficiários, como lemos em Hoeveler (1991) e Blumenthal (1988), estavam Arthur Laffer e Milton Friedman. Friedman, no começo de sua carreira, trabalhou como estatístico durante o *New Deal* e nas décadas de 1950 e 1960 passou a discutir e a defender a ideia de um capitalismo de livre-mercado como professor da Escola de Chicago, definindo-se, então, como um liberal no sentido econômico do termo e evitando colocar-se como conservador.

Em 1976, Friedman ganhou o Nobel de economia, aumentando ainda mais sua influência, principalmente através do relançamento de seu livro *Capitalism and Freedom*, lançado em 1962. Seu destaque dentre os pensadores econômicos do final dos anos de 1960 foi boa parte impulsionado pelo nascente neoconservadorismo. A relação entre o neoliberalismo, que parte das teorias de livre mercado e o neoconservadorismo dos intelectuais de Nova Iorque pode tanto reforçar a tese de que os segundos nunca deixaram totalmente a plataforma liberal, como também pode servir para argumentar que houve uma mudança de lado, na medida em que intelectuais, como Daniel Bell e Irving Kristol, diagnosticavam uma crise moral e temiam a ameaça do niilismo à sociedade capitalista moderna. Em boa medida, fruto das políticas keynesianas e de bem-estar social, tais pensadores buscariam, portanto, uma mudança de rumo, de sentido, uma nova ética para um capitalismo eticamente em crise e para uma sociedade moralmente frágil. Um outro ponto importante que devemos frisar é que a associação dos neoconservadores à defesa do livre-mercado está em ressonância com uma renovação que, como

¹³² A *Supply - side economics* é uma teoria aplicada na economia, mas que parte de uma leitura do comportamento humano. São dois os princípios fundamentais: (i) cortar gastos e aumentar a arrecadação do governo e (ii) a ideia de que “a oferta cria sua própria demanda”. Essa teoria entrou no debate cotidiano a partir do governo Reagan, que formou seu gabinete com nomes entusiastas dessa teoria. Para uma discussão mais aprofundada, cf. de Bruce R. Bartlett, *Reaganomics: Supply-side economics in action*, Ed. Quill, NY, 1982.

¹³³ Kristol indicou Leslie Lenkowsky, um professor de administração pública da Universidade de Indiana, defensor e pesquisador do *Supply - side economics*, para trabalhar na Fundação Smith-Richardson. Na AEI, onde Kristol era pesquisador sênior, ele indicou e incentivou as pesquisas em torno de temas de *Supply - side economics* de Michael Novak e George Gilder, entre outros.

nos mostra Gray (2006), também ocorre na Europa, principalmente na Inglaterra onde, partindo de novas leituras e novas discussões em torno das obras de Friedrich Hayek¹³⁴ (1899 – 1992), renovavam boa parte da direita e do pensamento conservador europeu.

Kristol, Glazer, Moynihan, Bell, entre outros nomes como James Q. Wilson e Edward Banfield, além de serem liberais críticos do liberalismo, tinham outras coisas em comum. Eles escreviam basicamente em duas revistas, a *Commentary*, cujo editor era Norman Podhoretz, e na *The Public Interest*, do próprio Irving Kristol. Suas pesquisas vinham basicamente da mesma fonte, a AEI, que buscava fomentar trabalhos de viés político e econômico críticos ao liberalismo. Ainda na década de cinquenta, estavam principalmente sob a liderança de Daniel Bell, no *American Committee for Cultural Freedom* (ACCF), que, por sua vez, era vinculada ao *Congress for Cultural Freedom* (CCF), no qual Irving Kristol se destacou no final dos anos de 1960. Mas as raízes desse grupo de intelectuais liberais são mais profundas e chegam aos anos de 1930 e 40.

Para Steinfels (1979), esse grupo, que posteriormente ficou conhecido como a primeira geração do pensamento neoconservador, já estava articulado e já se conhecia do movimento estudantil de NY, no final dos anos de 1930, especialmente no *City College*, onde estudavam os filhos da classe média. Enquanto estudantes, esse grupo se identificava como socialista, mas não comunista; os comunistas, muito mais populares e numerosos entre os estudantes estavam na Alcove N. 2, restando a Alcove N.1 para os críticos do stalinismo, além de ser um reduto para os poucos trotskistas que estavam filiados ao *Young People's Socialist League*¹³⁵. O fato de ser minoria e de ter um adversário ideológico forte e hegemônico fez com que esse grupo criasse laços intelectuais fortes, buscasse seus próprios meios e espaços para comunicação, além de forçar-se a ser disciplinado nos estudos e bem treinado para os debates. Esses intelectuais sempre tiveram clara a ideia de ser uma classe e de que, para se firmarem ou para serem influentes, teriam que disputar o poder com outras classes. Isso pode nos ajudar a entender o porquê de um estranhamento inicial e de uma grande resistência quando seus críticos passaram a se dirigir a eles como neoconservadores.

Ser ou não ser conservador não era a questão teórica para Daniel Bell nem para Irving Kristol ou para a sua geração da Alcova 1. Antes estavam preocupados com os rumos do

¹³⁴ Tal como encontramos em Diamond (1995), Hayek também começou sua trajetória intelectual como socialista, assim como os neoconservadores.

¹³⁵ A rivalidade desse grupo era diante da *Young Communist League*.

liberalismo. O liberalismo que essa geração aprendeu, ensinada por professores como Leo Strauss, Sidney Hook e Lionel Trilling, via os anos de 1960 como desastrosos e imorais para os rumos, não só da democracia nos EUA, como também para a própria sociedade ocidental. Isso se deu de tal forma que eles se colocavam muito mais como verdadeiros liberais dispostos a corrigir o rumo. Só seriam conservadores se o termo fosse aplicado no sentido de defesa e conservação do *ethos* liberal. Em síntese, essa seria uma defesa do capitalismo (em sua vertente de livre-mercado), retomando a ideia de secularismo e valorizando a comunidade em oposição a mudanças radicais como revoluções, por exemplo. Se ser neoconservador significava defender o *ethos* liberal e apresentar uma alternativa, quando não uma solução para a crise moral dos EUA, eles não temiam as críticas, pois já estavam acostumados a ouvi-las desde os anos de 1940, quando deixaram o rótulo de socialistas para abraçar o de liberais.

A tentativa de mudança de rumo para o liberalismo americano ocorria, tanto na esfera doméstica, onde o foco era as consequências negativas dos anos sessenta e do EBS, como também na política externa, preocupada com rumos dados à Guerra Fria. No debate doméstico, destacaram-se Daniel Bell, Nathan Glazer e Irving Kristol fazendo a crítica às transformações negativas dos anos 1960, mostrando a perversidade do EBS, principalmente da *Great Society* de LBJ e oposição às ações afirmativas, discutindo o colapso moral e da autoridade diante de um indivíduo niilista hedonista e perdido em meio à emergência das massas. Nesse ponto, os neoconservadores, apesar da retórica mais sofisticada com referências à filosofia política e aos temas morais e religiosos, não se diferenciavam muito da agenda, tanto do conservadorismo proposto por Barry Goldwater, em 1964, como das ideias defendidas pelos círculos próximos a William Buckley Jr. A única diferença entre os que estavam com Goldwater ou Buckley, é que os primeiros não hesitavam em se dizerem e se afirmarem como conservadores. Essas três forças pareciam ter se encontrado no cruzamento entre a defesa do capitalismo moderno de livre mercado e livre iniciativa com respaldo moral, institucional e de autoridades fortes, tentando superar os anos de 1960, resgatar e reeditar os valores tradicionais que eram tidos como conservadores¹³⁶ (liberdade, família com papéis e gêneros bem definidos, propriedade sociedade civil separada da administração pública, etc.).

A diferenciação dos neoconservadores dentro do espectro conservador surge em suas propostas e na visão de mundo que tinham para os EUA na política internacional. Nesse sentido,

¹³⁶ Para os neoconservadores esses valores poderiam ser chamados de moldura liberal.

o esforço começou com Daniel Moynihan que, como senador a partir de 1972, adotou como prioridade atuar na Comissão de Política Externa. Norman Podhoretz, como editor e colaborador da revista *Commentary*, defendia outro rumo estratégico na Guerra Fria¹³⁷. Francis Fukuyama, então um jovem doutor em Harvard, criticava o otimismo da política externa de JFK. Charles Krauthammer, um psiquiatra que decidiu ser articulista e comentarista político, denunciava o isolacionismo que, na sua opinião, direcionava a política externa dos democratas, propondo mais intervencionismo do que mero internacionalismo. Com a mesma lógica de cobrar mais ação, Jeane Kirkpatrick questionava a eficácia da contenção diante da URSS, bem como da legitimidade de organizações internacionais como a ONU¹³⁸. De forma dispersa e não mais concentrada somente aos círculos de NY, os neoconservadores propunham, diante da Guerra Fria, uma política externa mais agressiva, intervencionista ou, nos termos de Mead (2005), wilsonianiana.

O foco trazido por essas discussões em torno da política externa enfraqueceu atores até então fortes do conservadorismo americano, principalmente os libertários que, neste campo de debate, eram isolacionistas ou, quando muito, seguiam o realismo clássico de Morgenthau. A causa antiEBS e anti-impostos, sólidas bandeiras dos libertários, assim como a oposição às ações afirmativas, há muito tempo discutidas nos círculos libertários, permaneciam na agenda, mas o isolacionismo passou a ser categoricamente descartado. E toda a preocupação com a crise moral e com o colapso da autoridade trazia à tona uma linha mais tradicionalista que faz referência a autores como Leo Strauss, Allan Bloom, Eric Voegelin e Richard Weaver. Para alguns autores, como Blumenthal (1988), esse é um dos momentos em que podemos separar uma nova de uma velha direita e, para outros, como Kagan (2006) e Teixeira (2010), é pela política externa que os neoconservadores conseguem se destacar e firmar seu espaço no conservadorismo americano. Entre críticas ao isolacionismo e à retomada de uma vertente conservadora mais tradicionalista é que podemos efetivamente pensar qual é a novidade trazida pelos neoconservadores e quão

¹³⁷ O ponto central da crítica de Podhoretz era quanto aos rumos da Guerra com foco na détente. Para ele, esse rumo teria como fim o isolacionismo e somente fortaleceria os soviéticos. Cf. banco de artigos de Norman Podhoretz na revista *Commentary*, alguns estão disponíveis *online* em: <http://www.commentarymagazine.com/search/>. Acessado em: 01/05/2012.

¹³⁸ Como nos mostra Hoeveler (1991), tanto Krauthamer, como Kirkpatrick entendiam que se os EUA tem na ONU o mesmo *status* que todos os outros países, ao invés de se comportarem como um estado forte, se igualariam aos estados fracos, o que só favorecia a URSS.

emblemática é a relação desses intelectuais com o pensamento e o movimento conservador americano.

Hoeveler (1991), por exemplo, ao analisar a trajetória de Irving Kristol, enfatiza o diálogo desse autor com os tradicionalistas. Chega a concluir que Kristol não inventou o neoconservadorismo, tampouco mudou de liberal para conservador. Ele sempre teria sido um conservador tradicionalista. Já Gottfried (2007) argumenta que Kristol e a primeira geração de neoconservadores, ao negarem a tradição isolacionista e ao proporem um novo direcionamento para a política externa, estariam tentando mudar os valores e reinventar as tradições do conservadorismo americano, às quais esse grupo não teria qualquer apreço.

Somando o senso de crise doméstica com um questionamento da postura americana na política internacional, os neoconservadores imprimiram ao conservadorismo dos anos de 1970 um senso de crise de confiança, tanto no poder americano, como diante das próprias instituições e da democracia da sociedade civil estadunidense.

Diante do senso de crise e da urgência de uma mudança de rumo, surgiram, no final dos anos de 1970, outros movimentos que pretendiam ser uma reação ou até mesmo uma proposta de contrarrevolução frente ao que entendiam ser a revolução cultural dos anos 1960. Esse foi o caso de movimentos liderados por mulheres que se colocavam contra o feminismo e contra as bandeiras das feministas (direitos iguais nas relações de gênero, direito a trabalhar fora de casa, direito ao aborto, direito a métodos contraceptivos, maior engajamento e participação na política local e nacional, etc.).

Mulheres como Phyllis Schlafly e Beverly LaHaye reagiram à Emenda dos Direitos Iguais, proposta em 1972, que tinha em sua primeira redação a afirmação de que não poderia haver discriminação por sexo. Martha Griffiths, uma advogada de Michigan, é sem dúvida o principal símbolo dessa conquista. Ela foi uma das mulheres pioneiras na política americana dos anos de 1950 e, como advogada, trabalhou na emenda dos Direitos Civis, onde incluiu uma série de artigos proibindo a discriminação por sexo/gênero. Tais políticas representavam, para as mulheres conservadoras, uma grande ameaça ao casamento e à própria família. Schlafly (1978) entendia, por isso, que a Emenda dos Direitos Iguais era imoral, uma consequência de uma política liberal que valorizava o individualismo, o hedonismo e o niilismo. Seu esforço foi o de construir uma mobilização de base, impedindo que a aprovação do diploma. A tática funcionou e a Emenda foi rejeitada em trinta e oito dos estados da União. Mais do que a simbologia da

vitória, a estratégia de vencer a disputa na base e não no topo do processo decisório traz uma grande novidade para a mobilização e para a trajetória do pensamento conservador nos EUA. Tal tática mostrava que a ação direta com foco local poderia ter como resultados políticos muito favoráveis para as causas e para a agenda conservadora. A saga de Schlafly contra os Direitos Iguais e contra o aborto inspirou, na forma de mobilização e de ação, grupos que se diziam defensores das bandeiras conservadoras¹³⁹, como por exemplo, *Focus on the Family* (1977), *Family Research Council* (1982), *Traditional Values Coalition* (1980) e o *Citizens for Excellence in Education* (1983) e, mais recentemente, o *Independent Women's Forum* (1991).

Foi com esse espírito que, a partir de 1973, tanto Phyllis, como Beverly LaHaye passaram a militar e a se organizar contra a decisão *Roe versus Wade*, que legalizou o aborto. Nesse mesmo ano, Schlafly idealizou e fomentou o *Eagle Forum*, uma organização descentralizada, articulada e mobilizada por voluntários que poderiam agir no âmbito de bairros, cidades e estados. Essa forma de mobilização e de organização foi um marco para o conservadorismo americano, de modo que passou a ser copiada por outros ativistas, passando a ser decisiva para vitórias políticas e eleitorais do movimento.

Schafly (1978) relacionava a conquista do direito ao aborto à revolução sexual dos anos de 1960. Entre outras coisas, para a autora, a conquista teria incentivado as mulheres a não se casar (quando já casadas, a se divorciarem), a serem promíscuas e precoces na vida sexual. Tudo isso seria sintoma de uma crise moral própria da guinada liberal da sociedade americana, como diagnosticou também Himmelfarb (1998). Pensando numa agenda mais ampla, com foco na mulher diante dessa percepção de crise moral, Beverly LaHaye fundou, em 1979, o *Concerned Women for America* (CWA) buscando mobilizar, não só mulheres, mas também pessoas politicamente dispostas a se organizarem e a defenderem os interesses das mulheres, entendidos como interesses da família e relacionados com outras causas conservadoras. O ponto central: defender o direito e, em certo sentido, a tradição das mulheres em serem esposas, mães e de terem um papel bem definido nas relações familiares.

¹³⁹ Os temas mobilizados abrangiam desde as contestações ao aborto, aos gays, às feministas, que defendiam os direitos das mulheres, da família e dos religiosos (que queriam, por exemplo, o direito de rezar nas escolas públicas), que queriam mais pena de morte e leis mais rígidas contra o divórcio, contra o consumo de drogas; que queriam proibir a pornografia, entre vários outros temas. Para uma discussão mais aprofundada conferir Donald T. Critchlow, *Phyllis Schlafly and Grassroots Conservatism*, ed. Princeton University Press, 2007.

O CWA pretendia inicialmente também derrotar a Emenda dos Direitos Iguais. Opunha-se ao direito ao aborto, mas, ao contrário do *Eagle Forum* e da postura de Schlafly, Beverly LaHaye tinha na retórica um apelo religioso/evangélico. No final dos anos de 1970 houve também uma reação e um *reviver* religioso que mobilizou, tanto protestantes e católicos, como fundamentalistas e evangélicos. Tal movimento teve clara tendência conservadora.

Como nos mostra Lins e Silva (2011), há uma longa tradição de grandes “despertares” religiosos nos EUA – ocorrências que datam de meados do século XVIII, com o objetivo de renovar e fazer a fé renascer, rompendo fronteiras entre denominações religiosas, enfatizando a experiência individual. O “despertar” pode ocorrer em momentos de crise moral, como por exemplo, combatendo a escravidão, o consumo de drogas, o jogo e as bebidas. Nos anos de 1970, a renovação da fé ocorreu motivada por uma percepção de ameaça diante da tradicional família americana e do modo de vida americano¹⁴⁰. Essa ameaça viria tanto do comportamento dos jovens na contracultura dos anos de 1960 como também, como aponta Himmelfarb (1998), com a percepção de colapso moral (aumento dos divórcios, alcoolismo, pornografia, consumismo, etc.) ou, nos termos de Suvanto (1997), pela percepção de uma era excessivamente liberal.

O ponto central da percepção de ameaça surge com as mulheres buscando deixar seu tradicional papel dentro da família típica americana, na qual eram donas de casa, religiosas e dedicadas a seus maridos e filhos. A nova mulher, fruto dos anos de 1960, poderia se divorciar, viver sozinha e ter direitos iguais aos homens e, sobretudo, poderia se recusar a ter filhos (com o aborto legalizado e com a popularização dos contraceptivos).

Certas correntes do pensamento libertário, apesar de defender a emancipação do indivíduo, desconfiava das intenções do governo quando ele promovia e resguardava os novos papéis sociais conquistados pelas mulheres. Muitos autores e militantes libertários – lembrando a

¹⁴⁰ Como nos mostra Buell (2003), foi uma consequência das transformações dos anos de 1960 e 1970 a percepção de que os americanos deveriam mudar seu modo de vida, adotando uma que fosse mais sustentável, preocupada com o meio ambiente. Em 1970, por exemplo, foi criado o *Environmental Protection Agency* (EPA) que alertava quanto à finitude dos recursos naturais, propondo políticas de preservação e novas formas de manejo do solo. Essas transformações foram decisivas para uma influência ambientalista e ecológica para a Nova Esquerda. Mas despertou entre os conservadores um sentimento de reação e de retórica antiambientalista. Cf., por exemplo, blog de Ronald Bailey vinculado a revista libertária *Reason*, <http://reason.com/people/ronald-bailey/all.xml>. Acessado em: 04/05/2012. Cf, ainda, do economista Julian Simon, *The Resourceful Earth: A Response to "Global 2000"*, ed. Julian Simon & Herman Kahn, Maryland, 1984.

discussão de Ludwig Von Mises¹⁴¹ (1881-1973) suscitada em sua obra mais influente nos EUA, *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*, de 1922 – lembram que a tentativa de mudar e transformar as relações de gênero é uma das estratégias paralelas à ideia de socializar os meios de produção do socialismo, visando uma sociedade controlada, em última instância: sem propriedades privadas e sem casamentos.

A ideia de um liberalismo excessivo e de colapso moral foi apenas acentuada com a vitória de Jimmy Carter, em 1976. Apesar de ser democrata, Carter não escondia sua religiosidade (era um renascido cristão), não escondia sua base sulista (era da Geórgia), e prometia moralidade (lembrando o eleitor do *Watergate*) durante a campanha. Com certo discurso conservador, prometia cortes na assistência social e conservadorismo no trato fiscal do governo. Por outro lado, Carter se mostrava aberto às preocupações da Nova Era e prometia investimentos em setores, como energia, meio ambiente e educação, além de prometer rever a corrida armamentista e ter os direitos humanos como base para sua política externa. Pouco a pouco, o político conseguiu despertar a ira do movimento conservador. Os neoconservadores se mobilizaram contra sua política externa exemplarista. Em torno de Norman Podhoretz, os neoconservadores se articularam no *Committee on the Present Danger*¹⁴² e ali criticavam a *détente*, as propostas de política externa de Carter. Lideranças, militantes evangélicos e religiosos mobilizaram-se contra a Casa Branca, contra a retórica dos direitos humanos, da valorização da questão ambiental, mas, sobretudo, contra mudanças fiscais que afetavam escolas religiosas.

A articulação inicial contra Carter foi mobilizada em torno de três ativistas: Howard Phillips, da YAF, e Paul M. Weyrich, um dos fundadores do *Heritage Foundation* (em 1973), ambos os membros descontentes do *Christian Voice*, uma organização cristã na qual sentiam não ter espaço. O terceiro é o pastor da Igreja Batista do Sul, Jerry Falwell, que, em 1979, fundou a Maioria Moral. Falwell não se reconhecia como um fundamentalista cristão, mas era um dissidente da Igreja Batista do Sul, tendo sua própria Igreja, a *Thomas Road Baptist Church*, com sede em Lynchburg, Virgínia. Como sua autobiografia (1996), a partir da segunda metade da década de 1970, viajava principalmente entre os estados do Sul promovendo encontros e cultos que chamava de *I Love America*. Nesses encontros, falava contra a Emenda dos Direitos Iguais,

¹⁴¹ Cf. discussões do Instituto Ludwig Von Mises, <<http://mises.org/>> , com sede no Alabama. Acessado em: 14/05/2012.

¹⁴² Entre os nomes que participaram destacamos: Max Kampelman, Jeane Kirkpatrick, Daniel P. Moynihan, Henry Jackson, Midge Decker, Richard Pipes e Eugene Rostow.

atacava os defensores do aborto e argumentava sobre riscos e as ameaças contra a família trazidos pelo homossexualismo, o adultério e a pornografia. Esses encontros e cultos misturavam carisma com liturgia religiosa, retórica política com retórica religiosa e atraía milhares de pessoas. Foi em um desses encontros que Howard Phillips e Paul M. Weyrich se conheceram e convidaram Falwell para formarem a Maioria Moral, que pretendia ser um instrumento de organização e uma coordenação para um movimento de base descentralizado de cunho religioso, mas com foco na ação política.

Os instrumentos de ação da Maioria Moral consistiam na organização de grandes eventos e de grandes cultos religiosos em torno de Jerry Falwell. Além disso, tinham uma lista de correspondência que atingia um universo de meio milhão de famílias. Objetivaram construir uma rede de apoiadores de âmbito nacional, mobilizando pastores e militantes¹⁴³ coordenados por Howard Phillips e Paul M. Weyrich. Esses últimos ficavam em Washington D.C, a partir de onde podiam, entre outras coisas, escrever cartas para os congressistas, distribuir panfletos divulgando causas ou alertar contra alguma política em curso¹⁴⁴. A Maioria Moral explorava principalmente temas que afetavam a família americana, como as restrições e ameaças à liberdade religiosa, à legalidade do aborto, à facilidade do divórcio, além das ameaças trazidas pelos gays, feministas e ambientalistas. Os números de membros que alcançaram eram expressivos. Alguns autores, como Booth Bradley e Bradley Booth (2002), afirmam que a organização chegou a ter 4 milhões de membros e 2 milhões de contribuintes. O que convém destacar é que durante seu tempo de existência, entre 1978 e 1987, a Maioria Moral mostrou ser capaz de mobilizar e de trazer para as causas conservadores milhares de renascidos cristãos, evangélicos e fundamentalistas cristãos, renovando e trazendo um novo foco, agora centrado nos temas que ameaçavam a família, para o movimento conservador nos EUA.

O discurso direto, a articulação de base, a ideia de pressionar Washington de baixo para cima e da periferia para o centro inspiraram outros movimentos que passaram a se mobilizar no final dos anos de 1970. É o caso de James Dobson, um psicólogo cristão que, em 1977, fundou o *Focus on The Family*, com sede em Colorado Springs, Colorado. Partindo de sua

¹⁴³ Dentre eles, Easton (2000) destaca que estavam Charles Stanley, Greg Dixon, James Kennedy e Tim Lahaye, este casado com Beverly, que mobilizava principalmente mulheres na sua *Concerned Women for America*.

¹⁴⁴ Dentre outras causas, a Maioria Moral defendia censura à pornografia, leis rígidas contra o aborto, aulas de religião, direito a rezar nas escolas públicas e pedia mobilização dos eleitores contra a Emenda dos Direitos Iguais.

experiência como radialista¹⁴⁵, Dobson entendia que, diante do governo Carter e das instituições seculares e governadas por liberais, a família estava sob forte ameaça. Portando, sua organização se fazia necessária para auxiliar as famílias e para mobilizar uma luta nacional em defesa dos valores e da instituição familiar. Dobson também desenvolveu uma bem sucedida carreira de escritor, discutindo em seus livros temas como educação, relações conjugais, assuntos que, em sua concepção, ameaçavam a família. Seus livros e sua forma de mobilizar evangélicos e de falar em defesa da família chegaram a atingir mais de 15 países¹⁴⁶.

Tentando ser a voz de centenas de igrejas de diferentes denominações, Louis Sheldon, um pastor presbiteriano, criou, em 1980, a *Traditional Values Coalition* que, com uma agenda conservadora com foco na família, propõe-se a defender de forma mais ampla, em Washington D.C., a liberdade religiosa, os valores da cultura judaico-cristã, a família e o casamento tradicional (entre um homem e uma mulher). De forma semelhante, fundada em 1983, age em Washington o *Family Research Council*.

Todos estes movimentos, partindo de Phyllis Schlafly até James Dobson e Jerry Falwell, trazem para o conservadorismo americano dois pontos importantes. O primeiro, como já discutimos, está na forma de ação. O segundo está na ênfase no seu tema de mobilização: a família moderna americana sob a percepção de ameaça. Essa ênfase também pode nos servir para entendermos a distância, cada vez maior, entre a Nova Direita e a Velha Direita. A Velha Direita valorizava também a família, mas sua ênfase estava no indivíduo e nos seus respectivos direitos naturais inalienáveis. Era partindo dessa leitura, com foco no indivíduo, que esses atores pensavam o papel do homem e das instituições. Já na Nova Direita, com ênfase na família, as preocupações partem de um revisionismo, quando não de uma contrarrevolução, para ter instituições menos seculares, mais religiosas e que revoguem uma série de leis e de direitos que, no entendimento desses atores, ameaçam a família moderna americana.

Agregando a experiência da Maioria Moral e com a tentativa de pressionar a Casa Branca, partindo de um movimento religioso de base, mas colocando-se como uma liderança tanto religiosa como política, Pat Robertson, com o auxílio decisivo de Ralph Reed, fundou em 1989 a Coalizão Cristã. Robertson, desde os anos setenta do século XX como pastor da Igreja

¹⁴⁵ Seu programa *Focus on the Family* começou em 1977, no qual ele trabalhava como uma espécie de terapeuta de casais, dando conselhos em torno de como manter a família.

¹⁴⁶ Cf. o site da organização: <<http://www.focusonthefamily.com/>> Acessado em: 04/05/2012.

Batista do Sul, percebera como o fervor religioso poderia ter impacto político, mas, sobretudo, para a mobilização. Articulando seus fiéis, criou o *700 Club*, cujo programa seria mantido por doações de 700 pessoas. Em seguida, da mesma forma, cotizando recursos entre seu público religioso, comprou e organizou seu próprio canal televisivo, o *Christian Broadcasting Network* (CBN), que mantinha uma programação com intensa mobilização dos telespectadores. Eles eram instigados a fazer doações, a ligar para Centros de Atendimento para participar de pesquisas e votações, além de terem suas próprias histórias transformadas em dramaturgia ou contadas por pastores nos programas. A CBN como empreendimento foi muito bem sucedida, chegando a ser a segunda maior rede televisiva dos EUA, com programação durante 24 horas, transmissão para todos os americanos e para o exterior, além de ter entrevistas e programas transmitidos via satélite. Para uma discussão mais detalhada conferir Finguerut (2009).

A principal diferença entre a mobilização de Reed e Robertson – via Coalizão Cristã – em relação aos outros movimentos da chamada Direita Cristã é que, no cume da mobilização, Robertson canalizou todos os esforços para conquistar a base do Partido Republicano e ser escolhido como candidato à presidência em 1988. A tentativa de Robertson de ser o candidato dos republicanos produziu no conservadorismo americano uma sensação de crise para alguns e de inflexão para outros. A discussão ocorreu principalmente no campo dos neoconservadores. Irving Kristol (1996), por exemplo, discutia a ideia de humanismo secular que nega qualquer teologia para explicar a vida e as relações sociais. Via na religião uma solução para a crise moderna. Contudo, tinha ressalvas quanto aos fundamentalistas e evangélicos em geral, buscando uma saída que classificava com neo-orthodoxa, tendo a religião o papel de ordenar a vida, valorizando o passado em detrimento do futuro, a tradição em detrimento do novo, o privado em detrimento do público e o interior ao exterior. Com foco na estratégia política, Nathan Glazer¹⁴⁷ entendia a mobilização cristã da Maioria Moral de Falwell à Coalizão Cristã de Robertson como uma defesa ofensiva, mas que poderia mudar de rumo quando a luta deixasse de ser defensiva e passasse a ser ofensiva. Partindo desse ponto diz Abrams (2011): Norman Podhoretz, como editor da *Commentary* reconhecia o peso e a importância da aliança entre os neoconservadores e a Direita Cristã. Mas entendia que a aliança era de curta duração e pautada pela lógica: “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”, mas uma vez que o inimigo entendido como sendo a

¹⁴⁷ In: Nehaus (1987).

esquerda antissionista deixasse de ser o foco, as diferenças e velhos problemas como o antissemitismo cristão poderia comprometer a aliança entre os dois grupos.

Neoconservadores como Irving Kristol (1996), Nathan Glazer e Norman Podhoretz temiam os ataques religiosos aos estados seculares e percebiam que a aliança com a Direita Cristã poderia ser somente tática, podendo, no futuro, revelar um antissemitismo e intolerância religiosa, além de temerem a perda de influência dos neoconservadores dentro do Partido Republicano. Já, para outros atores próximos a Robertson e da Direita Cristã, como Ralph Reed, Gary Bauer e Tim LaHaye, a mobilização dos esforços da base religiosa para tentar eleger o substituto de Reagan poderia forçar o movimento a sair do Partido Republicano, arriscando-se ou criando um terceiro partido. Caso o caminho os levasse a criar tal partido, o dilema seria: um partido cristão ou conservador? Mas, para melhor entendermos esse dilema, antes devemos perpassar os anos de 1980, marcados pelo governo de Ronald Reagan.

2.5 Anos 1980 - Um Novo Começo, otimismo e poder aos conservadores

Ronald Wilson Reagan, como muitos atores na Nova Direita Americana, começou sua carreira política no Partido Democrata. Como Hayward (2010), teria sido Barry Goldwater, em 1963/64, quem teria atraído o então ator e presidente do sindicato dos atores de Hollywood para o lado republicano. Reagan foi governador da Califórnia entre 1967 e 1975, tendo uma postura retórica agressiva contra os movimentos estudantis. Durante a segunda década dos anos de 1970, concorreu nas primárias para a presidência, conseguiu vencer apenas na terceira tentativa.

Eleito presidente aos 69 anos, ao formar seu gabinete, montou uma coalizão inédita entre forças conservadoras. Na política externa e com foco na estratégia dos EUA para a Guerra Fria e para a Segurança Internacional, ele se aproximou dos círculos neoconservadores, deixando para trás a estratégia da *détente*, principal marca da influência de Kissinger para a estratégia americana durante a Guerra Fria.

Esse novo direcionamento foi fortemente influenciado pela obra *Strategic Defense Initiative*, que popularmente ficou conhecida como “Guerra nas Estrelas”. Seu autor, Norman Podhoretz também era muito conhecido e influente graças seu livro *The Present Danger*, lançado em 1980, no qual retratava as preocupações do *Committee on the Present Danger*, do qual participavam boa parte dos neoconservadores. Desse círculo Reagan convidou para participar de seu governo Kenneth L Adelman, como representante dos EUA na ONU; John F. Lehman, para o posto de secretário da Marinha; Michael Novak, para chefiar a Comissão de Direitos Humanos da ONU; Richard Perle, para assistente na Secretaria de Defesa; Jeane Kirkpatrick, para a embaixadora dos EUA na ONU; o jovem Willian Kristol, filho de Irving, para chefe de gabinete no segundo mandato; e William J. Bennett, secretário de educação. Da Direita Cristã¹⁴⁸, Reagan convidou Robert Billings, para assistência especial na Secretaria de Educação; Jerry Regier, para assessor especial para assuntos da família; James Watt, para Secretário de Interior, e Charles Everett Koop, como *Surgeon General*, cuja principal atribuição era falar das políticas de saúde do governo federal¹⁴⁹.

Por fim, Reagan também recrutou nomes entre os libertários, principalmente dos círculos de economia da Escola de Chicago¹⁵⁰, como George Pratt Shultz e James G. Watt. Seu governo também representou um ponto alto nas expectativas dos libertários de verem suas ideias em prática no governo federal. A principal ponte entre os libertários e o governo Reagan estava em Milton Friedman (1988) e nos economistas da Escola de Chicago. Em 1978, fruto de seus trabalhos nos anos sessenta, em coautoria com Anna Jacobson Schwartz, Friedman lançou *A Monetary History of the United States, 1867-1960*¹⁵¹ que dialogava com sua obra de 1982, *Capitalism and Freedom*¹⁵². O ponto central para ele era pensar qual deveria ser o papel do governo do Banco Central Americano, representado pelo *Federal Reserve*, em sua relação com o mercado e, principalmente, nos momentos de crise. Como nos mostra McDonald e Paul (2011, p.

¹⁴⁸ Durante os anos de 1980 a mobilização da *Maioria Moral* persistiu e estava a cargo de Charles Stanley, Greg Dixon, James Kennedy e Tim Lahaye, apesar do certo abalo que o movimento sofreu com os escândalos envolvendo pastores importantes, como Oral Roberts, Jim Bakker e Jimmy Swaggart. Para uma discussão mais aprofunda, cf. Diamond (1998).

¹⁴⁹ Cf. <<http://www.surgeongeneral.gov/>> Acessado em: 05/05/2012.

¹⁵⁰ Muitos libertários tradicionais, como por exemplo, Murray N. Rothbard, classifica a era Reagan como de retórica libertária com política estatista. Cf. *Ronald Reagan: An Autopsy*, disponível em <<http://www.lewrockwell.com/rothbard/rothbard60.html>>. Acessado em: 15/05/2012.

¹⁵¹ Cf. ed. Princeton University Press, Princeton, 1971.

¹⁵² Cf. edição comemorativa da University of Chicago Press, Chicago, 2002.

566), o argumento central de Friedman pode ser sintetizado da seguinte forma: Pelo bem da eficácia econômica e da liberdade humana, os mercados devem permanecer resguardados da intromissão políticos gananciosos por poder e dos burocratas incompetentes.¹⁵³

O mercado para Friedman deveria ser livre, competitivo, autogovernado e, sobretudo, precisaria de pouca assistência ou cuidado por parte dos Estados. Como ele argumenta em sua obra de 1978, foi justamente por não entender o que era e como funcionava o mercado que ocorreu a Grande Depressão de 1929/30. O autor avança em sua argumentação criticando também o próprio *New Deal*, não exatamente por não deixar o mercado sem intervenção, mas por ter feito a intervenção de modo errado.

McDonald e Paul (2011) nos chama atenção para o fato de que, para Friedman, a crise ganha outra dimensão quando o governo intervém de forma errada. Portanto, nesse ponto, podemos perceber que Friedman não seria um libertário propriamente dito, nem um fundamentalista capitalista, mas que suas ideias caminham para a defesa de um neoliberalismo, no sentido da defesa de certa intervenção do Estado, principalmente nas situações de crise financeira. Como nos mostra McDonald e Paul (2011, p. 568), o Estado ideal para Friedman seria “tecnocrático e neoliberal e serviria aos interesses dos credores¹⁵⁴”. As principais estratégias monetárias e de regulamentação implementadas pelo governo Reagan seguiram essa lógica de cunho muito mais neoliberal do que libertária.

Nos segundos e demais escalões, Reagan, de forma inédita, recrutou pesquisadores e nomes indicados por *think tanks* conservadores, principalmente da AEI e do *Heritage Foundation*. Como nos mostra Hayward (2009), lideranças conservadoras e religiosas como Phyllis Schlafly e Tim LaHaye tinham contatos frequentes com o presidente e revistas, como a *National Review* e a *Commentary*, passaram a ser mais divulgadas e conhecidas pelo grande público, uma vez que também eram indicadas como as principais leituras do novo gabinete da Casa Branca.

A vertente tradicionalista do conservadorismo americano fazia sucesso nas livrarias com as novas edições de *Ideas Have Consequences*, de Richard M. Weaver. Com Allan Bloom e

¹⁵³ Tradução minha. No original: “For the sake of economic efficiency and human liberty, markets must be kept free from the meddling of power-hungry politicians and incompetent bureaucrats.”

¹⁵⁴ Tradução minha. No original: “It’s technocratic and neoliberal, and it is to serve the interests of creditors” (2011, p. 568).

seu *The Closing of the American Mind*, lançado em 1987, aponta o relativismo alemão (principalmente de Nietzsche) como o principal problema da modernidade e da sociedade contemporânea.

Como é possível notar, a vitória de Reagan incentivou e criou um momento político favorável para o espectro conservador e o êxito dos *think tanks* AEI e *Heritage Foundation*. Serviu de inspiração e modelo para que fundações como as mantidas pelas famílias Scaife, Bradley e Coors fomentassem outros grupos, outras organizações e, sobretudo, outros *think tanks*. Nesse contexto surgiram o *Manhattan Institute*, o *Center for Judicial Studies*, o *Ethnic and Public Policy*, o *The Shaviano Institute*, além de mais incentivos para TTs já existentes, como o *The Center for the Study of Public Choice*, *Hoover Institute*, *Center for Strategic and International Studies* (CSIS). A proliferação dos TTs conservadores durante os mandatos de Reagan mostraram ao movimento conservador dos EUA que eles poderiam ser influentes e decisivos também no processo decisório e que, às vezes, uma causa defendida dentro de um gabinete pode ter mais êxito do que uma luta de base que mobiliza muita gente, muito dinheiro e, sobretudo, que pode gerar grandes frustrações, afastando militantes e simpatizantes das causas conservadoras.

Essa percepção tornou-se evidente para os conservadores sociais, que na década de 1970 estavam preocupados em mobilizar o maior número possível de pessoas contra o aborto, contra a Emenda dos Direitos Iguais e em defesa da família. Igualmente, nos anos de 1980, articulados de outra forma, o movimento pró-vida estava preocupado com possíveis nomeações para a Suprema Corte, certificando, por exemplo, se caso um juiz fosse indicado, se ele seria contrário ao aborto. Da mesma forma, quando houvesse um processo decisório envolvendo o orçamento, tornava-se interessante ter políticos e especialistas pró-vida entre aqueles que iriam decidir onde e quando seria gasto o dinheiro público, podendo assim, por exemplo, cortar subsídios a programas de educação sexual e incentivar grupos religiosos.

Dessa forma, os movimentos que eram de base se transformam em movimentos multidimensionais, uma vez que, ao mesmo tempo em que responde a uma base popular, também estão atentos à mídia, ao congresso, aos políticos e a várias outras dimensões, articulando causas, militantes e diferentes alvos e campos de atuação.

Os grandes TTs conservadores, como o AEI, o *Heritage Foundation* e o *Hoover Institute* passaram a tentar responder a todas as demandas do processo decisório, sugerindo

nomes para qualquer área do governo, disponibilizando ainda especialistas para qualquer tema, área ou país. Foi capaz de testar políticas usando softwares de última geração, produzia memorandos e textos de até três páginas sobre projetos do governo. As análises de conjuntura política e econômica indicadas para que os congressistas pudessem ler no trajeto entre suas casas e o Congresso, supostamente facilitando seu trabalho, mas que, ao mesmo tempo, os envolvia nas causas conservadoras.

A administração Reagan, fortemente apoiada nos TTs e num movimento conservador bem articulado, conseguiu imprimir à figura de Ronald Reagan uma áurea de independência, de sinceridade e, sobretudo, de otimismo, como nos mostra Wilentz (p. 133, 2008). **Liberdade** era a palavra por ele mais pronunciada, criando assim, uma identificação com os objetivos e com as metas do movimento conservador.

Reagan frequentemente dizia que os EUA tinha um povo maravilhoso e um governo horrível¹⁵⁵, chamando seu governo como um novo começo. Como bem sintetiza Blumenthal (1988), se Goldwater, em 1964, dizia que, no fundo, as pessoas sabiam que ele estava certo, Reagan, no final dos anos de 1980 parecia dizer às pessoas que, no fundo, ele sabia que elas estavam certas. Ou seja, Reagan, como presidente, conseguiu construir a imagem de que o sonho americano ainda estava vivo. Foi essa mensagem que ele deixou em seu discurso de despedida da Casa Branca¹⁵⁶, em novembro de 1989 e, em certo sentido, foi essa percepção que o movimento conservador guardou dos anos de 1980.

2.6 Anos 1990 e a cisão entre os conservadores: os radicais buscam o poder

Os anos de 1990 pareciam que seriam de triunfo do conservadorismo americano. Otimismo e liberdade eram palavras e conceitos disseminados. A URSS caminhava rapidamente para o colapso. Os TTs conservadores estavam mais ricos, mais numerosos e produzindo mais do

¹⁵⁵ A começar pelo seu próprio discurso de posse, no qual declamou a frase que também ficou como um dos marcos de seu governo: “o governo não é a solução para os nossos problemas, o governo é o problema”. Cf. discurso de Reagan na íntegra em: <<http://youtu.be/hpPt7xGx4Xo>> Acessado em: 07/05/2011.

¹⁵⁶ Disponível em: <<http://youtu.be/UKVsq2daR8Q>> Acessado em: 04/05/2012.

que seus concorrentes liberais. Os gastos militares estavam em alta. A *détente* e as políticas de bem-estar social pareciam conceitos distantes, assim como a retórica de reduzir impostos para aumentar a liberdade econômica parecia um mantra cada vez mais poderoso e popular.

A euforia parecia tanta que, na discussão para a sucessão de Reagan, o líder da Coalizão Cristã, Pat Robertson, colocava-se como um nome mais conservador que Reagan. Nesse ponto, a unidade conservadora construída ao longo dos dois mandatos republicanos parecia ameaçada. Robertson, como mostra o trabalho de Green, Rozell e Wilcox (2003), tinha a percepção de que os renascidos cristãos e conservadores sociais (pró-vida) representavam quase 50% entre os delegados do Partido Republicano, além dos cerca de 40% entre senadores e deputados, sem contar os aproximadamente 20% do eleitorado mais amplo. Ao se lançar como pré-candidato, Robertson apostava que, no limite, a sua metade poderia ser mais motivada e mobilizada do que os outros 50% não renascidos cristãos.

Apesar da ameaça de rompimento, a direita cristã permaneceu no Partido Republicano, mesmo com a escolha de George H. W. Bush, um candidato que mais uma vez não empolgava os conservadores mais maduros que nos anos 1990 estavam dispostos a refletir sobre suas trajetórias. Em 1995, Irving Kristol lançou seu *Neoconservatism: The Autobiography of an Idea*, no qual apresenta sua famosa definição do que seria um neoconservador, entendido como aquele liberal que foi assaltado pela realidade. Os principais líderes da Direita Cristã, como Jerry Falwell e Pat Robertson, também lançam suas respectivas autobiografias, o que reforça a percepção de que o conservadorismo americano vivia um momento de reflexão em torno de sua trajetória e de seus atores e buscando novas perspectivas.

Bush era conhecido e bem articulado entre os círculos neoconservadores, principalmente os nomes do setor de segurança, como Paul Wolfowitz, Douglas Feith Stephen Hadley, Eric Edelman e John Bolton e Willian Kristol, que foi chefe de gabinete de Dan Quayle, o vice-presidente. O presidente tentou manter a mesma retórica e plataforma política do governo Reagan: cortar impostos, apoiar movimentos anticomunistas. Buscando uma mobilização entre os conservadores sociais, propunha uma guerra de tolerância zero às drogas. Contudo, sua administração não foi bem avaliada, como nos mostra pesquisa da Gallup¹⁵⁷. Em agosto de 1992,

¹⁵⁷ Cf. gráfico completo da avaliação do governo George H. W. Bush, disponível em: <<http://www.gallup.com/poll/124922/Presidential-Approval-Center.aspx?ref=interactive>> Acessado em: 05/05/2012.

a dois meses da eleição, tinha aprovação de apenas 30% do eleitorado. Tentando a reeleição em 1993, Bush além da dificuldade de defender seu mandato e de enfrentar o oponente democrata –Bill Clinton– teve que enfrentar também um desafiante interno, Patrick Buchanan e um terceiro candidato, Ross Perot. A retórica desafiante de Buchanan afetou não só a candidatura de Bush, mas todo o espectro do conservadorismo americano. Com ataques direcionados aos neoconservadores, aos quais se referia como os inimigos da direita, Buchanan acusava-os de criar um lobby sionista de natureza estranha aos republicanos. Contra os libertários pró-livre comércio propunha políticas protecionistas e anti-imigrantes. Quando se dirigia à Direita Cristã e aos renascidos cristãos, falava em guerra cultural. Em suas palavras (FIORINA *apud* BUCHANAN, 1996, p.1):

Existe uma guerra religiosa em curso em nosso país pela “alma da América.” É uma guerra cultural, fundamental para o tipo de nação que seremos um dia como foi à própria guerra fria.

Buchanan teve um discreto apoio da *National Review*. Atraiu também alguns isolacionistas. Teve sua retórica bem aceita entre círculos da extrema direita, o que o colocou como um candidato *anti-stablisment* que atraía pela independência, mas afastava as forças moderadas e os formadores de opinião mais influentes, o que, pouco a pouco, acabou por minar suas chances. Dentro da trajetória do conservadorismo americano, que estamos discutindo nesta primeira seção de nossa tese, esse momento de confrontação de Buchanan é importante, pois representa a tentativa de retomar bandeiras da Velha Direita e de tentar desafiar a Nova Direita novamente num momento de transição.

Nas eleições gerais, como nos mostra Matuz (2002), Ross Perot, um milionário do setor de petróleo do Texas, lançou-se como candidato independente centrado num discurso antiNAFTA¹⁵⁸ e anti-impostos, conquistando 19 milhões de votos. Clinton, tendo a base republicana dividida, trouxe os democratas de volta à Casa Branca após 12 anos de hegemonia republicana. Com a vitória de Clinton, os conservadores entraram novamente num momento de transição no qual afloraram críticas ao liberalismo e percepções de ameaça em torno da cultura e da sociedade. William Kristol, filho de dois nomes centrais do neoconservadorismo – Irving

¹⁵⁸ *North American Free Trade Agreement*.

Kristol e Gertrude Himmelfarb –, com o suporte financeiro do megaempresário do setor midiático, Rupert Murdoch, fundou e passou a ser editor e colaborador da *Weekly Standard*. Kristol mobilizava em sua revista alguns intelectuais com os quais também se articulava, buscando articular quadros do Partido Republicano com uma nova geração de neoconservadores, que incluía Elliott Abrams, Peter Berkowitz, John R. Bolton, Ellen Bork, Ed Gillespie, Roger Kimball, Harvey Mansfield, Joe Queenan, Wesley J. Smith, David Brooks e John Yoo. A composição com políticos e quadros do Partido Republicano ocorreu inicialmente em 1993 no *Project for the Republican Future* (PRF) e, posteriormente, no *Project for the New American Century* (PNAC), em 1997. As iniciativas de Kristol buscavam resultados rápidos e uma articulação que seria construída e desfeita em menos de dois anos. O PRF teve como objetivo as eleições legislativas de 1994, que resultaram numa vitória republicana tanto no Congresso como no Senado. Já o PNAC visava à sucessão de Clinton em 2000.

A vitória legislativa de 1994 mostrou uma rápida renovação do movimento conservador. Nomes conhecidos desde os anos oitenta, como Richard Viguerie e Ralph Reed, se somavam a novos, como Groover C. Norquist, que pretendia uma cruzada anti-impostos¹⁵⁹; Clint Bolick, cujo conservadorismo oriundo da escola de Direito de Harvard misturava-se ao tradicionalismo de Leo Strauss, Harvey Mansfield e Alan Bloom com uma interpretação literal da Constituição. Essa composição ficou conhecida como *Originalism* e, para autores como Biskupic (2009), o juiz Antonin Scalia, membro da Suprema Corte desde 1986, seria um de seus expoentes.

O congresso de 1994, liderado por Newt Gingrich, propunha uma “guerra sem sangue contra Clinton”. Não poupava investigações e críticas tanto ao seu passado como governador do Arkansas quanto à investigação de sua vida particular, a ponto de querer transformar o escândalo Monica Lewinsky¹⁶⁰ em um caso de *impeachment*.

Se nos anos de 1960 o foco esteve nos negros, nos anos de 1970, nas mulheres e nos anos de 1980, no aborto, nos anos de 1990 o foco passou a ser os homossexuais. Entre os militantes pró-vida e a Direita Cristã, o ponto tornou-se a ameaça do homossexualismo,

¹⁵⁹ Norquist criou e preside a *Americans for Tax Reform*, que faz lobby dentro do partido republicano e no Congresso contra impostos e tenta forçar políticos a se comprometerem a não aumentarem e nem criarem novos impostos. Cf. <<http://www.atr.org/>> Acessado em: 05/05/2012.

¹⁶⁰ Monica Lewinsky era estagiária na Casa Branca durante o governo Clinton e teria mantido encontros sexuais com ele. Inicialmente, Clinton negou. Mas à medida que o caso ganhou grande repercussão, admitiu em rede nacional ter mandito relações “impróprias” com Lewinsky.

principalmente após sinais do governo Clinton que indicavam mais abertura ao tema, como por exemplo, permitindo gays nas Forças Armadas via a política *Don't ask, don't tell*, implementada no final de 1993.

Um dos primeiros a se mobilizar e a ter uma postura mais agressiva contra os gays foi o pastor Fred Phelps. A partir dos anos de 1990, com sua igreja de dissidência batista, a *Westboro Baptist Church*, em Topeka, Kansas, adotou o discurso antigay como principal bandeira de mobilização, criando paródias de canções com um discurso homofóbico, fazendo manifestações nas ruas e até invadindo cerimônias fúnebres de supostos gays. Outros líderes religiosos, como Jerry Falwell¹⁶¹, não eram tão agressivos, mas manifestavam preocupações com a ideia de que a família americana poderia estar sendo influenciada pela grande mídia, que estaria vendendo a ideia de que não haveria problema em ser gay, que os gays deveriam ser aceitos.

Apesar de certo isolamento, a defesa da ação direta, proposta por Fred Phelps e sua *Westboro Baptist Church* contra os gays, reverberou em outros militantes com outras causas. Principalmente entre os ativistas antiaborto, a ideia de ação direta e de lutar com mais agressividade soava como uma grande motivação. Um dos primeiros a se mobilizar foi Randall Terry, que em sua biografia (1989) se define como o criador da *Operation Rescue* que, por sua vez, se propunha a desafiá-lo a agir diretamente contra a prática do aborto. A ação direta consistia em divulgar onde estavam as clínicas de aborto, quem eram os médicos e os responsáveis pelos abortos ali praticados. Os adeptos da *Operation Rescue* faziam cartazes ao estilo “Procura-se”, com foto e dados pessoais, com endereço e telefone de médicos e enfermeiros que trabalhavam nas clínicas. E, retomando uma tradição americana de ação direta que remete a Carrie Nation (1846 - 1911), do Kansas, que militava pela lei seca e invadia festas e locais que vendiam bebida ilegalmente, passando pelas ocupações pacíficas dos estudantes dos anos de 1960, os seguidores de Terry também invadiam as clínicas e faziam vigílias em frente às residências e, às vezes, impediam que os médicos e enfermeiros chegassem às clínicas.

A situação começou a fugir do controle da *Operation Rescue* quando surgiram as primeiras notícias, em meados dos anos de 1990, de atentados contra as clínicas e tentativas de assassinato contra médicos e funcionários. Como nos mostra Reiter (2000), ativistas supostamente autônomos, como John Salvi, em Massachusetts e Virginia, e James Kopp, em NY,

¹⁶¹ Uma das polêmicas mais peculiares ocorreu em 1998, quando Falwell acusou a série Teletubbies – voltada para crianças de até cinco anos – de ter um personagem gay.

partiram para ações terroristas explodindo clínicas e atirando em médicos. Segundo dados da *National Abortion Federation*¹⁶² (NAF), durante os anos de 1990, houve tentativas de morte, ameaças de morte e de bomba, sequestros e tentativas de sequestro, além de invasões e assaltos a clínicas de aborto. Também segundo a NAF, além da *Operation Rescue*¹⁶³, um segundo grupo chamado *Army of God*¹⁶⁴ seria o principal organizador e idealizador desses ataques.

Em abril de 1995, também supostamente agindo sozinho, o ativista de extrema direita, Timothy McVeigh, explodiu um prédio do governo federal em Oklahoma City, matando 168 pessoas e ferindo outras quase 700. Ao investigar McVeigh, o FBI identificou aproximação e tentativa de contato com vários grupos de extrema-direita, entre milícias e grupos fundamentalistas cristãos. Mas um determinado livro, chamado *The Turner Diaries*, escrito em 1978 por William Pierce (1933 – 2002), chamou mais atenção da grande mídia por descrever a formação de uma guerrilha urbana, formada por brancos, que passa a enfrentar o governo dos EUA que cada vez mais abraçaria o multiculturalismo e restringiria as liberdades.

O livro, escrito em forma de diário e com uma narrativa de ficção científica, conta passo a passo como um jovem branco entra para a guerrilha passa a auxiliar operações que iam de roubar armas nucleares até explodir prédios e realizar outros atentados contra o governo federal. É importante frisarmos que William Pierce, mais do que um autor de ficção científica ou de panfletos de extrema-direita, foi um importante militante da supremacia branca desde o final dos anos de 1960, um ativista que tentou articular uma reação de extrema-direita nos EUA. Pierce fundou em 1972 o *National Alliance*, que até os dias atuais funciona como uma organização política para várias linhas daquela corrente, de grupos neonazistas a milícias antigoverno. Agregado a sua organização, Pierce também fundou uma editora, pela qual publicou não apenas seus livros, mas também de outros autores, muitos de cunho racista e pró-supremacia racial, além

¹⁶² Cf. <<http://www.prochoice.org/news/releases/index.html>> Acessado em: 14/05/2012.

¹⁶³ Oficialmente o *Operation Rescue* deixou de existir no final dos anos de 1990, mas outro grupo mais moderado e que se afirma como pró-vida passou a usar o mesmo nome e se mobilizar contra o aborto de forma mais moderada. Cf. <<http://www.operationrescue.org/>> Acessado em: 05/05/2012.

¹⁶⁴ O *Army of God*, apesar de encontrarmos vários sites na internet se dizendo do grupo, se trata de uma organização clandestina que defende a prática de atentados terroristas e de assassinatos contra clínicas, médicos e qualquer pessoa envolvida com a prática e a defesa deste direito. Nesses sites, o grupo usando de citações bíblicas defende o direito de matar aqueles que matam os que ainda não nasceram e mostram imagens de supostas crianças que foram mortas em clínicas de aborto. O primeiro caso relacionado com o *Army of God*, surgiu em 1983, quando o médico Hector Zevallos e sua esposa Rosalee Jean foram sequestrados e, posteriormente, soltos. Em 1985, bombas foram explodidas numa clínica em Maryland, o atentado foi atribuído ao grupo. Em seguida vários outros ativistas agiram alegando seguir o manual do *Army of God* que, entre outras coisas, ensina a produzir explosivos e a usar armas químicas como instrumento de ataque a clínicas e médicos ligados à prática do Aborto.

de revistas, como a *National Vanguard* e uma de religião, o *Cosmotheism* que, basicamente, utiliza-se de argumentos religiosos para defender a supremacia racial branca.

É interessante notarmos que, num texto de 1971, intitulado *Why conservatives cant't win*, há uma tentativa de diálogo entre as ideias extremistas de Pierce (1971) com o conservadorismo mais amplo. Nesta tentativa ele argumenta que os conservadores nos EUA têm um genuíno senso de propriedade e são pessoas íntegras que não aceitam corrupção nem o paternalismo, mas se colocam numa trágica disputa com os liberais/ esquerdistas, uma vez que, no seu entendimento, é uma disputa que a esquerda sempre ganha, pois, mesmo quando os conservadores ganham as eleições, a esquerda sempre consegue concessões ou pequenas vitórias. Os conservadores, para o autor de *The Turner Diaries*, ao negarem a centralidade da questão racial e da defesa da supremacia racial do homem branco, estariam indiretamente colaborando para o avanço do multiculturalismo e para a aceitação de uma leitura antieugênica¹⁶⁵ da sociedade. O que Pierce propõe aos conservadores é que, conseqüentemente, reverbera entre movimentos de extrema-direita, chegando a jovens como Timothy McVeigh, é enfrentar a visão revolucionária da esquerda com uma revolução e numa revolução explodir um prédio pode ser um ato de guerra, mas não um ato terrorista, como na interpretação do *establishment* liberal e conservador da política dos EUA.

A ideia de luta revolucionária contra o governo ganhou força contra a administração Clinton que viu, segundo dados da *Southern Poverty Law Center* (2008), as milícias, grupos armados que não reconhecem o governo central como legítimo, crescerem em número e em articulação política. Em 1998, em Montana, houve troca de tiros entre agentes do FBI e milicianos da Montana Freeman, que acabaram presos. Houve também crescimento de movimentos neonazistas, principalmente *skinheads*, cujas ideias ganharam outra dimensão de divulgação a partir da popularização da internet no final dos anos 1990. O aumento da extrema-direita racista foi explicado por Power e Bacehetta (2002) como a 4ª onda do extremismo americano, norteadada pelo comportamento e pela mobilização do Ku Klux Klan (KKK), que nos anos de 1990, num contexto de transformações econômicas, se voltaria para uma retórica xenofóbica, racista e homofóbica, aproximando-se de movimentos neonazistas, incorporando a

¹⁶⁵ Neste ponto, é interessante lembrarmos a discussão de Pierucci (1990) que aponta o discurso racial da extrema direita como heterofóbico, ou seja, exclui o que não se enquadra como um par, um igual. O racista nesses termos olharia para o mundo preocupado com tudo e com todos aqueles que se colocam e que são dele diferentes. Em suas palavras, “o racismo não é primeiro rejeição da diferença, mas obsessão com a diferença” (1990, p. 12).

uma base protestante fundamentalista, um forte antissemitismo. Nesse sentido, o KKK dos anos noventa teria abraçado seitas como o *Christian Identity*, cuja ideia principal é a defesa teológica da supremacia branca, buscando, assim, uma maior articulação com outros grupos que apresentam um discurso de ódio e de defesa de uma guerra racial.

Num contexto de discussão da globalização e de acordos de livre-comércio entre países, tal como a administração Clinton propunha, tanto para a América do Norte, como para o Hemisfério, os conservadores passaram a discutir quais seriam os rumos para os EUA nesse mundo globalizado pós-URSS. Francis Fukuyama (1989) se propôs a pensar o mundo e o papel dos EUA pós-Queda do Mundo de Berlin, em sua leitura otimista em relação à democracia, ao capitalismo e à globalização. Em seu artigo *The End of History?* argumenta que a democracia liberal seria a única aspiração política restante pós-URSS e que o sistema internacional estaria entrando num momento no qual as guerras, nem tão estudadas pelos teóricos realistas, teriam que ser analisadas de outra forma.

Um dos primeiros a reagir foi Samuel P. Huntington (1927-2008) que, em 1993, lançou o *The Clash of Civilizations*, onde argumenta que a globalização pós-URSS geraria mais conflitos do que consenso na política internacional. Os estados estariam mais fracos, a própria ideia de estaria enfraquecida, o que criaria um quadro de civilizações que questionariam a tese da universalidade da cultura. Se para Fukuyama a queda do Muro de Berlin representava a universalização dos valores ocidentais, o que seria algo positivo e motivo para uma visão otimista para o século XXI, para Huntington, essa passagem dos EUA na Guerra Fria para uma cultura universalista seria a raiz de novos conflitos. Entre o otimismo e o pessimismo também ganhou destaque o trabalho de Mearsheimer (2003), que discutia, entre outros temas, a ascensão da China, propondo uma coalizão do frente a uma nova potência desafiante.

O conservadorismo americano se preparava para o século XXI discutindo qual seria o papel americano frente aos novos desafios, fossem eles da globalização ou os da unificação do (ou frente a sua decadência). Precisava achar um nome para novamente conseguir minimamente unir libertários, neoconservadores, tradicionalistas, originalistas, evangélicos, renascidos cristãos, conservadores sociais, guerreiros culturais, fundamentalistas cristãos numa sociedade que parecia mais dividida do que nunca.

2.7 Considerações finais desta seção

Toda ideia de nação envolve um ideal, um conjunto de crenças e de diretrizes que, pela cultura, molda – e ao mesmo tempo combina elementos universais com particularidades históricas, ideológicas psicológicas – a ideia de indivíduo e de povo. A nação tem seus mitos, suas ideias ou seus nomes fundadores. Em síntese, a nação organiza a política e a sociedade moderna. A trajetória do pensamento conservador nos EUA se impulsiona e se mobiliza, em linhas gerais, para disputar as ideias, os mitos e a própria organização da política e da sociedade moderna americana. É nesse sentido que a discussão em torno dos pais fundadores e dos textos sagrados – como a Constituição e a Carta de Independência – se torna acirrada e não só polariza liberais *versus* conservadores, como também o debate e as disputas. No espectro conservador, Harry Jaffa, por exemplo, apresenta em sua obra *Original Intent & the Framers of the Constitution* uma leitura da Constituição que desagrade a muitos conservadores. O mesmo ocorreu com Murray N. Rothbard, um dos autores mais importantes do movimento libertário que, em 1982, lançou o *The Ethics of Liberty*, discutindo o conceito de liberdade que era alardeado pelo governo Reagan, mostrando-se crítico ao que muitos conservadores entendiam e defendiam como sendo o conceito. Esse é o primeiro ponto que gostaríamos de destacar: diferentes atores do conservadorismo americano apresentam diferentes definições para os EUA como nação e projetam diferentes ideias para este país.

Um segundo ponto que nos chama a atenção, feita a discussão da trajetória dos conservadores, é a disputa e as contradições em torno de ser liberal e/ou conservador nos EUA. Os primeiros autores a falar, estudar e a discutir o conservadorismo americano, como Robert Nisbet e Russell Kirk, viam na tendência contornos europeus, com referência a autores clássicos, como Edmund Burke, frisando a importância da ordem, costumes, tradições e princípios, enfatizando, por exemplo, a importância da propriedade e da liberdade como valores inseparáveis e inquestionáveis. Quando essa interpretação – principalmente a partir dos anos de 1950 e 1960 – passou a ser questionada, o debate migrou para as noções de liberalismo e das ideias liberais que, para muitos autores, como Daniel Bell, Leo Strauss e Lionel Trilling que, dentre os intelectuais mais influentes da época, tratava-se da única tradição política existente nos EUA. Neste contexto, é importante frisar, “ser conservador” passou a ser “ler e interpretar as ideias liberais de forma crítica”. Portanto, “ser conservador” não necessariamente significava ser antiliberal, mas,

sobretudo, uma manifestação de estranhamento diante das transformações, principalmente culturais, pelas quais os Estados Unidos passaram entre o final dos anos de 1950 até meados dos anos de 1970. Foi nesse sentido que nomes como Nathan Glazer, Irving Kristol, Gertrude Himmelfarb, Daniel Patrick Moynihan e Albert Wohlstetter, todos de uma geração liberal (quando não socialista nos anos 1930 e 1940), se viram em torno do título de neoconservadores a partir do final dos anos de 1960 e começo dos anos de 1970. O mesmo ocorreu com Milton Friedman e outros economistas da Escola de Chicago, que trabalharam ou defenderam o New Deal nos anos 1930, mas passaram a ser críticos do liberalismo nas décadas seguintes, sendo forçados a conviver com o sombra da acusação de serem os novos conservadores. E ser conservador passou a ser se mobilizar contra ou ser crítico às iniciativas de governos liberais, como por exemplo, de JFK/ LBJ, ou, no final dos anos de 1970, contra Jimmy Carter, reagindo a iniciativas, como por exemplo, fomentar políticas governamentais para combater a pobreza ou priorizar os Direitos Humanos na política externa.

Esse caráter reativo dos conservadores e neoconservadores suscitou algumas bandeiras. Durante a década de 1970 a mobilização foi em torno dos Direitos Civis. A questão dos direitos iguais, das diferenças de gênero e do Estado secular foi o centro da reação nos anos de 1970. Já a questão dos impostos foi central nos anos de 1980, chegando ao multiculturalismo e à globalização como o tema dos anos 1990 até a questão do fundamentalismo islâmico e do terrorismo internacional após o 11/09/2001. Em cada momento e diante de cada tema, a reação ocorreu de um modo diferente.

As formas de reação partiram de diferentes atores com diferentes propostas e diferentes formas de mobilização. Contra os Direitos Civis, a principal vertente de reação partia dos libertários que não necessariamente defendiam o racismo e a segregação, mas se opunham à intervenção estatal nos comércios e na definição de como e de quem deveria ser as escolas públicas e privadas, como argumentava, por exemplo, Ayn Rand. Já a reação contra os Direitos Iguais, que envolvia principalmente uma igualdade de gênero, a reação fomentou um movimento de base mobilizado principalmente por Phyllis Schlafly, que deu às ideias conservadoras uma nova dimensão e novas possibilidades políticas. A reação anti-impostos e antiestadismo, que marcou o discurso da era Reagan nos anos de 1980, partiu de muitos economistas e acadêmicos que se identificavam ora como liberais clássicos, ora como neoliberais, com certa interlocução com autores da tradição libertária inspirada em Friedrich Hayek e Ludwig von Mises. A reação

antimulticulturalismo/globalização partia de atores que oscilam entre o conservadorismo, o nacionalismo populista flertando muitas vezes com a extrema-direita, como foi o caso principalmente de Patrick Buchanan. Já diante do terrorismo internacional e da ameaça da islamização da agenda, os conservadores, pela primeira vez, não foram reativos, mas estavam entre os propositores. E, nesse sentido, é interessante notar como os neoconservadores, que eram estranhos ao título de conservador, passados pouco mais de 40 anos, transformaram-se nos principais articuladores do movimento.

A peculiaridade da trajetória dos neoconservadores nos faz pensar na dificuldade de se pontuar possíveis momentos de cisão entre os conservadores, criando a ideia de que, a partir de determinados marcos, se forma uma Velha Direita em oposição a uma Nova Direita. Uma possível cisão pode ser apontada com a questão dos Direitos Civis. Alguns atores que se identificavam como conservadores ou, no limite, como antiliberais, se recusaram a aceitar o fim da segregação, criando uma divisão Norte x Sul no conservadorismo americano e fomentando um conservadorismo sulista, que ganhou um rumo distinto do espectro conservador mais amplo.

Outro possível ponto de cisão ocorreu com a emergência da Direita Cristã que afastou muitos libertários e trouxe grandes preocupações aos neoconservadores, que temiam perder espaço caso o Partido Republicano se tornasse uma plataforma eleitoral para a Direita Cristã. Por fim, diante da hegemonia dos neoconservadores entre o final do governo Reagan (1989) e o final do governo George W. Bush (2008), muitos conservadores, contrários a uma política externa unilateral, contrários ao crescimento do Estado mesmo diante de temas como segurança e antiterrorismo – e, certas críticas à aliança com Israel, se veem fora do lugar, pois ao mesmo tempo que o conservadorismo americano chega ao século XXI com uma estrutura de financiamento, publicações, inserção na mídia e peso políticos inéditos em sua trajetória, é inevitável a sensação entre eles de que estão perdendo o carro para aqueles que em certo momento decidiram dar uma carona.

3 Evangélico, conservador e sulista: Uma discussão sobre o governo George W. Bush a partir das ideias e mobilizações da Nova Direita Americana¹⁶⁶

Nesta seção discutiremos o governo George W. Bush (2000-2008), com foco nas suas principais iniciativas como presidente, colocando-as em diálogo com as bandeiras e aspirações dos conservadores e, de forma mais ampla, da Nova Direita Americana. Nesse sentido, destacaremos três pontos daquele governo: seu apelo eleitoral junto ao contingente religioso (em geral, e evangélico, em particular); suas diretrizes de política doméstica que revelam tanto a crítica ao estado de bem-estar social como a predileção pelo unilateralismo na política externa pós 11 de setembro de 2001 e a valorização e recrutamento de intelectuais de *think tanks*¹⁶⁷ conservadores como assessores e consultores para projetos e políticas da esfera federal.

O espectro conservador americano reagiu com ceticismo à candidatura do então governador do Texas e filho de ex-presidente, George W. Bush. Estavam céticos, pois, como governador, Bush adotou um tom conciliador e moderado tanto com os democratas como diante de temas sensíveis para a agenda conservadora, como migração, educação e impostos. Além disso, pesavam sobre ele as marcas regionais que acarretavam rejeição nacional, como ser (particularmente) do Texas, de uma tradição conservadora, ligado ao petróleo e à agricultura de monocultura, com fortes ligações com grupos protestantes de retórica fundamentalista e por ser fortemente enraizado com o sul dos EUA. Ser da dinastia Bush também trazia rejeição por ser essa muitas vezes percebida como sinônimo de elitismo e vínculo ao setor financeiro. O estrategista político da campanha de George W. Bush, o também texano Karl Rove, montou uma agenda em torno, não de um lema, mas de uma proposta transversal que seria o mote, um imperativo moral para todas as políticas do governo, o *compassionate conservatism*.

Foi uma campanha na qual Bush marcou um discurso de inclusão e diversidade, propondo foco nas questões domésticas e prometendo corte de impostos. O resultado eleitoral foi

¹⁶⁶ Parte deste texto teve sua discussão iniciada em paper no XXVII Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Sociologia (ALAS). Agradecemos os comentários e sugestões recebidas naquela oportunidade.

¹⁶⁷ Há uma extensa literatura sobre os *think tanks*, sua definição, características e forma de atuação. Aqui entendemos por *Think Tank* grupos de atuação e mobilização política, financiados de forma apartidária e que recrutam e formam intelectuais visando influenciar e participar decisivamente do embate e elaboração de políticas públicas nos EUA. Para uma discussão mais aprofundada conferir: trabalho de McGann e Weaver, *Think Tanks & Civil Societies*, Ed. Transaction Publishers, Londres, 2000.

vitória dos democratas no voto popular, mas vitória republicana no colégio eleitoral, com votos decisivos dos estados do Sul, sendo o caso da Flórida, o que decidiu a eleição em favor de Bush.

Roove teve êxito na mobilização dos evangélicos, dos fundamentalistas cristãos e dos protestantes sulistas que responderam com cerca de 40% dos votos de Bush. Esse eleitorado foi mobilizado de duas formas: com promessas políticas e com antipropaganda. A temática das promessas políticas se organizou em torno de duas grandes linhas, uma de política externa e outra doméstica. Na política externa, Bush sinalizou para uma mudança de rumo em relação ao internacionalismo e engajamento do governo Clinton, que se envolveu em conflitos e projetos de *nation building*, principalmente nos Bálcãs e no continente africano, além de se engajar em tratados e regimes internacionais. Israel, para a campanha de Bush teria que ser um aliado estratégico e, se a administração Clinton estava preocupada em costurar um processo de paz entre Israel e palestinos, Bush propunha mais apoio e maior peso estratégico a Israel. Em parte, essa importância é reflexo do apoio evangélico e da cultura fundamentalista cristã que apoiou sua candidatura, mas também é reflexo da articulação de *lobbies* e de *think tanks* próximos aos republicanos que pregavam a importância do estado judeu no Oriente Médio como uma democracia e como um aliado especial dos EUA. Bush esteve em Israel em 1998 a convite do *Republican Jewish Coalition*¹⁶⁸, uma viagem estratégica tanto para convencer o eleitorado conservador como para ter o apoio de grupos e *think tanks* pró-Israel, como o *The Jewish Institute for National Security Affairs* (JINSA), o *Hoover Institution*, o *Project for the New American Century* (PNAC) e os grupos de lobby *The American Israel Public Affairs Committee* (AIPAC) e *National Jewish Coalition*.

No campo doméstico, Bush prometia orientar suas políticas por valores (conservadores) e incentivar com dinheiro público iniciativas de grupos e congregações religiosas que poderiam ter papel cívico como, por exemplo: recuperar viciados em drogas, auxiliar ex-presidiários a conseguir um emprego, etc. Roove também foi um hábil estrategista na antipropaganda, aproveitando a polarização que cresceu durante os oito anos de mandato de Clinton, entre conservadores e liberais. O estrategista de Bush mostrava principalmente ao eleitorado sulista e religioso que votar nos democratas seria votar também no casamento gay, no

¹⁶⁸ O *Republican Jewish Coalition* se define como um movimento de mobilização pró-Israel que atua no partido republicano. Seus simpatizantes destacam o tema de Israel e da segurança como prioritários. Cf. <http://www.rjchq.org/>. Acessado em: 08/07/2011.

Protocolo de Kyoto (e na valorização da ONU em detrimento do poder americano) e no evolucionismo e supervalorização da ciência, que poderiam levar à clonagem humana e à perseguição aos religiosos.

Uma vez eleito, após decisão da Suprema Corte e com baixa popularidade, Bush montou rapidamente um gabinete com auxílio de Karl Rove, Lee Atwater – os dois principais estrategistas republicanos pós-Reagan – e Dick Cheney, que já tinha participado de cinco administrações republicanas. Bush inicialmente manteve parte de sua equipe de campanha, como Rove, como responsável pela estratégia e Karen Hughes, também do Texas, responsável pela comunicação. Cheney se articulou para montar uma equipe para a área de segurança e para dialogar com o Congresso. Com foco na segurança, Cheney convidou seu amigo Lewis “Scooter” Libby e, com foco no Congresso, convidou Nick Calio. Libby já tinha trabalhado no Pentágono, nos anos de 1990, e é um dos pesquisadores do *Hudson Institute*, um dos *think tanks* conservadores que cresceram durante e após o governo Reagan (1980 – 1988). Foi um dos acusados de ser um dos autores do *Defense Policy Guidance* que, em meados de 1991, previa guerras, alertando sobre a necessidade de reordenar o Oriente Médio e cobrava uma postura mais assertiva e menos passividade, tendo como objetivo maior influência nos rumos da política externa dos EUA no pós-Guerra Fria. Calio, ligado ao setor financeiro e com o cargo de *Global Government Affairs* foi o principal articulador do governo Bush na busca de conquistar capital político com o Congresso.

Outro elo importante ficou a cargo de Michael Gerson, que trabalhava tanto como assessor político, como escrevendo os discursos do presidente em parceria com Karen Hughes. Gerson fazia o elo entre o discurso oficial de Bush e a busca por uma base política conservadora. Portanto, a dinâmica do gabinete de posse de Bush funcionava nesse tripé: um foco estratégico (em torno de Rove), outro com foco no legislativo (em torno de Calio) e o terceiro centrado na comunicação (em torno de Hughes). Com base nesse tripé, George W. Bush e Dick Cheney montaram um gabinete com republicanos moderados (como o chefe de gabinete Andy Card) e conservadores (como o advogado geral John Ashcroft e Linda Fisher como o número dois na hierarquia da Agência do governo dos EUA para o meio ambiente e Gale Norton no departamento de interior). Esse gabinete inicialmente foi chamado de *a cabinet of competent conservatives* e pouco parecia influenciado pelas ideias neoconservadoras que deram fama à gestão de George W. Bush.

Já no segundo escalão e na escolha dos assessores estratégicos (segurança, economia e política externa) é nítida a influência e o peso dos *think tanks* conservadores. Com vínculo com a JINSA¹⁶⁹, por exemplo, fizeram parte do gabinete durante o primeiro mandato: Richard Perle (diretor do *Defense Policy Board Advisory Committee*, ligado ao Departamento de Defesa), o próprio Dick Cheney, John R. Bolton (subsecretário do departamento de Estado para o Controle de Armas e Assuntos de Segurança Internacional), entre outros.

A influência dos *TTs* conservadores foi muito nítida nos setores de segurança e política externa, principalmente no Pentágono. Articulados em torno de Dick Cheney, que tem bom trânsito nos principais *think tanks* conservadores, destacaram-se os papéis que tiveram Lewis “Scooter” Libby (chefe de gabinete e assessor de Cheney), Paul Wolfowitz (segundo na hierarquia da Defesa), Douglas Feith (o 3º na hierarquia da Defesa), Stephen Hadley (assessor de Condoleezza Rice), Eric S. Edelman (assessor especial de Libby) e John Bolton e que ganharam ainda mais após os atentados de 11/09/2001. A atuação desse grupo foi decisiva em dois momentos da política externa do governo Bush, antes e depois do 11/09/2001. Antes eles defendiam e trabalhavam para que os EUA se retirassem de acordos internacionais¹⁷⁰. Após os atentados, foram os defensores de uma reação de viés unilateral, que ficou conhecida como uma política externa neoconservadora ou como doutrina Bush.

A chegada das ideias dos neoconservadores no processo decisório foi consequência de uma mobilização política e de uma luta na opinião pública que começou em 1965, quando um grupo de intelectuais formado por Irving Kristol, Nathan Glazer, Norman Podhoretz e Robert Nisbet fundou e trabalhou na revista *The Public Interest*, em que eram críticos da nascente Nova Esquerda e, sobretudo, das políticas do *New Deal*¹⁷¹. Em texto de 2003¹⁷², Irving Kristol fez um balanço do legado do neoconservadorismo nos EUA e enfatizou o papel que as ideias dos intelectuais identificados como pertencentes a esse grupo tiveram em tornar o conservadorismo americano algo mais acessível ao eleitorado estadunidense. Em síntese, os neoconservadores, numa trajetória de meio século, foram atores decisivos para a transformação do conservadorismo americano de algo politicamente marginal e intelectualmente quase inexistente para uma força

¹⁶⁹ Cf. <http://www.jinsa.org/>. Acessado em: 28/05/11.

¹⁷⁰ A maioria desses acordos foi firmada pela gestão Clinton (1993-2001) dentre eles destacam-se o Protocolo de Kyoto, o Tribunal Internacional Penal e o Tratado de mísseis antibalísticos.

¹⁷¹ Cf. discussão item 1.2 desta seção.

¹⁷² Cf. KRISTOL, I. *The Neoconservative Persuasion*, em *Weekly Standard*, 25/08/03, vol.8, no. 47.

política com ideias vigorosas, cenário ao qual o governo George W. Bush está diretamente relacionado.

A dupla Cheney–Wolfowitz, com suas respectivas equipes e assessores, certamente não imaginava uma situação tal como a do 11/09/2001, mas desde meados dos anos de 1990 escreviam, argumentavam e defendiam a necessidade de outra política externa para o país que, como única superpotência do cenário pós-Guerra Fria, teria – em seus diagnósticos – uma dificuldade cada vez maior para montar coalizões e que, portanto, caberia aos EUA se prepararem para agir sozinho. Tendo que, para isso, manter a supremacia militar e se utilizar – se necessário – de guerras preemptivas e preventivas¹⁷³, preparando para cenários simultâneos de guerra. Esse foi o tom do *Defense Policy Guidance* do início dos anos 1990 e de toda produção de Wolfowitz dos últimos vinte anos, que também aparece em obras como *Present Dangers*¹⁷⁴, de 2002, e que marca a atuação desses intelectuais em *think tanks*, como o JINSA e o PNAC, durante a gestão Clinton. O 11/09/2001 foi, portanto, o momento de vulnerabilidade que permitiu a esses intelectuais e funcionários, principalmente aos do Pentágono, pôr em prática suas ideias para repensar o poder americano e o papel dos EUA no mundo.

Os EUA reagiram aos atentados de 11/09/2001 propondo uma guerra ao terror, cujas ações pouco pareciam envolver a rede terrorista Al-Qaeda, tida como a responsável pelos ataques. Mas defendia ações contra Saddam Hussein e o Iraque, o Afeganistão e os Talibãs, o Hezbollah e o Líbano, o Irã, a Síria, a Coreia do Norte e até mesmo a tríplice fronteira sul-americana (Brasil, Argentina e Paraguai). A guinada na política externa surpreendeu e afastou nomes importantes do governo Bush, como Richard Clarke, consultor e funcionário de longa data do processo decisório de Washington que, no governo Bush, era o responsável pelo *National Coordinator for Security, Infrastructure Protection, and Counter-terrorism*. Afetou também Colin Powell, o secretário de Estado do primeiro mandato que, crítico das operações militares americanas transcorridas no Afeganistão e no Iraque, perdeu o cargo no segundo mandato.

¹⁷³ Sobre essa discussão, conferir trabalho de Janaina Marques Storti, *Enfrentando as novas ameaças: estratégia e política internacional norte-americanas no pós-guerra fria*, dissertação de mestrado defendida na Unicamp em 2009, disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000468731>. Acessado em: 27/07/11.

¹⁷⁴ Organizado por Robert Kagan e William Kristol, Ed. *Encounters Book*, 2000, conta com textos de Richard N. Perle, Elliott Abrams, William J. Bennett e Paul Wolfowitz, entre outros, e que cogita um cenário de até cinco conflitos simultâneos, defendendo o apoio dos EUA a Israel e a mudança de regime como estratégia para o Oriente Médio.

Uma das primeiras metas políticas de George W. Bush, que o relaciona às bandeiras da Nova Direita, foi fazer uma reforma na educação. Seu secretário, William D. Hansen, que também trabalhou na campanha, buscava implementar a promessa de campanha intitulada *leave – no-child-behind*, que prometia boa educação para todos com mais gastos no setor¹⁷⁵, visando melhorar a educação nos EUA como um todo e controlar os resultados implementando testes obrigatórios. O projeto virou lei com o *No Child Left Behind Act* (NCLBA) e teve caráter bipartidário, com coautoria do senador democrata Teddy Kennedy. Outra prioridade inicial foi apoiar as iniciativas de grupos religiosos em assuntos de interesse civil. Bush buscou incentivar e coordenar as chamadas *faith-based and community initiatives* (FBCI). Visando aumentar e incentivar a caridade, expandindo projetos de parceria entre a iniciativa privada, instituições e grupos religiosos. As FBCI buscavam encontrar formas de o governo central financiar ou contribuir com projetos e programas de caráter cívico. Tanto o NCLBA com as FBCI revelam a preocupação da administração Bush de rever e repensar práticas históricas de bem-estar social, o que também nos ajudam a entender uma bandeira de mobilização histórica dos conservadores e da Nova Direita americana.

Outro ponto para pensarmos na relação entre bandeiras conservadores, mobilização da Nova Direita e o governo George W. Bush foi a prioridade estratégica e política de cortar impostos. A luta contra os impostos é uma das bandeiras centrais da Nova Direita americana. Dos trabalhos teóricos da Escola de Chicago, principalmente de Milton Friedman do final dos anos de 1970, com certa influência também da escola de Viena, com os trabalhos de Hayek dos anos de 1940, tanto a luta contra os impostos e contra o tamanho do Estado influenciou com tamanha ênfase os conservadores, que criou uma corrente ideológica com a qual certos atores da Nova Direita americana se identificam: o libertarianismo¹⁷⁶.

Dennis Hastert, deputado republicano por Illinois, Tom DeLay, ex-deputado do Texas, e Dick Armey, também deputado do Texas, assim como grupos de *lobby* e de mobilização, como o *Americans for Prosperity* dos irmãos Charles e David H. Koch e o *Club for Growth* e o *Americans for Tax Reform*, ambos organizados em torno da cruzada anti-imposto e antiexpansão do governo de Grover Norquist, foram alguns dos atores que influenciaram e se

¹⁷⁵ Sua promessa era de aumentar em 11% os gastos.

¹⁷⁶ Há libertários críticos aos conservadores, mas há libertários conservadores, dentre eles alguns foram centrais para a mobilização que elegeu George W. Bush.

mobilizaram para que o governo Bush propusesse cortar 1,6 trilhões de dólares na arrecadação de impostos em 10 anos. Essa foi a proposição apresentada pelo governo como *Economic Growth and Tax Relief Reconciliation Act*¹⁷⁷ (EGTRRA), de junho 2001. A aprovação do EGTRRA foi prioritária para a gestão e conseguiu passar pelo Congresso com 100% de apoio dos republicanos e, no Senado, foi também aprovado por 65 a favor e 35 contra. A luta anti-impostos responde a uma bandeira histórica da Nova Direita americana, que se mobiliza e discute esse tema desde governo Reagan (1980 - 1988).

O segundo mandato de George W. Bush (2004 – 2008), podemos dizer em síntese, foi de consequências e de desdobramentos de suas escolhas e políticas propostas no primeiro mandato. Consequências tanto das duas guerras pós-11/09/2001 (Afeganistão e Iraque) como também do corte de impostos e de uma política externa mais unilateral. Em certo sentido, o gabinete que, no primeiro mandato, tinha conservadores, neoconservadores e republicanos moderados, com a saída de Colin Powell do Departamento de Estado – e com o fim do primeiro mandato de Rumsfeld na Defesa em 2006 – Bush concentrou seu processo decisório em torno de Dick Cheney e Condoleezza Rice (na época sua secretária de Estado). Os principais assessores do primeiro mandato (Libby, Wolfowitz, Rove, Feith e Karen Hughes) afastaram-se. Em 2006, os democratas reconquistaram a maioria no congresso. A base conservadora se fragilizou e se dividiu diante do legado das guerras, da crise econômica de 2008 e, sobretudo, diante de um nome novo na política americana: Barack Hussein Obama. Bush, que começou seu mandato em 2000 com baixa popularidade, atingiu picos de aprovação na ordem de 80% (logo após o 11/09/2001), mas terminou sua gestão rejeitado por quase 70% do eleitorado¹⁷⁸.

¹⁷⁷ Cf. o documento na íntegra disponível em: <http://www.irs.gov/pub/irs-utl/egtrra_law.pdf> Acesso em: 25/07/2011.

¹⁷⁸ Cf. pesquisas de opinião em gráfico cronológico disponíveis em: <<http://www.gallup.com/poll/124922/Presidential-Approval-Center.aspx>> Acessado em: 26/07/2011.

3.1 George W. Bush pela visão dos conservadores

Ame-o ou o odeie, respeite ou o insulte, George W. Bush usou de forma extraordinária os poderes de sua presidência e mudou os EUA, o governo e o mundo deixando uma marca permanente no novo século que entramos¹⁷⁹. (PODHORETZ, 2004, p. 15)

Conforme apontaram Zelizer (2010), Hayward (2012), Warshaw (2009) e, como pudemos confirmar em nossas entrevistas com conservadores, há um descontentamento e reprovação geral em relação a GWB. Questionamos: o que explica esta desaprovação dos próprios conservadores ao governo de GWB já que este se identifica como conservador?

Nesta seção procuramos demonstrar como o governo de GWB foi percebido pelos conservadores, mais especificamente, pela Nova Direita. Para tanto, nos esforçamos em entender o conservadorismo de GWB, bem como as reações a este. Não se trata de classificar sua presidência, e sim de refletir o quão conservador foi Bush na percepção dos conservadores.

A reação negativa vinda dos próprios conservadores é o que se destaca, pois tradicionalmente esta crítica seria desempenhada pelos liberais. É conhecido o modo como estes percebiam o governo, muitas vezes levaram ao extremo da desqualificação e do ódio¹⁸⁰. Por essa oposição histórica e pelo contexto de Guerra Cultural, esperava-se que, pelo menos por oposição, os conservadores apoiassem GWB. Apoio que não ocorreu.

Para entender esse fato, procuramos analisar algumas das políticas do governo de GWB que foram foco de crítica dos conservadores para, assim, entendermos a expectativa que estes tinham em relação ao conservadorismo de GWB.

Quando analisamos o governo de GWB percebemos que ele foi marcado por fatos que mobilizaram a sociedade americana e o mundo. Os ataques terroristas de 11/09/01 foi o acontecimento que definiu o legado deixado por este governo. Os ataques causaram um choque que afetou diretamente a opinião pública e as relações do executivo com os outros poderes, o que

¹⁷⁹ No original : “ Love him or hate him, respect him or revile him, George W. Bush has made extraordinary use of the powers of the presidency an has changed the U.S., its government, and the world in ways that have made an indelible mark on the new century.” (PODHORETZ, 2004, p. 15)

¹⁸⁰ Cf. Podhoretz (2004), Sammon (2007) e Ash (2009).

provocou a rediscussão de conceitos caros à tradição republicana dos EUA, tais como as ideias de democracia, direitos civis e a legitimidade para conduzir uma guerra.

A posição da Casa Branca frente aos ataques terroristas foi sinalizar o ocorrido como um ato de guerra. Tal posicionamento desencadeou uma série de conflitos de natureza assimétrica que, em seu conjunto, formaram a “Guerra contra o Terror”. Podhoretz (2004, p.05) nos ajuda a entender a ideia que compunha o cerne dessa guerra (e da ação da Casa Branca), segundo este autor, o governo dos EUA “não iria distinguir entre os terroristas que atacaram os Estados Unidos e aqueles que os abrigam¹⁸¹”, dito de outra forma, a guerra não era só contra terroristas, mas também contra todos aqueles que estivessem dentro de alguma logística do terrorismo. A estratégia era, se preciso, desencadear diferentes cenários de guerra: ataques que poderiam num mesmo dia, ocorrer na fronteira do Paquistão com o Afeganistão, no Yemen ou ainda, uma prisão em pleno centro de Berlin. A guerra contra o terrorismo mudou radicalmente o direcionamento e o foco da atuação do governo Bush e, desde então, passou a definir seu governo.

A posição tomada pela Casa Branca em relação ao 11/09/2001 teria transformado o conservadorismo de GWB? Afinal, que tipo de conservadorismo ele propunha?

Enquanto pré-candidato a presidência, Bush se diferenciava de seus concorrentes republicanos ao se apresentar como um “compassionate conservative”, uma conceito novo para os conservadores. Dentro da visão de conservadorismo de GWB, ser um “born again christian” como uma história pessoal emotiva¹⁸² era algo de destaque. Seu histórico como governador do Texas (1995-2000) apresentava um perfil que agradava tanto conservadores, quanto ao eleitorado mais centrista. Com seu estilo duro e intolerante diante dos pedidos de clemência dos condenados a pena de morte e, por outro lado, apresentando uma visão pró-vida, isto é, contra o aborto, contra eutanásia e a favor do ensino de teorias alternativas ao evolucionismo nas escolas, agradou aos conservadores.

O perfil apresentado agradava o eleitorado mais centrista que o enxergava como um governador do Texas atento a temas da agenda social, apesar de ser um estado conservador e majoritariamente republicano. Bush mostrava-se politicamente aberto e incentivava iniciativas

¹⁸¹ No original: “We would make no distinction between the terrorists who attacked us and those who harbor them” (PODHORETZ, 2004, p.05)

¹⁸² Cf. autobiografia de Bush. *Decision Points*, ed. Crown, NY, 2010. No qual Bush relata com a fé foi central para uma guinada em sua vida. Bush relata problemas com álcool, dificuldades nos negócios até seus quarenta e poucos anos quando passa a ter uma experiência religiosa mais vida e encontra o que considera uma vocação política.

bipartidárias, com forte abertura para o diálogo político¹⁸³. Até mesmo alguns liberais poderiam enxergar nele aspectos positivos como, por exemplo, sua postura pró-imigrantes e preocupação com a educação além de iniciativas voltadas para o bem-estar social.

Vale notarmos, portanto, que ao contrário de outros políticos conservadores que passaram pela presidência como, por exemplo, Ronald Reagan ícone do conservadorismo, Bush trazia consigo experiências e posturas abertamente conservadoras para mostrar e, por isso, poderia ter ficado marcado como um grande conservador, como foi Reagan.

As eleições de 2000, como nos demonstra Keyssar (2009), foram as mais disputadas dos últimos cem anos, a estratégia da campanha republicana centrada na ideia de “compassionate conservative” teve forte apelo no eleitorado centrista, o que se mostrou central para a sustentação eleitoral e vitória republicana.

Se a ideia de “compassionate conservative” foi exitosa como estratégia eleitoral, no que diz respeito ao direcionamento de governo era um conceito que trazia mais incertezas do que entusiasmo, tanto para a base conservadora como para a base republicana mais ampla. Como bem sintetiza Hayward (p. 4286, 2012): “um governo pautado pela compaixão terá dificuldades em ser um governo limitado porque as necessidades são infinitas e a ideia de compaixão não tem um limite ou princípio limitador claro.”¹⁸⁴ Ou seja, o conceito de conservadorismo com compaixão era impreciso quanto a mentalidade e forma de governo.

Marvin Olasky¹⁸⁵, intelectual que inspirou o conceito do “conservadorismo com compaixão” analisa que neste encontramos um dos princípios conservadores mais fundamentais: a ideia de que os problemas sociais, comunitários ou mesmo individuais só poderão ser resolvidos quando os indivíduos, e não o Estado, se mobilizarem para resolvê-los. Um exemplo seria a iniciativa da “guerra à pobreza”, declarada dentro da *Great Society* do governo LBJ, considerada pelos conservadores como uma política fracassada. Para este autor, o fracasso da “guerra à pobreza” ocorreu porque quem estava à frente era o Estado e não os indivíduos.

¹⁸³ Em sua autobiografia Bush (2010) relata sua boa relação com o democrata Bob Bullock, que Bush considera como um dos grandes parceiros que teve em sua vida política.

¹⁸⁴ No original: “a compassionate government will have difficulty being a limited government because needs are infinite and compassion has no clear limiting principle. Hayward (2012, p. 4286).

¹⁸⁵ O intelectual Marvin Olasky – ávido escritor e debatedor da relação entre ideias religiosas e o conservadorismo americano – foi assessor do governo Bush para a política doméstica entre 2001 e 2004. Seu livro de maior destaque *The Tragedy of American Compassion* foi originalmente lançado em 1992.

Como se percebe, levar a cabo o “conservadorismo com compaixão”, pensado como política de governo, por princípio, suscitaria o risco de desagradar conservadores, centristas e liberais.

Uma das principais marcas da implementação do “conservadorismo com compaixão” deu-se no início do mandato do governo GWB com (a criação de iniciativas de fé – colocar nome original) tais iniciativas focavam no envolvimento de grupos religiosos como agentes para implementação de políticas sociais. O fato do governo não discriminar grupos religiosos envolvidos em causas sociais poderia agradar aos liberais, centristas e conservadores, no entanto, também poderia suscitar desconfiança dentro destes grupos.

Satisfazia aos conservadores a ideia de que o governo usaria espaços religiosos para fins cívicos. Para os liberais, agradava a iniciativa de um governo conservador preocupar-se com temas sociais. Contudo, estes como apontam Chen e Dionne Jr. (2001), temiam que, no limite, o proselitismo fosse o objetivo central. Quando entrevistamos Peter Becker¹⁸⁶, pastor batista do sul e conservador, perguntamos sobre sua percepção em relação a este fato, em sua visão, a discriminação prevaleceria no recorte entre grupos religiosos liberais e fundamentalistas.

Arthur C. Brooks, presidente do AEI¹⁸⁷, ator importante na discussão sobre papel do governo nas políticas sociais, entende que o fracasso do liberalismo se dá pela insistência numa lógica na qual a centralidade está no Estado e não no indivíduo. O argumento central de Brooks e Olasky faz referência ao ideal de nação americana segundo o qual o sucesso depende do indivíduo e não do Estado.

Para além do envolvimento de grupos religiosos, o conceito de “conservadorismo com compaixão” envolveu outras iniciativas, como a de modernização do Medicare¹⁸⁸. Em 2003, Bush completa o programa já existente subsidiando com verba federal a compra de medicamentos com receita médica, o que ficou conhecido como *Medicare Part D*, proposta implementada em 2006. Na prática, não se tratava de uma simples complementação, e sim a criação de um novo programa.

¹⁸⁶ Entrevista realizada com Peter Becker em março de 2013. A íntegra da entrevista – em inglês – encontra-se no apêndice deste trabalho.

¹⁸⁷ Cf. Palestra em <http://www.youtube.com/watch?v=XEQ1Hm9I7c&feature=share&list=PLytTJqkSQqtoXdQ2EnDPvGe2kzhXFMr8m> > acessada em 31/01/2014.

¹⁸⁸ Trata-se de um programa de seguro social e de saúde mantido e administrado pelo governo. O plano atende pessoas contribuintes com mais de 65 anos. O medicare existe desde 1966. Para uma discussão mais aprofundada Cf. De Jonathan Oberlander, *The Political Life of Medicare*, Ed. University Of Chicago Press, Chicago. 2003.

A ideia de “conservadorismo com paixão” e a prática de subsidiar setores sociais com verba federal, desenhava, pouco a pouco, um novo governo, no qual a ideia de conservadorismo ganhava nova dimensão que se diferenciava da concepção de conservadorismo clássico.

A partir desta nova configuração, Bush passa a ser questionado quanto ao seu conservadorismo. Os primeiros a criticarem foram os libertários que apontavam para a expansão do governo em detrimento da redução do Estado e da valorização da iniciativa privada.

Ao entrevistarmos Mike Tanner, pesquisador sênior do Cato Institute, pedimos que este avaliasse o governo de GWB.

[...] se tratando de gastos e impostos ele [Bush] foi terrível. Certamente não governou como libertário. Pela perspectiva dos libertários ele só ficou atrás de Lyndon Johnson na expansão do Estado e nos gastos domésticos. Ter sido sucedido por Obama certamente não ajuda sua imagem, mas Bush foi um grande gastador. Durante seu mandato, comparando com os últimos 40 anos, Bush elevou o papel e a atuação do governo os expandindo de forma rápida e sem precedentes. Ele criou o *Medicare Part D*, ele criou o *Homeland Security Department*, invadiu o Iraque (risos), quer dizer, ele começou guerras, criou o *Patriot Act*, que infringe as liberdades civis. Então, seu governo foi em muitos aspectos, tudo o que nós [libertários] somos contrários.¹⁸⁹

Segundo a percepção dos libertários, o fato do governo ter sido expansionista em gasto e na criação de novos departamentos e programas o tornaria um governo insatisfatório. O que nos aponta para o fato de que, do ponto de vista dos libertários, Bush não cumpriu o papel esperado para um conservadorismo de viés libertário, entendido como um governo que cortaria gastos e aumentaria as liberdades individuais.

Contudo, não se pode afirmar plenamente que Bush deixava de ser conservador, pois apesar da guerra, do impacto político e econômico dos ataques terroristas, o governo Bush realizou cortes de impostos, buscou restringir o direito ao aborto¹⁹⁰, incentivou políticas de adoção, tentou uma costura política para barrar, em nível federal, o casamento entre pessoas do

¹⁸⁹ No original: in terms of speeding and taxes he was a disaster. He didn't governed as a libertarian . From our perspective he was the second biggest bender since Lyndon Johnson. I mean, Obama succeeded him but other than that he was a huge big expender, the government rolls faster under him than any president in 40 years. He created the Medicare Prescription Drug Program, a brand new, he created the Homeland Security Department, he invaded Iraq (laughs), I mean, he started a war, the Patriot Act, which we think infringes on civil liberties. So he was in many ways everything we're against

Entrevista realizada em março de 2013 no Cato Intitute. A íntegra da entrevista – em inglês – encontra-se no apêndice deste trabalho.

¹⁹⁰ Em 2003, Bush propôs o foi aprovado o Partial-Birth Abortion Ban Act. E o caso foi acolhido e confirmado pela Suprema Corte em 2007. Trata-se uma vitória em meios a grandes derrotas para o movimento pró-vida. Com esta lei ficou proibido o tipo de aborto no qual o feto é retirado do corpo materno e fora do útero morre.

mesmo sexo e indicou dois dos juízes mais conservadores da Suprema Corte (Samuel Alito e John Roberts). Estas iniciativas foram, sem dúvida, ações que deveriam deixar o movimento pró-vida e os conservadores sociais plenamente satisfeitos com sua administração.

Procuramos conhecer a percepção dos conservadores sociais em relação ao governo Bush. Em entrevista a uma das figuras mais importantes do conservadorismo social, Phyllis Schlafly, solicitamos que nos apresentasse sua percepção sobre o “compassionate conservative” de Bush. Avalia que foi,

[...] um erro e nos causou muitos danos porque o conservadorismo já é com compaixão. Foi apenas um modo de atacar as pessoas que não concordavam com algumas de suas políticas. Eu acho que o governo Bush causou grande estrago ao nosso país. Eram globalistas, do tipo que almejavam uma nova ordem mundial, e Bush começou este plano de tentar ter o governo federal controlando as escolas. Veja, as escolas estão mal, ninguém tem dúvidas em relação a isso, mas nada indica que o governo federal possa fazer qualquer coisa para ajudar. Ele não ajuda. Todos os problemas deste país, na minha opinião, é que as escolas não ensinam como ler na primeira série. [...] eles apenas ensinam a memorizar algumas sílabas e palavras¹⁹¹.

Chamamos a atenção para dois aspectos da argumentação de Phyllis Schlafly, primeiro, ela faz alusão ao programa *No Child Left Behind* (NCLB), prioridade da gestão republicana implementado em 23/01/2001. Segundo, ela critica a ideia de *School Choice*, isto é, o direito dos pais de escolher melhores escolas para seus filhos via programas como o *Opportunity Scholarship*, implementado em 2004.

A ideia do *school choice* partia do princípio de que caberia aos pais o direito de escolher onde seria melhor colocar seus filhos para estudar¹⁹². Tratava-se de um projeto que remetia a experiência de Bush enquanto governador do Texas¹⁹³. Essa política tinha um viés

¹⁹¹ No original: It's a mistake and it did us a lot of damage because the conservative is compassion. It was only a way to attack people who didn't agree with some of these policies. I think the Bushes did a lot of damage to our country, they were globalists, they were new world orders types, and Bush started this plan of trying to have the Federal Government to take over the schools. Now, the schools are in bad shape, there's no question about that. But there is no indication that anything the Federal Government is doing is helping, it's not helping. All problem in our country, in my opinion, is that they don't teach them how to read in the first grade [...] Entrevista realizada em março de 2013, via Skype. A íntegra – em inglês – encontrasse no apêndice deste trabalho.

¹⁹² Alguns grupos que defendem a ideia de school choice são: Blum Center for Parental Freedom in Education; Center for Education Reform; CEO Ameerica; All Schools Choice and Charges; Citizens for Educational Choice; Citizens for Educational Freedom; Educational Freedom Foundation; Independent Institute; Parent's Rights Organization e Parent's Rights Organization.

¹⁹³ Durante seu governo implementou as chamadas *charter schools*, que consistia em o governo oferecer bolsas para alunos com notas baixas frequentarem escolas melhores. O critério para definir quais escolas eram melhores ou piores dava-se a partir de uma avaliação realizada por um exame estadual chamado *Texas Assessment of Academic*

conservador na medida em que possibilitava aos pais exercer a liberdade e poder na educação de seus filhos, retirando, de certa forma, parte do monopólio estatal sobre a educação.

O NCLB – aprovado pelo congresso em 18/12/2001 – visava melhorar as escolas públicas que apresentassem problemas¹⁹⁴. O ponto central estava em construir, obter e disponibilizar dados sobre elas permitindo assim, primeiro, identificar quais eram as unidades com problemas e permitir aos pais o direito de escolher onde alocar seus filhos. Assim, como no Texas, a iniciativa NCLB foi construída com apoio bipartidário, o que reforçou a imagem de Bush como estadista capaz de levar uma agenda conservadora para além de nichos políticos.

Interessante notar que, apesar de conservador, Gerald Alexander – pesquisador associado do AEI que pesquisou o tema educação e conservadorismo – quando entrevistado por nós, analisou o NCLB do ponto de vista de um intelectual, mas do que um conservador. Explicou-nos que:

Bush acreditava que, antes de tudo, temos que focar em resultados reais, [...], há crianças que o desempenho é muito mais fraco do que de outras. As crianças com melhores resultados são, geralmente, de família com mais recursos, os pais tem mais educação e os alunos com baixo desempenho são os de famílias pobres, com menos educação. Claro que há também famílias brancas pobres, mas a maioria são famílias negras e hispânicas. Portanto, as forças de esquerda estão muito conscientes de que, se você tentar impulsionar todos os desempenhos de todas as crianças, as com mais dificuldades serão as crianças das famílias mais pobres, incluindo um número desproporcional de negros e hispânicos. Bem, neste caso, eles não ficam nervosos quando alguém fala sobre gastar mais dinheiro em educação, mas eles têm medo, porém, da melhoria ser real. A esquerda se sente segura porque eles sabem que é muito difícil conseguir resultados concretos, melhorias reais. E as iniciativas de Bush, primeiro no Texas e depois em Washington, foram de colocar mais dinheiro na educação, bilhões a mais na educação, mas, focado na expectativa de conseguir melhorias reais. Isso só seria possível com um sistema de testes que também funcionasse. E assim o NCLB buscava melhorias em todas as principais categorias demográficas - mesmo que pouco - a melhoria deveria envolver todos. Se você olhar para os detalhes do NCLB este era o desafio colocado.

Skills (TAAS). Se 50% dos alunos de uma escola obtinham notas baixas no TASS, poderiam concorrer a bolsas para frequentar escolas classificadas como melhores.

¹⁹⁴O NCLB previa tutores gratuitos nas escolas para atender alunos com dificuldades. Em nossa pesquisa documental na Biblioteca George W. Bush, verificamos no memorando White House Office of Records Management, de 2003, detalhes sobre esta política. Foram gastos 50 milhões para a pesquisa e aprimoramento do programa *School Choice* e outros 25 milhões para o *Voluntary Public School Choice Program*. Recursos que também foram destinados à iniciativa privada que, entre outros papéis, ficou responsável por disponibilizar os dados na internet. O projeto tinha por meta conceder reforço a 2 milhões de estudantes e, até 2007, projetava atingir o número de cem mil transferências. Segundo o memorando, os resultados sobre o NCLB deu origem a programas como o *The Charter School Program* e *Schools Facilitates Program*, além de um programa de crédito chamado *Enhancement for Charter*. Segundo o memorando o programa abarcou 4300 escolas; 1,2 milhões alunos em 41 estados, incluindo Washington D.C.. Biblioteca presidencial GWB, seção de arquivo, pasta “Educação”, tema NCLB. Box.1.

Todo mundo tem que se mover para cima, não apenas aqueles que estão na média, todos deveriam melhor, ir para cima. As crianças brancas, negras, hispânicas e pobres. O NCLB é consistente, a questão era simples 'nós temos que nos preocupar com as crianças como um todo' em todas as escalas de desempenho, incluindo os mais fracos. Isso é algo que qualquer católico entende muito bem. Basicamente as crianças mais vulneráveis tinham que estar entre aqueles que melhoraram.¹⁹⁵

Portanto, mesmo se aventurando em campo de domínio da esquerda, como saliente Gerald Alexander, a proposta de Bush tendia a incomodar mais os liberais progressistas do que os conservadores uma vez que poderia, de fato, retirar destes o monopólio de ajuda à população mais pobre (latinos e negros).

Como se pode notar, os conservadores sociais partiram da crítica feita pelos libertários, qual seja, expansionismo e aumento dos gastos como problema da gestão Bush, e acrescentam que a intervenção estatal, também no âmbito da educação, mostrou-se ineficaz, chegando mesmo a causar novas problemas.

¹⁹⁵ No original: He believed that first of all, we have to focus on actual results, and secondly the *no child left behind* [...] there is children who performance much weaker them other so they know perfectly the students who perform best, they are from family with more means, more educated and students who perform weakness on average, are those from poor family, with less education, that means some poor white family but also many black and Hispanic families. Therefore, those forces on the left are very aware, that if you try to boost all performances from all children, the most difficult ones will be the poor family, including a disproportional number of blacks and Hispanic. Well, in that case they are very nervous when someone talks about to spend more money on education, but they are very afraid of requirement actual improvement, because they know that is very difficult to get to archive. And, one of the calls of Bush initiatives, first in Texas and then in Washington was, we will agree to put more money into this , billions more in education, but, It has to be tie to testing , which shows that there is actual improve and outcome; and the easiest way to achieve that would be by making the testing system works, so if you archive even average improvement that will be good enough, that could mean leaving behind the black and hispanic kids and only getting progress among those who already are the best in school. And so the details of NCLB was that the improvement had to be in all major demographic categories. There even have be an improvement in those in the bottle. Even if the movement is from a lower level, they will have to be an improve. If you look at the details of the NCLB that is the challenge. Everybody has to move up even from the lower level, from the bottle, everyone has to move up, not just the average moving up. And that is the big dilemma from the educators, they were positive on how to achieve the improvement and the gains in education, its performance for the weakest children that was the whole point of NCLB. They had to include black, hispanic and poor white children as well, you have to see improving otherwise those schools could be declared to be failing schools and put under a new administration (...) So, there, is a good example. The NCLB bellows to the compassionate conservative idea of Bush, their no dialogue behind more the compassionate filled. The NCLB is consistent, the whole point of Bush was, we have to care about kids everywhere and in every scale of performance, including the weakest ones. That something any social catholic would have understood the most vulnerable children had to be among those who improved.

3.1.2 As marcas conservadoras de George W. Bush

Como procuramos demonstrar, segundo a percepção dos libertários e de parte dos conservadores sociais, as iniciativas do conservadorismo social de GWB não repercutiram de maneira positiva para estes grupos, que não o via como conservador. No entanto, Bush ascendeu a partir de uma coligação que o identificava como conservador. Aparentemente estaríamos diante de uma contradição? A partir deste momento iremos apresentar alguns elementos que caracterizariam o conservadorismo de Bush.

O primeiro é a religiosidade. George W. Bush foi o candidato à presidência mais próximo ao ideal esperado pela Direita Cristã, desde Pat Robertson¹⁹⁶, dada sua experiência pessoal com a fé. Neste sentido, produziu um novo significado na equação religião-eleição (BALMER, 2009). Barry Golwater ou Ronald Reagan e outros como Richard Nixon e George H. W. Bush tentaram, com imensas dificuldades, ter algum apelo religioso, porém sem sucesso. No caso de George W. Bush, ao contrário, o apelo religioso era seu cartão de visita.

A experiência e o reavivamento religioso de GWB datam de meados de 1980¹⁹⁷ antes, portanto, de sua entrada para a política. Porém, foi a partir de sua campanha nas primárias republicanas, em 2000, que a ligação religião-política ganhou notoriedade a partir da resposta que surgiu na disputa de Iowa, quando foi questionado qual seria seu filósofo favorito, respondendo: “Jesus”. Apesar de Bush não se apresentar como evangélico, seus discursos permeados de referências e parábolas bíblicas, além de sua posição pró-vida, sempre serviram de credenciais para a interlocução com o eleitorado religioso.

Na análise do jornalista Bill Sammon (2007), enquanto fora presidente, Bush teve uma postura *laissez-faire*, no sentido de não almejar intervir e ditar qual religião as pessoas deveriam seguir. Mesmo assim, não deixou de ter uma postura “evangélica”, expressa em suas posições morais, principalmente diante do terrorismo e do fundamentalismo islâmico, o que criava dicotomias como “bem vs. mal”, “sofrimento vs. justiça”, “crueldade vs. compaixão” e uma busca incessante pela justiça.

¹⁹⁶ Robertson, líder neopentecostal, foi pré-candidato nas primárias republicanas em 1988.

¹⁹⁷ Balmer (2009) enfatiza o contato com o pastor evangélico carismático Arthur Blessitt em Midland, Texas em 1984. Em 1985, o próprio Bush conta (2010) sobre o impacto espiritual que teve a partir do contato e das conversas com Billy Graham.

Particularmente dentro do universo secular liberal e internacional, o uso dessas dicotomias acarretou na imagem de um presidente caricato e intolerante. No livro *The Evangelical President*, Sammon (2007) conclui que, a religiosidade de Bush o fez não sucumbir às críticas internas e ao isolamento internacional. No entendimento de Randall Balmer (2009), autor crítico do uso da religiosidade pela política americana, George W. Bush sempre usou a seu favor a imagem de “um modelo de retidão moral”, principalmente frente aos escândalos morais que marcaram o governo de Clinton (1992 – 2000). A religiosidade de Bush, portanto serviu como apoio e proteção a críticas e, ao mesmo tempo, uma alternativa política.

O segundo elemento que contribuiu para entendermos o conservadorismo de Bush é seu caráter incisivo frente a diferentes posições ideológicas defendidas por integrantes de seu gabinete. Fato que pode ser observado na composição de seu gabinete. A composição do gabinete de GWB reunia republicanos moderados como Colin Powell (secretário de estado até 2005), Paul O'Neill (secretário do Tesouro até 2002) e Christine Todd Whitman (administradora da Agência de Proteção Ambiental até 2003), com nomes conservadores como Donald Rumsfeld (secretário de defesa até 2006), John Ashcroft (procurador geral da União até 2005) e Dick Cheney (seu vice). Uma composição como esta requeriria uma postura incisiva, marcada por sua personalidade, mas do que por consensos.

O terceiro elemento é o fortalecimento do poder executivo. Na trajetória das ideias conservadoras muitos atores almejavam conquistar a maioria do Congresso ou a maioria na Suprema Corte de Justiça ou ainda, eleger o presidente. Porém, não obtiveram êxito para implementar a agenda conservadora. O contexto de ascensão de Bush representou uma nova estratégia: fortalecer o poder executivo como dispositivo para que as ideias conservadores fossem efetivadas.

A cientista política Shirley Anne Warshaw (2009), defende a tese de que não é possível entender o governo George W. Bush sem entender a dinâmica da relação Bush/Cheney. Segundo a autora devemos pensar os anos Bush como uma co-presidência, isto é, uma presidência que foi dividida entre Bush e Cheney. Na visão da autora, coube a Cheney arquitetar a ideia do fortalecimento do poder executivo como foco de governo, bem como o convencimento de Bush.

Em sua autobiografia Bush (2010), conta ter escolhido Cheney para ser seu vice devido à experiência que ele apresentava, mas, sobretudo, porque queria tê-lo presente no

processo decisório de seu governo. O demonstra que Cheney foi pensado como um ator participativo e não meramente figurativo.

Warshaw (2009, p.56), não exita em classificar Cheney como “o vice presidente mais poderoso da história dos EUA”. Para outros autores como, por exemplo, Kabaservice (2012), Cheney era o “conservador” enquanto Bush era a compaixão, ambos se completavam e formavam o “conservadorismo com compaixão”.

O jornalista James Mann (2004) - um dos primeiros a ganhar destaque investigando e discutindo o papel de Dick Cheney na administração Bush – chama a atenção para outro aspecto em relação a Cheney, sua experiente¹⁹⁸ política e filtro ideológico apurado o permitiu: indicar assessores para postos-chave na segurança e política externa; conduzir a transição política; articulador entre as aspirações da base conservadora com o perfil legislativo em formação e formar uma agenda legislativa para o governo Bush.

Segundo Warshaw (2009), Cheney passa a ser visto como arquiteto do fortalecimento do poder executivo a partir de 11/09/11. Situação que lhe possibilitou espaço de atuação. Em sua biografia Bush (2010, p 174.), conta que diante da situação de crise produzida pelos ataques terroristas, coube a Cheney “manter o governo funcionando” enquanto a figura do presidente era protegida pelo serviço secreto.

No cenário após ataques de 11/09/2001, evidenciou-se o fortalecimento do poder executivo. Diante da iminência de uma guerra, Bush teve apoio dos conservadores, mas, com o passar do tempo e com o crescimento do Estado e do poder executivo, essa relação, que inicialmente era de apoio, foi abalada.

Como destaca Daalder e Destler (2008), a emergência do poder executivo deu-se na mesma proporção do crescimento do departamento de segurança. Em contexto de guerra, priorizou-se mais a segurança que a diplomacia. Desta forma, o poder executivo ao nomear os assessores que estaria em posições estratégicas nas ações implantadas pelas instituições de segurança (Pentágono, FBI, etc.) acabava por fortalecer a si próprio.

Inicialmente chamamos a atenção para uma aparente contradição entre o conservadorismo de Bush e o conservadorismo de seus críticos. Segundo entendemos, ela originou-se a partir do fortalecimento do poder executivo, ao invés de dar efetividade à

¹⁹⁸ Cheney foi secretário de defesa no governo de George H. W. Bush foi chefe de gabinete do governo Ford e deputado pelo estado de Wyoming entre 1979 e 1989.

concretização das ideias conservadoras, foi o elemento que mais aumentou os gastos públicos, diminuiu as liberdades individuais e retirou de foco a agenda conservadora do processo decisório. Enfim, desconstruiu o principal alicerce que poderia levar ao triunfo as ideias conservadoras. O conservadorismo de Bush inicialmente atendeu à expectativa dos conservadores, porém, aos poucos foi tornando-se algo característico daquele governo e, portanto, já não mais expressava o conservadorismo tradicional, pois tomava um rumo próprio.

3.1.3 As marcas conservadoras de Dick Cheney

Como procuramos demonstrar, a figura de Dick Cheney dentro do governo de GWB esteve envolta em muitas especulações, inclusive, foi atribuído a ele parte do ônus ferentes a impopularidade e fracasso daquela gestão. Fato é que Cheney manteve uma postura coerente em relação às suas ideias e aspirações. Então, cabe perguntar, porque teria se transformado no bode expiatório do fracasso da gestão de Bush?

Quando nos atemos às posturas, ideias e posições políticas de Dick Cheney não só durante os anos de Bush, mas historicamente, nos chama atenção sua solidez e coerência diante de temas conservadores, principalmente no campo econômico. Cheney, enquanto deputado, sempre defendeu o fim das regulações para o setor energético, postura que manteve enquanto vice-presidente. O mesmo se aplica às posições anti-ambientalistas, pró-armas e na defesa da tercerização de serviços no exterior e de cortes em programas sociais. Neste sentido, teria todas as credenciais que se esperaria de um congressista conservador. Contudo, ao colocar em segundo plano o conservadorismo fiscal e direcionar o fortalecimento do poder executivo para a guerra contra o terrorismo, teria incorrido no erro fatal que o transformaria em um dos principais responsáveis pelo fracasso do governo, na expectativa dos conservadores.

Para entendermos a visão dos libertários sobre a figura de Cheney, em entrevista com David Boaz, vice presidente executivo do *Cato Institute*, perguntamos a ele por que os libertários e conservadores não demonstram empolgação tampouco se propõem a defender o legado e o papel de Dick Cheney. Sua resposta foi a seguinte:

Dick Cheney era um conservador fiscal e, como tal foi um fracasso completo. Eu acredito que ele realmente se via como um conservador fiscal. Mas de qualquer maneira

ele foi um desastre completo. Eu acho que a melhor percepção que podemos ter de Cheney é na defesa do fortalecimento do poder Executivo. Ele certamente defendia a ideia de um poder executivo forte, contando com um uso agressivo do poder presidencial. Foi assim que a gestão Bush agiu para responder ao terrorismo. Eles pressionaram por uma resposta militar no Afeganistão e no Iraque. Em termos de construir um império burocrático a fim de combater o terrorismo a administração Bush foi um sucesso. Se isso era uma co-presidência, eu acho que é muito difícil dizer a menos que estivessemos lá. Cheney era obviamente um homem inteligente e experiente, Bush foi apenas sensato ao empregá-lo e trabalhar com ele. E, se olharmos historicamente o vice-presidente está em uma posição onde ele é completamente ignorado¹⁹⁹.

Nosso entrevistado reafirma a percepção de que Cheney era um conservador fiscal e que teve forte peso na defesa do fortalecimento do poder Executivo. Vê-se ainda, certo descontentamento em relação à posição conservadora de Cheney. O cerne da crítica de Boaz pode se sintetizada da seguinte forma: não é possível ser um conservador fiscal e defender o fortalecimento do poder executivo, isto seria algo incompatível.

Segundo entendemos, o fortalecimento do poder executivo diante de uma guerra é a marca deixada pelos mandatos de Bush/Cheney. E o legado de Cheney certamente foi colocar o posto de vice-presidente como parte ativa do poder executivo. A ideia de “construir um império burocrático a fim de combater o terrorismo”, como assinala Boaz, pode ser entendida como o processo pelo qual se criou o departamento de Segurança Doméstica (Homeland), em 25/11/02, o *Patriot Act*, em novembro de 2001, a *Executive Order*, em 13/11/01²⁰⁰, a ativação da base militar de detenção em Guantanamo, em 11/01/2002, e o *Intelligence Reform and Terrorism prevention Act*, em 04/12/04.

A Guerra Fria, por muitas décadas, norteou a política externa dos EUA. Naquele contexto, destacava-se a importância da diplomacia e o protagonismo da ONU, bem como a visão estratégica pautada pela Detenté. Cheney simbolizou uma guinada em relação a este tipo de estratégia, pois passa a direcionar as ações do poder executivo visando sustentar a primazia do

¹⁹⁹ No original: Dick Cheney was a fiscal conservative and then he is a completely failure. And, I do believe he saw himself as fiscal conservative. But anyway he was a completely disaster, I think the general perception of Cheney greater view was in the area of the Unitarian Executive, the idea of an strong Executive power, counting on an aggressive use of the president power, this was the way they choose to respond to the terrorism and pushing for a military responses in Afghanistan and Iraq. In terms of building an bureaucratic empire in order to fight terror the Bush administration was a success. Whether this was a co-presidency, I think it's very hard to say that unless if you had being there, Cheney was obviously a man with greater intelligence and experience and the president would be wise to employ and work with him. And, probably known the American history the vice president stands in a position where he is completely ignored. Cf. Entrevista na íntegra nos apêndices deste trabalho.

²⁰⁰ Esta lei executiva autorizava a detenção e o julgamento por um tribunal militar de estrangeiros acusados de terrorismo.

poder americano para tanto esvaziou o papel da diplomacia, atribuiu papel secundário à ONU e repensou a estratégia militar para as forças armadas americana. Guinada que se concretizou a partir da guerra contra o terrorismo.

Koerner e Lopes (2010, p. 118) enfatizam as intervenções e violações aos direitos civis que despontaram durante o fortalecimento do poder executivo.

[...] as leis e políticas implementadas pela administração Bush proporcionaram aumento da capacidade de vigilância e investigação do Estado norte-americano, que pode agora usá-la no controle da criminalidade comum e até mesmo de opositores e dissidentes políticos.

Como se percebe, a reação da gestão Bush ao terrorismo fundamentalista islâmico produziu um aumento do poder estatal, do poder executivo e das ações policiais preventivas, sem necessariamente, manter invioláveis as liberdades individuais e sem conseguir aumentara sensação de segurança demandada pela população. Fato explicitado na pesquisa do instituto Gallup (setembro de 2005), apontou que de 2001 a 2005, mais da metade das pessoas entrevistadas sentiam que suas vidas ainda não tinham voltado ao normal. Vejamos no gráfico abaixo:

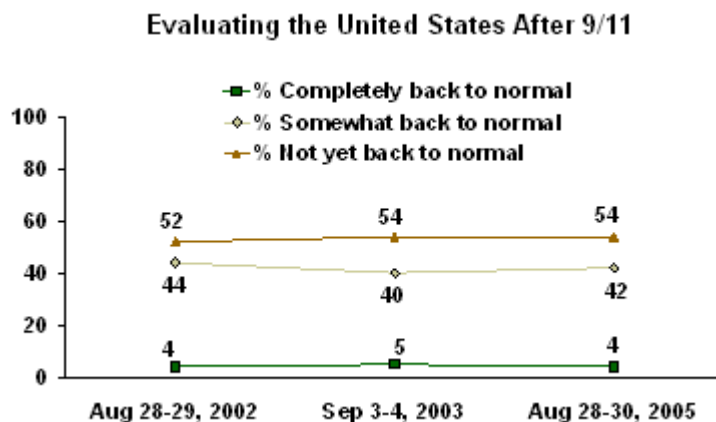


Gráfico 1 A Sensação de Segurança pós-11/09/01.

Fonte: Instituto Gallup, setembro de 2005. Disponível em < <http://www.gallup.com/poll/18448/americans-sense-new-normal-after-911.aspx> >.

A sensação de excepcionalidade, trazida pela guerra e defendida por Cheney, também permitiu ao governo desenvolver ações que fugiam dos padrões da legalidade, mas que eram legitimadas pela ameaça do terrorismo. Como exemplo podemos citar as prisões ocorridas à

margem da legalidade, violações à Convenção de Genebra²⁰¹, aumento da vigilância e investigações policiais (KOERNER e LOPES, 2010). Tais ações fortaleceram agências como o *Federal Bureau of Investigation* (FBI) e a *National Security Agency* (NSA) a ponto de suas atuações ultrapassarem as fronteiras dos Estados Unidos.

Diante de uma guerra de longo prazo com a sensação de insegurança permanente, o gabinete de Bush comprometeu não só a transparência de seu governo, mas também a privacidade e a proteção jurídica de seus cidadãos. Este quadro nos leva a pensar no legado constitucional da Guerra ao Terror. Boa parte das críticas concentravam-se no tratamento dado aos prisioneiros capturados no Afeganistão, Paquistão e Iraque, levados a bases militares como a de Guantanamo. Os presos foram acusados de serem militantes terroristas da Al-Qaeda e foram julgados por um tribunal militar, sem direito a *habeas corpus*, passando por interrogatórios chamados de *enhanced interrogation techniques*.

Iniciamos esta discussão procurando entender o que teria fundamentado as percepções negativas sobre Dick Cheney enquanto vice-presidente. Em linhas gerais, vimos que ele foi um conservador coerente com suas posturas, mas acabou tomando um caminho que o afastou das expectativas que o conservadorismo mais amplo depositava em Cheney enquanto conservador fiscal. A guerra ao terror serviu de subterfúgio para duas direções: o fortalecimento do poder executivo e a guinada na segurança pós-Guerra Fria. Ambos os processos se entrelaçam e tiveram como consequência o aumento das políticas de vigilância do estado policial, violações aos direitos civis e atribuição de um papel secundário para instituições internacionais. Ao mesmo tempo, ao contrário da expectativa do poder executivo, não houve um aumento na sensação de segurança da população estadunidense. Dick Cheney, justa ou injustamente, foi apontado como o responsável pelo fracasso do governo do presidente GWB.

²⁰¹ A convenção de Genebra data de 1949 e surgiu no esteio do final da segunda guerra mundial. A proposta é garantir algumas proteções e ressalvas em tempos de guerra, como a proteção a civis, hospitais, além de estabelecer normas para o tratamento de combatentes capturados ou presos. Integra da convenção disponível em inglês em < <http://usmilitary.about.com/od/deploymentsconflicts/l/blgenevaconv.htm> > . Acessado em 31/01/2014.

3.2 Considerações finais desta seção

A relação do conservadorismo americano com o governo Bush acabou sendo pautada pela principal marca que define esta administração, os ataques de 11/09/01 e a forma como o governo reagiu a estes, acarretando no fortalecimento do poder executivo. Portanto, para os conservadores Bush supervalorizou o governo e, se de alguma forma foi conservador, o foi dentro de um contexto de crescimento do poder e da intervenção estatal. Neste sentido, na percepção dos conservadores, o conservadorismo da era Bush em pouco difere de seus principais antagonistas, os liberais-progressistas.

Todas as credenciais conservadoras de GWB/Cheney não serviram como compensação ou justificativa para estancar o descontentamento desta base frente ao crescimento do governo – mais especificamente do poder executivo – e assim, apesar de toda retórica evangélica de Bush, de seu “conservadorismo com compaixão”, e Cheney, com suas credencias e histórico como sólido conservador fiscal pró-setor privado, de nada serviram para convencer os conservadores a defender sua gestão.

Se por um lado, os conservadores não se sentiram contemplados em suas expectativas, por outro, o direcionamento conservador do governo Bush também não se mostrou satisfatório. Seja para a expectativa conservadora de Bush e Cheney como para os libertários, conservadores sociais e do próprio conservadorismo entendido de forma mais ampla o que ficou foi apenas frustração. O resultado foi um governo dos mais impopulares da história dos EUA.

Segundo entendemos a principal explicação para o fracasso da gestão Bush não se encontra nem na sua incapacidade pessoal nem na de Cheney, mas num erro estratégico que foi supervalorizar sua capacidade de gestão sem levar em conta a estreita margem de manobra que o seu crescente isolamento o colocava.

O fortalecimento do poder executivo isolou Bush e Cheney de tal forma que o governo não conseguiu responder nem as expectativas de sua base conservadora, nem aos problemas concretos que surgiram em sua gestão, como, por exemplo, a crise financeira e a

catástrofe natural que no conjunto apenas corroboraram para a percepção de fracasso deste governo²⁰².

²⁰² Em novembro de 2005, foi preciso lidar com os estragos causados pela passagem do furacão Katrina e no final de 2007, com a economia que entrou em recessão. Em resposta, a administração Bush - via o *Troubled Asset Relief Program* - injetou mais de 700 bilhões de dólares na economia. Dados disponíveis em Hayward (2012, p.4592).

4 As formas de mobilização da Nova Direita

Faremos agora a ponte entre as ideias e o argumento para as formas de mobilização e de ação política da Nova Direita. Seguiremos a mesma estratégia metodológica que utilizamos na primeira seção deste trabalho: partiremos de uma tipologia das formas de mobilização para o conservadorismo contemporâneo nos EUA e seguiremos apresentando e discutindo casos empíricos.

Ao longo desta seção a discussão sobre a mobilização conservadora terá três momentos: uma discussão sobre a mobilização dos libertários, da direita cristã e dos neoconservadores. Estes três grupos formam a tipologia ideal do conservadorismo nos EUA. Na discussão sobre os libertários destacaremos o papel dos livros e dos intelectuais; na discussão sobre a direita cristã destacaremos o papel de alguns pastores e líderes religiosos ressaltando a relação entre a mobilização religiosa e o impacto político conquistado com a entrada de novo perfil de eleitores na base eleitoral do conservadorismo. Por fim, na discussão sobre o neoconservadorismo, destacaremos o papel das pequenas revistas e publicações e dos *think tanks* mostrando como, através destes recursos de mobilização, os neoconservadores se articularam buscando influência e como, assim, são ativos chegando algumas vezes ao protagonismo no debate das ideias conservadoras.

A tipologia das formas de mobilização



Figura 18 A Tipologia das formas de mobilização em recorte geracional

Fonte: tabela construída com base em folhetos e guias do Freedom Works²⁰³ com foco no Tea Party; documentário *United in Anger: A History of ACT UP*²⁰⁴ com foco nos anos noventa do século XX e na discussão de Sousa (2009) sobre a nova esquerda nos EUA e os anos sessenta do século XX.

²⁰³ Cf. alguns temas e materiais em < <http://www.freedomworks.org/issues> > Acessado em 08.11.13

²⁰⁴ Documentário dirigido por Jim Hubbard; Mais informações também em < <http://www.actupny.org/documents/CDdocuments/CDindex.html> > Acessado em 08.11.13.

4.1 Ideias versus Mobilização: A lógica *Whatever works*: Conservadores copiam liberais e vice-versa

Importante notarmos de partida que não existe um tipo ideal puro de mobilização para o conservadorismo, nem tampouco para os progressistas/liberais. A mobilização é um instrumento para propagar ideias ou atingir objetivos políticos e em ambos os casos não há constrangimentos em copiar estratégias que tenham funcionado em outros contextos com outros propósitos. Entre grupos mais próximos aos liberais e ao movimento progressista como, por exemplo, o *Center for American Progress* (CAP) – *think tank* fundado em 2003 – muitas de suas estratégias de divulgação e de mobilização copiam esquemas há muito utilizadas por *think tanks* conservadores como o AEI e o Heritage Foundation, tais como seminários com especialistas e estudos temáticos voltados para congressistas e funcionários do Estado. Já o Freedom Works, grupo de mobilização que surge no contexto do *Tea Party* contra o governo Obama, também não esconde se espelhar no êxito de grupos progressistas como o *MoveOn.org* que, no contexto da eleição de Barack Obama, em 2008, teve grande êxito na mobilização descentralizada arregimentando ativistas principalmente pela internet.

Vejamos agora alguns casos específicos.

4.1.2 A mobilização religiosa

A relação entre a nação americana e a religião é pautada por vários conceitos e por várias marcas históricas. Neste ponto do trabalho, nosso intuito é o de fazer uma introdução apresentando alguns destes paradigmas, dando ênfase a alguns momentos de relevância histórica neste campo, no afã de entender a emergência e as formas de mobilização dos movimentos religiosos e políticos que, no debate contemporâneo, compõem com grande peso o conservadorismo dos EUA.

Dentre as heranças decorrentes desta relação, a mais decisiva (e, portanto, necessária para este debate e apropriada para uma introdução) é noção de puritanismo. Trata-se de um traço

decisivo dentro deste contexto, pois nos ajuda a entender a valorização do indivíduo diante do Estado e também contribui para a interpretação de duas das principais marcas da identidade nacional americana: a liberdade e o pluralismo religioso. A valorização tanto do indivíduo como do puritanismo faz pressupor que toda a grandeza e êxito da obtidos pela nação (nos níveis cultural, político, social e econômico, dentre outros) são frutos exclusivamente da ação de seu povo; o mesmo raciocínio vale para a ideia de um eventual fracasso.

A herança puritana também se mescla muito bem com mais outras duas: a republicana e o ideal dos pais fundadores. Os pais fundadores, como nos mostra Silva (2009), mesclavam a ideia de indivíduos morais – moral esta aprendida e vivenciada pela experiência religiosa com os conceitos iluministas, principalmente de autores escoceses como Thomas Reid (1710 – 1796), mas também advinda de nomes do Iluminismo moderado, tais como Isaac Newton (1643 – 1727) e John Locke (1632 – 1704). Neste contexto, com a influência destes autores e dos fundamentos da religião, os “despertares” religiosos, que eram vistos nos EUA desde os tempos das colônias (Cf. SILVA, 2009), ganham um sentido protocientífico, fundindo-se com as ideias de cidadania e de patriotismo. Da chegada dos 102 colonos a bordo do *Mayflower*, em 1620, todos com forte orientação calvinista, até o desenvolvimento da maior colônia, a Nova Inglaterra, nas décadas seguintes, os puritanos levaram aos EUA as ideias de liberdade religiosa, em boa parte por temerem a intolerância que enfrentavam na Inglaterra, mas também por acreditarem que manifestação de uma fé e a adoção de um rígido comportamento moral interno era o caminho para conquistarem tanto as liberdades externas, como a liberdade religiosa. Este é ponto central para entendermos a influência puritana, tanto para a ideia de República, como para a de democracia nos EUA. Somente com fortes convicções morais ou religiosas muito internacionalizadas seria uma possível uma experiência republicana como a americana. Nos termos de Silva (2009, p. 81):

[...] desde as suas mais remotas origens, apesar da hegemonia cultural puritana a sociedade americana logo começou a ter entre suas características essenciais a diversidade de religião, o que já se chamou de “polidevoção” ou seja, uma enorme diversidade e multiformidade religiosa.

Muito se discute acerca da religiosidade (propriamente dita) dos pais fundadores, contudo, a questão central, neste aspecto, é compreendermos que eles, apesar não privilegiarem nenhuma determinada confissão, não negaram estarem imbuídos da visão de mundo plenamente

cristã, como nos conta Peter Beck²⁰⁵. Ao proporem a separação entre religião e governo, os fundadores não estavam embebidos de um sentimento antirreligioso. Estavam, na verdade, em consenso com as tendências de sua época, marcada pela diversidade religiosa de viés cristão. A separação proposta por eles garantiria, dessa forma, o pluralismo das manifestações religiosas e reforçaria as ideias de liberdade e de livre arbítrio, que consequentemente reforçariam a nascente ideia de um regime democrático como o mais apropriado à República. Em suas abordagens, Silva (2009) discute a influência das ideias deístas²⁰⁶. O autor nos mostra que já na Declaração de Independência, por exemplo, encontramos referências ao criador e aos direitos com os quais este dotou a humanidade. Estes direitos seriam inalienáveis e evidentes de tal forma que, diante da autoridade divina, a razão humana teria primazia. Pelas conclusões de Silva depreendemos então que no que tange à influência religiosa no processo de nascimento da República, esta não motivaria intolerância nem induziria a perseguições. Ou seja, o governo não compactuaria com tais ações.

A ideia de República por sua vez propõe enfraquecer as hierarquias religiosas e a própria autoridade política, valorizando um governo representativo reforçando os conceitos de liberdade e virtude. A soma das ideias de puritanismo com as ideias dos pais fundadores ambiente de vigência da república deu ao conceito rousseauiano de religião civil um sentido mais amplo, extrapolando as fronteiras do Estado-Nação e fomentando outros conceitos que projetavam os EUA ao mundo como o de excepcionalidade – consequência da providência divina e ação civilizatória.

A experiência religiosa nos EUA também pode ser discutida em sua relação com o capitalismo, como fizeram autores clássicos como Tocqueville e Max Weber. Nesta relação, o êxito da burguesia local deve ser associado ao êxito religioso na medida em que o sucesso financeiro seria um sinal tanto da intervenção divina, como da premonição de um povo com determinada crença e forma de vivenciar sua fé. Nesta relação entre fé e êxito capitalista, há espaço para grandes culpas, dúvidas, apego ao dinheiro e valorização de responsabilidades. Em síntese, é a tese weberiana da ética protestante em consonância com a ética ou espírito capitalista.

²⁰⁵ Peter Beck é historiador e pastor batista do sul. Leciona na Universidade Batista do Sul em Charleston, Carolina do Sul. Todas as referências aqui citadas são fruto de uma entrevista gravada pelos autores em abril de 2013. Mais sobre Peter Becker Cf. blog < <http://csublogs.com/tag/dr-peter-beck/> > Acessado em 10/12/2013.

²⁰⁶ O deísmo é uma filosofia religiosa com raízes no século XVI que prega uma religião desencantada, sem emoções ou mistérios. Em síntese a ideia básica é que um Deus criou o Universo deixando todo o desenrolar ao acaso.

Para Walter Benjamin, como nos mostra Dupas (in: SILVA, 2009, p. 14), o espírito capitalista nos EUA ganharia uma dimensão quase fundamentalista na medida em que exigiria um culto constante, no qual as notas são os santos e a devoção e culto ao capital e sua multiplicação ocorreria sem tréguas e sem limites. Em síntese, como nos mostra Dupas (in: SILVA, 2009, p. 18), a submissão ao capital opera em paralelo com a submissão religiosa: “Do homem cristão se exige uma vitória definitiva sobre os instintos, o fim das contradições e da resistência feita por aqueles instintos, uma submissão total a seu Deus, uma abdicação total do seu ego”.

Ao mesmo tempo em que se afirmava uma experiência exitosa de separar a fé das pessoas das questões do Estado, fomentando assim, a diversidade religiosa cristã, outras influências se mostravam presentes. Dentre elas, o influxo protestante, que enfatizava a independência dos indivíduos em detrimento das pressões e coerções sociais e comunitárias – em oposição às tradições, mas também atento a “rivalidades” internas e “externas”. Assim, muitos protestantes passaram a ver na política e na luta pelo poder instrumentos dentro de uma disputa maior por almas e por influência. Por isso, desde meados dos séculos XIX notamos mobilizações políticas com forte direcionamento religioso, como, por exemplo, o *Anti-Masonic Party*, cujo auge foi o ano de 1828, quando se consolidou como uma força política. Também podemos citar os movimentos anticatólicos de 1850 que em muito fomentaram a fundação do atual Partido Republicano, assim como a influência nacional que teve o Ku Klux Klan, com forte direcionamento antissemita e anticatólico nas primeiras décadas do século XX.

Paralelamente às disputas internas entre as confissões protestantes havia também intensa discussão sobre a vivacidade e as formas de se relacionar com a fé e com os textos bíblicos. Esta influência que autores como Marsden (1991) classificam como evangélica pregava experiências mais intensas e maior envolvimento religioso. Como nos mostra Marsden (1991. P. 45), o êxito evangélico nos EUA está diretamente relacionado com perfil protestante das seitas cristãs: “Como o protestantismo era de longe a denominação religiosa dominante nos Estados Unidos até meados do século XIX, a evangelização moldou e se tornou o mais característico dos estilos religiosos americano”.

Dentro da experiência evangélica que passou a se manifestar em todas as denominações cristãs, se valorizava o *Espírito Santo* e da *salvação* como uma experiência a ser atingida pelo indivíduo. Além disso, o foco estava na restauração da autoridade bíblica e centralidade das escrituras, além da possibilidade de *salvação* pela fé e pela prática religiosa e,

sobretudo, via aceitação de Jesus Cristo como redentor e salvador pessoal. Um bom exemplo de corrente evangélica do início do século XX foi o movimento *Latter Rain Pentecostal*, o qual cresceu principalmente entre as igrejas Assembleias de Deus pregando pela urgência de evangelizar propondo instrumentos de cura e de milagres através da intervenção divina via Espírito Santo. A ideia pentecostal reforça a experiência com Espírito Santo. E este movimento foi central para nova evangelização e revalorização da experiência religiosa nos EUA.

A experiência evangélica nos EUA está diretamente ligada às ondas de fervor religioso que de tempos em tempos ganham forma. Quase como um fenômeno da natureza os chamados *revivals* religiosos (*Great awakening*) começam de forma não centralizada, se espalham pelo país de forma desorganizada, atingem um pico, passam por um declínio e a vida volta ao normal. Neste processo, marcado pelo fervor religioso, novas seitas e igrejas surgem e comportamentos morais são manifestos com veemências, às vezes alterando ou criando novas leis. Durante esta onda de fé e fervor religioso se busca evangelizar de forma mais direta (sem intermediação clerical ou institucional) e sem foco na liturgia, tomando a experiência pessoal como o ponto mais importante.

O primeiro grande despertar ocorreu entre 1730 e 1760 e influenciou decididamente a Revolução Americana e os pais fundadores no sentido de investirem, não no secularismo ou na ideia dos EUA como nação cristã, mas na ideia de liberdade religiosa, uma vez que o fervor do *revival* mostrava a pluralidade religiosa que já estava presente e que só tenderia a crescer.

O segundo despertar ocorreu nas primeiras décadas do século XVII, num contexto de expansão para o Oeste, e propagava ideias progressistas como a de abolir a escravidão, garantir o direito de voto também às mulheres, além de temas morais como combate ao consumo de álcool, drogas, práticas de jogos e de prostituição. Deste segundo despertar surgiram religiões genuinamente americanas e valores morais fortemente internalizados, como a Igreja dos Santos dos Últimos Dias (os Mórmons) e os Adventistas do Sétimo Dia. Em ambos os casos os fiéis não consomem bebidas alcoólicas e devem levar uma vida centrada na família. Vale enfatizarmos também que os *revivals* não necessariamente representam ou crescem a partir de uma inspiração teológica ou social conservadora. O ponto central é o fervor religioso e a internalidade de valores morais que reverberam tanto entre progressistas, como entre conservadores.

O terceiro grande despertar ocorre praticamente na sequência do segundo, entre 1850 e 1900, mais uma vez trazendo bandeiras progressistas (leis trabalhistas, reformas no sufrágio) e os temas morais (contra a prostituição, contra consumo de álcool e contra os jogos de azar).

Já o quarto despertar ocorreu após um transcurso de tempo maior, entre as décadas de sessenta e setenta já no século XX. Neste período de fervor religioso, pastores não só viajavam pregando pelos Estados Unidos, mas também passaram a buscar a evangelização em outros países. Ficaram famosas as viagens de cruzada conduzidas por Billy Graham e as atenções de muitas igrejas ao continente africano. No plano doméstico, o avanço de políticas liberais levaram muitos religiosos a buscar inserção na luta partidária/política. Os casos mais importantes envolviam aborto, a emancipação e aceitação das ideias feministas.

Quanto ao aborto, a grande ameaça era a lei de 1973, conhecida como *Roe versus Wade* que não só tornava a prática do aborto legal como proibia os Estados de poderem, em nome de suas constituições estaduais, proibirem a prática. Os primeiros a se oporem ao aborto foram os católicos atrás do *National Right to Life Committee* fundado em 1968, depois de viés mais protestante e evangélico, vieram o *America Life Lobby* e grupos mais extremistas, como o *Operation Rescue* do final dos anos oitenta do século XX que não só buscava reverter a lei como perseguia, quando não atacava fisicamente médicos e outros funcionários em clínicas de aborto pelo país.

Contra o feminismo, a luta foi conduzida por mulheres como Beverly LaHaye, que em 1979 fundou o *Concerned Women for America* buscando mobilizar mulheres contra posturas feministas de outras mulheres. A pioneira, contudo, sem dúvida foi Phyllis Schlafly, que já em 1972 fundou o *Eagle Forum* e, como já vimos, embarcou numa cruzada nacional contra o ERA (*Equal Rights Amendment*), a lei dos direitos iguais, que na perspectiva de Schlafly, mudaria e ameaçaria a família para sempre.

Dentro do movimento evangélico pentecostal surgiram novas disputas e subdivisões, principalmente a partir do terceiro grande despertar. Se por um lado, pastores extremamente carismáticos, como Oral Roberts (1918-2009) e Billy Graham (1918 -), ganhavam dimensão nacional e muitas vezes falavam a um público não necessariamente restrito a uma dada denominação, algumas vezes seus sermões e orações eram transmitidos pela televisão para milhares de pessoas. Ambos propunham experiências religiosas renovadoras nas quais os presentes “jamais seriam novamente os mesmos”. Em síntese, esta linha evangélica falava e

buscava todo e qualquer cristão, de qualquer denominação. Paralelamente ao avanço evangélico os EUA do início do século XX, ideias liberais e progressistas²⁰⁷ também avançavam. Estas grandes mudanças teológicas, políticas e sociais fizeram com que alguns pregassem por um retorno, uma volta aos fundamentos e às bases da fé e da teologia questionando a eficácia das evangelizações em massa e do culto à personalidade em torno de pastores televisivos.

Deste contexto nasceu o movimento fundamentalista que, como uma subdivisão do movimento evangélico, propunha resistir e lutar contra as ideias progressistas e liberais que se entanhavam rapidamente por todas as esferas da vida. Tal movimento parte da busca por revalorizar os cinco fundamentos²⁰⁸ e questiona o consenso político e religioso de seu tempo. Pregando uma *volta aos fundamentos*, o movimento também trazia um forte estímulo de reviver e revitalizar a experiência religiosa. A experiência fundamentalista acabou por também ser uma das marcas da experiência religiosa nos EUA no sentido em que se exigia grande comprometimento e envolvimento para tratar e encarar os textos religiosos com uma racionalidade instrumental e direta, alegando que a mensagem religiosa não seria complexa ou metafísica, mas clara, direta e acessível ao mais simples dos homens.

Uma vertente do movimento fundamentalista buscou se isolar e se separar das igrejas liberais, progressistas ou que em suas leituras não combatiam como deferiam o secularismo e o avanço do discurso científico e antirreligioso por excelência. Entre os principais inimigos dos fundamentalistas estava o avanço do ensino das teorias evolucionistas que partiam das ideias e discussão de Charles Darwin quanto à origem das espécies e da vida na Terra. Em 1925, logo após duas décadas de intenso debate e florescer dos fundamentalistas no Tennessee, um professor, chamado John Scopes, defendia e ensinava o evolucionismo. O caso ganhou grande repercussão chegando a um julgamento no qual William Jennings Bryan (1860 – 1925), um dos

²⁰⁷ Na historiografia americana comumente encontramos o período entre 1894 e 1930 classificado como “A Era Progressista”. Este período foi fortemente influenciado pelo discurso cientificista e pelas teorias evolucionistas de Charles Darwin. A visão científica da sociedade muitas vezes misturava questões raciais e hierárquicas com temas sociais (como pobreza, fome, miséria e desigualdade de riqueza) acreditando poder moldar a história dentro de uma determinada direção. A ideia de progresso neste sentido significa pensar no Estado e no poder do presidente como os agentes para o progresso, como as forças que por critérios científicos e precisos iriam resolver os problemas e melhorar a vida das pessoas. São considerados ícones progressistas, as presidências de Woodrow Wilson (1909 - 1921) e Franklin Delano Roosevelt, que fortaleceram o governo central e o poder executivo (o poder do presidente). Cf., por exemplo, de Arthur M. Schlesinger Jr., *Os Ciclos da História Americana*. Ed. Civilização Brasileira, 1992. E de H.W. Brands, *Woodrow Wilson*. Ed. Times Books, NY, 2003.

²⁰⁸ São eles, a divindade de Cristo, o fato de Cristo ter sido crucificado por nós, a centralidade e a importância de se voltar para as escrituras (palavra de Deus), a virgindade da mãe de Cristo e por fim, a volta e ressurreição de Jesus.

mais importantes teólogos e nomes do movimento fundamentalista²⁰⁹, buscava argumentar e defendendo uma marcha nacional contra a teoria do naturalista inglês. A importância deste julgamento, para além de ser um marco no embate entre fundamentalistas e evolucionismo, está no fato de que ali Bryan teve que responder e buscar formas de sustentar a veracidade e a possibilidade de se ler, estudar e interpretar a Bíblia literalmente. Contra Bryan, Clarence Darrow argumentava que alguma interpretação era necessária para dar sentido aos textos e mensagens bíblicas. Mais do que o mérito em torno do evolucionismo, o julgamento *State of Tennessee versus Scopes*²¹⁰ conseguiu ridicularizar William Jennings Bryan e assim também afetar a credibilidade dos argumentos fundamentalistas. Mesmo assim, o argumento antiDarwin não perdeu totalmente suas forças e poder de mobilização. O triunfo do darwinismo não era exatamente a derrota do fundamentalismo, mas representava, na leitura religiosa, o triunfo do secularismo. Muitos autores como, por exemplo, o teólogo Charles Hodge (1797 - 1878), que lecionava em Princeton e foi muito influente em seu tempo, associava as ideias de Darwin ao ateísmo e ao triunfo do secularismo e da ciência moderna. Neste sentido, muitos religiosos buscaram se retirar das escolas e universidades liberais acreditando que precisam ter suas próprias instituições. Deste processo surgiram, principalmente entre 1920 e 1950, várias escolas bíblicas além de novas estratégias para enfrentar o evolucionismo, como o criacionismo, popular entre as décadas de sessenta a oitenta do século XX e o *intelligent design* que cresceu paralelamente à onda de *Homeschooling*²¹¹ entre o final do século XX e início do XXI.

Mas o movimento fundamentalista também influenciou com grande êxito o movimento evangélico mais amplo. Um bom exemplo desta influência é o movimento milenarista, cuja marca principal é através da Bíblia encontrar, prever e dominar os

²⁰⁹ William Jennings Bryan foi candidato à presidência pelo partido democrata em três eleições, a de 1896, 1900 e 1908. Além de se envolver ativamente na luta contra o darwinismo, também foi um defensor da Proibição (contra consumo de álcool). Para mais informações Cf. de Michael Kain, *A Godly Hero: The Life of William Jennings Bryan* Ed. Anchor, NY. 2005.

²¹⁰ É possível assistir documentário sobre o tribunal em: <<http://youtu.be/IVD4TjxnJ0M>> Acessado em 13/11/13.

²¹¹ *Homeschooling* é a prática e a defesa do direito de ensinar os filhos dentro de casa sem que tenham que passar ou frequentar ou se submeterem a qualquer forma de controle por parte de uma instituição escolar (pública ou privada) ou órgão do governamental. Um dos marcos do movimento foi a decisão da Suprema Corte de 1962, *Engel v. Vitale*, que proibia a promoção e prática de reza nas escolas públicas. Muitos já haviam reagido e se mobilizado contra a decisão de 1954, o caso *Brown v. the Board of Education*, que proibia a segregação racial nas escolas. Ao longo dos anos sessenta e setenta do século XX o movimento também cresceu temendo temas da contracultura nas escolas públicas (como educação sexual, homossexualismo, ideias socialistas ou feministas). É difícil estimar quantas crianças estão ou já passaram por homeschooling, Norquist (2008), um defensor, estima entre 1% a 2% de toda população escolar dos EUA. Já Bielick (2008) admite grande crescimento, mas apresenta números mais modestos. Cf. em <<http://nces.ed.gov/pubs2009/2009030.pdf>> Acessado em 18.11.2013.

acontecimentos futuros. Entre pastores milenaristas podemos citar William Jennings Bryan e J. G. Machen, que foram influências decisivas para outros pastores importantes, como Oral Roberts, Billy Graham e Pat Robertson. Bryan e Machen também são ícones da mobilização religiosa contra o avanço das ideias evolucionistas e do discurso científico. Entre os conceitos dos milenaristas que também reverberaram entre outros movimentos está a ideia de ruptura da qual falavam aqueles que seriam capturados antes do final dos tempos e que depois regressariam para viver junto ao reinado de Cristo na terra. Na lógica milenarista, o fim dos tempos é algo sempre presente. Com isso, buscam constantemente os sinais que confirmariam a proximidade ou a distância do momento final. Esta expectativa por um final dos tempos cria entre os milenaristas uma prontidão para a “guerra cultural” que também produz grande mobilização política. O conceito de reconstrução e de reconstrucionismo colaboram para um clima de guerra ideológica, no qual o que está em jogo para os milenaristas é a própria segunda vinda de Cristo.

Paralelamente ao milenarismo há o movimento posmilenarista, cuja principal diferença em relação àquele está no foco. Enquanto os milenaristas focam no indivíduo e buscam salvar o maior número possível de almas antes do final dos tempos, os posmilenaristas, como nos mostra Diamond (1989), focam-se nas instituições. A ideia aqui é ocupar as instituições para assim preparar os estados e países do mundo para a segunda vinda de Cristo. Para os posmilenaristas, derrotar o secularismo e as leis que buscam frear a religião cristã é mais importante do que converter e salvar almas. Entre as referências teológicas mais importantes desta escola está B. B. Warfield, um dos nomes centrais para a guinada fundamentalista nas primeiras décadas do século XIX. O posmilenarista teria influenciado pastores populares como Jerry Falwell e o casal Howard e Roberta Ahmanson. Muitos fundamentalistas posmilenaristas se refugiaram entre os batistas, principalmente batistas do sul e em denominações próprias, como é o caso de Jerry Falwell, que em 1956, com grupo de outros religiosos, fundou a *Thomas Road Baptist Church*. A posição de Falwell e de sua Thomas Road é importante por também marcar uma tentativa de aproximação ou de entendimento entre fundamentalistas e evangélicos. Nos termos de Marsden (1991), Falwell seria um fundamentalista reformador, na medida em que nos anos de 1970 buscava, através da ação política e conciliando evangélicos com fundamentalistas, trazer a religião em sua leitura política conservadora para o centro da vida e da sociedade estadunidense.

Em síntese, o fundamentalismo floresceu nos Estados Unidos nos termos de Ernest Gellner (1991, p. 13) pregando a “[...] fé em sua forma plena e literal, sem concessões, esmorecimentos, reinterpretações ou recrudescimentos”. O fundamentalista aceita o desafio de uma fé viva, onipresente e, sobretudo, exigente. E, apesar de ver no secularismo um inimigo, é devedor do secularismo para seu desenvolvimento, na medida em que mais importante que a comunidade vem o indivíduo e assim também funda o mundo moderno, que apesar de ser também inimigo do fundamentalismo é dentro dele que se desenvolve. Neste sentido ser fundamentalista implica em mais do que afirmar. É necessário repudiar. E, sobretudo, o fundamentalista é o religioso disposto a lutar, tendo como inimigo as doutrinas liberais. É, portanto, um conservador.

Em paralelo ao crescimento fundamentalista e evangélico nos EUA é importante notarmos também o florescimento do movimento carismático. O movimento carismático floresceu nos anos de 1960, inicialmente entre episcopais, presbiterianos e luteranos, como nos mostra Marsden (1991), vindo a crescer, sobretudo, entre os católicos. A dinâmica de crescimento carismática entre os católicos, a partir do final dos anos sessenta até meados dos anos oitenta do século XX, seguiu uma dinâmica própria com foco em grupos pequenos, evitando-se grandes lideranças. Diamond (1989) enfatiza o papel dos chamados grupos de *shepherding* no qual havia uma relação direta e hierárquica com um líder religioso ou pastor. Esta figura hierarquia teria como papel guiar e auxiliar o crente em todas as suas dificuldades e dilemas de fé ao longo de sua vida. Esta prática também se expandiu entre evangélicos e fundamentalistas. A principal diferença que os carismáticos trouxeram para a Igreja Católica foi a valorização do Espírito Santo na prática religiosa, além da importância de buscar novos fieis valorizando a necessidade de salvar almas (tal como também ocorre principalmente entre evangélicos). Nos termos de Diamond (1989, p.58) “O senhor quer que nos tomemos ações diretas para proteger cristãos e para enfrentar nossos inimigos”.

Ao longo dos anos de 1970, o movimento teve grande impulso com o sucesso dos chamados televangelistas. Destacam-se Jim e Tammy Bakker trabalhando para Pat Robertson, o pioneiro no uso da TV via satélite como instrumento de mobilização religiosa. Os *Bakkers*, após sucesso na rede de Robertson, a *Christian Broadcasting Network* (CBN), partiram para sua própria rede. Transmitindo de Santa Ana, Califórnia, conseguiam com seu programa *People That Love* mobilizar, não só carismáticos, mas muitos evangélicos neopentecostais, atraindo para sua

programação pastores que já eram populares como Oral Roberts e Jimmy Swaggart²¹². Já Pat Robertson, de uma linha evangélica milenarista, montou com êxito seu estúdio em Virginia Beach (Virginia) o *The Christian Broadcasting Network*, cujo programa *700 Club* também inovava ao misturar jornalismo, testemunhos religiosos e histórias de superação com temas políticos e mensagens religiosas.

Mas quando pensamos na relação entre a religião (num viés fundamentalista) e política, há certa dicotomia entre momentos de recolhimento e tentativas de influenciar e de reclamar os espaços públicos e institucionais. É o que Peter Eisner (2013)²¹³ chama de comportamento pendular dos evangélicos e, sobretudo, dos fundamentalistas. Por um lado, esta lógica pendular leva pastores e atores religiosos a apoiarem determinados políticos em oposição a outro; em outros momentos, acreditam ser possível influenciar e mudar a sociedade pela ação política. Esta relação pendular nos ajuda a entender as estratégias e as formas de mobilizações religiosas como a Maioria Moral ou a Direita Cristã como atores políticos.

O avanço das redes de televisão cristãs foi certamente o primeiro recurso para que a direita religiosas conseguisse avançar na mobilização política. Jerry Falwell e seu *Old Time Gospel Hour*²¹⁴, e Pat Robertson e seu *700 Club*²¹⁵, eram os dois nomes de maior audiência e recursos no final dos anos setenta do século XX. Paralelamente ao crescimento da presença religiosa nas programações de televisão, grupos como o *Religious Roundtable*, fundado por Ed McAteer (1926 – 2004) em 1979 e o *National Christian Action Coalition*, fundada por Robert Billings em 1977, buscavam mobilizar eleitores religiosos em torno de temas que classificavam como de ordem moral – como o aborto, a pornografia e a manutenção da família tradicional, a

²¹² A rede Trinity Broadcasting Network (TBN) passou a abrigar o show Praise the Lord (PTL) de grande sucesso, no seu auge chegava a 10 milhões em audiência. No auge, o casal também abriu um empreendimento de diversão evangélica chamada *Heritage USA* na cidade de Charlotte, Carolina do Norte. Após uma série de escândalos, tanto financeiros, como sexuais, Jim Bakker foi condenado a 45 anos de prisão em 1989. Em 2002, contudo, Jim ganhou liberdade, sua esposa Tammy faleceu em 2007, em 2012 casou-se novamente e hoje novamente tem seu programa de TV, o *Jim Bakker Show*. Mais informações em: < <http://jimbakkershow.com/pt/> > Acessado em 01/08/2013.

²¹³ Em entrevista aos autores.

²¹⁴ Falwell começou seu programa em 1957 e o manteve até sua morte, em 2007. No auge, o programa chegou a audiência na casa de milhões de pessoas. Cf. Matthew Avery Sutton, *Jerry Falwell and the Rise of the Religious Right: A Brief History with Documents*. Ed. Bedford/St. Martin's, 2012.

²¹⁵ O 700 Club é o programa principal da The Christian Broadcasting Network's (CBN), o programa existe desde 1963 e teve um formato inovador para os programas evangélicos, incluindo jornalismo, entrevistas e a dramatização de histórias, muitas delas, enviadas por cartas pela audiência. A CBN, com sede em Virginia Beach, Virginia, foi a primeira rede de televisão a ter mais de 50% de sua programação dedicada a programação religiosa. Para uma discussão um pouco mais detalhada sobre a CBN Cf. nosso capítulo “A História da Direita Cristã” no Livro *Uma Nação com Alma de Igreja*, org. por Carlos Eduardo e Silva, ed. Paz e terra, São Paulo, 2012.

educação cristã, etc. A estratégia era informar e mobilizar o eleitorado distribuindo, por exemplo, guias de votação informando principalmente aos frequentadores das igrejas e locais religiosos como os congressistas e políticos locais se posicionavam e votavam.

A estratégia de mobilizar eleitores em torno de temas morais ganhou nova dimensão com a formação da Maioria Moral em 1979. Uma iniciativa que reunia Ed McAteer, Robert Billings, Jerry Falwell e ainda Richard Viguerie²¹⁶ que revolucionava o marketing político e as estratégias de arrecadação trabalhando com informações postais e redes de contato direto por telefone. A Maioria Moral buscava prioritariamente pressionar o partido Republicano e avançar na luta contra o que consideravam ameaças morais à tradicional família americana, destacando, principalmente, os temas do aborto e da pornografia. Para tanto, além de Jerry Falwell e de uma equipe com conhecimento em mobilização política e estratégia para arrecadação e financiamento de campanhas, a maioria moral rapidamente articulou uma rede nacional de pastores, reverendos e líderes religiosos em dimensão nacional²¹⁷.

A estratégia da Maioria Moral incluía uma Fundação, uma estratégia de *lobby* político, uma estratégia para arrecadar e financiar campanhas. Havia também uma publicação, a *Moral Majority Report*, cujo primeiro número foi distribuído para 77 mil pessoas em janeiro de 1980. Ao longo do ano de 1980 o movimento cresceu e conseguiu alguns êxitos como, por exemplo, certa unidade entre grupos carismáticos e batistas, vendo sua publicação chegar a quase meio milhão de cópias na edição de outubro de 1980. E o grande êxito apareceu com a eleição de Ronald Reagan em 1981. No pleito de novembro de 1980 votaram no candidato republicano muitos fundamentalistas que não estavam registrados para votar anteriormente. Segundo dados de Diamond (1995), em termos de mobilização política a Maioria Moral tem três grandes resultados a apresentar: 1) dobrou o número de eleitores fundamentalistas registrados para votar; 2) demonstrou êxito ao insistir numa estratégia de pressionar o Partido Republicano e não buscar um terceiro partido e, 3) com a vitória de Reagan, entenderam ser possível eleger um candidato conservador e engajado com a agenda da direita religiosa.

²¹⁶ Richard Viguerie foi um dos pioneiros no uso político do *Direct marketing* que, sem mediações, chegava há um público específico. Nos anos 1970 se utilizava principalmente os endereços postais e, em alguns casos, os números de telefone. Para mais informações cf. de Richard Viguerie *America's Right Turn: How Conservatives Used New and Alternative Media to Take Over America*, Ed. Taylor Trade Publishing, NYC. 2004.

²¹⁷ Entre as lideranças religiosas estavam Charles Stanley (1ª Igreja Batista de Atlanta), Greg Dixon (Igreja Batista de Indianápolis), Rev. Tim LaHaye, com trabalhos religiosos na Califórnia, autor de grande sucesso na linha fundamentalista. Pastor James Kennedy (Coral Ridge Presbyterian Church).

Tabela 3 Os temas centrais da Moral Majority

Aborto
Pornografia
Ameaças a Família Tradicional
A Emenda pelos Direitos Iguais (ERA na sigla em Inglês)
Educação sexual

Fonte: Diamond (1995) e MARTIN (2005)

O êxito de influência e de mobilização da Maioria Moral foi central para os planos de Marion Gordon, "Pat" Robertson – o fundador da CBN e, ao lado de Falwell, um dos televangelistas mais influentes e poderosos dos anos 1970 – de se lançar à sucessão de Reagan nas primárias de 1988. Já em 1985, comandando o 700 Club, Robertson aproveitava-se da influência de seu programa para se aproximar da agenda oficial da Casa Branca, conseguindo com exclusividade acompanhar, por exemplo, a viagem do vice-presidente George H.W. Bush ao Sudão em 1986, ou um ano antes, entrevistar Ronald Reagan com exclusividade. A proximidade com o governo Reagan já sinalizava a intenção de entrar na disputa. Ficou notório o discurso de 17/09/86 no qual, seguindo a fórmula exitosa na CBN e, especialmente em seu *700 Club*, pediu para que três milhões de pessoas doassem ao menos 100 US\$ para sua campanha e (mais do que isso), que estas pessoas entrassem na campanha por ele. Com isso, dentro de um ano Robertson estaria nas primárias para concorrer à presidência pelo Partido Republicano.

Para organizar sua campanha, Robertson transformou sua fundação, a *The Freedom Council*, em um comitê central o que, num primeiro momento, o ajudou a mobilizar toda a estrutura do seu canal de tevê em prol de sua campanha, mas isso trouxe-lhe problemas jurídicos, uma vez que, como fundação, não poderia receber doações da forma como estava acontecendo. Os problemas legais com sua campanha não o impediram de fato de entrar nas primárias e conquistar importantes aliados entre neopentecostais e carismáticos – não tanto entre fundamentalistas e católicos. E mesmo assim, em fevereiro de 1988, na primeira disputa das primárias republicanas em Iowa, Pat Robertson, que ficara em segundo lugar, consegue superar o candidato favorito George H.W. Bush, este em terceiro. Nas primárias seguintes, contudo, principalmente após a chamada *super Tuesday*, um dia que reuniu oito disputas em diferentes estados, Pat Robertson perdeu força, principalmente após ser derrotado em estados nos quais

apostava alto em sua vitória, principalmente nos do lado Sul e no seu estado de origem, a Virgínia onde, como nos mostra (Rozell e Wilcox, 2003), teve apenas 15% dos votos.

Ao final de sua campanha teriam sido gastos 26 milhões, ganhando em estados pouco significativos para a base conservadora (como Alasca, Washington e Hawaii) e sem o apoio de líderes importantes da direita cristã, como Jerry Falwell ou do conservadorismo americano, como Barry Goldwater e Reagan, todos estes apoiaram George H.W. Bush²¹⁸.

O fracasso eleitoral de Pat Robertson, contudo, não desmobilizou a direita cristã. De certa forma, a candidatura do líder da CBN não mobilizou a base religiosa do conservadorismo americano em todo seu potencial e assim, ajudou alguns estrategistas, como Richard Viguerie, a repensarem seus cálculos eleitorais. Neste contexto de transição surgem outros grupos como o *Christian Coalition*, *The American Family Association*, *The Traditional Values Coalition* e o *Concerned Women for America*. E outros grupos passaram a ter mais importância como *Focus on the Family* e o *Family Research Council*. Estas organizações trouxeram novas lideranças como Gary Bauer, Beverly LaHaye. O *Christian Coalition*, pode-se dizer, foi o herdeiro mais direto das mobilizações dos anos setenta e oitenta do século XX da direita cristã, uma tentativa de unir fundamentalistas, evangélicos e neopentecostais. O grupo conseguiu certa proeminência ao se organizar de forma mais descentralizada, inovação trazida pelo jovem militante Ralph Reed, embora ainda tivesse uma organização central e com forte influência do próprio Robertson. O *Texas Christian Coalition* foi o que mais se destacou, foi fundado em 1991 por Dick Weinhold, que trabalhou para a campanha de Robertson. No Texas, a *Christian Coalition* atingia milhares de eleitores por todo estado. O êxito do Texas fez com que a sede nacional saísse da Virgínia para ser em Bedford, Texas.

²¹⁸ Robertson na época se sentia perseguido pela mídia, ele achava que era tratado de forma preconceituosa e desrespeitosa. Na época, vários escândalos envolvendo pastores e lideranças evangélicas eclodiram (escândalos sexuais e financeiros) o que, segundo a campanha de Robertson, foi utilizado por parte da mídia contra sua campanha. Cf. Diamond (1989) e também o documentário produzido pela FRF, *With God on our Side*, que apresenta imagens de arquivo da campanha de Robertson.

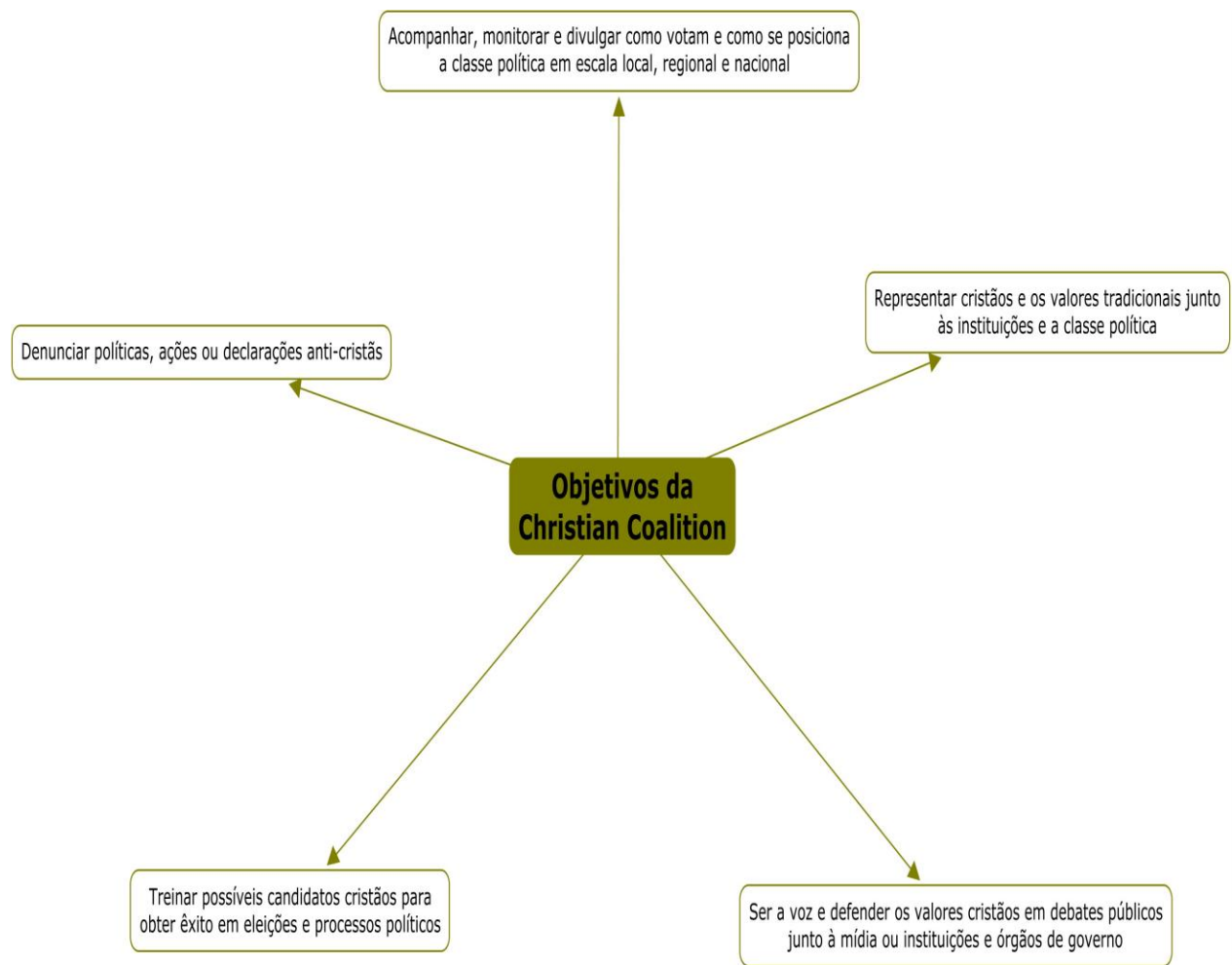


Figura 19 Objetivos da Christian Coalition

Fonte: Diamond (1995), pesquisa no acervo da Christian Coalition of America em Washington DC (2013)

Vejamos agora como outros temas que ganharam destaque na agenda da Direita Cristã suscitam outras estratégias de mobilização. Neste processo também conheceremos outros grupos e atores.

4.1.3 A consolidação da Direita Cristã: A mobilizações pelos jovens e a mobilização dos jovens

A trajetória de Billy Graham começou diretamente relacionada com a preocupação com o futuro dos jovens, entendido como também o futuro dos Estados Unidos, no contexto dos anos de 1930, ainda marcados pela depressão econômica e pelas grandes dificuldades encontradas pelos jovens para conseguir emprego, organizarem suas vidas e constituir suas próprias famílias. Nos termos de Graham (apud. MARTIN, 2005, p. 67) os jovens “estavam sem comida, com a Guerra em curso e sem Deus”.

Partindo deste diagnóstico, Billy Graham passou a frequentar e a incentivar encontros de sábado à noite²¹⁹ que pregavam patriotismo com entretenimento e um forte discurso religioso ao estilo evangélico revivalista²²⁰. Estes encontros eram promovidos pela *Youth for Christ* (YFC) que reunia ministros que, a sua maneira, imitavam a prática dos pastores e reverendos itinerantes, característicos do 3º despertar e muito comuns a partir do final dos anos 1930 e nos anos de 1940²²¹. Em 1944 os encontros promovidos pela YFC já estavam em mais de 200 cidades e as lideranças (que tinham Billy como um nome de destaque e no começo uma espécie de referência única) viram seus pastores se multiplicarem para 600 já em 1945.

O sucesso da YFC com os jovens mesclava um elemento tradicional e, até certo ponto, bem conservador, que era a mensagem religiosa entregue num formato novo e moderno, agradável e acolhedor aos jovens da época. Os jovens poderiam não gostar de frequentar igrejas, templos ou escolas religiosas, certamente não gostavam de acordar cedo num domingo para participar do culto dominical e tampouco tinham interesse ou paciência para atender códigos de vestimenta ou gostavam de prestar atenção no que diziam e como diziam os pastores tradicionais. Billy Graham, por sua vez, era extremamente carismático e com a YFC – pensada para levar a

²¹⁹ No original: “Saturday-night rallies”.

²²⁰ Ideia que se insere no contexto do terceiro despertar

²²¹ Talvez a grande inspiração tenha sido E. Howard Cadle (1884 – 1942), de Indianápolis, fundador da *Cadle Tabernacle*, pioneiro no uso do rádio para evangelização. Cadle, no auge de suas atividades como pastor, tinha seu próprio avião e costumava fazer viagens para atender encontros e pregar. Ele manteve esta prática até o final da vida.

evangelização aos jovens – souberam de forma pioneira resolver estes problemas. Eles iam onde os jovens estavam e os encontravam tal como eles estavam (sem preocupação com a roupa ou com horário). Como bem sintetiza Martin (2005), Graham²²² e a YFC tinham a estratégia mais ampla de serem modernos sem serem modernistas, entendendo que a ideia de modernidade era vista como uma força que afastaria os jovens de Deus, da Bíblia e do cristianismo.

Reforçando esta estratégia de aproximação com a cultura jovem dos anos 1940, propondo uma mensagem evangélica, a YFC e as cruzadas de Billy Graham – que passou a ganhar *status* mais independente na medida em que seu sucesso aumentava – buscava retratar seus pastores e lideranças com roupas modernas e carros esportivos, além de se aproximar de celebridades e pessoas socialmente reconhecidas (como heróis de guerra, empresários de sucesso, atletas populares, artistas, etc.) e incentivá-los a dar seus testemunhos e a participar ativamente dos encontros com os jovens.

A mensagem passada aos jovens tinha algumas grandes preocupações. Um foco patriótico, valorizando as forças armadas, os heróis de guerra, a supremacia militar dos EUA e um segundo foco diretamente relacionado ao teor patriótico, que era o discurso anticomunista. Graham e os pastores da YFC apresentam o comunismo como uma ideologia materialista que rejeitava e combatia toda e qualquer espiritualidade. O embate da Guerra Fria era apresentado em termos do cristianismo frente ao comunismo no qual a vitória do segundo representaria o fim da família a vitória do ateísmo. Em síntese, deste embate só poderia surgir um vitorioso, o derrotado estaria condenado à morte. A ideia de fim do *sonho americano* e do modo de vida naquele país reverberava com força e ganhava popularidade nos EUA do final dos anos 1940 e início dos anos 1950. Foi neste contexto que as cruzadas do senador de Wisconsin Joseph McCarthy cresceram e ganharam dimensão nacional.

Se Billy Graham alertava que da Guerra Fria só poderia surgir um vencedor e que o cristianismo estava sob risco e, portanto, era importante que os jovens apoiassem as forças americanas se engajando na luta contra o comunismo, McCarthy, que era católico, acreditava que era preciso uma guerra interna contra o comunismo infiltrado nos EUA e defendia que simpatizantes da ideologia deveriam ser coibidos. Para ele, a busca por inimigos não poderia ter

²²² Segundo Aikman (2007, p.67-68) Graham tinha uma maneira peculiar de pregar que se pautava na exaustiva preparação dos sermões, na repetição de citações e na utilização de temas do cotidianos nacionais e internacionais que eram inseridos na maneira energética de pregar. Em nossa leitura, essa maneira de pregar atingia diretamente os anseios dos jovens que recebiam a mensagem bíblica distante das pregações tradicionais.

fronteiras (isso quer dizer que o senador buscava “vermelhos” nos departamentos governamentais, na indústria cinematográfica, entre empresários e em todo e qualquer lugar). Billy Graham se referia a McCarthy como um cão de guarda que geralmente tem poucos amigos, mas que é fundamental para proporcionar um sono tranquilo. Tal afirmação procede na medida em que as cruzadas do senador de Wisconsin foram se isolando politicamente e se cercando de teorias conspiratórias chegando a comportamentos paranoicos, muito em decorrência do crescimento do grupo *John Birch Society* em 1958, que alimentava e propagava teorias conspiratórias em torno da infiltração ou cooperação secreta entre o governo dos EUA e os soviéticos²²³.

A partir dos anos sessenta do século XX, Billy Graham afastou-se tanto do discurso mais militante e agressivo anticomunista, como dos fundamentalistas. Em decorrência da fama já conquistada, tornou-se muito maior que a YFC. O líder religioso percebeu, neste momento, que seu discurso evangelizador, fortemente marcado por princípios morais e pela valorização da bíblia e da fé cristã, também reverberava no meio político: suas palavras e presença poderiam ter grande influência política. Por ter conseguido se estabelecer entre as décadas de 1940 e 1950 como líder inquestionável do movimento evangélico-cristão dos EUA, a partir de então dedicou a atenção da classe política. Neste processo Graham, expandiu seu foco de interesse para além dos jovens, separando-se, sobretudo, dos fundamentalistas²²⁴.

Em síntese, nos termos de Martin (2005), Billy Graham representava e propagava um novo evangelismo que se opunha às correntes fundamentalistas e que atingia diferentes denominações sem discriminar entre seitas protestantes tradicionais, pentecostais ou neopentecostais, ou mesmo renascidos cristãos que prosperaram nos anos de 1960. Pelas palavras

²²³ A influência anticomunista entre pentecostais, neopentecostais e evangélicos em geral seguiu por outros caminhos. O reverendo Billy James Hargis fundador da Church of the Christian Crusade seguiu por mais tempo o apoio às cruzadas de McCarthy, no auge as cruzadas de Hargis eram transmitidas por até 500 estações de rádio e 250 de televisão. Outro religioso muito importante quando discutimos o anticomunismo nos EUA é Carl McIntire (1906 – 2002), fundador da Presbyterian Church of America, uma ruptura/separatismo com a Igreja Presbiteriana no contexto da onda fundamentalista das primeiras décadas do século XX. McIntire também liderou o American Council of Christian Churches que se manteve fortemente embasado numa postura anticomunista. Para uma discussão mais ampla sobre este tema conf. *American Christianities: A History of Dominance and Diversity*. De Catherine A. Brekus e W. Clark Gilpin, ed. UNC Press, 2011.

²²⁴ Segundo Aikman (2007), a relação de Graham com os fundamentalistas vinha desde os tempos de sua formação universitária na Universidade (fundamentalista) Bob Jones, contudo, ao propor uma nova maneira de pregar e a aceitação de figuras liberais e de outras denominações no palco durante suas cruzadas, o pastor passou a sofrer ataques de Bob Jones e outros pastores ligados à instituição que defendiam o isolamento do movimento. Esse conflito em torno da melhor maneira de pregar fez com que Graham rompesse com o movimento fundamentalista em 1957, sendo visto por eles, até os dias atuais, como um papista e liberal.

de Martin (2005, p. 40): “para o novo evangelismo era mais importante proclamar, anunciar o evangelho do que defendê-lo²²⁵”. A luta de apelo político a partir de Billy Graham pode ser entendida como favorável a reformas sociais, o que produzia grande apelo entre liberais e progressistas, mas também investia na ideia de uma hegemonia cultural cristã e via a revitalização da fé de uma escala mais local até as dimensões mais globais. Neste ponto o apelo atingia muito mais republicanos conservadores do que democratas liberais.

Entre democratas e republicanos, Billy Graham de certa forma se sentia neutro²²⁶, o que facilitou a boa interlocução com candidatos e presidentes de ambos os lados²²⁷. Apesar do perfil pouco religioso, Dwight D. Eisenhower (presidente entre 1953 e 1961) foi o primeiro ocupante da Casa Branca e mostra-se próximo de um movimento com essa tendência. Foi também o primeiro a participar como presidente do *National Prayer Breakfast*²²⁸. E também segundo biógrafos de Billy Graham²²⁹, cartas e visitas trocadas entre ambos foram fundamentais na decisão de Eisenhower (então um general, herói de guerra) de entrar na política. Após Eisenhower, a relação de Billy Graham com um presidente ocupando a Casa Branca se manteve estável e constante com poucas oscilações até o governo de Bill Clinton (1993 - 2001)²³⁰. Durante o governo George W. Bush, Billy Graham, apesar de se manter próximo a família Bush²³¹, sua postura foi mais distante.

²²⁵ No original: To the new evangelicals, it was more important to proclaim the gospel than to defend it”

²²⁶ Essa neutralidade de Graham é, sem dúvida, o foco de maior contradição na vida de Graham, visto que, apesar de publicamente colocar-se como neutro, o pastor participou da mobilização para que evangélicos não votassem em Kennedy por ele ser católico, coletou informações sobre o Vietnã para Nixon, influenciou Ford para que Nixon recebesse um perdão público após sua renúncia devido ao escândalo *Watergate* e tentou influenciar nos bastidores os evangélicos para não votar em Carter.

²²⁷ Vale apontar que ele era um democrata registrado, mas que teve mais proximidade com os presidentes republicanos.

²²⁸ Iniciativa criada por Abraham Vereide (1889 – 1969), um empresário de Seattle, que em 1942 criou o *International Christian Leadership* que de Chicago organizava o *National Prayer Breakfast*, que eram encontros anuais em D.C, nos quais participavam não só lideranças religiosas e empresárias, mas, sobretudo, políticos.

²²⁹ Cf., por exemplo, *The Preacher and the Presidents: Billy Graham in the White House* de Nancy Gibbs e Michael Duffy (ed. Center Street, 2008).

²³⁰ Após isso, devido a sua idade e problemas de saúde Graham se isolou, contudo, ainda manteve contato com George W. Bush e mesmo com Barack Obama que visitou o pastor em sua residência.

²³¹ Em seu livro de memórias, George W. Bush (2010) conta sobre a proximidade de sua família com Billy Graham. Há particularmente uma passagem interessante no qual George W. Bush conta da presença de Billy Graham num jantar de família em 1985, nesta ocasião Bush conta do debate da família com o pastor em torno das premissas necessárias para a salvação divina. Em seu museu em Dallas dedicado a seu mandato, Bush apresenta várias fotos com Billy Graham.

Seguindo os passos de Billy Graham e buscando mobilizar os jovens, as trajetórias de Jerry Falwell (1933 - 2007) e Pat Robertson (1930 -) são marcadas por algumas semelhanças e por muitas diferenças. Como já vimos, ambos focaram-se no impacto dos sermões televisivos nos anos 1970 e também buscaram formar e mobilizar novos blocos de votos para a coalizão conservadora nos anos 1980. A partir dos anos 1990 os dois também passaram a investir em suas respectivas Universidades.

A *Liberty University*, iniciativa de Falwell, nasceu inicialmente como *Lynchburg Christian Academy* em 1967, se transformando em *Liberty University* em 1971. Vale destacar que esta universidade se define como Batista e que teve dois momentos críticos em sua trajetória até o presente: um primeiro, que ocorreu entre 1971 até 1989, quando a instituição esteve muito próxima de encerrar suas atividades devido às dívidas e um segundo, após a morte de Jerry Falwell em 2007.

Segundo Kepel (1991), também devemos nos ater a um segundo recorte temporal para compreendermos a trajetória da universidade, pois, ela seguiria um perfil entre 1971 e 1985 centrando-se na formação de pastores e na expansão nacional da TRBC; e outro (de 1985 até o presente) que, nos termos de Falwell, se concentraria na formação de “Campeões para Jesus”²³². Nesse contexto, ser um “Campeão para Jesus” significa ter passado por uma universidade que pode oferecer uma formação de excelência com especialização capaz de garantir ao formando uma empregabilidade num mundo secular, contudo, assegurando também valores morais e cristãos. Em outras palavras, a proposta da *Liberty* está em espalhar seus valores e sua visão de mundo inserindo seus alunos e formandos no campo de batalha, como entendem a sociedade liberal, secular dos EUA contemporâneo.

Outro ponto central do projeto desta universidade é formar famílias a partir dos valores defendidos pela instituição. Para isso, existem normas consideradas rígidas para os padrões culturais atuais, pelas quais, os alunos da *Liberty* são incentivados a canalizar toda sexualidade para a vida pós-casamento²³³. Em geral, eles moram no campus, em dormitórios que separam homens e mulheres e com horários definidos para entrada e saída, além de poderem ser

²³² No original “champions for Christ”.

²³³ Neste sentido, Kevin Roose (2008) – que escreveu um livro contando sua experiência como aluno da *Liberty* por um semestre ainda durante sua formação em Letras pela *Brown University*, uma instituição considerada totalmente Liberal – nos conta que em média 80% dos alunos da *Liberty* fizeram ou vivem com anéis de promessa que indicam o compromisso em se manterem “puros” até o casamento. Roose também descreve o clima da Universidade como fortemente marcado por encontros que tendem a ser os primeiros passos para um casamento.

surpreendidos por eventuais vistorias e monitoramentos de controle. A vida no campus, como descreve Roose (2008), é regida pelas normas chamadas de *liberty way*²³⁴ que não só estipula o que é proibido (como consumo de álcool, ter relações sexuais, assistir a filmes que não são considerados apropriados ou até mesmo xingar ou usar palavras baixas), como também, estipula punições que podem ser multas, pagamentos em orações, ou, até mesmo, a expulsão da universidade. Os alunos também devem atender aos serviços religiosos três vezes por semana e todos os ingressantes, independentemente da carreira a seguir, são obrigados a cursar algumas disciplinas que basicamente ensinam os valores da universidade e asseguram a base religiosa²³⁵.

A *Liberty*, como constatamos em visita guiada em abril de 2013, é uma universidade moderna que oferece muito conforto e bem-estar a seus alunos. Como Kepel (1991) também descreve em sua visita realizada há mais de vinte anos, “é forte a sensação de estarmos experimentando uma utopia cristã²³⁶”. Atualmente, são mais de doze mil alunos (sendo 52% compostos por mulheres e 48% por homens) numa área superior a 2600 hectares. Entre eles, 75% dos alunos moram no campus e 74% recebem algum tipo de auxílio ou bolsa para suas despesas²³⁷.

Como o ponto central da proposta da *Liberty University* é formar “Campeões para Cristo” que saibam pensar e responder a um mundo liberal e secular, além de, com sorte, serem inseridos em uma família formada a partir dos encontros²³⁸ (que começaram na *Liberty*) deem um sentido de

²³⁴ Uma cópia do texto comentada está disponível em <<http://www.dailykos.com/story/2012/05/11/1090946/-Liberty-University-s-The-Liberty-Way-exposed>> Acessado em 02/10/2012.

²³⁵ Segundo Roose (2008) o perfil destas disciplinas é a base da mensagem institucional que pode ser sintetizada em três pontos, negar a teoria da evolução e as consequências de uma ciência com base no evolucionismo, reforçar a necessidade de um discurso pró-vida que condena veementemente o aborto e, por fim, a necessidade de restaurar e afirmar a bíblia como detentora de verdades absolutas negando assim uma linha teológica liberal que fala em interpretações, relativismos e adaptações a cada momento histórico.

²³⁶ Neste ponto Kevin Roose (2008) também reforça esta ideia e descreve que o *Liberty Way* entre os alunos é entendido como *a way to liberty*, ou seja, uma vez dentro das normas e mantendo o código em vigor os alunos se sentem livres e felizes como *campeões para cristo* e vivendo intensamente suas experiências acadêmicas e religiosas. A ideia de utopia nasce da constatação de que a vida no campus da Liberty seria o melhor dos mundos para os cristãos. É totalmente seguro, a vida religiosa é intensa (com grupos de orações e de estudos bíblicos) líderes religiosos, pastores e conselheiros estão facilmente disponíveis para orientação e ajuda espiritual, há palestras e testemunhos de cunho religioso com frequência semanal além da proximidade com a TRBC e do fato de que se está cercado por pessoas que compartilham a fé cristã de forma viva e intensa e que buscam a salvação de si mesmo e dos outros.

²³⁷ Dados fornecidos pelo site <<http://colleges.findthebest.com/>> Acessado em 23/07/2013.

²³⁸ Nos EUA “os encontros” (dating) são parte decisiva da cultura jovem, tanto entre liberais, como evangélicos ou conservadores. No caso da Liberty, Roose (2008) descreve os encontros como alegres, com conversas sinceras e com fortes papéis de gênero. Ao homem cabe conduzir o encontro, desde buscar mulher e depois deixá-la na porta de seu dormitório até conduzir a conversa, conduzir a reza antes da refeição e cabe também ao homem arcar com todas as despesas do encontro. Em contrapartida, Roose descreve que é nítida a sensibilidade das mulheres buscando

constante de valorização da família em suas vidas. Como aponta Roose (2008), os alunos aprendem que homens e mulheres não são iguais, mas complementares e que o casamento e as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo são erradas justamente por não aceitarem a complementação criada por Deus entre homens e mulheres. Neste sentido, Roose (2008) nos mostra que a instituição oferece aconselhamento e sessões com um terapeuta evangélico para aqueles que, por algum motivo ou de alguma forma, sintam atração por pessoas do mesmo sexo ou que estejam tentados a pecar ou a romper seus votos de pureza.

Outro ponto importante para a universidade é a busca pela salvação, tanto pessoal, como de outras pessoas. Neste tema, Roose (2008) relata ser comum alunos rezarem e pedirem a Deus uns pelos outros e em grandes cerimônias que reúnem todos os alunos é também comum alguns confessarem seus pecados e buscarem a salvação em momentos de êxtase religioso. Estes alunos recebem atenção especial e ganham um momento de fama entre colegas após seu momento de salvação.

Em síntese, a mensagem da *Liberty University* revela muito da mensagem originalmente proposta e propagada por seu mentor e idealizador Jerry Falwell. A começar pela necessidade de integrar e valorizar a família nas discussões sobre sociedade civil e em torno dos rumos dos EUA como nação. Há também uma forte relação entre a mensagem conservadora (antievolucionismo, antigay, antiaborto) e a valorização de um modo de vida moralista (o *liberty way*) que se pautam nos cinco problemas que levaram Falwell a mobilizar e sustentar por quase uma década a *Moral Majority*: o aborto (que vinha em primeiro lugar), o movimento gay (e sua busca por direitos e ameaça à família), a pornografia, o humanismo e a destruição da família (tanto pelo avanço dos gays, como também pelo aumento no número de divórcios, fácil acesso à pornografia, etc.).

Junto a essa mensagem, notamos na *Liberty* uma forte influência das visões de Falwell que colocam a Bíblia como texto sagrado e infalível que pode e deve ser interpretado o mais literalmente possível. Historicamente, Jerry Falwell, cercado dessas certezas bíblicas pregou em diferentes momentos a desobediência civil contra leis que supostamente estariam contra as leis divinas. Neste sentido, a *Liberty University* tem como proposta combater a influência do secularismo na sociedade americana buscando em estratégia de longo prazo reevangelizar os

“possíveis candidatos a marido” e a frequência de encontros determinaria entre muitas mulheres do Campus a expectativa por possível casamento pós-graduação.

EUA (não de baixo para cima, como muitos pastores em *revivals* tentaram fazer, mas do alto para baixo), inserindo seus “Campeões para Cristo” nos mais variados postos sociais, fortalecendo e multiplicando os laços entre famílias evangélicas majoritariamente de classe média e, cada vez mais, residentes em grandes cidades ou em estados fora do sul²³⁹.

Diante da grandiosidade e das pretensões elevadas de Jerry Falwell para sua *Liberty University*, a relação entre Pat Robertson e sua *Regent University* são bem mais modestas e revelam uma tendência maior à acomodação do que à expansão de seus projetos e ideias.

Pat Robertson vem de uma família política tradicional da Virginia. Seu pai foi deputado federal e senador por mais de trinta anos em Washington D.C. Sua educação foi secular e elitista, em Yale. Religiosamente, Robertson destacou-se ao criar em 1961 a *Christian Broadcast Network* (CBN), em 1977, e uma universidade para formar quadros para CBN, que em 1978 virou a *Regent University*. Segundo nosso guia em visita à instituição (que fizemos em abril de 2013), o nome *Regent* remete à ideia de regência. Os estudantes e formandos dali fariam a regência até a volta de Jesus em um novo reinado sob a Terra. Apesar dessa forte conotação religiosa, que nos foi apresentada formalmente, a universidade não se afirma como pertencente a uma denominação²⁴⁰ (como a *Liberty* que se afirmar como batista).

O campus é menor. São pouco mais de 28 hectares com pouco mais de dois mil alunos, sendo 37% composto por homens e 62,5% por mulheres,²⁴¹. Deste universo de alunos, apenas 16% optam por viver no campus e, segundo nosso guia, a *Regent* também tem seu código de conduta (porém, notamos ser bem mais flexível sem, por exemplo, haver controle quanto a horário de entrada ou saída dos dormitórios). Outro ponto a destacar é que, por se tratar de um universo estudantil, são oferecidos para os matriculados alguns benefícios difíceis de ser encontrados em outras universidades, como seguro de saúde, patrulhamento policial permanente no campus e instalações luxuosas (como pudemos constatar em nossa visita ao teatro da universidade, uma réplica luxuosa do *Ford's Theatre*) além de terem à disposição uma central de

²³⁹ Região tradicionalmente mais religiosa e mais conservadora do país.

²⁴⁰ O que vem do fato do próprio Robertson ter dificuldade de se definir, sendo um pastor batista do sul ordenado, mas que durante sua vida fez pregações mais próximas a movimentos carismáticos e pentecostais, defendendo curas milagrosas e a habilidade de falar línguas.

²⁴¹ Dados fornecidos por < <http://colleges.findthebest.com/> > Acessado em 30/07/2013.

professores para auxílio acadêmico (revisão de textos, auxílio em pesquisa, etc.). 69% das aulas na *Regent* são com menos de 20 alunos²⁴².

Tal como acontece na *Liberty*, a *Regent* carrega temas que refletem as principais preocupações de seus respectivos mentores e – ao mesmo tempo – líderes espirituais. Robertson, ao contrário de Falwell, dialoga com um movimento evangélico que tende ao pentecostalismo e com forte milenarismo. Ele tinha referências moderadas ao milenarismo e vinha de uma forte tradição batista e fundamentalista.

Outra marca forte de Robertson é a herança e a importância da CBN, que se manifesta de duas formas na universidade: a primeira pela valorização dos cursos de Jornalismo e de comunicação em geral, mas, sobretudo, com a valorização do curso de Direito (uma vez que o fundador da *Regent University*, desde o final dos anos 1980, tem demonstrado grande preocupação com as discussões em torno dos direitos constitucionais, especialmente com foco na primeira emenda, que responde ao direito de expressão). Dono de inúmeras declarações polêmicas, várias delas consideradas ofensivas, Robertson, desde 1990 é o patrono do Escritório de Direito *American Center for Law & Justice*, cuja principal preocupação tem sido em torno de casos que envolvam a primeira emenda. Da mesma forma, o curso de Direito da *Regent* é apresentado entre os melhores do país. Segundo informações disponíveis do *site* da instituição, o curso de Direito conta com professores em tempo integral oriundos das melhores universidades e consegue mesclar profundidade na discussão jurídica sem perder de vista a comunidade e os interesses dos cristãos. Interessante notarmos que no *Values Voters Summit* de 2013, um espaço privilegiado para atingir um público conservador, tanto o *stand* da *Liberty*, como da *Regent* tinham no curso de Direito o foco da divulgação.

4.1.4 A luta no Campus: A ideia de um movimento *pró-vida*

Tanto o caso da *Liberty University*, como da *Regent* proporcionam experiências quase utópicas para os alunos e famílias que almejam uma experiência educacional e religiosa livre e distante do mundo liberal e secular das grandes universidades americanas. Neste sentido,

²⁴² Dados de <<http://colleges.findthebest.com/>>. Acessado em 30/07/2013.

embora os projetos universitários de Jerry Falwell e Pat Robertson sigam a trilha aberta por outros evangelistas como Bob Jones (1883 – 1968) fundador da *Bob Jones University* em 1927 – no contexto de ruptura com a teologia liberal e foco nas ideias fundamentalistas – e de Oral Roberts University, fundada pelo evangelista Oral Roberts (1918 - 2009) em 1963 no contexto do movimento neopentecostal – a experiência da Regent e da Liberty remete a uma experiência de mobilização que não pode ser separado do moderno movimento *pró-vida* nos EUA.

A passagem de uma mobilização contra o aborto para um movimento mais amplo *pró-vida* envolve uma mudança na estratégia de mobilização dos grupos e lideranças religiosas. A ideia de um movimento *pró-vida* envolve temas mais próximos da vida cotidiana (como valores, questões éticas e morais) do que uma causa política específica, como proibir o aborto, que envolve mudanças nas leis, contato com políticos, juízes, discussões e debates nacionais, etc. O movimento antiaborto mobilizou grupos religiosos como principalmente católicos e tendo como marco a decisão da suprema corte de 1973, conhecida como *Roe versus Wade*. Muitas vezes a luta contra o aborto ganhava *status* de “guerra cultural” através de estratégias que visam informar as pessoas sobre o significado e as consequências dos abortos, militando pelo cerceamento deste direito chegando a total proibição.

Já o movimento *pró-vida* cria uma agenda social mais ampla e envolve temas mais variados, como a valorização da família, patriotismo e orgulho pessoal. O tema do aborto segue como central, mas compartilhado com outros como a proteção do casamento tradicional e a atenção política visando combater e reverter políticas liberais. Neste sentido, há uma grande congruência entre as ideias de movimento *pró-vida* com a proposta da *Regent University*, mas, sobretudo, da *Liberty University*. A partir de nossas visitas a estas universidades e de conversas e entrevistas com seus alunos e funcionários, pareceu-nos evidente que os alunos saem destas instituições plenamente conscientes do mundo secular liberal que irão enfrentar fora do campus e também cheios de certezas quanto à necessidade de lutarem pela agenda *pró-vida* que muitas vezes se mescla com a agenda do conservadorismo social. Chelsea [...], estudante formada na *Liberty*, quando perguntada sobre sua percepção acerca do radicalismo do qual a universidade é muitas vezes acusada, ela nos respondeu:

Na Liberty somos acusados de radicalismo, mas isso é falso. Há cristãos e cristãos. Veja por exemplo o caso do *Westboro Baptist Church*²⁴³, eles são radicais. Outra percepção falsa que nos leva a sermos tachados de radicais é que questionamos a “nova normalidade”. As pessoas acham que tudo é relativo e que podem dizer e fazer o que quiserem. Quando nos falamos que há um “certo” e um “errado” as pessoas se defendem nos acusando de radicais²⁴⁴.

Em outro momento, quando questionamos sobre o envolvimento de cristãos na política estadunidense, nossa interlocutora respondeu: “Eu acho que temos o dever de nos envolvermos com a política. Devemos nos informar, saber como os políticos estão votando e se posicionando. Como cristã, vejo como um dever pensar e se envolver politicamente²⁴⁵”.

Esta relação entre temas políticos e a mobilização dos jovens é central para a estratégia contemporânea de mobilização contra o aborto por parte dos conservadores sociais e da direita cristã nos EUA. O grupo *Students for Life of America* (SLA) é talvez o melhor mobilizador e voltado para o engajamento de jovens na luta contra o aborto. O grupo começou na universidade de Georgetown em Washington D.C como *American Collegians for Life*, em 2006, mudou de nome, passando a ter uma estratégia descentralizada, estando presente em 2013 nos cinquenta estados, em 759 campi²⁴⁶.

A estratégia da SLA é justamente incentivar e preparar jovens estudantes universitários que sejam pró-vida e dispostos a se envolverem politicamente. O grupo oferece cursos, treinamentos e proporciona os encontros espalhados por diferentes campi. Entre 2012 e 2013 o grupo treinou 3600 estudantes e expandiu sua presença para mais cem novas universidades. A estes jovens a SLA oferece folhetos, cartões postais e outros materiais a serem distribuídos no campus. No treinamento eles aprendem a fazer vídeos, usar as redes sociais e a construir páginas na internet e a responder e enfrentar adversários em debates ou em

²⁴³ A *Westboro Baptist Church* é uma pequena igreja em Topeka, Kansas comandado por Fred Phelps. A igreja tem forte teor combativo pregando contra judeus, muçulmanos, mas, sobretudo, contra homossexuais.

²⁴⁴ No Original: At Liberty we are accused of radicalism, but this is false. There are Christians and Christians. See for example the case of the Westboro Baptist Church, they are radical. Another false perception that leads to being labeled as radicals is to question the "new normal." People think that everything is relative and can say and do whatever they want. When we spoke that there is a "right" and "wrong" people are accusing us of advocating radicalism. Entrevista aos autores realizada na Liberty University em março de 2013.

²⁴⁵ No original: "I think we have a duty to get involved in politics. We must get informed and know how politicians are voting and what they stand for. As a Christian, I see it as a duty to think and engage politically."

Entrevista aos autores realizada na Liberty University em março de 2013.

²⁴⁶ Dados oficiais disponível em panfleto do grupo e também no Annual Report 2012/2013. Mais informações em < <http://studentsforlife.org/> > Acessado em 14.11.2013.

manifestações. Observando principalmente os cartazes e cartões postais de campanha da SLA notamos um forte discurso pró-vida, o que está em congruência com a crescente tendência da opinião pública em ser mais pró-vida do que a favor do direito a escolha²⁴⁷ (de poder fazer um aborto). Esta estratégia é diferente, vale notarmos, de grupos pioneiros, mas ainda ativos da luta contra o aborto, como por exemplo, o *Catholics United for Life (CUL)* cujo material de campanha enfatiza imagens, muitas vezes mostrando supostos bebês mortos ou restos de fetos mortos em supostas clínicas de aborto. Em panfleto distribuído em frente à Casa Branca, quando estivemos em pesquisa de campo em março de 2013, encontramos termos como *Abortion Kills* e *The American Holocaust* em material distribuído pela CUL. A mesma diferença notamos comparando os *sites* dos grupos na internet²⁴⁸. Enquanto o *site* do CUL enfatiza cenas e mensagens católicas, o *site* da SLA prioriza imagens de jovens com a mensagem *geração pró-vida* e facilmente o visitante optem informação de como se engajar na luta contra o aborto, a favor da vida.

Com mesmo foco nos jovens, outros grupos conservadores buscam preparar e formar futuras lideranças e políticos conservadores. É o caso, por exemplo, do *Young Conservatives of Texas (YCT)*, que surgiu no contexto pós-Reagan buscando mobilizar e formar uma nova geração de futuros conservadores, tal como Ronald Reagan. O grupo tem duas frentes principais de atuação, uma com foco nos campi universitários e a outra voltada para o monitoramento da política texana em todas as suas esferas, das nomeações de secundo e terceiro escalão às posições dos políticos do estado na capital federal. O grupo monitora as votações e nomeações e periodicamente lança avisos anunciando quais nomes e qual posição apoiam, ou então denunciam políticas liberais ou nomeações que rejeitam e, assim buscando impactar política texana. Já a *Young Americans Foundation (YAF)* promove auxílio aos estudantes que “queiram derrotar a esquerda no campus”²⁴⁹ oferecendo seminários, cursos teóricos e auxílio para organizar palestras e conferências com nomes conservadores pelo campus universitários dos EUA. A estratégia de promover palestras com lideranças conservadoras também está presente, por exemplo, na *Liberty*

²⁴⁷ Segundo monitoramento da opinião pública feito pelo instituto Gallup, em 2013, 48% das pessoas seriam pró-vida e 45% pela escolha. Historicamente as duas tendências oscilam bastante, mas apenas do final de 08 que há uma inversão com pessoas se dizendo pró-vida em maior número que pró-escolha. Cf. pesquisa na íntegra em: < <http://www.gallup.com/poll/1576/abortion.aspx> > Acessado em 13.11.13.

²⁴⁸ Outros grupos pró-vida são: Ad Hoc Committee in Defense of Life; Alliance Defense Fund; American Center for Law and Justice; American Life League; American Portrait Films.

²⁴⁹ Cf. Site oficial em < <http://www.yaf.org/Students.aspx> > Acessado em 11.11.13.

University que, de forma institucional, oferece a todos seus alunos a oportunidade de assistir periodicamente palestras e conferências com celebridades ou lideranças do conservadorismo americano²⁵⁰.

Por fim, vale destacarmos o trabalho do *Leadership Institute*, fundada em 1979. Este grupo visa ser um instrumento para conservadores de todas as idades e até mesmo de outros países que queiram ter êxito eleitoral²⁵¹. O instituto com sede em Washington D.C. se propõe a ensinar todas as etapas necessárias para se ganhar uma eleição. Neste processo, há treinamentos específicos para as diferentes etapas de campanha eleitoral, como para marketing, comunicação, arrecadação de dinheiro e plano de governo. São mais de 40 tipos diferentes de treinamentos buscando, nos termos do grupo, “aumentar a efetividade dos ativistas e das lideranças conservadoras”. O instituto oferece estes cursos numa sede própria que conta inclusive com dormitório para até 46 pessoas. Em visita ao instituto nos chamou atenção, no andar destinado aos cursos e treinamentos, a decoração com fotos de ex-alunos e de políticos que fizeram alguma das atividades e que ganharam eleições, tornando-se deputados, senadores, prefeitos, etc²⁵². No catálogo de divulgação, o grupo também apresenta relatos de políticos conservadores em ascensão, como Jim DeMint e Ted Cruz, que contam ter em suas equipes – entre assessores e ativistas de campanha – muitos nomes que passaram pelo *Leadership Institute*²⁵³. Especificamente voltado para jovens universitários, o *Leadership Institute* oferece o *Campus Leadership Program*, um programa que existe desde 1997 e, segundo o catálogo, já chegou aos 50 estados do país. Em síntese, o instituto busca:

²⁵⁰ Segundo a programação oficial disponível no *site* da instituição somente em 2013 estiveram na Liberty para palestra ou conferência: Rand Paul (28/10); Bill Gaither – popular cantor de música gospel – (18/10), Pattie Mallette – a mãe de Justin Bieber , cantor popular – 30/09 ; Willie Robertson, estrela do popular reality show “Duck Dynasty” em 27.09. Conferir outros nomes em <<http://www.liberty.edu/news/index.cfm?PID=18494&CatID=6> > Acessado em 14.11.2013.

²⁵¹ No catálogo de apresentação, o Institute lança a pergunta: Por que aprender da forma mais difícil, cometendo os mesmos erros que outros já fizeram? E em tom de desafio “ Deixe o Leadership Institute te ensinar como vencer”. No original: Why learn the hard way by making the same mistakes others have made? Let the Leadership Institute teach you how to win. Fonte: Program Catalog 2012.

²⁵² O instituto apresenta dados que indicam que em 2011, por exemplo, foram oferecidos 309 treinamentos para 11.830 estudantes, sendo destes 8.685 dos EUA e 3145 de estrangeiros. Por coincidência, no dia de nossa visita, nós assistimos algumas palestras num grupo formado por estudantes da Mongólia.

²⁵³ Inclusive um dos principais apelos que pudemos notar do *Leadership Institute* durante o *Values Voter Summit* 2013, onde disputava espaço com outras dezenas de grupos foi auxiliar jovens na preparação e encaminhamento de currículos profissionais ou buscando estágio, no caso de estudantes de graduação.

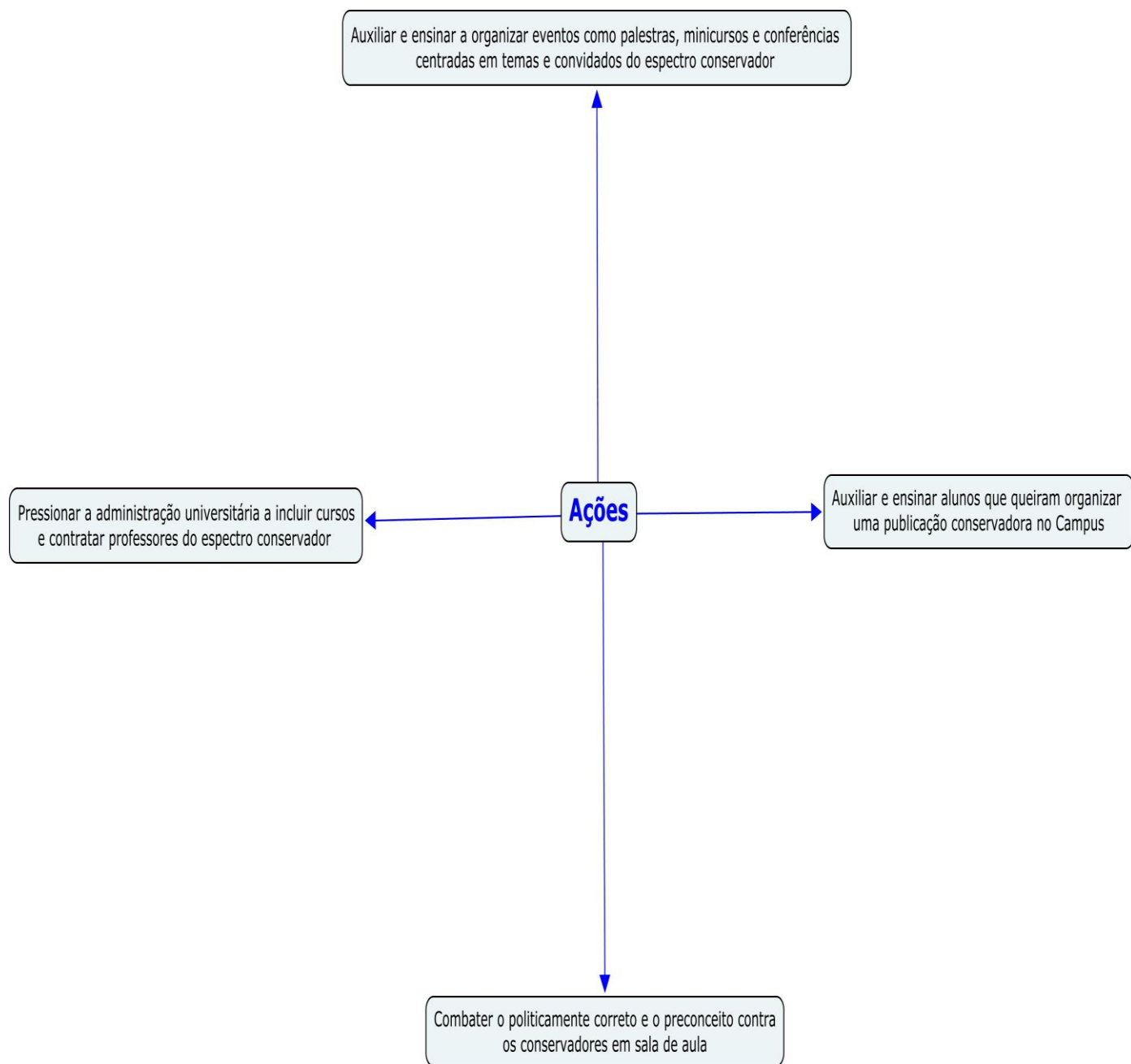


Figura 20 A Proposta de atuação do Leadership Institute

Fonte: catalogo anual do *Leadership Institute*, ano 2012.

4.2 As ideias, o movimento e a mobilização dos Libertários

“(libertarians)[...] they are nice people with a few weirdo ideas” Phyllis Schlafly²⁵⁴

Ao contrário de outros grupos e de outras matizes ideológicas do conservadorismo americano, os libertários sempre tiveram maior força entre os jovens. O termo suscita, por definição, muitas incertezas e desconfianças entre os conservadores. Principalmente por estar sempre, de alguma forma, próximo do anarquismo e distante de temas do conservadorismo social. De toda forma, pode-se argumentar que como movimento e mobilização política os libertários estiveram mais próximos da agenda dos liberais do que dos conservadores, principalmente a partir dos anos de 1960.

Mike Tanner, pesquisador sênior do *Cato Institute* – principal *think tank* libertário dos EUA – em entrevista ao autor, nos conta que justamente visando evitar mal entendidos, no início o grupo não se apresentava como libertário, mas como liberal clássico. Para ele, como era ainda mais difícil explicar o sentido de liberal clássico, o termo “libertário” prevaleceu. David Boaz (2006) também do *Cato Institute* argumenta que, por mais contraditório que pareça, analisando as posições e escolhas do eleitorado em pesquisas de boca de urna das últimas cinco eleições presidenciais, ele chegou à conclusão de que uma parcela considerável (entre 10% e 20%) do eleitorado seria libertária, embora não se afirme como tal.

²⁵⁴ Em entrevista ao autor por telefone (Cf. anexo).

Eixos históricos da mobilização dos Libertários

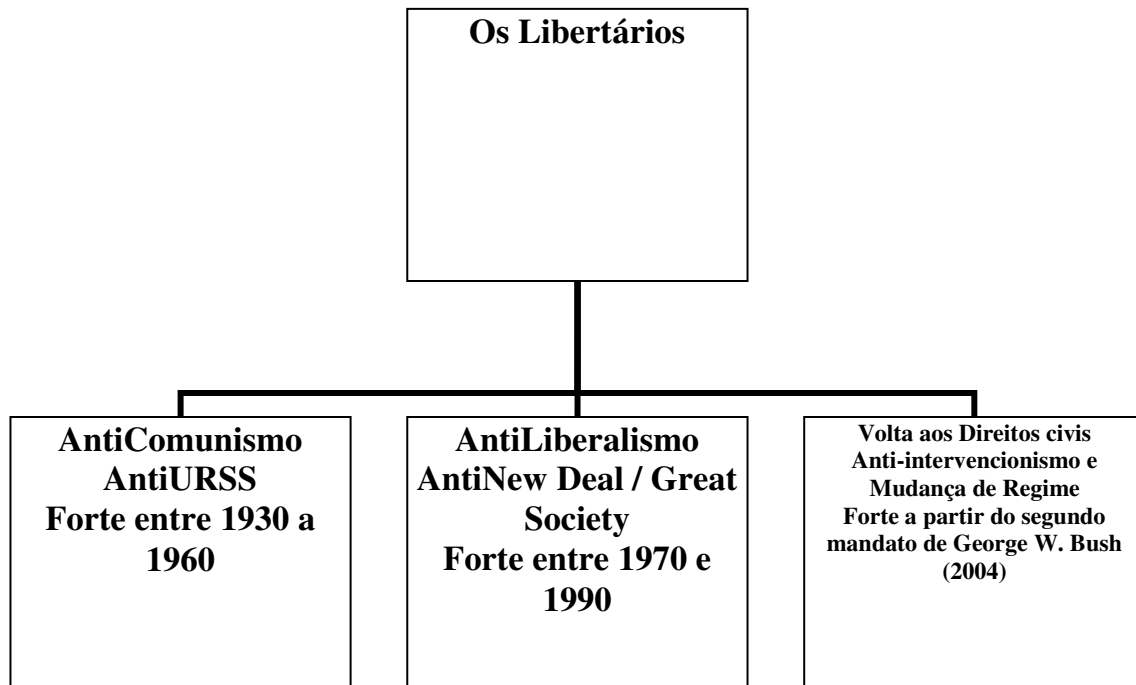


Figura 21 Eixos históricos da mobilização dos Libertários

Fonte: Pesquisa e sistematização do autor

4.2.1 Os Recursos de poder dos Libertários

Assim como outros atores do conservadorismo americano, os libertários apresentam uma boa estrutura de mobilização e divulgação de suas ideias. Há entidades muito bem financiadas, como *Cato Institute*, há revistas de opinião tradicionais e bem estabelecidas como *Reason*, há também (como já vimos) *talk shows* e programas populares de rádio com forte viés libertário. Por fim, vale destacarmos, que libertários com grande êxito estão presentes pelos campi dos EUA, tanto entre professores, mas, sobretudo, entre alunos.

O *Cato Institute*, por exemplo, passou a oferecer anualmente o programa *Cato University* reunindo libertários de várias áreas além da equipe de pesquisadores do próprio instituto para atrair jovens universitários para um curso intensivo em torno das ideias e das perspectivas libertárias. O mesmo o *Ludwig von Mises Institute* em Auburn, Alabama, já faz há mais tempo em torno das ideias dos economistas da Escola Austríaca. O *Ayn Rand Institute*, um *think tank* libertário, mas centrado nas ideias e na obra da escritora Ayn Rand, também oferece apoio e vários incentivos para que estudantes se esforcem para terem em seus campi grupos de estudos ou bibliotecas voltadas para o estudo das ideias e teses libertárias.

Brian Doherty, que trabalhou no *Cato Institute* e também em outros grupos e publicações de perfil libertário, traduz os libertários como *capitalistas radicais*²⁵⁵. Mas para entendermos como eles dialogam com o conservadorismo mais amplo, precisamos enfatizar outras duas características. A primeira é a reivindicação de que ser libertário seria a melhor definição do projeto político impulsionado pelos pais fundadores. Muitos libertários se definem como defensores das ideias de *liberdade* e de *direitos inalienáveis* tal como propagadas em muitos dos textos dos pais fundadores. Apresentando-se como defensores da Constituição e das ideais mais profundos da nação, o grupo encontra espaço para alianças e diálogos com outros atores conservadores, como a direita cristã, os neoconservadores ou os conservadores sociais.

Um segundo ponto de aproximação entre libertários e o conservadorismo mais amplo é quanto às críticas ao Estado de Bem-Estar Social e ao liberalismo americano. Segundo Doherty (2007), os principais momentos de influência dos libertários dentro do espectro conservador ocorrem ao apresentarem respostas para os pequenos problemas e para as grandes crises da história dos EUA. Por fim, os libertários, como **radicais pelo capitalismo**, seriam também entusiastas da **excepcionalidade americana** e estariam aptos a estabelecerem um campo de diálogo e compartilharem da agenda comum para uma política pautada pelas teses da excepcionalidade americana.

Para Boas (2006), a maioria dos trabalhos que estudam as ideologias e o comportamento político da sociedade estadunidense trabalha num *continuum* liberal-conservador, no qual a definição ortodoxa de liberal seria a de uma pessoa a favor de um Estado que intervém na economia mantendo liberdades civis não se imiscuindo nas escolhas e possibilidades da vida

²⁵⁵ Em inglês *Radicals for Capitalism*, é assim que Doherty titula seu livro que conta a história do movimento libertário contemporâneo nos EUA.

social mais ampla (garantindo, por exemplo, o direito ao aborto, às escolas seculares, à liberdade de expressão, etc.). Já a definição ortodoxa de conservador tem como esteio a defesa de um Estado que não intervém na economia, mas que defende e propõe uma agenda social conservadora (proibindo o aborto, defendendo a influência religiosa na sociedade e as tradições bem como a tradicional família heterossexual). Entre os dois blocos estão os libertários, que manifestam o ceticismo quanto ao papel do Estado dos conservadores e rejeição à agenda social conservadora dos liberais. Em tese, desagradariam a liberais e conservadores.

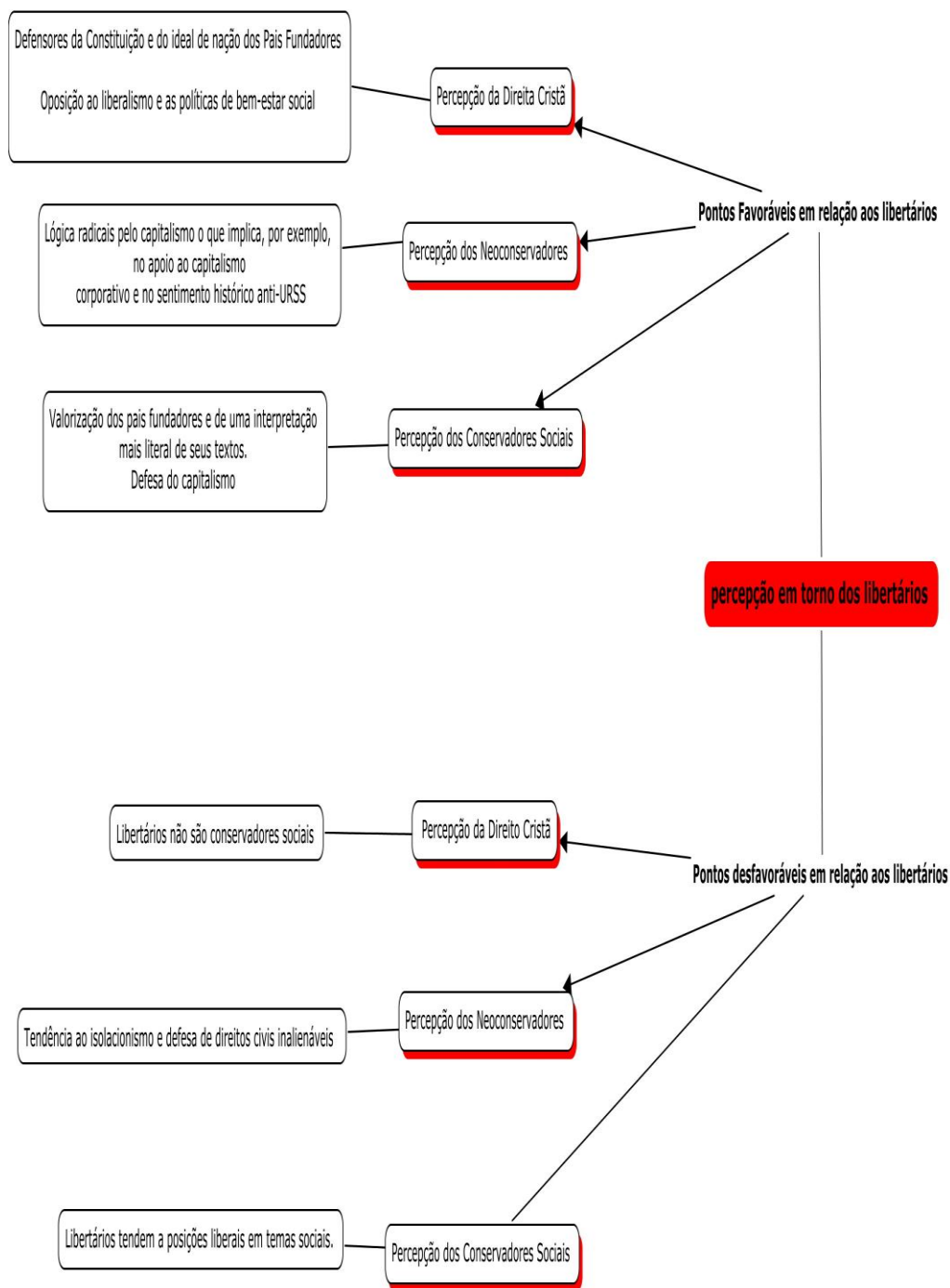


Figura 22 A percepção em torno dos libertários
Fonte: criação do autor

A percepção em torno dos libertários

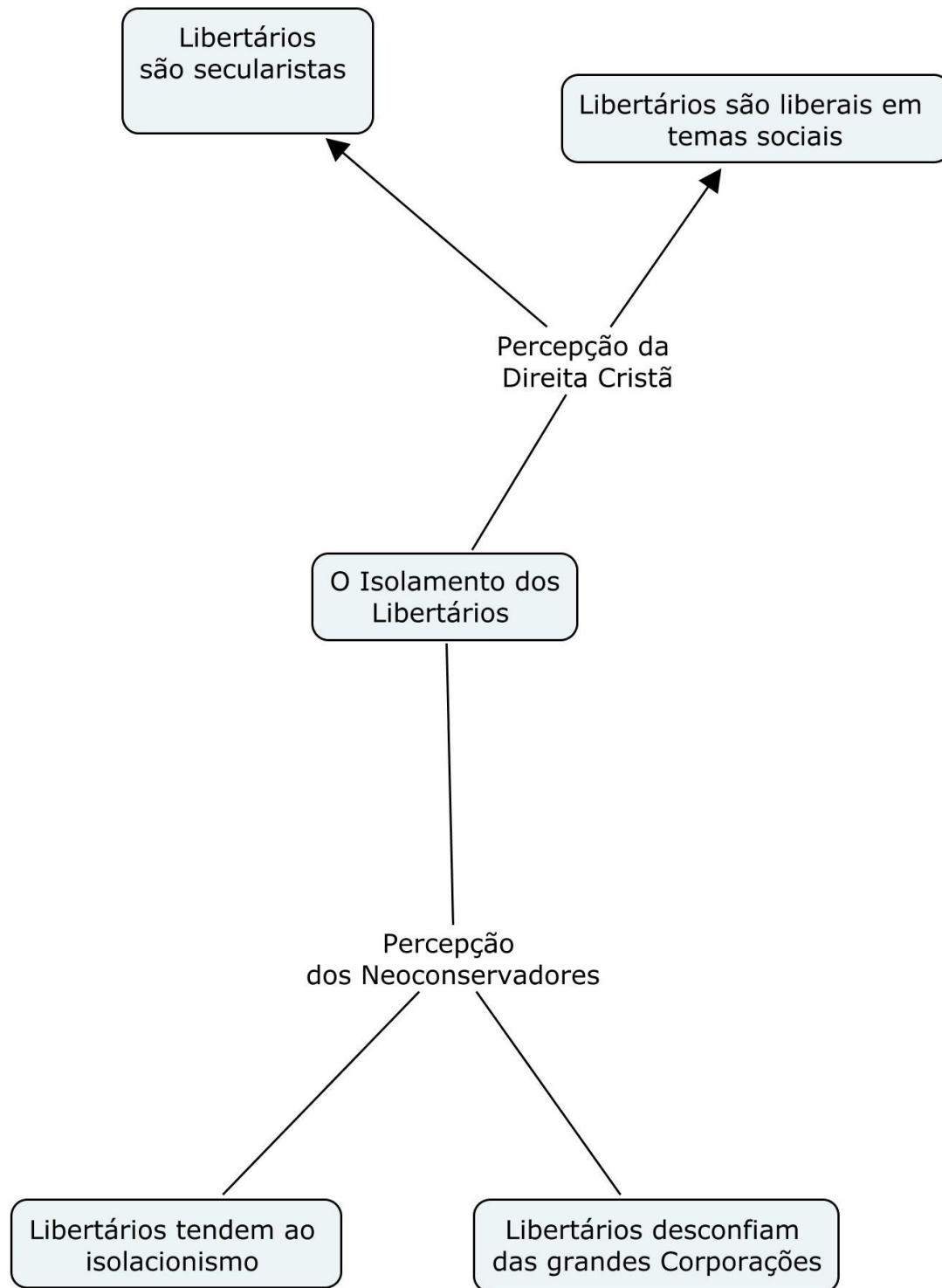


Figura 23 O Isolamento dos Libertários

Fonte: criação do autor

4.2.2 Libertários e Conservadores: as Congruências

If you analyze it I believe the very heart and soul of conservatism is libertarianism. I think conservatism is really a misnomer just as liberalism is a misnomer for the liberals—if we were back in the days of the Revolution, so-called conservatives today would be the Liberals and the liberals would be the Tories. The basis of conservatism is a desire for less government interference or less centralized authority or more individual freedom and this is a pretty general description also of what libertarianism is. Ronald Reagan²⁵⁶

Segundo Robert Nisbet (1986), um dos pioneiros no estudo do conservadorismo americano, a reflexão sobre um conservadorismo americano começa em 1953, um ano peculiar que contou com o lançamento de pelo menos três obras centrais para os entendermos o tema: *The Conservative Mind* de Russell Kirk, *God and Man at Yale* de William F. Buckley e *The New Science of Politics* de Eric Voegelin (e vale lembrarmos de que o próprio Nisbet neste mesmo ano também lançou *The Quest for Community*). Nisbet também não se encaixava na polarização conservadores/liberais, dizendo-se defensor da comunidade – que entendia estar sob ameaça tanto do crescente individualismo, como por parte do Estado. Contudo, enfatiza que antes da inflexão dos anos 1950 a principal referência aos críticos do New Deal e do período entre guerras, dos anos trinta e quarenta do século XX tinham uma forte referência ao que hoje chamaríamos de libertarianismo. Nisbet (1986) enfatiza a influência de Friedrich Von Hayek, que lançou, em 1944, *The Road to Serfdom*. A obra de Hayek despertou o interesse por autores da chamada “escola austríaca”,²⁵⁷ principalmente Ludwig Von Mises, professor de Hayek e exilado nos EUA desde 1940, onde também lecionou na *New York University* entre 1945 e 1969. Neste período,

²⁵⁶ Em entrevista para a revista Reason, julho de 1975. Cf. entrevista na íntegra em < <http://reason.com/archives/1975/07/01/inside-ronald-reagan> > acessado em 17.11.2013.

²⁵⁷ Dentre as escolas de economia, a chamada escola Austríaca é considerada heterodoxa, com grandes controvérsias e intenso debate. O foco está na relação entre os interesses individuais, motivações e consequências para a micro e macroeconomia. Para uma discussão crítica Cf. Paul Krugman < http://www.slate.com/articles/business/the_dismal_science/1998/12/the_hangover_theory.html > Para uma apresentação mais histórica e aprofundada Cf. <<https://mises.org/etexts/austrian.asp>> Ambas acessadas em 15.11.2013.

Hayek influenciou e foi decisivo na formação direta de outros libertários, como Ayn Rand e Murray Rothbard. Ao lado de Mises, Hayek articulou a *Mont Pelerin Society* que reunia, na Suíça, a partir de 1947, principalmente economistas buscando uma articulação entre estudiosos de perfil liberais clássico, como por exemplo, George Joseph Stigler, Milton Friedman, Stanley Dennison dentre outros²⁵⁸.

Hayek e von Mises foram muito lidos e despertaram grande interesse entre industriais e grandes empresários dos anos 1940 que passaram a financiar publicações e a estimular a proliferação de grupos de estudo como o *Foundation for Economic Education* (FEE), criado em 1946 com patrocínio, dentre outros, de William Volker, empresário de sucesso do Missouri na área de móveis domésticos, e Jasper Crane da Dupont, empresário do setor químico²⁵⁹. Dentre as publicações destacam-se a *Human Events*, fundada em 1944, e a FEE que publicava a *The Freeman*. Estas publicações, além de contribuírem para a divulgação das ideias libertárias, serviam, sobretudo, como espaço para que uma nova geração de autores estabelecesse nexos entre os ideais libertários com outros temas, dentre eles a ameaça soviética, o declínio moral dos EUA, os riscos de uma guerra nuclear, entre outros. Dentre estes jovens autores estavam Robert Taft, senador pelo estado de Ohio entre 1939 e 1953 (considerado por muitos como um dos pioneiros do conservadorismo moderno nos EUA); Albert Jay Nock, que se destacava com textos críticos à participação dos EUA na II Guerra numa forte retórica antiestado; Frank Chodorov, que foi um dos editores da *The Freeman* e responsável pela série *Essays in Liberty*, cujo primeiro número foi publicado em 1952, publicação que exerceu influência sobre outros autores conservadores, como William Buckley Jr, Russell Kirk e o Robert Nisbet e, por fim, é importante lembrarmos, H.L. Mencken – considerado por McClanahan e Wilson (2012) um dos nomes esquecidos do conservadorismo americano – que com críticas e ironias, foi um escritor de sucesso, popular nos anos 1930 e 1940.

A mobilização dos libertários a partir dos anos 1940, impulsionada principalmente pelo impacto intelectual de Hayek e Mises e das publicações *Human Events* e *The Freeman*, inspiram outros intelectuais a, através da opinião pública, buscarem influenciar no debate e, sobretudo, a serem ouvidos e respeitados pelos círculos mais poderosos. Foi, por exemplo, o caso

²⁵⁸ Cf. lista dos intelectuais fundadores do grupo no site oficial <<https://www.montpelerin.org/montpelerin/home.html>> Acessado em 15.11.2013.

²⁵⁹ Cf. outros empresários que auxiliaram na fundação do FEE em < <http://www.fee.org/>> . Acessado em 14.11.2013.

de Whittaker Chambers (1901-1961), Ayn Rand (1905-1982) e Frank Meyer (1909-1972). Todos se revelam desiludidos com a esquerda e passam a temer a influência da URSS. Whittaker Chambers lançou em 1952 o livro *Witness*, um marco para a onda antiURSS que cresce nos EUA. Na obra, Chambers discute o julgamento de Alger Hiss, então alto funcionário do Departamento de Estado dos EUA acusado de espionagem para os soviéticos. Ayn Rand fugiu da URSS chegando aos EUA em 1926 e em 1957 lançou sua obra de maior impacto, o romance *Atlas Shrugged*²⁶⁰, no qual faz uma defesa moral do capitalismo sem discutir economia e sem demonstrar simpatia pelas religiões. Rand propõe foco no indivíduo e na razão. Sua discussão fez grande sucesso, suas ideias inspiraram um movimento: o objetivismo²⁶¹, *think tanks* e Fundações²⁶². Já Frank Meyers se dizia um ex-socialista e em 1962 publicou o livro *In Defense of Freedom*, no qual faz uma crítica àquele modelo defendendo o nascente conservadorismo americano como o único capaz de sustentar e propagar a liberdade. Nesta transição entre abandonar as ideias socialistas e abraçar o conservadorismo americano, Meyers propõe um conservadorismo *fusion* que mescla a defesa da redução do Estado e a primazia da liberdade individual com os valores o moralismo dos conservadores sociais.

Tal como nos mostra Smith (2007) e também Diamond (1995), a ideia de *fusion* teve uma grande recepção nos círculos intelectuais e influenciou decididamente William F. Buckley que, em 1954, havia lançado a publicação *The National Review*. A proposta inicial da revista era ser um fórum para ideias conservadoras buscando discutir e encontrar soluções para problemas políticos e sociais dos EUA e do mundo. Na primeira década da edição, ou seja, durante os anos cinquenta do século XX, Buckley obrigatoriamente dialogava com um conservadorismo sulista e antilibertades civis, que eram os únicos blocos bem organizados, até então. O liberalismo era a

²⁶⁰ Até os dias de hoje, *Atlas Shrugged* é um best-seller, apesar de suas mais de mil páginas e de muitas críticas negativas, o livro segue também como os mais influentes do século XX. Cf., por exemplo, < <http://www.modernlibrary.com/top-100/100-best-novels/>> Acessado em 15.11.2013.

²⁶¹ De forma sintética, o objetivismo presuppõe a predominância do pensamento racional sobre outras formas de pensar e de sentir o mundo. Para Rand, somente de forma racional é possível conhecer o mundo. A razão é apresentada como mais importante que as emoções. Para uma discussão mais aprofundada Cf. de Leonard Peikoff, *Objectivism: The Philosophy of Ayn Rand*, ed. Meridian, NY. 1993. Alguns grupos que divulgam e discutem o objetivismo nos EUA são: Association of Objectivist Businessmen; Ayn Rand Institute; Institute of Objectivist Studies.

²⁶² Cf., por exemplo, Atlas Economic Research Foundation, fundada em 1980, Cf. <http://atlasnetwork.org/> Ayn Rand Institute Cf. <<http://www.aynrand.org/site/PageServer?pagename=index>> e o The Atlas Society <<http://www.atlassociety.org/>> Todos acessados em 13.11.2013.

corrente predominante, tanto entre democratas, como republicanos²⁶³. Notamos, então, que a proximidade de Meyers com Buckley e ideia *fusion* redireciona a *The National Review* a transformando-a em um dos principais veículos de debate e mobilização para a chamada Nova Direita²⁶⁴ que já erguia, bem antes dos anos setenta do século XX.

Esta tentativa de agrupar o argumento libertário com o conservadorismo social, ao mesmo tempo em que impulsionou a Nova Direita, trouxe grande descontentamento e desconfiança entre alguns libertários (que neste contexto ainda preferiam ser chamados de liberais clássicos), como Frederick Hayek ou como o objetivista Ayn Rand. Em texto de 1960²⁶⁵, Hayek argumenta não ser um conservador e reafirma diferenças e problemas com o conservadorismo. Uma diferença central para ele (1960, p. 10) entre os liberais clássicos e o conservadores é que, enquanto os primeiros aceitam melhor as mudanças, o conservador “se sente seguro e protegido somente se ele está certo de que alguma sabedoria superior está supervisionando a mudança, (eles) precisam estar seguros de que alguma autoridade está mantendo as mudanças ordenadas²⁶⁶”.

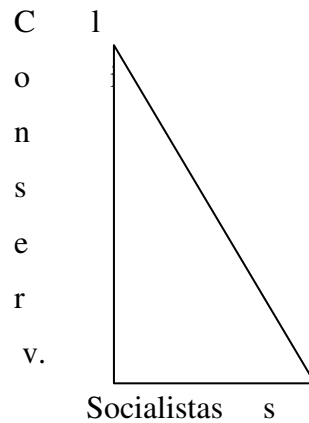
Em síntese, para Hayek os conservadores temiam as mudanças e usam o poder estatal para preveni-las. Eles valorizariam a autoridade e seriam moralistas, enquanto os liberais clássicos, como ele, aceitariam e trabalhariam bem com as mudanças, valorizam a liberdade e sua preservação, entendem e valorizam a autorregulação e se entendem como preparados para as mudanças – que devem ocorrer. Interessante notarmos que Hayek não corresponde diretamente à ideia de *fusion*, mas deixa claro que as ideias que defende não são um meio termo entre o que chama de ideias socialistas (esquerda) e ideias conservadores (direita). Hayek propõe uma espécie de triângulo retângulo, no qual há três vertentes, mostrando que conservadores e socialistas estariam mais próximos uns dos outros do que em relação aos liberais clássicos:

²⁶³ Como nos mostra Smith (2007) nos anos 1950 as principais lideranças do partido republicana eram liberais como Nelson Rockefeller, Earl Warren, Robert La Follette e William Scranton.

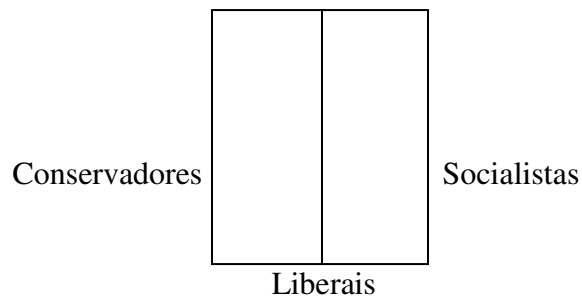
²⁶⁴ Além de Meyers outros nomes importantes da nascente nova direita passaram a contribuir para a *National Review* como por exemplo Russell Kirk, L. Brent Bozell, Harry V. Jaffa e Whittaker Chambers

²⁶⁵ Cf. Deste autor: *The Constitution of Liberty* (Chicago: The University of Chicago Press, 1960)

²⁶⁶ No original: The conservative feels safe and content only if he is assured that some higher wisdom watches and supervises change, only if he knows that some authority is charged with keeping the change "orderly."



Visão que Hayek considera errônea:



Fonte: construção do autor com base na reflexão de Hayek (1960)

Portanto, enquanto o conservadorismo, a sua maneira, buscava incorporar e dialogar com ideias e autores libertários, alguns descontentes e críticos deste processo seguiram outros caminhos e buscaram outros interlocutores para as ideias libertárias. Com a influência principalmente pela experiência da contracultura e das transformações sociais e culturais dos anos de 1960, surgiu um pensamento libertário em diálogo com a Nova Esquerda americana. Temas como o pacifismo, o direito de objeção de consciência, emancipação das mulheres, a luta

por direitos pelo movimento LGBTTT²⁶⁷, a mobilização dos imigrantes, principalmente latinos, e a própria ideia de uma revolução cultural eram bem vistas e muitos libertários simpatizavam com estas causas. Ayn Rand, por exemplo, não pregava o sexo livre, mas muitas feministas a admiravam, assim como outras mulheres libertárias claramente a tiveram como inspiração, como por exemplo, Isabel Paterson, autora do best-seller *The God of the Machine*, uma obra originalmente lançada em 1943 que ganhou novo fôlego nos anos sessenta do século XX. Milton Friedman, geralmente hostilizado pelos estudantes, sempre defendeu o direito à objeção de consciência e sempre se manifestou contra o recrutamento compulsório pelas forças armadas²⁶⁸, temas e posturas populares entre os jovens.

Murray Rothbard (1926 – 1995), uma referência central do pensamento libertário – que teve contato com von Mises como aluno em Nova Iorque e passou a ser um de seus principais divulgadores – também teve uma trajetória crítica frente à ideia de *fusion* e propunha um **anarquismo capitalista** que indiretamente também influenciou os jovens dos anos sessenta e setenta do século XX. Para Rothbard era preciso ir além da tese do Estado mínimo e discutir de fato um anarquismo libertário ou o anarquismo capitalista, a ideia de um capitalismo totalmente sem regulação ou controle pautado apenas pelo princípio radical da liberdade. Rothbard entendia o pensamento libertário como uma experiência única dos EUA, nem de direita, nem de esquerda. Para ele, as ideologias de direita eram todas pró-estado, enquanto as de esquerda eram muitas vezes contra a propriedade privada e sempre contra o livre-mercado.

As ideias de Rothbard resoaram na Nova Esquerda como crítica ao *status quo*, ao patriotismo e ao militarismo. Como nos mostra Diamond (1995), apesar de minoritárias, havia correntes libertárias dentro do *Young Americans for Freedom* (YAF), que eram majoritariamente conservadoras e mais próximas das ideias de William F. Buckley, este (vale lembrarmos), influenciado pelas ideias de *fusion*.

Fruto de uma das correntes, David Nolan funda em 1972 o *Libertarian Party* que, desde o início se esforça para firmar-se como uma terceira opção entre liberais do Partido Democrata e conservadores do Partido Republicano. Desde 1996, o Partido Libertário consegue

²⁶⁷ Sigla para lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

²⁶⁸ Cf. entrevista de Friedman a Peter Robinson do Hoover Institution em <<http://youtu.be/JSumJxQ5oy4>> Acessado em 17.11.2013.

participar nas eleições nos 50 estados, um feito difícil de ser atingido por um terceiro partido²⁶⁹ tendo atingido na eleição de 2012, pela primeira, a marca de um milhão de votos recebidos, ou 0,99% dos votos populares²⁷⁰.

Por fim, é importante lembrarmos também de Milton Friedman (1912 – 2006), que se afirmava, ao menos no final de sua vida, como um libertário consequencialista e o libertário mais respeitável em seu tempo. Friedman entendia o libertarianismo como uma teoria que, diante da luta entre o poder e a liberdade, defendia radicalmente a supremacia da segunda em relação à primeira. Para Friedman, os libertários não eram conservadores e não existiria apenas um tipo de libertarianismo. Para o autor de *Free to Choose*, há teóricos libertários na economia, na moral e na política. Friedman não abraçava as ideias e a plataforma dos conservadores ou do *fusion*, mas mesmo assim foi uma das influências mais decisivas do governo Reagan nos EUA e de Margaret Thatcher no Reino Unido, ambos nos anos de 1980.

4.2.3 Os Libertários e Conservadorismo americano: possíveis temas de interseção

“We sometimes forget just how libertarian the American political culture is.” (Boas, p. 07, 2006).

Conversando com Tim Carney, jornalista da *Washington Examiner*, sobre a ideia de *fusion* no contexto contemporâneo, obtivemos a seguinte análise:

(a ideia de *fusion*) começa com Frank Meyer que dizia existir uma aliança política natural entre libertários e conservadores sociais. Eu vejo uma aliança intelectual por que o argumento do livre mercado se sustenta da mesma forma que o argumento do conservadorismo social. Colocando de outra forma, é a ideia de que se pode ser contra o crescimento do governo mas não por que eu não quero ajudar as pessoas mas por que eu acho que não funciona. Eu como católico entendo as pessoas como “seres caídos”, imperfeitos, pecadores. Nosso caráter limitado, imperfeito nos leva a ser críticos de um governo centralizador, em expansão e a defender o livre mercado o governo descentralizado e local; Em síntese, em termos filosóficos, libertários e conservadores sociais caminham juntos. Mas politicamente muitos conservadores sociais acabam

²⁶⁹ Para uma discussão mais detalhada sobre terceiros partidos nos EUA e sobre a história do Partido libertário, Cf. de Darcy Richardson *Others: Third-Party Politics*, ed. iUniverse, Inc. 2007.

²⁷⁰ Segundo estudo de Boaz e Kirby (2005), o eleitorado libertário tem potencial de chegar a casa de 30 milhões de eleitores, embora estejam dispersos entre eleitores do partido democrata, republicano e terceiros partidos.

apoando políticas que significam a expansão do governo e muitos libertários se voltam contra a religião. Porém um ponto interessante é notarmos na política quem são os mais pró-vida. Os congressistas mais conservadores que temos hoje (governo Obama) são os mais árdios defensores da vida e são eles o que temos como mais próximos de libertários também.²⁷¹

Assim como notamos na articulação da Direita Cristã com o conservadorismo mais amplo pelo conceito de movimento pró-vida, Carvey enfatiza que na agenda pró-vida que encontramos a melhor articulação entre libertários e conservadores sociais. Mas na perceptiva libertária há dois temas que são centrais e que dificultam esta aliança nos temas sociais: a questão da autoridade e da coerção. Como aponta Daniel McCarthy (2005), editor da *Conservative Magazine*: (na lógica libertária) quando mais a autoridade estiver na sociedade civil e não no Estado, melhor²⁷². Da mesma forma argumenta Brian Doherty (2008): (na lógica libertária) o Governo, se tiver algum propósito, deve ser restrito à proteção de seus cidadãos, pessoas e suas respectivas propriedades contra a violência direita e os roubos²⁷³. Portanto, é interessante notarmos que o sentimento antiautoridade, quando se manifesta no conservadorismo mais amplo, não é nos temas do conservadorismo social, como seria caso o foco da discussão estivesse no papel e a importância da religião, na ideia de herança judaico-cristã ou nos temas de mobilização como a proibição do aborto, defesa do casamento tradicional, etc. – temas estes que, por sua vez, moldam o movimento pró-vida.

A retórica antiautoridade aparece entre os chamados conservadores fiscais, que defendem um orçamento equilibrado, cortes de impostos e em programas do governo (da defesa a previdência dos programas sociais a burocracia) e aceitam uma sociedade na qual certa desigualdade seja de riqueza, de recursos ou de bem-estar é inevitável. Se imaginarmos que são

²⁷¹ No original: Fusionism is an old term from Frank Myer, , but some people rejected to it, but basically is the idea that there is an natural alliance, at least an political alliance between cultural conservatism with libertarianism. I think there is a natural alliance intellectually, because the argument for the free market is based in the same source of intellectual ability, has a lot of arguments for cultural conservatism, in others words, it is the idea of ... I don't like the big government and the central planning, not because I don't want help the poor people, It means I don't think that's an good idea, that will not in fact help anything. Those big ideas like central planning are a huge failure because human beings are fallen creatures [...]. So this fallen nature in a not biblical use of the terminology, means the imperfection, basically we can't predict the consequences of our actions. Those prescribe against the central planning, big government and prescribe towards free market or a local government [...] this is something interesting to look at, if you look at all the most the most economic conservative of the congress they will be pro life and is the closest thing we have of libertarian. Conferir a entrevista na íntegra no original no apêndice deste trabalho.

²⁷² No original: "the more authority receding on civil society rather than the state, the better"

²⁷³ No original: "Government, if it has any purpose at all, should be restricted to the protection of its citizens persons and property against direct violence and theft"

estes conservadores fiscais os que mais se aproximam de um tipo ideal libertário, então as possibilidades de articulação com o conservadorismo mais amplo aumentam. Neste caso teríamos as seguintes possibilidades:

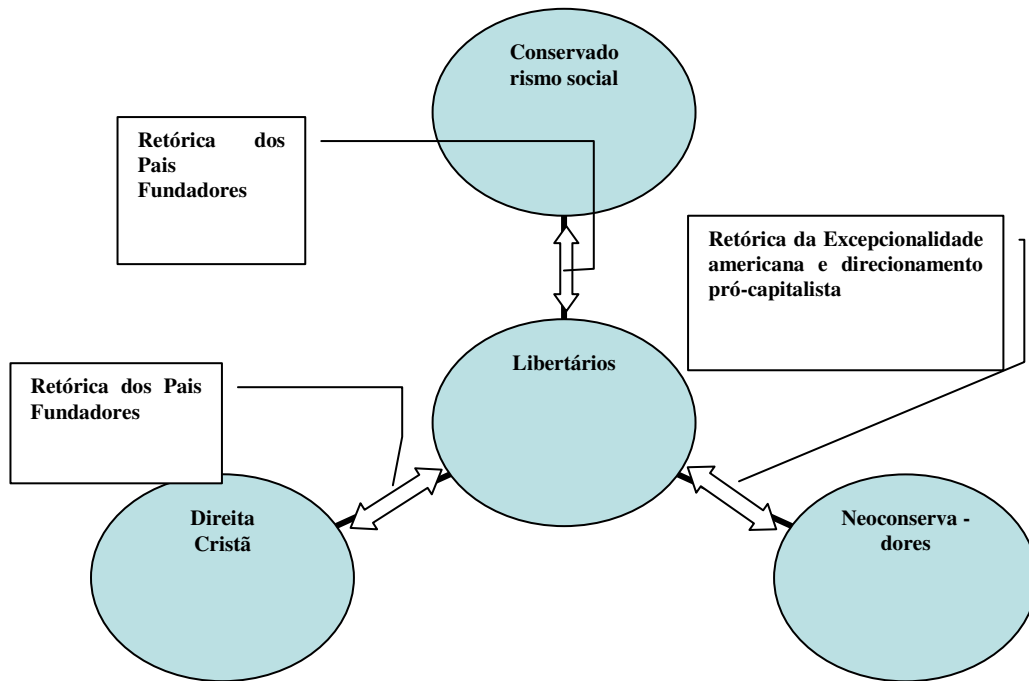


Figura 24 Libertários no Centro da Nova Direita

Fonte: pesquisa do autor.

Quando conservadores fiscais falam dos pais fundadores, encontramos a mesma ideia presente em Hayek e von Mises, o que eles classificam a experiência americana como liberal. E este argumento e visão de mundo de um liberalismo clássico estariam presentes ao longo da história americana, como na Guerra de Independência ou no movimento abolicionista.

Peter Berkowitz (2013), pesquisador do *Hoover Institution*, argumenta, por exemplo, que a Constituição Americana é uma experiência de consenso, o ponto de consenso caberia ao governo assegurar, defender o indivíduo, em suas liberdades inalienáveis e compartilhadas por

todos. Portanto, quando diferentes matizes do conservadorismo americano falam em resgatar ou defender a constituição, é possível incluir libertários nesta articulação e defesa. Para Berkowitz (2013) há um recorte claro entre progressistas e conservadores em se tratando da visão de cada grupo em relação à constituição. Os progressistas, em suas palavras (2013, p. 10): “tendem a culpar a constituição em todo seu aparato de leis que acaba bloqueando o que consideram projetos urgentes de transformação social e política”. Já os conservadores (2013, p. 10): “se esforçam para recuperar e renovar a constituição”²⁷⁴.

A ideia de unidade conservadora a partir da defesa da constituição e a recuperação de uma história *liberal clássica* possibilitam, não só o diálogo entre libertários e a direita cristã, libertários e conservadores sociais, como também expande o conservadorismo para outras áreas como o chamado conservadorismo constitucional, que sustenta teorias muitas discutidas em cursos de direito nos EUA, como originalismo. Os conservadores constitucionais buscam o espírito da constituição, estudam os Federalistas, mas também os antifederalistas e rejeitam, sobretudo, a ideia progressista de constituição viva, conceito que esteve muito presente, por exemplo, nas discussões jurídicas em torno dos avanços das liberdades civis nos anos de 1960 e 1970.

A principal manifestação e aplicação do conservadorismo constitucional ocorre através da perspectiva originalista defendida por muitos juízes e teóricos dos direitos nos EUA, chegando inclusive aos debates da Suprema Corte. Jack N. Rakove (1997), professor de história americana em Stanford exemplifica o significado do originalismo como (1997, p. 14) a ideia de que, por exemplo: O significado da Constituição foi fixado no momento da sua aprovação e que a tarefa de interpretação está de acordo com certos sentidos e significados aplicáveis ao contexto original.²⁷⁵

Os defensores do originalismo pregam a possibilidade de legislarem e interpretarem as leis com base em jurisprudência de intenção original, buscando o que está por trás do texto e o que há de mais original e literal nos textos e nas leis. Para isso, segundo Rakove (1997), se busca

²⁷⁴ No original “[...] the constitution cumbersome lawmaking apparatus for blocking what they regard as urgent projects of social and political transformation” E o segundo trecho: “(...) conservatives characteristically strive to recover and renew it”.

²⁷⁵ No original: The meaning of the Constitution was fixed at the moment of its adoption and that the task of interpretation is according to ascertain that meaning and apply it to the issue at hand.

o *sentido* original do texto, sua *intenção* original e por fim seu *entendimento* original. Em síntese, a ideia de buscar o sentido original das leis e dos textos para interpretá-los.

A tese do originalismo aparece na argumentação de diferentes grupos conservadores como no *Hoover Institution*²⁷⁶, no *Heritage Foundation*²⁷⁷, no *the Federalist Society*²⁷⁸ até em grupos ligados ao *Tea Party*²⁷⁹. Phyllis Schlafly, pioneira do conservadorismo social, por exemplo, em sua obra *The Supremacists* (2006), discute os impactos negativos da era de maioria liberal na suprema corte dos EUA (de 1953 a 1969) e culpa os juízes liberais por uma suposta distorção na interpretação da 1ª emenda, permitindo que filmes e livros tidos pelos conservadores como obscenos fossem aceitos e protegidos pela liberdade de expressão. Segundo Schlafly, entre 1966 e 1970, em 34 decisões a corte tornou inviável qualquer proteção contra obras consideradas obscenas. Portanto, os diferentes grupos e tipos do conservadorismo nos EUA, obrigatoriamente, se veem obrigados a se mobilizarem também pela nomeação de juízes, se não conservadores, que sejam mais originalistas.

A preocupação sobre como os juízes da Suprema Corte interpretam a Constituição passou a ser um tema central para o conservadorismo americano, a ponto de a escolha dos magistrados tornar-se um tema de grade mobilização e de reação, principalmente a partir do governo Reagan. Reagan suscitou grande decepção entre sua base conservadora ao nomear, por exemplo, Sandra Day O'Connor, que se tornou mais liberal do que a base conservadora gostaria. Na sequência, em meio a grande mobilização, Reagan escolheu Antonin Scalia e Anthony Kennedy, estes mais sólidos conservadores. George H.W. Bush também fez uma escolha com atenção da base conservadora. Foi o caso de Clarence Thomas. E George W. Bush também escolheu dois nomes próximos ao originalismo, John Roberts e Samuel Alito.

Teoricamente, estes seis juízes dariam maioria conservadora à Corte composta por nove magistrados; Poucos temas conseguem ainda mobilizar tanto diferentes tipos de conservadores e progressistas como a nomeação de um juiz para a Suprema Corte, ambos os lados sonham com os juízes implementando de cima para baixo suas respectivas agendas. Os conservadores, por exemplo, não se cansam de sonhar em reverter *Roe versus Wade* ou com a

²⁷⁶ Cf. discussão de Peter Berkowitz em < <http://www.hoover.org/publications/policy-review/article/5580>> Acessado em 16.11.2013.

²⁷⁷ Cf. discussão sobre originalismo em < <http://www.heritage.org/research/reports/2009/09/the-originalist-perspective>> Acessado em 15.11.2013.

²⁷⁸ Cf. site oficial em < <http://www.fed-soc.org/>> Acessado em 15.11.2013;

²⁷⁹ Cf. discussão de Theda Skocpol e Vanessa Williamson (2013).

volta da permissão de rezar nas escolas. Paralelamente a velhos temas, há também os novos temas como a tese de proibir o casamento gay ou de definir os EUA como uma nação cristã. Por estes motivos o perfil e a escolha da Suprema Corte de justiça são centrais nas discussões e mobilizações dos atores do espectro conservador em particular.

Outro ponto que devemos chamar a atenção na a relação entre libertarianismo e os conservadores é a forte retórica pró-capitalista dos libertários, que muitas vezes, como já vimos, aparece também na retórica de outros tipos do conservadorismo. É praticamente um ponto comum para a crítica conservadora em relação às políticas progressistas a partir da defesa do capitalismo como um regime que, apesar de certas turbulências e momentos de insegurança, é o melhor caminho para uma vida com liberdade, prosperidade e outros benefícios. Nos termos de Muller (2013, p. 98), “o capitalismo proporciona mais controle e mais liberdade ao indivíduo.” E este processo libertador, com novas possibilidades e dinamismo entre novos conhecimentos, produtos, modelos de produções e modos de distribuição traz também novas inseguranças”.

Diante destas crescentes inseguranças e muitas crises financeiras, sociais e morais, libertários como Milton Friedman (1912 – 2006), com grande credibilidade e espaço na opinião pública²⁸⁰, argumentavam pela crença na autonomia do indivíduo como sendo a melhor aposta. Nos termos de Dorothy (2008): “o libertarianismo não é uma ideologia utópica mais do que qualquer outro conjunto de ideias políticas, os libertários reconhecem e tomam como base os limites da realidade e da natureza da economia.”

Esta ideia de uma crença empírica no indivíduo e na liberdade do capitalismo certamente mobilizou, nos últimos oitenta anos, e segue mobilizando grandes corporações e a elite financeira como, por exemplo, Joseph Coors, Smith Richardson, Richard Mellon Scaife, John M. Olin, Samuel Roberts Noble e Charles Koch, que ajudaram a fundar não só publicações e *think tanks* libertários, mas que se expandiram para o conservadorismo mais amplo, beneficiando, como veremos, principalmente *think tanks* neoconservadores. Nas palavras de Charles Koch (apud. Diamond, 1995):

²⁸⁰ Friedman ganhou Nobel de Economia em 1976 e além de escritor de livros influentes e acessíveis ao público leigo, como por exemplo, *Capitalism and Freedom* (de 1962) e *Free to Choice* (de 1980), também escrevia para grandes revistas e jornais como a *Newsweek* e o *Wall Street Journal* e como acadêmico era considerado um debatedor exemplar.

A nossa grande força é que a nossa filosofia é uma visão de mundo consistente e terá grande apelo aos mais brilhantes, mais entusiasmados, as pessoas mais capazes e em particular aos jovens. Mas, para percebermos esta força, nós temos que protegê-la em sua forma mais radical e pura²⁸¹.

4.3 Conclusão desta seção: A mobilização da Direita Cristã e dos Libertários

Vimos nesta seção as formas de mobilização, as ideias e a organização de diferentes atores de dois movimentos centrais para entendermos o conservadorismo mais amplo nos EUA: a Direita Cristã e os Libertários.

Em ambos os casos enfatizamos a organização e os impactos a partir de certos recursos, que envolvem mobilizar o tempo, os talentos e também recursos financeiros de pessoas e organizações. Tal organização e recursos estão sempre atrelados a uma comunicação eficiente, efetiva, que produz resultados políticos favoráveis.

No caso da Direita Cristã há fatores históricos que nos ajudam a entender a mobilização religiosa, como a ideia dos “despertares” e a necessidade de manter a fé viva e presente. O êxito de alguns pastores e movimentos religiosos, na segunda metade do século vinte, montou uma infraestrutura de comunicação e de articulação que permite o êxito e a influência política destes atores, principalmente nos anos setenta e oitenta deste século. Um salto qualitativo nessa, e que foi um grande triunfo da Direita Cristã foi, por um lado, conseguir articular diferentes denominações religiosas como, por exemplo, evangélicos, católicos carismáticos, batistas do sul e diferentes grupos fundamentalistas. A consequência da entrada deste novo eleitorado foi decisiva para vitórias como a de Ronald Reagan, em 1980. Como nos mostra Diamond (1995), Reagan ganhou de Carter em 1980 por uma margem de 10%, destes, 2/3 dos votos vieram do eleitorado fundamentalista que até então não participava das eleições. Além dos novos votos fundamentalistas, a conquista de 17% dos votos do eleitorado branco protestante, que quatro anos antes havia votado em Carter, foi decisiva para a vitória.

²⁸¹ No original: Our great strength is that our philosophy is consistent world view and will appeal to the brightest, most enthusiastic, most capable people, particularly, young people. But to realize that strength, we have to state it in a radical, pure form. (Apud. Diamond, 1995, p. 442)

A mobilização da Direita Cristã também nos ajuda a entender o conceito de guerra cultural, que trabalhamos na seção anterior e nos ajuda a entender a transição de uma mobilização em torno de temas e bandeiras específicas como, por exemplo, contra o aborto ou contra a emenda dos direitos iguais para a construção de uma agenda de mobilização mais ampla, entendida como movimento pró-vida, que sustenta a mobilização dos conservadores sociais a partir dos anos de 1990. No centro da ideia de movimento pró-vida, como enfatiza uma de suas lideranças históricas, James Dobson (apud. Gilgoff 2008, p. 82), “está a defesa da vida, da liberdade e da família tradicional²⁸²”. Neste sentido, há um esforço de articulação com o conservadorismo mais amplo buscando achar um ponto comum: a defesa de um modo de vida tradicional para as famílias e para a cultura dos Estados Unidos onde há flexibilidade para outros temas como política externa, política fiscal e a própria relação e escopo do Estado. Argumentando pela perceptiva e justificativa moral, a direita cristã consegue grande êxito de mobilização reativa, ou seja, reivindicando e alertando sobre os riscos das perdas e de devir pessimista. Neste sentido, Jendrysik (2012) sintetiza muito bem este comportamento como dos *Jeremias modernos*, aqueles que alarmam pelo fim de uma América conservadora e cristã.

Se a Direita Cristã conseguiu de fato ter seu momento e mostrar sua força na mobilização e a articulação do conservadorismo, os libertários se mostram mais como uma tendência e não como uma força efetiva no moderno conservadorismo americano. Os libertários privam e gostam de apresentar suas ideias como radicais, mas, ao mesmo tempo, como fruto genuíno da experiência histórica dos EUA. Em síntese, os libertários parecem insistir que os EUA, em todo seu êxito econômico, social, cultural moral é consequência do capitalismo.

O principal recurso de poder do movimento libertário é fruto direto do êxito da influência de alguns intelectuais, principalmente nas décadas de 1940 e 1950. Em especial, em torno da reflexão e do trabalho de cinco pensadores: Ludwig von Mises, Friedrich A. Hayek, Ayn Rand, Murray Rothbard e Milton Friedman. Em diferentes momentos, com diferentes desdobramentos, como vimos, estes autores influenciaram outros intelectuais, industriais e grandes empresários que, por sua vez, fomentaram publicações, grupos de estudos e *think tanks* que se estruturaram como recurso central para que os libertários permanecessem ainda como interlocutores importantes para as ideias conservadoras no debate contemporâneo.

²⁸² No original – the defense of the life, liberty and the tradicional family.

Como uma possível articulação entre os libertários e o conservadorismo mais amplo, ganhou força a partir dos anos de 1970 a ideia de *fusion*, uma proposta de aliança sustentada num tripé: o sentimento anticomunista dos anos 1940, 1950 o tradicionalismo, como resposta às mudanças culturais principalmente dos anos sessenta do século XX e as ideias libertárias comuns em publicações como *Freeman* e *Human Events*. A ideia básica do *fusion* seria revitalizar o conservadorismo através de uma coalizão capaz de derrotar a URSS, a contracultura e as políticas liberais, que na percepção dos conservadores levava ao crescimento desenfreado e descontrolado do Estado.

A tentativa de incorporar as ideias libertárias ao conservadorismo não foi um processo consensual. Mostramos também que a partir dos anos sessenta do século XX o movimento libertário nos EUA ganhou outros rumos e teve outras influências, dos quais, dentre outras, enfatizamos a formação do *Libertarian Party* e discutimos, dialogando com estudo de Boaz e Kirby (2006), o perfil eleitoral do voto libertário. Contudo, também mostramos que no debate contemporâneo há outras possibilidades de temas e foco de discussão que una os libertários com outros atores conservadores. Neste sentido, enfatizamos dois pontos: a importância do capitalismo e da interpretação mais literal da Constituição e demais textos que moldam a ideia de república nos EUA. Quanto à defesa do capitalismo, é um tema que perpassa a história e também a mobilização dos conservadores. Quanto ao caráter literal de interpretar as leis, é algo muito presente no debate contemporâneo, há diferentes abordagens para a defesa do originalismo (ou do conservadorismo constitucional, que como vimos, consegue unir diferentes matizes do pensamento conservador, principalmente a partir da ideia de existiriam direitos e, sobretudo, uma ênfase na liberdade do indivíduo, direitos que não poderiam ser questionados, violados ou instrumentalizados).

5 Trajetória, ideias e formas de mobilização dos neoconservadores

Se, como vimos, muitos libertários discordam e até mesmo buscam se diferenciar entre si, trocando acusações mútuas no debate público e formando grupos e *think tanks* com atuações distintas e às vezes concorrentes, os neoconservadores – cuja trajetória traz grandes semelhanças com os libertários, principalmente por se tratar também de um grupo de intelectuais focados no debate de ideias – são mais coesos e unidos e, muitas vezes, buscam mais do que afirmar o que são e o que pensam, manifestando-se para se defender e para dizer o que não são ou contra o que estão.

Veremos nesta seção uma breve discussão sobre o neoconservadorismo, perpassando pelas formas de mobilização e de articulação deste grupo, discutindo suas ideias, formas de mobilização e confrontando-os, dialogando, seja com o conservadorismo mais amplo, seja com atores políticos, tanto do espectro liberal, como conservador. Faremos também uma discussão em torno da percepção que outros atores conservadores construíram para o neoconservadorismo culminando numa discussão sobre o papel dos *think tanks* na política estadunidense e da eficácia das ideias conservadores.

Os neoconservadores, como já explorou vasta literatura,²⁸³ foram liberais entre o final do *New Deal* e o início da *Great Society* e participaram ativamente destas duas entre as principais marcas históricas do liberalismo americano. Diante deste legado histórico liberal, passaram, nas décadas de 1960 e 1970, a serem críticos das mesmas políticas liberais das quais, em décadas passadas, eram defensores e até mesmo beneficiários diretos ou indiretos.

Para eles, deixar de ser liberal não foi fruto de mudanças em seus modos de pensar: segundo eles, o que mudou foram os fatos e não suas mentalidades, posturas, crenças ou valores. Para Daniel Patrick Moynihan (Apud. Wattenberg (2008)): “nós não mudamos, foi o debate que

²⁸³ Cf. Ayerbe (2006); Diamond (1995); Ehrman (1995); Finguerut (2008); Friedman (2005); Gerson (1997); Kristol (1999) e Wattenberg (2008).

mudou”²⁸⁴. E vale lembrarmos também da já famosa definição de Irving Kristol, para quem os neoconservadores são “liberais assaltados pela realidade”²⁸⁵.

Se buscarmos de partida uma definição para o que é a ideologia que agora defendem, uma primeira alternativa seria classificá-los como um grupo de intelectuais que passaram de defensores e propagadores das políticas liberais para uma visão crítica, rejeitando o liberalismo e buscando novos interlocutores políticos.

A primeira geração dos neoconservadores incluía, entre outros nomes, Irving Kristol, Patrick Moynihan, assim como Martin Seymour Lipset, Nathan Glazer e Melvin Lasky. Em comum, além de serem de Nova Iorque e da mesma geração, eram todos de famílias judias de bairros de classe média baixa de cidade. Muitos estudaram juntos nos anos de 1930 e depois seguiram trabalhando em diferentes publicações e livros nas décadas seguintes (Cf. Finguerut, 2008). Esta primeira geração, como já discutimos (cf. Finguerut, 2008) e como também nos mostra Gerson (1997), foi formada por uma turma anterior de intelectuais, como Sidney Hook, James Burnham e Saul Bellow que eram fortemente influenciados e gostavam de discutir autores que hoje chamaríamos de conservadores, incluindo Lionel Trilling (1905 – 1975) e Diana Trilling (1905 – 19996), Reinhold Niebuhr (1892 – 1971) e de forma indireta Leo Strauss (1899 – 1973).

Boa parte da formação intelectual da primeira geração de neoconservadores ocorreu no *City College*, de NY, onde, como estudantes, tinham um perfil de esquerda, mas marcadamente antistalinista, alguns até chegando a militar no trotskismo durante os anos universitários (Cf. Friedman (2005)). Por essa razão, uma segunda definição possível para o grupo que remete à esquerda antistalinista nos EUA dos anos de 1930. Há uma aparente contradição ao classificarmos a primeira geração dos neoconservadores como estudantes de esquerda, pois ao mesmo tempo em que eles tinham contato com intelectuais como Lionel Trilling e Leo Strauss, cujas ideias não seriam de esquerda, como estudantes eles enfrentavam uma maioria que se inspirava em movimentos socialistas internacionais para pensarem a realidade dos EUA, desta forma eles se inseriam no debate deste contexto de esquerda. Esta aparente contradição nos ajuda a entender como os neoconservadores desde muito cedo criaram uma rede de sustentação e de autoafirmação que os ajudaram a crescer, tanto intelectualmente, como politicamente. Neste sentido, seriam um grupo de intelectuais políticos cuja trajetória

²⁸⁴ No original : “ We hadn’t change, it was the debate that changed “ (Apud, 2008 p. 28)

²⁸⁵ Mugged by reality. (Apud. 2008, p. 56)

intelectual ocorreu em meio a embates conceituais e ideológicos inseridos no campo da esquerda. Nathan Glazer (apud. Friedman (2005), um neoconservador da primeira geração, traduz bem a ideia de ser neoconservadorismo ao definir um neoconservador como “alguém que não era conservador²⁸⁶”. Este passado e intenso contato e troca com a esquerda socialista e mais radical (nos anos 1930 e 1940) e com os liberais nos anos 1940 e 1950, formaram intelectuais maduros nos anos 1960 e 1970 que poderiam ter dificuldades em se definirem como neoconservadores, mas tinham extrema facilidade em saber como agiam, como pensavam e o que aspiravam seus críticos, inimigos e ex-aliados. Em meados dos anos setenta do século XX ninguém poderia dizer que conhecia melhor os liberais do que os chamados neoconservadores.

Ben Wattenberg (2008), ele próprio um neoconservador, afirma ser difícil abarcar todos os neoconservadores e todas suas ideias numa única definição. O mais factual e plausível seria pensar os neoconservadores a partir de seus inimigos ou das ideias que rejeitam. E neste sentido, segundo Wattenberg (2008), foram os temas da política doméstica que inicialmente energizaram e moldaram uma unidade para o neoconservadorismo. Por este aspecto, tanto Gerson (1997), como Wattenberg (2008) identificam quatro grandes inimigos para os *neocons*: o comunismo (tema central dos anos quarenta até o final dos anos oitenta do século XX); o radicalismo dos jovens, especialmente do movimento estudantil entre as décadas de sessenta, setenta até o início dos anos oitenta do mesmo século; o secularismo radical e o neoateísmo, do final dos anos sessenta até o início do século vinte um e, por fim, o tema mais contemporâneo, o terrorismo islâmico do final dos anos noventa aos dias atuais.

Portanto, se fizermos o exercício metodológico de pensarmos num tipo ideal de neoconservador teríamos que frisar três características: 1) o caráter intelectual (que o faz ser combativo e bem articulado e com sólida formação, tanto diante táticas e estratégias discursivas e argumentativas como o faz ser mais generalista do que especialista e mais pluralista do que dogmático); 2) a identidade étnica judaica, mas não decisiva a ponto de excluir intelectuais católicos, protestantes ou ateus; 3) há também um recorte temporal: o fato de pertencerem a uma geração que amadureceu na transição entre o *New Deal* dos anos de 1920 e 1930 até a vida adulta no final dos anos de 1960, década marcada por intensa transformação cultural e mobilização política. Este tipo ideal neoconservador, diante de tantas especificações, faz com que alguns intelectuais como Daniel Bell (apud. Wattenberg (2008) ironicamente respondam não existir

²⁸⁶ No original: “Neoconservative is someone who wasn’t a conservative” (Apud. Friedman, p. 123, 2008).

neoconservadorismo, mas apenas Irving Kristol (1920 - 2009). Kristol foi pioneiro em praticamente todos os passos que descrevemos até aqui (e que veremos melhor ao longo desta seção). Dos embates do *City College*, no qual Kristol estava entre aqueles que flertavam com as ideias de Trotsky, ao envolvimento com Scoop Jackson e Daniel Patrick Moynihan, as redes de publicações, a participação no debate público pelos grandes jornais até, como veremos melhor, a chegada aos *think tanks*, especificamente a AEI chegando em seguida ao próprio processo decisório, principalmente a partir do governo Reagan. Kristol seria um tipo ideal de neoconservador. Ele foi casado com Gertrude Himmelfarb, uma intelectual que também era ativa nos círculos neoconservadores. Sua família tem fortes raízes judaicas, incluindo importantes rabinos ortodoxos do século XIX (cf. Friedman, 2005) e seu filho, William Kristol tem sido, desde meados dos anos de 1990, um dos intelectuais mais ativos do conservadorismo americano. E também foi Irving Kristol que, entre o final dos anos oitenta e início dos noventa do século XX, tentou, em parte responder aos críticos, mas também, em parte, explicar as ideias do que seria o neoconservadorismo. Foi, por exemplo, esta a proposta de *Neo-conservatism: The Autobiography of an Idea*, lançado em 1995 e que suscitou, tanto entre neoconservadores, como entre seus críticos um intenso debate.

Sintetizando o que vimos até agora:



Figura 25 Diferentes linhagens neoconservadoras
 Fonte: criação do autor

Quadro 9 Intelectuais de NY

Exemplos dos Intelectuais de NY ²⁸⁷
Irving Kristol
Seymour Lipset Martin
Nathan Glazer
Melvin Lasky
Sidney Hook
James Burnham
Lionel e Diana Trilling
Lionel Abel
Alfred Kazin

Fonte: STEINFELS (1979) e WALD (1987)

²⁸⁷ Para uma discussão detalhada em torno de cada intelectual consultar Wald (1987), algumas referências também estão em Steinfels (1979) e em Finguerut (2008)

Quadro 10 Intelectuais Straussianos

Exemplo dos intelectuais Straussianos²⁸⁸
Harry Mansfield
Allan Bloom
Walter Berns
Werner J. Dannhauser

Fonte: STEINFELS (1979) e WALD (1987)

Quadro 11 Editores Neoconservadores

Exemplo de Editores ligados aos neoconservadores²⁸⁹
Irving Kristol
Daniel Bell
Norman Podhoretz
Seymour Martin Lipset
Hilton Kramer
Joseph Epstein
Richard John Neuhaus
Midge Decter

Fonte: Finguerut (2008) e consultas a Gerson (1997) e Wattenberg (2008)

²⁸⁸ Para uma discussão detalhada sobre cada um destes intelectuais, consultar Bloom (1990) e Finguerut (2008)

²⁸⁹ ²⁸⁹ Para uma discussão detalhada em torno de cada intelectual consultar Wald (1987), algumas referências também estão em Steinfels (1979) e em Finguerut (2008).

5.1 A mobilização política dos neoconservadores

Mark Gerson (1997), que se diz um seguidor intelectual de Irving Kristol, nos mostra que a ênfase nos temas domésticos ocorre a partir de uma determinada visão de mundo no qual ideias, posições, medos, traumas, o histórico partidário e a trajetória de vida são decisivos. A ideia de um grupo de neoconservadores se sustenta melhor se pensarmos em subgrupos unidos, cada um se estruturando a partir de visões de mundo próprias. Da mesma forma, quando olhamos para suas formas de mobilização encontramos diferentes grupos que transitam entre si, mas que também apresentam visões de mundo próprias, isso ocorre entre as revistas e publicações neoconservadoras e também no universo dos *think tanks neoconservadores*. Em síntese, a ideia é pensarmos o neoconservadorismo como um todo formado por várias e pequenas partes independentes e autônomas.

A transição e a passagem dos anos de 1960 para os anos 1970 foram decisivos para o abandono gradual das ideias liberais e para a afirmação, também gradual, do neoconservadorismo. O contexto desta passagem envolvia, entre outros temas: o comunismo, os desdobramentos dos direitos civis, como por exemplo, a questão racial nos EUA (e o debate sobre as quotas), a importância de Israel para a política externa dos EUA, os temas e os desdobramentos da contracultura (o feminismo, direito ao aborto, liberdade de expressão e a pornografia).

Uma outra característica importante para entendermos o neoconservadorismo é seu caráter mais reativo – e anti- *status quo* –, que caracteriza o envolvimento destes intelectuais com a política. Foi como reação à esquerda stalinista que levou Irving Kristol e seus colegas do *City College*, nos anos de 1930, a se conhecerem e se organizaram pela primeira vez. Foi como reação aos rumos e às ideias da União Soviética que os neoconservadores se organizaram na *Coalition for a Democratic Majority*²⁹⁰ buscando, em 1972, nova mobilização para enfrentar a Guerra Fria no contexto de transição pós-governo Lyndon B. Johnson (1963 – 1969). Foi como uma reação às turbulentas primárias do partido democrata em 1968²⁹¹ que os neoconservadores buscaram

²⁹⁰ Segundo Wattenberg (2008) importante articulador do *Coalition for a Democratic Majority*, outros nomes do grupo eram: Midge Decter, Jeane Kirkpatrick, Norman Podhoretz, Elliott Abrams e Zbigniew Brzezinski

²⁹¹ Johnson era pré-candidato e favorito, mas foi surpreendido pelo êxito em algumas primárias do senador de Minnesota Eugene McCarthy que acabou levando Johnson a desistir da disputa. O vácuo deixado pela saída do candidato favorito incentivou Robert Kennedy, irmão do ex-presidente John F. Kennedy, a entrar na disputa, mas

outras lideranças políticas fora das correntes principais do partido democrata os levando, no limite, ao partido republicano.

O caráter reativo dos neoconservadores, portanto, nos ajuda a entender a importância que nomes como Henry M. “Scoop” Jackson, senador pelo estado de Washington entre 1953 e 1983 e Daniel Patrick Moynihan, senador pelo estado de Nova Iorque, entre 1977 e 2001 tiveram para o grupo.

Scoop Jackson chegou a disputar as primárias presidenciais pelos democratas em 1972 e 1976, contando, principalmente na segunda tentativa, com uma forte mobilização de neoconservadores como Richard Perle, Paul Wolfowitz, Elliott Abrams, Charles Horner, Douglas Feith e Ben Wattenberg. E Moynihan, nos anos setenta do século XX principalmente, foi um interlocutor para as ideias neoconservadoras e um crítico dos rumos do liberalismo americano. Moynihan, assim como os neoconservadores, não era contrário aos direitos civis, mas era enfático ao argumentar que muitas políticas de bem-estar social não estavam apresentando bons resultados. Foi este o grande impacto do relatório *The Negro Family: The Case For National Action*, mais conhecido como *The Moynihan Report*, lançado em 1965 quando Moynihan somava à função de senador a de assistente da secretaria de trabalho do governo Johnson. Neste relatório, com contribuições e intenso debate com outros nomes próximos aos neoconservadores, como Seymour Lipset, Nathan Glazer e Melvin Lasky, Moynihan argumenta que, apesar dos esforços do governo em de enfrentar a pobreza e melhorar as condições dos negros nos EUA, os resultados não estavam sendo atingidos, uma vez que os problemas estruturais seguiam latentes.

As críticas de Moynihan e a defesa de postura mais dura contra a URSS de Scoop Jackson incentivaram muitos neoconservadores a buscarem construir alternativas políticas aos rumos dos EUA na década de setenta do século XX marcados pelo liberalismo da Guerra Fria. Neste momento, como instrumento de mobilização, muitos neoconservadores se lançam no debate público, alguns em jornais e revistas já estabelecidas, outros publicando livros ou organizando suas próprias publicações, muitas delas com baixa tiragem, mas de grande peso intelectual. Na Tabela abaixo sintetizamos as principais publicações:

acabou assassinado antes do final da disputa. O então vice-presidente da administração Johnson, Hubert Humphrey, foi escolhido como o candidato democrata.

Quadro 12: Participação de neoconservadores em publicações

Revista	Ano de fundação da Revista	Participação de Neoconservador como editor
Commentary	1945	Norman Podhoretz editor entre (1960 – 1995)
The Public Interest (1965-2005)	1965	Daniel Bell e Irving Kristol
The New Criterion	1982	Roger Kimball
First Things	1990	Richard John Neuhaus
The National Interest	1985	Irving Kristol
Encounter (Inglaterra)	1953	Irving Kristol e Stephen Spender
The American Enterprise (1990 – 2006)	1990	Karlyn Bowman
Orbis	1957	Robert Strausz-Hupé
The American Spectator	1967	R. Emmett Tyrrell Jr.
The American Scholar	1932	Joseph Epstein (1974 – 1998)
Journal of Democracy	1990	Marc F. Plattner e Larry Diamond
Public Opinion (1978 – 1990)	1978	Seymour Martin Lipset
The New Republic	1914	Martin Peretz (editor entre 1974 e 1979)
Society	1962	Irving Louis Horowitz
The New Leader (1924 – 2006)	1924	Myron (Mike) Kolatch foi o editor entre 1961 e 2006

Fonte: Tabela criada a partir de Finguerut (2008) com consultas a Gerson (1997) e Wattenberg (2008).

Estas publicações serviram aos intelectuais neoconservadores como instrumento de mobilização de suas ideias, o que contribuiu para a guinada política do liberalismo rumo ao conservadorismo. Alguns destes veículos, como por exemplo, *The New Republic*, *The New Leader* e a *Commentary*, eram liberais nas décadas de 1930 e 1940 e se posicionavam dentro de uma linha argumentativa alinhada ao que hoje chamaríamos de esquerda americana. O êxito e o crescimento do debate nestas pequenas revistas levaram alguns destes intelectuais a transferirem estas discussões para espaços maiores e com maior prestígio dentro da mídia americana, como as revistas *National Review*, *Forbes*, *Foreign Policy*, *Foreign Affairs*, além de jornais de influência e grande circulação como o *The Wall Street Journal* e o *The New York Times*.

O êxito de intelectuais como Irving Kristol, Daniel Bell, Seymour Martin Lipset, Norman Podhoretz e Ben Wattenberg no debate público, organizando publicações, respondendo a críticos e ao mesmo tempo articulando financiadores para seus projetos, despertou o interesse de *thinks tanks* como o *American Enterprise Institute* (AEI). Estes institutos, que mantinham até meados dos anos de 1970 um foco de tendência anti-*new deal*, a partir dessa década passaram a incorporar tanto a crítica cultural, como o enfoque doméstico do pensamento neoconservador em relação à contracultura, sobretudo, em relação à crítica sociológica e econômica contra o liberalismo e o Estado de bem-estar social. Dentre estes *thinks tanks*, destacamos ainda o *Hudson Institute* (surgido no Texas nos anos sessenta objetivando pensar o futuro dos EUA), o *The Heritage Foundation*, criado em 1973, e o *Hoover Institution*, vinculado a *Stanford* na Califórnia.

Os neoconservadores tiveram grande êxito na AEI e em outros *think tanks* durante o período que compreende a passagem dos anos setenta para os anos oitenta do século XX. Tal sucesso deve-se ao fato de serem intelectuais extremamente produtivos, que acreditavam nas ideias que propagavam e, sobretudo, por conhecerem muito bem seus adversários, principalmente os progressistas do partido democrata e aqueles vinculados à esquerda americana ao liberalismo.

Quadro 12 Neoconservadores no AEI nos anos de 1970

Neoconservadores no AEI nos anos de 1970
Irving Kristol
Michael Novak
Bem Wattenberg
Jeane Kirkpatrick
Austin Ranney
Norm Ornstein
Gertrude Himmelfarb

Fonte: Construção com base em pesquisa no acervo da AEI, março de 2013.

Quadro 13 Neoconservadores no Hudson Institution

Neoconservadores no Hudson Institution
Douglas Feith
Lewis Libby
Max Singer
Francis Fukuyama
Norman Podhoretz

Fonte: Construção com base em pesquisa no acervo do Hudson Institution, março de 2013.

A experiência nos *think tanks* possibilitou que os neoconservadores também se articulassem com outros grupos criando redes estruturadas entre diferentes institutos, como foi o caso do *Committee for the Free World* que reunia, entre outros, nomes como Midge Decter, Jeane Kirkpatrick, Irving Kristol, Melvin J. Lasky, Seymour M. Lipset, Donald Rumsfeld e Eugene V. Rostow. Há ainda o *Committee on the Present Danger*, no qual também estavam nos anos de 1970, Eugene V. Rostow, Jeane J. Kirkpatrick, além de outros nomes ligados ao *Coalition for a Democratic Majority*, como Leon Keyserling, Max M. Kampelman, Richard Shifter, John P.

Roche e Midge Decter. O *Team B*, em 1975/76, uniu Paul Wolowitz, Donald Rumsfeld e Richard Pipes.

A sobreposição de nomes confirma a articulação do grupo na política partidária: com o *Coalition for a Democratic Majority* (em torno de Scoop Jackson), estavam próximos do Departamento de Defesa e revigoravam o conservadorismo propagado por *think tanks* como o AEI, Heritage, Hudson e Hoover Institution.

Outro fator decisivo para o sucesso da ação destes personagens foi o contato com políticos e estrategistas do Partido Republicano que também transitavam entre os comitês políticos e os *think tanks*, caso, por exemplo, de Dick Cheney, Alan Keys, Newt Gingrich, Fred Thompson e Donald Rumsfeld. Se no final dos anos sessenta do século XX muitos neoconservadores ainda hesitavam em deixar o Partido Democrata, dez anos depois, diante da administração de Jimmy Carter, tais receios se dissiparam, tornando-se praticamente excitação frente às possibilidades advindas com a vitória de Ronald Reagan em 1980.

De fato, foi durante o governo Reagan que muitas ideias neoconservadoras estiveram bem próximas do processo decisório. É o caso, por exemplo, dos planos defendidos pelo *Committee on the Present Danger* que inspiraram o projeto “Guerra nas Estrelas” e o recrudescimento da Guerra Fria, deixando para trás as políticas do governo Carter de contenção da URSS (conhecidas como *détente*) e de acordos de desarmamento nuclear, chamados de *salt*. Também datam deste período as publicações de livros de jovens economistas do *Hoover Institution e da Universidade* de Chicago que passaram pelo crivo da jornalista Midge Decterque, tal como nos mostra Gerson (1997), era editora executiva da Harper, uma das maiores dos EUA. Foram os casos de Robert Mundell, Arthur Laffer e Jude Wanniski²⁹², cujas ideias e livros chegaram até a administração Reagan na forma da teoria econômica conhecida como *Supply-side* – que, sinteticamente como aponta Gerson (1997) é por princípio a ideia de mudar o foco dos impostos, de uma lógica punitiva para uma lógica de recompensa, a ideia é que as pessoas vão trabalhar mais quando elas estão autorizados a manter o seu dinheiro. Quando as pessoas ganham mais dinheiro o governo tem mais possibilidades para arrecadar²⁹³.

²⁹² Cf. *The Way the World Works*, ed. Gateway, 1998. NY.

²⁹³ No original:[...] people will work harder when they are allowed to keep their Money. When they earn more money, the government has more money to tax.

Uma obra influente como lembra Wattenberg (2008) foi o artigo de Jeane Kirkpatrick *Dictatorships & Double Standards*²⁹⁴ publicado em 1979 na *Commentary*, que teria sido a razão para que fosse convidada para ser a embaixadora dos EUA junto a ONU. E o próprio Wattenberg (2008) revela que foi através do êxito de seu livro *This U.S.A* (1965) que surgiu o convite para trabalhar na Casa Branca escrevendo discursos para a administração Johnson.

Outros livros financiados ou divulgados pelo AEI como, por exemplo, o *Losing Ground* de Charles Murray de 1984 fazia uma discussão que passaria a servir de síntese para os conservadores diante da *Great Society*. Nesta obra seu diagnóstico apontava para o fracasso do Estado interventor e abria para a possibilidade de pensar o Estado como o problema e não a solução, esta percepção foi adotada e reforçada pelo governo Reagan.

Além da influência indireta, alguns neoconservadores trabalharam diretamente no governo Reagan. É o que aponta a quadro abaixo:

Quadro 14 Neoconservadores no governo Reagan

Mary Eberstadt
Steven Bryan
Douglas Feith
Allan Gerson
Robert Kagan
William Bennett
Michael Ledeen

Fonte: FINGUERUT (2008) e WATTENBERG (2008)

²⁹⁴ Cf. artigo em <<http://www.commentarymagazine.com/article/dictatorships-double-standards/>> Acessado em 27/11/2013.

A presença de assessores manifestantes desta tendência ideológica aumentou ainda mais no governo de George H. W. Bush, como mostramos na próxima tabela:

Quadro 15 Neoconservadores no governo George H. W. Bush (1989 - 1992)

William Kristol
Bernard W. Aronson
Constance Horner
Paul Wolfowitz
Richard Perle
Kenneth Adelman
Jeane Kirkpatrick
John Podhoretz

Fonte: FINGUERUT (2008) WATTENBERG (2008)

5.2 Os Neoconservadores e o conservadorismo americano pós-Reagan

A trajetória dos neoconservadores durante os pouco mais de vinte anos que separam a *Great Society* (do governo Johnson) da lógica do “Estado é o problema” de Reagan é marcada por profundas mudanças no conservadorismo americano mais amplo, bem como no foco das ações, ideias e formas de mobilização dos neoconservadores. Bill Clinton (1993 - 2000), o primeiro democrata a voltar à Casa Branca depois de Jimmy Carter (1976 - 1980), tinha referências a ideias conservadoras que se destavam em relação a ideias liberais clássicas que remetiam ao *New Deal* ou a *Great Society*. Clinton se apresentava como um novo democrata e se mostrava como uma espécie de defensor de um Estado de bem-estar social mínimo, postura

semelhante à de muitos neoconservadores. Esta mudança refletia também uma alteração no perfil do eleitorado, que se dizia mais conservador do que liberal ²⁹⁵.

O colapso da URSS também suscitava um novo enfoque em temas de política externa e que passam pela discussão do papel dos EUA, enquanto superpotência e do papel do país na manutenção e construção de uma ordem internacional. Neste momento, alguns neoconservadores, como Seymour Martin Lipset²⁹⁶ e James Q. Wilson²⁹⁷, retomam temas clássicos, como a ideia da excepcionalidade americana, recobrando assim a influência de Tocqueville e a sua *Democracia na América*.

A ideia de excepcionalidade americana parte de uma leitura mítica da fundação do país. Por esse ideal de nação, os EUA seriam resultantes de uma experiência e de um sentimento cujos êxitos trariam liberdade e oportunidades para o desenvolvimento cívico e econômico, não só para os que ali nascessem ou estivessem, mas para todo o mundo. A crença na excepcionalidade dos americanos decorreria, portanto, da ênfase dada à prática do trabalho, capacidade transformadora no sentido de projetá-los como um povo “exemplar” – a metáfora da “cidade mais brilhante da colina”²⁹⁸ – vivendo num ambiente onde todos podem experimentar a vida com liberdade, oportunidades e chances iguais para prosperar. Ser a “nação mais brilhante” em todos os sentidos implica inveja, mas também admiração por parte dos outros povos e nações. E a apropriação do conceito de liberdade, como inseparável da ideia de “ser americano e viver nos Estados Unidos”, implica numa leitura que o sociólogo Seymour Martin Lipset, 1997, (importante referência bibliográfica para o estudo do neoconservadorismo americano), classificou como protossocialista: ou seja, a ideia de uma nação próspera, na qual todos seriam iguais e poderiam ascender livremente, socialmente e economicamente seria, em tese, a própria receita do êxito socialista, que poderia um dia se transformar no comunismo. Em entrevista a Peter Robison, em novembro de 2012 para o *Hoover Institution*²⁹⁹, o historiador inglês Bernard Lewis reforça esta face da ideia de excepcionalidade americana ao afirmar (comparando a Inglaterra aos EUA), que para os americanos não há distinção de origem, enquanto que para os ingleses pesam

²⁹⁵ Segundo pesquisa Gallup, em 1994, 42% do eleitorado se dizia moderado, 38 % conservador e 17% liberal. Cf. pesquisa na íntegra em <<http://www.gallup.com/poll/141032/2010-conservatives-outnumber-moderates-liberals.aspx>> Acessado em 28/11/2013.

²⁹⁶ Cf. *American Exceptionalism*, ed. Norton, NY, 1997.

²⁹⁷ Cf. *Understanding America: The Anatomy of an Exceptional Nation*, livro organizado por James Q. Wilson e Peter H. Schuck, ed. Public Affairs, Chicago, 2ed, 2008.

²⁹⁸ No original: “A shining city on the hill”.

²⁹⁹ Cf. em : < <http://www.hoover.org/multimedia/uncommon-knowledge>> Acessado em 06/02/2013.

as tradições e as marcas de nascença. Mas a tese de Lipset avança numa direção muito peculiar ao discutir por que movimentos de trabalhadores com viés anarquista ou socialista não foram bem sucedidos ao longo da história nos EUA. A partir de tal questionamento, conclui que a excepcionalidade americana está justamente no fato de ser um país no qual a ética capitalista prosperou e os movimentos socialistas definharam.

A aplicação da ideia de excepcionalidade americana na política externa, como aponta Lipset – e Aron (1975), em argumentação semelhante –, não deixa de ter um sentido progressista, além de permitir um certo paralelo com uma tradição internacionalista, quando não em diálogo, com reivindicações dos movimentos trabalhistas e social-democratas europeus que projetaram suas lutas e reivindicações como sendo bandeiras universais buscando, assim, uma articulação global para suas causas. A ideia de excepcionalidade sustenta, portanto, a visão que alguns autores chamam de idealismo e outros a associam à política externa e às ideias de Woodrow Wilson, presidente dos EUA entre 1913 a 1921. Para Aron (1975), trata-se da “síndrome de Wilson”, ideia que sustenta a política externa no legalismo e no universalismo (que moldou a proposta de Wilson para a Liga das Nações em 1919 no qual as nações, em comum acordo, construíram uma ordem internacional pacífica e democrática resguardada por leis e princípios aceitos democraticamente). Em consonância com a interpretação de Aron, é interessante lembrarmos que no momento posterior à Guerra Fria os neoconservadores passam a ser chamados de wilsonianos duros.

A ideia de uma política externa universalista e disposta a transformar o mundo nos moldes dos EUA tem raízes muito anteriores a Wilson. Há, por exemplo, a “Doutrina Monroe”, de 1823, que almejava transformar o hemisfério ocidental numa área segura e próspera aos interesses dos EUA contra os interesses imperialistas das potências europeias. Outro exemplo histórico seria a “Doutrina Truman”, que no contexto da Guerra Fria propunha nada menos do que apoiar os povos livres do mundo contra qualquer força – mesmo que minoritária – que fosse inimiga da liberdade.

Tanto uma quanto a outra tiveram grandes implicações para os EUA e para o mundo. Mas o ponto central aqui é destacarmos que, nesta tradição wilsoniana da política externa dos EUA, pautada pela expansão americana como uma ideia favorável a ordem e ao progresso das nações e dos povos de todos os lugares, implica aos americanos um fardo (não só da defesa do capitalismo em todas as suas dimensões e implicações, como também de certa visão

civilizacional motivada por um fundo missionário quando não messiânico). Em síntese, quando os neoconservadores passam a pensar na política externa dos EUA almejando transformar o mundo, temos um processo que também implica em reafirmar (quando não refundar) o credo americano. Crença esta de uma nação e república “acima e diferente das outras”, como uma nação que se constitui em torno de uma ideia: a ideia de superação, de prosperidade, renovando também o credo na liberdade como valor universal e supremo. Por esta leitura, ser anticapitalista se mistura com a ideia de ser antiamericano. Os neoconservadores reforçam esta interpretação – como vimos, por exemplo, em Michael Novak (1982) – ao entenderem o capitalismo, e mesmo a ideia da experiência democrática, como sendo um valor universal, dando-lhes sustentação moral para justificar suas ações tanto nos EUA, como na política internacional.

No contexto deste debate surge o *Project for the New American Century* (PNAC), um *think tank* criado em 1997 e cuja mobilização foi promovida por William Kristol, filho de Irving Kristol e Robert Kagan, ligado a AEI.

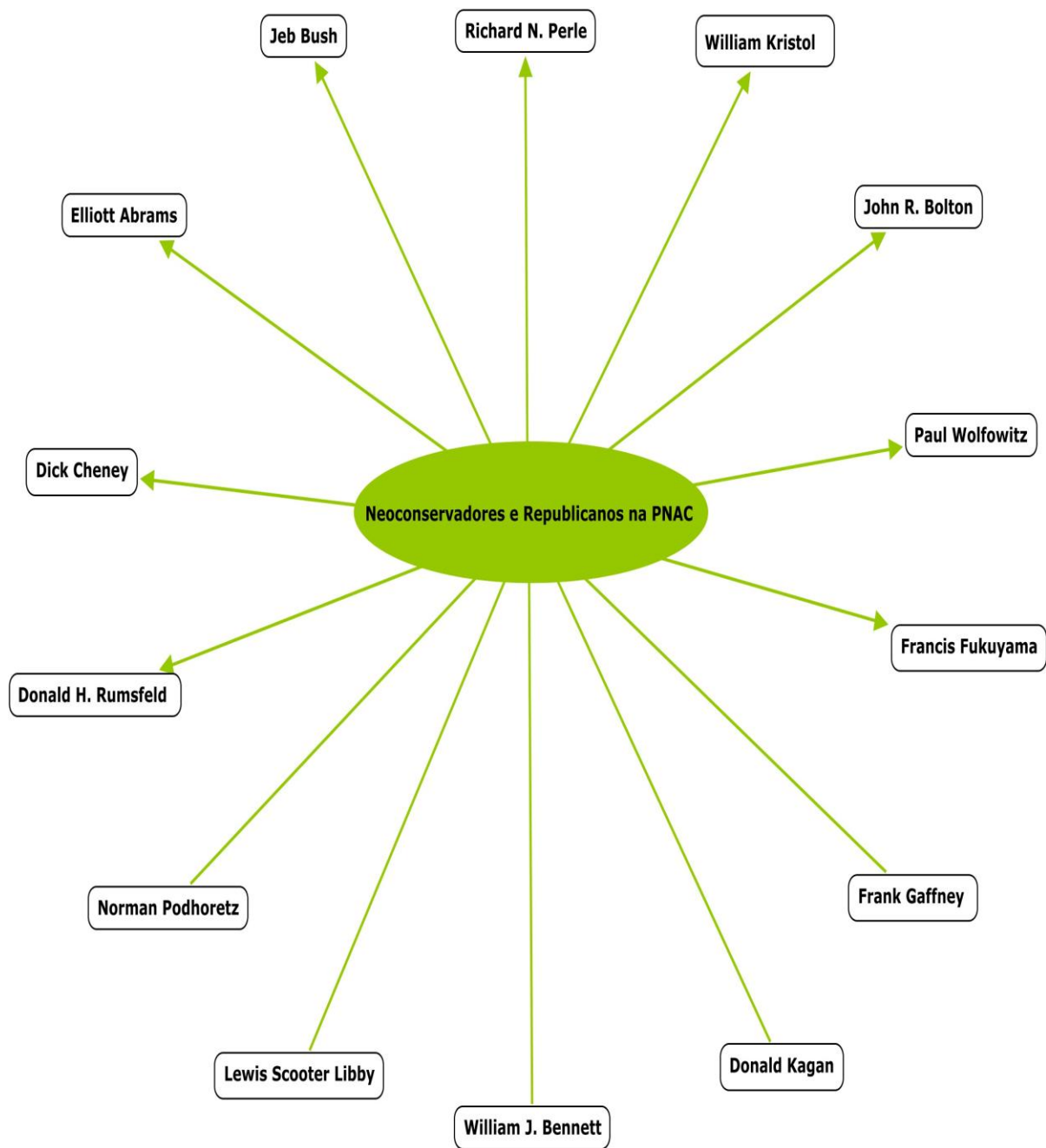


Figura 26 Neoconservadores na PNAC

Fonte: Finguerut (2008) Wattenberg (2008)

A exemplo de seu pai, que foi o editor de revistas como a *Public Interest* e *Encounter*, William foi o editor e um dos articuladores da revista *The Weekly Standard*. Tanto os debates promovidos pela publicação, quanto as posições defendidas pela PNAC³⁰⁰ tiveram grande influência e pressionaram tanto o governo Clinton, quando o de George W. Bush.

5.3 Neoconservadores e o governo George W. Bush³⁰¹

A administração de George W. Bush experimentou ao longo de seus oito anos de governo diferentes tipos de reações. Eleito em 2000 num contexto de polarização eleitoral em meio a disputas jurídicas e acusações de fraude, após os ataques terroristas em 11/09/01 passou a contabilizar índices de aprovação inéditos historicamente (um apoio digno de um presidente em guerra, porém rapidamente consumido após as contendas com o Afeganistão e o Iraque). A reeleição em 2004 foi tranquila, mas o mandato sofreu um dos maiores declínios de popularidade já vistos no país, queda motivada, sobretudo, por problemas como a lentidão na resposta inicial à crise humanitária provocada pela passagem do furacão “Katrina”, em 2005, fortes acusações de corrupção envolvendo a guerra do Iraque, além da derrocada financeira de 2008, o que fez com que terminasse seu governo com aprovação em torno de 30%³⁰². No gráfico abaixo evidenciamos esta variação, na qual o pico de aprovação e declínio crescente tornam-se e bem visíveis.

³⁰⁰ Vale lembrarmos, por exemplo, da carta aberta da PNAC ao presidente Clinton sobre o Iraque . Cf. em < <http://zfacts.com/metaPage/leib/98-Rumsfeld-Iraq.pdf>> Acessado em 28/11/2013.

³⁰¹ Parte desta discussão iniciamos em nosso ensaio “Dilemas da Política externa dos Estados Unidos entre George W. Bush (2000-2008) e Barack H. Obama (2009 – 2012)” “ publicado no Boletim Eletrônico Malala do GT OMMM, Cf. em < <http://www.usp.br/malala/> > Acessado em 29/11/2013.

³⁰² Cf. dados em: < <http://www.gallup.com/poll/124922/Presidential-Job-Approval-Center.aspx> > Acessado em 07/02/2013.

Gráfico 2 Aprovação do governo George W. Bush

George W. Bush's Job Approval Ratings Trend



Fonte: Instituto Gallup <<http://www.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx>> Acessado em 02/02/2013.

Ao longo de seus oito anos do governo, duas ideias ficaram associadas à sua administração: a defesa e prática da mudança de regime³⁰³, a ideia e defesa do poder americano como uma força benevolente de mudança e produtora de estabilidade no Sistema Internacional. Outro ponto central do governo Bush foi a importância que o Oriente Médio (e consequentemente o islã) passou a ter no contexto da declarada guerra ao terror. A tese da benevolência do poder americano, defendida por autores como Kagan (1998), tem como fundamento que nenhum problema mundial poderia ser resolvido sem os EUA. Por este pensamento, na medida em que o poder americano se expandiria, o mundo ganharia em eleições democráticas, direitos às mulheres, melhores condições de trabalho, aumento de renda e direitos humanos de modo geral. Quanto mais países estivessem portando tais valores, maiores seriam as possibilidades de atração de aliados, países e povos por parte dos EUA. Um contexto assim também inibiria a possibilidade de conflitos entre os EUA e outros povos. Kagan (1998) defende este poder de atração enfatizando que os valores defendidos pelos EUA e seus objetivos (quando em guerra) não são egoístas, produzindo em suas ações bélicas um mundo melhor. Para o autor, todas as ações americanas têm por interesse a ordem global, pressuposto que o país compartilha com todos os povos, europeus, russos, chineses e muçulmanos. Segundo Kagan, a contradição presente nas inferências dos críticos do poder unilateral dos EUA decorre da impercepção de que

³⁰³ A ideia de intervir num país soberano e mudar seu regime político.

na existência de uma ordem multipolar não haveria quem assumisse o preço e as responsabilidades quanto à estabilidade e à ordem do Sistema Internacional. Portanto, por esta linha de raciocínio, só caberia os EUA insistirem no unilateralismo, apesar dos críticos e apesar dos eventuais desgastes que compõem o preço a pagar por ser, nos termos da ex-secretária de Estado de Bill Clinton, Madeleine K. Albright, “a nação indispensável”.

George W. Bush, a partir dos ataques de 11/09/01, enviou sinais ambíguos ao mundo quanto aos rumos do poder americano. Ao mesmo tempo em que as nações se uniram em condenar os ataques e a se solidarizarem com os EUA, Bush sinalizava para uma ação solitária na qual o mundo escolheria o lado americano ou o lado dos terroristas³⁰⁴. E uma vez que os terroristas estavam associados ao Islã (via Al Qaeda, Taleban, Afeganistão e Iraque), muitos comentaristas retomaram e reinterpretaram as teses de Samuel Huntington, que em 1996 havia lançado “O Choque de Civilizações”, teoria segundo a qual após a guerra fria os conflitos mundiais seriam produzidos majoritariamente por questões de natureza cultural ou religiosa. Dentre as reinterpretações da tese de Huntington, passou a ter influência a formulada por Norman Podhoretz, presente no livro *World War IV: The Long Struggle Against Islamofascism*, de 2007. Nele, o autor argumenta que os EUA, após o 11/09/01, estavam envolvidos em uma série de conflitos (Afeganistão, Iraque, contendas diplomáticas com o Irã) sem, contudo, ter um inimigo claramente definido. Para Podhoretz (2007), o ultrafundamentalismo do islã, expresso pelo Taleban, somado à estrutura autoritária na organização política, manifestada pelo regime de Saddam Hussein no Iraque, gerou o que definiu ser o “islamofacismo”. Tendo os EUA já derrotado o nazifascismo europeu e o fascismo soviético, caberia agora então derrotar essa nova configuração do totalitarismo. Em sua interpretação, os acontecimentos do 11/09/01 não foram uma surpresa, mas apenas o sinal para os EUA reconhecessem um inimigo já existente. O “islamofascismo” (único inimigo a atacar o solo americano e seus principais símbolos de poder) enquadra-se na condição de adversário máximo na medida em que apresenta uma visão de mundo totalmente inconciliável com o modelo instituído pelos americanos. Contudo, como frisa Podhoretz em entrevista a Peter Robison para o *Hoover Institution*³⁰⁵, os EUA, apesar de já

³⁰⁴ Nos termos de George W. Bush (no original): “Every nation, in every region, now has a decision to make. Either you are with us, or you are with the terrorists.” (in: President Bush's address September 21, 2001, in Congress. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2001/US/09/20/gen.bush.transcript/>> Acessado em 08/02/2013.

³⁰⁵ Cf. em: <<http://www.nationalreview.com/media/uncommonknowledge>> Acessado em 08/02/2013.

completar mais de década na guerra ao terror, ainda conhece pouco sobre o islã e não tem um consenso claro sobre qual é sua estratégia e seus objetivos nesses conflitos.

Esta mesma percepção (não conhecer o islã e não ter uma estratégia clara) também foi apresentada por Madeleine K. Albright (2003), que aponta como um dos grandes problemas da reação do governo Bush ao 11/09/01 a ausência de um espectro de escolhas, uma moldura que permitiria definir claramente quais seriam os interesses em jogo, as possibilidades de ação e os objetivos a serem atingidos. Não tendo esta moldura, assinala Albright, os EUA rapidamente passaram a ser um poder temido e não mais benevolente.

De acordo com a autora (2003), a política externa de Bush frente ao terrorismo islâmico isolou os EUA ao se pautar por ações que envolviam preempção, sem uma aliança clara, criando a imagem de uma nação sozinha, disposta apenas a se manter mais forte e mais poderosa do que as demais e não construindo alianças. Para Kristol e Kaplan (2003) a reação aos EUA não foi por justiça, mas em prol de uma luta global contra uma ameaça global – ou seja, mais uma vez os EUA estaria colocando seu poder a serviço da ordem global e da segurança de outras nações. Albright (2003), em outras palavras, classifica este novo momento a partir da estratégia de segurança nacional desenvolvida 2002, na qual surge o conceito de “autodefesa antecipatória”. Por essa noção, os EUA iriam aonde fosse preciso para se prevenir de novos ataques como os de onze de setembro. Foi, portanto, neste espírito preventivo e antecipatório que o governo de George W. Bush justificou a Guerra do Iraque, alegando que Sadam incentivava o terrorismo, mantendo suposta ligação com a Al-Qaeda além de haver indícios da presença e proliferação de armas químicas e biológicas naquele país. A Guerra do Iraque para Albright (2003) representou um novo sentido para a guerra ao terror em suas palavras³⁰⁶ (2003, p. 06):

Bush reformulou sua questão inicial: Ao invés de simplesmente pedir aos outros para se oponham a Al Qaeda, ele passou a pedir para que se oponham a Al Qaeda, apõem a invasão a um país árabe e apõem uma doutrina de preempção, tudo isso compondo um único pacote.

Neste sentido, a guerra do Iraque e seus desdobramentos criaram na opinião pública internacional a sensação de serem os EUA uma nação inconsequente, que age pelas suas próprias vontades e George W. Bush passou a ser a própria imagem do Sr. da Guerra. Aos analistas da

³⁰⁶ No original: “[...] Bush has reframed his initial question. Instead of simply asking others to oppose al Qaeda, he now asks them to oppose al Qaeda, support the invasion of an Arab country, and endorse the doctrine of preemption – all as part of a single package”.

política internacional a pergunta deixada pela volta do wilsonismo duro da política externa dos EUA no limiar do século XXI foi: Conseguiria os EUA construir e manter uma legitimidade para conquistar e produzir mudanças políticas, não só no mundo muçulmano, mas em qualquer outro lugar? Até onde iriam os EUA?

O governo Bush, além da questão de legitimidade e do alcance de suas ações militares (até onde poderia ir depois das guerras no Afeganistão e Iraque?), bem como da eficácia das mudanças de regime impostas aos países dominados, também despertou discussões em torno do futuro do poder americano: estariam os EUA se transformando num Império? Ou ainda: estaria o poder americano em declínio e o mundo avançando para uma ordem multipolar (ou “não polar”) nos termos do diplomata Richard N. Haass?

5.4 Os rumos do poder Americano e as novas (e velhas) ideias neoconservadores

Nos anos setenta do século XX, os neoconservadores eram críticos da percepção de que os EUA eram um poder perigoso e suspeito para a ordem e política internacional. Seus inimigos eram analistas e intelectuais como Henry Kissinger e James William Fulbright³⁰⁷. Neste sentido, a visão de política externa do grupo pouco mudou quando comparada ao que projetavam para os EUA diante da ameaça soviética e ao que compreendiam diante da ameaça do terrorismo islâmico a partir do final dos anos noventa século XX (mais especialmente após os ataques de 11/09/01). Para eles, trata-se de pensar o poder americano e a própria experiência americana enquanto nação – entendida como já vimos como uma experiência excepcional – que qualifica os EUA a liderarem e transformarem o mundo.

Dentro da lógica de transformar o mundo destacam-se as ideias de democracia e do papel preponderante das forças armadas. Diante da ameaça terrorista islâmica a tese básica era de que um mundo mais democrático iria diminuir os riscos de novos ataques e da proliferação de terroristas e de nações com armas de destruição em massa (ADMs). O 11/09/01 seria assim um

³⁰⁷ Fulbright foi senador entre 1945 e 1975, defendia uma política externa mais multilateralista, valorizava a ONU, nos anos cinquenta foi um dos principais críticos das cruzadas anticomunistas domésticas do também senador Joseph McCarthy e um crítico da Guerra do Vietnã nos anos sessenta.

marco dentro de um processo que levaria os EUA a redefinirem a ordem e o funcionamento da política internacional. Em outras palavras, por meio de seu poderio militar, o país desenvolveu uma ordem liberal democrática pautada por mais liberdade, democracia, livre comércio e direitos humanos. Para a manutenção dessa ordem, o governo George W. Bush não descartaria ações preventivas, unilaterais e sem respaldo da ONU ou de outros regimes internacionais.

As ideias e estratégias pós 11/09/01 foram melhor apresentadas em documentos como o *National Security Strategy* de 2006, ou em discursos de George W. Bush como o do *State of the Union* de 2002. Em ambos os casos os pontos centrais dão conta da existência de em uma luta global contra o terrorismo por tempo indeterminado, frisam a necessidade preemptiva, ou seja, de agir antes e enfatizam o papel dos EUA de enfrentar e vencer seus inimigos produzindo estabilidade. O foco era prevenir novos ataques tendo um bom serviço de inteligência, boas relações com países aliados e ser específico nos alvos e inimigos a enfrentar. Os alvos escolhidos foram o Iraque e o Afeganistão, o primeiro pelas suspeitas de ADMs e de vínculos com os ataques de 11/09, mas também pelo lógica preventiva: um Iraque sem o regime de Saddam Hussein seria mais seguro para a região e para os EUA. No caso do Afeganistão a ideia era mostrar os EUA na ofensiva, buscando isolar a rede terrorista Al-Qaeda, à qual foi atribuída a responsabilidade pelos ataques nos EUA, freando também a proliferação de ADMs e enfrentando o regime dos talebans entendidos como opressores e inimigos da liberdade. Em síntese, tendo êxito com a mudança de regime no Afeganistão e no Iraque, os EUA estariam moldando um mundo mais democrático e mais seguro.

A curto prazo a estratégia americana como reação ao 11/09 era partir para ações preemptivas, controlar e combater as ADMs e, de forma preventiva, não iriam mais tolerar regimes como de Saddam Hussein ou do Taleban, que seriam regimes instáveis, corruptos e que poderiam financiar ou proteger grupos terroristas, o que por sua vez faria parte da estratégia vital para os grupos terroristas como da Al-Qaeda. Nas palavras de George W. Bush (2008, p. 172):

qualquer nação que abrigasse terroristas passaria a ser responsável pelos atos desses terroristas. Esta nova doutrina anulou a abordagem do passado que tratava grupos terroristas como algo distinto de seus patrocinadores³⁰⁸.

³⁰⁸ No original: any nation that harbored terrorists to be responsible for the acts of those terrorists. This new doctrine overturned the approach of the past which treated terrorist groups as distinct from their sponsors. (2008, p. 172).

A longo prazo, a estratégia americana era uma aposta no poder transformacional da democracia. Esta aposta não é uma novidade do governo George W. Bush. Durante o governo Clinton (1993 – 2000) já se discutia e se projetava a ideia de uma diplomacia transformacional para os EUA por meio da qual se produziria e se incentivaria “países responsáveis”, que seriam incentivados por meio de investimentos, acordos bilaterais, posturas de bom comportamento dos regimes, visando a longo prazo transformação de países governados por regimes tirânicos em democracias efetivas.

Se buscarmos o rastro de tais ideias (cujo foco é a prática de uma política externa internacionalista, promovendo a democracia e transformando regimes) descobriremos que, desde os primórdios do século XX, as fundações atuam como esferas não estatais dessas relações. Essas fundações estabelecem relações com governos, partidos e com corporações. Algumas, como a *Ford*, *Rockefeller* ou *Carnegie* funcionam como mediadores entre ideias e aspirações de intelectuais, de corporações e de partidos. É o que assinala Pamar (2012, p.210):

As fundações foram criadas e liderada por construtores/ empresários auto-conscientes da era progressiva, eram cidadãos privados que apoiaram o poder do Estado para fins globalistas, hoje eles são os construtores autoconscientes da sociedade civil globais³⁰⁹.

O internacionalismo promovendo os valores liberais defendidos historicamente pelas fundações parte de uma determinada visão dos EUA a partir, principalmente, de duas características determinantes: seu passado anticolonial e sua superioridade industrial. Estas características determinariam um suposto sistema político superior projetando aos Estados Unidos a supremacia de uma política externa decorrente de sua força progressista única na história – o que, em outras palavras, significaria ser a nação capaz de levar paz, liberdade e prosperidade ao mundo.

A influência das fundações parte desde do financiamento de cursos de relações internacionais nas grandes Universidades dos EUA, passando pelos *think tanks* e universidades, sem necessariamente discriminar projetos liberais ou conservadores (no caso destas instituições) ou de abordagens realistas ou globalistas, no que concerne ao debate das relações internacionais. No debate pós-Guerra Fria as fundações fomentaram um debate que apontava para um

³⁰⁹ No original: [...] the foundations were created and led by self-conscious progressive-era state builders, private citizens who backed state power for globalist ends; today they are self-conscious global civil society builders. (Pamar, 2012, p. 212)

direcionamento argumentando pela racionalidade de um engajamento global por parte dos EUA promovendo a democracia.

No debate acadêmico, o foco nas discussões centrou-se da *Teoria da Paz Democrática*, pela qual se alertava que as zonas do mundo não democráticas seriam áreas de ameaça e de instabilidade (guerras, conflitos ou proliferação do terrorismo). Uma vez democratizadas, tais regiões tornariam o mundo mais pacífico, estável e mais favorável para a globalização. Sendo assim, vingaria a ideia de que sociedades abertas, com mercados abertos e integrados num ambiente de paz democrática promoveria o pleno e ideal funcionamento do capitalismo global.

A *Teoria da Paz Democrática* (TPD), que ganha força a partir dos anos de 1990 no contexto de se pensar o poder americano no pós-Guerra Fria, constituiu a sedimentação de uma base teórica visando à legitimidade intelectual para se promover e se buscar mudanças de regimes que resultassem em democracias. Sua formulação contou com participação de alguns intelectuais próximos ao neoconservadorismo e a alguns *think tanks* também próximos ao círculos neoconservadores como o *Hoover Institution* e o AEI. Larry Diamond, professor de economia de Stanford e pesquisador do Hoover, foi um importante articulador da discussão sobre a teoria atuando como editor da *Journal of Democracy*, uma publicação vinculada a *The Johns Hopkins University*, instituição surgida em 1990 e que reúne, desde seu surgimento, trabalhos não só sobre democracia, como também sobre a promoção da democracia e sobre processos de transição democráticas.

Outro centro acadêmico com forte papel no processo de desenvolvimento da TPD, como nos mostra Pamar (2012), foi o *Belfer Center for Science and International Affairs*, vinculado a *Harvard University* e responsável pela publicação *International Security*, uma revista de grande credibilidade acadêmica. De acordo com Pamar, em 1997 o centro recebeu 700 mil dólares de financiamento para propor alternativas à política externa dos EUA no contexto do pós-Guerra Fria, o que resultou em um trabalho que apontava para a tese da promoção da democracia. Francis Fukuyama, assim como Robert Zoellick, dois nomes próximos aos neoconservadores e aos republicanos, transitavam entre *O Belfer Center de Harvard* e a Universidade de Princeton onde Fukuyama participava do *Project on National Security*, que além da discussão em torno da TPD também desenvolvia discussão acerca da mudança de regime.

Diante do governo George W. Bush, o *Project on National Security* (PNS), de Princeton, também recebeu financiamento, a partir de 2004, para pensar alternativas para a política externa e de segurança no contexto pós-11/09. Segundo Pamar (2008, p. 549), o diagnóstico de Princeton para a política externa de George W. Bush seria de: “assumir a liderança na criação de uma ordem mundial liberal operando fora do sistema das Nações Unidas, mas (aparentemente) defendendo os valores mais altos³¹⁰”. Em relatório final de julho de 2006, com forte respaldo bipartidário, como nos mostra Parmar (2008), o PNS indicaria como rumo para o poder americano um foco na segurança doméstica atrelado à construção de um ambiente externo benigno – o que ocorreria através de guerras preventivas contra Estados em situações externas e com algum aval da comunidade internacional. Interessante enfatizarmos que este aval na comunidade internacional não significa necessariamente das Nações Unidas, paralelamente à discussão da TPD muito se discutia o papel e a legitimidade da ONU³¹¹.

A consolidação da TPD como rumo para a política externa dos EUA de certa forma é a superação da doutrina da contenção, cuja crítica os neoconservadores já faziam desde dos anos de 1970 (e a ideia dos EUA promoverem seus valores moldando e liderando a política internacional apenas reforça uma percepção de que os neoconservadores há muito tempo também já discutiam acerca da excepcionalidade americana e da defesa moral do capitalismo).

5.5 Neoconservadores e o conservadorismo americano: convergências e divergências

Retomando a tentativa de definir um tipo ideal neoconservador, poderíamos elencar quatro características: o passado na esquerda, o envolvimento político pelo anticomunismo, a crença na excepcionalidade americana e a crítica ao liberalismo americano, especialmente ao Estado de bem-estar Social. Estas quatro características ao mesmo tempo atraem e repelem outros

³¹⁰ No original: take the lead in creating a liberal global order operating outside the U.N system but (apparently) upholding the taller values.

³¹¹ Cf., por exemplo, discussão em torno de uma nova Liga das Nações. Robert Kagan : The case for a league of democracies < ft.com/cms/s/0/f62a02ce-20eb-11dd-a0e6-000077b.com > Acessado em 29. 11.2013. Cf. também testemunhos de Newt Gingrich e de Jeane J. Kirkpatrick em 2005 no contexto das discussões sobre uma reforma na ONU promovidos pelo *Committee on International Relations* do Congresso dos EUA. Disponíveis em < <http://www.aei.org/search/United+Nations+Reform> > Acessado em 29/11/2013.

autores do conservadorismo (conservadores sociais, da direita cristã, os libertários e os paleoconservadores³¹²) e suscita algumas desconfianças, como reveremos a seguir.

³¹² Para uma discussão sobre cada um destes atores específicos Cf. sessão 2 da tese)

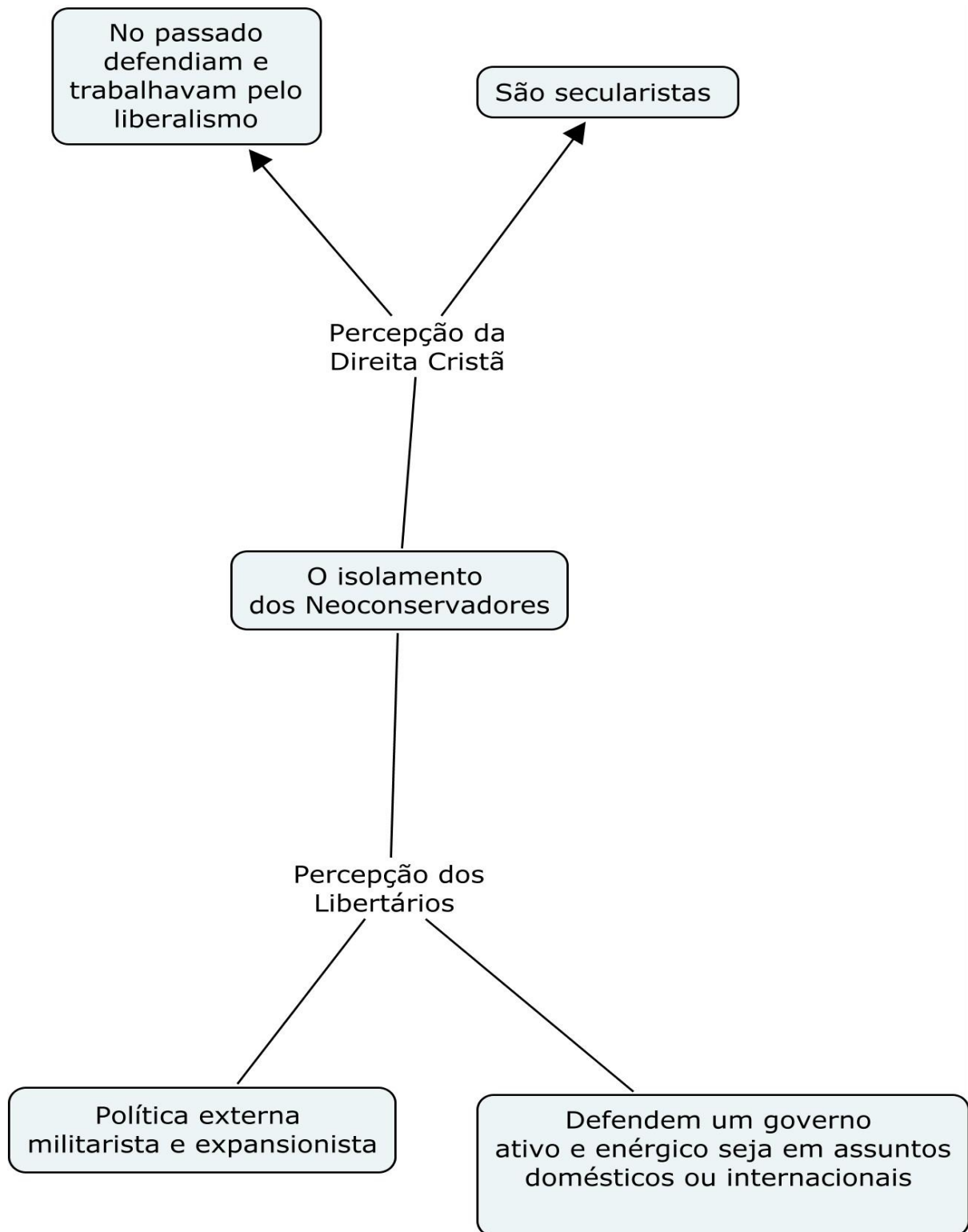


Figura 27 O Isolamento dos Neoconservadores

Fonte: Criação do Autor.

5.6 Neoconservadores vs. Libertários: Estado de bem-estar Social e Política Externa

Um ponto que une a trajetória dos neoconservadores é a crítica e certa desilusão com as promessas do liberalismo. Na mesma linha, os libertários também não se sentem constrangidos em se juntarem a eles no combate às políticas de bem-estar social, por exemplo. Ambos parecem concordar com a lógica de que “o remédio não cura”. William Kristol (*in* Lucht, 1995), em palestra promovida pela rádio CBC do Canadá, argumenta que a ideia mais elementar do Estado de bem-estar social é a de ajudar os mais pobres. Mas, segundo sua análise, o problema é que mesmo após um longo tempo de ajuda, os mais pobres seguem indo muito mal.

Milton Friedman, um dos tipos ideais que discutimos dentro das ideias libertárias, certamente concordaria com a crítica de Kristol quando ao EBS e frisaria a necessidade de ver as coisas como elas são, ou seja, o éxito do Estado estaria em garantir a máxima liberdade possível ao indivíduo e não benefícios, seguridade ou outras formas de bem-estar social. Em entrevista a Peter Robertson (2000) Friedman sustenta que o único argumento para se opor a qualquer intervenção estatal é constar que quando ela ocorre ela é ineficiente, quando não prejudicial a todos os envolvidos. A diferença e o desencontro entre neoconservadores e libertários aparecem na dimensão, profundidade da crítica ao Estado de bem-estar social. Neoconservadores tentam conciliar certos valores tradicionais (como a importância da família, da lei, da ordem do bom funcionamento das instituições, etc.) a defesa do capitalismo, relação que não existe na argumentação dos libertários.

Os libertários defendem de forma até mesmo radical a supremacia da liberdade sobre qualquer outra coisa e defendem que há coisas, áreas e setores da sociedade e, sobretudo, da economia, que o governo não consegue resolver. Já os neoconservadores apresentam certa ambiguidade quanto ao tema do papel do Estado. Quando o tema é política externa, como vimos, projetam um papel ativo e transformador para os EUA. A sustentação desta política externa internacionalista e transformacional, podemos chamar de wilsoniana, que oscila entre posições *hard* e *soft*, em boa parte sustentados por uma ideia dos Estados Unidos como nação excepcional com a necessidade de ser enérgico com os inimigos. Para os libertários não há dois princípios ou duas lógicas para se diferenciar a política doméstica da política externa. Em entrevista com David

Boaz³¹³, pesquisador sênior do maior *think tank* libertário dos EUA, quando perguntamos sobre qual seria uma política externa libertária, ele nos respondeu:

Os libertários não defendem que o governo dos EUA em sua política externa deva ajudar empresas americanas. Defendemos que o governo não interfira nos negócios americanos, deixá-os produzir, inovar e fazer comércio, mas não forcem nossa forças armadas a estarem a serviço das empresas. Eu não sei o que estender (quando neoconservadores) argumentam por uma política externa agressiva, mas certamente esta não é uma bandeira libertária. Se pensarmos em "Qual seria o objetivo de uma política externa libertária" a resposta seria trazer a liberdade para mais pessoas ao redor do mundo deixando as empresas americanas longe disso. Devemos libertar as mulheres do Afeganistão? Levar mais liberdades ao mundo árabe? Isso seria algo que os libertários poderiam dizer "sim" e que parece uma boa coisa a fazer. No geral, eu acho que os libertários são a favor de um governo nacional forte, mas não agressivo ou intervencionista na política externa.

5.7 Neoconservadores *versus* Direita Cristã: a importância de Israel e dos valores tradicionais

A relação dos EUA com Israel é extensamente debatida e aqui pontuaremos como o tema aparece na relação entre dois atores centrais do conservadorismo americano: os neoconservadores e a Direita Cristã. Ambos são acusados de defenderem Israel e de defenderem uma relação especial entre os EUA e este país do Oriente Médio. Contudo, os motivos para esta defesa muitas vezes é um pouco mais de divergência do que convergência. Neoconservadores são comumente acusados de fazerem o chamado *lobby* de Israel via suas publicações, *think tanks* e pela projeção de uma política externa que favorece os israelenses em seus interesses geopolíticos e econômicos. Acadêmicos fora dos círculos neoconservadores que se interessam pela discussão sobre segurança e pelo Oriente Médio acusam os neoconservadores de não aceitarem um debate crítico sobre Israel. Paleoconservadores, como Patrick Buchanan (2003), chegam a acusar os neoconservadores de colocarem os interesses dos israelenses à frente dos interesses nacionais.

Os neoconservadores comumente se defendem negando ter todo este poder e influência que seus inimigos imaginam que eles tenham, relativizam também a participação de intelectuais neoconservadores em grupos que efetivamente defendem os interesses judaicos ou de

³¹³ Cf. pesquisa na íntegra em anexo.

Israel nos EUA como, por exemplo, na *American Israel Public Affairs Committee* (AIPAC), ou *Jewish Institute for National Security Affairs* (JINSA) e enfatizam também que Israel não é o único alvo de *lobby* em Washington D.C – e sequer um dos mais eficazes – lembrando o papel de grupos como o *National Rifle Association* (NRA) e o *Gun owners of America*, que são muito eficientes na defesa do direito dos cidadãos americanos de ter e portar armas³¹⁴. Por fim, lembram também o caso dos cubanos-americanos que defendem e influenciam com êxito perpassando por administrações republicanas e democratas na política externa dos EUA quanto à Cuba.

Diante da acusação de conspiração judaica, oriunda às vezes de paleoconservadores e recorrentemente da extrema-direita, os neoconservadores buscam distinguir alguns conceitos como o significado de ser sionista, o que é antissemitismo (e como ele se manifesta), mostrando como estas manifestações implicam e perpassaram o debate (e eventual defesa) sobre Israel e os desdobramentos nos EUA e sua comunidade judaica.

Na veemente defesa de Israel, os conservadores (com destaque para Direita Cristã) sempre fazem coro com neoconservadores. Muitas vezes a argumentação pró-Israel é mais forte e enfática na Direita Cristã (DC)³¹⁵ do que entre os neoconservadores. Todavia, as razões e motivações da DC para defenderem Israel são muitas vezes distintas e destoantes da argumentação dos neoconservadores. Enquanto os primeiros, muitas vezes, falam de Israel como o lar judaico e como parte da civilização ocidental a ser defendida pelos EUA, os neoconservadores geralmente enfatizam o regime democrático de Israel e a importância de defendê-lo em nome dos interesses dos EUA no Oriente Médio.

Para alguns autores, como aponta Diamond (1995), o interesse da DC por Israel e pelo judaísmo teria fundamentalmente um interesse religioso e estratégico, justificadas por supostas profecias bíblicas e teorias teológicas que projetam a segunda vinda de Jesus Cristo atrelada à necessidade de primeiro reconquistar todo território da Israel mítica, passando pela volta de todos os judeus à terra prometida até a conversão dos judeus ao cristianismo, o que daria início a um novo reinado divino na Terra. Para outros autores, como Linn (2004), muitos pastores e ativistas religiosos como, por exemplo, Jerry Falwell (1933-2007) ou Pat Robertson, defendem

³¹⁴ Outros grupos bem organizados são: Academics for the Second Amendment; American Survival Guide, Doctors for Integrity in Research & Public Policy, Jews for the Preservation of Firearms Ownership e o Second Amendment Foundation.

³¹⁵ Cf. Por exemplo Jewish Policy Center < <http://www.jewishpolicycenter.org/> > ; Focus on the Family < <http://www.focusonthefamily.com/> > Plymouth Rock Foundation < <http://www.plymrock.org/> > e Liberty Counsel < <http://www.lc.org/> > . Todos os acessados em 14/02/2014.

e se interessam por Israel projetando no país a ideia de um Estado judaico e teocrático, um exemplo para os EUA, que deveria – nesta leitura – também ser uma teocracia, mas evidentemente cristã.

Já, quanto à defesa do conservadorismo social, tema central para Direita Cristã, os neoconservadores se mostram aliados pouco enfáticos, priorizando temas de segurança, de política externa e de economia. Mesmo quando os neoconservadores se voltam a temas culturais, o senso de crise e de urgência que temas como aborto, casamento gay ou o ensino humanista secular das escolas públicas têm para a DC, nitidamente não obtêm a mesma recepção por parte dos neoconservadores. É certo que neoconservadores valorizam a religião, mas é também certeza que, em se tratando de lutar pelo fim do Estado secular, a DC não encontraria muitos aliados entre os neoconservadores.

5.8 Conclusão desta seção

Nosso esforço, nesta seção, será o de pontuar a trajetória dos neoconservadores enfatizando suas formas de articulação e mobilização dando destaque para a forma com que se relacionam tanto com outros atores políticos, como com seus pares ideológicos.

Dentre as características que os distinguem, destaca-se o fato de serem muito articulados. Em parte, tal traço é consequência de constituírem um grupo coeso e relativamente pequeno de intelectuais. Entretanto, ao contrário de outras agremiações de intelectuais também pequenas, como os libertários, os neoconservadores nutrem uma unidade histórica não apenas pela defesa de determinadas ideias ou posições, mas também pela necessidade de reação articulada diante determinadas mudanças propostas pela espectro opositor. A trajetória do grupo, como viemos demonstrando, é pautada por estas reações: do antistalinismo enquanto estudantes nos anos de 1930; o anticomunismo nos anos 1940 e 1950; a reação à contracultura nos anos de 1960 e aos resultados (negativos) do liberalismo americano nos anos 1970. A partir dos anos de 1980, os neoconservadores passaram a pensar sobre suas próprias ideias e trajetória e se viram no *mainstream* do conservadorismo americano participando e articulando as alianças de sustentação e de direcionamento do governo Ronald Reagan.

Outro ponto destacável na trajetória do coletivo é a sua grande eficácia na mobilização de ideias através de inúmeras revistas e *think tanks*, nos quais discutiram e

mostraram-se ativos no debate sobre temas como mudança de regime, rumos do poder americano e o direcionamento da política externa dos EUA pós-Guerra Fria. Por verem suas ideias chegarem, algumas vezes, ao processo decisório e também pela proximidade de alguns de seus intelectuais com o poder, o grupo também vivencia desgastes e recebe fortes críticas – seja a partir de uma lógica da paranoia americana que imagina um grupo de intelectuais manipulando o governo, seja dentro do movimento, enfatizando que o grupo muda de ideias ou não consegue concretizá-las, se perdendo nos debates midiáticos e/ou na burocracia estatal.

Dentre as críticas, destacam-se aquelas que enfatizam o fato de os neoconservadores estarem sempre mudando de posição, seja da esquerda para a direita, seja do lado democrata para o republicano. Contudo, tentamos mostrar certa coerência nesta trajetória, como exemplificam todos os democratas/liberais, aos quais os neoconservadores se aliaram (ou simpatizavam). como o presidente Lyndon B. Johnson, ou os senadores Henry M. "Scoop" Jackson e Daniel Patrick Moynihan, que apresentavam características como o anticomunismo, críticas às políticas de bem-estar social ou projetavam uma política externa internacionalista e transformadora.

6 Duas variáveis difíceis na discussão sobre o conservadorismo americano: como medir a influências das ideias e como mensurar o papel dos intelectuais?

É corrente a afirmação, na literatura sobre o conservadorismo americano, de que a valorização entre os atores do movimento das ideias por eles geradas é ao mesmo tempo fonte e recurso que explicaria o êxito do grupo. E muitos desses estudiosos citam *Ideas Have Consequences*, livro de Richard M. Weaver, de 1948, como síntese dessa trajetória.

Nosso desafio, neste trabalho, será o de (para além de muitas vezes mapear, organizar e ordenar estas ideias) demonstrar como existem afinidades eletivas entre elas e como, através das delas, atores políticos se mobilizam e criam coalizões ou divergem a partir de um determinado ponto. Maior que este primeiro objetivo, porém, nossa principal busca será encontrar meios de entender e explicar como tais ideias são trabalhadas e lapidadas até encontrarem os caminhos que (através de livros, relatórios, artigos, ou via assessores, secretários ou funcionários da Casa Branca) as levem ao discurso do presidente.

Para tanto, precisamos inicialmente discutir o que é uma ideia, como ela pode ser trabalhada, para em seguida discutir como pode ser efetiva e ganhar outros rumos, chegando eventualmente a mudar o campo de forças e efetivamente transformar a realidade.

O filósofo político e ensaísta Carlos Nelson Coutinho (2000, p.09) define as ideias da seguinte forma:

Ideias são expressões condensadas de constelações sociais, meios privilegiados de reproduzir espiritualmente as contradições reais e, ao mesmo tempo, de propor um modo novo de enfrentá-las e superá-las.

Brandão (2007) enfatiza que as ideias estão enraizadas nas condições materiais da vida e propõe organizá-las em famílias com afinidades eletivas e ideológicas, mas também com grandes distanciamentos internos. Sendo assim, sugere que as estudemos para chegarmos na realidade e na compreensão do social. Em suas palavras:

Por mais sistemáticos e coerentes que um conjunto de ideias seja, seu desenvolvimento jamais é inteiramente imanente, mas sempre uma resposta a problemas reais. E [...] o que os pensamentos expressam é em função da natureza dos problemas postos pela sociedade em um determinado momento do seu desenvolvimento [...].

As ideias têm continuidade, linhagens e tradições. Steven Johnson (2011) frisa que têm várias mães e são consequência de um processo lento de pesquisa, observação, intuição, o que ele compreende como resultante do processo de perseguir palpites. Uma ideia nova, portanto, não passaria de uma combinação e de uma nova configuração entre outras várias, muitas vezes fruto de uma coletividade mais do que um indivíduo isolado. Portanto, para as estudarmos, devemos estar atentos às relações, ao trabalho coletivo e como elas circulam, seja entre livros, seja entre círculos intelectuais ou nas universidades, ONGs e *think tanks*. Estes espaços podem tanto fomentar ideias, como aperfeiçoá-las e adaptá-las a novas realidades e conceitos.

Neste sentido, por ter um caráter coletivo e relacional, as ideias podem ser melhor estudadas se nos atentarmos também ao papel dos intelectuais. Como nos ensina Sowell (2011, p. 05), “o trabalho intelectual começa e termina com ideias”³¹⁶

Para Dosse (2006), a figura dos intelectuais comporta um arcabouço de significados, como a perspectiva de um ponto de vista universal, o ofício de pensar e a difícil relação entre a sociedade como um todo e a ideia de uma elite, de ser vigilante da razão, conselheiro do príncipe ou crítico e revolucionário. Em síntese, o autor (2006) aponta que intelectuais estão por definição e ofício na luta ideológica e política de seu tempo. Isso implica uma relação constante e quase que existencial com o poder e com a cultura. Dosse (2006, p. 28) cita ainda o historiador Pascal Ory, que define os intelectuais como “homens de cultura postos num situação de homens políticos”. Já Parmar (2012) nos mostra como os intelectuais são figuras centrais também na defesa de interesses e visões de mundo de uma determinada classe. Nesse aspecto, o estudioso se apoia na discussão levantada por Antonio Gramsci para definir os intelectuais como um grupo que se torna ativo ao tentar formar um corpo social específico e distinto, envolvendo questões e temas da economia, política e cultura sem, contudo, perseguir fins práticos. Esta relação vivenciada pelos intelectuais entre cultura e política, poder e interesses, como enfatiza Parmar (2012), estão frequentemente numa posição contraditória (entre ter capital cultural num mundo no qual o que importa é o capital econômico ou estar próximo ao poder, assessorar o poder, mas sem conseguir efetivamente controlá-lo ou experimentá-lo plenamente).

Dosse (2006) nos lembra do caráter arriscado que a vida intelectual pode ter, uma vez que lida com princípios não tangíveis, se relaciona às vezes de forma ambígua com o poder “correndo o risco de ser preso e torturado, queimado, posto no ostracismo ou acabar crucificado”.

³¹⁶ No original: “An intellectual’s work begins and ends with ideas”.

Dosse relembra como exemplo a proposta dos *Subaltern Studies* que passa pelas ideias também de Gramsci, mas também por outros intelectuais como Edward W. Said para quem o intelectual teria um distanciamento, um estranhamento com a realidade que estuda e na qual se encontra. Como se fosse um exilado, um ser na margem que busca decifrar e, ao mesmo tempo, revelar uma realidade muitas vezes não tangível, podendo muitas vezes ser crítico de sua própria cultura. É por essas razões que se torna um ofício perigoso. Conforme afirma Dosse (2006, p. 29) “(este intelectual) não se sente em casa em sua própria casa³¹⁷”.

Godfrey Hodgson (2005) nos mostra que muitas vezes intelectuais compõem o *establishment*, isto é, pertencem ao grupo que está no poder (de forma articulada ou não). Podem, assim, alterar o *status quo* freando ou acelerando mudanças. Nos termos de Sowell (2011, p.34): “os intelectuais olham para o mundo a partir de suas ideias e teorias que nunca estão erradas e (concluem) que o mundo está errado e que é preciso fazer mudanças³¹⁸”. Sowell nos explica ainda que os intelectuais são perigosos porque vivem num mundo abstrato e projetam suas abstrações no mundo real. Em síntese, (2011, p 46) argumenta que, diante das desigualdades do mundo real, os intelectuais querem resolvê-las; ao pressuporem uma igualdade, querem explicá-la sempre prevalecendo-se da percepção de que “implícito a tudo isso se pressupõe que há algo de errado com os indivíduos e os grupos por serem diferentes em suas capacidades empíricas uma vez que nas potencialidades abstratas seríamos iguais³¹⁹”.

Historicamente, notamos nos EUA a ocorrência dos intelectuais buscando seu espaço no *establishment* e ao mesmo vivenciando uma relação social difícil pautada por grande desconfiança e até mesmo, como discute Hofstadter (1966), por uma tradição anti-intelectual. Contudo, como bem lembra Milne (2010), o anti-intelectualismo americano é uma tradição nova, uma vez que os pais fundadores poderiam facilmente se encaixar nessa categoria de pensadores, pelo fato de que teriam preocupações próprias do trabalho intelectual, atuando com o foco universalista proferindo julgamentos independentes, por exemplo.

A discussão, quando pensamos no papel destes estudiosos dentro do conservadorismo americano, passa a ser então saber como estes fazem com que suas ideias cheguem ao centro do

³¹⁷ “(este intelectual) no sentirse em su casa em la propia casa” Dosse (2006, p. 29).

³¹⁸ No original: Intellectual theories and intellectual vision cannot be wrong (so they conclude) that the real world is wrong and need changes.

³¹⁹ No original: “ Implicit in all this is the assumption that there is something wrong about individuals and groups being different in their empirical capabilities, since their abstract potentials have been presumed to be the same” (Sowell, 2011, p. 130).

establishment. Mais recentemente, a via mais recorrente têm sido as universidades, principalmente aquelas tidas como elite que funcionam como centros irradiadores de ideias, além de serem o espaço para possíveis recrutamentos por parte do processo decisório.

Milne (2010) aponta para a *Johns Hopkins University* fundada em 1876 como o primeiro modelo de universidade que incorpora a ideia de ter um corpo docente formado por professores pesquisadores – um modelo de universidade voltada para a pesquisa, importado das universidades alemãs. O modelo da *Johns Hopkins* foi posteriormente reproduzindo também na Universidade de Chicago, fundada em 1892 e em Stanford, de 1891, servindo ainda como parâmetro para outros centros já estabelecidos, como a *Columbia University* em Nova Iorque, fundada em 1754. Segundo o autor (2010), foram nestas universidades que o processo decisório passou a recrutar assessores, quadros administrativos e conselheiros. Para ele (2010), já a partir do governo de Theodor Roosevelt (1901 -1909) a Casa Branca passa a ser muito influenciada pelos debates e pelas ideias que surgiam nestes centros de estudo. O governo Woodrow Wilson (1913 -1921), ele próprio um doutor pela Johns Hopkins, colocou intelectuais como Walter Lippman em posição de influência especialmente no contexto do envolvimento dos EUA com a I Guerra Mundial. Sowell (2011) enfatiza o bom casamento que geralmente ocorre entre intelectuais e o tema da guerra. Pela facilidade de pensar de forma abstrata e por muitas vezes se sentirem acima de qualquer interesse, Sowell pontua como intelectuais agentes que foram centrais na elaboração de conceitos como o imperialismo que influenciou a política externa de Theodore Roosevelt, ou como do pacifismo que ganhou força após a I Guerra Mundial. Outro ponto que Sowell (2011) enfatiza, nesta relação entre intelectuais e a guerra, é o papel destes no convencimento da opinião pública. Segundo ele (2011), quem está no poder está suscetível à opinião pública: a situação de uma guerra, por exemplo, impacta sobremaneira a opinião pública (o que justificaria o papel dos intelectuais no processo de convencimento e de reforçar o direcionamento do governo junto à sociedade). Mas Sowell (2011) também chama atenção para o caminho contrário, ou seja, se os intelectuais conseguem convencer a opinião pública, também conseguem eventualmente fazer com que o Estado siga o que eles pensam. Segundo o autor, essa é uma perigosa via de mão de dupla.

De toda forma, a relação entre o processo decisório e a influência dos intelectuais nos EUA só cresceu ao longo do século XX, ganhando estes, a partir da Guerra Fria, o caráter de indispensáveis, conforme afirma Milne (2010).

Na tabela abaixo, como podemos notar, foi muito grande a influência destes pensadores no cenário da Guerra Fria:

Tabela 4 Intelectuais e a Guerra Fria (1947 - 1991)

Intelectual	Universidade de Origem	Função que teve no governo
Paul Nitze	Johns Hopkins	Secretário da Marinha (1963 - 1967) Segundo na hierarquia da Secretaria de Defesa (1967 - 1969)
McGeorge Bundy	Harvard	Assessor de Segurança Nacional (1961 - 1966)
Walt Whitman Rostow	MIT	Assessor de Segurança Nacional (1966-1969) Assessor da Secretária de Defesa (1961)
Henry Kissinger	Harvard	Assessor de Segurança Nacional (1969 - 1975) Secretário do Departamento de Estado (1973-1977)
Zbigniew Brzezinski	Columbia	Assessor de Segurança Nacional (1977 - 1981)
Jeane Kirkpatrick	Georgetown	Embaixadora dos EUA na ONU (1981-1985)
Paul Wolfowitz	Johns Hopkins	Diretor de Política e Planejamento (1981/82) Assessor da Secretária de Estado (1982 – 1986) Embaixador na Indonésia (1986 – 1989)

Fonte: Construção feita com base na discussão de Milne (2010) e Halberstam (1972).

No período posterior ao conflito indireto entre EUA e URSS a relação entre intelectuais e o processo decisório só fez aumentar, criando um cenário em que alguns pesquisadores qualificados em uma dada área passam a ser um atores políticos influentes. Num recorte mais recente, destacamos o caso de Robert Reich, secretário do trabalho no governo

Clinton entre 1993 e 1997, que trabalhou em *Harvard*. Antes de assumir seus postos no governo, a secretária Condoleezza Rice (assessora de Segurança do governo George W. Bush entre 2001 e 2005 e Secretária de Estado entre 2005 e 2009) era vinculada à Universidade de Stanford. Anne-Marie Slaughter, que na administração Obamada esteve à frente da Diretoria de Política e Planejamento, veio da universidade de Princeton.

Como vimos, são muitos os intelectuais que conseguem chegar ao *establishment*, alguns despontando por suas pesquisas acadêmicas, outros agindo coletivamente, contudo, é importante investigarmos também estas formas.

Uma destas formas é pensarmos nos grupos de interesse que se mobilizam nas campanhas. Nos termos de Herrnson (at. All, p. 02, 2012³²⁰): “grupos de interesse fazem *lobby* junto a oficiais do governo, junto à mídia e junto ao grande público num esforço de influenciar nas leis e nas regulamentações”. Para Christopher J Deering³²¹, cientista político, professor da *George Washington University*, com quem tivemos a oportunidade de conversar sobre grupos de interesse, é preciso diferenciar duas formas de atuação: há os chamados grupos de interesse propriamente ditos (que seriam mais ideológicos e que financiam candidatos e promovem antipropaganda com base num recorte ideológico claro) e haveria também os chamados grupos de acesso (que acabam financiando candidatos sem foco ideológico buscando mapear interesses locais, regionais ou nacionais). Os principais financiadores dos grupos de interesse são sindicatos que promovem o apoio a candidatos liberais e contra os conservadores e as indústrias que tendem a apoiar candidatos republicanos, conservadores contra candidatos liberais. Estes grupos de interesse classificados como de acesso são majoritariamente financiados por grandes empresas, corporações e fundações.

Os grupos de interesse muitas vezes se materializam na forma dos *Political action committees* (PACs) que arrecadam dinheiro visando financiar ou auxiliar na campanha de candidatos pré-selecionados. Este auxílio à campanha pode ser feito na forma de trabalho voluntário, anúncios e de estratégias eleitorais, como também pode ser na forma de antipropaganda, financiando anúncios contrários e de ataque ao candidato adversário. Segundo Christopher J Deering, o impacto dos PACs não é uma novidade na política eleitoral

³²⁰ No original: Interest groups lobby government officials, the media, and general public in an effort to influence laws and regulations.

³²¹ Cf. *Interest Groups Unleashed* organizado por Paul S Herrnson , Christopher J Deering e Clyde Wilcox, ed. CQ Press, 2012, NY.

contemporânea. É desde da sucessão de Eisenhower (1953 – 1961) que os PACs passaram a mobilizar e ser relevantes nas campanhas. O grande impacto dos PACs, como nos mostra Herrnson (at. All; 2012), ocorreu na retomada do Congresso pelos republicanos na eleição de 1994 e novamente (mais recentemente) em 2010³²², quando muitos republicanos *Tea Party* ganharam as eleições retomando a maioria perdida para os conservadores diante de Obama.

Outra forma de atuação dos grupos de interesse é por *lobbying*. O ponto central para pensarmos na atuação e no impacto que o *lobby* consegue é compreendermos que, tanto para conseguir, como para barrar certas coisas, sejam regulamentações, leis, investimentos ou políticas públicas, é preciso passar pelo governo. O objetivo de quem faz *lobbying* é o de afetar, influenciar ou (no limite) ser ativo nas decisões públicas – seja para aprovar ou convencer quanto a determinada posição, seja para evitar determinada decisão. Outras vezes, o objetivo é construir uma agenda, uma moldura para as discussões, gerando neste processo uma coalizão ou uma rede de atores interessados. O caso mais conhecido (e talvez bem sucedido) seja o chamado “*lobby* da arma” ou “*lobby* da 2ª Emenda”. Este envolve, desde os interesses dos fabricantes das armas, passando por grupos distintos, como de caçadores³²³, defensores da vida selvagem e grupos bem organizados, como a *National Rifle Association* (NRA) que possui 200 milhões de orçamento quase 2 milhões de membros³²⁴.

Se focarmos agora nas formas de atuação coletiva dos intelectuais em torno das ideias, devemos nos ater ao papel e às possibilidades de ação intelectual através das Fundações e dos *think tanks*. Ambos, por definição, não se encaixam no conceito de grupos de interesses mas, como veremos, configuram-se como um espaço privilegiado para pensarmos nas duas variáveis: o papel das ideias e a atuação dos intelectuais.

Os *think tanks* e as fundações buscam influenciar através de análises e de propostas de políticas públicas. Alguns *think tanks* (TTs) são híbridos, propondo tanto a análise, como advogando por determinadas políticas. No caso das fundações é interessante notarmos o papel que desempenham como mediadoras entre o Estado e as Corporações, entre os partidos e o

³²² Para uma discussão mais detalhada sobre estas eleições Cf. Cap.1 e 4 de *Paul S Herrnson* (at. All, 2012).

³²³ Segundo dados de Norquist (2008) de 2001, eram 13 milhões de americanos com licença para caçar, um hábito considerado em declínio.

³²⁴ Para uma discussão mais detalhada sobre a NRA, Cf. de Emilie Raymond, *From My Cold, Dead Hands: Charlton Heston and American Politics*, ed. The University Press of Kentucky, 2006. Sobre o *Lobby* da arma, Cf. *The Last Gun*, de Tom Diaz, ed. New Press, 2013. NY. E Ken Silverstein in: *Dirty South*, in: *Harper's Magazine*, nov. 2013, faz uma discussão interessante sobre a indústria do petróleo na Louisiana e destaca em algumas passagens como funciona o *lobby* desta indústria neste estado.

processo de formulação das políticas externas, por exemplo, ou entre os intelectuais e o *establishment* político internacional.

Como nos mostra Parmar (2012), as três principais fundações que atuam historicamente nos EUA foram construídas em torno do legado de três grandes industriais do auge da era progressista: a Fundação Ford (1936), a Fundação Rockefeller (1913) e a Carnegie Corporation³²⁵ (1911). O autor (2012) nos explica, por exemplo, que a Fundação Rockefeller surgiu pensando formas de proporcionar bem-estar social para toda a humanidade, combatendo as epidemias, a pobreza, o subdesenvolvimento e a ignorância, o que reflete a visão de mundo da era industrial, o auge do *american dream* que projeta o êxito dos EUA para o mundo.

Estas fundações, de forma geral, financiam programas filantrópicos, privados ou estatais, *think tanks*, revistas e jornais e projetos acadêmicos. Segundo Parmar (2012), todas se veem como bipartidárias, sem uma orientação ideológica definida e se pautam por duas ideias estruturais: evitar que a sociedade americana seja fechada e isolacionista e promover o internacionalismo liberal, entendido como uma ordem internacional pautada, ao mesmo tempo, por instituições internacionais (e com supremacia dos EUA), seja comercial, cultural ou de seu poder militar. Quando as fundações financiam projetos ou ONGs, ou simplesmente investem seus recursos, o modo de atuação, como nos mostra Parmar (2012), também segue um padrão. É formulado por um grupo restrito de especialistas ou intelectuais que implementam de “cima para baixo” tendo sempre um especialista na condução do projeto.

O papel dos intelectuais nas fundações parte destes pressupostos de combater o isolacionismo e promover o internacionalismo liberal, mas passa também pela disputa e pelo esforço de construir um consentimento, seja um consenso na opinião pública nos EUA, como entre as elites internacionais. O trabalho dos intelectuais ocorre atuando nas redes construídas pelas fundações nas quais, recrutando entre os considerados melhores nas universidades, no aparato estatal e nas indústrias, se cria um movimento de ideias, projetos e *know how* com o qual se promovem, por exemplo, estratégias de desenvolvimento econômico, valores como o empreendedorismo e se discutem ideias, como a construção da paz ou a promoção de liberdades individuais. A ideia de rede e de disputa pelo convencimento da opinião pública coloca os intelectuais numa grande estrutura de relações que envolvem *think tanks*, institutos,

³²⁵ Segundo Parmar (2012), Andrew Carnegie vendeu suas empresas em 1901 por 480 milhões, valor que o transformou na pessoa mais rica de seu tempo e ele então decidiu investir parte desta fortuna criando sua Fundação.

universidades, a mídia, os partidos políticos, agências governamentais, ONGs e grandes corporações. Esta rede se torna tão condensada e interligada que, segundo Parmar (2012), ela própria cria uma legitimidade para seu conjunto de intelectuais, misturando interesses públicos com privados e funcionando como um grande reservatório de ideias. Ainda, de acordo com Parmar, (2012, p. 275): “Fundações sabem com perícia construir redes que estarão preparadas para interpretar e transformar as crises em oportunidades para aqueles que estão no processo decisório ou para a população como um todo”.

No que concerne aos *think tanks*, são um espaço privilegiado para discutirmos como as fundações constroem esta rede de legitimidade em torno de *scholars*, intelectuais e especialistas sem precisar, como aponta Parmar (2012), prestar contas com transparência ou responder a eleitores, acionistas ou a qualquer ator externo. Os *think tanks* também nos ajudaram a entender o conceito de um *establishment* intelectual, seja para política doméstica, seja para a externa dos EUA.

6.1 Uma peculiaridade estadunidense: Os *think tanks*

“People sometimes ask, “what does a person who works at a Think Tank do – sit around and think? That must be a good job.” Ben J. Wattenberg

Parmar (2012) nos aponta que Durante a Guerra Fria, os quatro *tts* como eram os principais receptores de investimento e foco de interesse por parte das fundações. Dentre estes, destacavam-se o *Rand Corporation*, o *Brookings Institution* e o *Council on Foreign Relations* (CFR). No caso da CFR, fundada em 1921, a ideia era criar um *tt* que fosse sinônimo de autoridade em política externa e capaz de auxiliar o governo americano, seja dentro do Departamento de Estado, seja fortalecendo assessores produzindo conhecimento através de artigos, *papers* e seminários. A *Rand Corporation* começou suas atividades em 1945 com foco nos temas de segurança e forças armadas. O *Brookings Institution*, fundado em 1918, é considerado o primeiro *think tank*, cuja ideia básica era usar recursos privados para analisar e também diagnosticar problemas nas políticas públicas, construindo assim novas possibilidades e novos rumos para o funcionamento do processo decisório. Parmar (2012) argumenta que,

principalmente nos anos de 1930, que marcam o começo da Guerra Fria, a Rand, CFR e o Brookings tiveram um peso crucial para a construção de um consenso doméstico central para o direcionamento da política externa dos EUA diante da URSS.

Christopher J Deering, em entrevista ao autor, lembra que os *think tanks* não são grupos de interesse, pois operam como *insiders*, dentro de um mercado de ideias fornecendo-as, tanto para liberais, como para conservadores. Formam, desta forma, um grupo de interesse posicionado do lado de fora dos círculos de poder, mas que ao mesmo tempo almeja pressionar, alterar ou barrar o que esta sendo discutido, decidido ou construído dentro do processo decisório. Os *tts* estão, portanto, dentro do processo de formulação das políticas públicas nos EUA. De temas técnicos, como a formulação do orçamento a projeções de cenários para dez, vinte ou cem anos, os *tts* estão abertos ao processo decisório buscando aumentar a eficácia e o impacto de suas ideias e de seus quadros. Geralmente, reúnem vários especialistas, embora haja casos de *tts* formados por poucas pessoas. Na maioria das vezes produzem pesquisas com resultados mais rápidos que Universidades ou Institutos de pesquisa. Por esta razão, é comum encontrarmos a comparação entre *tts* e universidades apontando que os primeiros são mais hábeis que os segundos também por terem apenas pesquisadores sem alunos ou um quadro burocrático pesado como ocorre em boa parte das universidades.

Segundo Weidenbaum (2011), existem cerca de 1400 *tts* nos EUA, o que movimenta a ordem de 411 milhões de dólares por ano. Destes, os cinco maiores são o *Brookings Institution*, o *Heritage*, o *American Enterprise Institute* (AEI), o *Cato Institute*, o *Center for Strategic and International Studies* (CSIS) e o *Heritage Foundation*, que concentram algo em torno de 140 milhões. Na leitura de muitos pesquisadores que atuam e trabalham em *tts*, como é o caso do próprio Murray Weidenbaum (2011), ali se buscava a elevação e qualificação dos debates e da política estadounidense. Na leitura de acadêmicos, como é o caso de Christopher J Deering, o trabalho dos especialistas, *scholars* e intelectuais nos *tts* tende a ser limitado e enviesados. Em suas palavras:

Na academia há a ideia de objetividade e de valores neutros, claro que todos sabemos que acadêmicos têm preferências que tendem mais a ser liberais do que conservadoras. Mas a questão é que se você faz na academia uma análise política - mesmo se você tiver ideias conservadoras - você pode fazer isso sem se transformar apenas num militante ou em alguém que advoga por determinadas políticas conservadoras. Num *tt* isso não é

possível pois o que eles querem de fato é reforçar e produzir como um estoque de ideias a serviço de conservadores ou liberais dependendo do perfil do *tt*.³²⁶

Os *think tanks* querem, em síntese, para além da produção e circulação de ideias, impactar e serem decisivos no processo decisório buscando discutir e encontrar formas de influenciar e (re)direcionar as mudanças institucionais.

O *Heritage Foundation*, por exemplo, é conhecido como um *advocacy tank*; isto é, um *tt* que faz pesquisa buscando solucionar possíveis problemas nacionais e regionais da administração pública com o objetivo de apresentar alternativas e soluções capazes de persuadir, influenciar e convencer os formuladores de políticas produzindo, neste processo, um caminho para determinada visão social, política, econômica, cultural e de política externa para os EUA. Trata-se de estimular a ação ao longo do processo de elaboração de políticas públicas o que implica, por exemplo, maior presença e acompanhamento dos trabalhos legislativos e uma postura mais ativista junto ao Congresso dos EUA.

Podemos pensar no funcionamento dos *tts* pela atuação dos intelectuais e olhar para estes institutos aos moldes de uma Universidade sem, contudo a presença de estudantes onde seus pesquisadores se esforçam para ser influentes em assuntos centrais do debate político e do processo decisório. A matéria-prima destes espaços seria basicamente ideias, informações e dados que produzem um conhecimento que, por sua vez, pode ser manipulado, divulgado, transformado e lapidado.

Uma outra perspectiva é olharmos para os *tts* e enfatizarmos os interesses dos financiadores, que são grandes empresas, corporações, fundações e milionários que buscariam reunir um grupo de pessoas com credibilidade para melhor servir a seus interesses junto ao processo decisório. Neste sentido, estaríamos compreendendo estes institutos como partes de rede de interesse maior e seus intelectuais, *scholars* e especialistas comporiam o *status quo* formado num espaço que não é nem estatal, nem totalmente privado. Como Parmar (2012) argumenta, pensar neste sentido, é compreender os *tts* dentro da rede mantida e promovida pelas fundações –

³²⁶ No original: In academia there is the idea of objectivity and the pursuit for neutral values. We all know that academics have preferences that tend to be more liberal than conservative. But the point is that if you make political analysis with an academy how know - even if you have conservative ideas - you can do this without becoming a militant or someone who advocates for certain conservative policies. In a TT this is not possible because what they want is in fact strengthen and to produce a stock of ideas for conservatives or liberals depending on the Think Tank. Entrevista ao autor, março 2013.

principais financiadoras e mantenedoras destes institutos – que culmina na ideia de que (2012, p. 745): “(os *think tanks* almejam pela) preponderância global do *establishment* da política externa dos EUA³²⁷”. Ou seja, atuam forçando em síntese a supremacia dos EUA e a expansão de seu modo de vida.

Por definição, os *tts* são apartidários, entretanto, não são neutros. Eles buscam disponibilizar informações, dados e análises que sejam confiáveis, acessíveis e úteis para um determinado público com um objetivo claro, que pode ser, por exemplo, construir políticas públicas mais conservadoras, rever pontos polêmicos nas leis, garantir mais direitos para minorias, variando conforme o perfil ideológico e de atuação. Um tipo ideal de *tt* – com auxílio de McGann e Weaver (2000) e de Teixeira (2007) – teria seis características ou cumpriria seis funções básicas: 1) avaliar programas e produzir ideias e políticas públicas; 2) atuar como centro de pesquisa voltado para a inserção no jogo político; 3) apresentar-se como um espaço através do qual cidadãos organizados pressionam e buscam agir conforme suas necessidades; 4) como um grupo organizado, atuar como uma extensão do governo ao qual presta serviços; 5) sendo um grupo de intelectuais, fornecer informações e conselhos almejando influenciar o processo decisório e, 6) como “um agrupamento privado [...] dedicar-se a pensar e a produzir ideias de fora da administração pública, congregando pensadores das mais diversas origens, em especial intelectuais do mundo acadêmico.” (Teixeira, 2007, p. 19).

A atuação dos *tts* se encontra na órbita dos formuladores de políticas, que entendemos como sendo, por exemplo, funcionários da burocracia estatal, secretários, ministros, assessores, deputados, senadores, jornalistas, organizações civis, ONGs, grupos de interesse ou lobistas. Eles dialogam com estes grupos principalmente através do uso e do controle da informação. Os *tts* precisam disseminar ao máximo e com efetividade seus resultados para, desta forma, conquistarem espaço na opinião pública, oferecendo soluções, vendendo assim suas ideias, soluções e percepções (que podem ganhar determinada trajetória que culmine em mudança ou em reforma política, em novas políticas públicas que podem ser, por exemplo, de novos cortes nos impostos ou até mesma na declaração de uma guerra). Para tanto, os *tts* buscam inserções na opinião pública, no meio acadêmico e no processo decisório instrumentalizando, muitas vezes, as

³²⁷ No original: (TTs aspire for a) global preponderance of the American foreign policy establishment.

informações para enfatizar seus ideais, que podem ser de proteger Israel a proteger a família e os valores cristãos.

Neste sentido, é um foco estratégico importante para os TTs conseguir atrair as pessoas – principalmente seu público alvo – para seus seminários, reuniões, lançamentos e eventos em geral. Neste esforço a capacidade de publicizar torna-se central.

É interessante notarmos como os *think tanks* disponibilizam boa parte de seus materiais de forma gratuita ou com alto tratamento gráfico sem que por isso se cobre ou, quando é cobrado, sem que isso apareça no preço final. Muitos lançamentos de livros promovidos por *think tanks* aos quais pudemos comparecer, durante nossa pesquisa de campo em Washington D.C., incluíam um exemplar da obra distribuída gratuitamente aos presentes. Em eventos no CSIS, *Wilson Center* e *Heritage Foundation* notamos farta disponibilidade de material – tanto em formato eletrônico, como de *papers*, relatórios de estudos detalhados, artigos específicos e artigos opinativos estavam disponíveis. O caso dos eventos da AEI é dos mais curiosos, pois inclui seminários e palestras na hora do almoço (nos quais os convidados são recebidos com almoço gratuito).

Ben J. Wattenberg (2008), um dos pioneiros como *resident fellow* da AEI narra sua surpresa ao chegar a seu local de trabalho ainda no final dos anos de 1970 e encontrar uma máquina de refrigerantes gratuita à disposição da equipe e dos convidados. Refrigerantes grátis e almoço gratuito parecem grandes contradições para aqueles que defendem e argumentam pelos méritos do capitalismo, no qual, como bem sintetizou Milton Friedman, “não existe almoço grátis”. Contudo, a estratégia faz sentido, na medida em que atrai as pessoas e ajuda a publicizar as ideias da AEI.

Tendo muitas vezes funcionários do governo como público-alvo, a ideia de organizar seminários e eventos na hora do almoço e ao mesmo tempo oferecer a refeição sem custo, certamente funciona como um atrativo e (como podemos constatar) é estratégia bastante eficaz para atrair funcionários de departamentos como Estado, Defesa, além de funcionários do Congresso, entre outros. Além disso, a configuração das mesas também criam uma situação favorável ao *networking*, pois estas são coletivas (cada pessoa usa um crachá de identificação, geralmente com o nome e o vínculo institucional ou empregatício de modo que, ao chegar a uma dessas mesas, logo se tem a oportunidade de conhecer pessoas e se expandir as redes de contato). Weidenbaum (2011, p. 53) reforça nossa percepção ao apontar que:

Cafés da manhã, almoços e jantares oferecidos nas reuniões dos TTs é o equivalente que temos em D.C ao que encontramos nas mesas de jantar das famílias americanas onde ocorrem discussões e é aceitável (até mesmo preferível) que haja discordância.

Se pensarmos o número de pessoas que estão em Washington D.C. (seja nos poderes executivo, no Congresso, no Judiciário, nas Forças Armadas, na mídia, nas corporações, ou em outros tts e nas Universidades) e se pensamos que todos precisam almoçar, considerando ainda o alto custo de vida em D.C, os eventos com “almoço grátis” da AEI, frequentemente conseguem se destacar e atrair um público muito qualificado. Dos *tts* que visitamos, apenas a AEI oferecia “almoço grátis” mas, praticamente todos os outros visitados ofereciam bebidas quentes e geladas, sinal de que, às vezes, é nos detalhes que se vendem as ideias.

Parte do êxito de um TT é ser citado, ouvido, lido e considerado como referência numa determinada área e, para isso, é crucial, portanto, ter boa visibilidade para tornar-se referência e ser influente. Agindo desta forma, estes institutos conseguem criar um ciclo de influência crescente que se perpetua estabelecendo com o processo decisório um círculo de relacionamento fechado. Tornando-se uma referência por ser influente leva, um *tt*, por sua vez, a consolidar-se ainda mais, o que lhe possibilita almejar ainda mais influência. Em síntese, uma vez consolidado determinada área ou assunto, um *think tank* tende a brigar para ser ainda mais influente e quanto mais influente, mais sólida será sua reputação, almejando uma trajetória almejada por todos os institutos desta natureza.

O *Council on Foreign Relations* (CFR), por exemplo, pode ser considerado um exemplo deste percurso, tendo conseguido nos últimos quarenta anos, com exceções pontuais, ver a maioria dos secretários do Tesouro, Defesa e Estado e todos os diretores da CIA – além de dois presidentes (Nixon e Clinton) – serem escolhidos de seus quadros³²⁸.

Se pensarmos visualmente nesta busca pela influência teríamos algo como:

³²⁸ Para uma discussão mais detalhada sobre a trajetória da CFR Cf. Adrian Salsbuchi, *El Cerebro Del Mundo*, ed. Ediciones del Copista, Córdoba. 2003.

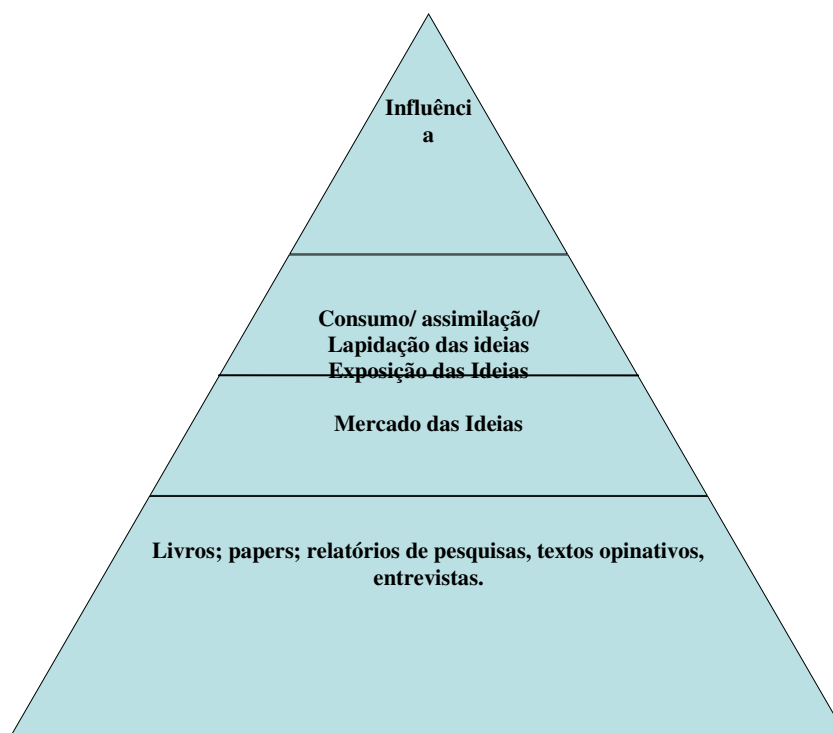


Figura 28 Caminhos para as ideias

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Todo processo decisório envolve basicamente uma ou mais motivações, algum comprometimento, um ou mais problema a resolver, diversas alternativas dadas pelas informações disponíveis para resolver o problema, o que implica em uma ou mais ações que, por sua vez, podem desencadear uma série de outras decisões (como num efeito dominó) das quais não há como voltar atrás. Portanto, para o formulador de políticas, tomar uma decisão pode ser algo de extrema complexidade, sobretudo, se pensarmos em que tal processo estão envolvidos o poder, o alcance e o tamanho do governo dos EUA.

É assim que os *TTs* constroem seu campo de atuação, fornecendo ao seu público-alvo informações que vão das mais básicas (como, por exemplo, o histórico de decisões anteriores em casos similares, ou dados precisos do orçamento disponível) passando pela construção de cenários e previsões nos quais as alternativas para resolver um problema ou para

implementar uma nova política são testadas, prevendo, por exemplo, consequências de longo prazo no orçamento ou possíveis derrotas ou vitórias eleitorais, chegando à filtragem das informações, notícias e análises diante do excesso de informações e de pressões, aos quais os formuladores estão sujeitos.

Outra característica importante dos *TTs* é que eles competem entre si, mas sem almejar o isolamento ou o distanciamento pleno de seus adversários mais diretos. Parece contraditório, mas os *TTs*, ao mesmo tempo em que competem pelo recrutamento de *experts* e por financiamento³²⁹, simultaneamente estão cooperando entre si para que certas ideias triunfem e para que os *think tanks* sejam relevantes para o processo decisório.

Para que projetos tenham êxito é preciso mais do que a atuação de um *TT* específico e para pensarmos numa determinada mudança institucional é inevitável pensarmos numa rede de *TTs*. Esta mudança tende a ser fruto de um movimento, uma rede de atores e de nomes, de *experts* e de projetos com uma congruência de diagnósticos que em seu conjunto criam, no processo decisório, a sensação de certeza e de convicção que permite a mudança e a sedimentação de um novo projeto.

Johnson (2011) usa a metáfora dos corais – utilizada por Charles Darwin para explicar o êxito da evolução – para explicar como boas ideias triunfam, ou seja, é preciso haver diversidade e, de certa forma concorrência, com várias possibilidades de combinações e de recombinações para que o ambiente permita a circulação das ideias e assim surjam inovações, novas ideias e novas combinações e soluções. Segundo Johnson (2011), os corais, recifes e atóis representam 1% da superfície da Terra, mas concentram 25% das espécies marinhas conhecidas. A principal diferença e impacto dos corais, como nos revela o autor (2011), está no fato de que, em suas palavras (2012, p. 09): “há tantas formas de vida diferente, ocupando uma série tão vasta de nichos ecológicos, habitando águas que de outro modo seriam extremamente pobres em nutrientes”

Se traspusermos esta discussão para nosso tema e pensarmos no ambiente dos *think tanks* em Washington D.C., podemos argumentar que a capital federal dos EUA funciona como uma espécie de arquipélago de corais para as ideias e para a atuação destes intelectuais.

Os dados são pouco precisos, mas arriscaríamos dizer que mais de 80% de todos os *TTs* em atividades nos EUA estão em D.C. e mesmo muitas vezes notando que eles competem e

³²⁹ Os *TTs* são por definição grupos sem fins lucrativos.

fomentam um mercado de ideias, enquanto coletividade funcionam como um ambiente de coral no principal sítio voltado para o processo decisório do país. Estando em D.C., os *TTs* melhor se conectam uns aos outros e assim também tanto compartilham suas ideias, como também as protegem. Nas palavras de Johnson (2011, p.24), podemos sintetizar esse mecanismo de funcionamento dos *TTs* da seguinte forma: “Boas ideias podem não querer ser livres, mas querem se conectar, se fundir, se recombinar. Querem se reinventar transpondo fronteiras conceituais. Querem tanto se completar umas às outras quanto competir”.

Se, como aponta Joshua Bolten³³⁰, ex-chefe de gabinete de George W. Bush entre 2006 e 2009, a Casa Branca mantém à sua disposição em tempo integral centenas de intérpretes e tradutores que permitem ao presidente dos EUA conversar a qualquer momento com qualquer líder ou representante de outros países, na nossa percepção, os *TTs* mantêm, por sua vez, uma rede de centenas de pesquisadores, especialistas e *scholars* capazes de fornecer ao processo decisório qualquer tipo de informação ou direcionamento desejado, seja no caso de uma emergência, seja na situação de um planejamento de longo prazo. Esta relação sustenta tanto a projeção do poder americano em escala global, como também mantém os *TTs* mesmo que o presidente em questão reúna num gabinete ou num discurso ideias vindas de diferentes *think tanks*, com diferentes perspectivas e propostas, todas as partes acabam se beneficiando.

6.2 Os intelectuais e o poder: entre a atração e a frustração; entre a ação individual e a coletiva

“If in the long run we are the makers of our own fate, in the short run we are the captives of the ideas we have created” (HAYEK, p. 56, 1994)

Segundo Nogueira (2001), os intelectuais estão na órbita da reflexão, dos símbolos e das ideias, buscando a verdade, o conhecimento, as convicções e a razão. Francisco de Oliveira (2010) destaca que estes têm mais chances de enxergarem uma realidade objetiva enquanto que, para a maioria das pessoas, a realidade é lida através de símbolos.

³³⁰ Cf. entrevista na íntegra em < <http://www.c-spanvideo.org/program/314836-1> > Acessado em 04.12.2013.

Ao observarmos a atuação dos intelectuais ligados aos *think tanks*, percebemos neles a tentativa de estabelecer a ponte entre as ideias, fatos, jogos e responsabilidades da esfera intelectual com a vontade, as tendências e disputas próprias da esfera política. No decurso deste processo, suas ideias ganham *status* de força social, transformando o trabalho intelectual mais típico (de captar significados, lançar novas cadeias de significado, descobrir novos elos, etc.) em ações capazes de produzir novos papéis sociais, institucionais e geradores de novas ideias com potencial transformador da realidade. Intelectuais como William Kristol, um dos fundadores do *Project for the New American Century* (PNAC) e editor da revista *Weekly Standard*, destacado articulista da Nova Direita Americana; Francis Fukuyama, vinculado a vários *think tanks* conservadores e que, entre 2001 e 2005, esteve na direção do Conselho de Bioética do governo George W. Bush e Edwin Feulner, fundador e presidente da *Heritage Foundation*, são exemplos de personagens que reúnem tanto atribuições típicas de um intelectual – pesquisa, docência, dedicação e esforço para lidar e agitar as ideias – como também habilidade para transitarem por outras esferas, buscando outras formas de inserção (notadamente a política) e construindo uma nova dimensão para suas ideias.

Os intelectuais, como lemos em Nogueira (2001), dimensionam seu poder ideológico através de *blogs*, artigos disponíveis na internet ou escrevendo e trabalhando em revistas e *think tanks* próximos ao poder. Com isso, dão novo peso para as ideias e novo significado para a atividade que exercem.

Um *think tank* de prestígio, com credibilidade e boas relações com o processo decisório consegue disponibilizar a seus pesquisadores, intelectuais e técnicos um acesso privilegiado aos círculos mais restritos do processo decisório, sendo muitas vezes a principal fonte de recrutamento para cargos de assessoria e de segundo escalão para departamentos estratégicos como Defesa, Política Externa e Economia. Neste sentido, estar em um desses *TTs* e nele ser influente pode ser fator decisivo para um determinado intelectual contribuir para o processo decisório do país. Quando um intelectual age através de um *think tank*, ele precisa saber se articular em um determinado campo de ideias (liberal, conservador, neoconservador e libertário), pois, mesmo quando um grupo compete com outro de mesma linhagem ideológica, a articulação e o trânsito entre eles são fundamentais para que um determinado campo ideológico triunfe. É deste movimento de ideias que surgem os intelectuais de maior destaque e com maiores

chances de protagonizarem no processo decisório. Como nos relata David Boaz³³¹, ligado ao *Cato Institute*: “libertários inteligentes não querem ir para a política eleitoral, eles preferem o universo dos negócios, da tecnologia ou dos *think tanks*, são *scholars*, mas não é interessante entrar na política eleitoral”.

Se olharmos para a relação entre *TTs* e o histórico do processo decisório entre as administrações Clinton (1992 – 2000) e Obama (2009), perceberemos que seus perfis sofrem mudanças, as vezes mais liberal outras vezes mais conservador contudo estes grupos estão presentes no processo decisório é a influencia é crescente construindo uma relação endógena com os governos. No governo Clinton, o CFR conseguiu, entre o primeiro e o segundo escalão, emplacar cerca de cem nomes de seus quadros, dentre os quais destacamos Warren M. Christopher (secretário de Estado), Madeleine Albright (secretária de Estado), Lawrence H. Summers (secretário do Tesouro), Leslie "Les" Aspin, Jr. (secretário de Defesa), William S. Cohen (secretário de Defesa) Ronald H Brown (falecido em 1996, secretário de Comércio), William M. Daley (secretário de Comércio), Donna E. Shalala (Secretária da Saúde), Togo D. West Jr (secretário para assuntos ligados aos Veteranos).

Já do governo George W. Bush (2000 – 2008), destacamos a presença de *think tanks* conservadores e aqueles mais próximos às ideias neoconservadoras. O PNAC, criado em 1996, e que teve um papel crítico durante o governo Clinton, sobressaiu-se no contexto da administração posterior com apontamentos sobre o Oriente Médio (mais especificamente sobre o Iraque) que foram de extrema relevância para a resposta de George W. Bush ao 11\09. Dentre os grupos conservadores destacamos o AEI (*American Enterprise Institute*), fundado em 1943, do qual faziam parte o vice-presidente Richard Cheney, o assessor de segurança Richard Perle, John Bolton (ONU), Eliot Cohen e dez outros assessores da Casa Branca. Por fim, no gabinete de Obama (2009) notamos a presença de *think tanks* liberais como o *Center for American Progress* (CAP) e a volta de *TTs* tradicionais, como o *Brookings Institute* e o CFR. É o caso do então chefe do Conselho Econômico Nacional, Lawrence Summers (ligado a CFR e ao Brookings), Timothy Geithner, secretário do Tesouro, ligado a CFR e entre os assessores de política externa: Mara Rudman, Michael S. Barr, Rudy deLeon, todos ligados ao CAP.

³³¹ Cf. íntegra da entrevista em anexo. Trecho citado no original: smart libertarians don't want to go to the politics, they do in the business or technology or "think tanks", scholarship, but not interesting in politics.

A relação entre *think tanks* e processo decisório tornou-se mais estreita a partir do desfecho da Guerra Fria – entre o final dos anos de 1970 e começo dos anos dos anos 1980. Até então, intelectuais chegavam ao processo decisório de forma isolada e se mantinham no poder por méritos próprios. Henry Kissinger, secretário de Estado de duas administrações, entre 1973 e 1977 é um destes casos e demonstra ceticismo em seus trabalhos anteriores a esta fase, quando analisa a chegada ao poder de intelectuais no processo decisório. Para ele (1959), os intelectuais teriam uma busca entusiasmada pelo poder, mas com resultados decepcionantes. O entusiasmo das novas ideias, da criatividade e da excelência de suas ideias se perderia nas demandas do aparato administrativo, que simplifica e reduz as discussões, buscando soluções simples e familiares ao processo decisório estabelecido. Para o ex-secretário de Nixon, seria um mito acreditar que os intelectuais, assessores ou grupos *ad hoc* trariam inteligência, novas soluções ou novas ideias para o poder. Na prática, eles não conseguem mudar a direção dos administradores e da burocracia, acabando por transformar a busca da objetividade, própria do trabalho intelectual, num esforço difuso diante das barreiras protocolares da burocracia decisória. Presos em comitês ou comissões, pouco a pouco os intelectuais que passam a fazer parte da estrutura de governo veem, a cada gestão, suas ideias serem esterilizadas em relatórios de linguagem estereotipada cercadas pelas molduras pré-existentes. Quando intelectuais buscam de forma individual entrar no processo decisório, segundo Kissinger (1959) eles buscam o governo para estabelecer novos objetivos, mas acabam apenas resolvendo problemas no papel de administradores ou técnicos numa rede burocrática.

A atuação isolada do intelectual pode ser lida também com auxílio de Bobbio (1997), que estuda a participação destes personagens na estrutura política partindo de duas tipificações: os ideólogos, fornecedores dos princípios, e os *experts*, promotores do reconhecimento técnico. Na ação individual, portanto, os tais pensadores oscilariam entre estas duas possibilidades. Outro autor importante e clássico no estudo do papel dos intelectuais na política é Gramsci (1978). Em linhas gerais, propõe misturar a dimensão ideológica com a técnica dando ênfase à possibilidade de ação do intelectual na esfera pública. Este pensador ligado à administração reúne numa mesma pessoa conhecimento técnico com objetivos políticos. Aplicando essa formulação ao contexto de atuação dos intelectuais nos EUA na contemporaneidade, reconhecemos tanto nomes advindos do espectro neoconservador como, por exemplo, Irving Kristol ou liberais centristas, como Zbigniew Brzezinski, um professor universitário alçado a assessor de segurança durante o governo Carter,

entre 1977 e 1980. Estes seriam exemplos de intelectuais que agem próximos ao conceito gramsciano de intelectuais públicos, pois são formadores de opinião atuando quase como guardiões de uma determinada leitura do que seria a vontade geral ou do verdadeiro papel dos EUA no mundo, opinando e dirigindo – se há determinados grupos ou há uma determinada elite tendo também buscado atuar no governo propriamente dito.

6.3 A Ação dos Intelectuais através dos *think tanks*

Os *think tanks* são um novo campo de atuação para os pensadores. A relação entre intelectuais públicos (no sentido gramsciano) e a atuação no governo parte de um convencimento prévio tanto político, quanto técnico. Propõe e articula uma reação com determinado rumo. Quando, por exemplo, a Guerra ao Terror que se sucedeu aos atentados terroristas de 11\09, com operações no Afeganistão, no Iraque, a criação de novos órgãos de inteligência e novos investimentos na área de segurança, percebemos que os relatórios detalhados, artigos e planos de ação propostos previamente por *think tanks* como AEI, PNAC e o *Heritage Foundation* (entre vários outros do espectro conservador) – independentemente de quem fosse o presidente – já estavam prontos e dispostos a convencer e a dar subsídios para que o núcleo decisório da Casa Branca assimilasse seus planos de reação e expansão do poder americano. Este poder de influência, com rápido acesso ao processo decisório, é um diferencial da ação coletiva dos intelectuais via *think tanks* e que intelectuais de forma isolada, mesmo com grande prestígio, enfrentariam maiores barreiras e desconfianças.

Tabela 5 Os 5 maiores Think Thanks

	AEI	Heritage	Cato	Brookings	CSIS
Perfil ideológico	Conservador	Conservador	Libertário	Historicamente liberal com uma trajetória mais conservadora nos últimos vinte anos.	Foco na segurança e política externa com perfil liberal-internacionalista.
Foco de trabalho	Amplo debate de	Foco em política	Ampla debate	Amplo debate com	Foco nos temas de

	ideias.	doméstica e na agenda do conservadorismo social.	com foco nas ideias e agenda libertária.	foco nas políticas estatais.	segurança e de política externa.
Orçamento em 2012 (em milhões de US\$)	37.4	79.3	22.1	Para 2013: orçamento de 94.2	33.2
Número de funcionários	175 pesquisadores na sede em D.C.; 50 estagiários e 100 <i>scholars</i> e outros nomes entre associados e adjuntos.	21 nomes no <i>Board of Trustees</i> e 200 pessoas na sede em D.C. entre pesquisadores, 75 estagiários e funcionários.	100 pesquisadores em tempo integral; 14 nomes no <i>Board of Trustees</i> 90 pesquisadores adjuntos 100 estagiários	220 funcionários em tempo integral.	32 nomes no <i>Board of Trustees</i> ; mais 220 pesquisadores tempo integral s mais dezenas de associados e adjuntos.
Alguns pesquisadores importantes	Michael Barone Peter Berger John Bolton	Jim DeMint Midge Decter Elaine Chao	David Boaz Tom G. Palmer William Poole	Robert Kagan Bruce Katz Wilbur Ross	Zbigniew Brzezinski Harold Brown (Secretário de Defesa) Frank Carlucci (secretário de defesa) Brent Scowcroft (assessor de segurança nacional)
Fundador	William Baroody	Edwin J. Feulner	Edward H. Crane	Robert S. Brookings	David Abshire Arleigh Burke

Ano de fundação	1943	1973	1977	1918	1962

Fonte: Annual Report: AEI, Heritage, Cato, Brookings e CSIS, disponível nos respectivos *sites* de cada *Think Tank* e consultas a WEIDENBAUM (2011)

Um ponto central na ação coletiva dos intelectuais via *TTs* é pensarmos no convencimento da opinião pública. No caso da Guerra ao Terrorismo, por exemplo, desencadeada pelos acontecimentos do ataque às torres gêmeas em 11\09\01, a capitalização do momento de vulnerabilidade foi feita por George W. Bush, transformado midiaticamente em “presidente em guerra”, tanto que sua popularidade, segundo o Instituto Gallup (2001)³³², atingiu 80% de aprovação, servindo de sustentação para uma nova orientação política que, por sua vez, reforçou o peso de institutos conservadores, como *AEI*, *PNAC* e o *Heritage Foundation* nas áreas de segurança e política externa.

Os *think tanks* nos EUA se aproximam do processo decisório principalmente oferecendo conhecimento especializado e alto poder de pesquisa para auxiliar nas decisões governamentais e grande esforço para convencer a opinião pública. Eles competem com agências governamentais, universidades, agências internacionais e centros de pesquisa pela informação (não qualquer informação, mas a confiável, precisa, acessível e útil, conforme o contexto e o momento político). Por isso, os *think tanks* acabam se especializando tanto, como uma forma de terem mais êxito buscando construir um quadro de especialistas.

Há grupos especializados em um tema (como, por exemplo, política externa); outros em um país (Cuba ou o Iraque) e outros que seguem uma determinada linha político-filosófica (neoconservadorismo ou as ideias libertárias). Mais uma vez recorremos a Johnson (2012) para fecharmos nossa percepção em torno da relação entre os intelectuais e os *think tanks*. Em seus trabalhos, o autor discute o conceito do biólogo Stuart Kauffman de **possível adjacente** que, em síntese, mostra que as ideias seguem um mapa de possibilidades (ou seja, o trabalho com ideias, próprio dos intelectuais, opera buscando, dialogando e criando a partir das ideias que já estão disponíveis ou próximas). Para Johnson (2011, p. 31): “tomamos (e trabalhamos) com as ideias que herdamos ou com as quais nos deparamos e as ajustamos e as apresentamos numa nova forma”.

³³² Cf. pesquisa em < <http://www.gallup.com/poll/124922/Presidential-Job-Approval-Center.aspx> > Acessado em 11/12/2013.

Nosso argumento, para sintetizar a relação entre intelectuais e *think tanks*, parte deste mesmo pressuposto. Os intelectuais nos *think tanks*, encontram ideias já desenvolvidas, criam outras novas, aperfeiçoam-nas e pouco a pouco, com o contato com outras formulações, outros intelectuais e outros institutos expandem suas possibilidades, buscando sempre um possível adjacente. Por essa razão, argumentamos que os *TTs* e os intelectuais em sua órbita podem até certo ponto concorrer, mas se inserem numa lógica em que a concorrência favorece e legitima a própria função e razão de ser dos *think tanks* – qual seja, um grande mercado de ideias para influenciar e ser influenciado pelo processo decisório estadunidense.

6.4 Recrutamento dos Intelectuais

O papel dos intelectuais nos *think tanks*, como temos visto, é, portanto, ambíguo ou multifacetado. De certa forma, há a perspectiva de que uma vez recrutado, o intelectual perderia algumas das características mais essenciais de sua profissão, tais como a busca pela objetividade, a neutralidade, a independência e a própria abertura para a livre troca e o debate de ideias. Como nos explica Gerald Alexander:

[...] em determinados *TTs* – denominados *TT* de um movimento – como, por exemplo, Heritage Foundation ou o Center for American Progress algumas posições não podem ser questionadas internamente, isso quer dizer, por exemplo, que um intelectual que defenda o aborto não teria espaço no Heritage assim como o intelectual que defenda a proibição do aborto não seria bem vindo no CAP. E a os *TTs* que funcionam como Universidades, num mesmo andar há intelectuais defendendo posições distintas em torno de um mesmo tema.³³³

Diferentes *think tanks* recrutam intelectuais de diferentes maneiras. Mas é interessante notarmos que não é pouco comum nos depararmos com situações nas quais é o próprio intelectual quem procura e que se aproxima de um destes institutos. Em outros casos,

³³³ No original: [...] not all Think Tanks are the same so, for example, the Center for the American Progress, I bet it would be impossible to be a scholar at CAP and be anti-abortion , or anti gay marriage, It would not be acceptable, at Heritage Foundation it wouldn't be acceptable to be the opposite. In that sense, there are think tanks that are, they are the think tanks of a movement , they the official expression of that ideology. But there are other Think tanks like AEI that they are much more like an University. [...] at AEI you have two people in the same building that think different. Neither of them is from the left that's true but the point is that there is an arrangement of opinion. Conferir íntegra desta entrevista nos anexos deste trabalho.

como ocorre muitas vezes no *Heritage Foundation* e no *Cato Institute*, jovens e estudantes entram como estagiários e passam a trabalhar em diferentes projetos como associados. Ademais, há outros tipos de situação, como nos conta Gerald Alexander:

Tenho certeza que há intelectuais que transitam entre *TTs*, nestes casos alguns podem transitar para assim também defender uma mesma posição, mas há casos nos quais o intelectual transita entre grupos liberais e conservadores porque tem posições diferentes em diferentes áreas.³³⁴

Historicamente, notamos que esse movimento era o contrário do que se vê nos dias de hoje. No passado, eram os institutos que arregimentavam seus colaboradores. Nos dias atuais, são os intelectuais que procuraram os *Think tanks*. Tal interesse, geralmente, é motivado por afinidade, por necessidade de espaço para exposição e defesa de uma dada ideia ou tentativa de aproximação do processo decisório. Em outros casos, os interessados também estão em busca de mais espaço no debate público atuando, ora como comentaristas em programas de TV, ora como articulistas de textos opinativos em grandes jornais, entre outras ações. Entretanto, quando um novo *TT* surge, é quase inevitável a necessidade de recrutamento. Wattenberg (2008) conta de sua experiência nos anos de 1970 ao ser contratado pelo AEI sem saber ao certo que ele teria que fazer. William Kristol (1995), que chegou aos *TTs* no final dos anos de 1980, conta que muitos *scholars* conservadores como ele se sentiam deslocados nas universidades dominadas pelo debate liberal.

Fazendo um retorno aos anos de 1930 e 40, Gerald Alexander nos conta sobre o surgimento dos *Think Tanks* da seguinte forma³³⁵:

³³⁴ No original: [...] I am sure there are people that can work for a liberal think tank for a issue and for another in other issue and go from liberal to conservative and vice versa. (...) It depends on the issue, it depends on specific facts. They may favor one policy in one area and a different policy in another area; they can work with different think tanks in order to do that. Conferir entrevista na íntegra nos anexos deste trabalho.

³³⁵ No original: Let's talk for a moment about the origins of the think tanks in 1930's on 1940's, American government became much more involved in economy that had before, it's the New Deal, FDR, right? They begin for example, to give subsidies agricultural sector for the first time, paying people, subsidizing the prices, a really interventionism perspective some call this the industrial policy, and apparently there was some concerns among experts that economists had no expertise in this matter and they were not even close in becoming interested in those things, and economist at University started studying, they studied economic theory, but not actual policy with one exception, trade, the basis of economist in modern times from Adam Smith to tariffs. A side of that policy, however, had very little apply to economics, they more theoretical than practice. And economists working at the University, very academics, they have no interest in studying the agriculture system, so therefore in that kind of vacuum, Brookings Institutions and American Enterprise Association - the precursor of the AEI, - they were

Vamos falar um pouco sobre as origens dos *think tanks* o que nos remete aos anos de 1930 e 1940. Nesta época o governo americano se tornou muito mais envolvido na economia do que antes, é o New Deal, Roosevelt, certo? Eles começaram, por exemplo, a dar subsídios ao setor agrícola pela primeira vez, passaram a pagar as pessoas, controlar os preços, uma perspectiva realmente intervencionista, alguns chamam isso de política industrial, (...) e, aparentemente, havia algumas preocupações entre os especialistas que os economistas no governo não tinham experiência direta ou prática com estes assuntos e a realidade era mesmo de que os economistas no governo não estavam nem perto de se interessar por essas coisas. Já nas Universidades se estudava a teoria econômica e não tanto a política real, com exceção do comércio, eles trabalhavam com a base da economia propostas por Adam Smith que é a base da economia dos tempos modernos. Pela perspectiva do debate acadêmico tudo era muito teórico com pouca aplicação prática. E os economistas que trabalham na Universidade, muitos acadêmicos, eles não tinham interesse em estudar o sistema de agricultura, foi portanto nesta espécie de vácuo que *Think Tanks* como Brookings Instituições o American Enterprise Association. O precursor da AEI, passaram a recrutar e financiar um grupo de economistas e assim cresceram em grande parte porque os economistas das universidades não estavam estudando isso, os *TTs* tinham que ter um pessoal com experiência econômica, mas eles foram pagos para estudar essas políticas reais. O trabalho era para ver se as políticas estavam realmente dando certo, como melhorá-las, o que criticar, o que propor, etc. Nesse sentido, eles poderiam estar nas Universidades só que não estavam, estavam nos *Think Tanks*.

Vejamos agora com um pouco mais de detalhes o caso do *Heritage Foundation*, um dos maiores *TTs* conservadores.

6.4.1 O Heritage Foundation

O Heritage reuniu desde sua fundação, em 1973, um perfil acadêmico com uma estratégia corporativa de marketing³³⁶. De viés conservador, nasceu num contexto desfavorável dominado pelos liberais e pela falta de uma liderança conservadora no lado republicano (Barry Goldwater, senador republicano do Arizona, típico candidato conservador ideal, perdeu as

creating an in large part, because the economists from the universities weren't studying this , they have to have someone with economic expertise but they were paid to study this actual policies. Their job was to see if the policies was actually working, how to improve them, what to criticize, what to propose. In that sense, they could be at the Universities they just not happen to be. Conferir íntegra da entrevista no anexo deste trabalho.

³³⁶ Segundo Teixeira (2007) o Heritage começou com uma doação de 250 mil dólares de Joseph Coors, empresário do setor de bebidas que através da sua fundação, a maior de perfil conservador, financiou e ainda financia inúmeros *TTs*.

eleições de 1964 e depois que Nixon teve que renunciar 1973), o que forçou o Heritage a ter como objetivo central colocar as ideias conservadores no centro do processo decisório, mostrando que mudanças e um governo, norteados pelas ideias conservadoras eram possíveis.

Tabela 6 A evolução do orçamento do Heritage Foundation

1980	5.3
1985	11.5
1995	25
2004	34
2006	40.5
2009	61

Fonte: Números em milhões de dólares. Levantamento feito com base no artigo de Feulner in: McGann e Weaver (2000) e nos relatórios de prestação de contas do Heritage, disponíveis ano a ano em: <http://www.heritage.org/about> <acessado em 16/06/2010>.

O Heritage conseguiu grande inserção para suas ideias em dois momentos distintos da história contemporânea dos EUA: primeiro com a vitória de Ronald Reagan em 1980 e posteriormente com George W. Bush em 2000. Durante o governo Reagan a agenda deste instituto se misturou com a do governo. Tanto as ideias básicas do *Heritage*, como o discurso central do governo Reagan se tornaram um só: governo limitado, liberdade individual, livre iniciativa, forte defesa nacional e valorização dos valores tradicionais dos EUA. Apesar de parecem ideias vagas e amplas, elas ganharam novo *status* a partir do *Mandate for Leadership*, uma iniciativa do *Heritage*, assimilada pela administração Reagan que serviu de base e de guia para vários posicionamentos do governo e para iniciativas que questionavam o direcionamento liberal dado a economia americana. Um bom exemplo foi o *reganomics*, plano que ficou conhecido por representar o fim do consenso keynesiano nos EUA e ponto de inflexão da economia, quando o país deixou de ser credor para ser mais devedor, além de cortar impostos (dos mais ricos para os mais pobres³³⁷) e aumentar o orçamento militar. Neste processo, o

³³⁷ Neste sentido destacamos a influência de Jack Kemp (falecido em 2009), ex-jogador de futebol americano, político republicano e ligado ao Heritage que, em 1981, foi um dos autores da lei federal "Kemp-Roth tax cut" que propunha reduzir em 25% a arrecadação de impostos do governo por três anos, acreditando que assim se aumentaria

Heritage não participou somente com ideias. Alguns de seus quadros compuseram o gabinete político, caso de Ed Meese III (como assessor chefe de política e procurador público) e William R. Graham, que foi assessor para assuntos científicos e comandou o Comitê de Iniciativa para Defesa Estratégica³³⁸. Há ainda nomes como o de Midge Decter que, apesar de não ter um cargo no governo, exerceu muita influência, primeiro como colunista da revista conservadora *Commentary*³³⁹ e, posteriormente, como diretora do *Committee for the Free World*, um grupo de perfil conservador criado em 1981 que muito influenciou o governo Reagan com uma retórica agressiva antissocialista amplamente utilizada em seu governo para justificar iniciativas militares na América Central e nos desdobramentos da Guerra Fria.

Já durante o governo de George W. Bush (2002 – 2010), o *Heritage* se insere no rol dos *think tanks* que buscavam entender o que estava ocorrendo, após os ataques de 11/09, focando suas ações na busca por soluções. Para autores como Vernet e Frachon (2003) e Teixeira (2007), o *Heritage* se encontrava neste momento no centro da influência neoconservadora (ao lado de outros *TTs* como o AEI e o PNAC³⁴⁰) que, através de uma vasta rede de *networking* formularam o conceito de Guerra ao Terror, com sua estratégia de guerras “preemptivas” e preventivas³⁴¹, moldando o que ficou conhecido como a *doutrina Bush* que, entre outras coisas, defendia uma postura internacional mais unilateral com foco militar almejando aliados seletivos. Por essa visão, o inimigo declarado era o terrorismo, que deveria ser e enfrentado militarmente e os riscos, novos ataques envolvendo armas de destruição em massa a alvos ocidentais. Para enfrentar este inimigo difuso, sem rosto, sem território, arbitrário e supranacional criaram-se

o consumo, novos negócios seriam criados, diminuindo o desemprego e incentivando as pessoas a poupar mais. Esta lei foi um dos marcos da gestão Reagan, tendo sido sancionada em seu rancho na Califórnia. Cf. foto nos anexos.

³³⁸ Este comitê foi criado por Reagan em 1984 e representou uma grande mudança na estratégia de defesa dos EUA. Antes a estratégia era norteadá pelo conceito de MAD (mutual assured destruction), cujo foco era pensar as possibilidades de ataque e de persuasão pelo medo da catástrofe nuclear e passou a ter foco defensivo, e pretendia usar novas armas e novas formas de combate (como, por exemplo, o uso de escudos espaciais antimísseis) para assegurar a defesa do território americano.

³³⁹ A revista com sede em NY e ligada à comunidade judaica dos EUA sempre reuniu pensadores conservadores de destaque, muitos também ligados ao neoconservadorismo, CF. Finguerut (2008).

³⁴⁰ AEI: American Enterprise Institute, um *TT* conservador que durante o governo W. Bush foi uma fonte de quadros para o primeiro e segundo escalões. Cf. <http://www.aei.org/>. PNAC: Project for the New American Century. Organizado durante os anos 1990 por William Kristol foi um *TT* importante na montagem do gabinete de W. Bush e na renovação do partido republicano pós 11/09/01. Cf. <<http://www.newamericancentury.org/>> Acessado em 20/06/2010. Cf. também artigo sobre a PNAC de Andre Chaves em: <[www.ciari.org/\[...\]/o_pensamento_neoconservador_pe_eua.pdf](http://www.ciari.org/[...]/o_pensamento_neoconservador_pe_eua.pdf)> Acessado em 12/09/2012.

³⁴¹ A guerra preventiva é entendida como a guerra cujo ataque ocorre antes do esperado, ou seja, é um ataque que se antecipa a qualquer expectativa do adversário. Já a guerra preemptiva, para alguns autores, é considerada como um instrumento de defesa, pois mesmo sendo um ataque, ele ocorre na certeza de um ataque iminente do adversário.

novas instituições no âmbito interno como o *Homeland Security*³⁴² e novas legislações como *Patriotic Act*³⁴³, além de aumentar gastos públicos.

No centro destas propostas e destas mudanças estavam nomes ligados ao *Heritage*, como Paul Wolfowitz, que foi subsecretário de segurança entre 2001 e 2005, além de se destacar como articulista de jornais de grande circulação – espaço que utilizou durante a gestão Clinton (1992 – 2000) para cobrar do governo uma postura mais dura em relação aos ditadores do Oriente Médio, principalmente contra Saddam Hussein, cobrando neste caso específico uma intervenção militar. Esta cobrança ganhou importância, pois se insere numa cronologia de fatos que ajudam a entender por que, uma vez no processo decisório e diante de um acontecimento de grande comoção, como foi o 11/09/2001, o ataque ao Iraque foi consumado. Outro caso semelhante ao de Wolfowitz é o de Elliott Abrams, ligado ao *Heritage* e a outros *TTs* de perfil neoconservador, que foi assessor direito do presidente para segurança e Oriente Médio no primeiro mandato, e assessor especial de estratégia no segundo³⁴⁴. Tanto Abrams como Wolfowitz defendiam uma nova postura para o poder americano desde os anos de 1990. Eles estavam entre os supostos autores do *Defense Planning Guidance*³⁴⁵, um documento atribuído ao Pentágono que vazou para a imprensa em 1992. O texto já pregava a primazia dos EUA como uma realidade pós-Guerra Fria e enfatizava o papel estadunidense de levar a democracia ao Oriente Médio, podendo, para isso, agir de forma unilateral e com guerras preventivas. De certa forma, esse é o modo como os pesquisadores do *Heritage* defendiam o uso da força americana como um instrumento positivo de transformação política capaz de tornar o mundo mais seguro para a democracia e, conseqüentemente, para os EUA. Por fim, devemos destacar o trabalho de Paul Bremer, um embaixador de carreira e pesquisador do instituto que começou sua carreira durante o governo Reagan, chegando a ser administrador provisório do Iraque (entre 2003 e 2004), na administração

³⁴² Para uma discussão sobre o *Homeland security* Cf. *Terrorism and Homeland Security: An Introduction* de Jonathan Randall White, 2008, ed. Wadsworth Publishing.

³⁴³ Criado em Novembro de 2001 pressupunha mais poder para o governo no combate ao terrorismo. Está previsto neste processo: deportar estrangeiros suspeitos de terrorismo, espionagens por parte do FBI em *e-mails*, ligações de celulares e transações bancárias. Suspensão do *habeas corpus* em caso de acusação de terrorismo e políticas mais restritivas para se entrar nos EUA.

³⁴⁴ Os cargos de Abrams em inglês foram: National Security Council Senior Director for Near East and North African Affairs (entre 2002 e 2005) e Deputy National Security Advisor for Global Democracy Strategy (entre 2005 e 2009).

³⁴⁵ Uma versão do documento pode ser lida em: <<http://www.btinternet.com/~nlpwessex/Documents/Wolfowitz92memo.htm>> Acessado em 18/10/2010.

de George W. Bush. É interessante notarmos que o *Heritage* discutia a Guerra do Iraque antes da guerra e debatia o pós-guerra também antes de seu fim³⁴⁶. A nomeação de um dos quadros daquela fundação para administrar o Iraque ocupado pelas tropas lideradas pelos EUA comprova o sucesso de sua estratégia (que se traduzia por reunir pesquisadores motivados com infraestrutura para construir análises e cenários de mudança, somados a uma boa rede de *networking* com marketing e financiamento agressivos).

6.4.2 A Organização e as Estratégias do Heritage Foundation para a Mudança Institucional

O *Heritage Foundation* aproveitou muito bem a visibilidade que teve durante o governo Reagan e montou uma estrutura que lhe garantiu força pelas décadas seguintes. Organizou uma base de mantenedores capaz de garantir 45% do orçamento, criou um fundo que lhes possibilitam financiar sozinhos 30% de seus projetos e, pouco a pouco, foi montando uma equipe de pesquisadores e de associados coesa e motivada. Muitos *think tanks*, na busca por prestígio, se associam a nomes de alta credibilidade, mas que por também estarem envolvidos com outros institutos não estabelecem comprometimento. No caso do *Heritage*, a ideia é ter nomes capazes de construir uma credibilidade coletiva. Por isso, o perfil de seus colaboradores é de jovens pesquisadores capazes de escrever de forma clara, comprometidos com as causas conservadoras e, sobretudo, motivados para trabalhar em projetos que possam causar impacto na formulação de políticas. Conforme nos diz de Edwin Feulner, fundador e presidente do instituto (*in*: McGann e Weaver, 2000, p. 74): “Nós preferimos jovens analistas que podem não ser bem conhecidos entre os formuladores de políticas, mas é entre eles que nos acreditamos ter mais chances de conseguir um nome que trabalhe em equipe e que construa nossa credibilidade.”

Outra chave importante para entendemos a atuação do *Heritage* é observarmos sua inserção na opinião pública, sua preocupação com a mídia e seu aparato de propaganda. Em termos de marketing, trata-se de um dos *think tanks* mais agressivos dos EUA. Foi um dos

³⁴⁶ No próprio *site* do Heritage é possível encontrar informações organizadas sobre Iraque, tanto em relação à produção de especialistas, como notícias que cruzam a temática do Iraque com progresso econômico ou pacificação, reações à presença militar americana, etc. Cf. <<http://www.heritage.org/places/Middle-East/Iraq>> Acessado em 18/06/2010.

primeiros a acreditar na internet como um instrumento de *networking* ³⁴⁷ e a investir em *softwares* para conseguir analisar dados, sintetizar informações de forma mais rápida e precisa e, ao mesmo tempo, mesmo soando fora de moda, em 1994 montaram um estúdio de rádio exclusivo buscando expandir sua inserção na mídia, principalmente nos estados sulistas. O uso destes programas de computação também é um meio para construir cenários de médio e longo prazos para avaliar e medir possibilidades de mudanças. Determinados *softwares* são capazes de apresentar um cenário futuro diante de uma hipótese de mudança no presente. Desta forma, o *Heritage* enfatiza que suas propostas de mudança institucional são mais acuradas, pois em certo sentido, eles seriam capazes de prever as consequências futuras da mudança sugerida. Nos termos de Edwin Feulner (*in*: McGANN e WEAVER, 2000, p 82): “Nós podemos prever com grande precisão como uma mudança de política irá afetar as famílias americanas em todos os segmentos demográficos e econômicos do país”. Para os *TTs*, ter os dados certos e acesso às pessoas certas é o caminho para serem influentes.

Quadro 16 Conselho Diretivo do Heritage Foundation

Douglas F. Allison
J. Frederic Rensch
Thomas A. Saunders III
Belden H. Bell
Brian Tracy
Larry P. Arnn
William E. Simon, Jr
J. William Middendorf II,
Edwin J. Feulner
Lee Klinebarger
Kay Coles James
Jerry Hume
Margaret Thatcher (título de patrona)
Barb Van Andel-Gaby

³⁴⁷ O Heritage busca uma clientela específica para seu trabalho e busca atingir este grupo da forma mais eficaz possível, neste sentido não hesita em se aliar a outros *TTs* ou investir pesado em novas possibilidades de comunicação, como foi o caso da internet ou estão desde 1992, com página própria desde 1995.

Midge Decter
Phillip N. Truluck
Marion Wells
Steve Forbes
David R. Brown (membro de honra)
Robert J. Herbold
Kathryn Davis (membro de honra)
Todd W. Herrick
Frank Shakespeare (membro de honra)
Abby Moffat
Richard M. Scaife
Nersi Nazari
Robert Pennington

Fonte: site do Heritage Foundation (<http://www.heritage.org/About/Board-of-Trustees>. Acessado em 20/06/2010)

6.5 Conclusão desta seção

Pesquisar e refletir sobre as ideias, os intelectuais, os *think tanks*, sua eficácia e efetividade pode, muitas vezes, nos levar a um esforço inconclusivo, uma vez que é tão difícil defini-los, quanto medir sua influência ou impacto no governo (especialmente diante de um processo decisório complexo como do governo dos EUA). Contudo, o que nos fica claro é que estes grupos possuem uma parcela relevante de importância e de impacto no poder e nas formulações de políticas públicas nos EUA – especialmente nos últimos trinta anos. Na tentativa de compreendê-los, entendemos que um método viável é, dentre os muitos *think tanks* existentes, buscarmos perceber em que medida a organização, a definição do tema de trabalho, a área de atuação, a equipe montada e o momento histórico lhes distinguem ou agrupam. Decifrar tais variáveis, comparando-as e esmiuçando-as criticamente parece ser um princípio exequível.

Outro ponto central é destacarmos que estes *TTs* orbitam no universo das ideias e isso implica em grandes dificuldades para rastrear – uma vez constatada uma mudança sócio-política – a origem e o registro inquestionável da autoria de uma nova proposta capaz de influenciar ou impactar determinada política ou momento histórico. Outro traço inerente a essa estrutura organizacional é a sua volubilidade, decorrente do fato de ser comum os *TTs* se permearem e de alguns intelectuais oscilarem entres diferentes grupos ou por diferentes governos. O tempo de maturação de uma dada ideia (que pode levar até uma década) também dificulta o enquadramento dos *think tanks* – com exceção de certos momentos históricos nos quais grandes transformações podem ocorrer num curto período de tempo.

Atendo-nos ao caso do *Heritage Foundation* (que pudemos discutir com um pouco mais de detalhes), nossa intenção foi a de medir e tentar discutir mais empiricamente o impacto e a influência de um *think tank* no processo decisório dos EUA. Pareceu-nos claro, neste processo, a constatação do papel fundamental exercido pela fundação em congruência com outros institutos de viés conservador na ascensão da Nova Direita Americana, além de notar que o mesmo segue influente e disputando o consenso político estadunidense que, por sua vez, hoje é muito mais conservador do que há trinta anos. Tal fato nos permite concluir que nenhuma ideia, por mais marginal que já tenha sido um dia, não possa estar no centro do poder político e disputando seu consenso por meio de seus intelectuais públicos.

7 Conservadorismo em tempos de Obama (2008 – 2012)

Em 2008 Barack H. Obama suscitou no debate político dos EUA uma série de expectativas. Nesta seção, discutiremos alguns aspectos que consideramos decisivos para entender a emergência de Obama como ator político e como os conservadores a ele reagiram. Também trataremos do final do segundo mandato de George W. Bush, a eleição de 2008, seguida por uma rápida recuperação dos republicanos se desdobrando na vitória legislativa de 2010. Ao longo destas mudanças, entre meados de 2008 e o final de 2010, nossa discussão irá perpassar pela questão racial, importante tanto para entendermos a eleição do primeiro presidente afro-americano, como para entendermos a política doméstica americana de forma mais ampla. Com foco na reação conservadora à vitória do democrata, perpassaremos a mobilização da extrema - direita, pelo re-agrupamento das forças conservadores com o *Tea Party* chegando à discussão mais ampla em torno do conservadorismo americano diante do Obama.

7.1 A Transição: Entre George W. Bush e Barack H. Obama³⁴⁸

Tanto as eleições de George W. Bush (2000 e 2004), como a de Barack H. Obama (2008) mostram que os movimentos políticos nos EUA não dependem e não são sustentados exclusivamente por líderes ou por apenas um movimento bem organizado. O *compassionate conservatism* da campanha do então governador do Texas tentava aglutinar movimentos descontentes com a postura internacionalista do governo Clinton sem perder o viés de guerra cultural que revitalizou a mobilização conservadora após os escândalos morais de Bill Clinton. A base republicana trazia, por um lado, um foco nas questões morais (como a valorização da família e da religião) e, por outro, circundava questões sociais, econômicas e políticas. Bush, como nos mostra DiMaggio e Street (2011), propunha uma nova autoridade moral para os valores americanos dialogando com os guerreiros culturais que se mobilizaram contra Clinton, almejando

³⁴⁸ A discussão desta seção inicialmente foi feita e apresentada no V Seminário do Programa de Pós – Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense entre os dias 1 e 3 de dezembro de 2010. Agradecemos a oportunidade de apresentar nossas ideias e os comentários e sugestões recebidas.

também uma base mais centrista que pregava a valorização da competitividade, da iniciativa e do mérito.

O *compassionate conservatism*, como já discutimos (Cf. Seção 3.0), trazia uma posição ideológica que agregava, ao mesmo tempo, temas liberais com um conservadorismo revigorado diante da percepção de certos grupos de que os fundamentos e os valores da sociedade americana estavam sob ameaça. Bush mostrava-se conservador por ter um discurso cético quanto a certos temas (como as provas científicas do evolucionismo, as mudanças climáticas e a necessidade de aceitar famílias homossexuais, uma vez que valorizava a família nuclear e a cultura cristã), mas também se mostrava aberto ao centro e às ideias liberais moderadas, ao demonstrar preocupação com o funcionamento do Estado, com os imigrantes tendo um posicionamento contrário a uma postura intervencionista no Sistema Internacional para a política externa dos EUA.

Esse direcionamento inicial mudou drasticamente com os atentados terroristas de 11/09/01, que motivaram a invasão do Afeganistão³⁴⁹ e a criação do Departamento de Segurança doméstica – com tal órgão aprovou-se o *Patriot Act* que reformulava algumas leis domésticas ligadas à segurança e direitos civis – e o lançamento de uma nova doutrina estratégica que pregava ação preemptiva³⁵⁰ e guerras preventivas (aplicada alguns anos depois na invasão do Iraque).

A mudança de estratégia do governo Bush trouxe um terceiro elemento para o centro de sua articulação e política: o pensamento neoconservador. Antes da aproximação com George W. Bush, como encontramos em Kristol e Kagan (2000), os neoconservadores eram defensores de uma política externa pautada por mudanças de regimes, guerras preemptivas e por uma leitura do sistema internacional na qual – como nos mostra Krauthammer (2004) – os EUA (como nação excepcional, dotada de uma hegemonia benevolente) poderiam construir e sustentar uma unipolaridade. Motivada pelo 11/09, a administração do presidente texano sustentou sua estratégia de segurança em três pontos: o islamismo radical incorporado pela *Al Qaeda* como o

³⁴⁹ Sob o argumento de que o regime fundamentalista dos Talebans daria apoio e suporte a Al- Qaeda, grupo islâmico que teria sido responsável pelos atentados.

³⁵⁰ A ideia de preempção vem da sociologia da guerra e da ciência política e é definido como a ação, o ataque que ocorre antes de um ataque certo por parte do adversário. Em outras palavras é a ideia de, na certeza do ataque do adversário, se ataca antes, o que para alguns autores pode ser interpretado também como um ato de defesa. Para uma discussão mais aprofundada sobre este tema Cf. *Preemptive War* de Erick Labara, ed. Global Security Press, Washington D.C. 2004.

grande inimigo; a iniciativa preemptiva (pautada pela lógica de atacar antes) e a busca por uma nova organização do sistema internacional (na qual, a ONU e outras instituições internacionais teriam outro papel³⁵¹). Para além da defesa dos interesses nacionais definidos estrategicamente todos os anos pelo governo americano, a percepção de ameaças como, por exemplo, a existência de regimes hostis aos EUA que, com a proliferação de armas de destruição em massa, ganhariam novos significados e levaria os EUA a repensar sua estratégia de segurança.

Assim, o governo Bush distanciou-se das escolas tradicionais da política externa dos EUA (realismo, internacionalismo e isolacionismo³⁵²) mobilizando novas forças políticas tendo que lidar com um antiamericanismo inédito na sociedade internacional frustrando alguns conservadores como Paul D. Wolfowitz, Charles Krauthammer e Elliott Abrams que, desde meados dos anos 1990 escreviam, debatiam e esperavam uma reconfiguração mais abrangente no Oriente Médio.

Enquanto a guerra do Iraque ocupava o centro do processo decisório, durante o segundo mandato de Bush (2004 - 2008), os democratas passaram a pensar uma estratégia para voltar ao poder, olhando o legado de Bush, como nos mostra Jolin e Green (2009), por três vertentes: inicialmente um governo que flertava com o isolacionismo e com um discurso conservador de influência cristã, cujo respaldo popular cresceu entre 1960 e 1990, a partir de nova política externa, sobe forte influência neoconservadora e com um governo que fomentou o antiamericanismo no mundo.

Em 2004, como nos mostra Halperin e Heilemann (2010), Barack Hussein Obama chegou ao senado federal³⁵³ com o intuito de priorizar questões estaduais e aprender o funcionamento da política nacional. Pouco a pouco, ganhou experiência, tendo em Richard D. Lugar, senador republicano por Indiana, uma espécie de mentor e envolvendo-se em temas nacionais como educação, saúde e o combate ao terrorismo internacional. Em 2006, com a Guerra do Iraque, baixa popularidade doméstica e o antiamericanismo em alta no mundo, os

³⁵¹ Bush não esperou a decisão do Conselho de Segurança da ONU para atacar o Iraque ele deu à ONU, em suas palavras, a chance juntar-se aos EUA no ataque contra o Iraque. Pelos parâmetros da ONU, uma guerra só ocorre por dois motivos: autodefesa e para proteger a segurança e paz internacional.

³⁵² O realismo é a escola mais tradicional e parte do princípio de que as relações internacionais são fruto da interação entre Estados soberanos, com ganho zero e que agem num sistema internacional anárquico norteados pelos seus interesses. O internacionalismo explica as relações internacionais pelas instituições e regimes internacionais. Valoriza-se a ordem, as regras e o direito internacional. Já o isolacionismo não é uma escola de relações internacionais mais um comportamento estatal, onde o Estado concentra-se em suas questões internas sem participar do debate internacional.

³⁵³ Quando foi eleito senador pelo estado de Illinois, Obama estava com 43 anos

democratas fizeram maioria no legislativo se articulando para a eleição de 2008. Ainda segundo Halperin e Heilemann (2010), pelo lado republicano se destacou o senador John McCain e o ex-governador de Massachusetts, Mitt Romney, ambos tentando distanciarem-se do desgaste do legado de Bush sem, contudo, afastarem-se da base conservadora.

No Partido Democrata, em contrapartida, três candidatos conseguiram firmar-se, John Edwards, senador pela Carolina do Norte, que foi o vice na chapa de John Kerry em 2004; Hillary Clinton, ex-primeira dama e senadora pelo estado de Nova Iorque e, inicialmente como um *outsider*, Barack H. Obama, jovem senador carismático de Illinois.

Como nos mostra Remnick (2011), Obama diferenciou-se de seus adversários apresentando duas novidades: o fato de ser um candidato com uma história de vida capaz de sintetizar o espírito e os ideais dos EUA como nação³⁵⁴, o que o colocava também como diferente e, portanto, capaz de fazer as coisas de forma distinta. Obama destacava-se ao conseguir mobilizar as pessoas falando em esperança e mudança. Junto com Obama estavam assessores e representantes de uma revitalização dos Democratas durante o segundo mandato de Bush, como Susan Rice, ex-assessora de Clinton, propunha mais atenção para a África e para a pobreza na política externa dos EUA; Samantha Power, de perfil acadêmico, propunha uma reformulação dos direitos humanos na política externa dos EUA e David Axelrod que organizou e montou a estratégia de campanha focando dois pontos centrais: o de vincular apoio político ao financiamento da campanha³⁵⁵ e o uso da internet como instrumento de mobilização e de divulgação da candidatura³⁵⁶.

Para Halperin e Heilemann (2010) a disputa pela indicação do partido Democrata sinalizava que Obama, sem necessariamente representar um movimento ou trazendo uma ideia nova, firmar-se-ia como o candidato de oposição a Bush, sendo capaz de trazer alguma transformação sem, com isso, especificar exatamente qual mudança ocorreria e sem rejeitar

³⁵⁴ Obama enfatizava sua trajetória: pai negro queniano, mãe branca do Kansas, educado pelo avós no Hawaii, bom desempenho acadêmico (primeiro negro a comandar o jornal do curso de direito de Harvard, o *Harvard Law Review*), o casamento com Michelle, afro-americana de uma família de descontentes de escravizados, a descoberta da fé cristã, a escolha pelo trabalho como *organizador* social em detrimento de uma carreira lucrativa nos escritórios de advocacia de Chicago, terminando como Senador que votou contra a Guerra do Iraque e que defende uma reforma no plano de saúde.

³⁵⁵ A estratégia partia do seguinte ponto: Você vai votar no Obama? Então faça também uma doação para nossa campanha. O resultado foi uma candidatura com arrecadação recorde.

³⁵⁶ O site oficial da campanha: <www.BarackObama.com> Acessado em 10/05/2010. Ha canais exclusivos no Youtube como <<http://www.youtube.com/user/barackobamadotcom?blend=1&ob=4>> Acessado em 05/02/2010. Além do uso das redes sociais.

totalmente o legado do governo republicano. Foi com este espírito que Obama ganhou a eleição e montou seu gabinete.

Nos setores mais sensíveis e estratégicos, como o da economia e da segurança, houve uma continuação³⁵⁷. Ao mesmo tempo, apresentava um perfil mais centro-progressista com a inclusão de secretários e assessores recrutados em centros de pesquisa e *think tanks* como o Brookings Institute e o Center for American Progress. Modificava, assim, o perfil do governo Bush que tinha sido definido por nomes ligados ao *American Enterprise Institute*, *Rand Corporation* e o *Project for the New American Century*³⁵⁸. Leslie H. Gelb (2010), pesquisador sênior do *Council on Foreign Relations*, destaca outra característica importante do gabinete de Obama: sua paz interna. Lembrando os grandes embates entre secretários em administrações passadas, como por exemplo, entre Colin Powell e Donald Rumsfeld durante o primeiro mandato de George W. Bush, Gelb mostra que o bom entendimento principalmente entre Hillary Clinton (secretária de Estado) e Robert Gates (secretário de Defesa) traduz mais o estilo conciliador de Obama do que uma política externa coesa e bem definida.

O gabinete de Obama mostrava confiança e segurança, tanto para enfrentar os desdobramentos da crise financeira do final de 2008, como para construir uma nova hegemonia democrata no Congresso. O resultado das eleições para o Congresso em 2010 seria um teste decisivo.

7.2 A primeira reação antiObama veio da extrema direita³⁵⁹

A extrema direita nunca foi hegemônica nos EUA. E quando falamos de extrema direita estamos falando de espectro amplo de atores que perpassa por grupos religiosos, racistas, reacionários, elitistas, e populistas. Mesmo em momentos de grande mobilização e de

³⁵⁷ Robert Gates seguiu no processo decisório, como secretário de defesa. Timothy Garthner como secretário do Tesouro, trabalhou no FMI durante o governo Bush, Paul Volker como presidente do Comitê para a Recuperação Econômica e Lawrence Summers são economistas experientes que já trabalham em administrações republicanas.

³⁵⁸ Para uma discussão mais detalhada sobre o perfil dos Think Tanks na composição dos gabinetes de George W. Bush e Barack H. Obama conferir nosso capítulo em: AYERBE, L. F. (Org.) *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. Ed. Unesp. SP. 2009.

³⁵⁹ Esta discussão foi inicialmente apresentada no I Simpósio do INEU - *Balanço e Perspectivas dos Estudos sobre os EUA*. Realizado na Puc - SP, entre os dias 23 e 26 de novembro de 2010. Agradecemos a oportunidade, os comentários e sugestões recebidas nesta ocasião.

transformação política, como por exemplo, durante os anos de 1960 com as lutas pelos direitos civis, movimentos populistas com bandeiras autoritárias, racialistas ou segregacionistas não conseguiram superar seus nichos e seu regionalismo e conquistar vitórias federais.

Há nomes históricos que nos ajudam a encontrar balizas para o pensamento de extrema direita nos EUA como George Wallace, que em 1968 lançou-se a presidência com uma plataforma pró-segregação racial e conquistou quase 10 milhões de votos³⁶⁰, mas via de regra, candidatos como Lyndon LaRouche³⁶¹, um eterno candidato de perfil nacionalista com forte retórica conspiratória, participando de todas eleições desde 1970, nunca conseguem superar o patamar de 100 mil votos. Um outro caso digno de nota é o Pat Buchanan, político com longa trajetória no partido Republicano que em 2000 foi candidato a presidência pelo *Reform Party* conseguindo quase meio milhão de votos com uma plataforma isolacionismo para a política externa e denunciando a influência maligna de Israel no governo dos EUA e dos neoconservadores, que seriam agentes de Israel³⁶². Falando para seu próprio grupo estes candidatos demonstram a dificuldade e as limitações da direita populista e radical de conseguir êxito eleitoral.

Outros grupos buscam outras vias de manifestação política como a ação direta e ações violentas. Estes setores que, por exemplo, defendem uma guerra racial, a resistência via milícias antigoverno ou simplesmente que pessoas busquem a transformação pela força e pela destruição do governo, abalam a sociedade americana e tem o respaldo de grupos, mas que não podem ser considerados desprezíveis.

Pensando em um quadro mais amplo da direita americana, o impacto político destas ações é negativo e gera na sociedade uma paranoia que força o governo a monitorar e a ter leis mais duras contra, por exemplo, possíveis ações de terrorismo doméstico. Ações como a de Joe Stack, que em 2010 queimou sua casa e se matou colidindo seu monomotor contra o prédio do Imposto de Renda em Austin, Texas, deixando uma carta na internet clamando para que as

³⁶⁰ Segundo Sorman (1983,67-68), Wallace posteriormente foi eleito governador do Alabama em 1982 (após ter sofrido um atentado que o deixou paraplégico e surdo) com 60% dos votos e com o apoio de 84% dos afro-americanos. Após uma campanha que focava as duas principais forças da política sulista a religiosidade (colocada na forma de confissão pública dos erros do passado e do pedido de perdão de seus erros) e o populismo (marcada pela distribuição gratuita de livros escolares com para todos, medida que ajudou principalmente a população afro-americana).

³⁶¹ Cf. <<http://www.larouchepac.com/>> Acessado em 01/05/2010.

³⁶² O debate em torno do antissemitismo de Buchanan é antigo, um bom retrato do debate pode ser encontrado em: *In Search of Anti-Semitism* (1992), de William F. Buckley, Ed. Continuum Intl Pub Group; NY.

pessoas se rebelam contra o governo, é um exemplo da lógica de ação política violenta da extrema-direita.

As teses pró-ódio, próprios de uma direita radical, tendem a ser, como foi no caso sulista nos EUA, capitaneado por grupos abertamente racistas como foi o caso do *Ku Klux Klain* (KKK). Segundo Chalmers (1987), o início da mobilização do KKK coincide com o fim da Guerra Civil americana em 1865 tendo como um dos principais articuladores o general dos Confederados (que lutavam pelo Sul) Nathan Forrest, mobilizando, principalmente, pessoas nos estados do Sul em torno da afirmação de um modo de vida e movido por um sentimento de injustiça. Um movimento que começou em torno de cinco ou seis pessoas, segundo Chalmers (1987), em 1920 já mobilizava milhares, chegando em 1924, a levar 40 mil seguidores para uma manifestação em Washington D.C³⁶³. Já para McVeigh (2009), o KKK desde sua fundação sempre teve um caráter e uma orientação econômica e social e via na classe dominante o verdadeiro inimigo. Desta forma, o foco racial destacado por Chalmers e o socioeconômico de McVeigh se encontram quando analisamos a mobilização contemporânea deste movimento.

No limiar do século XXI, o KKK – como nos mostra McVeigh (2011) – não atinge 1% de filiados em relação a seu auge nos anos de 1920, contudo, hoje o movimento está mais articulado com outros grupos de extrema-direita, como milícias, grupos neonazistas e seitas fundamentalistas/ racistas como o *Christian Identity* e também está mais próximo de grupos internacionais, principalmente, na Europa, África do Sul, Austrália e Canadá onde, por exemplo, há o *Brotherhood of Klans*³⁶⁴ inspirado no KKK americano. A postura política do KKK se caracteriza, como nos mostra Power (2002), por um racismo agressivo, uma ideologia anticatólica e antisemita e posturas xenofóbicas e anti-imigrantes. Diante de Obama, percebemos um recrudescimento na mobilização deste tipo de grupo, como foi o caso de David Duke, que já foi ligado ao *Ku Klux Klain* da Louisiana e ao Partido Republicano e que esteve entre os primeiros a buscar uma mobilização de possíveis seguidores/ simpatizantes do KKK contra Barack Obama. Em 2008, antes da convenção de Democrata em Denver, Duke declarou: “Não me preocupo com Obama, caso ele ganhe, sua morte é certa como o inferno³⁶⁵”. E passou a

³⁶³ Durante os anos de 1990, muitos estados e a própria capital federal proibiram manifestações ao estilo do KKK com pessoas encapuzadas.

³⁶⁴ Cf. relatório da Southern Poverty Law Center, disponível em: <<http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-files/groups/brotherhood-of-klans>> Acessado em 24/01/2012.

³⁶⁵ Cf. forum <Stormfront.org> . Acessado em 06/03/2010.

propagar que a vitória de Obama seria o início de uma guerra racial nos EUA. Outros *sites* e fóruns racistas passaram a incitar o assassinato de Obama³⁶⁶, o tornando o candidato recordista em ameaças de morte na história dos EUA.

A extrema direita foi o primeiro a se mobilizar e a usar da candidatura – e depois a vitória de Obama – como elemento para uma mobilização e expansão de ação política. O principal instrumento destes grupos foi o uso da internet, como, por exemplo, o portal Stormfront³⁶⁷, criado em 1995 pelo ex-membro do KKK, Don Black, nele, quando anunciada a vitória de Obama foram mais de cem mil acessos³⁶⁸ como nos mostra o balanço feito pelo site da *The Anti-Defamation League*³⁶⁹ que analisou vários fóruns eletrônicos de grupos de extrema-direita, encontrando mensagens tanto de raiva, e de desprezo, manifestando o racismo diante da eleição de um presidente negro e como outras que previam o crescimento dos grupos pró-supremacia racial branca. Neste ponto é importante frisar como a extrema-direita teve uma reação distinta em relação ao espectro conservador mais amplo que reagiu a vitória de Obama entendendo que sua vitória representava o fim do racismo e o início de uma era pós-racial³⁷⁰ nos EUA ou, no limite, como a própria campanha sugeria, a trajetória de Obama reforçava e exemplificava a interpretação da excepcionalidade americana.

O principal argumento dos grupos extremistas para uma mobilização antiObama partia inicialmente da questão racial, mas rapidamente também envolveu a crise econômica, explorando uma percepção que os EUA entrariam em decadência, principalmente diante da decadência do WASP³⁷¹. A crise projetada sobre o homem branco suscita na sociedade um questionamento caro à identidade estadunidense, a branquidade³⁷², a relação com imigrantes e a própria família tradicional hierarquizada em torno da figura do pai, chefe de família. Neste ponto, bandeiras da extrema direita, como orgulho racial, xenofobia, homofobia, antifeminismo e anti-

³⁶⁶ Cf. <<http://vnnforum.com/showthread.php?t=66545>> Acessado em 04/05/10.

³⁶⁷ Cf. <<http://www.stormfront.org/forum/>> Acessado em 25/01/2012.

³⁶⁸ Cf. Lakoff, 2008, p. 134.

³⁶⁹ Cf. <<http://www.adl.org/NR/exeres/69409564-C74D-41EA-B44B-3A805692A0E8,DB7611A2-02CD-43AF-8147-649E26813571.frameless.htm>> Acessado em 24/01/2012.

³⁷⁰ Autores como Jean Hardisty, (Cf. *Mobilizing Resentment*, Ed. Beacon Press, Boston, 1999), argumentam que o uso da argumentação da “excepcionalidade americana” apenas reforça um novo racismo, que parte das ações afirmativas para argumentar que uma vez atingido um ponto de igualdade racial (*color blind*) a responsabilidade no caso, por exemplo, de desemprego, baixa renda, ma qualidade de moradia é transferida para o indivíduo.

³⁷¹ Sigla em inglês para homem branco, anglo-saxão e protestante.

³⁷² Branquidade é um conceito usado nas discussões étnico-raciais que estuda como se constrói, se constitui e se afirma a identidade branca nas relações raciais. Cf. por exemplo, *Branquidade*, org. por Vron Ware, 2004, Ed. Garamond, RJ.

igualitarismo apelam ao espectro conservador mais amplo que tem, como nos mostra Lakoff (2004), na família estruturada em torno de uma moral paterna o centro do qual se projetam valores e bandeiras de militância política como, por exemplo, em relação ao aborto, ao casamento gay, o ateísmo, ou o estudo do evolucionismo.

A crise de identidade do WASP, do homem branco, tradicional chefe de família é tanto disputado pelos conservadores tradicionais, como pela direita radical. Para Lakoff (2008) há dois modelos de família que marca o embate entre conservadores e liberais nos EUA. Há o modelo pai rigoroso, onde a figura do pai é central se colocando não só como um provedor, protetor de sua família, mas, sobretudo, como um líder moral, uma autoridade que lidera, que pode e assim ensina valores. E, por outro lado, há o modelo dos pais carinhosos, no qual há uma divisão de tarefas, se valoriza as diferenças e compartilha responsabilidades. Pais carinhosos tendem a ter percepções liberais da política americana quando os do modelo pai rigoroso se aproximam dos conservadores³⁷³.

A percepção de ameaça identitária, central em torno do WASP³⁷⁴, afeta diretamente a figura deste pai rigoroso e, desta forma, grupos como o *American Family Association*, *Family Reserch Council*, *Council of Conservative Citizens* e militantes como Jared Taylor³⁷⁵, David Duke³⁷⁶, propõem nos termos de James Maia, do *American Renaissance*³⁷⁷, “uma tomada de consciência racial branca” e, neste sentido, as posições de Obama em relação à política migratória e o apoio a Israel³⁷⁸, mobilizam e suscitam revolta entre estes atores que se unem

³⁷³ Segundo Sorman (1985, P.49-50), a batalha entre a educação liberal e conservadora ocorre nos EUA principalmente após as publicações do pedagogo Benjamin Spock em 1946, que revolucionaram a educação ocidental. Spock foi considerado um dos grandes responsáveis pela revolução dos jovens dos anos 1960-70, por ter aconselhado os pais a criar crianças com espírito de contestação. Já na década de 1980 o autor argumentou desaprovando a excessiva permissividade, dizendo jamais ter recomendado o excesso de permissividade.

³⁷⁴ A crise do WASP e da identidade americana também já foram discutidas por autores do establishment conservador americano como Samuel P. Huntington, em *Who are we?* Ed. Simon & Schuster, 2005, e Charles Murray com o recém lançado *Coming Apart: The State of White America, 1960-2010*, ed. Crown Forum, 2012.

³⁷⁵ Escritor, palestrante e militante, organiza conferências e escreve sobre os riscos da diversidade e do multiculturalismo para a família.

³⁷⁶ Um dos militantes mais ativos da extrema-direita, dentro suas iniciativas está o European-American Unity and Rights Organization (EURO) que se propõe a defender os “direitos civis dos brancos”.

³⁷⁷ Um Think Tank que se autodenomina em defesa da raça branca.

³⁷⁸ O apoio a Israel é criticada neste recorte, tanto por se tratar de um estado judeu, portanto, visto como uma religião não confiável, como também por se tratar de investir dinheiro dos EUA em outro país, um tema também muito explorado no espectro conservador mais amplo. Cf. um balando do debate em *Com Amigos assim, quem precisa de inimigos?* Revista Novos Estudos, outubro de 2006. De Peter R. Demant. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n76/04.pdf>> Acessado em 01/05/2012.

diante da percepção de um presidente antiamericano³⁷⁹ e um governo que ameaçaria a identidade americana. Em síntese, a mobilização da extrema-direita contra Obama nos mostra que apesar do tema racial jamais ter saído dos debates partidários, o racismo, para alguns um tema superado, mostrou-se ainda muito presente e capaz de suscitar mobilização política.

E a mobilização inicial antiObama nos mostra como estes atores estavam e ainda buscam influenciar, se vincular e atrair o *establishment* conservador. Esta aproximação com o espectro mais amplo do conservadorismo americano diante de Obama tem ocorrido, em nossa percepção, principalmente mediante os seguintes temas: a questão racial, o sentimento anti-imigrante, o tamanho do Estado e os mecanismos de funcionamento do processo decisório.

Diante do ódio da extrema-direita não podemos deixar de discutir o fato de que Obama é o primeiro presidente declaradamente negro da história dos EUA e discutirmos como Obama se relaciona com o eleitorado e com os políticos que dialogam com as tradições afro-americanas nos EUA.

7.3 Ser negro e ser presidente dos EUA³⁸⁰

A eleição de Obama contou com o voto de 8 em cada 9 afro-americanos, num universo de 9,9 milhões de pessoas. São quase 8 milhões de votos num universo eleitoral de mais de 120 milhões³⁸¹. Mas, para conquistar a vaga do partido Democrata, o democrata esteve longe de ser uma unanimidade entre políticos negros. Em parte, muitos políticos achavam impossível um negro ganhar e, em parte, Hillary Clinton era um nome bem conhecido, enquanto Obama era apenas uma jovem revelação. Nomes importantes como James Clyburn, deputado negro da

³⁷⁹ Neste ponto vale notarmos que uma das bandeiras mais comuns nas manifestações e nas mobilizações feitas por atores da extrema direita remetem a uma das bandeiras da guerra de independência dos EUA, geralmente amarela com uma cobra enrolada em posição de preparação para ataque com os dizeres “Don’t tread on me” (literalmente: não pise em mim) ou então “bite me” (literalmente me morda).

³⁸⁰ Parte desta discussão foi iniciada em nosso artigo *Raça e Imigrantes na Nova configuração da política doméstica dos EUA durante o primeiro ano de governo de Barack H. Obama* a ser publicado pela Revista Espaço Diálogo e Desconexão (REDD). No prelo. Agradecemos a leitura e as sugestões do parecerista.

³⁸¹ Segundo dados oficiais, na eleição de 1998 foram 131.257.328 de votos e Obama teve: 66.728.126 votos (ou 53%, e o voto dos afro-americanos representaria 13% do seu total de votos quase o dobro da diferença que teve em relação à McCain no total de votos, que foi de 7%). Cf. banco de dados sobre a eleição de 2008 do NYT: <<http://elections.nytimes.com/2008/results/president/explorer.html>>. Acessado em 06/11/2010.

Carolina do Sul e John Lewis (importante militante dos direitos civis e deputado da Geórgia) e Michael Nutter (prefeito de Filadélfia), apoiavam inicialmente Hillary Clinton.

Obama, de certa forma, pertence a uma geração nova de políticos negros e tem uma perspectiva diferente em relação à questão racial na política americana. Alguns teóricos, como Matt Bai (2008), defendem que há três gerações de políticos negros nos EUA: a geração anterior à luta pelos direitos civis, a geração que lutou por estes direitos e aquela que não vivenciou tal luta.

A geração dos direitos civis frisa a história dos negros nos EUA mostrando a necessidade de organização e de luta diante de uma sociedade ainda dominada pelos brancos e que pouco oferece de oportunidade aos negros. É uma geração que conseguiu chegar ao Congresso, governar cidades importantes, mas que sempre teve dificuldades para conquistar o eleitorado branco necessário para chegar a cargos majoritários ou ao Senado. Fariam parte desta geração os políticos da *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) e do *Congressional Black Caucus* (CBC) ³⁸².

Obama, dentro da discussão de Bai (2008), seria um político da geração pós-direitos civis, com trajetória política e de vida diferente daqueles – a começar pelo fato de que sua mãe era branca e seu pai era queniano, sendo, como nos mostra Remnick (2011), criado pelos avós brancos em uma comunidade na qual os negros eram minoritários. Além de Obama, poderiam se encaixar nesta geração políticos como Michael Strautmanis (chefe de Gabinete da Agência de Desenvolvimento Internacional do governo Clinton) e Matthew Nugen (assessor político do partido Democrata), bem como, grupos de mobilização como o *Color of Change* ³⁸³ - que foi fundado em 2005 buscando ajudar as vítimas do Furacão “Katrina” e posteriormente tornou-se um instrumento de mobilização em torno dos problemas da população negra dos EUA. A geração de Obama teve a oportunidade de estudar em escolas de elite sob forte influência da visão de mundo da classe média, o que dificulta em encaixá-lo e identificá-lo como político negro, no sentido de afirmar uma identidade racial na política.

Identidade étnica na política, nos termos de Herbert J. Gans (2007), pode ser definida como uma “atividade política que expressa e defende ativistas étnicos ou ligadas a uma

³⁸² O NAACP é uma organização civil que busca representar e defender os direitos e os interesses dos afro-americanos eliminando a discriminação. Foi fundado em 1909. O CBC é uma organização existente no Congresso dos EUA para políticos que se identificam como negros, existe desde 1969.

³⁸³ Cf. <<http://www.colorofchange.org/>> Acessado em 05/11/2010.

identidade racial³⁸⁴ (p.102). E, segundo Gans (2007), durante o processo de assimilação, inevitável onde haja uma minoria étnica – a visão da maioria sobre a minoria étnica faz-se presente, produzindo uma imagem que é internalizada. Em síntese, esta discussão nos leva a pensar que a formação identitária é um processo de causa e efeito, de atitudes e de comportamentos. O elemento étnico entra por um lado como uma escolha identitária e o elemento racial, por outro lado, surge como uma imposição à identidade. Em outras palavras, escolhe-se uma identidade étnica, mas não se escolhe uma raça, o que produz grandes implicações políticas.

Como nos mostra Halperin e Heilemann (2010), Obama ganhou outro *status* após vencer as primárias de Iowa, a primeira da disputa eleitoral para a eleição de 2008. Num estado composto por 93,9% de brancos, Obama venceu Hillary por 38% contra 30%. O que (se) sucedeu foi um aumento da mobilização em torno da campanha de Obama e uma polarização com forte tensão racial com Hillary Clinton. Em março de 2008, as declarações antigas do Reverendo Jeremiah Wright, uma das lideranças da *Trinity Church* de Chicago que Obama frequentou por muitos anos, teve grande repercussão midiática. As declarações tinham um teor racial forte e responsabilizava os brancos e o governo dos EUA, em diferentes momentos, pela situação e principalmente pela miséria dos negros no país. A reação de Obama a estas declarações é fundamental para entendermos sua relação e sua identidade como afro-americano.

Obama em nenhum momento negou seu envolvimento, história e conhecimento prévio de algumas das opiniões do Rev. Wright, mas seu discurso oficial e de resposta indireta a Wright, frisa que estas opiniões nunca foram confundidas ou norteadoras do trabalho religioso do qual ambos participavam em Chicago. Para Obama, o momento histórico da sua candidatura, não é de divisão e de embate entre negros e brancos, mas de união, que seria a única forma de enfrentar os problemas que afetam a todos. Não por menos, o discurso de Obama sobre este tema teve como título *A more perfect union* (literalmente, “uma união mais perfeita”) e nele pontuou momentos de sua trajetória enfatizando que sua vida e sua história se assemelham com a história do povo americano, frisando que uma pessoa como ele só poderia ter tido a história que teve num país como os EUA. Esta condução de Obama nos permite concluir que sua identidade está mais equiparada com o ideal de um povo americano do que como afro-americano e, sua estratégia de discutir a questão racial buscando a união com os brancos deixa claro sua postura política, que o

³⁸⁴ No original: [...] political activity devoted primarily to expressing and defending activists ethnic or racial identity (p. 102)

liga a uma geração pós-luta pelos direitos civis. Segundo Obama: “[...] a raiva é de verdade, é poderosa, ela ajudou a moldar a paisagem política de pelo menos uma geração ³⁸⁵”, portanto, pregar o ódio, ter uma visão amargurada da questão racial nos EUA teria servido para uma geração, mas agora seria preciso deixar de ver a sociedade como estática, dividida e buscar mudanças.

Autores como Street (2009) questionam qual efetivamente seria a mudança proposta por Obama para a população afro-descendente, principalmente em se tratando da conquista de ser o primeiro presidente negro dos EUA. Para Street, a eleição de Obama pode trazer a falsa percepção que a questão racial nos EUA foi superada. A lógica seria: se milhões de homens, mulheres, jovens, adultos e idosos votaram num negro para a presidente, o racismo seria coisa do passado. E o próprio Obama, para Street, (2009) hesitaria em pensar políticas públicas focadas ou distintas para os negros. Grupos e Think Tanks conservadores, como por exemplo, o *Family Security Matters* e o *Center for Urban Renewal & Education* ³⁸⁶ passaram a defender a era pós-racial nos EUA, associando aqueles que insistem em políticas diferenciadas e em dívidas históricas com os negros (como, por exemplo, a NAACP) ao esquerdismo e a continuidade do racismo. Nos termos de Star Parker, candidata negra pelo Partido Republicano na Califórnia e vinculada a estes *Think Tanks*, em artigo de novembro de 2010:

Nós chegamos nos EUA pós-racial, mas os negros do establishment – que se apresentam como de esquerda – recusam esta realidade e estão fazendo tudo o que podem para convencer os cidadãos negros a também recusarem tal fato. A mais dura realidade é que os políticos negros do establishment não querem aquilo que o Dr. Martin Luther King sonhava. Eles não querem que nos EUA as pessoas sejam julgadas pelo seu caráter. Eles querem um EUA que seja Democrata, de esquerda e é isso que eles estão promovendo hoje sob a bandeira dos direitos civis ³⁸⁷.

Obama mostra-se contrário quanto às possíveis reparações ou indenizações para os afro-americanos por motivos históricos. Nesta linha de raciocínio, Street (2009) aproxima Obama

³⁸⁵ No original: “[...] the anger is real, it’s powerful, and [...] anger [...] helped shape the political landscape for at least a generation.” In For a More Perfect Union Speech, 18/03/2008, disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2008/03/18/obama-race-speech-read-th_n_92077.html> Acessado em 05/11/2010.

³⁸⁶ Cf. <<http://www.familysecuritymatters.org/>> e em: <<http://www.urbanecure.org/>> Acessados em 06/11/2010.

³⁸⁷ Artigo *Race and the 2010 Election*, disponível em: <http://www.familysecuritymatters.org/publications/id.7847/pub_detail.asp> Acessado em 06/06/2011. Texto original: We have arrived in post-racial America but establishment blacks – lodged in the political left – refuse to accept it and are doing all they can to get black citizens to refuse to accept it. The sobering reality is that the black political establishment doesn’t want Dr. King’s dream. They don’t want an America where people are judged by the content of their character. They want an America that is Democrat and left wing and this is what they promote today under the banner of civil rights.

da visão neoliberal da sociedade, que enfatiza o indivíduo em detrimento ao Estado e que é laudatório do capitalismo de mercado. Esta leitura teria respaldo dos setores mais conservadores que passaram a entender Obama como a prova que não mais haveria limites para a ascensão social, política e econômica dos negros nos EUA. É uma leitura que enfatiza o mérito pessoal colocando a questão racial como superada. Para William Bennett³⁸⁸ (apud, Street, 2009, p. 104), por exemplo, a eleição de Obama seria uma lição à comunidade afro-americana por vencer sem pregar o ódio racial. Charles Krauthammer³⁸⁹ (in: Washington Post, 07/03/2008) seguiria o mesmo raciocínio escrevendo que Obama transcenderia a raça. Evidências desta transcendência estariam, por exemplo, no declínio da participação de afro-descentes no gabinete federal, pois enquanto no governo Obama há apenas Eric Holder, como afro-americano no gabinete de George W. Bush eram quatro secretários. Desta forma Krauthammer conclui que o governo Obama não seria um governo com prioridade para afro-americanos na composição do processo decisório.

O fato de Obama não assustar os conservadores mostra que sua candidatura e seu governo, na melhor das hipóteses, será neutro quando não contrário às causas históricas do movimento negro dos EUA. Como escreveu Vernon S. Burton³⁹⁰, um leitor do NYT em 19 de março de 2008 (apud, STREET, p. 109): “É irônico que um homem negro tenha que convencer os brancos que a culpa e os estragos causados pelos 300 anos de escravidão, segregação e opressão não serão cobrados em suas portas”. Outro ponto muito sensível é o aumento do desemprego que afeta com mais intensidade os homens e os jovens negros. Segundo pesquisa do Kirwan Institute, ligado à Universidade Estadual de Ohio³⁹¹, o desemprego entre negros aumentou durante o governo Obama, que estava em 11,1% em 2008 e, em setembro de 2010 atingiu um índice que é quase o dobro em relação aos brancos (16.1 % para negros contra 8.7% para brancos.). Entre jovens³⁹², segundo esta mesma pesquisa³⁹³, o desemprego entre os negros chega a 49%, contra 23,4% entre brancos.

³⁸⁸ Político conservador participou dos governos de Reagan (secretário de Educação), George W. H. Bush (secretaria de combate as drogas) é pesquisador da Project for the New American Century (PNAC).

³⁸⁹ Colunista do espectro conservador, seus textos chegam a mais de 100 revistas, jornais e períodos do principalmente nos EUA, Canadá e Reino Unido.

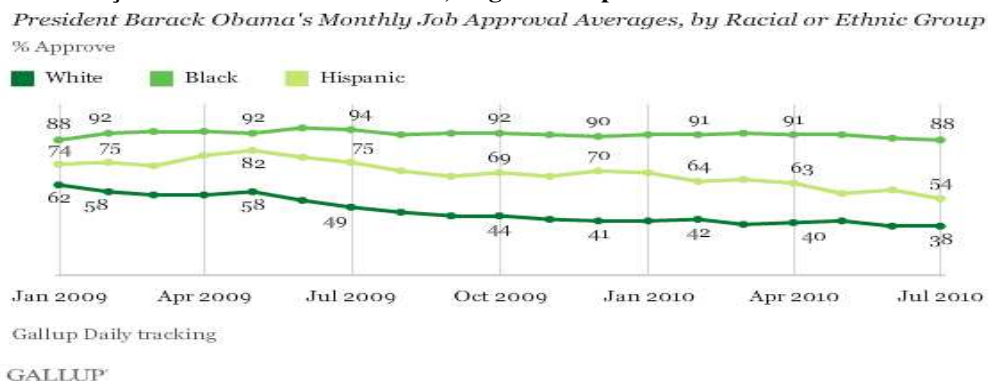
³⁹⁰ No original: It is ironic that a black man has to convince white people that the blame for the damage that 300 years of slavery, segregation and oppression has done will not be laid at their door.

³⁹¹ Cf. <<http://kirwaninstitute.org/>>. Acessado em 05/11/2010.

³⁹² Pessoas entre 13 e 19 anos que buscam o primeiro emprego ou formas de ter as primeiras experiências profissionais.

Apesar da tentativa de construir uma imagem de um presidente racialmente cego, sem uma política focada para a população negra, o apoio e aprovação de Obama entre os negros segue muito acima da média nacional, como mostra o seguinte gráfico do Instituto Gallup³⁹⁴:

Gráfico 3 A avaliação de Obama entre Brancos , Negros e Hispânicos



Tal gráfico também é interessante ao nos mostrar que, apesar do aumento do desemprego nesta população, o apoio dos afro-americanos a Obama não caiu, o que sinaliza para personificação em torno de Obama quanto as possibilidades de mudanças na política estadunidense, pois apesar do forte apoio entre os negros, o mesmo apoio não se mostrou natural ao Partido Democrata. Nas eleições de 2010, em estados com forte presença de afro-americanos houve algumas vitórias importantes como em Maryland (com 29,7% de negros) onde o democrata Martin O'Malley conseguiu manter-se no cargo e em Massachusetts onde o governador democrata Deval Patrick foi o primeiro afro-americano a conseguir se reeleger. A vitória democrata na Califórnia também foi importante, já na Georgia, Ohio (diferença de 2,7%), Flórida (com uma diferença de apenas 1,2%) e em Illinois (com uma diferença de 0,5, equivalente a 19.413 votos), estado de origem de Obama, os republicanos ganharam. No senado, o cenário é parecido, algumas vitórias importantes como na Califórnia e Nova Iorque e derrotas como na Carolina do Norte, Flórida e, em alguns casos, como em Illinois – além da simbologia

³⁹³ Cf. Relatório *Race Recovery Index*, disponível em: http://4909e99d35cada63e7f757471b7243be73e53e14.gripelements.com/publications/race-recovery_oct2010.pdf Acessado em 06/11/2010.

³⁹⁴ Cf. < <http://www.gallup.com/poll/141725/blacks-whites-continue-differ-sharply-obama.aspx>.> Acessado em 05/11/2010.

da disputa pela vaga que foi de Obama – os republicanos venceram (com Mark Kirk), por uma diferença de 1,9%.

Para nos ajudar a entender a reação dos republicanos, precisamos discutir o movimento que foi o principal responsável pela renovação do espectro conservador diante de Obama, o *Tea Party*.

7.4 O Tea Party e a renovação do Partido Republicano

Barry Goldwater se ainda estivesse vivo ele estaria falando em comícios do Tea Party, e as pessoas saberiam de onde ele vem, quer dizer essas idéias do Tea Party de hoje já estão em circulação por décadas, nesse sentido não vejo nada de novo, a única coisa nova é a idéia de organização civil, pessoas se organizando por elas mesmas³⁹⁵. Gerald Alexander

O *Tea Party* surgiu como um movimento descentralizado e apartidário, mas com um alvo claro: Barack Obama. Inicialmente como uma forma de protesto o movimento cresceu rapidamente e ganhou importante densidade eleitoral e peso político. Assim, para além da revolta contra o governo o movimento caminhou para repensar os rumos da política partidária. Uma forma de explicarmos a mobilização *Tea Party* é pensarmos como um movimento que oscila entre a revolta e o ressentimento.

Pela tese da revolta, ele surge de uma determinada leitura em torno do Estado, do papel do governo e da relação entre Estado e sociedade por parte dos atores do movimento. Neste sentido os *tea parties* acreditam que o governo está errado – está agindo errado – questionando a linguagem do poder, os símbolos os discursos e as práticas institucionais. Diante da revolta, buscam reprovar (quando não derrubar) Obama e seu governo tendo uma postura de afronta diante de suas iniciativas como, por exemplo, seu plano de reforma da saúde ou seu plano de estímulo econômico ou de reforma tributária.

As tentativas e a retórica de Obama, propondo uma modernização da economia americana, são percebidas pelos *tea parties* como uma ameaça e quando o próprio presidente ou

³⁹⁵ No original: if Goldwater were still around he would be speaking in Tea Party rallies , and people would know where he comes from , I mean, those ideas are been on circulating for decades, I that sense I don't see anything new, the only thing is new is the idea of civil organizing, people organizing. Cf. integra da entrevista nos apêndices destes trabalho.

seu partido demonstraram desdenhar do *Tea Party* os associando a movimentos extremistas de direita. Isto incitou a polarização política e aumentou o senso de rebeldia, mas principalmente de raiva diante de um governo que passou a soar como tirânico, ilegítimo e ditatorial. Neste ponto, como nos mostra Tilly (1978), a raiva aparece na sensação de vácuo que passa a existir entre a sensação daquilo que é merecido diante do que se está tendo/recebendo ou vivendo. Em síntese, Tilly mostra que: dada a chance, pessoas com raiva se rebelam³⁹⁶ (1978, p. 67). Por isso muitos *tea parties* passaram a se manifestar e a ter uma retórica defendendo uma nova revolução americana. Este sentimento apareceu, por exemplo, no discurso de Sarah Palin, uma das primeiras lideranças do partido republicano que tentou se aproximar do *Tea Party*.

Em fevereiro de 2010, durante a convenção do *Tea Party* organizada por lideranças republicanas em Nashville (Tennessee), Palin – em discurso para cerca de mil *tea parties* – declarou³⁹⁷: “[...] sabemos que este é o movimento e que os EUA estão prontos para uma outra revolução e que vocês são parte dela. Eu espero poder ir a mais eventos do *Tea Party*. É muito inspirador ver pessoas reais e não políticos ou lobistas, se manifestando e falando do senso comum e dos princípios conservadores”.

Analisando a agenda do *Tea Party* pela tese de um movimento de revolta, nos fica claro que, na medida em que a mobilização aumentava, novos interesses e novas bandeiras apareciam, o que em parte se explica, pois para se organizar nacionalmente, os interesses e as preocupações também tiveram que ser ampliadas, expandidas e aprofundadas. Boa parte do êxito da mobilização dos *tea parties* ocorreu pela capacidade de *networking* de alguns atores, mas, sobretudo, a partir da capacidade do movimento de se colocar de forma distinta, enquanto Obama projetava suas metas e seus objetivos coletivos como um passo na concretização de lutas antigas (como a reforma no plano de saúde), pessoas em diferentes locais dos EUA mostravam que não queriam mais impostos, que temiam o crescimento dos gastos e da estrutura administrativa do governo além de desconfiarem das reais intenções do presidente.

³⁹⁶ Cf. discurso na íntegra em: <<http://youtu.be/E7gVp3diPbI>> Acessado em 28/01/2012. No original: Given the chance, angry people rebel” (TILLY, 1978, p. 67)

³⁹⁷ No original: [...] just knowing that this is the movement and that America is ready for another revolution, and you are a part of this. I look forward to attending more Tea Party events in the near future. It is just so inspiring to see real people. Not politicians. Not inside-the-beltway professionals. Come out and stand up and speak out for common sense conservative principles.

Descontentes, distintos e dispostos a agir, a mobilização *Tea Party* cresceu e passou a ter um comportamento de movimento político de ação coletiva. E como nos mostra Tilly (1978, p. 84), “ação coletiva é uma articulação de ações na busca por fins comuns³⁹⁸.” Portanto, um ponto central que possibilitou unidade e permitiu vínculos entre diferentes *tea parties* que estavam espalhados foi uma aproximação com temas tradicionais da agenda conservadora como a ênfase na questão dos impostos e do papel do governo. Lakoff (2008) elege como temas clássicos da agenda conservadora (que são permeados pelos chamados valores familiares³⁹⁹): preocupação com os impostos, direito de ter armas, aborto, direitos sociais e a assistência social fornecida pelo Estado (políticas de bem-estar social). Neste sentido a simples retórica da campanha de Obama, centrada na ideia de mudança pode ter sido o estopim para um movimento de revolta e disposto a ação política, que com o passar do tempo se uniu em torno de antigos temas conservadores.

Se como movimento e ação política, o *Tea Party* passou a expressar uma agenda conservadora que em si não trazia novidades, podemos explorar uma tese que parte do ressentimento para explicar e discutir quem são os atores deste movimento, como eles se identificam e o que manifestam nos protestos e nas mobilizações. A ideia de ressentimento surge a partir do momento em que os atores se colocam como vítimas ou quando estão se queixando, reclamando de um *status* ou por um poder e por uma identidade que está em transformação ou que foi perdida. Percebemos que para o *Tea Party*, a questão pode não ser tanto a de mudar de rumo, mas sim a de voltar há uma América conservadora e idealizada. Neste sentido, Victor Davis Hanson (2011) sintetiza bem o papel que o governo Obama desempenhou no imaginário destes atores: “Poucos presidentes dos EUA conseguiram desfazer um rastro de tantas ilusões populares e profundas como Barack Obama. E por isso nos devemos a ele certo estranho agradecimento”⁴⁰⁰.

Estes atores seriam homens, brancos, entre 45 e 60 anos, dos estados do Sul dos EUA, nostálgicos de um passado idealizado no qual os EUA eram uma superpotência inquestionável, com um archi-inimigo claro e bem definido, com uma sociedade ordenada em torno dos WASP, da tradicional família patriarcal e de um conservadorismo, cujos ícones são

³⁹⁸ No original: Collective action is joint action in pursuit of common ends (TILLY, 1978, p. 84).

³⁹⁹ Envolve valores como obediência, disciplina, autoridade, a centralidade da figura paterna, a importância da punição (como instrumento de discernir o bem do mal)

⁴⁰⁰ Cf. texto escrito para a *National Review*, disponível em: <<http://www.nationalreview.com/articles/284333/obama-101-victor-davis-hanson>> Acessado em 30/01/2012. No original: Few American presidents have dashed so many popular, deeply embedded illusions as has Barack Obama. And for that, we owe him a strange sort of thanks.

Barry Goldwater (1964) e Ronald Reagan (1980). Ameaçados pela retórica progressista da campanha de Obama, o Tea Party, em síntese, pode ser lido como um movimento de conservadores ressentidos buscando rapidamente recuperar um espaço que a simples vitória dos democratas despertou a ameaça.

Da mobilização inicial surgiram ações coletivas que rapidamente transformaram o *Tea Party* num movimento social e nacional que foi rapidamente assimilado pelo Partido Republicano. Mas é importante discutirmos como o *Tea Party* se aproximou (ou foi assimilado) pelo Partido Republicano. Nem todos *Tea parties* identificaram-se imediatamente com o partido republicano. Muitos se diziam libertários ou descontentes, tanto com os democratas, como com os republicanos.

Inicialmente, até mesmo pela grande polarização interna, o Partido Republicano não assimilou de imediato o movimento *Tea Party*. O movimento se dispersou em vários temas e assuntos que compuseram os conflitos internos do partido. Uma linha com bandeiras anti-impostos, com uma retórica libertária se aproximou e se mobilizou em torno de Ron Paul⁴⁰¹. Outra anti-imigrante, se aproximou de lideranças republicanas, como Tom Tancredo⁴⁰², Sarah Palin⁴⁰³ e Michelle Bachmann.⁴⁰⁴ Estudo empíricos⁴⁰⁵ sobre a polarização política nos EUA nos ajudam a entender que diante do aumento da polarização nos partidos há uma convergência nos temas centrais, o que quer dizer que no conjunto um lado se polariza como conservador e o outro como liberal/progressista, mas há também uma grande divergência nos temas culturais⁴⁰⁶ que se multiplicam criando diferentes matizes de conservadorismo e do pensamento progressista/liberal. Com isso, conforme o Partido Republicano verticalmente se identifica cada vez mais como conservador (o que força o partido democrata a se ver como liberal), a agenda de

⁴⁰¹ Deputado desde meados dos anos 1970, pelo Texas defende uma plataforma libertária (pró - livre mercado, menos expansionista na política externa, com foco na garantia das liberdades individuais) dentro do partido republicano. Paul tem há alguns anos defendido uma política externa mais isolacionista e defende o fim do FED (o Banco Central dos EUA). Inumeros grupos conservadores se organizam como “ anti-Fed” , entre eles cf. Awake America; Committee to Restore the Constitution e Americans for Hope, Growth and Opportunity.

⁴⁰² Até 2009 foi deputado pelo estado do Colorado, lançou-se como pré-candidato a presidência em 2008.

⁴⁰³ Foi governadora do estado do Alaska (2006 – 2009), em 2008 foi a candidata a vice na chapa encabeçada por John McCain pelo partido republicano.

⁴⁰⁴ Foi senadora estadual pelo estado de Minnessota (entre 2003 e 2007), deputada também por Minnessota (desde 2007) lançando-se como pré -candidata a presidência em 2012.

⁴⁰⁵ Cf. o trabalho de Geoffrey C. Layman; Thomas M. Carsey; John C. Green; Richard Herrera e Rosalyn Cooperman, *Activists' and Conflict Extension in American Party Politics* in: American Political Science Review, V. 104, N. 02, Maio de 2010.

⁴⁰⁶ Como temas culturais temos: aborto, direitos para os gays, direitos civis, questão racial e temas relacionados ao Estado de bem-estar social.

temas culturais se amplia e a quantidade de atores em disputa aumenta. Por isso, uma vez diante do *Tea Party*, surgiram não uma, mas várias lideranças do partido republicano com foco em diferentes temas da agenda cultural e também é devido a esta grande polarização interna que mesmo quando um candidato se identifica como conservador é necessário muitas vezes, passar por testes e questionamentos em torno de vários temas para conquistar o apoio de diferentes parcelas do eleitorado conservador. Uma vez conquistado certo controle sobre uma parcela dos manifestantes, estes atores políticos ligados ao partido republicano puderam barganhar e exercer certa influência na escolha dos pré – candidatos como ocorreu na eleição legislativa em 2010, no qual tiveram êxitos nomes como Marco Rubio (eleito senador pela Flórida), Rand Paul (senador por Kentucky), Jim DeMint (senador pela Carolina do Sul)⁴⁰⁷ todos com uma retórica e com uma grande identificação *Tea Party*.

Mas o que queria o *Tea Party*? Boa parte dos movimentos dentro do *Tea Party* tinha a expectativa de resgatar um conservadorismo puro e sem concessões, ou então, de encontrar candidatos que não fossem políticos profissionais, critérios aplicados contra os candidatos democratas, como contra os republicanos. Para evitar esta revolta generalizada, alguns militantes esforçam-se para enquadrar os republicanos nas exigências dos *tea parties*. Neste sentido destacam-se duas iniciativas, uma de James Bopp, ativista do *Focus on the family*⁴⁰⁸ e ligado aos republicanos, que propôs como parâmetro para a escolha dos candidatos (a tolerância seria de apenas dois tópicos dentre dez temas de comprometimento): 1- Defender o direito de posse e uso de armas; 2- Ser contra o aborto; 3- Defender a redução do governo; 4- Lutar por menos impostos; 5- Defender o livre mercado; 6- Defender restrições à imigração, 7- Não hesitar no uso da força política internacional, seja na guerra contra o terrorismo seja contra estados hostis ao poder americano; 8- Ser contra o casamento gay; 9- Ser contra a proposta de reforma de saúde tal como foi apresentada por Obama; 10- Buscar a vitória no Iraque e no Afeganistão.

Uma segunda iniciativa de assimilar o *Tea Party* ao Partido Republicano surgiu a partir da reunião de conservadores de áreas distintas como que produziu o *The Mount Vernon Statement*⁴⁰⁹, onde, o argumento principal foi pela volta dos valores e dos princípios que teriam fundado os EUA, ou seja: um governo limitado com garantias das liberdades individuais,

⁴⁰⁷ Cf. lista completa dos candidatos que reclamaram ter o apoio do *tea party* em: <<http://www.foxnews.com/politics/2010/10/31/tea-party-candidates-midterm-election/>> Acessado em 30/01/2012.

⁴⁰⁸ Cf. <<http://www.focusonthefamily.com/>> Acessado em 09/03/2010.

⁴⁰⁹ Cf. o manifesto em: <www.themountvernonstatement.com/> Acessado em: 04/03/2010.

incentivo ao livre comércio, defendendo a família, a comunidade e a fé, lutando no plano internacional contra a tirania e governos hostis. Tanto esta declaração apoiada por conservadores ilustres, como Edwin Feulner, Jr., presidente do *Heritage Foundation* e Tony Perkins, presidente da *Family Research Council*, como os dez pontos de James Bopp não foram recebidos com consenso no Partido Republicano, mas muitos estrategistas deste partido entendiam que o desgaste político precoce de Obama somado com ações impopulares como o investimento de dinheiro público em bancos privados, colocaria os republicanos em vantagem. Todavia, abraçar as bandeiras do *Tea Party* poderia ser uma estratégia imprudente por colocar em risco o voto dos moderados e dos independentes. Além disso, a transferência de votos não é certa. O movimento, segundo pesquisa da NBC⁴¹⁰, chegou a ter maior aprovação que os dois partidos, chegando a 41% de avaliação positiva contra 35% para o partido democrata e 28% para os republicanos. Alguns políticos republicanos como, por exemplo, a ex-governadora do Alasca Sarah Palin e o senador pelo estado da Carolina do Norte, Jim deMint tem se destacado como articuladores entre os *tea parties* e candidatos republicanos buscando uma inserção nacional.

A aproximação dos *Tea Parties* com os republicanos iniciou-se através da convenção Tea Party em Nashville (Tennessee) entre os dias 5 e 6 de fevereiro de 2010, onde, Sarah Palin enfatizou a autonomia e o caráter cultural e político do movimento sem se colocar como uma liderança. Com isso a estratégia torna-se a de revitalizar o partido republicano das bases para o topo, dos estados para a federação. Estratégia que vem surtindo efeito desde 2009. No estado do Kentucky, Rand Paul (filho de Ron Paul) mobilizou vários grupos *Tea Parties*, o mesmo aconteceu com Marco Rubio na Flórida e J.D. Hayworth no Arizona. Esses três nomes sinalizam a revitalização do partido republicano; são jovens candidatos, dispostos a derrotar nomes estabelecidos do partido com uma sólida plataforma conservadora e fazem campanha apoiados por movimentos e grupos que se inserem no movimento nacional *Tea Party*. E, junto com esta revitalização republicana a mídia conservadora também se revigorou⁴¹¹ e até mesmo os

⁴¹⁰ Cf. Pesquisa comentada em: <<http://blogs.wsj.com/washwire/2009/12/16/wsjnbc-news-poll-tea-party-tops-democrats-and-republicans/tab/article/>> Acessado em 05/03/2010.

⁴¹¹ Principalmente puxados pelos 6 milhões que assistiam todos os dias ao programa de Glenn Beck na *Fox News* e os cerca de 20 milhões que ouvem diariamente Rush Limbaugh pelo rádio. Além disso é importante destacar que o canal Fox News com maioria de comentários antiObama ou conservadores, é a rede líder de audiência entre os canais de notícia desde 2002 nos EUA (Cf. Pesquisa do Instituto Nielsen, disponível em <<http://tvbythenumbers.zap2it.com/category/cable-news/>> acessado em 18/05/2012.

neoconservadores dão sinais de revitalização. Segundo David Frum⁴¹² os neoconservadores teriam a missão histórica de, nos termos de Irving Kristol, revitalizar a base conservadora americana para se governar numa democracia moderna tal como a americana. Em suas palavras, os neoconservadores ajudariam na disciplina para “[...] transcender a atual raiva partidária e reconstruir o conservadorismo como um movimento de alcance nacional”⁴¹³.

Um momento de auge do *Tea Party* foram as grandes manifestações em Washington D.C e em outros lugares no dia 15/04/2010. O dia 15 de abril é anualmente escolhido como um dia de protestos contra o pagamento de impostos. Neste sentido, o *Tea Party*, em 2010, buscou se lembrar e se associar ao *Tea Party* original de 1773, que foi organizado contra os impostos da coroa inglesa cobrados nos EUA. Portanto, o *Tea Party* moderno seria fruto de uma percepção generalizada que o governo Obama estaria a serviço das grandes corporações e do setor financeiro e disposto a sacrificar a sociedade americana para atender os interesses destes grupos, uma leitura que também não foge da lógica da tradição paranoica da política americana. Neste sentido, muitos manifestantes *tea parties* se diziam patriotas como se estivesse novamente enfrentando a coroa britânica. Há também nesta conotação de *patriota* um forte senso de rebelião contra o governo, contra os impostos, contra *Wall Street* e as grandes corporações e contra os chamados planos de estímulo que visando à recuperação da economia doméstica traria o crescimento do Estado e dos gastos estatais.

Outro ponto importante para pensarmos num auge da mobilização *Tea Party*, com a simpatia de 26% do eleitorado⁴¹⁴ nacional, conseguiu vitórias importantes e surpreendentes. Este foi o caso da eleição de Scott Brown para a vaga no senado aberta após a morte de Teddy Kennedy no estado de Massachusetts, um estado tradicionalmente liberal que elegeu um senador republicano identificado com o *Tea Party* em janeiro de 2010. O espírito de renovação e de novo fôlego trazido por este movimento foi decisivo para a vitória republicana nas eleições legislativas de novembro de 2010 na qual os republicanos voltaram a ter maioria no congresso. Por fim, o *Tea Party* também fomentou um novo engajamento feminino na política e no movimento

⁴¹² Cf. *America still need the neocons*. Publicando pela Newsweek em 08/12/2009.

⁴¹³ Cf. *America still need the neocons*. Publicando pela Newsweek em 08/12/2009. No original: “(...) to transcend today’s partisan anger and rebuild conservatism as a broad national movement”.

⁴¹⁴ Como mostra pesquisa da NBC disponível e comentada em <<http://hotair.com/archives/2009/12/16/waterloo-obama-approval-at-47-in-new-nbc-poll-tea-party-more-popular-than-dems-or-gop/>> Acessado em 23/07/2011.

conservador americano. Segundo pesquisa da Universidade de Quínnipíoc⁴¹⁵, 55% dos tea parties são mulheres e movimentos como o *Smart Girls Politics*, e o *Feminists for Life* – do qual Sarah Palin se diz simpática, que prega a valorização da mulher na política com valores conservadores como, por exemplo, a bandeira antiaborto – que tem se destacado nas mobilizações. Além disso, o *Tea Party* tem uma mobilização descentralizada agindo na esfera comunitária o que facilita a formação de comitês de mulheres como, por exemplo, o ResistNet⁴¹⁶ que articula vários comitês pela internet e o *Tea Party Patriots*⁴¹⁷ e também um site que articula mobilizações e manifestações. Neles é nítida a maciça liderança e presença majoritária das mulheres.

Em síntese, o Tea Party começou com um movimento de *outsiders, antiestablishment*, transformou-se num movimento de ação coletiva e que foi assimilado pelo Partido Republicano. Esta assimilação suscitou diferentes leituras. Para autores como Paul Street e Anthony DiMaggio (2011), o *Tea Party* em certo sentido transformou-se na ala mais radical do Partido Republicano. Gaiutra Bahadur (2010) também analisa o *Tea Party*, a partir de um quadro ideológico radical, no qual atores manifestam um discurso radical tendo como alvo principal os imigrantes e encontra neste movimento bandeiras muito próxima de grupos xenófobos de extrema direita e também dentro do que Richard Hofstadter classificava como o estilo paranoico da política americana. Citando nomes ligados aos republicanos e ao movimento como, por exemplo, Dick Armey do *Freedom Works*, Sal Russo do *Tea Party Express*, estes autores argumentam que este movimento já nasceu como um braço político dos republicanos e que seria um espaço para auxiliar a volta do partido ao controle do Congresso como aconteceu em 2010 e a Casa Branca, como pretendem em 2012.

Já para Skocpol e Williamson (2012), mais simpático ao movimento, o *Tea Party* seria um reflexo de uma percepção de uma grande parcela do eleitorado quanto à estrutura do governo federal e sua relação com a sociedade que estaria num rumo insustentável. Esta percepção motivou as mobilizações antirreforma da saúde, entre 2009 e 2010, cujo símbolo e ápice foi a vitória de Scott Brown em Massachusetts, em 2010. O movimento cresceu,

⁴¹⁵ Cf. Pesquisa Women and the Tea Party disponível em: <<http://www.quinnipiac.edu/x1278.xml?What=&Submit=Submit&strArea=%3B&strSubject=&strTime=0&strAddr=>>> Acesso em 23/07/2011.

⁴¹⁶ Cf. <<http://www.patriotactionnetwork.com/>> Acessado em 23/07/11.

⁴¹⁷ Cf. <<http://www.teapartypatriots.org/>> Acessado em 11/07/11.

conquistando uma vitória mais ampla para os republicanos, retomando o controle do Congresso e elegendo nomes cuja preocupação com o tamanho e com os gastos do governo passaram a ser central. Estes autores classificam estes novos políticos pós-*Tea Party* como republicanos *outsiders* cujos principais representantes seriam Jim DeMint e Ron Johnson e cujo principal foco seria por um conservadorismo fiscal e social.

7.5 O movimento conservador diante de Obama: retomando a Tradição Paranoica da política americana⁴¹⁸

Tanto a reação da extrema-direita, como o *Tea Party* nos ajudam a entender a renovação e a articulação do espectro conservador mais amplo diante de Obama. As diferenças entre os movimentos e os atores são muitas, mas é importante tentarmos encontrar e discutir algo que perpassa ambos os movimentos e por diferentes atores do conservadorismo americano. Neste sentido, a proposta deste tópico é discutir a atualidade e retomar a tradição paranoica da política americana como chave explicativa para o comportamento e para a mobilização de forças políticas nos EUA. Esta tradição paranoica ficou assim conhecida a partir do trabalho de Richard Hofstadter (1964) com o qual dialogaremos.

O estilo paranoico pode se manifestar em teorias conspiratórias e em uma desconfiança desacertada em torno do governo e das autoridades. Este estilo tem historicamente momentos de crescimento e de encolhimento e atinge muito mais do que somente a direita radical. Segundo Knight (2000), os atores políticos da tradição paranoica conspiram e acreditam em conspirações, suspeitam de tudo e de todos e muitas vezes são agressivos e oscilam entre uma visão apocalíptica ou draconiana do mundo. Em síntese, nos termos de Hofstadter, os paranoicos têm uma mente raivosa, contudo também na maioria das vezes “[...] a mente paranoica é muito mais coerente que o mundo real⁴¹⁹” (1965, p.07). E este sentimento de suspeita e de raiva é fundamental para a mobilização política, pois instigam a busca por evidências e levam, como

⁴¹⁸ Iniciamos esta discussão em nosso artigo *Dois anos de Barack H. Obama na Casa Branca* apresentado no VI Congresso da Associação Portuguesa de Ciência Política, entre 1 e 3 de março de 2012.

⁴¹⁹ No original: “[...] the panoid mind is far more coherent than the real world” (1965, p. 07)

concluiu Hofstadter, os atores a acreditarem que o tempo é curto, a batalha inevitável e que apenas a vitória trará redenção e paz.

No caso das teorias conspiratórias, os atores buscam as conexões, elos e relações tentando, em meio a uma trama de acontecimentos, encontrar a verdade que julgam que o governo, ou corporações ou grupos poderosos escondem. As conspirações também atuam na preparação dos atores para o pior cenário que, de certa forma, justifica o comportamento de sempre suspeitar e de, muitas vezes, não poder confiar em ninguém. O estilo paranoico tem longas raízes na história dos EUA como nos mostra Hofstadter (1964) e, as teorias conspiratórias, com nos mostra Knight (2000), reverberam num espectro político muito mais amplo que o populismo dos radicais tendo em séries de TV de êxito como *Arquivo - X*⁴²⁰, nos anos de 1990 e as novelas e romances populares até os dias de hoje a comprovação que o estilo paranoico da política americana não desapareceu e, como veremos, no governo Obama ele voltou a crescer.

Diante de Obama a primeira acusação levantada, dentro do estilo paranoico, foi quando sua real nacionalidade, o que questionava sua legitimidade como presidente empossado. Trabalhava-se com duas hipóteses conspiratórias, a primeira que Obama teria nascido em algum país africano e conseguiu forjar sua documentação e uma segunda, que reconhece seu nascimento em território americano, mas questiona se ele constitucionalmente seria natural dos EUA por ter passado sua infância em Jacarta⁴²¹ e, portanto, também não poderia ser presidente.

Esta teoria conspiratória ganhou o nome de *birthers* e eles buscam documentos e provas que mostrariam ou que Obama forjou sua documentação ou que estaria escondendo algo de seu passado. Uma das investigações dos *birthers* largamente difundida na internet e com ecos em redes de TV mostrou que durante sua passagem pela Indonésia, Obama teria o registro de Barry Soetoro, Barry como abreviatura para Barack e Soetoro, adotando o sobrenome de seu padrasto, um indonésio chamado Lolo Soetoro, muçulmano, que estudou em Harvard e que voltou para a Indonésia para trabalhar no setor petrolífero levando esposa e filho⁴²².

⁴²⁰ Esta série, produzida nos EUA teve muito sucesso em muitos países, durou de 1993 até 2002, virou filme, também com êxito e várias sequências. Na trama, um agente do FBI investiga atividades paranormais, alienígenas ou simplesmente crimes que não poderiam ser explicados racionalmente. Paralelamente à trama há toda uma rede de intrigas e de encontros e desentendimentos entre o ator principal e sua busca pela verdade dentro do FBI e dentro do governo americano.

⁴²¹ Segundo Wallace-wills, 22/02/2007, Obama morou em Jacarta dos 2 aos 6 anos, período em que também teve um macaco de estimação.

⁴²² Cf. vídeo da Fox News: <<http://www.youtube.com/watch?v=PQPXVJuT2vY>> Acessado em 05/05/2010.

A passagem pela Indonésia também é motivo de conspirações que acusam Obama de ser muçulmano, tendo inclusive estudado em escolas islâmicas. Formadores de opinião importantes como Daniel Pipes ecoam estas teorias e as levam a sério, propondo investigar e defendendo que quando Obama estava na Indonésia há documentos oficiais que o classificam como muçulmano⁴²³. Os conspiradores se alimentam destes achados do passado de Obama para explicar e mostrar por que Obama estaria se aproximando do mundo muçulmano e se afastando de Israel e secretamente conspirando para a islamização dos EUA. Um dos propagadores desta leitura é Robert L. Schulz, fundador do *We The People Foundation*⁴²⁴ que, entre 2008 e 2009, em anúncios de página inteira em jornais de grande circulação acusou e desafiou Obama a provar sua nacionalidade americana e o acusou de ser um falso cristão ao não admitir sua raiz muçulmana.

Estas acusações levantadas por Schulz alimentaram outras conspirações que retratavam Obama como o anticristo⁴²⁵. Neste caso o presidente dos EUA é interpretado como um suposto messias de origem indefinida que quer o poder prometendo salvar e mudar as pessoas, unificando os povos, prometendo uma nova era de paz. Esta teoria foi desaprovada por fundamentalistas cristãos que efetivamente creem na vinda de um anticristo, pois, para eles, sua vinda ocorreria sem alarde. Portanto, Obama não poderia ser o anticristo, uma vez que as pessoas desconfiam dele; o verdadeiro anticristo seria uma pessoa livre de qualquer suspeita, que passaria despercebido⁴²⁶. Mesmo assim, esta leitura de Obama como um messias do mal foi explorada com certo tom de brincadeira pela campanha dos republicanos⁴²⁷ com anúncios utilizando frases editadas do candidato democrata enfatizando que ele seria o escolhido, fazendo comparações entre frases de Obama e trechos bíblicos.

Outra vertente conspiratória segue uma tradição que foi muito forte durante a Guerra Fria e propagandeada principalmente pela *John Birch Society*⁴²⁸ e pelo McCartismo que basicamente suspeita de inimigos infiltrados no governo ou na sociedade e defendem que é preciso desconfiar das elites que tentam sequestrar o poder manipulando os governantes. Estas

⁴²³ Veja em: <<http://www.danielpipes.org/5354/confirmed-barack-obama-practiced-islam>> Acessado em 05/05/2010.

⁴²⁴ Cf. <<http://www.wethepeoplefoundation.org/>>. Acessado em 08/04/2010.

⁴²⁵ Martin (1996, P.48) mostra que a associação de presidentes com a imagem do Anticristo é relativamente comum na sociedade estadunidense. John F. Kennedy já havia sido assim nominado pelo Padre Ortodoxo Peter Gilquist.

⁴²⁶ Cf. entrevista de Jerry Jenkins, co-autor da série *Left Behind* – série de livros muito popular nos anos 1980 e 90 que prevê entre outras coisas o fim do mundo e a vinda do anti-cristo – para a rede CNN, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=RQoV_Ngl-G8> Acessado em 03/04/2010.

⁴²⁷ Cf. o anúncio da campanha dos republicanos “The One” em <<http://www.youtube.com/watch?v=mopkn0IPzM8>> acessado em 14/06/2011.

⁴²⁸ Cf. <www.jbs.org> Acessado em 05/05/2010.

teorias suspeitam que o governo americano é, por exemplo, manipulado pelos interesses de Israel ou que Obama seria um presidente europeu disposto a adotar o modelo de Estado de bem estar social aos moldes europeus (a reforma na saúde seria o primeiro passo) e adotaria a mesma postura europeia em política externa, colocando os direitos humanos como um tema prioritário, valorizando a ONU, privilegiando temas internacionais como as mudanças climáticas e a pobreza no continente africano em detrimento dos temas tidos como vitais para os EUA. Estas ideias, de forte apelo populista, ecoam entre paleos e neoconservadores como Pat Buchanan, Daniel Pipes, Rush Limbaugh⁴²⁹, Glenn Beck⁴³⁰, William Kristol⁴³¹ e Dinesh D' Souza⁴³².

Outra linha da retórica paranoica contra Obama é a que procura frisar sua falta de nacionalismo. A postura adotada pelo governo Obama em seu primeiro ano de mandato de diálogo e de novo engajamento com o mundo tiveram como reação a volta de um discurso nacionalista que elege como inimigo um governo doméstico pró-globalização, defensor das grandes corporações, cujo tamanho é cominador. Os nacionalistas também encontram eco entre grupos que defendem a resistência e a luta armada, chamados de milícias, e que vivem em centros de treinamentos marginais se preparando para uma guerra doméstica. Estes milicianos entendem que um governo como o de Obama quer proibir a posse de armas, seria pró-imigrantes e estaria disposto a aumentar ainda mais o tamanho do Estado à custa das liberdades individuais e de mais impostos. Os dados não são precisos, mas, segundo relatórios da *Southern Poverty Law Center*⁴³³, as milícias se multiplicaram com a eleição de Obama e mudaram de perfil quando comparada com as dos anos de 1990. As milícias da era Obama incorporaram a questão racial e apresentam uma retórica patriótica diante de um governo que buscava cercear as liberdades individuais. Outra novidade é o uso da internet como instrumento de mobilização e de propaganda. Vídeos de milícias em *sites* populares como o *Youtube*⁴³⁴ atingem milhares de

⁴²⁹ Radialista e comentarista político com popularidade ascendente.

⁴³⁰ Entre 2008 e início de 2011 foi comentarista e comandava um programa de opinião e debate no canal de TV Fox News no qual apresentava denúncias e críticas contra Obama e o partido democrata. Em 2011 alega ter escolhido sair para se dedicar a outros projetos.

⁴³¹ Filho de Irving Kristol, um dos ícones do pensamento neoconservador, William seguiu o caminho do pai e é um articulador político e estrategista influente nos círculos neoconservadores e do partido republicano.

⁴³² Escritor de origem indiana que escreve textos laudatórios da cultura americana e que foi um dos apoiadores da política externa de George W. Bush.

⁴³³ Cf. em: <<http://www.splcenter.org/>> Acessado em 05/05/2010.

⁴³⁴ Cf. por exemplo: <http://www.youtube.com/watch?v=VWdACoRERP8&feature=youtube_gdata> Acessado em 05/05/2010.

pessoas e as milícias pela web conseguem formar redes de mobilização e de apoiadores para suas causas e luta⁴³⁵, facilitando seu financiamento e suas articulações.

As milícias contemporâneas crescem, na nossa percepção, com base num tripé conspiratório: 1) o governo Obama não é legítimo (por supostamente não ter nascido ou não ter crescido nos EUA ou estar a serviço um elite internacionalista, o que fere os interesses nacionais dos americanos) 2) O governo Obama, mais do que nunca, quer mudar a constituição e impor outro regime nos EUA (mais autoritário, proibindo liberdades tidas como fundamentais, como de ter armas) 3) O governo Obama, por meio de suas secretarias e de seus serviços de inteligência, estaria investigando e perseguindo seus inimigos internos⁴³⁶.

Obama também é acusado de forma populista de estar a serviço de um governo paralelo dominado por poderosos supranacionais como banqueiros, industriais, executivos de corporações que se reuniram em grupos cabalísticos como em *Thinks Tanks* como o *Council on Foreign Relations*⁴³⁷, *The British American Project for the Successor generation*⁴³⁸, em lobbys como AIPAC⁴³⁹, em encontros internacionais como Fórum Econômico de Davos⁴⁴⁰ ou encontros privados como o Bildeberg⁴⁴¹. Nesta leitura, o presidente americano seria mais o manipulado do que o manipulador e seu êxito eleitoral seria fruto de sua aceitação e filiação nestes grupos. Segundo esta linha de pensamento, caberia ao povo americano questionar e lutar contra seu próprio governo buscando fontes de informação que mostrariam “as verdadeiras intenções e o verdadeiro governo dos EUA”.

Neste sentido cineastas populares como Michael Moore⁴⁴² e Alex Jones⁴⁴³, ou escritores populares como Noam Chomsky, se colocam como auxiliares daqueles que buscam a **verdade** sobre o governo e sobre acontecimentos históricos como, por exemplo, os atentados de 11/09/2001, acusando a grande mídia de ser manipuladora (quando não de fazer lavagem

⁴³⁵ O site da Milícia *Idaho Constitutional Militia* mostra como há uma vasta rede de milícias espalhas pelos EUA. Cf.: <<http://www.constitution.org/mil/link2mil.htm>> Acessado em 03/02/2012.

⁴³⁶ Cf. vídeo *Camp FEMA: American Lockdown*, disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=5h54OIM-Jn8>> Acessado 05/09/2011.

⁴³⁷ Cf. <www.cfr.org> Acessado em 05/05/2010.

⁴³⁸ Cf. <<http://www.baponline.org/>> Acessado em 05/05/2010.

⁴³⁹ Cf. <<http://www.aipac.org/>> Acessado em 05/05/2010.

⁴⁴⁰ Cf. <<http://www.weforum.org/en/index.htm>> Acessado em 05/05/2010.

⁴⁴¹ Cf. <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/4290944.stm>> Acessado em 06/05/2010.

⁴⁴² Cf. <<http://www.michaelmoore.com/>> Acessado em 03/05/2010.

⁴⁴³ Cf. <<http://www.infowars.com>> Acessado em 03/05/2010.

cerebral⁴⁴⁴). A Guerra do Iraque ou a crise financeira de 2008 são utilizados como provas de que reforçam estas suspeitas servindo como propaganda conspiratória para mobilizar e convencer uma parcela do eleitorado americano suscetível a esta leitura dos acontecimentos.

O ponto central aqui é o argumento de que o governo sempre tem algo a esconder, então, Obama esconderia sua verdadeira nacionalidade, esconderia sua verdadeira religião e seu governo esconderia seus verdadeiros interesses e, sobretudo, manipula as pessoas e se coloca contra a sociedade estadunidense e seus supostos valores mais profundos. Este discurso de viés populista tenta despertar a sociedade americana buscando desmascarar o presidente e o governo. E a retórica paranoica, que no passado foi um elemento central em eventos como nas mobilizações antimaçônicas em torno do *Anti-Masonic Movement* ou anti-imigrante como *The Know Nothing Movement* no século XIX⁴⁴⁵ e, já no século XX, com o anticomunismo do Mccarthismo, volta com a presidência de Barack H. Obama a ser um elemento explicativo decisivo para entendermos a reação a seu início de mandato entre 2008 e 2010, que se manifesta em protestos, marchas, manifestações coletivas, petições e rebeliões solitária e coletivas influenciando o espectro conservador dos EUA.

Dentro do estilo paranoico, como definiu Hofstadter (1964), percebemos que as teorias conspiratórias floresceram diante da figura política de Obama, o que em parte pode ser explicado pelo momento de crise e de incertezas que a sociedade estadunidense passou entre 2008 e 2010, com crises consecutivas no sistema financeiro, desemprego e com a vitória de um candidato que pautou seu discurso em torno da ideia de mudança, conceito que suscita esperança em uma parcela do eleitorado, mas também medo em outra e para esta parcela do eleitorado, a paranoia funciona com um mecanismo de defesa. Vale destacarmos também, seguindo a trilha de Hofstadter que, na medida em que estes atores, apesar de todo esforço de mobilização e de sensibilização e de tomada de consciência, não conseguem êxito eleitoral, o sentimento de fracasso acaba reforçando e apenas realimenta um ciclo amplo de conspirações e percepções paranoicas da política.

⁴⁴⁴ Muitos grupos de extrema-direita partem de obras de Chomsky, como por exemplo, *Media Control: The Spectacular Achievements of Propaganda*. Ed. Seven Stories Press, 2002, defendendo que tanto o governo, como grandes corporações praticam lavagem cerebral e buscam por meio de propaganda da televisão controlar a mente das pessoas.

⁴⁴⁵ Sobre estes movimentos e outros de perfil e retórica populista do século XIX, cf. de Ronald P. Formisano, *For the People: American Populist Movements from the Revolution to the 1850s*. Ed. The University of North Carolina Press, 2007.

7.6 Considerações finais desta seção

Nosso esforço nesta seção foi no sentido de discutir e apresentar Barack H. Obama como ator e força política, discutindo as consequências com foco especial para as linhas de mobilização, as percepções dos atores que, dentro do espectro conservador da política dos EUA, reagiram diante da perda do poder, conseguindo uma rápida recuperação cujo marco foi a vitória nas eleições para o Congresso em 2010.

No intuito de discutirmos a força política de Obama buscamos entender como os democratas se beneficiaram do desgaste político do governo de George W. Bush, como Obama, declaradamente afro-americano, se posiciona diante das questões identitárias e étnico-raciais e, conseqüentemente, como os conservadores reagiram ao presidente negros dos EUA. Nesta discussão, Obama não nega sua identidade étnico-racial, mas seu discurso político tem como alvo não o eleitorado afro-americano somente, mas mira no imaginário da excepcionalidade americana, deixando para trás temas tradicionais da agenda política do movimento negro americano.

Para explicar o recrudescimento da extrema-direita e pensarmos como ela se relaciona com o conservadorismo mais amplo dos Estados Unidos, testamos e encontramos respaldo nas explicações de Knight (2000) em torno do papel das teóricas conspiratórias e em Richard Hofstadter (1964) e sua tese do estilo paranoico da política americana. Neste ponto nos fica claro como a tradição paranoica opera de forma muito independente, se retroalimentando numa espiral infinita. Em outras palavras, analisando o comportamento paranoico de certos atores diante de Obama, bem como as teorias conspiratórias mais disseminadas, notamos que conspiração gera conspiração e o paranoico tende a se fechar em seu próprio universo de paranoias e conspirações. A novidade diante de Obama é o recrudescimento da questão racial e também as ambiguidades religiosas suscitadas a partir da própria trajetória de vida deste presidente.

Já quanto ao *Tea Party*, nosso esforço foi de tentar, com auxílio teórico de Tilly (1978), discutir a formação de uma mobilização política, entendendo suas motivações, formas de organização, sua agenda de reivindicações, sua retórica traçando, num curto período de tempo, a formação, ascensão, auge e assimilação de um movimento político-social que se caracterizou

como a principal força política anti-Obama, sendo o responsável direto ou indireto pelas principais derrotas da administração democrata em Washington D.C.

Entre a direita radical e o *Tea Party* percebemos alguns pontos de aproximação e outros de distanciamento. Notamos que o estilo paranoico, alimentado por teorias conspiratórias e por um senso de verdade a ser encontra e de batalha a ser vencida é mais forte na extrema-direita, mas aparece também entre os *tea parties*. Outro ponto em comum é a percepção do governo Obama como uma ditadura ou como um presidente autoritário ilegítimo. Entre os extremistas esta percepção surge com muita força entre milícias e grupos que acreditam que precisam se preparar militarmente para se defender do governo, que secretamente estaria conspirando contra liberdades constitucionais (como o direito de ter e portar armas) ou que estaria submetendo os EUA a interesses estrangeiros (como a ONU ou principalmente Israel). No *Tea Party* esta percepção de ditadura, que muitas vezes se manifesta na classificação de Obama como socialista, surge dentro de uma leitura/tradição libertária que existe entre os conservadores dos EUA desde meados dos anos 1970 que, inspirados em economistas como Friedrich Hayek, romancistas como Ayn Rand e ícones políticos como Barry Goldwater e Ronald Reagan, argumentam que o governo é sempre o problema, defendem radicalmente o capitalismo de livre-mercado e temem assim o crescimento do poder e das intervenções estatais na economia e na sociedade.

As diferenças entre o *Tea Party* e a extrema-direita diante das reações a Obama são muitas quanto à agenda, o perfil dos atores, os objetivos e estratégias políticas, mas algo que notamos como central é percebemos como o *Tea Party* conseguiu a partir de uma série de protestos inicialmente dispersos, entre atores ressentidos e raivosos, transformar-se numa mobilização que lapidou uma agenda e, com êxito, influenciou e se beneficiou da grande polarização política existe nos Estados Unidos para, não só, derrotar propostas políticas e candidatos pró-Obama, como foi a principal força política responsável pela vitória republicana nas eleições legislativas de 2010, não só elegendo candidatos abertamente simpáticos à agenda dos *tea parties* como está revitalizando o conceito de conservadorismo exigindo um maior comprometimento entre aqueles que querem se colocar publicamente como conservadores.

O que nos chama a atenção, feito este balanço das reações conservadoras diante da do resultado da eleição de 2008, é notarmos que para derrotar tanto seus concorrentes internos no partido democrata, como o candidato dos Republicanos, Obama insistiu numa retórica e em

propostas de mudança e em menos de dois anos, ele conseguiu produzir grandes mudanças, mas no espectro conservador.

Diante da ideia de um governo de mudança, Obama teve uma reação inesperada tanto para os Democratas, como para os Republicanos, o que na nossa leitura se explica na mobilização em torno do ressentimento e da revolta. Por muitas vezes, a candidatura vitoriosa de Obama pregava um novo momento de entendimento, uma nova mentalidade e mudança, tentando superar a polarização liberal/conservadora se colocando com um político de perfil centrista. A resposta que obteve foi exatamente a oposta, com mais polarização, nenhum consenso, com o crescimento de movimentos radicais e o surgimento do *Tea Party* com uma retórica mais conservadora que o antigo *establishment* conservador da era George W. Bush.

8 Conclusão Geral

Nossa pesquisa teve como intenção discutir o conservadorismo contemporâneo nos EUA, visando entender quais são as ideias e as formas de mobilização e de articulação que sustentam o movimento, bem como compreender como estas práticas podem ser eficazes no sentido de efetivamente suscitarem mudanças institucionais, sociais e culturais naquela sociedade.

De início, nossa preocupação (após estruturarmos a forma como desenharíamos o debate do tema nesta tese) foi a de procurar entender e delimitar o significado de ser conservador nos EUA. Diante de um universo e de um recorte temporal amplos, propomos-nos a desenvolver uma tipologia que balizasse nosso percurso. Nessa senda, ao averiguarmos as vertentes inerentes a esse enfoque ideológico, deparamo-nos com o conceito de Nova Direita – aqui entendido como um movimento cujas raízes inserem-se nos 1940 e cuja base ideológica sustenta-se no tripé composto pelos grupos dos libertários, pela Direita Cristã e pelos neoconservadores. Formada por estas três correntes, a Nova Direita produz um matiz conservador muito peculiar e ao mesmo enraizado nas tradições e nos ideias mais profundos da nação americana, decorrentes das noções de identidade e de projeção de poder que norteiam os EUA desde sua fundação. Incorporando diversos enfoques e posturas próprias dos liberais (visto que estes estão fortemente amalgamados na estrutura nuclear ideológica da sociedade americana), a Nova Direita também os rejeita, em um movimento ao mesmo tempo antagônico e serpejante. Dentre nossas descobertas, chamou-nos a atenção o nível de desconfiança que os adeptos deste pensamento mantêm em relação ao Estado (em maior grau), aos regimes, às instituições internacionais, temor este que também se afirma em boa medida na oposição que professam contra o próprio liberalismo e as ideias progressistas – estas, por sua vez, também fortemente enraizados na tradição política daquele país.

Como mostramos em uma discussão, cuja tonalidade se afeiçoa mais aos enfoques da filosofia política (seção 2.0 deste trabalho), o conceito de conservadorismo sedimenta-se no debate europeu do final do século XVIII e pode ser compreendido, *grosso modo*, como uma postura de forte oposição a mudanças – econômicas, sociais ou culturais. No entanto, traspondo a discussão para o debate nos EUA, percebemos que tal definição (e possível consenso acerca de seu significado) se torna frágil, pois neste país os conservadores se veem muitas vezes obrigados

a assimilar as mudanças – quase sempre rápidas e abruptas – sem, contudo, abandonar o discurso *anti-status quo*.

Neste sentido, se pensarmos nos três atores que formam a Nova Direita americana, é interessante observarmos que, mesmo quando se unem diante de um inimigo – seja este a URSS ou um governo liberal-progressista – suas formas de reação e de mobilização são distintas. Por agirem sempre em situações de crise (geralmente de caráter internacional) e posicionarem como um movimento de reação (postura contrária ao isolacionismo, pensamento genuinamente conservador), os neoconservadores acabam por ser criticados, uma vez que torna-se difícil compreender até que ponto são efetivamente conservadores e não apenas críticos pontuais do liberalismo americano.

Quando o contexto é de crise ou de mobilização diante de um inimigo (que pode ser o liberalismo, na esfera doméstica, ou o socialismo, na esfera internacional), os libertários revelam-se mais consensuais e afirmativos em suas ideias e princípios, o que configura, segundo seus críticos, uma atitude pura (avessa a concessões) e de forte radicalismo. Em muitos casos há o questionamento sobre o quanto realmente os libertários poderiam ser considerados de fato conservadores, uma vez que recorrentemente se veem em concordância com os liberais, principalmente nos temas da agenda social. Contudo, sua contra-argumentação deve ser analisada e estudada com atenção no momento em que afirmam que, na verdade, a cultura política americana é em sua essência libertária (sendo a polarização entre conservadores e liberais uma farsa). Por tal justificativa, estariam então livres para oscilar entre as duas correntes. Neste cenário de indefinições de identidades, a Direita Cristã, por sua vez, é a que menos sofre com dúvidas ou acusações acerca de sua afirmação conservadora, assumindo plenamente o conservadorismo social e almejando em seu discurso a transformação de um EUA tanto cristão como conservador.

O grande desafio do espectro conservador americano está, portanto, na necessidade de construção de uma agenda comum capaz de congrega os atores da Nova Direita. A Direita Cristã mostra-se extremamente mobilizada e energizada em alguns momentos históricos. Contudo, trata-se de uma mobilização pendular entre momentos de ativismo e de acomodação. Muitas vezes é acusada de não fazer concessões e de ter como estratégia dominar as instituições, tendo neoconservadores, libertários e demais atores conservadores apenas como aliados táticos. Como, apesar de algumas vitórias, suas ações (diante do gigantismo de suas aspirações) ainda

produzem pouco impacto, sua força eleitoral é sempre posta em questionamento pelos analistas. No entanto, é inegável seu potencial mobilizador perante o eleitorado.

Esta pesquisa buscou também discutir e destacar a função das ideias conservadoras. Neste caminho, colocamos os projetos e os intelectuais como protagonistas, ressaltando o papel dos *think tanks*. Nosso enfoque, desta forma, visava mapear o possível percurso destas ideias, como são aceitas ou rejeitadas, se intercambiam, se chocam com outras, se modificam ou são reinterpretadas até serem, de alguma forma, efetivadas.

Nesse processo de interpretação, a pesquisa destaca que os *think tanks* de Washington D.C (local onde se concentram) funcionam como ambiente favorável, tanto para o desenvolvimento e crescimento das ideias, mas, sobretudo, como espaço no qual os intelectuais se beneficiam formando e recrutando novos intelectuais para uma elite. De certa forma, funcionam como “instituições bancárias”, verdadeiros donos de bancos de ideias que estão tanto à disposição dos próprios *think tanks*, como das instituições, da classe política, dos grupos de pressão, ONGs, fundações e dos militantes e ativistas políticos.

Trata-se de um sistema de ação multidirecional. Na configuração das ações destes institutos, ocorrem disputas das mais variadas faces: entre intelectuais, entre ideias e na relação com as instituições – competições que também visam destacar protagonistas dentre os intelectuais, o que implica em uma grande rivalidade entre estes.

Como decorrência dessa imersão no universo da Nova Direita americana, podemos concluir que trajetória do conservadorismo nos EUA sinaliza para êxito dos intelectuais e dos *think tanks* conservadores na construção e no processo de efetivação de um consenso político que, por sua vez, revela um contexto contemporâneo no qual, mesmo quando os conservadores não conseguem obter vitórias eleitorais, sua influência e ideias seguem presentes e fortes no debate.

Referências Bibliográficas

ABRAMS, Nathan. Norman Podhoretz and Commentary Magazine: The Rise and Fall of the Neocons. Ed. Continuum, New Jersey. 2011.

AIKMAN, D. Billy Graham. His life and Influence. Nashville: Thomas Nelson, 2007.

ALBRIGHT, Madeleine K. Bridges, Bombs, or Bluster? In: Foreign Affairs, outubro, 2003. V. 82, n. 05.

ASH, Timothy Garton. Os Fatos são subversivos. Ed. Cia das Letras, SP. 2009.

ARON, Raymond. A República Imperial. Zahar Editores, RJ, 1975.

ARTHUR, W. Brian. Increasing Returns and the Two Worlds of Business. Harvard Business Review, July-Aug., 1996.

AYERBE, Luis Fernando. Ordem, poder e conflito no século XXI: esse mesmo mundo é possível. Ed. da UNESP, SP. 2006.

BAHADUR, Gaiutra. Nativists Get a Tea-Party Makeover. The Nation, outubro de 2010.

BAI, M. Is Obama the end of Black Politics ? The New York Times, 10/08/2008. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/08/10/magazine/10politics-t.html?_r=1> Acessado em 03/11/2010.

BALMER, Randall. God in the White House a History. Ed. Harper Collins. NY. 2009.

BARONE, Michael. Can Big Government Be Rolled Back? Ed. AEI, Washington D.C. 2008.

BATSON, Dan e AHMAD, Nadia. Altruism: Mith or Reality? Articles, n.06. 2008.

BELL, Daniel. O Fim da Ideologia. UnB. 1960.

BELL, Jeffrey. The Case for Polarized Politics: Why America Needs Social Conservatism. Ed. Harper, NY, 2007.

BERKOWITZ, Peter.(editor) Renewing the American Constitutional Tradition. Hoover Institution Press, CA. 2013

BISHOP, Bill. The Big Sort: Why the Clustering of Like-Minded America is Tearing Us Apart. Mariner Books, Chicago. 2009.

BISKUPIC, Joan. American Original: The Life and Constitution of Supreme Court Justice Antonin Scalia. Ed. Farrar, Straus and Giroux, Washington D.C. 2009.

BOAZ, David; KIRBY, David. The Libertarian Vote. Policy Analysis No. 580. Out/2006. Disponível em < <http://www.cato.org/publications/policy-analysis/libertarian-vote>> Acessado em 12/12/2013.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Editora Unesp, São Paulo. 1997.

BOOTH, Bradley; BRADLEY Booth. Moral Minority Vs. the Moral Majority. Ed. Winepress Publishing, NY. 2002.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais, Novos estudos – CEBRAP. no. 96 São Paulo Julho, 2013

BROWNE, Mairéad. Organizational Decision Making and Information. Ed. Ablex, New Jersey, 1994.

BRUNSSON, Nils. The Consequence of Decion Making. Ed. Oxford, Oxford, 2006.

BLOOM, Allan. The Closing of the American Mind. Ed. Thouchstone Book, NY, 1987.

_____. Gigantes e Anões. Ed. Best Seller, SP. 1990.

BLUMENTHAL, Sidney. The Rise of the Counter-Establishment. Ed. Harper & Row. NY. 1988.

BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do Pensamento Político Brasileiro. Ed. Hucitec, SP. 2007.

BROOKHISER, Richard. Right Time, Right Place: Coming of Age with William F. Buckley Jr. and the Conservative Movement. Ed. Basic Books, NY. 2009.

BUSH, George W. Decision Points. Ed. Crown, NY. 2010.

BUCHANAN, Patrick J. Whose War? The American Conservative Março 2003

BUCKINGHAM, Jamie e ROBERTSON, PAT. The Autobiography of Pat Robertson. Bridge-Logos Publishers. Virginia. 1976.

BUELL, Frederick. From Apocalypse to way of life. Ed. Routledge, NY, 2003.

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução em França. Ed. UnB, Brasília. 1982.

COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaios Sobre Idéias e Formas. Dp&a Edidora, Brasília, 2000.

CHALMERS, David M. Hooded Americanism: The History of the Ku Klux Klan. Duke University Press Books. Collins. 1987.

CREASAP, Kimberly A.; BLEE, Kathleen M. Conservative and Right-Wing Movements. Annual Reviews . NY, 2012.

CRITCHLOW, Donald T. Schlafly and Grassroots Conservatism. Ed. Princeton University Press. Chicago. 2007.

DIAMOND, Sara. Spiritual Warfare. South End Press. Boston. 1989.

_____. Roads to Dominion. The Guilford Press. NY. 1995.

DIGGINS, John P. The Lost Soul of American Politics. Ed. University of Chicago Press. Chicago. 1986.

DIONNE, E.J.; *Our Divided Political Heart*, Bloomsbury USA; NY, 2012.

DiMAGGIO, Anthony e STREET, Paul. Crashing the Tea Party Ed. Paradigm, NY, 2011.

DOHERTY, Brian. Radicals for Capitalism. Perseus Books, NY. 2007. M

DOSSE, François . La Marcha de las ideas. Ed. Universitat de Valencia. Valência.2006.

EASTON, Nina J. Gang of Five. Touchstone Book. NY. 2000.

ELDER Jr., Gien H. Children of the Great Depression. Westview Press. Atlanta. 1998.

EHRMAN, John. The Rise of Neoconservatism. Ed. Yale University Press, New Haven, 1995

FALWELL, Jerry. Falwell: An Autobiography. Ed. Tab Books, NY. 1996.

FIORINA, M.P.; ABRAMS, S. J. ; POPE, J.C. Culture Wars. The Myth of a Polarized America. New York: Pearson Longman, 2006.

FINGUERUT, Ariel. A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush. Dissertação de mestrado, defendida em 2008 na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara. Disponível em <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/54006>> Acessado em 10/12/2013.

_____. Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos. In: Carlos Eduardo Lins e Silva. (Org.). Uma Nação com Alma de Igreja. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 113-153.

FRIEDMAN, Murray. The Neoconservative Revolution. Ed. Cambridge, 2005. NY.

- FRUM, David. America Still Needs the Neocons. Newsweek, 08/12/2009.
- FUKUYAMA, Francis. *The End of History?*. The National Interest. Summer. 1989.
- _____. *America at the Crossroads: Democracy, Power, and the Neoconservative Legacy*. Yale University Press, NY. 2007.
- GANS, H. J. *Ethnic and Racial Identity*. In: *The New Americans*, ORG : WATERS, Mary, C. ; REEVEDA e MARROW, Helen B. Ed. Harvard University Press, Massachusetts, 2007.
- GELB, Leslie H. *Obama Got It Right—And Petraeus Agrees '100 Percent'*. Publicado no Blog “The daily Beast” em 10/01/2010 , disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/blogs-and-stories/2009-12-02/the-lesser-evil/?cid=hp:mainpromo3>> Acessado em 10/03/2010.
- GELLNER, Ernest. *Pós-Modernismo Razão e Religião*. Ed. Crença e Razão. São Paulo. 1991.
- GERSON, Mark. *The Neoconservative Vision*. Ed. Madison Books, 1997, NY.
- GILGOFF, Dan. *The Jesus Machine*. Ed. St. Martin's Griffin, NY. 2008.
- GOLDWATER, Barry. *Conscience of a Conservative* . Ed. Wilder Publications. Chicago. 2013.
- GOLLNER, Adam Leith. *The Book of Immortality: The Science, Belief, and Magic Behind Living Forever*. Ed. Scribner, NY. 2013.
- GOTTFRIED, Paul Edward. *Conservatism in America*. Ed. Palgrave, NY. 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Editora Civilização Brasileira. 2ª Edição. Rio de Janeiro. 1978.
- GRAY ,Virginia Gray ; HANSON, Russell L; *Politics in the American States: A Comparative Analysis*, ed. CQ Press, Chicago. 2007.
- JENDRYSIK, Mark Stephen. *Modern Jeremiahs: Contemporary Visions of American Decline*. Lexington Books. NY, 20012.
- JOLIN, Michele; GREEN, Mark. *Change for America*. Ed. Basic Books, NY. 2009.
- JOHNSON, Steven. *De Onde Vem as Boas Ideias*. Ed. Jorge Zahar, SP. 2011.
- JUNQUEIRA, Marianna M. *Transformando textos em mapas cognitivos: desenvolvimento e um exemplo de aplicação*. Dissertação de mestrado. Programa de Mestrado em Ciências. Universidade de São Paulo. 2013.
- HALBERSTAM, David. *The Best and the Brightest*. Ed. Ballantine Books, 1972.

- HAYWARD, Steven F. *The Age of Reagan*. Ed. Three Rivers Press. Los Angeles. 2009.
- HANSON, V. D. Elitist Theories Show Lack of Common Sense. Real Clear Politics. Disponível em: <http://www.realclearpolitics.com/articles/2010/02/11/the_trouble_with_elitist_theories_100261.html> Acessado 21/02/2010>.
- HANAUER, Nick; LIU, Eric. *The True Patriot*. Sasquatch Books, Seattle, 2007.
- HAYEK, F. A. Why I Am Not a Conservative. In: *The Constitution of Liberty*. Ed. The University of Chicago Press, Chicago. 1960.
- _____. *The Road to Serfdom*. Ed. University of Chicago Press, Chicago. 1994.
- HAYWARD, Steven F. *The Politically Incorrect Guide to the Presidents*. Ed. Regnery Publishing, NY. 2012.
- HERMAN, Arthur. *A Idéia de Decadência na História Ocidental*. Ed. Record, RJ, 2001.
- HERRNISON, Paul S. ; DEERING, Christopher J.; WILCOX, Clyde. *Interest Groups Unleashed*. Ed. CQ Press, 2012.
- HEILEMANN, John e HALPERIN, Mark. *Game Change*. Ed. Harper. NY. 2010.
- HOFSTADTER, Richard. *The Paranoid Style in American Politics*. Harper's Magazine, November 1964, pp 77-86.
- _____. *The Paranoid Style in American Politics*. Ed. Vintage, NY. 2008.
- _____. *The American Political Tradition*. Ed. Vintage Books, Chicago. 1976.
- HODGSON, Godfrey. *America in Our Time: From World War II to Nixon--What Happened and Why*. Princeton University Press; 1st ,Princeton 2005.
- HIMMELFARB, Gertrude. *Democratic Remedies for Democratic Disorders*. National Affairs N. 131. 1998.
- HIMMELSTEIN, Jerome L. *To The Right*. Ed. University of California Press. Los Angeles. 1992.
- HIRSCHMAN, Albert O. *A retórica da Intransigência*. Ed. Cia das Letras. SP, 1992.
- HOEVELER Jr, J. David. *Watch on the Right*. Ed. University of Wisconsin Press. Madison. 1991.

HUNTER, J.D. *American Evangelicalism. Conservative Religion and the Quandary of Modernity*. New Jersey: Rutgers University, 1983.

_____. *Culture Wars. The Struggle to Define America*. New York: BasicBooks, 1991.

HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações*. Objetiva, São Paulo. 1997.

JAFFA, Harry. *Original Intent & the Framers of the Constitution*. Ed. Regnery Publishing, Minneapolis.1994.

KABASERVICE, Geoffrey. *Rule and Ruin: The Downfall of Moderation and the Destruction of the Republican Party, From Eisenhower to the Tea Party*. Oxford University Press, Boston. 2013.

KAGAN, Robert. *Dangerous Nation: America and the World 1600-1898*. London, Atlantic Books.Londres. 2006.

_____. *The Benevolent Empire in: Foreign Policy*, Summer, 1998

_____; KRISTOL, William. *Present Dangers: Crisis and Opportunity in America's Foreign and Defense Policy*. Ed. Encounter Books, NY.2000.

KEDROSKY, Paul. The more you sell, more you sell. *Revista Wired*, n. 03 de 1995. Disponível em < <http://www.wired.com/wired/archive/3.10/arthur.html>> Acessado em 20/06/2010.

KEPEL, Gilles. *A Revanche de Deus*. Ed. Siciliano, 1991. SP.

KEYSSAR, Alexander. *The Right to Vote: The Contested History of Democracy in the United States*. Ed. Basic Books, NY. 2009.

KISSINGER, Henry. The Policymaker and the Intellectual. *The Reporter*, Vol. 20.Março de 1959.

KRAUTHAMMER, Charles. *The Great Non Sequitur*. The Washington Post, 07/03/2008. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2008/03/06/AR2008030603113.html?nav=hcmodule>> Acessado em 16/05/2012.

_____. *Democratic Realism: An American Foreign Policy for a Unipolar World*. Ed. Aei Press. Washington D.C.. 2004.

_____. *Things That Matter: Three Decades of Passions, Pastimes and Politics*. Ed. Crown Forum, NY. 2013.

KRISTOL, William. Debating the Welfare State in: *Ideas*, LUCHT. Bernie (Org.); Ed. Goose Lane, Fredericton. 2005

KRISTOL, William e DeMuth, Christopher (Org.) *The Neoconservative Imagination*. Ed. AEI press, Washington D.C.. 1995.

KRISTOL, William e KAPLAN, Lawrence F . *The War over Iraq: Saddam's Tyranny and America's Mission*. Ed. Publishers Weekly, NY, 2003.

KRISTOL, Irving. *Neoconservatism* .The Free Press, New York .1995.

_____. *Neoconservatism: The Autobiography of an Idea*. Ed. Free Press. NY. 1996.

_____. *The Neoconservative Persuasion*. *U.S News & World Report* , v. 08 , n. 47. 11\08\2003.

KNIGHT, Peter. *Conspiracy Culture*. Ed. Routledge, NY, 2000.

KUNTZ, Rolf. *Locke, Liberdade, Igualdade e Propriedade*. Instituto de Estudos Avançados da USP. 1997. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/textos/kuntzlocke.pdf>> (acessado em 05/05/2012).

KUCKARTZ, Ludo. *Ideal Types Or Empirical Types: The Case Of Max Webers Empirical Research* in: Bulletin de Methodologie Sociologique, N. 31, September 1991, pp. 44 – 53. Disponível em < <http://www.maxqda.de/download/BMSArtikel.pdf> > Acessado em 10/12/2013.

LAKOFF, George *Don't Think of an Elephant!* Ed. Chelsea Green. NY. 2004.

_____. *How Liberals and Conservatives Think*. Ed. University Of Chicago Press, Chicago. 2007.

_____. *The Political Mind: Why You Can't Understand 21st-Century American Politics with an 18th-Century Brain*. Ed. Viking Adult. Los Angeles.2008.

_____. *Whose Freedom?: The Battle over America's Most Important Idea*. Ed. Harper Collins, NY. 2009.

LIMONCIC, Flávio. *Os Inventores do New Deal* . Ed. Civilização, RJ. 2009.

LINN, Jan G. *What's Wrong With The Christian Right*. Ed. Brown Walker Press, NY. 2004.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (Org.) *Uma Nação com Alma de Igreja*. Ed. Paz e Terra, São Paulo. 2009.

LIPSET, Seymour Martin. *American Exceptionalism: A Double-Edged Sword*. Ed. W. W. Norton & Company, NY. 1997.

LIPPMAN, Walter. *Public Opinion*. Ed. CreateSpace. St. Louis. 2012.

LOPES, Cleber; KOERNER, Andrei. *As Tensões entre Segurança Doméstica e Direitos Civis nos EUA Pós 11 de Setembro*. BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 70, p. 97-120, 2010.

LORES, Raul J. *Rede de notícias “ideologizadas” bate a CNN em audiência*. Folha de S. Paulo, A20; 29/11/2013.

LOMBORG, Bjorn. *The Skeptical Environmentalist: Measuring the Real State of the World*, ed. Cambridge University Press, 2001.

LOXTON, Daniel ; PROTHERO, Donald. *Abominable Science!: Origins of the Yeti, Nessie, and Other Famous Cryptids*. Columbia University Press, 2013.

MANN, James. *Rise of the Vulcans: The History of Bush's War Cabinet*. Ed. Penguin Books, NY. 2004.

MASCIOTRA, David. *Rock for Republicans? The Conservative Magazine*, Julho, 2013.

MARCH, James G e OLSEN, Johan P. *Rediscovering Institutions*. Ed. Free Press, NY. 1989.

_____. The logic of appropriateness. *Arena Working Pappers*. 2009. Disponível em: <http://www.arena.uio.no/publications/wp04_9.pdf> Acessado em 20/04/2010.

_____. Neo – Institucionalismo: Fatores Organizacionais na Vida Política in: *Revista de Sociologia Política* v. 16, n. 31, Curitiba. 2008.

MARTIN, W. *With God On Our Side: The Rise of the Religious Right in America*. New York: Broadway Books, 2005.

MARSDEN, George M. *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism*. Ed. William B. Eerdmans. Michigan. 1991.

MATUZ, Roger. *The Presidents Fact Book*. Black Dog & Leventhal Publishers. NY. 2002.

MEARSHEIMER, John J. *The Tragedy of Great Power Politics*. Ed. W. W. Norton & Company. NY. 2003.

MOONEY, Chris. *The Republican War on Science*. Basic Books, NY. 2006.

MCCARTHY, Daniel. *Main Street Libertarians*. The Conservative Magazine, june. 2005.

McGANN, James G.; WEAVER, R. Kent. *Think Tanks and Civil Societies: Catalysts for Ideas and Action*. Ed. Transaction Publishers, NY. 2000.

- McGIRR, Lisa. *Suburban Warriors*. Ed. Princeton University Press. Chicago. 2001.
- McLEOD, Aaron. *Russell Kirk: The Conservative Mind*. Alabama Policy Institute, 2005.
- McVEIGH, Rory. *The Rise of the Ku Klux Klan: Right-Wing Movements and National Politics*. Ed. Univ Of Minnesota Press. Austin. 2009.
- MEAD, Walter Russell. *Power, Terror, Peace and War*. Vintage Books, NY. 2005.
- MILKIS, Sidney M., MILEUR, Jerome M. *The Great Society And The High Tide Of Liberalism*, Ed. Political Development of the American Nation, Chicago. 2005.
- MILNE, David. America's intellectual diplomacy. *International Affairs* n. 86 . 2010.
- MOORE, James; SLATER, Wayne. *Bush's Brain: How Karl Rove Made George W. Bush Presidential*. Ed. Wiley, NY. 2003.
- MURRAY, Charles. *Coming Apart: The State of White America, 1960-2010*. Ed. Crown Forum, NY. 2013.
- MULLER, Jerry Z. Capitalism and Inequality. *Foreign Affairs*, April 2013.
- NEUHAUS, Richard J. *Piety And Politics: Evangelicals And Fundamentalists Confront The World*. Ed. Ethics And Public Policy Center. NY. 1987.
- NEWMAN, Mark. *Networks: An Introduction*. Oxford University Press, Oxford. 2010.
- _____. *The Atlas of the Real World: Mapping the Way We Live*, ed. Thames & Hudson, Chicago, 2010.
- NISBET, Robert. *O Conservadorismo*. Editorial Estampa. Lisboa. 1987.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Os Intelectuais, a política e a vida*. Revista Cenários n. 03, 2002. Disponível em: < <http://marcoanogueira.blogspot.com/> > Acessado em 19\06\09.
- NORQUIST, Groover. *Leave us Alone*. Ed. Harper Collins, NY, 2008.
- NOVAK, Michael. *The Spirit of Democratic Capitalism*. Ed. Simon and Schuster, NY. 1982.
- OBAMA, B. H. *A More Perfect Union*. Discurso proferido em 18 de março de 2008, disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2008/03/18/obama-race-speech-read-th_n_92077.html> Acesso em: 05//11/2010.
- OLASKY, Marvin. *Compassionate Conservatism*. Ed. Vintage, NY. 2000

OLIVEIRA, Francisco de. Entrevista a Revista Cult, maio de 2010.

PARMAR, Inderjeet. *Foundations of the American Century: The Ford, Carnegie, and Rockefeller Foundations in the Rise of American Power*. Ed. Columbia University Press. NY. 2012.

PAUL, Darel E. e McDONALD, Michael. *Killing the Goose That Lays the Folden Egg: The Politics of Milton Friedman's Economics*. Politics & Society N. 39 V. 4. 2011.

PERLSTEIN, Rick. *Nixonland: The Rise of a President and the Fracturing of America*. Ed. Scribner, NY. 2009.

PIERCE, William L. *Why Conservatives Can't Win* . Attack: Revolutionary Voice of the National Alliance n.04, 1971.

PIERSON, Paul. Increasing Returns, Path Dependence, and Study of Politics. Revista *The American Political Science Review* V. 94 n. 02. 2000.

PODHORETZ, John. *Bush Country* . Ed. St. Martin's Press, NY. 2004.

PODHORETZ, Norman. *World War IV: The Long Struggle Against Islamofascism*. Ed. Doubleday, NY. 2007.

POWER, Margaret e BACEHETTA, Paola (org). *Right- wing Women*. Ed. Routledge, NY. 2002.

RAKOVE, Jack N. *Original Meanings: Politics and Ideas in the Making of the Constitution*. Ed. Vintage; 1st, NY. 2010.

RAND, Ayn. *As Virtudes do Egoísmo*. Ed. Perspectiva. Porto Alegre. 1972.

REITER, Jerry. *Live From the Gates of Hell*. Ed. Prometheus Books. Kansas City. 2000.

REMICK, David. *The Bridge: The Life and Rise of Barack Obama*. Ed. Vintage, NY. 2011.

ROBINSON, Peter. *Take it to the Limits: Milton Friedman on Libertarianism*. Entrevista programa *Uncommon Knowledge*. Disponível em < http://youtu.be/cl_qwo2VIIU > Acessado em 12/12/2012.

ROBERTS, Ron E. e KLOSS, Robert M. *Social Movements*. Ed. Mosby, Sant Louis. 1974.

ROOSE, Kevin. *The Unlikely Disciple*. New York: Grand Central, 2008.

ROZELL, Mark, J.; WILCOX, Clyde; GREEN, John C. (ORGs). *The Cristian Right In American Politics*. Georgetown University Press. Washington D.C. 2003.

RUSSELL Kirk, *The Conservative Mind*, Seventh Revised Edition. Washington, DC: Regnery , 1985.

SAMMON, Bill. *The Evangelical President*. Ed. Regnery Publishing, Washington D.C.. 2007.

SCHALAFLY, Phyllis. *The Power of Positive Women*. Ed. Jove. NY. 1978.

_____. *The Supremacists*. Richard Vigilante Books, Chicago, 2006.

SCHNEIDER, GREGORY L. (Org). *Conservatism in America since 1930*. Ed. NYC. NY. 2003.

SOUSA, Rodrigo F. *A Nova Esquerda Americana*. Ed. FGV, SP. 2009.

SOUZA, M. A. D.; FINGUERUT, A. . *De Goldwater ao Tea Party: As transformações do movimento conservador estadunidense*. In: Anais do XXVII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS, 2011, Recife. XXVII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS, 2011.

Southern Poverty Law Center. *Intelligence Files: Christian Identity; neo-Confederacy, Neo-Nazi groups, White nationalist groups*. Disponível em: <<http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-files/ideology>> Acessado em 10/05/2010.

_____. Intelligence Report. *Rage on the Right*. Issue Number 137. 2010. Disponível em: <<http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-report>> Acessado em 10/05/2010.

SORMAN, Guy. *The Conservative Revolution in America*. Ed. Regnery Publishing. Los Angeles. 1985

SOWELL, Thomas . *Intellectuals and Society*.ed. Basic Books, NY. 2011

SHERMER, Michael. *The Science of Good and Evil*. Ed. Continental , NY. 2013.

SKOCPOL, Theda e WILLIAMSON, Vanessa. *The Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism*. Oxford University Press, NY; 2012.

SMITH, Mark A. *The Right Talk: How Conservatives Transformed the Great Society into the Economic Society* . Princeton University Press , NY. 2007.

STEINFELS, Peter. *The Neoconservatives*. Ed. Touchstone Book, NY. 1979.

STREET, P. *How Black Is Obama ?* in: *Barack Obama and the Future of American Politics*. Ed. Paradigm Publishers, NY. 2009.

SUVANTO, Pekka. *Conservatism from the French Revolution to the 90s*. Ed. St Martins Pr, Londres. 1997.

TEIXEIRA, Tatiana. *Os Think Tanks e sua influência na política externa dos EUA*. Ed. Revan, RJ. 2007.

TERRY, Randall. *Why Does a Nice Guy Like Me Keep Getting Thrown in Jail*. Ed. Vital Issues Pr. Maine. 1993.

TILLY, Charles. *From Mobilization to Revolution*. Ed. Longman Higher Education, NY. 1978.

WALD, Alan. *The New York Intellectuals*. Ed. University of North Carolina Press, Charleston. 1987.

WARSHAW, Shirley Anne. *The Co-Presidency of Bush and Cheney*. Ed. Stanford University Press. Palo Alto. 2009.

WATTENBERG, Ben J. *Fighting Words*. Ed. Thomas Dunne Books, NY, 2008.

WEAVER, Richard M. *Ideas Have Consequences*. Ed. University of Chicago Press. Chiacago, 1984.

_____. *Ideas Have Consequences: Expanded Edition*. Ed. University Of Chicago Press, Chicago. 2000.

WEIDENBAUM, Murray L. *The World of the Washington Think Tanks*. Ed. Transaction Publishers. NY. 2011.

WILENTZ, Sean. *The Age of Reagan: A History, 1974-2008*. Ed. Harper, NY. 2008.

WILSON, Clyde; MCCLANAHAN, Brion. *Forgotten Conservatives in American History*. Ed. Pelican Publishing, NY. 2012.

WINTERS, Michael Sean. *God's Right Hand*. Ed. HarperOne, Maryland. 2012.

VERNET, Daniel e FRACHON, Alain. *The Strategist and the Philosopher*. Le Monde, Abril 16, 2003.

Entrevistas citadas nesta pesquisa que estão disponíveis na íntegra em inglês no apêndice neste trabalho:

ALEXANDER, Gerald. [março, 2013]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

BOAZ, David. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

BECKER, Peter. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

CARVEY, Michael. [março, 2013] Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

McCAIN, Bryan. [março, 2013]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

SCHLAFLY, Phyllis. [março, 2013] Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

Entrevistas realizadas mas não totalmente trascritas neste trabalho

BARONE, Michael. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

Lewis, Jim. [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

Deering, Cristopher. [março, 2013]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

Bateman, Joe. [março, 2013]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

Smith, Mark A. [novembro, 2012]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

McCann, Michael. [novembro, 2012]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

Gibbons, Michael. [novembro, 2012]. Entrevistador: Finguerut, Ariel

Entrevista com Staff de Think Thanks

Freedom Works [março, 2013]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

Americans for Tax Reform [março, 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

Discovery Institute [novembro, 2012]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

Hoover Institution [novembro, 2012]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

Council on Foreign Relations [setembro, 2008]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

Entrevista com Estudantes

Liberty Univeristy [março de 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

Regent University [março de 2013]. Entrevistadores: Finguerut, Ariel e Sousa. Marco A. Dias.

Southern methodist university [outubro 2013]. Entrevistador: Finguerut, Ariel.

Documentos da Biblioteca Presidencial George W. Bush, Dallas, Texas citados neste trabalho:

Staff Secretary, White House Office of the. Thomas (Tommy) von der Heide. Bush Record Policy Memos. Box 1, 2 e 3.

Memorandum interno de Claire Sullivan sobre NCLB, in: White House Office of Records Management. Education, NCLB. Box. 1.

APÊNDICES

Charles Kupchan's interview

Professor de Relações Internacionais da Universidade de Georgetown, pesquisador do Council on Foreign Relations (CFR).

Entrevista realizada em março de 2013 em sua sala em Georgetown.

Ariel –I would like to talk with you, to have a conversation about the ideas in terms of the American power and your perception of the Bush years and also about the Think Tanks. So in your book “The End of the American Era“ is from the beginning of the Bush years, the whole of Bush administration and what has happened back in that time was important to shape yours ideas for that book ? What is your evaluation about the Bush years, in terms of the American power?

Charles Kupchan - Well, I think there are two sides to the history, one is about secular change in the distribution of power in the world and doesn't matter what is if Bush was the president or Obama or anyone else, the world is changing, and in second side is the way United States behaves, have been big impact of the American power and that what I think the Bush administration did damage to the United States, because it pursues a brand foreign policy against others and he left United States isolated and in deep troubled in terms of, It is a ability to convince others to go on and the consequence of he left holding the bag in Iraq and Afghanistan and Bush (...), he turns back to the center and tried to repair some damages it was done, but that was very costly four years for the United States. I think in terms of the legitimacy of American power, and confidence abroad we are still covering from the damage.

Ariel – And, in your opinion that is because of the neoconservatives persuasion or the conservative support for the Bush administration ...

Charles Kupchan – Well the neoconservatives find themselves of an effective unchecked after 9|11, because the kind of Tea Party wing of the Republican party, and, in many aspects that's where Bush himself came from was silence by 9|11. The centrist wing was weak and not well represented in the Bush's first term, the Democrats were afraid of challenging the president because the atmosphere post 9|11 and that basically made that the neoconservative were running the American Foreign Policy.

Ariel – But like ten years before the Bush years, they were discussing the New American Century , how to use military force to shape the world. How do you see that kind of perception and ideas to the Foreign Policy?

Charles Kupchan – The ideas were there but they weren't running the American foreign policy, it was the same people, it was Paul Wolfowitz, Harry Jaffa but they were in the margins of the foreign policy debate but all the suddenly they were under control of the debate, in power and that is why the Bush administration begin to pursue those policies and that wouldn't be possible without 9|11.

Ariel – And, do you think that the military part of the American power was the center of the Bush worldview? Including and dominating the economic and cultural points of view?

Charles Kupchan – I think in the Bush administration over confident about the ability of the use of force to achieve (...) kinds of military and political ends.

Ariel – That would be what they called the imperial moment of the U.S. ? .

Charles Kupchan – Some people use that term, I don't found the debate about a empire a particular kind of (...) We have tried in Iraq, but that is the exception of the United States engagement in a form of imperialism. You could say that the Bush administration behavior in a imperial manner , but I would not say that is an American empire; this is a term in misunderstanding.

Ariel – And, what about the idea, the creed in the regime change? They believe that they could change regimes and spread democracy. And with that, they thought they were building a new order more stable and more democratic as well.

Charles Kupchan – Yes, that is part of the neoconservatives mantra, you can invade other countries and turn they into democracies and there is this supreme confidence – I would say a naïve confidence in the appeal of the American way . They believe that everyone in the world is just dreaming to be an American, live like an American. It is an ideological strength that has deep roots in American history.

Ariel – Yes, that is part of the discussion of American exceptionalism, the idea that the U.S is the shine nation upon the hills ready to guide the World , an example to all the nations. The idea of the American expectionalism is central to the neoconservatives worldview.

Charles Kupchan – Yeah, I think the American exceptionalism is part of neo-conservatism agenda and the conservatism agenda is also a strong group of conservatives, who believe the

United States should government or lead by example and they don't want the U.S you know to go out in search of " monsters". I think was Samuel Adams that said that the United States should not go out in search of monsters to destroy. And that's is a very traditional conservative position. The neoconservative version of this says that the United States should go and sick monster to destroy and go save the world.

Ariel – Because if the United States doesn't do it who will do?

Charles Kupchan – Nobody

Ariel – And, what is your opinion? What should be the role of the U.S ? Do you think regime change is something acceptable let's say before the situations gets out of control?

Charles Kupchan – Well, I think the US has been probably a force for good in the world, but it should rely mainly in inducements, encourage, persuasion to propagate liberalism.

David Boaz' interview

David Boaz é vice presidente executivo do Cato Institute.

Entrevista realizada em março de 2013 em sua sala no Cato Institute

Ariel (question) – What we have here is just some questions, the first part is more generical about libertarianism and about Cato Institute and then Marco has some issues for us to discuss about our work, but it's nothing too formal, ok?

My first question will be: How do you see the libertarianism in the United States political tradition? We have conservatives and liberals. Do you think that the true idea of the United States is neither conservative or liberal but truly libertarian? When we Think about the founding fathers, the whole American history. Do you think the Libertarianism is a main tradition in the United States?

David Boaz (answer) – Yes, Have you read my paper “The Libertarian Involvement”?

Ariel – No

David Boaz – Let me give you a copy.

Yes, I think the American tradition is one of freedom and limited government and If you trace the roots of the American tradition back in the history book, you say It came to be traced back into the liberals ideas all liberal world back, you might called the ideas of the country party became against the court. So, in this country, a lot of ideas that were in one point radically or libertarians are now part of the establishment for example the guarantee of separation between church and State, back in history was a radical idea today is totally acceptable. Market and the mercantilism, constitutions that constructed the government, then built the rights, divided powers, free speech, freedom of religion, all those kind of things. So, in that sense, all American politics takes place in the fairly libertarian environment, nevertheless, over the course of American history, you have had the revolution, the Jefferson revolution in 1800, the abolition East movement, the anti imperialist movement. Now, the some extend of those indications in the United States narrow to adopts the libertarian heritage, because the East revolution movement, excepted the slavery, excepted the anti imperialist, and then in the 20 century, in those many ways, there was

movements turned the big government and Statism, there is also a movement turn that I like to call, *standing the promise* fight for the ideas of the Independence and the Founding Fathers. So, the rights movements, the main rights movement, the woman rights movement, the gay rights movement, the immigrations issue, all these things are letting people to join life liberty and pursue happiness. So, yes, in that sense libertarianism is central in the political tradition of this country. But it is interesting to note that libertarians per se, the people who call themselves libertarians are a small minority in America. There are liberals and conservatives in the sphere of the libertarian historical path.

Ariel – So, we can be, for example, liberal and libertarian and conservative and libertarian

David Boaz – Yes, I certainly think that is true, you can also be conservative and liberal and not very libertarian, because both more liberal, modern conservatives, have a lot of different positions to us, are confused, sometimes we say as I didn't league covered of this book, the fiscalized conservative, socialist, liberals centre of American politics, but really it is the libertarian answer being consist to government of your life, the government should maximize freedom and it is conservative and liberals being consisting, but yes, all conservatives side there are a lot of people who believes in lower attacks, small welfare government, less control of government, less support by the government for people's economic activities. And on the liberal side, hopefully you have people who believe live in peace and civil liberties and social powers. Unfortunately the conservative, and middle of the libertarian, are also economic statist and then that is the frustrated part of this background for the libertarian.

Ariel – That issue is very interesting, the frustration of the libertarian movement. You have, as a goal to change the regime of Iraq, for example, that is easy to measure the success or the failure of a project like that but when we think about the fight against the government - and you see the government as a problem - It is a more difficult issue to fight for, and, how do you see the frustration of the libertarian movement? Do you think that many politics use the libertarian rhetoric to get votes? They also want to stay in power and this relationship is very complicated and bring a lot of frustrations to libertarians, don't you agree?

David Boaz – Well, yes, I think that is true, all politicians want to stay in power, we think more of be able staying in power, stay actually more libertarian. I think the republicanism won in the last elections because they proceed to be so entire choices, perhaps. So, republicanism might do better, and be more libertarian. However, you said it is difficult to fight the government, well, yes

It is, and It is also difficult to fight foreign war that takes a long time. You put themselves too, but over the century, Americans have fought the government in many different fronts, they have fought against slavery, for several rights, for the right of vote in 1917 ... And people think the Reagan as the guy who regulated, the truth is the civil regulations started before Reagan that started bubbling up through before that administration. Actually happen during the Carter administration, and it continues somewhat in the Reagan years. All those were libertarians leaders, but the libertarians has often forget, I have complaint of too many libertarians to think that they actually a description of the world, and I don't think It is a necessary liars, there is a lot of ways, we have to move the way to describe them can focus on the negatives things, but there is a lot of mix stories

Ariel – You said about Reagan, what is your opinion about the political figures that try to see the flags of the libertarian as very important flags, political like for example, Ron Paul. How do you see these kinds of political figures? They have success to be radicals in terms of libertarianism?

David Boaz – Well, they are not success in elections. Ron Paul for president, he didn't win, whoever he certainly did was galvanize more libertarians in wing of the Republic party, even people outside of the Republic party, I think people was very surprised by the success Ron Paul had in 2008 and then, maybe less surprised when he get even more success in 2012. It is interesting to speculate what might happen with Ron Paul would be more presidential , he was really too old to candidate for president, he was a house member, house member never run successful for president, he wasn't the greatest public speaker. So, if you had had, let's say, a governor who is 25 years old and a good public speaker, with some charisma you have had probably a winner. But I certainly think Ron Paul was successful in making people aware, there was a libertarian wing at the American politics. which you try to do in studies of the libertarian involvement, but he had a actual ... in drawing crowds and drawing votes and then Rand Paul, I think he takes this role in a high level as a senator, in a house member, he was young and he got time to work up and represents a general libertarian in approach so Rand Paul might have better look running for President then his father. There is also the Libertarian party then there are libertarian scholars who are very political and there are some movements like the drug reform movement, civil liberty movement, marriage equality movement, all this things do not are well

seen inside the Republican Party. So the libertarian movement is quite strong but they are decentralized .

Ariel (question) – And, do you think that the explorarization between democratic and republics, in the dispute for a libertarian to perceived?

David Boaz (answer) - I think It is probably difficult the polarization has led to a kind ideological enforcement of both sides, both libertarians and conservatives want everybody to get in line and to agree all of their positions. When you have someone more fluid political system, there probably easier to libertarian talk to people on both sides and not to be automatically asks, “Are you in this history? and “Are you against?” or “ Are you in my team? and “Aren’t you in my team? ”, I certainly think that there libertarians in past decades, in try to talk people on the left, just automatic assumption that if you are lower taxes votes and if you oppose to Obama and other part need deal run to right wing, the republican party, less State political, so yes ... There is a centre, that is this thing, that is why I studied the libertarian involvement and we demonstrate that there are 24% of American voters who did not infect hold, either at the completely at the Republican platform, or completely at the Democratic platform. If you ask Americans “have you did a poll? We exploit the simple and ask half the simple, “Would you describe yourself as fiscally conservative and socially liberal? 59% respond, yes they would, that is huge. It is probably too big to be a relevant governing call election or anything, Bill Clinton might say yes, for that question, probably not really called a libertarian considering, I don’t think Hillary Clinton would say “yes”, but I think Bill might. Steal, it is a indication of a majority of Americans be weanling to say I don’t fit in either box, then we have the simple before more difficult question: “Would you describe yourself as fiscally conservative and social liberal, also no less libertarian?” Or we were libertarian as obscure and you soon figure people to related to accept this theme, but 44% still say “yes” , so that consistency that I would hope that there will be some libertarian political organizing in politician warning to look at.

Marco – Do you believe that in the United States the culture war exist now?

David Boaz – Do I believe there is a cultural war? I am sorry, maybe I misunderstood the question ... No, there is a lot of differences is many Americans. But, you know, yes, civil war in over cultural differences maybe exist, in 1960’s were much more violent polarize than today. So, what we have today? We have polarized political system, the narrow Americans share, we have polarized media, there are disaster belts stations. Nevertheless, look what happen at the marriage

equality in the other side of the culture war. Just 60 years ago the gay rights movements was critical coops, there was Germany terms in American governments that was really bad. But how much the cultural war has being there is much changed? So, no, I think there is disagreements but I think the culture war is not a big issue.

Marco – There is a lot of intellectuals that say that the culture war never existed, It is only the media that take the ideas, because It is more easy to sell the news.

David Boas – It makes better news coverage, yes, the battle into segregation that I think is much bigger culture war, not the mention the battle of slavery, even in my own life time, that I remember the civil rights movements, there you really did a hole sexist country, based on State segregation and fighting that, It had taken a lot of violence and serious lost past in congress, and court decision and seems to me movement turned, their rights is happen more easily now. Yes, there are differences about religion, there are differences about guns, there is some concern, people are start to live near other people and share their values and yes, It is real. There are not too many hostilities to me.

Marco – So, do you believe that the society is moving to a more libertarian perspective ?

David Boaz – Yes, I think probably yes. I think we can make a case, there is more freedom in America today than even before. When you taking to the camp in fact there are more people allow to enjoying that freedom. Freedom of speech guarantee being wasn't in the past, even in economic there is a lot regulations, we also get a lot of regulations that came out with New Deal, there fear then even before. So, yes, I think there is still abroad movement in a libertarian direction.

Marco – How do you see the relationship between the Republican Party the Christian Right ?

David Boaz – Right, well, yes, I think the religion right emerged in 1970's and certainly there is some stretch in 1990's, in 1980's, I think It is being a large lay on and decline sense than. One of the sense that has being able to development It is own communication networks. You know, Dr. James Dobson radio program, Bill O'Reilly TV program, TV program like that, that have allowed to find a groups of several million of American, who are very much committed to those values and that they has allowed to raise a lot of money. Nevertheless, It is seems to me they have being loosing the floor, the question is to ether, they still retain to Veto over the Republican party eternally. People say to win the aristocracies; you have to cut down to the religious right to win in

a republican primary in a lot of places. You have to keep the religion right happening, you have to keep immigrant right happening. I am not sure to what extent that struggle, nobody tried to challenge, so we don't know. But in society as a whole, I think there are effectiveness clearly sleeping a national media are so hostile to them. There are some political discriminated all of that extreme views that highline and those are not popular with the people and what you saw sovereign in last decade up into to 2008 was passed on the resolution of gays marriage and starting in 2009. Suddenly, start to turned against them, obviously one big symbol of cultural changed in America in the election of president Obama, and I think what you saw is that happen, even a lot of Americans didn't vote for him, felt as a good thing America reelected a black president, It was a sign of change, It was a sign that work is divided as we had being and then he starts pursued a very big government agenda and not socialism issues, but economic issues and he is prevailing signs to go down, and he created the reaction of the Tea Party. For libertarianism, of course, what is interesting at the Tea Party is a large libertarian argument either or not the people in the Tea Party are libertarians it is a libertarian enforce, because entire be big government, entire be faithful success government, entire spending, entire dead, both are good things. It is possible if Obama, he come in and had said, "my agenda is gay marriage, immediately back troops from Iraq, closing Guantanamo. Maybe that would build a different right wing movement, with anthers arguments and reasons to be against Obama. So, in a libertarian point of view, the bad news is that Obama create all this big governments program, and the good news is the relative libertarian movement arouse very spontaneously to oppose him and to some extent the Tea Party movement over shadow the religious right and a lot of religious right people are equal complying with the Tea Party and they both are ignoring the social issues. As he did this, and he is little defeat the fact that they ignored the social issues, that is not the argue principal, he starts another group ... And then, when Obama finally did, endorse the gay marriage, start talk about immigration, the country seems to above alone, you know, he is the only guy alone in gay marriage, after returned, several States removed that direction, after he was elected, now, he has a election across people starting think that he is more open to dialogue, but, maybe, something happen right about time he got elected, he changed political attitudes on this issues, and then, he jump in the last minute.

Ariel – About the idea of a New Right, you said It is not a usual term. When I think about the new right, I am thinking about the last 30 years and you said for example that

nowadays is more common, more acceptable to be conservative, and when we think about 30 years ago would be more strange to be defined as conservative, so I think the idea today about being conservative is a result of this process from Reagan to our days . This idea of a New Right involve also libertarians ideas but also the Christians ideas that we were discussing, but also the think tanks role in the decision making process, for example. We can think about the Reagan and the Heritage Foundation with its *mandate for leadership*, the AEI role at the Bush years. So, how do you see this coalition between think tanks and the decision making process?

David Boaz – Well, I don't know. I guess all of American history in the past 40 years shaped the conservative movement. It might be unpopular to call yourself a conservative 40 years ago. Third years ago was already the Reagan revolution. After that conservatives had a good approach in the 1980's, 1975 not so much. So, yes, It is got to be a little longer, there wasn't too much talk about a new right back in 1970's, and the idea of a new right might be pretty much part of the idea of a religious conservatives emerging as a political block . The religious right came through the Republican Party was central during the Reagan years with many coming and going but what is central is that the religious right hadn't that many leaders, but it was a fairly basis movement made by Christians . So they were much more influential than their strength in the electorate.

Now, if we think about the libertarians, I think that they have more strength at least potentially with the electorate, but they have appeal with leadership, you know , people saying that they are "100% libertarian" in Washington. And, then maybe, partly because libertarian weren't quite sure they want to be in the Republican party, they are more part of the swing voters block, you know they are between the parties.

Then there the regulars conservatives and they may just be less political ingenious. The way I see it, a smart libertarians don't want to go to the politics, they do in the business or technology or think tanks, scholarship, but they are not Interested in politics. So, all of those groups play some role inside the new right as a concept to represent the whole conservative spectrum of the electorate. Libertarians have often voted GOP , but they are willing to swing and even to get away from the Republican site .

Ariel –You mentioned Obama but I would like to discuss with you about the Bush years. What is your evaluation about the Bush years in terms of Executive power and all the wars he pursued?

David Boaz - He was a disaster for the Libertarian point of view, he increase expanding a trillion dollars before the financial crisis and there are a lot more financial crisis. The long wars in the American and history, a strong active power, there were few things libertarian lightened in Bush administration, he cut taxes but he kept expanding going on. Some libertarians would say Bush appoint judges who have a appreciation to eliminated powers and to work for less government, on the other hand Bush clearly had a insufficient appreciation for individual freedom , he wasn't a champion for the Constitution, so, I think the Bush years was mixed bag. Social conservative should also nurse mixed feelings about the Bush administration but they were more partisans, you know, it's the idea that "against our enemies we must the unite ", conservatives think that Bush was a good guy because the left hated him. At the first post on my blog I asked "Why do people who believe in limited government and individual liberty like George W. Bush?" Well, the answer was part because he fight the terrorism in the first place , they liked him because he was religious, I think I had something else in mind [...] But, the last one I say is they loved most than the enemy he was facing. So, If Paul Krugman had just endorsed Bush, he would say "thank you president Bush for leaving the government so much bigger (...)" (laughs) .

In that sense the Tea Party was against Obama was actually a delay reaction, It was hard to started under Bush because they was the sense that the "Liberals are worse", "the Democrat Party would do much worse", they will say, but I think we can argue that the Tea Party started in the day Bush proposed 8 hundreds billion dollars for war, and everybody thought It is just the way it should be . Obama came to power talking about change but the day he step up in the White House he started spending even more and actually he did worse indeed , he nationalize companies, take over health care and by that people started to use the term of Tea Party.

Ariel – **How do you see the role of Dick Cheney? Because there is an author that says that the Bush administration was actually an co-presidency between Bush and Cheney. Bush was more a compassion conservative and Cheney was more a fiscal conservative and then they both do a kind of a conservative coalition ? How do you see Dick Cheney?**

David Boaz – Well, Dick Cheney was a fiscal conservative and then he is a completely failure. And, I do believe he saw himself as fiscal conservative. But anyway he was a completely disaster, I think the general perception of Cheney greater view was in the area of the Unitarian Executive, the idea of an strong Executive power, counting on an aggressive use of the president power, this was the way they choose to respond to the terrorism and pushing for a military

responses in Afghanistan and Iraq. In terms of building an bureaucratic empire in order to fight terror the Bush administration was a success . Whether this was a co-presidency, I think it's very hard to say that unless if you had been there, Cheney was obviously a man with greater intelligence and experience and the president would be wise to employ and work with him. And, probably known the American history the vice president stands in a position where he is completely ignored. I mean as we see in the popular culture the impression is that the vice president stays in other building and the president never calls. Usually the vice president is called to represent the U.S government at funerals. That is interesting if you look at the Obama administration, he didn't even sign his vice president to Margaret Thatcher's funeral, I mean that is what vice presidents are for. But, in the past few years, certainly beginning with Clinton's vice president, Al Gore, I think, Al Gore was much more of an active participant at government than Cheney clearly was. Am both was more active than Biden, it's hard to imagine the Barack Obama actually working and discussing policies with Joe Biden (laughs) .

What really goes on inside administration, I think it's difficult to say. I think that makes sense the idea that Cheney was the most powerful vice president in American history, he clearly had the experience in Washington, Bush himself didn't have, he was being over office before, while Bush had not being, so, I think probably Cheney role was significant, but as I say, If you go after the numbers and all the policies of the administration and question the “fiscal conservative” perspective from Cheney , well, you will see he was not that conservative so in that perspective he had failure.

Ariel – And, how about the foreign policy of Bush, can we discuss a libertarian approach to foreign policy? In my point of view It is complicated to understand it because, in a way we hear the argument for a less muscular foreign policy but is not exactly isolationism, but it seems to be about a less aggressive foreign policy , but then I ask , I to deal with regime change? Also there is this idea that the government should help their national companies to make trade, all kind of business. Is that libertarian ? What is your evaluation of the Bush Foreign policy and what would be a libertarian approach to the U.S foreign policy?

David Boaz – Well, certainly, the libertarians don't think the propose of American foreign policy government is to help American business, It is to get off the back of American business and let them produce innovate and do trade. The state shall not subsidize. If we ask ourselves “What is the libertarian's goal?” I would say to bring freedom to more people around the world and

leaving American companies away from that. Should we liberate the woman of Afghanistan and the Kurds in Iraq ? Many libertarians can say “yes It seems a good thing to do”, in general I think the libertarians have been the favorite of a strong national government, but not aggressive interventionism. We think that peace is a very important value, have the government not put people in a position to be killed that basically an important value. Most libertarians support retaliation against the Afghanistan, because it was there that was the people who attacked us. Libertarians care institutions, in the sense that we should be strong enough to respond to any attack, but is important to say that 11/09 was something unexpected, people attacking the United States was something unexpected. Somebody did, and we said “go and remove that government” with a military operation of few months remove the government to a occupation there is a big difference. We didn’t intend originally to occupy and we didn’t plan for a nation build and the Iraq war seemed hardly unnecessary to most libertarians and that certainly makes the issue for wrong foreign policy less persuasive. So, I think libertarians’ consider national defense a priority but they don’t go on the idea of an aggressive revenge, that’s why the Bush administration wasn’t a favorite for libertarians. And, eventually, I think, a lot of republicans begin to question Bush’s calls, I think the tone of the republican debate in 2008 and 2012 was the difference from the tone of the 2000 and 2004. The debate turn about to discuss the U.S involvement in wars, that’s because what we have seen in the wars in Iraq and in Afghanistan.

Marco – What do you think is the duties of the government? Because I always read about the big government problem and the necessary to cut but, what is the function of the government to you?

David Boaz – Well, I think the function of the government is to protect our life and property and in terms of national defense the basic idea is to protect us from external threats. We need a police force, we need judges to prosecute criminals and to allow us to leave socially (...) we need a congress and a president no more than that. Everything else I think should be left alone, I mean we should work with volunteering and let the market sector be .

Marco – I read one of your articles where you talk about some cuts that you think the Obama administration should do , and you talk about the spending with Iraq and Afghanistan and suggests cuts in agriculture, specially with subsidies but when we think about cutting, especially in spending we got into a great political problem because people that suffer from those cuts, for example, they will at least be furious and mad with the

government . How to equilibrate the cuts you know considering that politics don't want to disappoint the electorate ?

David Boaz – Well, one of the reasons libertarians object to new spending programs is that they will become sources for American people and nobody likes to have their source to be cut off. Nobody likes to get fired, nobody likes to take a pay cut because the company is not doing well, nobody likes to discover that your house will be taken by a bank or something like that. And when you have a payment from the government when you are a farmer, a retired, or let's say you are a student having your parents paying for your lunches or wherever, nobody likes to see themselves in that position, to be cut or to have to make cuts. Politically it is a problem when you get people hooked on government funding, it's a problem because it is very difficult to take that away once it's there, so, cutting spending is a real problem. One of the things that Ronald Reagan and David Stockman figured out in 1981 was, if you try to cut spending one program per time, the people involved in that program will mobilize and try to influence the Congress they will get organized and make the streets. So, one of the ways they thought of that problem was to put all the cuts in one bill, that makes it easier for the president to go and present the case and also by doing this way the damage is easier to control because by this way the argument of being fiscally responsible is very appealing to the people in general. If you do it one thing at a time, you will always have the people who benefit from the program interested and mobilizing on their interests. The solution is called "concentrated benefits and diffuse costs" which means that the benefits of any kind of program concentrate in a small group of people: old people, farmers, business (...) wherever the group is, and the costs are spread out over 300 million people in American taxpayers and consumers. So, yes, that is the political challenge and one of the things that the libertarians are talking about in terms first, we should try not to start spending money in the first place, because it is very difficult to cut it, in the second place, we should try to fight for a constitutional rule, with a balanced budget. We don't have a balanced budget instead we spend and spend when we get in trouble we increase taxes or create new forms of taxation. If there is no balanced budget and you have to raise taxes every time you want to spend more money, and that makes the whole process more and more difficult. Everybody knows we have too many military bases and every base is actually a local community and as so there is people and local business that has the base because as a source, the source that provides income. You know, people go to McDonalds. So it's not a good idea to go after one by one, but to create a

commission, came up with a list involving several bases and make cuts top down . Otherwise you will be messing with military families and that's not a good idea. If the cut is more generically you can go with the fiscally responsibility argument. Asking "do you believe in fiscal responsibility or not?" And that works, so one on the things we have to do is to bring more people into the discussion, but for every politician in elections or leader up to any elections is very difficult to vote against spending program. So, yes, that is probably the area of we have less success . To stop spending, to get off this path of just keep unbalanced budget . That is the biggest libertarian challenge.

Ariel – How do you see Cato Institute as a think tank ? How is the relationship with the people the supports of Cato ? I mean, people give money for a cause but don't they expect something back? How is this relationship?

David Boaz – Well, different donors have different expectations, mostly I think give because they believe in the cause of liberty and limited government. Some asks us "what results do you have? "Did you do any law to get better?" " Did you privatize social security?", "Did you create school choice?". Well we definitely have something to show in all that but did we do it? Not exactly, did we help to create the condition for that? Maybe. So, yes, these questions we have it a lot. One of the things that a nonprofit group always tries to do is to provide some private benefits to their supporters in the sense of we hold events that we can take they in to come to, and if you give more money, there are more events that you can come to. Some non profits in the United States, one of the biggest non profits is the American Association for Retired Persons (AARP), they push for social security, more spending, never cut. There are individual members that may pursue that as a benefit. You provide them with a social security, that is good thing, but they also get specific private benefits, they get the magazine and the magazine is about enjoying the life as a older person, it is not only about politics, It is about medicine, traveling and things like that. These is also some benefices that you can get only if you join the AARP, and there are many non profit others, that have benefit like that. We don't do very much that, partly because we are not very big. We have 200 donors. So, there are people, particularly in the corporate world that might expected from a think thanks to do something very specific, like proposing a regulation, we at Cato, we try to resist donations from corporations. But certainly It is always a temptation for fundraising to try to provide specifics benefits for donors. I think we have done a pretty good job on making clear that we are not here to advance regulations or go on specific

interests basically we work asking if liberty and less government is good for America, if you say yes, then you should help us if not well, you can engage in many other things . We don't work on specific policy issue that might be interesting for a one company or one industry. So, yes, there are different kinds of donors, we are being very fortunate with what we have.

Ariel – I see Cato as one of the most open Thin Tanks for young people and students.

David Boaz – yes, certainly. We have a lot of interns, summer school programs all your seminars are open . In fact, every year we have more and more students looking for a intern position with us and I wish I could have money to hire all , but we don't have all that money (laughs) . We have seminars that are planned for students, for us is important to be open for students because they usually are very critical to the government and open to libertarian ideas .

Dr. Bryant's interview

Pastor da Igreja Batista do Sul

Professor do departamento de teologia da Charleston Southern University (CSU).

Entrevista realizada em março de 2013 na sala de reuniões do departamento de teologia da CSU.

Dr. Bryant : I would like to start telling my background of myself to you first.

My name is Michael Bryant, I served as assistant professor of religion at Charleston University, I also served chair of department, I have being working here since august 2008, my area of teaching is more so generalist area, my degree was in the New Testament, when I receive my degree (...) in 2008, so, I've been teaching a variety of courses Old Testament and the New Testament, serving common aspects of Christians and atheists. There is Bible book studying, the revelation acts. Actually I was student at Charleston Southern University (CSU) from 1991 to 1995, so I came back to my school, so, this is helpful, my education have being primarily in southern Baptist grounds, it's a common ground to say that southern Baptist has been more conservative , evangelical while my education here at CSU from 1991 to 1995, was more moderate, southern Baptist but even in some terms progressive and liberal. So, it is helpful in that to have being educated in both sides, broke quickly how can differentiate the more

conservative to the modern Baptist there are a lot of factors, the primarily comes down is to interpretation to the Bible, the more conservative the more literally they read the bible , when the Baptist say It put for in all areas and, the Bible can transform all areas, there will be affects in history or social practice. Where is areas more progressive say “ yes its authoritarian” but perhaps we need to take in consideration the modern findings maybe in XX and XXI century so, they would have another view of Bible .

Ariel (question) – Our first question is more generical question and It is about the relationship between religion and politics in United States since the “Founding Fathers” to nowadays we see that religion have a very important role in this society. In politics religion is a field that always appear in the political discussion. So, in terms of historical overview, how do you see this relationship between religion and politics in the United States?

Dr. Bryant (answer) – I guess you could ask my personal view or you could just have I give you how I see Christian in your acting or you acting my personal view or you after, how I see the landscape, the picture, how I see Christians participate.

Ariel – I think the overview.

Dr. Bryant - Ok, I see some Christians arguing for a separation of church and State, they fell that Christians should probably not be very involved over the process, they just want to share the gospel, maybe not ally with politics or corrupt politics. Another view or another position of Christians is to seek for transforming the culture, which is the idea that the Christians should participate in the political process to transform for good , in a example I give you, If we go back and say to the XVIII century in Britain, they would try to force all Christians, evangelical Christian specially to engage in politics and for them it was very important that Christians became actively engagement in the public process and this movement was w very active and helped to end slavery in 1831. If we even go back before that, I could remember William Carey but there is also a long Baptist involvement among others Baptists but the case of Carey, he was very influential in what was happening in India, he was a missionaries in India in 1719. He was active in fighting with the less fortunate. When a husband passed away it happens that the wife was murdered (burned) and buried with her husband , he fought against it and also he saw even some temple of prostitution in the Hindu religion, girls were taken and forced to work on those temple, those girls served in a temple of prostitution serving God, serving the spirit, he’s works

in India showed that Christians can and should transform culture, they should speak out against immoral, the evil, I think we both agree that temple prostitution and slavery are immoral, so the Christians could see this as very important. So, you would have some who would say let's just focus on the gospel and don't participate publically, and you will have other that will say "let's engage", so, I think this is a very basis overview. We might disagree how some Christians engage in the political process but I see basically those two different approaches.

Ariel (question) – And, there is two sides in this engagement, we see, for example, Dr. Fawell, from Liberty University, he once said that there is moral issues that we have to fight in the political field and, but also we see, for example, Barack Obama working as a civil organizer with the church to fight the hungry and poverty. So, we have this two approaches to engage religion in the political discussion. How do you see this difference? Do you think that there was a period in which the fight was more conservative, more moral focus and in a different time is more focus on civil issues closer to a liberal approach? Do you see the differences?

Dr. Bryant (answer) – I think for me one of the differences is what each side see as to be the moral issue. Some would see like a moral issues slavery, others could see a moral issue as being poverty or hunger or the environment issues. So depends on who do you ask or what they think that are moral issues. With that said, you also have those who suggest taking a more traditional, historical traditional biblical view, what is right, while others are more influenced by the Enlightenment. I would say if you ask me what I think, I would not say that the political left or Barack Obama is representing historic Christian, what is in the scriptures, there is blending of ideals there is being revision, there is nothing consistency, and just be very specific to you, I think it is impossible to recognize or to reconcile homosexual practices with Christians, we can disagree in some levels, like marriage or social life, but if you ask me if the Christians rejects the homosexual practices, looking from the scriptures and from the Christians traditional worldview, I would say "yes".

Marco (question) – When we think about the relationship between the religion and politics in the United States, Tocqueville is a important historical reference, he write about the ideal that the spiritual of religion and the spiritual of liberty in the U.S is a harmonious relationship, but for other authors studding the American history, they say that religions and politics are not so harmonious they would actually collide. So, in your opinion we can

try to understand the America considering the ideas of Tocqueville and all the fights that we also see between religion and politics.

Ariel – So, I would like to add that many times we don't see Christians getting along between themselves very well , even when we see two or more Christians as friends they don't agree in many issue, they split, they fight to each other. With that in mind how to think in a Christian coalition ?

Dr. Bryant (answer) – Yes, they see the fight to each other in many ways, there is scare fears in depended spirit and I never really thought about it (...) , I guess just out of the cut maybe goes back to the view that, to the reformer view that, all the reformation you have the ideas (...), everybody should have he's own copy of the Bible and they should be interpreting it themselves, historically the Roman Catholic church in Europe said, we cannot trust people to interpret the Bible themselves, there is no limit to the heresies they could came up with. From that came the protestant experience that said that everyone should have a copy of the Bible for a free interpretation for themselves and that opens to different kinds of influence, one might be guided by their fears, others by their personal view of their interpretations and sometimes they might say that the holy spirit is even bad. So we have to be honest, It is not always a good thing, and many catholic scholars, they in some ways, they go ahead and, you have all kind of difficulties, but the positive side would be people have a bible for themselves. I am not sure if I answer your question (...)

Ariel (question) – And, how do you see the relationship between the conservative movement with the religion movement ? I ask this question because, when we talk about the conservative idea in the United States, it's an idea that embraces libertarians that fight against the government, there is also people concerned about family values, some people call those fundamentalist (laughs) . But there is also room for regime change, all those neoconservative ideas about the American primacy in foreign policy. So, we have different actors saying that they are conservative, but in my opinion I see religion more concern with conservative side than with liberal issues or in their side. In many times conservatives try to accomplish and to embrace religion in their side. How do you see this relationship? Do you think that a more religion society in American would be a more conservative American. How do you see this relationship?

Dr. Bryant (answer) – All I have to say this is more important question, please repeat it.

Ariel – Do you think that if we think in a more religion America, the religion being more important, would be a more conservative America as well?

Dr. Bryant (answer) – Well, you know, I find difficult to answer that question, because I don't know If I have abroad enough prospective, I don't know that I have traveled enough or stayed in touch with Americans at large to have a prospective. What I find is, I think I know what is going on, but I am just imposing my little piece of the puzzle of everybody else, I have being from the South, that traditionally is being more conservative, being from the rural area which is more conservative, growing up the southern Baptist Bible bubble which is more conservative, I don't know if I have the right prospective, but answering your question, from what I hear in the radio, from what I read in books, I think by large Americans are more traditional and conservative, certainly more than Europe. But if you go and speak with your leaders in Washington, they are secular, I would say, probably as secular as any European leader but as a hole , the society in mass is more conservative in ideological terms and also more religiously, so, I would say that your leaders in media, those leaders in academia they certainly are more progressive and liberal, but the majority of the people are more conservative , that is the best I can do, but I fell like my prospective is limited.

Ariel (question) – In your opinion how that progressive; liberal elite see the South, this University, or the majority of the religious and conservative people from this country, do you see and fell that they are basically forming and stimulating a kind of conservative stereotype?

Dr. Bryant (answer) – It depends on who you ask and from who you are talking about We need to be careful of all labels and minorities, but It depend who you ask. But I do think the stereotype still exist, for ignorance, maybe [...], but I still think you can see those things exist, but It is diverse, here in Charleston we can find three mosques downtown, we can find a Buddhist center and we can find a Indian temple [...] . So, is much more diverse that you think, and we have liberal colleagues here at the university.

Marco (question) - Some authors say that religion has two ways one is the accommodation and the other is the orthodox path. When you look at the new generation I think they tend to be more secular, more distant from the church that their own parents' generation. How the religion can attractive this new generation ? Especially young people, the adolescent. Its seems to be a losing fight .

Dr. Bryant (answer) – The first of all, a sense of meaning, the bible in Christianity gives people a sense of meaning of God as creator he give people dignity, we are made, I believe we are made in a image of God that's what gives us dignity, we are not just animals that lives for several years then die, we are people with dignity, we have values, that is why we speak to people with respect, we treat people with respect and we reject thing that are not respectful like human traffic. So, I think religion give to people a sense of dignity and to worshipping him, as I said, there are a sense of meaning in that, God has a purpose for people in this place here, a purpose, purpose, helping others. So, I think also that religion can give people guide lines or principals for how to have a good marriage, a good family and stability in life. I think If you look at American today, there is a tremendous break down at home, there is tremendous divorce rate, people don't know how to educate their children, children nowadays are just wild, right ? Christianity can give a calming and more stable life, with guidance. So, I think in essence of dignity in religion can gives, a essence of meaning, can give a fulfillment marriage, guidance in marriage, I think all that are really important but also I would add as a conservative Christian, religion, especially the gospel can give people peace, can give people a sense of forgiveness, people would disagree but It is ok, but I do think the people struggle with sin, people struggle with guilt, people struggle with the lack of meaning , the lack of faith, people want be moral, so, I think people in general they want to be more moral but they can't, but the gospel bring them the real solution to the moral struggle basically because they found that people have to be good persons. The solution is, the answer is: we can't be moral by ourselves, but Christ provides a way. But I think it's important to question what is dignity, what it is the meaning of marriage, whether It is the sense of peace in your relationship with others over common sense or what ? And Christianity can give answers to those questions and for those problems.

Ariel (question) – Yeah, but we also see different paths, for example, if a child or adolescent, he is consuming a lot, he has divorced parents, he doesn't like school, he just to go to internet and play, It is very difficult to change these paths and otherwise the person that choose a religion education can also go into a path that is difficult to see things, that is normal to other path, so in a way maybe this different paths get us to a cultural fight, maybe one day we will see this two groups fighting with each others, we have high rates of people that are non believers and we also have high rates of believers. So, how do you see this two paths, two groups, cultural war is inevitable?

Dr. Bryant (answer) – For what I read and I have been studying this in more detail, I think the XXI century will be a religious century and many authors like Phillip Jenkins argue that we will see a battle between secularism maybe between fundamentalists Christians and the fundamentalist Islam . So, you going to see and we will see I think struggles and continues struggles and its going to be very difficult. So, we have to find ways to work together, we have to find ways to allow people to practice freedom of religion and yet not allowing one religion to dominate or to manipulate others, that's is very difficult to do. That's a struggle that we will find and fight in ourselves. But I do see the religious as a central matter for XXI century. Many authors in the past , like in the XVIII and XIX century argued that we would live in a society without religion in plane progress (laughs) , nothing more improbable than that

Ariel (question) – **You mentioned the Islam. Islam is the fastest growing religion in the world and It is very aggressive in this process. People that choose to enter in Islam, they can't choose to get out, at least they are not welcome in doing that. Also many muslim countries are persecuting Christians and other religious. In Iran for example we commonly hear about Christians or Baha'is going to jail, basically because they are not muslims, once in jail they are treated very bad by the government . How do you see this relationship between Christians and Islam? Do you see the risk of a conflict between these two religions?**

Dr. Bryant (answer) – Yes, because they both claim to be the exclusive religion (laughs); and that is a problem. If you look at them at their purist way, if you read the Quran and you read properly if you don't change it, and if you read the Bible, and properly , the two “Butthead” . Even over the Dome of the Rock in Jerusalem says “there is no God but Allah and Mohamed as his prophet” and historically it's clearly a smack on face in Christians when says Jesus is not God, if you go back and search you will see that is a former clear of statement saying “we are the truth religion and you are not”, so, I think we continue to see this struggle between Christianity and Islam, but in secularism too, I mean, Islam struggle with secularism. You said that Islam is a growing religion but I don't know how fast they are growing, Muslim consider a person is Muslim just by being born, and sometimes this person has do accept Islam in order to be accepted for his own family so It is unclear to me how much Islam is really growing. Everyone born in a Islamic family is necessary going be a Muslim, so is not clear. I've being in Africa for four or five times and I continue ask this question for all missionaries and to some Batiste missionaries in Africa, which religion is dominate, Islam or Christianity, and they always

say “I don’t know”, signs point is to Islam as holding the majority. Other factors are pointing to Christianity. So, I think Islam is growing, yes, but I’m not sure they are dominating. I think numerically Christianity is the largest. Catholicism would be dominant but Pentecostalism would be the fastest growing.

Marco (question) – I would like to ask about the concept , the idea of the “great awakening” in America, we have a history in the United States that tell us about three or four “great awakening” the last one supposedly happened after the 11/09/01. Do you believe It is possible a new “great awakening” for Christian now for example?

Dr. Bryant (answer) – Yes, God determines that. Its God that awakes us and our faith. God determines our awaking. There are factors and thinks that Christians can do like humble themselves, pray but I do think that God, and god only can bring another “great awaking”.

Marco (comment) – But when we talk about a great awaking we are talking about several changes , changes in life, in faith, and in the way that religion operates in the daily life. When you have a “great awakening” the religion change, the form do the religion changes too. The structural of the itself changes, the form of evangelism, the form to attract people to religion that’s all new and different them before.

Dr. Bryant (answer) – Typically with a awaking, historically there is conversion, If you go back and look at the awakenings, the second great awakening , with Charles Finney, out of the second great awakening in the US, you have this huge moral element, [...], I mean the fight against slavery, drinking and gambling all this kind of things. So the second great awakening, the Gospel was there in the beginning, I think, but It had further consequences morally and socially, woman’s rights and those kind of things, slavery movement. The first “great awakening” world, of course, with Jonathan Edwards and all the evangelists like George Whitefield, he also preach in Charleston. That was more reformed in orientation, more Calvinistic, the emphasis was in conversion [...], there were many people conversion and changing their lives. I see the first and second “great awakening” as different, the first was more Calvinistic, more reformist and the second was more amnion, with emphasis on the people and how they make decisions, the first was more like god moving things, a divine calling [...] the second was different.

Marco (comment) - In the second “great awakening” we also found some new kind of questions like about the drinking problem , asking and fighting for the forbidden of alcohol, or to limited the prostitution. And, when you look to the American history for example if we

think after the Scope trial, the case about Darwin and Evolutionism , can we say that religion becomes more introspective?

Dr. Bryant (answer) – “When the fire dies, we became cold”, that is what the “great awaking” means. But as the quote goes , the fire of survival eventually dies [...] I think It is natural ...

Ariel (question) – I think, probably, our last question. Can you tell us about you missionary work? How is it made, you have any case of people from Islam that converted to Christianity and how do you do with this issue and also, working in Africa with Islam, how do you see the anti-Americanism? The perception that people have from someone from United States try to go Africa help them over there.

Dr. Bryant - Yes, I would say that there are more than 5 thousands of Batiste missionaries that is serving over seas and you will find them in many different places, in many different contexts. Can we pause for a second?

Dr. Bryant (answer) – Yeah, in those countries we had missionary and we share the Gospel for someone from Islam, It is a great challenge for people who convert from Islam to Christianity, because their family reject them [...] we can talk about, is very common here, there are mothers, fathers, brothers and sisters that just don’t talk or respect the person that converted no. Sometimes is much more worse, that is much more terrible, that’s making people aggressive, because when your family reject you, is very difficult so, there is that struggle, there is a struggle of living out your faith and share of your faith is a great challenge for Christians of all countries, to do that specially in a Islamic country, they need contact. There are some radical Hindus that result in violence, so It could be a challenge the Hindu context. I think overseas we touch on people [...] because embrace at American evangelism, I mean, I have been overseas, lots of places that people think they are losing their cultures, the national identity but that doesn’t mean they are trying steady to be an American [...]. I think there are many missionary that avoid that, generally they try to avoid that American style , you know ? We try to put people in contact with the Bible and follow the example of Jesus Christ, but I wouldn’t see the Christianity as a form of Americanism obviously [...] the Americans practices the Christianity sometimes with so much emphasis on materialism, but typically the religion takes on the form of other country, it tries to dress up in the local culture, so maybe , that can happen , the American culture can be criticize especially in its shadiness and materialism.

Ariel (question) – When do you say shadiness, what do you mean?

Dr. Bryant (answer) – Is like fell good, the kind of religion that is just for feeling good. You may embrace Christ, but you go for it just when you find yourself in trouble, or persecution, or otherwise you maybe just walk away .

Ariel and Marco – Thank you Dr. Bryant

Gerald Alexander's interview

Professor de ciência política da *University of Virginia*

Pesquisador associado do AEI

Entrevista realizada em março de 2013 em escritório particular.

Ariel – My research is about the conservatism in the United States, specially expressed in the Bush years and I goal is to try to figure out how conservatives articulated themselves, how ideas become important in the conservative movements. Also I'm trying to discuss the effectiveness of the conservative ideas

Gerald Alexander – Well, I will speak what I know ...

Ariel – Ok, I prepare some questions, just general questions. My first question would be about the conservative coalition, how do you think that It is possible to start thinking in a conservative coalition? I mean, do you think that we can think like an ideal type of conservatism, for example, we could think something like 1/3 libertarian, 1/3 social conservative(evangelical, Christian) and 1/3 neoconservatives. Or we can think about a coalition of compassionate conservative, and a libertarian in economic issues, taxes issues etc. What would hold this conservative expectrun of ideas? How do you see a coalition about these issues and actors?

Gerald Alexander – First of all, coalition is the right world, because any movement, any political movement, any electorate movement need a coalition, you know, there is not just one ideal type of conservative in U.S just like there is not just one ideal type of center -left in Lula's coalition, right? That is true here in U.S, that is true in Brazil, that is true in France, that is true in Russia. There is no more them one ideal type to consider [...] that's because a political force is made with a arrangement of people, Lula known this, he talked with people all the time , with people from different groups [...] Most party leaders have to spend half their time trying to ensure their compromises, building and keeping their coalition, that-s the only way to survive in politics. Convincing them, that they have no choice, but to see on the other wing then convincing the other wing they have to give up of something and return first and that is true in all major parties with a hundred million voters as in any political movement that we have. Second, I think there is an helpful immediately, a unhelpful tendency to try to detect an single tendency or

denomination of politics, for example from secularism to religion in the Republican Party, it's a 50% split, so it's not helpful to work with a single tendency because it is not true so, for example, the Democratic party while probably containing most people who call themselves atheists, also contains a very large number of religious people as religious as any Republican (but they are blacks and Hispanics), people so again the idea of a single issue won't work. And, in the second line, the Democratic party in United States contain a very large block of quite religious voters as well, who are part of a high rate religiosity in United States, so it's just in theory that a religious voter will Republican and atheist democratic (...)

Ariel – So, if someone is a religious person he or she might Republican conversion or democratic it's a open battle ?

Gerald Alexander – It is completely irregular, , in the last election we had as a result ten million of black protestants, and growing number Hispanic protestants, It is much more complicated, particularly at the Hispanic bloc of voters with Catholics from Mexico, evangelicals from Central America, it's a very heterogeneous religious landscape. The second reason why I think the focus on religiosity can be misleading is, that, I think there is a tendency by secular liberals to portrays the Republican party as a Christian party, as a fundamentalist party, I think they can do this because by doing this is an effective way, it might be effect to address issues and to appeal to some voters, scaring those voters and presenting themselves as secular and so, for example, they can be very effective for Democrats or Republicans to say for example that they all are against abortion and the other side is not, when in fact many republicans are not pro-life, and for the democratic side, saying that republicans are pro-life can help to reach for the vote of the professional, you know, woman, ecologist educated woman that are very concern about the pro-choice argument, you know those women end up thinking that "I must not be a Republican". I think that this image that the Republican Party is the party of the fundamentalism, the party of the religious right is largely and it sells an ideological conception of conservatives. The fact is the conservatism movement that you refer, contain a huge number of people who are secular (or at least act as they are), they have very different point of views about abortion, gay rights. And, therefore the conservative coalition is sometimes concern in both Christians, evangelical and sometimes calls Wall Street journal conservatives, meaning focus much more on economic issues, much more business oriented, so you could have church conservatism and country club conservatism, and also the cultural conservatism country many call be called libertarians, but

people that call themselves libertarians they are very small. If you ask the average guy, who reads the Wall Street Journal , many times they read just the editorial page, if you ask, are you in favor of lower taxes?, yes, they would say, “yes”, but if you go on to other kind of libertarians issues , and talk about privatize social security , the post office services, roadways etc most of the people , even among conservatives, they never thought like that, not because it is crazy but just because they are unusual , so like in any society, people who are very ideological them tend to be a minority. They work with what they have, they world they see is the world they know and ideology for them is just an movement to push a little bit more this way or that way, people who have radical ideological views are part of a very small group. So, the conservative coalition contain this huge arrangement of people.

Ariel – they were very scared in Iraq...

Gerald Alexander – I don’t know if they were scared, but all of that for that? [...] in Libya, the notion that it couldn’t get possibly worse than under Kaddafi, it turn out anarchy. So, more interventionism ? No, thanks . (laughs) I don’t wish to see Kaddafi back on the Lybia people, but if we intervene more for that, that is very depressing it makes things worse . But if Americans troops go to Syria and in three years later we end up asking ourselves what we are fighting for? Then we have to ask today who or what are we will be willing to fight for ? What kind of regime its acceptable or we can deal after a intervention?, I don’t know. But, the point is, I don’t think we were scared by Iraq, I think Iraq made the U.S more humble [...] Of course we could end the Syria regime tomorrow if we really want to anymore but ...

Ariel – But what about the American supremacy in all this discuss about a muscular foreign policy?

Gerald Alexander – Yeah, is not like we don’t have muscles, I mean with a weak strike, the Syrian war will be over twenty months later when we would be in that place [...] but why exactly? No one ever said about the American supremacy, that we have a billion interesting in Arabic country, in complete change those people, the culture [...] No one has that power, maybe the Mongols, hundred of years ago (laughs) .No one has the power to change the basis of a entire society and culture. And so, we are humble, this is a good example, what happened in Iraq, the war part was easy for the U.S. but when it changes to peace and a democratic construction in a middle east nation [...] Who knows how? Maybe is not impossible, we don’t know that, I mean.

Ariel – When you were discussing about mobilization in the conservative coalition, that process also bring a lot of frustrations, you know, because many times when a leader turn out, he embraces an idea with enthusiasm, he want to be radical about that, we can think about Goldwater, Reagan, even Bush with compassion conservative, they try to go very deep in that. How do you see this process of trying to get ideas into life and the frustration that also the decision make in process in the politics bring in process?

Gerald Alexander – It is very uncertain to me the hole of ideas in politics, you may have a strong argument about this. For example, I spend some time in Africa especially in Central Africa, no president in Africa at some point didn't publish a book with his ideology and he had some writer, an academic person to review it, whoever, local, international, you know, look at his speeches, to talk with him a little bit until it comes out with something, why? Because there were this need to be seen as thinker or a great visionary. This is was especially true with the young generations of Africa leaders, who felt maybe some intellectual, insecurity, they felt that they needed to be seining as thinkers. There is some cynicism, they gonna do what they gonna do anyway. The fact that they wrote a book full of ideologies don't affect that [...] It is just to be on the shell, to be on people's homes and say: "I'm a man of ideas", and there is a risk therefore when we announce ideas or an particular agenda [...]so for example, there a phrase in Spanish that you can translate in Portuguese that say: "Movemento Descafeinado", that means, it something that smells like an ideology but it's not, it is something that works on the book. It's not the real think, there is no caffeine in it so it's not the real "coffee". Well, there are ideas and ideologies that are "Descafeinado" from the beginning, that have no actual power. Every politicians running for office has the need to have an agenda and they see the need to put some new thinks on that agenda they look for a good label. I mean, Paul Ryan if he is running for president in 4 years he's got to have, you know, a sentence associated with him, what is that sentence? Maybe it's his image, his label, whatever, but in some level every politician need to find his or her "Thing" only celebrities can run selling themselves [...] I think Hillary Clinton could just run as herself, no label would changes our views of her. Lula, when he was elected president he was already well know for so many decades so It no matter what name, or what world was behind him, you already knew who he was. But many politicians, the majority feel the need for an agenda, a label, "a thing", Bush certainly felt that way. Those politicians they look for their "thing" they want to be and to show their agenda, they want to convince us that they

are “ real coffee” . Does the coffee comes with caffeine ? We don’t know from the beginning. The point is that they want to attract voters, But some politicians are certainly people who are made by ideas, Goldwater was a great example. He did not fear to be alone in the senate, especially when it was a polemic issue in vote, many times Goldwater was among no more than five supports in the house , but in the end of the day he won a tremendous respect among conservatives . Reagan liked to say the was inspired by Goldwater. At the democratic side, Obama ? I don’t think Obama is like that, I think Obama, well, he’s very ideological, very political oriented , everyday he is concerned and fighting to advances his agenda.

Ariel – Maybe Dick Cheney

Gerald Alexander – I just don’t know too much about him. It is a good question, I don’t know how to answer. You may be right, I don’t know.

Ariel – So, those political, they have track , a record ...

Gerald Alexander – They have a motive they can announce ideas, wherever they believe it or not. That doesn’t mean that they don’t believe in them, but the fact that they have sensitive to announce that they do means that they all announces what they do, and you don’t know, and I don’t know what “caffeine ” there is [...] even for them. Certainly there are those who have ideas, I do think that our analysis of ideas is very weak , we think that ideas are just out there and they have effects . That is obviously a very poor conception of things ...

Ariel – Looking back for the Bush experience . He was a born again Christian that seems to believe in many Christians ideas in fact he proposed the faith based initiatives and this “ label” was “ a compassionate conservative “ candidate , right ?

Gerald Alexander – I think probably is the case yes, he falls in those things, On the other hand the faith based initiatives’ was a quite small part in his government. I think a better example is education. He believed that first of all, we have to focus on actual results, and secondly the *no child left behind* , I don’t know if you know the origins of this, but [...] American politics is complicated (laughs) The political force that talk most about education are on the left, social welfare, education, all those things you would expect. On the other hand, those political forces were not stupid, in my mind they might be wrong, but they are not foolish , then are aware that in many schools across United States, there is children who performance much weaker them other so they know perfectly the students who perform best , they are from family with more means, more educated and students who perform weakness on average, are those from poor

family, with less education, that means some poor white family but also many black and Hispanic families . Therefore, those forces on the left are very aware, that if you try to boost all performances from all children, the most difficult ones will be the poor family, including a disproportional number of blacks and Hispanic. Well, in that case they are very nervous when someone talks about to spend more money on education, but they are very afraid of requirement actual improvement, because they know that is very difficult to get to archive. And, one of the calls of Bush initiatives, first in Texas and then in Washington was, we will agree to put more money into this , billions more in education, but, It has to be tie to testing , which shows that there is actual improve and outcome; and the easiest way to achieve that would be by making the testing system works, so if you archive even average improvement that will be good enough, that could mean leaving behind the black and Hispanic kids and only getting progress among those who already are the best in school. And so the details of NCLB was that the improvement had to be in all major demographic categories. There even have be an improvement in those in the bottle. Even if the movement is from a lower level, they will have to be an improve . If you look at the details of the NCLB that is the challenge. Everybody has to move up even from the lower level , from the bottle, everyone has to move up, not just the average moving up. And that is the big dilemma from the educators, they were positive on how to achieve the improvement and the gains in education, its performance for the weakest children that was the whole point of NCLB. They had to include black, Hispanic and poor white children as well, you have to see improving otherwise those schools could be declared to be failing schools and put under a new administration (...).

So, there, is a good example. The NCLB bellows to the compassionate conservative idea of Bush, their no dialogue behind more the compassionate filled. The NCLB is consistent, the whole point of Bush was, we have to care about kids everywhere and in every scale of performance, including the weakest ones. That something any social catholic would have understood the most vulnerable children had to be among those who improved .

Ariel – And I will research more about that, It is very interesting, very nice. Can we now discuss a little bit about the Think tanks? What is your general evaluation about the Think Tanks?

Gerald Alexander – They are overrated. It's amazing how much time we expend talking about Think Tanks, they expend almost no time evaluating their role so why we should think that they have any impact?

Ariel – **I particularly, from Brazil, I think is interesting because think tanks is an American invention it's something that tells about the American visions and the ways of going through the decision making process**

Gerald Alexander – Sure, but I don't believe in think tanks, I suspected they have some impact but It is amazing how hard it is to measure that, how do they know? They have hundreds of millions as budget every year, people give them money every year ...and for what ? Where is the result ? How to measure their impact ?

Ariel – **But, for example, a secretary may choose someone from a think tank, a deputy, an assistance, somebody [...] even the president can read something made by a TTs and that can become ... who knows , the next “ supply side economics” or the NCLB .**

Gerald Alexander – It depends. They can pick from a Think Tanks but also from someplace else , from a University , from business, but first, ask yourself, everyday what is the most common thing that TTs do? Its report and studies. And they make their people available, their experts to members of the Congress, members of the executive, and journalists and so on in order to talk those ideas, reports and studies that they made. But, do we know if those things has any effect? Let's talk for a moment about the origins of the think thanks in 1930's on 1940's, American government became much more involved in economy that had before, it's the New Deal, FDR, right ? They begin for example, to give subsidies agricultural sector for the first time, paying people, subsidizing the prices, a really interventionism perspective some call this the industrial policy, exception on agriculture and apparently there was some concerns among experts that economists had no expertise in this matter and they were not even close in becoming interested in those things , so economist at University started studding, they studied economic theory, but not actual policy with one exception, trade, the basis of economist in modern times from Adam Smith to tariffs . A side of that policy, however, had very little apply to economics, they more theoretical them practice. And economists working at the University, very academics, they have no interest in studying the agriculture system , so therefore, Brookings Institution's the precursor of the AEI, I don't remember how it was called [...] they were creating an in large part, because the economists from the universities weren't studying this , they have to have

someone with economic expertise but they were paid to study these actual policies. Their job was to see if the policies were actually working, how to improve them, what to criticize, what to propose. In that sense, they could be at the Universities they just not happen to be. But I think that we are left now very unsure, first of all, find me any department of economics in America, that doesn't have labor economics, agricultural economics, cultural economics and so on (laughs). Now, the University economist do all those things all time anyway, what they do not do is true, is always know how to speak about them in ways that average citizens could understand, not just the economists. Therefore Think tanks can make an important role in delivery that information also to experts, staff members from the Congress or to staff member in White House, they may have an important role in going to the TV and talk in a way that a university professor might not be so good.

But they don't do any original research in the same way anymore, because they don't have to, because it's already done some place else, which is why for example the Heritage Foundation doesn't really produce books, the AEI produce just few books, not that many anymore. The Brookings Institution go look their publication 12, 20 years ago, huge volumes like filling this room, they were professors in every sense of the world except that they were not at the universities. But now, Brookings produces some books, yes, more probably than some others, but the Center for American Progress, from the left, I would love to know, how many scholars books they produce or how many of those they have in their library. Maybe none. This is not the point, that is not what they do! And, they wouldn't be embarrassed because that is not what they do. The same apply to Heritage, they were born to produce short statements based on expertise done elsewhere. What they want is to make a message more persuasive and in that sense they are not producing any original research, they are mostly translating research findings into a more easily discussed form and they are going to television speaking to congress. Does that have an effect? Maybe. But does that have been proven? We don't know that.

I remember years ago asking the number two at the Cato Institute, how do you know that Cato has an effect? Cato Institute was all his done in 25 years. And he said to me no effect. I mean, that must be any effect involved in 25 years. It must have any effect. I am not saying it doesn't, I am saying that we have a lot of confidence but can't prove that, so, I don't know how much impact think tanks actually have.

Ariel – Thinking in a prospective of an intellectual, Think tanks usually have sides: conservatives, liberals or progressive. Do you think that it's interesting for an intellectual to join a Think tanks? Or they would end up losing objectiveness and the freedom to discuss ideas and issues?

Gerald Alexander – It depends on two things: One not all Think Tanks are the same so, for example, the Center for the American Progress, I bet it would be impossible to be a scholar at CAP and be anti-abortion , or anti gay marriage, It would not be acceptable, at Heritage Foundation it wouldn't be acceptable to be the opposite. In that sense, there are think tanks that are, they are the think tanks of a movement, they the officials expression of that ideology. But there are other Think tanks like AEI that they are much more like an University so, for example, I know people who study economic at AEI and that is not very conservative in foreign policy, I know people who study foreign policy at AEI who are very liberal in social issues, or in cultural issues.

Leon Kass is an affiliated with AEI, you know, you already know, he was who takes the issues of human dignity very consistence with a Catholically approach, a social conservative, but he is a catholic, so, for example, at the notion of selling organs , you know, for organ transplant, there is a huge demand of the people and there is some supply, so there are those - libertarian - that argue for the creation of a market, current it's illegal to sell your kidney , but, your family could make money and there different situations , someone might get killed in an car accident, well, for the libertarian, for the free market, for the libertarians its simply , the kidney and deliver for those who need and can afford it, no big moral issue, no big deal. And to Leon Kass that's an idea that collide with moral and ethical issues, for him there is something disgust on that so he is very nastily oppose to it. At AEI I think at the same hall is Sally Satel, she is an advocate for organ market and you know what, nobody think that's strange , at AEI you have two people in the same building that think different. Neither of them is from the left that's true but the point is that there is an arrangement of opinion.

First of all, it depends on the Think tanks, there are think tanks that are more free and open and willing to get into the debate, secondly, it's also depends on the professor, the scholar on the academic. There are academics who just are not very ideological.

Ariel – And, maybe there are those at the middle ...

Gerald Alexander – They may work sometimes with one sometimes with another. There is people doing papers for Brookings and for AEI .

Ariel – That would the case of Francis Fukuyama for example?

Gerald Alexander – yes for example. There are maybe more cases over time, Fukuyama is a case that shows someone with the same positions, but I am sure there are people that can work for a liberal think tank for a issue and for another in other issue and go from liberal to conservative and vice versa. [...] It depends on the issue, it depends on specific facts. They may favor one policy in one area and a different policy in another area; they can work with different think tanks in order to do that.

Ariel – In your case, you are associate with the AEI?

Gerald Alexander – yes, but not very much, I am not paid ...

Ariel – How was this process? how did they get up to you?? How they get in touch with you? How they hire you?

Gerald Alexander – Depends, They didn't hire me, I am not paid, so ...

Ariel – But you received a call, or something, a proposal , a conversation ...

Gerald Alexander – No, I started, I mean, when I begin teaching at University of Virginia, I started living here in D.C. [...] and I begin reaching out others intellectuals to speak with [...] I start spend more time going to their events, to know them, getting to know people at those events, and then they fought it would be something fruitful to have me associate . So I would say that we found each other. Its seems logical to me. Professors publishes that's the way you found them , think tanks hold events , so between does two you will found each other.

Ariel – And, are you happy? Do you think that for your carrier has being good to be associated with AEI ?

Gerald Alexander – I don't think it does have any affected in my carrier, I never have publish anything trough them. I think they use some of my writing and reshape that as papers (...) But I never publish anything original to them.

Ariel – Do you have more five minutes? What about Obama? What is your opinion about Obama? How do you see his election? How do you see conservatism try to fight against him? What is your idea or evaluation about Obama?

Gerald Alexander – The common stereotype is that he is trying to be a Reagan from the left and he has certainly meaning he is someone who believe his country differently he wants to transform it . There is a famous book in political science about different types of American presidents, and his argument is that there are those presidential who wants to transform , like FDR and you have to say Reagan, and there are other types , Nixon for example was more a kind of a manager of the country, the just want to mange in some better way the point is that they are thinking in transform it . I think Bill Clinton was like that as well. Does he had some views of change ? Sure, but they were modest, they were incremental nothing transformative And, he has some vision of changing world very modest, they didn't incremental nothing transformative, nothing visionary and I know that Ronald Regan very critical of Nixon on that regard , it was a waste of opportunity , he might had done other things but he don't even tried. So, I think it is not coincidence that Obama has criticized Clinton on that regard , I remember a couple of years ago, Obama made a reference in witch in effect he was admiring Ronald Reagan much more than Bill Clinton, because Reagan woke up every morning asking if the country was better. He asked himself how to do better, how to transform it. And Bill Clinton I think woke every morning asking “Can I help myself ?” (llaughs) , “How can I get re-elected?”, “Could I improve my influence?”, and It is not as if Ronald Reagan , Margaret Thatcher, or other transformers don't have to ask those practical questions (...) But they only care about get elected or re-elected because they want to do something with that power and I think that Clinton, GWB or Nixon George Bush (the father) and many others, I think they just want be the president of United States, even Cameron, he is not a visionary in Britain today, he is not, when he says another day that Thatcher was the greatest Britain Prime Minister, It sounds interest to hear from a prime minister something like “she was much great than I am”. But I think, Cameron said something appropriate, David Cameron will not be one of the greatest prime ministers of the U.K history, he is a very average Prime Minister and in that sense, I think Obama and wants to be a men very much driven by ideas and in that sense, he is seems as a highly ideological by his critics, but if it was an ideological that they like , he would be admiral for it. So, if you will admire people that is authentically driven by ideas you have to see and found those people in both sides, conservative and progressive. Tony Benn a politician from the left in U. K , he said after the death of Margaret Thatcher that he admired her for been genuinely driven by ideas tone that satisfied them, The point is that Thatcher was someone who “ mean what she said and I said what she meant and

meant what she did” and that something that If you are willing to have power to transform things , from the left or the right, you have to admire. In my opinion Obama is one of this kinds . I don’t sympathize with the transformations he wants to make but I recognize and I admire the fact that he wants to transform this country in the way he’s understand better.

Ariel – He is fighting for his ideas

Gerald Alexander That is true only because Obama is the president, It won’t be true if president were Joe Biden . We can ask and speculate . Would Chris Christie be a president willing to transform the country ?

Hillary Clinton, I’m confident to say that she wants president, but I’m not sure if she wants to transform thinks , she is not a believer. she is more of the kind that want to transform herself not the country.

Obama is different. Conservatives want to stop him because conservatives want a different society. Paul Ryan made clear showing even some depression when talking about the fight against Obama . I think the reason for the high level of mobilization against Obama is because he is himself a very mobilizing president.

The New York Times wrote about Thatcher that she was a very divisive leader . But If their hero dies tomorrow, they won’t call he or she a divisive leader , right? They will probably call he or she a visionary. But the point is that every visionary leaders is divisive. It’s because they are pushing history or trying to push thing thought certain directions that they provoke a backlash among those who don’t like them, that is true ... it was true with Reagan , with Thatcher that its true with Obama. It’s because they are trying. That doesn’t mean he is a hero, he is just trying to do what he’s think is best . If you compare this with those managers, those who doesn’t have really any vision, we have to recognize Obama as a president that want to transform , and I recognize that in him.

Ariel – And, what about the Tea Party? Do you see it as nostalgic movement? You know like a “white southern mad as hell movement ” (laughs) . How do you see the tea party ?

Gerald Alexander – I think the tea party is a very pure vision of what is the other vision. It’s a different vision on what the government should do and what individual American should be. I don’t find the Tea Party something as novel creation or a new thing. Those were discourses that already exist in American politics for 20 or 30 years, I mean, if Goldwater were still around he would be speaking in Tea Party rallies , and people would know where he comes from , I mean,

those ideas are been on circulating for decades, I that sense I don't see anything new, the only thing is new is the idea of civil organizing, people organizing themselves, but you know this is not just with the tea party the left do the same , look the Occupy Wall Street movement.

Ariel – Yeah, but there is a strong paranoid argument, like Obama is from Africa or he's is a Socialist.

Gerald Alexander – Well, paranoia has been around to. In very large liberals think that Bush had something to do with World Trade Center. Paranoia and ignorance seems to be prevalence , in many years there is this insistence that liberals are more intelligent them conservatives republicans are less intelligent, they have low IQ (laughs) Liberals do this and republicans do that . In fact there is one point that make sense is that, Liberals and conservatives play each other the same way with the same tools . Both sides use politics to fear because fear can work, at least sometimes. Every candidate for office say vote for me otherwise the other candidate will do terrible and horrible thinks.

So when you ask me if there is paranoia in the Tea Party?, I say “no”, what I mean by that is that the paranoia does not distinguished the tea party. There is paranoia in great quantities outside I don't know exactly why but most of the people in most of the countries are ignorant about what's goes on in power or inside the government, the policies the decision that all seems distance from the perspective of the average citizen . The information is not hidden from us , it's on the news, in websites etc but they think is that people are just leaving their lives they can't know everything , I bet that in Brasil most of the people , just like here in U.S don't know who is in the Supreme Court or who is part of the executive cabinet, right ?

It's funny that people goes with the idea they have, for example here in U.S Princeton is a top university , but doesn't have a law school, but in pools if you give the option many choose Princeton as a top law school. (laughs) The point is , ignorance, paranoia this things is endless. And its work to mobilize manipulating prejudice, Obama has been doing this , this whole idea of “ 1%” , those “ corporate fat cats”, “rich people flying in private jets” you know , but in practice it's just political mobilization . Obama plays with the ideia that going after those it's a important thing to do. It's the politics of distraction, the politics of prejudice etc. It works on politics because it is human nature.

Ariel – yeah, maybe also the media has an important role on that. How do you see for example Fox News, aren't they part of an cultural war between medias? Cultural war is something true for you?

Gerald Alexander – No. partly because Fox News, just like the others (CNN, ABC, CNBC) they have audiences no more than a few million people. So, I still haven't seeing good evidence that this shape the cultural war broadly. At the peak, Fox gets what ? 4, 5 millions of audience ? So, why do we think It is so important? I don't know . Conservatives get furious on CNBC with audiences of two or three million . In other words, it's just like think tanks, we talk about the talk cable news a big deal but we need to find some proves that tells us that we should be talking about this. I'm still not persuaded. Why do we think it has a big impact ? There is no good evidence for saying yes they impact and also no evidence to say no they don't impact.

Ariel – Maybe It is not too many people like four or five million, but maybe it bring confusion ...

Gerald Alexander – Yes, maybe but I haven't seeing good evidences of that either.

Ariel –For example, I was in Seattle in the Obama re-election and I was watching Fox News and If I just saw Fox News I would think that Obama wouldn't win the election, he probably would lose it ...

Gerald Alexander – Do you think they could change the election? There is a lot of confusion, but just among their viewers. If Fox News material change the result of the election, but otherwise, who cares about that? Among their views, I mean, I am not saying It can't have effects , the effects is in its viewers, that is the point, they have five million people tops most of them already conservatives . I am not saying think tanks don't have any effects, I am not saying the cable news channels don't have any effect, what I am saying is that we all act as they all have effects , and it's not obviously .

Mike Carney's interview

Mike Carney é jornalista do Washington Examiner e associado a AEI.

Entrevista realizada na redação do Washington Examiner em março de 2013.

Ariel – My first question is more curious issue, I saw a debate at Cato Institute that you mediate and you said that you are a fusion what means that you are a conservative and a libertarian. How that works for you? How do you define?

Mike Carney – Fusionism is an old term from Frank Meyer, but some people rejected to it, but basically is the idea that there is an natural alliance, at least an political alliance between cultural conservatism with libertarianism. I think there is a natural alliance intellectually, because the argument for the free market is based in the same source of intellectual ability, has a lot of arguments for cultural conservatism, in others words, it is the idea of [...] I don't like the big government and the central planning, not because I don't want help the poor people, It means I don't think that's an good idea, that will not in fact help anything. Those big ideas like central planning, are a huge failure because human beings are fallen creatures, it's a biblical word – I'm a catholic, that must be a crucifix somewhere here. So this fallen nature in a not biblical use of the terminology, means the imperfection, basically we can't predict the consequences of our actions. Those prescribe against the central planning, big government and prescribe towards free market or a local government. And, those also are the ideas behind the idea of respect for tradition and other things and argue for the defense of the family, the church or the community and for the long establish things so when the discussion comes in terms of how to replace them with something else is similarly to the idea of central planning or "let the government take care of everything", you know, "lets control the economy". So philosophically they go together well, politically, I think that a lot of times many conservatives do end supporting big government and I think that is a mistake, so I argue against them and many libertarians ending up the hating the Catholic Church, and that's a mistake and I push against them. The issue where the things clashes the most will be in some people minds abortion, but for me is not a difficult question because I know that a baby inside a woman is a person and even libertarian would say that killing a innocent person is wrong. Ron Paul, the most famous elected libertarian in the country, 100% pro-life, he is an obstetrician he delivers babies, Rand Paul is totally pro life. And this is

something interesting to look at, if you look at all the most the most economic conservative of the congress or if you look at those ranks that shows which congressmen are more constancy in opposing taxes new spending projects , all those guys will be 100% pro life, so in the elected office pro life congressmen is the closest thing we have of libertarian, Mike Lee, Ron Paul, Rand Paul, Jim DeMint , Ted Cruz, [...] those all are the most conservatives congressman in both economic and social issues. So, sometimes there is some conflict here in Washington some say there is two different camps, libertarians and conservatives, as you saw at that debate at Cato but for me I think they go together well and there is not much of a conflict.

Ariel – But don't you think that sometimes the politicians, or the movement establish priorities, for example, they may say that social issues are more important than economic issue, so in that sense the fusion might tend to be more conservative than libertarian?

Mike Carney – There are different priorities in different levels, I think if you look at the Republican party leadership, what the people who run the national committee and maybe the speaker of the house and the senator minority leader, they care much more for the economic issues and their concern about the social issue is mostly because they know that the grassroots, the voters on the Republican side, they care much more about social issues so, if you look at the politicians that are in the middle , and many of them put emphasis on social issues, many of them will put emphasis on economic issues, and that different emphasis in my opinion is often what leads to attention between conservatives and libertarians. Yeah, there are people who push laws and try to support pro life initiatives , but in many times they end up involving in things that in the end is nothing more than spending more money, and that certainly upsets libertarians, but a lot of times there is no conflict. If the government wants to enforce an employer to provide birth control pills, you know, that's part of the Obamacare, that's a bill that both conservatives and the libertarians can both agree, they agree that this should be up to the employer and it should not be up to the government to decide.

Marco- Do you believe that there is a culture war in the United States?

Mike Carney – Yes, I think there is a culture war and I think largely involves the cultural left, using government to infringe on the liberty of religious conservatives, so, the Obamacare, the contraception mandate It is basically says that as an employer or as an employee you have to give up your conscience, your Catholic ideals and accept – because the government tells you so – and provide the contraceptives, the morning after pill etc. Recently, a flower in New Mexico

was obliged to decorate a gay marriage, the flower shop owner said he didn't have anything against gay people; he just didn't want to support that, and there are more and more cases, there's the case of a photographer that refused to photograph a lesbian wedding, she is not opposing the gay movement, or gay people; she just in her conscience doesn't think that a marriage is soothing between two men or two women's. And just for her religious beliefs I presume the government might come after her. So all those people are not imposing their will on anybody; they are just trying to leave their life and to run their business according to their consciousness. And in the subject of abortion, we are talking about the government subsidizing abortion; there are laws at the state levels that are restricting abortion, that's another part of the culture war, but I think the growing aspects of the culture war, are the government laws that make illegal like you can't be a good Christian or an orthodox Jew or good traditional Muslim or also being a good law-abiding American. So because of that I do think there is a cultural war.

Marco – So, there is an idea that the American society is changing to be more liberal ...

Mike Carney – Yeah, in some ways I think that's true and that's fine for me. I don't care so much about that, but in some terms we are becoming more conservative. The family and marriage have been crumbling here for years, I don't actually think gay marriage is hurting marriage, I think gay marriage is only possible because the marriage has been destroyed through attitudes like divorce and infidelity and things like that. So, some of that are just liberal's changes but some of those things are considered bad by liberals, I mean, it's bad if you cheat on your wife is bad; it's bad if you are abandoning your children. In abortion I think, we are not moving to be more pro-choice, we are moving to be more pro-life. I kind of see things more balanced like "fifty-fifty". The way you question the way you present somebody's declaration or phrase might affect and put more people on one side or the other but also information can change, on the abortion discussion many people are getting the idea that killing an unborn is not that different than other kinds of murder, that put many people on the pro-life movement. So, culturally I do think we are becoming more liberal, I don't think abortion fits into that. But that may be just wishful thinking of my part. But in my opinion people should follow their own conscience first before they go after other people; basically we should protect our own ability to legally defend our own lives and our own family.

Ariel – Can we discuss a little about the Think Thanks? You have a fellowship at AEI, right? How do you see the role of the Think tanks? How do you see TTs facing and trying

to be influential inside Washington's decision making process? Are TTs a central instrumental for the success of the conservative ideas?

Mike Carney – In this issue I think I will not be so useful for you but I can share my thoughts (...) Yes, some ideas started at the Think tanks level and then go out to a congressmen to take it out and end up passing some law. Also my happen to see an ideas starting in the Think tanks level and then an journalist pick it up and write about it.

AEI works like academics, they work with some abstracts ideas, they think about it and build some arguments about it, they get close to the policy discussion, which policies are working which are not working. Heritage Foundation is more active and they take a position and want to see people defending or fighting for it. At Heritage they clearly say “we support this”, “we oppose this”, and go ahead and become a lobbying force or provide assisting for people fighting for some causes. A lot of Think tanks provide ammunition for the different arguments . If you are against taxes, think tanks can provide several studies showing where to cut taxes they don't exactly discuss if this is a good or bad thing to do. So that ammunition of arguments can have an affection on the debate ? Maybe. Arguments can persuade people but I don't know.

Ariel – **In the perspective of people that are fighting, the people that are for example against abortion or against gay marriage, do you think that this relationship with Think tanks can bring frustration ? If the activists wants political success, the role of the think tanks powering the debate can be helpful, especially to bring new people to support their causes, to support let's say the pro life movement, but in terms of results , what does the TTs has to show to a anti abortion march in DC ?**

Mike Carney – How could bring frustration? Yeah, I think it is possible that they don't get any results, It is possible that TTs doesn't have anything to show for a pro life march but sometimes you lose and you have still a faith and you still see more and more people supporting your issue, so that's keep you fighting even if you gonna lose in the long run. But, I don't know, a lot of times the think tanks works with the social circle that they are running with, so what they do is to get together people that think in n specific direction and you going to be in trouble going against that. I think that's part of the success TTs get here in D.C. The can be persuasive and that's works for democrats and republicans. But you know, Think Tanks are not alone in the job of persuasion. Fundraising and donations for the parties is something very interesting to see.

Look at the democratic party , most of the donors and fundraising are extremely pro choice, , pro gay marriage even many of them are gay . So it becomes very difficult to a democrat to be against gay marriage. Also when you have any contact with groups like the Family Research Council , you don't to be one of them , just talk to them, attend one of their events you will ending up having a position .

For the left the donors and the fundraising is very decisive. They need to fit in, so the adviser is almost a lobbyist, they have to deal with lobbyist , fundraising all the time , this is their social circle. Those people tend to set the left agenda.

Marco –Do you think that the media, in general, is liberal? How conservatives are dealing with this and in your opinion, what should be done to change this?

Mike Carney – Yes, the media in general is liberal. I think there are other bias for the debates. I think the media may have a good story, and you have this perception that if Republican and Democrats are working together and that's good. There are a lot of bias, but in general one of bias is toward liberalism especially on social issues.

There is one case with the Washington Post ombudsman. Before several emails with a reader basically he end up saying that been against gay marriage is a form of bigotry. This is not the opinion of most of the people in this country. Even if you support gay marriage you understand the arguments against it. In the media, you see many cases where they are not comfortable in talking about , especially in cases about forms of abortion , like for example when the babe is killed after giving birth. Guns controls is another issue that the media is not comfortable to talk about because they know that they want to ban guns but that's not what the people want.

So what to do about this ? Some people start their on alternatives, Fox News was like this. Others go by the idea of “do by yourself” and use the twitter , blogging etc. That is interesting because when a blog or someone in the twitter gets big attention, the traditional media has to answer why they were not talking about that issue , that person etc.

I've tried to tell people, don't expect to get a fair shape from the media and also don't overestimate the power of the media. The media don't change many minds as some people think . Maybe except when there is a complete blackout.

Here in D.C there is this perception that if something is wrong “the congress has to do something about” (laughs) and this is a kind of a liberal bias, except if you talk about war or terrorism that's would be something more conservative and would involve some republicans. So the media asks

for example “what the congress can do about the bombing in Boston ?” Well, maybe the Congress can’t do anything about it. They ask “what can the congress do about the financial crisis?” Again, maybe there isn’t anything that the Congress can do. So many reports they take for granted that “ the congress should do something “ .

Phyllis Schlafly Interview

Phyllis Schlafly é uma figura histórica do conservadorismo americano. Fundadora e presidente do Eagle Forum.

Entrevista realizada pelo Skype em março de 2013.

Transcrição: Débora Tavares

Ariel - We are using Skype so I hope the connection works fine.

Phyllis - All right.

Ariel - Okay. My first question it's more to you to make an evaluation. How are you likely to look back upon your own fight in grassroots movement? Can you measure it and tell us where do you see gains and loss in your fight?

Phyllis - Well I have led a significant conservative grassroots movement beginning in 1964. I wrote a little book called "A Choice, Not An Echo" a total call of the establishment was ruling republican party and dictating its presidential nominees. And this was a major way that the grassroots was agitated and got involved in politics. I sold 3 millions of those copies and many people came into the conservative movement reading that book. Now we try to elect Barry Goldwater that year, we did not succeed in electing him, but we felt we fought a worthy battle and we kept going then we feel we got our reward when we elected Ronald Reagan in 1980.

Ariel - Yeah. Do you have or can you tell about us who inspired you? Any conservative women inspired you? We know that you were a housewife and a traditional family person that got involved into politics. Can you tell us how was this transition, from your family to the politics?

Phyllis - Well at that time in 1964 I've just had one baby but I was very interested in politics. I have majored in Political Science in my bachelor's degree from Washington University and my master's degree from Harvard and I had a job in that area, I worked on a campaign. I liked to go to the Republican National Conventions where I saw what was going on, and it was like a hobby. I enjoyed it and rolled eyes on what was important and just adapted to this very well and I acquired a lot of followers through my book, "A Choice, Not An Echo".

Ariel - And how do you see the fight of conservative women in U.S politics? You, yourself, are an icon, a hero for many women who are fighting in the conservative side. How do you see the women fighting in the conservative movement?

Phyllis - Well, my organization, that I built up over the years was mostly women, not all, but mostly, and they were, you know, women in America give a lot of time to good causes and to volunteer. I taught them how to be a volunteer in Politics and to be effective and we showed them on what we could work. We could even get tremendous when tipped on the equals rights around that time we had everybody against us. I showed them that the grassroots could rise up and win despite everybody was on board being against us.

Ariel - What called my attention in the fight against the equals rights movement is that once you said that for liberals women were seen as men and you said that women are not the same as men. Can you comment on that? Do you think that liberals still think that women and men are equal and the same?

Phyllis - Well the purpose of the equal's right amendment was to require every law to "pretend" that there was no difference between men and women. And it's contrary to fact and human nature, there are many differences. But that's not the only reason we are against the equals right movement, it would take time telling you all the reasons, but, for example, in 1972 when it came out of Congress and headed for ratification by the State we had a military graft and we were at a war, if not war, and the idea of constricting women into military and sending them off to Vietnam was really a dumb idea that not appeal to anybody. In fact they're radical feminists, and so that would be one of the examples of what would happen if the Government were to require to treat men and women the same.

Ariel - Do you think that the new generation, the young people nowadays, are more liberal than they used to be back in the 60's or the 70's?

Phyllis - The answer is yes, because of what they've been taught in school. The schools no longer teach what they should about American History, the founding of our country or what America stands for, why America is a better place and people want to come here from all over the world and they don't know that, and then of course, they're giving us the liberal line about that you have to treat everybody the same. This is just stupid because it's contrary to human nature.

Ariel - You've mentioned the radical feminist. In your opinion, is it possible for a woman to call herself a feminist? Also, what could be the women role in a conservative point of view?

Phyllis - You can call yourself anything you want, it's a free spirit to do that. But as a majority of American, women do not like the term "feminist", however, the feminist movement is quite powerful in the media, in the schools and in the universities. They are very intimidating to the men. A lot of women simply don't understand that they are being fed to this feminist ideology. For example in the women's studies courses, in the colleges women are thought to plan their life without any space for husbands and children. When they get to be forty years old, they realized life has passed them by. That's why they're so patronizing of the fertility thing, that's why they have babies after they're forty. I'm really glad of it's doing to young ladies and women.

Ariel - And how do you see the conservative women in conservative issues in the broad conservative coalition? We see many pro-capitalist and anti-government activists in the economic field, but sometimes those activists are neutral, or even liberal, in social and family issues. How do you see, the relationship between, for example, libertarians and social conservatives?

Phyllis - Well, those libertarians are a lot of good people, but they have some weird ideas. For example, a lot of them are inclined to support a third party. The United States is very much a two-Party country and I think a third party is a dead-end road. It doesn't going to get you anywhere, they can't win, all they do is to take votes from the Republicans in or Democrats in. Also, they have some ideas that are wrong, for example, they think they want to get the Government out of issuing like marriage licenses, so that marriage is a private contract. This is ridiculous, because the government is very much in divorces. When a marriage breaks up, a court is ruling everything about your life: how much money you spent, how many hours you can see your children, where do you can go under in your own home, they rule everything. There's no way to get government out of the whole idea of marriage. Marriage is what did make a stable society with limited government in the years before the feminists came on and did their damage.

Ariel - But do you see any common ground between pro free market activists and pro family activists?

Phyllis - Yes, there's a great deal of common ground. We hope they'll join together in supporting which candidate conservatives of both kinds, a little belief in vows budgets, limited government, getting the government out of running our business.

Ariel - I would like to talk with you about a few issues that are very common in the conservative agenda, for example, home schooling. Many conservatives support home

schooling, but also there's a risk, in my opinion that, some liberals use home schooling to teach children to be feminist and have liberal values. In my opinion home schooling is a battlefield, what is your opinion about that?

Phyllis - Well I don't think the liberals do much home schooling, I think most of the home scholars are conservatives or very religious-oriented. I don't hear about any liberals doing home schooling because they want a bigger role for government, always. And I do not see that as a problem.

Ariel - One historical issue in the conservative movement is abortion. What is your evaluation about the fight against abortion and the Roe versus Wade case? Do you see any chance in reverse Roe v. Wade?

Phyllis - Yes, I do. I think the whole trend of the poles is going pro-life, particularly among young people and I think what has done that is the pictures. They now take pictures of a young born baby, and even a kid can look at the picture and say "That's a baby". So I think the pro-life movement is growing and eventually abortion will be very much restricted, if not completely abolished.

Ariel - How about gay marriage? Some polls show that even among Republicans there's an increase support for gay marriage. How do you see this fight against gay marriage? Do you see the real chance to put, for example, in the Constitution, that the marriage should be between a man and a woman?

Phyllis - I don't see any Constitution amendment being adopted but there's 31 states that have putted in their State Constitution that marriage is a man and a woman and we do have a Federal law now, but I don't know what the Supreme Court is going to do. The Supreme Court has had two cases before which will be decided in June. We all worry, we just don't know, no one can adequately predict what that will be. If X affect what they really say and I know the polls are saying a going trend to approve gay marriage but I think that's all the way the question is asked. As I see it, the usual question that is asked is "Are you in favor of banning same-sex marriage?" Well, there's no wrong in ban it. Same-sex couples can get married today if they want to, they need to find some clergymen or some government official to perform the ceremony, nobody's stopping them. They go through a very ceremony, they live together, they can make roles and they can divide their property any way they want to. But what they're really after I don't think is

the marriage, what they're after is silencing the rest of the people from criticizing them, and that's another issue. I don't think the American people are gonna put up with that.

Ariel - So do you think there's more a media battle than a political battle? People should be able to choose more broadly what kind of information they receive?

Phyllis - Well there's a tremendous media battle and the liberals are very much in control of the media. The feminists are very powerful in the media and the Obama friends are very powerful in the media.

Ariel - would say also that Hollywood is very liberal, right?

Phyllis - Yes, correct.

Ariel - And other critical issue is, I think important to discuss, the pornography. How do you see the pornography problem that affect families nowadays, with internet, young people using it, all the pornography online. How do you see this issue in the conservative fight?

Phyllis - Well it is a very big issue and people call it even pornography as a major cause of divorce, when the husbands starts watching some of these pictures. It's also a major cause of the lack of models for young people, there's a saying "a picture tells a thousand words" and the pictures are very compelling and very harmful. Also, very violent videogames the young people play, this is a very destructive element on our society.

Ariel - In your opinion how the conservatives should mobilize or face this issue?

Phyllis - The little problems, I was given this by the Supreme Court, and the series of cases about 20 or 15 years ago - I've forgotten about the exact years - the Supreme Court hand out on a whole series of about 20 opinions that really opened the doors for hard core pornography and basically it was the Supreme Court's fault. I've written about that in my book called "The Supremacists", you can go on my website eagleforum.org - and that book is just now out of print I've put it on my website - and I've put it on so you can download separate chapters, there's a chapter on religion, on property right, on criminal and so far, but there's one chapter on pornography and it shows how the Supreme Court really gains that problem. And then there was a recent case in which several states passed laws that say they could not sell these very violent videogames to minors, under age people, without parental consent. The Supreme Court, unfortunately, put that out, they overturned those laws.

Ariel - In your opinion should women serve the military? How do you see the relationship between women issues and the military in the United States?

Phyllis - Well women have served nobly in the military, in many capacities for many years. I have friends who were in - they call it WAC (Women's Army Corps) and WAVES (Women Accepted for Volunteer Emergency Service) - and World War II but I do not believe women should be put in military combat and that is what Obama is trying to do. That's a terrible mistake we all know why don't women play in the Super Bowl, there's obvious differences. The feminists have been trying to sell this idea. Not a big quality of men and women, but the interchangeability and they're not interchangeable.

Ariel - Many conservatives, they mobilize in direction to support presidential campaigns. For example, I'll start with Barry Goldwater, but we also saw support for Nixon and then Reagan. More recently we had George W. Bush and he had that idea of compassionate conservative with faith-based initiative and also, trying to reform the educational system and educational evaluation. In your opinion, how is this relationship between the grassroots movement in the conservative side and the presidential campaign? Specially in the Bush cases, what is your evaluation on compassionate conservative?

Phyllis - It's a mistake and it did us a lot of damage because the conservative is compassion. It was only a way to attack people who didn't agree with some of these policies. I think the Bushes did a lot of damage to our country, they were globalists, they were new world orders types, and Bush started this plan of trying to have the Federal Government to take over the schools. Now, the schools are in bad shape, there's no question about that. But there is no indication that anything the Federal Government is doing is helping, it's not helping. All problem in our country, in my opinion, is that they don't teach them how to read in the first grade, and again, if you go in my website I've written the best chronic textbook of what ought to be taught in the first grade. I urge parents to teach their own children to read with my book right away, before they're taught just to memorize one few syllable words.

Ariel – Ok, Phyllis I think we are getting to our 30 minutes that we discussed. I would to just ask one last question, ok?

Phyllis - Ok.

Ariel - I would like to hear from you your perspectives for the future. How do you see Eagle Forum in the future? And do you feel that you inspired women to fight in Politics and do you see a new generation of Phyllis Schlafly?

Phyllis - Well, the portion of the present time is very difficult for wives to have the time to do the volunteer work, it was the basis of my movement. But nobody else had a lot of trained people who understand what's going on and I think, unfortunately, they're not very smart about History, they haven't been taught the right History. A lot of them can't read books anymore but we're going to move ahead and I think Eagle Forum can be a leader in the conservative movement because we've stayed in the right path for all these years and we have a wonderful team of very skillful people who understand how our very complex political system operates. I'm optimistic of the future.

Ariel - Phyllis once again I would like to say it was such an honor to talk with you, and me and Marco we are very happy to talk with you today and thank you so much. I'm really glad to have talked to you today.

Phyllis - Thank you. Be sure and go on my website it is a gold mine of information. Basically because of what we've been writing in the past 15 years.

Ariel - We are subscribed on you mailing list, we visit it regularly and we'll use you biography in our work.

Phyllis - All right, good luck on you PhD.

Ariel - Okay Phyllis, thank you so much.

Mike Tanner Interview

Tanner é pesquisador sênior do Cato Institute

Entrevista realizada em sua sala no Cato Institute.

Transcrição: Débora Tavares

Ariel - My question is more generic, it's about libertarianism and libertarian ideas. Among progressives liberals and conservatives, how do you see Libertarians ? How libertarian is the U.S. political tradition?

Mike Tanner - I don't know if there's any Libertarian country today that's out there. I mean, in our traditions I think Libertarianism, we like to go back to Enlightenment and think that we come from the classic Liberal tradition that neither today's Conservatives nor today's Liberals tend to follow that tradition any longer. I think to some degree you could say that the origins of the United States around the American Revolution held the same roots as libertarianism, that many of our Founding Fathers are worst deepened in the debate of the Enlightenment. They read the publications at that time they accepted a lot of the basic concepts of individualism, individual liberty, the equal value of all people, the needs for controls on Government power, I think that those things are common ground, if you will. But Governments are, by nature compromises, so you don't have any particular system that dominates anything.

Ariel - And the name Cato used to come from the Cato letters...

M.K - That's right, they were pre-Revolutionary War pamphlets. They interpreted the name from Cato, the younger, who of course was the opposition to Caesar, so the whole pedigree is the opposition to Government, to authority.

Ariel - In your opinion, when you think about the Government, specially the decision making process, how do you see the libertarian ideas? Do you see any influence on that? I mean, do you think that Libertarians can influence in the decision making process?

M.K – Absolutely. I mean, I think there's ideas today that are being much debated in political circles, that in many ways originated with the Libertarian Movement or aspects of it or could be considered Libertarians ideas, ranging from pension reform, privatization of public pension to school choice as an economical growth. These are all Libertarian ideas, even ideas that were once considered radicals such as legalizing or decriminalizing drugs, for example, are now the much

more main stream of debate, some of these get an ethics some of them don't but you can, over time, begin to sway and change public opinion. It's not so much any specific issue because Libertarian ideas affect so many issues and it's hard to say "well these came from Libertarians, or didn't" but we feed in the current public debate that helps influence issues.

Ariel - We could try or make the exercise thinking the ideal type of Libertarian. How would it be? Would it be like radical capitalist or more conservative in social issues? How would you draw this ideal type?

M.K - They're certainly not conservative in social issues. We're very to the liberal or tolerant on social issues. Most Libertarians support gay marriage, most Libertarians are pro choice on abortion, not all but most are pro choice, in that case we have a split. Most Libertarians support the legalization of drugs, and gambling, and prostitution, things like that. On economic issues they're more eager to favor smaller Governments, less programs, less spending, lower taxes. And on Foreign Policy it would be non - intervention, free trading, free immigration but less intervention, we oppose the war on Iraq for example, we've call for getting out of Afghanistan.

Ariel - So it's kind of difficult to be a "pure" Libertarian, 100% Libertarian, right?

M.K - You won't even find it "pure" libertarian here. [There are] All sorts of disagreements and different levels of agreement within the Institute, within the movement. Overall, broadly, it's an idea of non Government intervention in people's lives. It's the idea that the Government should stay out of your wallet, out of your business, out of your bedroom, and not in the medicine cabinet. It should basically leave you alone.

Ariel - The difficulty to be and to get 100% libertarian out of some politicians, isn't it a problem ? I mean, doesn't it bring a certain kind of frustration to the movement? Because many people can say: "I'm a Libertarian" but them (...)

M.K - Sure, but that's true of any movement. You could find many people who are Republicans or Democrats in this country, nobody votes 100% in their Party line. Or you go out and find Socialists who are not 100% Socialists, you know there are variation, different degrees. The difference between Chavez and Lula are huge differences but both call themselves Social Democrats. So it's hard to say anybody is 100% anything.

Ariel - When you think in the last 30 years, do you agree that it turned out to be a New Right? A new conservative rebirth?

M.K - Not yet. Conservatives were on the rise from Ronald Reagan until, we'll probably, beginning of George Bush's there was more leaning right in the United States and now may have swung back a little bit. But I don't know if you would say it a New Right in terms of changing the way Conservatism is in this country, I think that's remain to see what's going to happen there. After Reagan, Conservatism didn't have a whole lot of new ideas, I mean the two Bushes, the Republican Congress, were not activist in any way, they were sort of maintaining the *status quo* but they're more definable for what they were against than what they were for. I think that you now are seeing a new generation that is more Libertarian, that is now fighting for control of the conservative movement. That remains to be seen who's gonna win.

Ariel - We also have a religious movement that's very political in these last years. We also see neoconservatives, all the regime change discussions. What is the role of the Libertarians in the coalition with Christians and Neoconservatives?

M.K - Yeah, I think that's some of the fighting that's going on now. In the past, we can go long way back, there was a philosophy in the Conservative movement called Fusionism it was spelled up by Frank Meyer, William F. Buckley and others, and the idea was that Social Conservatives, and National Defense Conservatives, and Libertarians had different final destinations but we all wanted to go, for the moment, to the same direction, we were all against Communism. We all thought that the Government, the State, was too big and then we argued about all the other things later, but first we needed to defeat communism and then reduce the size of the State.

Ariel - A kind of strategic alliance ?

M.K -Yes, right. You could bring these different groups together, in the moment we were all in the same side. Well, that's changed, Communism is gone (laughs). The State is being debated, what its role is, and so now you're seeing divisions within those 3 groups: the National Defense, the Neoconservatives want very activist foreign policy want to intervene much more, [they] still want to, [they] are in favor of the war in Iraq, Afghanistan and wants to get involved in Syria and all these things. The Social Conservatives are more concern with gay marriage, abortion. Libertarians want to get out of those things and get back to the taxes and spending issues, we're willing to cut Defense spending, we favor gay marriage. The Defense people don't really care about gay marriage, or abortion, they just want to spend money on defense. The Social Conservatives are leery about intervening overseas but they don't care about spending as much as

there is a clear conservative social agenda in action. So there's a lot of tension between these three groups, no one knows what's gonna happen.

Ariel - But both sides can find some common ground on Libertarian ideas probably?

M.K - Well, some of them can, some of them can't, and that's what Party dynamics and movements in the Conservative movement are out right now. I mean, you see big difference between Rand Paul, whom I think is more Libertarian, and say Marco Rubio which is more of a traditional conservative, but even then, you have some of those religious Conservatives who think neither of those guys are going to go far enough on, say, the social issues, so we don't know.

Ariel - How do you see the Libertarian Party? I mean, they are more to the Left, right?

M.K - The Libertarian Party doesn't have much influence and a lot of that has to do with Campaign laws in this country, it's very hard to raise money. [What] You can do [is] limited and how much you can contribute to a campaign, so you have to raise money in very small amounts and that benefits the big Parties who have a lot of structure, a lot of membership, it makes much easier for them with big mailing list, computers to raise money, a small part of the Libertarian Party [work] very hard. And then, when they do raise money, the Campaign Laws make it very hard to get on the bailout, you have to spend a lot of the money you raised in order to get listed on the bailout. And then the Democrats, Republicans, often they go to Court to try to keep you off, it's very hard. So the small Parties in the United States have never done very well, either the Left or Right. Unless you have someone like a Ross Perot , who is a billionaire and can put up a lot of his own money. Unless you have that it's very hard for small Parties to compete in the United States.

Ariel - In terms of agenda and ideas, do you think that the Libertarian Party is what we can call "Libertarian", in terms of what we've discussed here in Cato?

M.K - Yeah, I think generally they are. I think that to some extent they shift issues because it's so hard to get publicity if you don't have money they tend to shift issues more than we do to reflect the current agenda. When the Tea Party, for example, was big in the United States, the anti-spending, that was their focus and maybe more focused on social issues, trying to get people who are pro marijuana or pro gay marriage too. So they kind of go back and forth on where they fit, Left or Right, whether there are more drawn to one or the other. But sure, I would say that they

draw a lot of their issues from us, their candidates come here and they pick up our stuff and they go out and talk about stuff based on Cato studies and so on.

Ariel - You said a little about Liberalism as a core idea to Libertarianism. Outside the United States when I talk about the Libertarianism people usually don't get [the] idea, they think about anarchism. How do you see this difference? In what exact point do you become a Libertarian and not a classical Liberal or an anarchist .

M.K - Well I think it's a language issue in the United States as much as anything else. I mean, Conservative and Liberal are not necessarily the language you would use in the rest of the world, we would be considered Neoliberals in most of Latin America. And in much of Europe we'd be the Liberal Party if you go to many countries that have a Liberal Party or [in] Germany the Free Democrats, which their Liberal Party is with the most Libertarian Party. In Australia, the Liberal Party is actually a Libertarian, leaning Party.

Ariel - In Brazil to be a Liberal is to be somewhere in the Right spectrum

M.K - Yes, exactly but only in the United States is that reverse. So I think that's would make it hard.

Ariel - But there's no specific person, or a book, an idea, that helps us to understand the shift from Liberal to Libertarian?

M.K - No, I don't know how the changing in wording, in language, occurred in the United States. I guess it's sort of a British heritage, where the Tory Party or the Liberal Democrats are the Libertarian Party in Britain. So I guess there's a rule of part of the Conservative Movement here in the 1950's really, it's was already part of, it was talked of Conservative. In Hawaii they're called Conservative and not Liberal, I don't know. I know that Cato for years, when the Cato has first started, tried to change the language. I think we published a book called "Classic Liberalism" and we called ourselves Classical Liberals for a while and we called ourselves Market Liberals for a while and it never caught on (laughs). We never get the media to say it, they've always said Libertarians so for now, so okay, finally we gave up, too much effort. But we did try to actually take that language and I think that we do try to use the Liberal tag when we go to other countries.

Ariel - What's your evaluation of the George W. Bush years?

M.K - A disaster in every regard (laughs).

Ariel - Really? He has some ideas on taxes. I don't know if he would say he hates Libertarians. He would probably say "the Libertarians are my friends".

M.K - He would, but he didn't governed that way. From our perspective he was the second biggest spender since Lyndon Johnson. I mean, Obama succeeded him but other than that he was a huge big spender, the government rolls faster under him than any president in 40 years. He created the Medicare Prescription Drug Program, a brand new, he created the Homeland Security Department, he invaded Iraq (laughs), I mean, he started a war, the Patriot Act, which we think infringes on civil liberties. So he was in many ways everything we're against (laughs). I think you'd actually find probably about a third of folks at Cato voted for President Obama, thinking that he'd be something different. Turns out, he's just as bad on almost every issue we care about: he's an even bigger spender on taxes, he's still fighting a war, he's still terrible on civil liberties, so we haven't done very well (laughs).

Ariel - And Dick Cheney? He was more conservative, especially in fiscal concerns.

M.K - Yeah, Dick Cheney... if it wasn't for the war stuff, Dick Cheney probably was actually more Libertarian than George W. Bush. On social issues he actually was a lot, considering he's got a gay daughter and he supported gay marriage, but he also was generally a small government person than Bush. Bush was a compassionate Conservative, the idea he would use the government to help people. Cheney wasn't really a part of that, so I guess on economic issues, Cheney was probably pretty good but then he got afterwards... and even he used to be good on Defense issues back before 9/11, and after 9/11 he really changed, he became a gunk whole for war and that was kind of a shame.

Ariel - And in Foreign Policy? Do you think there's a brand or tact of Libertarian? How would it be Foreign Policy?

M.K - It's very hard to get people to understand where we come from on Foreign Policy because we're not interventionist in terms of Military Policy a lot of people think it means we're in isolationist, and we don't want to get involved with the rest of the world, but that's not true. Again, we're very strong in favor of free trade for example, new trade trees , we're very pro-Immigration, we think we should do cultural exchanges with other countries and things like that. It's just the military involvement that we're opposed to, so it's hard to get people to understand that one type of intervention is not the same as another.

Ariel - Thinking in Cato as a Think Tank, how do you see Cato role in the Think Tank universe? What kind of learning lost in Conservative and Progressive Think Tanks?

M.K - No, I think we're very influential we generally consider one of these big four TTs in D.C. .

Ariel - There are several conservatives Think Tanks and there are Cato as the Libertarian one (...)

M.K - There are a couple of small ones but we are the only big one. We also see our role somewhat different than some of the other Think Tanks. We're less interested in the immediate issues. You have to be involved with them in some degree but we see ourselves more setting up an agenda for five or ten years in the future. I think you'll see some traditional Think Tanks, like say the Heritage Foundation, are much more interested in what legislation is being written this weekend at Hill, how we can influence it. They like to sit in a room when they can, and talk with legislates, and change these lines, you know. By the time it gets to legislation we figure we've already done our job and it's time to move on for the next issue and what are we going to talk about in five years, because we have to begin to change people's attitudes in order to get the type of things we want.

Ariel - Also, one thing that I think it's very interesting here in Cato is that you are more open to students, there are courses...

M.K - Yes, young people tend to be more libertarian and, again, because we have a long term view of changing people's hearts and minds, the idea of getting people while they're young and then letting them getting into business or academia or government then so long term infiltrate the society, if you will.

Ariel - So basically the idea is to try to influence the next generation...

M.K - Yes, exactly. We also think that people are easier to change their political orientation when they're younger. Once people are 40 or 50 years old, they think what they think. You can maybe get them to shift on an issue or two but you're not gonna change the overall philosophy or approach to Politics. But someone when they're 19, 20 they haven't really settled on their views yet, they're still taking in information, so that's a good time to reach out to them.

Ariel - In your opinion how Cato works as a Think Tank? I mean, you have to go after money, there are foundations, there are experts. How to manage all of this? I mean, it really involves a lot of people.

M.K - We have one hundred and forty or so people fulltime on staff, about 45 or 50 of them are scholars and the rest are support people. We have a fulltime development department that raises money. We generally try not to have too much crossover between the two because we don't want the raising the money to influence our academic work.

Ariel - There's one other thing I would like to ask you: how is it the relationship between people who give money to Cato and the work done here? The donor set the agenda ?

M.K - No, we don't do that . We're very strict to no pay for play. You can't say "I'm giving you money, do this study", it's general support you give money to support the Organization. We do try to stay very close to our donors in the sense we like to stay in touch with them because they seem to be Libertarians, they tend to be very invested in us in that way and we talk to them, they talk to us, but we're very clear that we're not going to take money in order to do particular types of work. We take almost no corporate money for that reason, I think less than 5% of our founding comes from corporations, so we're just influenceable that way.

Ariel - But how do you convince people to give money? For the cause?

M.K - Yeah, that's pretty much it. These are people who believe in Libertarianism and we try to convince them that if they want to see a Libertarian future than they have to support us. I'm not a fundraiser which is why I'm not the person to do that do that (laughs), but we have people who are good at it.

Ariel - My last question is about Obama. You said Obama is kind of worse than Bush.

M.K - Or as bad as... (laughs)

Ariel - What's your evaluation about the Libertarian cause in the Obama years ? How do you see Obama?

M.K - I think that he is certainly not a Libertarian president. Unfortunately the things we thought he would be good on, like civil liberties and the war, he turned out to be bad on. I mean, he did get us out of Iraq, but he's still on Afghanistan, he got us into Libya, he's wants to get us into Syria, I mean, there's all still a lot of military adventurism. [In] Civil liberties he's not been good, the Justice Department is arresting medical marijuana users, I mean, it's just not good on Civil Liberties. And spending and taxes, he's been terrible, so certainly not a Libertarian president. In terms of larger movements I think he's actually been pretty good, because I think he has provided a good focus. It was hard to get Libertarians to get activists about George W. Bush, because even though his policies were bad people kind of weren't riled up enough yet to do something. I think he saw what the Tea Party, which is largely a Libertarian movement, people really getting upset under President Obama and that provides us an opportunity to go out and talk to people.

Ariel - And how do you think will be the next President? Do you think that he or she will be more Libertarian?

M.K - Oh yeah, the next if he's a Republican, he'll be more Libertarian because I think Republicans are beginning to recognize that the voters they have to attract are suburban voters, young people, minorities, and they all are more Libertarian. I think that you can, inside the Conservative tradition of Republicans like Marco Rubio or whatever, they are talking like "Well, gay marriage should be up to the States", forth to immigration bill they can't close the country , and they all are talking about cutting spending. I think these Republican candidates, even if you're not a Rand Paul or a real Libertarian, you're gonna have to be more in that direction. I think the old guy who's gonna get up there and thump the Bible and talks about how many countries he wants to go to war with and talks about spending like John McCain did, they're gone. Mitt Romney was the last of the dinosaurs, candidates from now on will be younger's and more Libertarian. Now, some will be a lot Libertarian, some will be a little Libertarian but they all will be more Libertarian than they were.

Ariel - That's good news, right?

M.K - Absolutely, it give us an opportunity.

Ariel - Okay Mike, I think we're good here.

M. K - Sure thing.

Ariel - Thank you for having me.

Bryan McCann interview

Professor de literatura e história da América Latina em Georgetown

Entrevista realizada em português em março de 2013 em sua sala em Georgetown.

Transcrição: Débora Tavares.

Ariel - O que eu pensei em conversarmos são duas coisas: a primeira, o fato de você ser, vamos dizer um brasilianista, estudar aqui nos Estados Unidos o Brasil, e eu na minha perspectiva como brasileiro estudando os Estados Unidos. E um segundo assunto que a gente pudesse conversar, talvez seria um pouco sobre a cultura americana e como que os conservadores discutem a cultura americana. Sobre ser brasilianista, como que você sente a percepção do seu trabalho aqui, em Georgetown e nos Estados Unidos, os congressos?

Bryan McCann - Como todo acadêmico, a minha vida profissional é muito limitada a um grupo que já está interessado nesse tipo de trabalho, então eu tenho pouca interação com a grande população americana, em termos profissionais. Mas com certeza o interesse no Brasil vem crescendo brutalmente, ano após ano, cresceu fantasticamente nos últimos dez anos, há cada vez mais interesse no Brasil. E aqui dentro da universidade, mas em outras universidades também, [e] demora a crescer no resto da população.

Ariel - Agora, você sente, ou sentiu, ao longo da sua carreira total autonomia sobre sua pesquisa sobre o Brasil? Porque, por exemplo, no meu caso, estudando Estados Unidos no Brasil eu sinto que primeiro eu preciso ter bons argumentos, muito bons argumentos, para convencer órgãos de financiamento para conseguir projeto. E em um segundo momento, em congressos ou conversando com colegas eu sinto um grande preconceito em relação ao meu tema. Como se ser “americanista” fosse ser pró-imperialista ou como se eu concordasse com tudo que os Estados Unidos fizesse. E eu imagino que aqui nos Estados Unidos haja uma grande tradição de estudos sobre o Brasil e eu imagino que também tenha certos preconceitos ou certas visões já[...] Como que você vê isso?

BM - Não, eu sempre tive minha autonomia total em termos de escolher pesquisa, eu nunca senti nenhuma limitação enquanto a isso. Claro que, conseguir bolsa de estudos [...] em comparação com o resto da América Latina é mais fácil estudar o Brasil do que quase qualquer outro país. México é mais fácil, apenas isso. Cuba, talvez, por causa da relação histórica, [do] conflito

histórico. Mas acho que é mais fácil conseguir verba para estudar o Brasil, muito mais fácil do que para a China. [...]

Ariel - Você fala, por exemplo, dos últimos 30 anos.

BM - Especialmente nos últimos 15 [anos].

Ariel - Porque existia durante os anos 70, os anos 80 a experiência dos regimes militares algumas fundações aqui dos Estados Unidos, Carnegie Foundation a Fundação Ford, eles tinham uma discussão de como redemocratizar esses países e, eventualmente, isso criou uma leva de *experts* nesses países. Você acompanhou isso, você participou desse processo?

BM - Não, eu sou jovem para ter acompanhado isso, mas a minha pesquisa já encampa isso porque o meu último projeto é sobre a história da política nas favelas e a política das favelas no Rio de Janeiro, então pesquisei um pouco a Fundação Ford e a atividade da Fundação Ford nas favelas cariocas nos anos 70, 80.

Ariel - O que eu acho muito interessante nessas fundações como a Ford é que elas são de filantropia, por definição. Mas, ao mesmo tempo elas têm uma agenda muito[...]

BM - Não, a fundação Ford é de centro-esquerda, com certeza, tem sido publicamente de centro-esquerda. Quem acha que a Fundação Ford é direitista [...] não entendeu a história (risos)

Ariel - Só nos anos 20, 30[...]

BM - Nos últimos 40 anos até[...] talvez isso seja mais evidente considerando os escritores locais, por exemplo no Rio de Janeiro, outros lugares. A sede da Fundação Ford é em Nova York e talvez isso seja mais para o centro do que para a esquerda, mas os escritores locais são muitas vezes mais para a esquerda porque têm um pouco mais de conhecimento da área local. Então, na minha pesquisa a fundação é até interessante, eu não estou enfatizando isso no meu livro, mas a Fundação Ford para ter a liberdade para atuar no Brasil, no final dos anos 70 tinha que ter uma regra que não ia mexer em política eleitoral, mas mexia muito (risos) então estimulou com uma estratégia bastante inteligente uma onda de ativistas nas favelas cariocas. Claro que essa onda estava crescendo de qualquer forma, não era apenas a Fundação Ford, mas a Fundação Ford participava disso.

Ariel - Mas você acha que eles conseguem testar, digamos assim? Eles financiam e aí depois eles conseguem avaliar: “nós atingimos esse objetivo[...]”?

BM - Aí não sei porque essa parte [eu] não pesquisei muito, mas avaliam, com certeza, e acho que agora avaliam mais e são, talvez, mais cautelosos do que anteriormente.

Ariel - Agora, por exemplo, quando eles financiam esses projetos nas favelas do Rio de Janeiro, do Brasil qual que você acha que seria o principal objetivo ao fazer isso? Teria um pouco, talvez, de sentimento de culpa, mera filantropia mesmo?

BM - Não. Bom, eu não tenho estudado isso de forma ampla, então nesse caso, no final dos anos 70 e início da primeira metade dos anos 80 o objetivo era a democratização desde abaixo, com certeza. E [o] crescimento de índices de desenvolvimento nas favelas de modo geral, mas tinha uma ênfase bastante clara na redemocratização.

Ariel - Mesmo porque isso era mais de política internacional, imagino que interessaria muito que o Brasil fosse um país estável e forte, para que não causasse problemas para os Estados Unidos. Então tinha um pouco a ideia de fazer o Brasil um parceiro importante dos Estados Unidos na política internacional. Agora e no Brasil? Como que você sente a recepção do seu trabalho como brasilianista? Porque também tem um histórico de desconfiança, tem muita gente que acha que, por exemplo, os brasilianistas são financiados pela CIA.

BM - Eu também não passei muito por isso porque cheguei nos anos 90 já, então não sofri esse preconceito. Eu sei que os meus colegas anteriores sofriam. A reação à minha pesquisa tem sido sempre muito boa [...]. O meu primeiro grande projeto foi sobre música popular e rádio, então não tinha um peso político muito controverso. O meu segundo projeto foi sobre perspectivas gerais sobre o Brasil recente, dos últimos 25 anos e aí sim tinha algumas reações que minha análise fosse um pouco liberal demais, no sentido brasileiro mesmo, não no sentido americano, mas ninguém falou mal porque era idealista [...].

Ariel - Agora assim como pesquisador mesmo para você trabalhar com as fontes, fazer entrevista, acessar acervos, isso foi fácil para você?

BM - Foi fácil.

Ariel - Porque no Brasil temos uma dificuldade muito grande de acesso à informação.

BM - Não maior do que aqui em termos de acesso à informação política, com certeza. Claro que tem dificuldades né, mas [...] o acesso sem maiores problemas.

Ariel - Você trabalhou mais no Rio de Janeiro?

BM - Quase sempre, sim.

Ariel - E lá você tinha uma base, um centro, em uma universidade ou você [estava] totalmente autônomo?

BM - Neste último projeto eu estava filiado com a UFF (Universidade Federal Fluminense), mas na realidade quase nunca ia à UFF, eu tenho excelentes amigos na UFF e ia de vez em quando, mas quase toda a minha pesquisa estava no centro da cidade do Rio [de Janeiro], então raras vezes eu ia para Niterói.

Ariel - E o seu interesse sobre o Brasil é muito antigo?

BM - É, 25 anos, desde o início da faculdade.

Ariel - A sua graduação foi em História?

BM - Foi.

Ariel - E você tinha contato desde a sua graduação sobre o Brasil?

BM - Tinha.

Ariel - E qual foi sua primeira percepção que os professores passavam do Brasil?

BM - Havia muita ênfase na cultura afro-brasileira e na história da escravidão.

Ariel - Discutiam Gilberto Freyre, Florestan Fernandes?

BM - Não, o grande professor na minha faculdade nessa época era o Stanley Stein que fez um livro, fez vários livros sobre a América Latina, o livro principal dele sobre a história brasileira era sobre o mundo do café no Vale do rio Paraíba no século XIX, englobando a cultura, a economia, a sociedade, etc., um livro fantástico. Depois ele fez um livro bastante dentro da linha de teoria de dependência, mas o trabalho principal dele não era muito independentista.

Ariel - Mais de economia?

BM - É.

Ariel - Então a partir desse autor, da discussão do café e a sociologia do café, você começou a se interessar sobre a cultura brasileira?

BM - É.

Ariel - E aí você já conseguiu uma Iniciação Científica, por exemplo? Já teve um contato com pesquisa na graduação?

BM - Tive, é. Eu fiz uma tese [...], o nome que a gente usa no Brasil, um trabalho final.

Ariel - Sei, conclusão de curso?

BM - Conclusão de curso, é, que eu fiz sobre o tropicalismo no Brasil.

Ariel - Ah legal.

BM - Bem legal, é. Interessante como esse tema ficou bastante divulgado nessa época, porque era difícil pesquisar, tinha pouca coisa escrita sobre isso e era muito difícil [...].

Ariel - Com a internet, né? E você sempre foi ligado à música brasileira assim, de ter um acervo?

BM - Sempre, é. Tem sido um interesse constante. Agora essa pesquisa recente é sobre a política nas favelas, então não tem nada a ver com música popular, mas continuo pensando sobre isso, sempre.

Ariel - É interessante porque isso também é um universo à parte. Tem pessoas do mundo todo que são aficionados por música brasileira e tem leilões para comprar discos. E [para] você sempre foi tranquilo achar material, tem amigos no Brasil que te mandam os discos?

BM - É, bom depois disso, depois de sair da faculdade eu ia sempre ao Brasil. Geralmente [...] na época do mestrado passei uns três ou quatro meses no Brasil e voltavam sempre, então nunca era difícil conseguir material.

Ariel - Aproveitando que a gente está falando um pouco sobre música uma parte que eu acho, assim, que eu gostaria de explorar mais no meu trabalho - que é sobre o pensamento conservador e a mobilização dos conservadores aqui nos Estados Unidos, somente a partir do governo Bush - seria justamente discutir ou entrar no debate sobre a cultura americana, esses autores que falam em *cultural war*.

BM - E existe, cara, é uma coisa [...] até hoje. A nossa vida aqui em Washington não é representativa do resto do país. Você vai viajar para onde?

Ariel - Eu vou daqui pra West Virginia, depois Lynchburg.

BM - Ah Lynchburg, bastante conservadora, aí você vai ver.

Ariel - Iremos para Charleston também South Carolina.

BM - Charleston já é outra coisa, Lynchburg acho que seja talvez mais representativa dessa onda conservadora.

Ariel - E depois vou terminar em Virginia Beach.

BM - Que é outra coisa, porque tem lá muito presença do exército, que na realidade é mais centrista. Quem tá lá que você pode contatar é o Olavo de Carvalho.

Ariel - Ele mora lá?

BM - Ele mora por ali nessas bandas de Virginia Beach, por aí. Ele adora a onda conservadora americana.

Ariel - Ele tinha, ou acho que ainda tem um programa de rádio. Eu escutei alguns. Mas ele é de um conservadorismo mais católico, e detesta o pessoal da minha instituição, a Unicamp (risos).

BM - Mas mesmo assim, ele adora os evangélicos americanos.

Ariel – Sobre a discussão cultural dos conservadores me chama atenção a ideia de decadência cultural. Então, os conservadores acham que a cultura americana é de consumo[...]

BM - Mas eles são muito consumistas, eles são até mais consumistas do que a gente, [...] ou tão consumista quanto, só que eles não assumem (risos). Mas qualquer shopping que você vá[...] e tem shopping inteiros que parecem mercado neoconservador. Porque tem a onda de homeschooling, ou seja, tem lojas enormes apenas para homeschooling e 90% das pessoas (eu não sei, não estou falando tecnicamente), mas a minha percepção é que 90% das pessoas que fazem homeschooling são conservadoras.

Ariel - Sim, eu também acho, porque no fundo o que eles querem é negar o evolucionismo, negar a mudança climática, mudar alguns paradigmas que são da ciência moderna.

BM - Eles querem mais controle.

Ariel - É, e eu acho que tem também um sentido muito forte de controlar os adolescentes, por exemplo para que eles não tenham contato com outras religiões, até mesmo que não tenham relações sexuais, tem aqueles anéis de pureza.

BM - Então tudo isso tem o seu consumismo próprio, é um mercado bem definido, então um mercado bem definido é aquilo que os produtores querem, então eles exploram isso. E essas pessoas que tem o princípio contra a vaidade sempre compram muita roupa, compram produtos de beleza [...] só produtos que compram dentro da linha deles. É muito interessante.

Ariel - É, mas por exemplo, no caso da música eles são muito críticos, por exemplo da chama contracultura.

BM – Sim, mas os festivais de Christian Rock fazem um sucesso brutal, é uma coisa esquisita. [...]

Ariel - É como no Brasil, [com] as músicas evangélicas?

BM - É, mas fazem festivais de três dias e vem milhares de pessoas.

Ariel - Eu acho interessante, porque o Southern Rock já é outra coisa.

BM - Southern Rock não tem uma mensagem moral (risos).

Ariel - Tem um pouquinho assim de pró-armas[...]

BM - Tem, mas é um pró-armas e farra, etc. Southern Rock geralmente, tipo lynnyrd skynyrd eram rebeldes. Então tem toda essa linha lynnyrd skynyrd que é de rebeldia não tanto em termos familiares mas tem rebeldia, tem a rebeldia contra o governo federal.

Ariel - Mas é engraçado porque, principalmente fora dos Estados Unidos, eles são famosos pela música “Sweet Home Alabama” que eles dão uma alfinetada no Neil Young (risos), justamente um pouco defendendo o *sul* que era segregacionista.

BM - É muito engraçada essa música, com certeza.

Ariel - Mas não é a única que representa a obra dele.

BM - A música popular de mais sucesso no momento é a música *country*, esse *country* de Nashville, produto de [...] esse tipo de [...] Tim McGraw. Tem uma mensagem bastante conservadora, geralmente. Tem algumas exceções, mas geralmente uma mensagem de louvor à família, aos valores tradicionais, à bandeira. Tem umas músicas engraçadíssimas tipo, procura aí “Mile Man” do Toby Keith [...], (risos).

Ariel - Eu particularmente gosto muito do Bob Dylan. E eu acho que ele traduz muito uma tradição americana, não sei se poderia dizer, libertária. Mas ele é uma figura que não tem medo de guinadas, assim, de surpreender a plateia. De uma hora tocar para um grande público, outra hora para um público pequeno. Ele nasceu em uma família judaica e entrou no cristianismo, enfim. Como que você vê o Bob Dylan dentro da cultura americana?

BM - É uma das figuras mais importantes da cultura americana dos últimos, mais do que 50 anos, né? É claro que a onda, o momento mais importante dele, já passou, mas é uma figura fundamental, muito profunda. Por isso, quando ele muda de uma coisa para a outra, ele não muda essencialmente porque essencialmente, ele estava sempre enraizado no que a gente chama de *americana*, que é um conteúdo cultural [...] tradicional que vem de heranças inglesas, irlandesas, mas também com essa pitada de influência africana, que muitas vezes tem laços com música *country*, mais profunda porque é mais antiga. Então ele sempre tinha essa tradição e a tradição do *blues* também e sempre tinha a tradição de ler a Bíblia e de contar histórias com referências bíblicas. Então ele já tinha isso no início dos anos 60, então mesmo que ele mudou para a música com guitarra, música elétrica. Depois [ele] mudou de religião e assumiu o judaísmo, depois mudou para o cristianismo. Nada mudou nesses laços com os Estados Unidos profundo.

Ariel - O que eu acho interessante nas letras dele é que são sempre relações de laços frouxos, né? [Ele] não fala de amores românticos, ele fala de amores descompromissados e são histórias sempre, um pouco, quase trágicas. Muitas vezes são histórias de pessoas que estão na berlinda, caminhando na estrada. Isso também traduz muito de uma tradição americana de canções?

BM - Traduz. Acho que também vem de uma tradição religiosa, que remete ao profeta [...].

Ariel - Você por acaso já ouviu falar ou conhece de um artista chamado [Sixto] Jesus González [Rodríguez]? Eu vi um filme recentemente sobre ele “[Searching for] Sugar Man”, acho que ele era de Michigan, no final dos anos 60. Ele é um pouco assim, na época ninguém sabia onde ele morava, se ele morava na rua ou não, mas ele cantava muito bem e as letras eram muito parecidas com as do Bob Dylan. E ele gravou dois discos e depois desapareceu, as pessoas acharam que ele se matou, ou algo assim. E esses dois discos viraram algo *cult* e acabaram - não sei explicar muito bem - fazendo muito sucesso na África do Sul na época do *apartheid*. E aí com o sucesso que ele fez lá ele foi agora redescoberto, tem esse filme sobre ele. E eu, assim, chamou a minha atenção porque é um desses casos de pessoas, assim, que não têm medo de interromper a carreira ou de parar e mudar. Eu acho que isso ajuda bastante a entender a cultura americana.

BM - Legal, não conheço, vou pesquisar.

Ariel - Você tem mais cinco, dez minutinhos?

BM - Tenho.

Ariel - E sobre Hollywood e os filmes? Também os conservadores teme muito serem críticos de uma linha hollywoodiana de filmes, que eles acusam de serem niilistas ou até de serem fascistas no sentido de vangloriar o Estado. Como você vê a produção cinematográfica dos Estados Unidos?

BM - Pergunta interessante, porque eu acho bastante diversa, na minha percepção a produção dos filmes é bastante diversa. Tem filmes para esse segmento do mercado para o povo mais conservador existe [...] filmes que o Mel Gibson fez com temas mais conservadores e não apenas ele, porque ele seja talvez uma figura única, mas tem outros que fazem filmes para esse segmento do mercado. E também acho que, nesse ponto, tem uma hipocrisia sim dos conservadores porque eles xingam os filmes de Hollywood, mas assistem. [...] Gostam dos filmes de explosão, esse tipo de Bruce Willis.

Ariel - Um pouco como os fundamentalistas muçulmanos que leem o livro para depois mandar matar o autor, ao invés de simplesmente ignorar o livro, eles leem para se instigarem, então eles acabam assistindo. Mas isso não é um pouco[...] Porque se eles não assistirem eles vão estar um pouco que se segregando da sociedade, né? Não é um pouco a batalha?

BM - (Risos) Eu não assisto a esses filmes de explosão, então eu estou fora, mas eu também[...] (risos) acadêmico é um mundo definido também.

Ariel - É verdade. Mas assim, o impacto que um filme desses tem na cultura americana, você acha que é muito decisivo ou pouco decisivo?

BM - Pouco decisivo, é. Acho pouco[...]

Ariel - Eu, por exemplo, um dos filmes que eu gostei muito e os conservadores acham muito ruim é aquele filme “Clube da Luta”, não sei se você se lembra. É um filme que faz uma crítica sobre a sociedade do consumo e ele acaba até no final explodindo um prédio [da empresa] de cartão de crédito. E esse filme eu acho muito interessante porque, por um lado, ele instiga essa rebeldia anti Estado, contra o governo, mas os conservadores acham que o filme é quase fascista, é um filme que prega uma sociedade sem valores. E um outro filme que os conservadores acabam discutindo, que eu acho muito interessante, é aquele filme dos irmãos Coen “The Big Lebowski”, que eu acho que é meu filme favorito. E ali também o personagem principal, não sei se pode-se chamar de herói ou anti herói, mas ele também flui em um universo meio que sem valores e o filme apresenta um certo niilismo como onipresente. Então esses dois filmes me fazem pensar muito que Hollywood instiga, passa a mensagem de uma sociedade um pouco vazia de valores e os conservadores vão dizer: “Está vendo? Olha só como a sociedade está?”

BM - Mas vai ter sempre programas e filmes como esses. Aí tem outros que estão orientados para o povo mais conservador mesmo. Então acho que tem uma gama ampla de possibilidades, mas o que une tudo isso é a sociedade de consumo. Mesmo em “Fight Club” é bem possível criticar a sociedade de consumo, sendo parte dela, o que é realmente difícil [de] sair (risos). Porque aí sim as produtoras, as agências de publicidade eles conseguem definir um segmento do mercado e produzir um produto para esse segmento, mesmo que sejam rebeldes anti governo, mesmo que seja moralistas conservadores, vai ter produtos para [...] Se é um segmento que tem uma população determinada, vai ter um produto cultural orientado para esse segmento.

Ariel - Mas quando cria-se esses vários segmentos isso também não cria um conflito entre eles? E aí fica uma sociedade um pouco polarizada.

BM - Com certeza. Temos isso, com certeza. [...] (risos). Por exemplo, a minha cunhada de Louisiana [...] cidadezinha tipo a uma hora de New Orleans, mas uma cidadezinha bastante conservadora, 100% Republicana. Então se você for lá, você vai ouvir opiniões sobre o Obama, por exemplo, muito racista, muito paranoica, mas tem essa rixa bastante[...]

Ariel - É como se a gente pudesse pagasse o mapa e o dividisse, o fragmentasse.

BM - Existe isso também, com certeza. No meu bairro, por exemplo, moro em Silvespring ao lado de D.C.. E o bairro se tiver 500 famílias no bairro, 40 ou 80 são de Democratas, não tem diversidade de opinião (risos). Aqui em Washington tem muito disso.

Ariel - É cada vez mais difícil achar lugares em que isso está misturado[...]

BM - Realmente, é. O que tem no meu bairro é uma mistura de classe, uma mistura de etnia, o que é interessante. Mas não tem uma mistura de opinião política (risos). E na realidade, na cidadezinha da minha cunhada também tem várias classes, tem pobres, classe média, classe média alta, trabalhadores, mas são todos Republicanos. É interessante.

Ariel - Talvez até seja uma estratégia, seja um processo político mesmo de onde é Republicano vai crescendo as imediações, e os Democratas também.

BM - E tem toda a estratégia estado a estado , distrito a distrito, justamente para garantir a maioria do Partido, então isso acaba reproduzindo essa polarização[...]

Ariel - Porque, por exemplo, muitos analistas, inclusive, falam que o Texas, tão querido pelos Republicanos, pode em dez anos virar Democrata porque as grandes cidades já são Democratas, então a tendência é um pouco [de] eles crescerem.

BM - É, poderia. [...] Antigamente já tinha uma governadora Democrata, então já pode voltar a isso.

Ariel - É eu acho que isso está muito interessante. Talvez a síntese da polarização seja Califórnia e Texas. Tanto a Califórnia já foi Republicana, quanto o Texas já foi Democrata, então é interessante que os dois lados vão mudando. Só então uma última questão: e sobre o Obama, qual a sua avaliação? Você acha que, primeiro, ele é um pouco uma exceção? Ou ele traduz muito da história americana e é uma figura que está presente na tradição política americana? E como que você compara esses anos do Obama com o que foi com o Bush?

BM - Eu adoro o Obama, acho ele excelente. Eu tenho as minhas críticas profundas quanto à política de *drones*, por exemplo, a política de deixar Guantánamo aberta, tudo isso. Mas, de modo geral, acho ele excelente. Ele não pode resolver as rixas profundas no país porque [...] mais profundas do que ele, mas acho que ele vem de um momento histórico com várias influências. Primeiro, ele tem essa tradição de políticos negros a favor de reformas sociais nas grandes cidades do norte: de Nova York, de Chicago, de Detroit, etc. Então ele vem da cidade de Chicago e a base dele continua em Chicago, só que ele é super inteligente, ele reconheceu que ele não vai dar certo na política nacional sendo outro Jesse James [...]. O caminho dele era sempre mais não apenas politicamente para o centro, mas de se apresentar de uma forma mais acessível para a grande população branca. Então acho que ele [...] nesse sentido de não ser negro demais, para a aceitação da grande população branca e deu certo nesse sentido. Ideologicamente é de centro-esquerda[...]

Ariel - Você fala “deu certo” no sentido de que ele foi eleito[...]

BM - Foi eleito, é.

Ariel - Mas você acha que a vida dos Afro-Americanos melhorou no governo dele?

BM - Não. Melhorou apenas no sentido que não piorou (risos).

Ariel - Isso já é alguma coisa.

BM - Acho que ele conseguiu reverter sim um pouquinho do crescimento da desigualdade e acho que ele conseguiu sim voltar a uma política ativa do Departamento Judicial, de enfatizar os direitos civis, então a tendência crescente no governo Bush de dizer: “Não, a gente não precisa ligar mais para isso, essa questão [está] toda resolvida”. E o Obama não, ele colocou as pessoas no Departamento Judicial para defender esses princípios sim. E também para financiar a reforma habitação popular, etc., que vai beneficiar principalmente uma população pobre que é majoritariamente afro-americano, etc. Então, as políticas dele são boas nesse sentido, mas estão resolvendo completamente nada.

Ariel - E você aposta na Hillary, nas eleições de 2016? Ou a chance de um Republicano voltar é[...]

BM - Com certeza, a chance é excelente, porque o país continua muito dividido, então [...]. E a população latina vai ser a chave, eleições futuras, porque continua votando majoritariamente para um partido Democrata, mas isso pode mudar.

Ariel - Porque também são muito conservadores, assim, no sentido de valorizar a família e [...]. Pode ser uma relação, uma aliança estratégica, apenas, né?

BM - Então vai ser interessante, com certeza esse conflito vai continuar. Mas a Hillary acho que tem possibilidades, mas não é certa, não. (risos).

Ariel - Mas você gosta do estilo dela?

BM - Acho ela excelente como Secretary of State, como Presidente não sei. Não sei se ela vai conseguir, acho que ela é muito mais simpática agora do que era quando era Primeira Dama.

Ariel - Ou quando era rival nas primárias do Obama, né? Ela era mais agressiva.

BM - É, então talvez consiga. Tecnocraticamente ela é excelente, as políticas dela são as políticas[...] talvez não sejam as melhores possíveis, mas dentro do contexto são as melhores plausíveis.

Ariel - Eu achei assim, interessante - fazendo uma avaliação da administração dela - que, por um lado, o anti americanismo no mundo diminuiu, o mundo parece que respira melhor durante o governo dela, mas também aquela ideia que é tão cara aos conservadores de excepcionalismo americano, os Estados Unidos como uma nação acima das outras, se perdeu no discurso oficial do governo do Estados Unidos. Então isso é utilizado para falar: “Olha, está vendo? Os Estados Unidos estão em declínio. Nós não somos mais uma nação reconhecida como excepcional pelas outras.” Mas eu, particularmente, acho que o cálculo é interessante: é melhor um mundo mais simpático aos Estados Unidos, do que as pessoas acharem que os Estados Unidos é uma nação excepcional e odiarem os Estados Unidos.

BM - Também acho (risos). Com certeza.

Ariel - Bom Brian, ótimo. Eu não quero mais tomar o seu tempo. Muito obrigado. Gostei muito de te conhecer .

BM - De nada, que bom, ótimo.

Peter Becker Interview

Pastor da Igreja Batista do Sul

Professor do departamento de teologia da Charleston Southern University (CSU).

Entrevista realizada em março de 2013 na sala de reuniões do departamento de teologia da CSU.

Transcrição: Débora Tavares

Ariel - My first question is more historical: how do you see the relationship between religion and the Founding Fathers, here in the United States? Do you see - since the beginning of the idea of the United States as a nation - religion as an important role for the idea of the United States?

Peter Becker - Right. I am probably going to answer a little different than what you might suspect from Conservative Christians in America because the typical argument, I don't know if you are familiar for this: all the Founders were Christians, you know. Not so much all the time, in fact what I would argue is that all of them had a Christian world view, you know, they understood morality, social issues, cultural issues, from a Christian perspective. But theologically many of them probably weren't Christians themselves, you know, Thomas Jefferson denied the idea of Christ that's a pretty important issue, yet he said that amoral religious people was necessary for democracy to be effective. So was he a pragmatic Christian? This works for us so let's capitalize on it. You had others like Thomas Paine who were [was], I don't know how to say it, atheist, they were outspokenly anti-Christian issues. You had others like George Washington, I would say he's probably a Christian, but Tocqueville says things you gotta do: "Would a Christian say that?", but then he prays, and he prays like he seems ably got an act of God could intervene, which for example deism there in that era, their idea was God created the Universe and left it to run on its own so, why pray to a God who won't intervene in the machine, so to speak?

So I would say that the early Founders were at the minimum Christian world view holders, but not necessarily all of them Christian, but there's principles, you know, Liberty, I would always say a Christian idea, that Democracy really seems to be a new testimony concept of how do we work with each other, recognizing that we're still sinful we need checks and balances to protect us, in a sense, from ourselves. So, in a sense, Founded on Christian principles, I would argue never founded necessarily to be an exclusive Christian country. Now, was that by the year 1776, with a Christian world view? Yes. There weren't any Muslims here, there weren't any Buddhists, they never encountered those things.

Ariel - And also, we [were] reading some historical works, we meet with authors saying that they were so Christian that they don't need to write on the Constitution, on official papers because it was like a consensus.

PB - Right, it was assumed that they were Christians. And I think that's generally true, I mean, you may hear something early, documents from the colonies you couldn't run for office if you weren't "a Christian" or didn't affirm the trinity or various things. That's why when they write the Constitution they put in the clause about separation even if the word isn't in the document, the idea of separation of Church and State, the idea is really to protect the individual from government interference with his faith, but it seems to be the generally assumption was you were gonna operate with some sort of faith-based world view. So, yeah, there was an assumption, but I think based on the fact that some of them didn't hold too very traditional views it was possible that they were intentionally vague, they if they were too specific they'd exclude themselves, or their friends, their allies. In a sense it's best to be general, in that way you don't alienate the Anglicans, you don't alienate the Baptist, but you also don't alienate Thomas Paine, you don't alienate Benjamin Franklin, so again, is it assumed because it is that? Or is it even in political exigency and they're just avoiding debated they don't need to have early on?

Ariel - So we can tell that religion was present and very important for the Founding Fathers. But also, as you mention now, there [was] diversity, there was different groups, different points of view. Do you think that this diversity also is still present? I mean, is it a mark of the United States history?

PB - I would say diversity is even more so, with our history of immigration as you look at the 19th Century and you start seeing new groups coming in. Also, now we've got to deal with there's a whole bunch of Catholics here, versus early on there were very few Catholics, they were isolated in Maryland and a few isolated spots, now all of the sudden we start getting immigrants from Ireland, what do we do with Catholics? They were states, they were colonies, you couldn't be a Catholic, in the participant government early on. So I think much of what you are seeing today - this really fits into your thesis - is the fact that we are now so aware of other cultures and other religions, that what started off is at least maybe an unawareness has now become sensitivity or the big word "tolerance", I guess that's the big issue for the 21st century here: "Are we tolerant of this or that?". You see some of that early on, I mean, Charleston, you've been here a few days, Charleston a South Carolina colony, it's Anglican, it is very loyal to Britain in many ways early on, but you go downtown and you look at the churches built in the 1600's and the 1700's, there's a Baptist church, there's a Huguenot church, there's a Lutheran church, they were very, in one sense, open minded to religious freedom even then, probably from pragmatic reasons. We need all these people here, so they kind of welcomed the middle way so that even the northern counties would not do, or even Georgia did not do, you know 20 miles, 30 miles down the road, the Georgia colony didn't have the tolerance for diversity that South Carolina did. But I think over time with immigration, I would argue with World War I a little bit, except it was white on white warfare: here's Europeans against ex-Europeans. World War II where do we go? We go to Europe, we go into Africa, but then we go into the East and - that I think when you look at the big perspective - the war with Japan was a world view changer for a lot of Americans, because these people's world views drives into new things we as Americans, we know, unfantamble, you rather kill yourself than surrender? They were violent and brutal and our soldiers in many ways weren't prepared. [In the] 1940's and 1950's they come back, now, not only do they deal with war, they have been exposed to a whole new world views that most Americans would not have encountered. In California they would have experience Japanese some, Hawaii, but some of them wrapped around the Midwest, most of them would not have known an Asian. So again, now have to think through "How do I interact with these other world views?" or "How do I reconcile I think there's just one God, and these folks were worshiping after Hindu, potentially thousands of sub deities". So I think, again, the diversity, the sheer size of our nation forced us to have to deal, probably I would imagined Brazil has had too, because of the diversity of immigration you've all

had experienced. What was native religious that pronomally Catholic and now might hundred be that you probably almost as big as variety as we do, just because you're booming economy, you're a very open Republic to people, are welcome to migrate, so now you've got a little bit of everything there and people aren't always sure how to do it.

Ariel - Marco has one question about Tocqueville.

Marco - When Tocqueville wrote the book "Democracy in America" he talks about the harmonic relationship between the spirit of religion and the spirit of liberty in the United States. But, when I look at the American history this relationship is not so harmonic like he's wrote.

PB - I never read the whole book all the way through, so I'm partial ignorant of the whole book is completely about or what he's trying to prove, but you know, does it seem naïve? Was he fascinated with what's going on here? Because - what year was this book published, do you remember?

Ariel - I guess, 1881?

PB - Is there a sort of idealism?

Ariel - [It] was during Jackson's year...

PB - So there's certain idealism at his mind of "here's what has worked out well", specially coming from the French Revolution, they do what we do, except it's violent and horrendous and they become a very unchristian culture immediately. Here, the democratic experiment worked and partially we get along, at least at that point, obviously within 20, 30 years that's not true. [...] during the Civil War, so there's a certain naivety out of his part thinking "This is the perfect out working at this scenario" which it makes it ironic when someone at our elite culture America now see Europe as out ideal. We wanna be like they are.

Marco - When you look at American history, at the beginning of the 20th century the religious morality is very influential on the society. We have the anti-alcohol laws and prostitution. After the Scope's case, religion has become more introspective. There were a big secular movement growing, and in that process we saw no more praying in school and the approving of pro- abortion laws. How do you see this introspective movement in religion?

PB - Complex question. You probably didn't trace back into the 19th century, again, the most influential event in all of U.S history is the Civil War. We're still dealing with it today. All of the sudden, the American idea was shot, we're killing each other. How do you explain this American triumphalism, this American exceptionalism, even there [are] theology said the world is getting better and better because look what's God doing in America, this is the city on a hill. The Civil War blows all that out of the water, I mean. Then throwing Darwin, and how do we reconcile faith with not only to war - Christians killing Christians - and the South defending slavery with the Bible, and the North arguing against slavery with the Bible, then throwing Darwin and it's fine in the late 1800's the various denominations, especially in the North, because the southern is much more insulated. The nominations of the North are having heresy trials because all of the sudden you've got Presbyterian pastors denying the Westminster catechism confession of faith. You've got, in New York City a Baptist preacher in a Presbyterian church and when the Presbyterian speech fit about it "how do we have this Baptist preacher - who's a Liberal, theologically - in our Presbyterian church", they don't want him removed because he's a Liberal, they want him removed because he's a Baptist. So you got all these different influences. But I think, back to your question, its introspection self reflection, I think early on the 1900's the 20th century you see this idealism again, if we just could get the world to become "Christian" and behave, the morality, so we got what is called the Social Gospel Movement developing in the 1910's and 1920's, that the world would be a better place if we just that we're just brothers, we have a common God, God is the father of all of us, but you can Buddhist, Presbyterian black, white, whatever. So, their vision was: "let's make the world a better place by getting people to act Christianly towards each other", so they could agree with the prohibition, they could agree with some of the clause you're referencing because they see that is beneficial to society. In the process what they down played the gospel portion of the message: "let's change behavior rather than change people's hearts and souls, it hopefully will change behavior." So, they're developing that, you've got more and more people buying into Evolution and, ultimately how they apply it how they even read the Bible, the Bible is evolving and what as true two thousand years ago isn't true today, so also the Bible becomes under attack. Those were "Conservative Christians", again, a lot in the South, because there's a North-South dichotomy here -still is today to a certain degree - they want to reject that Liberalism, the option of Evolution, Social Gospel, so they developed what we refer to now as Fundamentalism, you know, there are Five Fundamentals that we must

get here to, biblically, theologically. Part of that development - because I would agree with the five fundamentals, I think the five are still theologically true [...] - the part of the “Fundamentalism Movement” is they see all of our colleges and universities going Liberal and we can’t trust to send our students away to college because they might get ruined: “Can we trust them to Public School? Are they teaching Evolution at Public Schools?” Some Fundamentalists, many of them become isolated, they start their own colleges and universities where Evolution won’t be taught they start saying: “only this translation of the Bible, no other translations” that’s the King James only phenomena, because the Liberals are using the American standard or the revised version out of England. The Liberals tends to go to one version, the Conservatives tends to stay with King James. Fundamentalist tend to use the Scofield study bible version of the King James, it comes with notes, and that becomes this kind of definitive explanation of key doctrines, so they become isolated that way. They become, some of them, very cautious of whom they work with in even doing missions. Today, my church that I pastor, we might work with the Presbyterian church to reach the homeless, Fundamentalists from the 1910’s and 1920’s would say : “they’re Liberals”, so they become self centered and it becomes almost like a little walled society - we train our people, we teach our people, we sing out our way - and they became isolated in many ways and those who are in that movement are very much still practically, pragmatically stuck in the 1920’s because they were isolationists. And because of that, because they were outward focused, they were so inward focused, they didn’t realize the world kept moving on without them. And so part of that is: “we can’t trust our schools, we can’t trust society, we can’t trust the government - specially as you were saying as the Supreme Court (...) in the 1950’s - we just got to take over ourselves”. And it becomes a very inside, inward looking . That also goes back to the first great awakening in the 1740’s, and also now you got that independent self sufficient model with this “let’s protect ourselves from society” model. Bring them together now it’s *your* faith and *your* faith and *my* faith rather than what is *our* faith as a community. And thus, when it they go off to World War I somewhat when they go off after World War II they don’t respond to it, because, again, they’ve met all this different views, they’ve encountered different religions and they’ve found people who aren’t Christian in the Army or the Navy, so how do they react? That’s why I think in the 1940’s 1950’s when they come back and we go through what I obviously call The Boom - baby Boom - with the results went boom religiously in America. And the rise of Evangelicalism, and I think it’s a correction to

this isolated, “let’s ourselves from everybody”, Evangelically was a lot more inclusive. Evangelicals will send their students to Public Schools and try to prepare them for what they’re going to hear. This would be an Evangelical College, it was founded in the 60’s during that era. “We want to be Conservatives, but we don’t want to be isolationists”. And so, they’re blending all these cultural influences, and the next thing you know, you’ve got those Fundamentalists who are very individualistic. Are there individualists in the Evangelical movement? Sure, there’s still the emphasis of it’s not what I believe that get me into heaven, but the Evangelical says that: “we together live in a community and work towards commons ideas and goals” and that’s what I think you see in the 1980’s with the rise of religious rights and the moral majority, there are fundamentals in it, but there’s now this Evangelical impetus that *we* can have influence in our world again. Whereas the Fundamentalists approach generally pull back that the world do its thing, we’ll do our thing. The Evangelicals are more “hey we can influence society” and have a say in the political process. I think it’s probably why your question, Marco, we could have all these Supreme Court decisions where all this Christianity stuff is taken out, because the Christians had their hands off, they got mad about it, they didn’t like the results, but they’ve kind of disengaged, in many ways, from the process. The Evangelicals are the ones coming back and fighting abortion, and various other things. So, it’s an interesting flow in America, all kinds of different ideas, all kinds of different responses. And even with my own denomination, the Southern Baptist Convention, the [...] 1940’s, over issues slavery missions, comes through it, send the South all its prodominably so it’s Conservative, because [it’s] protected from the influences from the North that are coming from Europe. 1920’s they started encountering some of these other things and they want to “stay Conservative”, but they don’t want to be Fundamentalists. Within 30 years their hierarchy in the Southern Baptist Convention is theologically moderate, if not Liberal, because they’re buying it to these other ideas coming from different religions and denominations. So, in the 1970’s, Conservatives in the Southern Baptist Convention, they said: “We’ve started a denomination, we’ve got to get it back” and they begin to work in two groups basically trying to come together to help to bring it back to Conservatism their other “revivalists” tradition, as Barry Hankins called them, the kind of typical southern Conservative - to use a language of usage - Fundamentalist. And then there are, Barry Henkins calls them on the book “Uneasy in Babylon”, the Cultural Warriors - which is what I thought maybe you were heading - who are influenced by Evangelical writers, not just Baptist writers

because, again, they're much more open minded then anybody who is Conservative: "I can learn from a Presbyterian, I can learn from a Lutheran Conservative" and these "Cultural Warriors" they're influenced heavily by Francis Schaeffer, who are using in the 1970's: "Christians, we've lost the world because we desinganged" and he argues "we've got to get back in". So, there's two groups together and the Southern Baptist Convention kind of joined forces even though they're kind of different, they've got a common goal: "Let's get the Convention back to being Conservative" and so they banded together in ultimately defeat the Liberals and the Progressives. Now, hate to say it, 20 years into it they're now kind of bidding heads with each other because "[...] tradition can we really all get along or not?" because many denominations that are southern, particularly Conservative, are what I would call "tribal". Fifty years ago in the Southern Baptist Convention you could go to any Baptist church in America: we have the same hymnal, we use the same Sunday School material, we sing the same songs, all of our pastors are trained in the same schools, so you can go to any one and it felt more or less any other one you would go, sort of like in Catholic churches, it doesn't matter where you're at, a Catholic church feels like a Catholic church for the most part, but with these influence of this Evangelical Cultural Warrior guys someone started going on in the Presbyterian seminaries, someone started going on these nominational schools and now what we're having as we see is: you can go to one church and it looks like a 1970's Southern Baptist church, you go a mile up the street, and it looks nothing like it. They're still Southern Baptists, the same beliefs, but they don't look the same anymore, they dress like this when they preach instead of wearing suits and ties, they don't have a choir, they have prays band and those more insolated Southern Baptists are worried that Southern Baptists are no longer Southern Baptists, because in their mind what a Southern Baptists is, that tribal here's-how-we-do-it and these other guys are saying "no, what makes a Southern Baptists is our theology, how we do it doesn't matter", so you still got this kind of Fundamentalist versus Evangelical division, even with the Southern Baptist Convention. We're all Conservatives, we all work together for missions, we've got ten thousand missionaries that we support but every Southern Baptist church is now a little different. The church I pastor, all church there are these things from the 1960's and 1950's way, I come in, and I've got them changing things and some of the people don't like it. The "joke" in America is "we've never done it that way before" you know, "if it looks different we can't do it" and you're going "no". As a historian I always try to tell them: "all of our traditions came from somewhere", even the new tradition, dressing like this,

as a new tradition you do it once or twice, it becomes a tradition”. I always try to tell them: “I am as Conservative as anybody, theologically, as a historian I love the History traditions” but I tell them: “We’ve got to ask what this tradition represents?” If we wear choir robes, because that’s what we did in the 50’s, yes. Do most of people do that in the 2010’s? No. so, we don’t have to keep that tradition unless it’s in the Bible, and sometimes I push and pull the question and I gave way more than you wanted.

Ariel - I think that many other religions they try keep things under control. For example, we visited Liberty University in Lynchburg and one aspect that really caught our attention is that the students there are very under control. They know exactly how many they are, where they are, what they do. Do you think that these idea of control is a reaction to all these things?

PB - I think so, it’s a protection mechanism. It’s that fight or flight. Some people want to fight, arguing theology, engaging the culture; others have that tendency to built walls to protect ourselves. Liberty [University] was founded by Jerry Falwell, as you know it, who was, though modern, kind of a “Fundamentalist”. There are certain things we have to believe and I’d agree with him, but his answer was: “let’s not send our kids to these schools, second year’s schools are all lost, some old Christian schools have gone Liberal, you can’t trust them, so let’s start our own.” So they started the church and the church basically still controls them, it’s the Thomas Road Baptist Church. They progressed some quite a bit, I mean, you were a little surprised by how regimented it is. Have you visited Bob Jones University, here in South Carolina?

Ariel and Marco - No.

PB – It’s a fundamentalist school, started on the 1910’s or 20’s. You can’t hold hands on campus, boyfriend, girlfriend? Forget about it. They used to have a rule you could not worship at a church off campus unless it was approved by the school, you had to worship at the school chapel. So, imagine Liberty [University] only stricter. And again, the difference is Liberty started at the 60’s and 70’s, Bob Jones started at 1910, 20’s. Fundamentalists, Liberty [is] sort of Evangelical, sort of Fundamentalists. This school, the Charleston Southern University, started about 1964, I mean, we’ve got students, probably half of our student body, aren’t Christians, aren’t profession believers, they are here for the education and they’ll tolerate the Jesus talk. Now, a good number have become Christians while they’re here, but that’s more an Evangelical approach than it is at

the Bob Jones. If you go to Bob Jones, you know what you're getting, there's gonna be very fundamentalist, very — can I say ultra-conservative without insulting them? I don't want to insult them, they're just very... — they are so Conservative Billy Graham went there as a student in the 40's, it was too Conservative for Billy Graham (laughs). They've progressed some, but not near as much as other schools. They would say we're probably Liberals, because of who they affiliated with.

Ariel - You mentioned now Billy Graham and he endorsed Nixon with very strong perspective, he believed in Nixon. Also, we've seen in American History moments in which a religion - a group, a person - endorse an American candidate. How do you see this relationship between religion and presidency or candidacy?

PB - Well, Billy Graham was in there, because he was in every presidency in the White House up until Bill Clinton. So he was Democrat and Republican, I would assume in some cases that was him just being taking advantage of the opportunity: "If I can go influence Bill Clinton, even for ten minutes, I'm going to go." His endorsement of Nixon it's an interesting move on his part and he caught a lot of grief for it. But also caught a lot of grief for going to the Kennedy White House, because who has more Fundamentalist friends, won't even there supporting him. Billy Graham always has been something of a trim setter with his Crusades he wouldn't open up to anybody who wasn't a professing Christian. If you came to the Crusade, made a profession of faith, they have you filled out your information card; Billy Graham would not send you to a Baptist church, even though he is a Baptist, he would send you to the nearest church to where you'd lived, whether was a Lutheran, and he caught a lot of grief because of that. So, he's an odd duck, in terms of him choosing to endorse Nixon so strongly, but Nixon religiously was a Quaker and if his practice of his belief was as Billy Graham seems to report it, he was actually a very Conservative Christian who just made some unethical decisions as a politician later in his career. Have you read or seen Billy Graham's biography "Just as I am"?

Ariel - Yeah, I didn't read it but I saw the book...

PB - He deals with quite a bit in there, talking about why he's really felt [...] Godly man who just, in the course of time, made some poor decisions. What's fascinating to me is - this fits particularly to your thesis - Jimmy Carter.

Ariel - Yeah, I would go there next...

PB - Jimmy Carter, Southern Baptist, Evangelical, you would think Christians would love him, and many did just because in America just as in Brazil we will vote for somebody just because he's Christian, we'll vote for him because he is a Southern Baptist, without knowing what their belief is as a Southern Baptist. Jimmy Carter would not be comfortable with today's Southern Baptist Convention, his church left the Southern Baptist Convention. When the Southern Baptist Convention became more Conservative again, they said: "you're too Conservative for us" and so they pulled away. But he was interesting because of his Christian device, he was from the South, which I think helped him get elected also, he was a Governor of Georgia but I don't think many people knew who he was. But he was a Christian, here's somebody everyone could rally about, especially after Nixon and that fiasco, and then after Gerald Ford who was not a bad person, just kind of plain. I think people were ready for a change: Vietnam was over, Nixon is over, any change was gonna be a good change. Benefit here is "oh, he is a Christian debut, wonderful", except he proved to be pretty an "elitist jerk" (laughs), anyway and after four years people were tired of him, so the Christian Movement had to find somebody else to get behind. Remember there was that time period that Francis Schaefer was arguing: "Christians need to get involved again", the Fundamentalists wanted to get involved to overall majority. But you also have the Christian Coalition, getting out of Georgia was Ralph Reed, that is more Evangelical but it's Jimmy Carter or Ronald Reagan. Well we've seen this guy fail policies, any change is good; plus Reagan is a social and cultural Conservative. All of the sudden, they rally around him and in 1984, of course, he won what, 60% of the vote? That even probably moderates in America liked him much better than Carter whoever he ran against that year. So in essence the Christian Right, Fundamentalist, more majority, and the Evangelicals, had a huge role in it. After his eight years, George Bush, the first, comes along, it's easy we've just defeated Communism, this is the man who's been part of it, except the economy goes down the tubes, we've had 12 years of Republicans, now who is ready for a change? And so the pendulum swung the other way. How did so many people buy into Bill Clinton? I mean, he's not a Conservative culturally at all, but he is a Southern Baptist and he is from the South, again. And Al Gore is from the South and he is a Southern Baptist. So all of the sudden, folks who may not have agree with their politics know the economy is in trouble under George H. W. Bush, the good old boy who is a Baptist, I think a lot of people got behind him at first because he is not a George Bush. We have this tendency to elect whoever we don't like: "we don't like this guy, let's elect the exact opposite". Reagan is the exact

opposite of Carter, Clinton is the exact opposite of George H. W. Bush, George the second, W. Bush, is the exact opposite of Bill Clinton, and what's Obama? Exact opposite of Bush.

Ariel - Do you think that this opposite relationship with the presidents is part of a frustration element? Because I think that many times there is a mobilization, for example "Let's get Nixon into the White House" and then there's the frustration, Nixon is not that religious, is not that Conservative, he's not the right guy.

PB - He didn't do everything we wanted, but they elected him twice. So he was gonna be done anyway.

Ariel - So then, you elect a guy that's the opposite of the one that you got frustrated with. Do you think that this element is central to understand this relationship?

PB - I think that it's part of it in America. I honestly think it's part of the reason why Obama won the first time, because he was not George W. Bush. And he kind of ran in that platform: "I'm not Bush", he's white, I'm not black, he's Republican, I'm a Democrat (laughs). So part of his charm was he's not the other guy and he's not old establishment. One of the things I always tell my students when you study church History or personal theology, we all tend to ride a pendulum: we're over here, we catch a new idea most of it doesn't know how to moderate. What do we do? We swing widely to the other side. You're not in love and the next thing it is that's all you can talk about. Or you hate whatever soccer team you love or the soccer team you love, all of the sudden they've got a good year and that's all you can think of. So I think there is part of that just the American - maybe it's a Western idea, maybe it's the same way in Brazil, but certainly here in America - that's overcompensate to anybody who's not that. I think that's one of the reasons Mitt Romney did not do very well this time. One of the jokes was that, even from Rush Limbaugh, Mitt Romney was just a Republican Bill Clinton that politically they weren't that different, which also meant from Barack Obama he wasn't *that* different. So the Republican base would go: "Mitt Romney, he's actually kind of a moderate, politically" and he's not Conservative enough for the conservatives in the Republican Party. So I think many of them sit out, they didn't necessarily vote for Obama, they just sit this election out. So they pulled back and the pendulum swings without them.

Ariel - Still on the issue of the relationship between religion and politics, how do you see the Bush years? Not the senior, the son. He came up with this faith-based initiative that tried to

see religion as important to solve civil problems, but many Conservatives criticize this initiative, what's your evaluation?

PB - He actually everybody seemingly criticizing him. The Conservatives, because he was willing to work with Lutherans, Methodists, there's that Fundamentalist isolationists: "I don't want them doing it because they won't do it the way I want to do it", you know, think of it an analogy: "we're gonna send a missionary to India, you all raise some money back home, I'll raise some money, I want to send a kind of missionary, a Baptist missionary, if you're not Baptist do you want to send a Baptist? Or do you want somebody more like you?" I think that's one part of the reaction from a Conservatives is: "he's willing to work with Methodists, and Lutherans and Presbyterians and Catholics. They're not gonna do the way we do it." I think that's also a reaction for some: "If the Government gets involved will they come and tell us how we're to do it also?" because any time you get... like colleges would grant money to students, a lot of Christians schools don't take grant money from the Government, because once you start taking it, the Government has a saying on how to spend some of that, so I think that's part of the reaction. Now, of course, from the non-religious side their reaction is: "Separation from church to State" we shouldn't be spending any Government money on anything religious, even if they're not evangelizing people, that's promoting a religion, which I think is a misreading even the Jefferson intent, let alone the Constitution and the Bill of Rights intent. It was kind of a hodgepodge approach. Ironically, before, what, the Great Depression? Who did most of the charitable work at the U.S? The churches. Who own the hospitals? Churches. Who fed the homeless? The churches. I mean, the YMCA for crying out loud - Young Men's Christian Association. So, in many ways, I am not saying a I've done a good research on that but I assume it's probably verifiable, the Great Depression yanked it out the hands of the church because we couldn't afford it, because our people were bankrupt and the Government took it over. So in some ways, George Bush is saying: "The church is good at this, they love people, why not help them help us with it?" whereas Lyndon Johnson's great society was what? The Government just perfect to that, except as Americans learn over and over and we selectively seem to forget, the Government is never perfect at anything. I mean, look at the complaints here now at the Federal's Administrations Hospitals, lots of Veterans won't go to the VA because they don't trust the hospitals, unless they can't afford to go anywhere else. Yet, in America, we let the politicians we elect to take over all Medicine. They're failing at this one, but let get them this, also, or Social Security or whatever.

So I think that's part of that dichotomy you were talking about with the faith-based. One group [thinks] should be no faith at all involved, the other group that you have fought off and embraced heartily they're at least cautiously optimistic, or worse, they're also resistant because they don't know where the people is gonna go otherwise. Now the question is how much of that is Obama's undone or do we still have them and we just don't talk about it anymore? The detainees in Guantanamo, when he was a Senator he hated it, five years later it's still there. And all the reason we're talking about this right now is the hunger strike. He hated the usage of drones to assassinate people but what have we been doing since he's been President? So you know, exigency often forces you to do things you idealistically wouldn't have done and I think that's back to that faith-based. Some people say: "I'm willing to work with whoever, let's just get Christians back into homeless care" but some of them, as you noticed: "we're just doing on our own, thank you". And, of course, when you do it on your own, it's usually much weaker, it may be more "pure" ideal-wise but your church can only do so much and there are independent Fundamentalists churches, non-Fundamentalists, that they just do their own thing: they pay for their own missionary from their own church, they pay for certain things. The Southern Baptist Convention, you can use us as an analogy, there's 44 thousand [...] in America, we've got 16,5 million members, we've got 10 thousand missionaries we together can support, we've got the largest missionaries force in the history of the world, because we chose to work together, even though your Southern Baptist church might me a little different than mine we're close enough, I'm willing to work with you to make it happen. The faith-based initiative, those who hated it from the Christian side, or the ones who are probably the more - back to your question - isolationists anyway. Whereas others are going: "hey, maybe finally the Government is gonna quit pushing us out the door - all other Supreme Court cases - and welcome us in a little bit". It was by no means a success. The question is: was it a failure? I don't know, I have not seen any hard numbers on it. Now 12 years later, was it a good thing?

Ariel - Another issue, talking about dichotomy that was mentioned, about the relationship between religion and education. During Reagan years, or even the 70's many Conservative religions were fighting to see religion more present in public education. But nowadays, we discuss a lot about homeschooling and the fight the Conservatives to the right to teach their

children and to do homeschooling. What's your perception on homeschooling? How do you see this issue in the Conservative agenda and in the religion agenda?

PB - Again, it seem to [be] a parallel Evangelical versus Fundamentalist approach. There are homeschoolers who [think] public schools are the devil. I saw somebody post yesterday on Facebook: "if you send your kid to public school, they're gonna have 15 thousand hours of a doctination" and yet if you teach your son you gonna get them one hour a week of Christianity. What they're implying is one hours is not enough to de-program them, just bring, you know... there are some homeschoolers that are all about: "we can't trust society and so let's not work with it at all". I mean, my kids go to public school and am I worried about what they're getting at public school? Sure, but I'm more that Evangelical approach my jobs is to teach my children anyway, know what they are learning, educate or cross-educate. So you got that Fundamentalist move in homeschooling. (...) home school at their own home, others will sometimes bumble each other: "you've got an interest in Political Science class, so you'll teach all our Political Science class for our home school high scholars" you have an interest in Sociology, you'll teach History classes for [them]. So there's some working in them, but they tend to be very, again, segregated, isolationists. Others are more... they're not hating public schools but they just choose to make a decision, you now "we rather do it at home". So it's also a militant versus a little more open minded. I've been condemned by my friends because I send my kids to public school: "how can you do that to your children?" "have you met my children? They're pretty balanced, good personalities, they're both Christians, they're both very balanced theologically" and I've had other people: "hey, we're gonna home school, but if you're sending them to public school that's great." It's one of those things, we fight amongst ourselves sometimes and go: is this a product of the 1920's and the rise of Fundamentalism versus the rise of Liberalism? To me it's a head scratcher sometimes. Funny thing is: is this any one thing different from the Catholic school system in America, from back in the day with the parochial schools? Catholics have always been allowed to educate their students their own way. And of course - back to your Court trials - should we pay for their buzzing? Was that separation from church and State or...? But all of the sudden homeschooling is this hot button to all of those radicals' extremists. And, of course, that family from Germany is willing to risk being deported - they came to America to home school their children, because Germany won't let you home school - but now the Government: "well that's not a legitimate excuse for political asylum", so they're threatening to send them back to

Germany. So, is this a political issue, is this a religion issue? And to me, again, we've always had choices. Public schools in America they date back to 1900's or early? Jon Dewey is kind the progenitor of it. Now, of course, he himself had said it, basically, to use the native term, indoctrinate them to teach them all to think the same way and it will strengthen America. So, there were some in that camp who are afraid of home schooling because "you're gonna disrupt our indoctrination". Home schooling camps were afraid of him for indoctrinating our children. I went to public school, I wasn't indoctrinated, I don't think, my children go to public school high school one is in the fifth grade, they recognize what they're hearing, because we've taught them at home through church: "here's what doctrinal Evolution says, here's what you need to think that from the Bible". That was an interesting question because of how we're trying to work through it. Yet, the question will become: will we eventually allow the use of Government money for home schooling or a tax deduction? If I'm not sending my kids to public school why should I pay for it? Here in America there are propriety taxes, your home, a good portion of what you pay in taxes go to the public schools system. So some home scholars are saying: "why should I pay propriety taxes for a school I don't agree with? Should I get a tax break?" And of course, there are people saying: "You give all those tax breaks, look at how bad our public schools get from loss of money." Funny thing is if you're a senior citizen in America you still pay propriety tax, even though you don't have kids in public school anymore. We make everybody pay for it, unless you rent an apartment but guess what? Your landlord is paying propriety tax that is to support the public schools. So, again, part of I what think is the American, we seem to think [...] black or white, but we don't know what the black is and what the white is. "I hate public schools", well they're not all bad, "I hate home schools you're all a bunch of Fundamentalists, white terrorists" in Boston they go, I think people are hoping there's gonna be white terrorists and it turned out to be, unfortunately in this case, the stereotypical: "oh, Muslims, jihadists, the Russians are afraid of these guys, the Israelis are afraid of these guys, the FBI...". I mean, I think, honestly, there are some in the cultural elite in America who are secretly hoping there's gonna be somebody else, so they can prove how bad our Fundamentalists are, it's not just their Fundamentalists, ours are just as bad. And you saw that distinction during first Golf War, some, second Golf War big time, because of the issue with Al Qaeda is all of the sudden they started calling Muslims Jihadists Fundamentalists and I think it was an intentional decision on a lot of folks' part to start drawing the comparison: 'this is what religion extremism causes, Fundamentalist Muslim, this is what

extremism causes, Fundamentalist Christian”, they’re all Fundamentalists, therefore bad. And so we’re waging a social war in the media just by what we call people now and you can kind of scratch your head and go most people in America are ignorant, they’re not ignorant, they’re uninformed, they’re uneducated. The media says it must be true, because they’ve never studied for themselves in all of the sudden whoever has the loudest voice gets to set the agenda, whether is Rush Limbaugh on the Right, or whether is Harrison Cooper on the Left, who yells the loudest gets the biggest audience right now in America and that’s why we still have this huge separation, Republicans and Democrats, there’s no middle ground; Conservatives and Liberals, no middle ground. Congress, why there’s nothing getting done in Congress? Because they’re appealing to their base who won’t what...? That way we can’t recognize who’s the enemy who’s the... “You’re in the middle? We’re gonna get rid of you”.

Marco - I saw an article that you wrote about today catolyzation (turning just like the Catholic Church) of today’s Protestant church. In brazil we have a little crazy thing because the majority of the population is Catholic but no one goes to the church or reads the Bible on daily basis. How do you see religion in the United States now? Do you think that it’s the same way?

PB - Yeah, in terms the Baptists are the same way, the 1900’s, late 1800’s, so foundational to all this - and that’s why my blog, that’s what you’re referencing was talking about - is that 1500’s most of priests couldn’t read the Bible themselves all they could do was recite to the mass, they didn’t know what it meant, just had to do what they were asked to, the average person couldn’t read, let alone had the Bible on their own language before Martin Luther. Today, 500 years later, at least in the America context - I’m not sure the way for you all back home - you have the Bible all the language you want. The average American “Christian” probably has three or four Bibles, dozens on their devices, I mean, and yet they don’t read them any more than the average Catholic before the Reformation and what they do is they go to church and they ask a pastor “what does this verse mean? Who should we vote for? How should we interpret this event?” And that’s what I was referencing in that blog was that the local pastor has become the local priest again, part of this is due to individualization. I think part of that is, over time, maybe because of the influence from Fundamentalism, [a] good idea gone bad, maybe it’s part of a second grade of wakening or the first grade of wakening, good ideas gone to extremes, is that instead of becoming the

individualistic, you know “this is my faith, I need to read the Bible for myself, I need to understand these things”, especially in the South, it became a cultural phenomena, what we call Cultural Christianity. In the South, you went to church in the 1920’s, 40’s, 50’s, 60’s, even 70’s, because if you want to do business you had to be a Christian. You also went to church because of a social club, because that’s how we make contacts that’s when you shook hands with someone you might need an insurance policy. So a lot of folks going to church who weren’t, if not believers, at least not devoted believers. If you talk to most of Christians: “yeah, I’m a Christian”, if you asked them hard questions about theology they probably couldn’t answer them. That’s because there’s a joke about the Bible belt, the last little pocket of people up until the last 20 years or so, went to church because that’s what you did and all of the sudden there’s a cultural change, you don’t have to go to church to do business, you don’t have to go to church to get elected. Bill Clinton kind of proved it, George the second was religious and probably an Evangelical, Obama claims to be Christian but he’s been to church I think four or five times, his entire presidency so far because you don’t have to be a Christian anymore to be successful or popular. I think it’s part of what I was driving at that piece you read is we’re down [...] I think it’s maybe helpful, that maybe we’re ready for a Christian Reformation again in America where you’ll have those who are truly committed, who will you be this, once you go to church he’ll fight particularly, potentially issues might hurt the church or hurt the cause versus the ones who are what we call sitting on a fence. So, in one sense I wonder if we’ll see a contraction in terms of the number of participating Christians, but I’m hopeful that number - even if does go down, it will be stronger - of Christians, because they will read the Bible for themselves, they will, especially now with the internet, watch sermons on the internet, the blogs, some of this preachers on the internet are more influential in many ways than Billy Graham ever was because they’ll be watching because they want to not because: “oh it’s Billy Graham let’s just turn this on”, because in America you can watch Billy Graham preach on TV, he was on our regular network TV, if he was in a Crusades in Pittsburg, they show all three night on network television. [...] that our TVs are maybe Sunday morning for the new shows, maybe. So it seems to be those who want to be Christians in America are much more fervent about it. The church I pastor, is an older church, I guess the people are 78 years old and have been in it forever: “we’ve never done that way before” [...] it’s just what we do, they don’t read the Bible much by themselves, they come to church because that’s where you meet your friends, that’s where you[...] and then I got a complete

opposite end I probably have at our church now 20 or 30 young adults who started since I've been there and they want to do church, they want to go out and do missions, they want to go and knock on doors, they want to feed the hungry, they want to help a homeless [...]. Not that these guys are bad, these guys are trying to live it out just making and going to church. And it's funny these are the ones who got mad about the Supreme Court decision. Or who want to get prayer back into school. These guys over here are going: "yeah this side is getting worse seemingly, more secular" but they're going: "we weren't a whole better off when there was prayer in schools really". I mean, is America that much of a safer place before the tenet commands off the walls? Or we just think I was because that the good old days, that came a lot years if I were to refer to, if you talk about the Kennedy era. Plus, back in the 50's when they wanted prayer in school everybody went to your local Christian church. [...] today is saying: "wait a minute if we allow prayer in schools officials, endorsed prayer, can a Muslim come in and pray? And, do I want my children praying with Muslims, or an atheist, or a Satan worshiper? If we're really gonna be true religions freedom we have to allow all those people in and are we willing to do it? The younger groups are saying: "I don't know", they're not separationists, but they're seeing this separation of church and State is maybe a good thing to keep the church becoming too much like the State, let's just keep it away from the State. So, back to your premise, when they're so closely wed they tend to become more secular because the Government has become more secular and some are now saying: "you know what? Maybe we don't want the government involved in a lot of our stuff" that being we should be allowed to influence who gets elected, but they should have no influence on what we do or have to do. And so they're going: "I don't want my child praying with the local Imam, so I rather be no prayer than praying with people I wouldn't want my children praying under conversely, under Congress' State Representatives" they'll have prayer before the session begins, and more and more saying: "You pray, but don't pray in Jesus' name". so they're trying to tone it down and make it less Christian [...] understand it, if I'm a Christian and you invite me to pray, I should be able to pray how you... remember the inauguration when they invited a guy name Louie Giglio to pray at the inauguration [...] he is an evangelical against homosexuality, once that got out the media fire storm he backed down. Well, why invite an Evangelical unless you wanted to pray as an Evangelical? Or why invite a Liberal if you don't want to pray like a Liberal? Being so, a lot like these state houses they someone that comes and pray at the beginning of the session (...) pray in Jesus name, you don't have to close your eyes,

you don't have to agree. I mean, if I were there and a Muslim came to pray I'm not gonna close my eyes and pray with him. I might pray my own prayer while he's praying his, but that's part of religious freedom in America. He's allowed to do that, it's not him supporting the Government, the Government is not supporting him, they're representing the people they've got, some big cities got 5% Muslim population, should he be allowed to pray? If I am, he should be. Or you need to get rid of all it. Now, the question is will their military go that relit? Because in America what seems to happen in our military is culturally tends to happen in the society. Bill Clinton introduced us to "Don't Ask, Don't Tell", where we're at now in America in homosexual issues? [...] your personal business, just don't push it on me. Well, it took 20 years, but "Don't Ask, Don't Tell" became policy, the U.S military is allowed on gay marriages. If you got somebody who's on forbidding Georgia to getting gay marriage [...] base in their society around the fort. Can Georgia tell them "well you're not really married"? I think one of these political social moves let's legalize [...] everybody else to have to accept it, by default. And so, [...] the Government have a lot of saying culturally and by isolating the church, and the church not getting involved, the church lost these "cultural wars" in a sense. The issue of abortion, can Americans who are pro-life ever get back to what is was in 1973? I'm doubtful, I wish we could, I'm very much pro-life but I don't know if we can do it, politically.

Ariel - To reverse Roe against Wade?

PB - I mean, can we limit it? There's small [...] fighting now, can we limit to this, can we not do it here, but can we ever go back? I doubt it. Can we go back to prayer in schools? I doubt it. That one I don't think is a necessarily good one, I'd like us to go back pre-Rode versus Wade, I don't think we can. And I made a comment on Facebook after Obama got reelected in November that I'm afraid with his re-election we will may ultimately lost the abortion battle, period. Because what will he get to do in the next three years? Appoint one, two, maybe three Supreme Court justices? And because he is so assertively progressive, whereas Bush and Reagan appointed some Conservatives and some closer to the middle I don't think President Obama will ever appoint anybody who is politically close to the middle on social issues. Right now, it was five to four, by the time he gets done in three and a half years it could be six to three or seven to two. And so all these State issues will ultimately get to the Supreme Court, and depending on who's got control of the Supreme Court, we may never be ultimately be able to limit abortion and is that's because

the church stated out things for too long, which is Francis Schaeffer argument, in a book he wrote in the 70's called "How Should We Then Live?": "You all missed it, the world has gone where it is because you gave up" and (...) for a lot of these issues. I hope not, I think we can have an influence.

Ariel - How do you see the relationship between Christians and other religions? There is, for example, Islam as you've mentioned, but also Mormons, they are very aggressive, they are expansionists even here in the United States also in Brazil and all over the world. How do you see this relationship between other religions that are trying to be more aggressive?

PB - In one sense I'm an optimistic and I hope it will encourage Christians to get out and be evangelistic and involved in ways that, for example, Mormons have always been known as being the family folks. Do they really believe anything different about the family as the average Christian? Not significantly, but like you said, they are very - especially in the last 30 years - they've become much more [...] here in America, so I assume from your comment they're very pro-active in Brazil. Jehovah's Witness are *very* evangelistic by nature, I know overseas they're much more successful than they are here, because America has become anti-Christian or post-Christian. After the Soviet Union fell the first people who had any significance in Moscow were Jehovah's Witness and so, once as I hope they encourage us to get involved. In 1638 Roger Williams, American Baptist, he founds the Rhode Island Colony for religious freedom, it's the Baptist who are pushing Thomas Jefferson for the Bill of Rights, for the separation of church and State - as Jefferson called it - the "No Tax Clause". So, in one sense, we as Baptists or as Christians in general, ought to be in a sense welcoming to other religions, not in a sense I want to come to my neighborhood and evangelize my neighbors, but because I believe that faith is a personal issue not a State - because you're born in Saud Arabia you have to be a Muslim - I think rightly, biblically, it's your personal faith. In that sense, they're here and in many ways the Baptists have helped promote their ability to be here and to be evangelistic. That's why it kills me when I hear a Baptist complaining about them all: "look, they're getting prayers on Congress tomorrow", we're the ones who fought for that. Now, in 1638 and 1782 did we understand what was going to happen down the road - back to your first question - No, we had no idea how this was gonna play out in History, but they're able to do that because of us. And we ought to support their ability to do that. But then we also ought to go back to your question that ought to make us more aggressively evangelistic so that we can stand the tide, so to speak, so they don't win the

war of popularity, don't win the war of public opinion. We should be out there engaging them - again here's the evangelical - working with them on what we can, because there are causes we agree, but their ability to speak is the same as my ability to speak and that's been one of the complaints here lately about this tolerance issue in America is: "Oh, we're letting the Muslims have free speech and you can beat up a Christian on TV but heaven forbid you criticize his Imam on TV." It's kind of a pendulum has swung in favor of religious freedom for the new people, the establish folks have either give it up, don't know they had it, forgotten we were the reason they can speak, so it's an interesting predicament 21st century American Christians find themselves in, because the very things we fought for other people are now enjoying and we're now the outsiders, we're the minority in terms of religions ideas. You kind of go: "how did this happen?" It's that confluence of all those events and all those *isms* and the fact that with the Fundamentalists they backed out and said: "we'll just protect our little domain and leave you out here to do what you want". And then the numbers got too big and they couldn't stop them when they wanted to stop them. That's the excitement in the 80's with the moral majority Christian right: "we're back!" except that it last what, 10 years, 15 years? And it was an anomaly. Now the question is in 4 years who will the Republicans put out there against whomever? Will it be Hillary Clinton for the Democrats? Maybe. There is no permanent Republican that I'd say: "there's your front runner". But will they put somebody who's close to the same, playing the political pragmatic game. "Let's put some candidates almost exactly the same, maybe we'll win because the people in the middle... we've had Democrats, they've got Republicans" or will the Republicans pick somebody who is that polarized, is apples, or oranges is our cliché.

Ariel – Conservative or liberal. But they both tend to not be so conservative or so liberal (...)

PB - Yeah, exactly. That to me is what it's interesting. The Republicans become more intentionally conservative, Tea Party, movement or will they become - what I call - the big tent? We've got Republicans pushing now for gay marriage we've got big donors pushing for gay marriage. Is that because they believe in gay marriage? Or is that what they think they have to do to win an election again? So, they're willing to give up on social issues to get the financial issues back. For many Republicans now in America it's not about social Conservatism it's about fiscal Conservatism. "I don't care what you believe let's just not spend too much money." And a lot of

folks I think it's how Mitt Romney won the nomination. You had Richard Santorum, devout Catholic, Social Conservative. Mitt Romney, who was a Mormon, you would think family centered, was preaching fiscal conservatism. The Republicans went: "I like what you're saying but we won't get the votes". Who's the most electable? So they picked Romney who wasn't that electable after all because he looked like Bill Clinton and since Bill Clinton is the hero of the Obama generation, we get Obama, why do we need Clinton again? Because Clinton in high sight to many of them, didn't do enough. He made baby steps where Obama has made leaps. So it would be interesting to see what's next for us in terms of our two big Parties. Can the Republicans win again? Will Obama be so bad the pendulum will swing? And it doesn't matter who the other party presents just as long as it's not... I personally think or wonder if that's not why Hillary Clinton resigned, I mean, she's the most powerful woman in the world and she steps down to the Secretary of State. I wonder if she doesn't run for President in three years again. And this way if there's a: "I don't want Obama" she can go: "I'm not Obama, I've been gone for four years, if you're rejecting what has happened in the last four years, it's under Obama, I had nothing to do with it." So I wonder if she made a political move to separate herself just enough because if it goes bad, she can go "I wasn't there". If it goes good she can go: "I was there, remember after all I am Bill Clinton's wife". She may be a position that should be hard to beat just because she can play either side of that argument. And if there's a woman running in America, can you another white 70 year old man and do we have a chance again, or was that how we ran John McCain against Obama five years ago? Young upcoming African-American [versus] traditional old school white guy?

Ariel - Even with Sarah Palin, but the main picture was McCain against Obama.

PB - Yeah. I think when they pick Palin, at first I thought it was a brilliant move, that's smart, except she's clueless. She's got that Social Conservatism but she was dangerous to them I think, but I think he was trying to offset Obama. "You get the black I'll get the white women" except she was too conservative for most white women and so, what is it, 50 something per cent of the white women voted for Obama. So he picked the wrong woman to run, I don't know if there's a woman Republican too, that wouldn't hurt. So, it's always interesting.

Ariel - Well Peter, thank you so much, it was a pleasure having this conversation with you.

PB - You're welcome.

